BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Morais

XV

Claude d'Abbeville

História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão

LIVRARIA MARTINS EDITÔRA

SÃO PAULO

HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO

CLAUDE D'ABBEVILLE, capuchinho francês, fêz parte da missão que veio ao Maranhão acompanhando a expedição de La Ravardière, em 1612. Demorou-se no Brasil quatro meses. De volta à França escreveu esta "História da Missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão", publicada pela primeira vez em 1614.

E' maravilhoso como, no curto espaço de sua estada no Maranhão, Claude d'Abbeville pôde adquirir o imenso cabedal de conhecimentos que transmitiu aos pósteros. A verdade é que no particular às notícias brasileiras, o espólio dêsse misisonário excede a tudo quanto deixaram outros viajantes estrangeiros da época, inclusive seu continuador Yves d'Évreux. Basta atender, para exemplificar o assêrto, ao que revelou sôbre astronomia dos tupis do Maranhão, descrevendo grande número de corpos celestes, com suas denominações bárbaras e seus característicos mais flagrantes, de modo a facilitar-lhes a identificação, a quem estude o assunto.

Nenhum outro cronista, em seu tempo e mesmo depois, tratou a matéria com tanta especificação e clareza. E assim em todos os demais depoïmentos que prestou, em relação à geografia e à etnografia do Maranhão.

A obra de Claude d'Abbeville è pouco conhecida do grande público dada a raridade da primeira edição, a dificuldade em se encontrar a péssima tradução feita por César Augusto Marques, em 1876, e o alto preço que alcançam os exemplares da edição fac-símile, feita por Paulo Prado, em 1922. Aparece agora cuidadosamente traduzida por Sérgio Milliet, prefaciada e anotada por Rodolfo Garcia. Com esta edição, faculta-se, novamente, a difusão da obra de Abbeville. Tornando-se acessível a todos quantos se dedicam ao conhecimento dos vários aspectos da cultura nacional, cumpre a "Biblioteca Histórica Brasileira" o seu programa de divulgação de livros que são preciosos para a compreensão de nossa evolução histórica e social.

LIVRARIA MARTINS
EDITÔRA

SÃO PAULO

História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão

e terras circunvizinhas;

em que se trata das singularidades admiráveis e dos costumes estranhos dos índios habitantes do país.

Indis Sol splendet, splendescunt Lilia Gallis.
Histoire
DE LA MISSION
DES PERES CAPVCINS
en l'Isle de Maragnan et
terres circonuoisines
ou
est traicte des sin:
gularitez admirables & des
Meurs merueilleuses des Indiens
habitans de ce pais Auec les missiues
et aduis qui ont esté enuoyez de nouueau
Par
le R. P. Claude d'Abbeuille
Predicateur Capucin.
Prædicabitur Euangelium
Regni In uniuerso orbe.
Auec priuilege du Roy.
A PARIS
De l'Imprimerie de FRANÇOIS
HVBY, rue S.t Iacques. à la Bible d'Or,
et en sa boutique au Palais en la galle
rie des Prisonniers 1614.
Deuoratrix
Propterea homines

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Morais

XV

Claude d'Abbeville

História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão

e terras circunvizinhas;

em que se trata das singularidades admiráveis e dos costumes estranhos dos índios habitantes do país.

Tradução de

SÉRGIO MILLIET

Introdução e Notas de

RODOLFO GARCIA

LIVRARIA MARTINS EDITÔRA

RUA 15 DE NOVEMBRO, 135 — SÃO PAULO

Desta edição foram tirados 165 exemplares de luxo, sendo 160 numerados de 1 a 160 e os restantes fóra de comércio.

893

ÍNDICE

CAPS.

A vida de Claude d'Abbeville é quase totalmente desconhecida. Eyriès, tão versado em assunto de viagens, na "Nouvelle biographie générale", de Hoeffer, consagra-lhe algumas linhas apenas e diz que morreu em 1632. Ferdinand Denis, no prefácio da Viagem ao Brasil de Yves d'Évreux, afirma, depois de ter consultado os manuscritos do convento dos capuchinhos da rua Saint-Honoré, que faleceu em Ruão, em 1616, com 23 anos de hábito.

Chama-se, no século, Clément Foulon. Para deduzir que era natural da Normandia, da cidade de Abbeville, não é preciso um grande esfôrço... Mas em que ano nasceu? O que fêz antes e depois da viagem ao Maranhão? Nada sabemos. Pouco importa. O livro que nos deixou vale por muitos feitos. Publicado em 1614, por François Huby, ilustrado com cinco gravuras, deve ter tido muito sucesso, pois no mesmo ano apareceu nova edição, enriquecida com mais duas gravuras. De Claude d'Abbeville conhece-se mais uma obra: um folheto publicado por Jean Nigaut em 1623, contendo uma carta onde narra "a chegada dos padres capuchinhos e a conversão dos selvagens à nossa santa fé". Essa brocura raríssima foi reeditada em Lião, em 1876.

Enganam-se os autores que atribuem a êle uma biografia da bem-aventuada Colette, da irmandade de Santa Clara, publicada, pela primeira vez, em 1616.

Nada mais se conhece da pena de Claude d'Abbeville.

A "História da Missão" muito cedo se tornou livro raro. Em meados do século 19 os catálogos de alfarrabistas já a consideram como tal. Em 1922, Capistrano de Abreu, recenseando os exemplares existentes no Brasil, não encontrou mais de oito ou nove. Existem mais alguns hoje em dia, graças ao zêlo de alguns colecionadores que tiveram a pachorra de os procurar na Europa. Entre êsses exemplares convém destacar os dois (um de cada edição) que foram de Félix Pacheco (hoje da Biblioteca Municipal de São Paulo) pelo fato de um dêles trazer o nome de Montesquieu a quem provàvelmente pertenceu.

A obra de Claude d'Abbeville não é sòmente um livro raro, é uma das obras mais importantes que existem para o estudo da etnografia

brasileira e a história do Maranhão, durante a ocupação francesa. Pouco conhecida do grande público, dada a raridade da primeira edição, a dificuldade em se encontrar a péssima tradução feita por César Augusto Marques, em 1876 e o alto preço que alcançam os exemplares da edição feita por Paulo Prado, em 1922, resolvemos publicá-la nesta Biblioteca Histórica Brasileira, novamente traduzida por Sérgio Milliet, prefaciada e anotada por Rodolpho Garcia.

R. B. de M.

INTRODUÇÃO

Das duas tentativas francesas para colonizar o Brasil, ambas felizmente frustradas, resultaram para a literatura os livros preciosos de André Thevet e Jean de Léry, em relação à primeira, e de Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux, quanto à segunda. Valem êsses livros como documentação para servir ao melhor conhecimento das cousas brasileiras nos séculos iniciais, através das descrições que fazem da terra e da gente, das quais, eliminado o que nelas possa existir de fabuloso e incerto, muito se apura de verdadeiro e interessante.

Thevet e Léry contam reproduções modernas em língua portuguêsa; Abbeville e Évreux têm as versões do Dr. César Augusto Marques, do Maranhão, 1874, reeditada a última no Rio de Janeiro, 1928; Abbeville vai ter agora esta, na Biblioteca Histórica Brasileira, dirigida pelo Dr. Rubens Borba de Morais, com a inteligência e bom gôsto que todos lhe reconhecem.

A idéia da ocupação do Maranhão por franceses, teve-a primeiro o aventureiro Jaques Rifault, que por fins do século XVI andou com três navios a traficar na costa norte do Brasil. Dêsses navios dois se perderam nos baixios da ilha que posteriormente se chamou de Santa Ana; parte da tripulação foi largada em terra, e alguns de seus componentes, quatorze ao que se sabe, foram depois aprisionados por Feliciano Coelho, Capitão-mor da Paraíba, quando erravam em terras de sua jurisdição. Um dêsses foi Charles des Vaux, que havia conseguido fazer amigos entre os índios do Maranhão e depois se achou nas guerras da Ibiapaba. Voltando a França, Charles des Vaux se fêz fervoroso propagandista das riquezas da região que devassara, e das vantagens de sua colonização por franceses.

Por seu lado, Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, em 1604, havia explorado as costas da Guiana, em companhia de Jean Moguet, que descreveu profusa e confusamente suas peregrinações no livro — *Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales et Occidentales*, Paris 1616, quatro vêzes reeditado. De regresso dessa viagem, la Ravardière levou para a França, como para testemunhar suas proezas, o chefe índio Iapoco, e logo de chegada obteve do rei ser nomeado seu loco-tenente para colonizar Caiena. Preparava-se para essa emprêsa quando, tendo conhecimento do que propalava des Vaux, não hesitou em desistir dela em troca da

concessão, que lhe foi dada em 1 de outubro de 1610, para estabelecer uma colônia ao sul da Equinoxial, com a extensão de cinqüenta léguas para cada banda do forte que construísse.

La Ravardière, o almirante François de Rasilly, senhor des Aumers, e Nicolas de Harlay de Sancy, barão de la Motte e de Gros-Bois, foram nomeados tenentes generais do rei nas Índias Ocidentais e terras do Brasil, pela Rainha regente Maria de Médicis. Na emprêsa figuravam uma das mais puras glórias marítimas da França, François de Rasilly, e uma das maiores celebridades financeiras da época, Harlay de Sancy. Grande número de gentis-homens tinha se alistado para tomar parte na expedição projetada; centenas de voluntários, movidos pelas promessas de la Ravardière, a ela se haviam incorporado. A protestação da companhia, feita em Caucale, na Bretanha, para que se guardasse e observasse tudo o que necessário fôsse para o bem da colônia americana, foi assinada por de Pezieux, du Plessis, Thibert de Brichanteau, Hardivilliers, Isaac e Claude de Rasilly, Antoine Charou, Pierre Auber, de la Barre, Deschamps, Mattraye, François Demondion e Bernard.

Garantidos os subsídios materiais da conquista, com a assistência financeira e militar, tratou-se de assegurar-lhe o elemento espiritual, com a propagação da fé cristã entre os infiéis americanos. Nesse sentido a Rainha regente dirigiu-se ao Padre Léonard, provincial da Ordem dos Capuchinhos de Paris, pedindo-lhe que enviasse à ilha do Maranhão, como missionários, quatro religiosos, que deveriam acompanhar a expedição em preparo. A mensagem real lida à comunidade, no vasto refeitório do convento da rua Saint-Honoré, despertou entre os frades intenso entusiasmo: em vez dos quatro, que eram pedidos, quarenta se ofereceram para servir na perigosa missão em longes e desconhecidas terras. A dificuldade da escolha proveu-a o Provincial, limitando-a estritamente ao número solicitado, e designando os Padres Claude d'Abbeville, Arsène de Paris, Ambroise d'Amiens e Yves d'Évreux, êste último como superior.

Bernardo Pereira de Benedo, *Anais Históricos do Estado do Maranhão*, liv. II, n. 123, confere ao Padre Claude d'Abbeville a chefia da missão; mas Ferdinand Denis, *Voyage dans le Nord du Brésil*, ps. XII, Leipzig, 1864, revendo os arquivos dos Capuchinhos de Paris, apurou que aquela preeminência coube realmente ao Padre Yves d'Évreux. A Carta de obediência, remetida aos missionários, teve a data de 27 de outubro, e logo no dia seguinte partiram êles para o pôrto de Cancale, onde cêrca de cinco meses depois, dia de São José de 1612, embarcaram na pequena frota de três navios, — *Régente*, comandada por la Ravardière, com o pavilhão do almirante de Rasilly, *Charlotte*, comandada pelo barão de Sancy, e *Sainte Anne*, pelo cavaleiro de Rasilly.

A viagem, de começo, não correu sem tempestades e ventos contrários, que dispersaram os navios e os forçaram a abrigar-se em portos inglêses. Daí largaram a 23 de abril; a 7 de maio estavam nas Canárias e no dia seguinte descobriram a costa africana, que foram correndo, e dobraram o cabo Bajador; a 11 encontraram-se na bôca do rio do Ouro,

onde surgiram; fizeram-se logo de vela e na manhã do outro dia montaram o cabo de Barbas, onde se detiveram para pescar; passaram depois as ilhas de Cabo-Verde e cortaram a linha Equinoxial a 13 de junho, sem calmarias. A 23 avistaram a ilha de Fernando de Noronha, lançando âncoras no dia 24. Nessa ilha havia um português, com dezessete ou dezoito índios, homens, mulheres e crianças, todos escravos e desterrados pelos de Pernambuco; uma parte foi batizada pelos missionários, e houve também dois casamentos. Os índios, assim como o português — informa Claude d'Abbeville — foram muito bem tratados pelos senhores de Rasilly e de la Ravardière, aos quais rogaram instantemente que os tirassem dali e os admitissem em sua companhia, o que de bom grado fizeram os ditos senhores. Outra é, entretanto, a versão de Alexandre de Moura, que acusa la Ravardière de ter aprisionado os moradores de Fernando de Noronha, roubando-lhes as pobres fazendas e tendo-os no Maranhão sujeitos como cativos, — *Documentos para a História da Conquista e Colonização da Costa Leste-Oeste do Brasil*, ps. 47, Rio de Janeiro, 1905. O depoimento de Manuel Martins Santiago, testemunha jurada no inquérito instaurado a requerimento de Martim Soares Moreno ao governador da ilha de São Domingos, quando aí arribou pela segunda vez, confirma que aquela era prática dos franceses, e dá conta de como, vindo êle em um navio de sua propriedade, carregado de vinho, das Canárias para Pernambuco, foi tomado na altura do Cabo de Santo Agostinho e levado para o Maranhão, onde permaneceu durante dois anos, a trabalhar com outros quatro portuguêses em plantações de tabaco e em serrar madeira para construção de barcos, até que, um dia, furtando um batel, conseguiram, êle e os companheiros, libertar-se do cativeiro, aportando à ilha Margarida. — *Documentos* citados, ps. 30/31.

Em Fernando de Noronha ficou a frota até 8 de julho; a 11 avistou o litoral brasileiro, correndo-o de perto até surgir na baía das Tartarugas, no dia 12: aí estiveram os franceses doze dias, ocupados em pescar e caçar, continuando em 24 a navegação; viram os Lençóis a 25, e a 26, embocando a barra do Pereá, deram fundo em frente a ilha, que depois crismaram de Santa Ana.

Dos quatro missionários, o Padre Claude d'Abbeville, que apenas se demorou quatro meses entre os Maranhões, foi o autor desta encantadora *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*, Paris, 1614, reeditada no mesmo ano e reimpressa fac-similarmente no mesmo lugar, em 1922, na "Coleção Eduardo Prado", que o eminente e saudoso Paulo Prado, sobrinho e amigo devotado, dedicou aos que aspiram conhecer o Brasil. Nessa edição, limitada a cem exemplares, alem do necrológio do patrono e do prefácio, ambos da lavra admirável de Capistrano de Abreu, o mestre sem par, vem *in-fine* o glossário das palavras tupis contidas no livro, por quem esta linha escreve, o qual, reduzido e transformado em *foot-notes*, figura na presente.

Maravilha como, no curto espaço de sua estada no Maranhão, Claude d'Abbeville pôde adquirir o imenso cabedal de conhecimentos que trans-

mitiu aos pósteros. Decerto, muito lhe valeram as informações que, provadamente, lhe teriam proporcionado Charles des Vaux e David Migan, tapejaras famosos, com dilatada experiência do Brasil. A verdade é que, no particular das notícias brasileiras, o espólio dêsse missionário excede a tudo quanto deixaram outros viajantes estrangeiros da época, inclusive seu continuador Yves d'Évreux. Basta atender, para exemplificar o asserto, ao que revelou sôbre a astronomia dos tupis do Maranhão, descrevendo grande número de corpos celestes, com as suas denominações bárbaras e seus caraterísticos mais fragrantes, de modo a facilitar-lhes a identificação a quem estude o assunto. Nenhum outro cronista em seu tempo e mesmo depois, tratou a matéria com tanta especificação e clareza. E assim em todos os demais depoimentos que prestou, em relação à geografia e à etnografia do Maranhão.

A presente edição do livro de Claude de Abbeville, raro é inacessível à grande maioria dos estudiosos, se impõe como uma necessidade — "para melhor se conhecer o Brasil".

RODOLFO GARCIA

PREFÁCIO

altitudo divitiarum sapientiae, et scientiae Dei; quam imcomprehensibilia sunt judicia ejus, et investigabilis viae ejus! Ó riquezas sublimes da sabedoria e da ciência de Deus; incompreensíveis são os seus juízos e imprescrutáveis os seus caminhos.

Quem não há de admirar, louvar e glorificar a sabedoria do Criador? Quem não há de extasiar ante a profundeza de seus juízos e derramar lágrimas na meditação, ante a suave, divina e paternal providência com que rege e governa suas criaturas, pois lhes dá meios mais do que suficientes para que se guiem; e quase as impele, ou melhor as predispõe e as atrai docemente ao fim para o qual as criou?

Se tantos filósofos pagãos se viram sem respostas em suas pesquisas dos segredos da natureza e da harmonia que nela percebiam, embora ignorassem a causa primeira de tais efeitos e o principal impulsionador de suas molas mais admiráveis, quanto não se hão de espantar e admirar os filósofos cristãos que, indo além dos objetos e ultrapassando pela fé aquilo que nem o espírito humano nem mesmo o angélico jamais compreenderiam, aprofundam os impenetráveis desígnios do Altíssimo e por cima da fraqueza da natureza penetram a infinita grandeza da Majestade Divina! Por demais temerários ficam ofuscados e esmagados com sua glória, e assim confundidos são forçados a admirar isso que a débil agudeza de seus espíritos não poderia entender, dizendo com o profeta: *Quam magnificat sunt opera tua Domini, nimis profundae factae sunt cogitationes tuae.* (Salmo 91). Ó Senhor, quão grandes são as vossas obras e profundos os vossos pensamentos; são abismos e torrentes que ninguém pode penetrar.

Quem jamais entrou no oceano dos juízos incompreensíveis dêsse grande Deus, para buscar as razões de seus divinos conselhos, sem que logo tenha perdido pé e se afogado no vasto seio dêsse mar sem fundo e sem praias? Quem dirá porque tendo sido ofendido por São Pedro e por Judas a êste repeliu e escolheu àquele? Dois homens são crucificados no patíbulo da cruz juntamente com Jesus Cristo, nosso Salvador, e ambos são ladrões; a um no entanto promete a glória, depois de convertê-lo pela graça divina, e ao outro deixa na obstinação. Quem nos dirá porque?

O estado da pobre gente do Maranhão e regiões circunvizinhas constitui igualmente um segrêdo dos juízos impenetráveis dêsse grande Deus. E à pergunta que fizemos acêrca da razão por que a Majestade Divina não a iluminou com a luz da fé quando êsse verdadeiro sol de Justiça, nosso Salvador, se ergueu sôbre o mundo para a França, a Itália e a Espanha, não mais consentindo que tantas e tantas almas descessem desgraçadamente ao inferno após nem sei quantos anos; e se indagarmos porque foi de Sua vontade que o Santo Evangelho, sòmente nestes últimos tempos e não nos primeiros dias da graça lhes fôsse prègado e por aquêles que lhe aprouve escolher e mandar, a única resposta será: *sicut domino placuit ita factum est.* Assim se fêz como Deus quis. Suspenda-se portanto qualquer juízo, emudeça a língua humana, salvo para louvar e abençoar o nome daquele que em sua divina providência escolheu na eternidade os meios e a ocasião para o cumprimento de suas promessas.

Êsse grande Deus prometera por intermédio de seus profetas, e especialmente de seu filho querido, que não se consumariam os séculos antes de ser prègado por tôda parte o seu Santo Evangelho. *Praedicabitur hoc Evangelium regni in universo orbe in testimonium omnibus gentibus, et tunc venit consummatio.* Êsse Evangelho do Reino, diz Nosso Senhor, será pregado ao mundo inteiro perante o testemunho de tôdas as nações e, então, virá a consumação. O mesmo promete e assevera em São Marcos. É preciso, diz, que primeiramente seja o Evangelho prègado em tôdas as nações. *In omnes gentes primum oportet praedicari Evangelium.* É uma necessidade — *oportet.* Diz e assevera-nos Nosso Senhor que seu Evangelho será prègado antes da consumação do mundo, *in omnes gentes,* a todos os povos, em todos os países e ilhas habitadas no mar ou fora do mar, e tanto aquém como além da linha equinocial.

Não é o que nos ensina essa Águia dos Evangelistas, sob o belo hieroglifo dêsse Anjo misterioso que viu descer do céu? Tinha êsse anjo, diz, os pés como colunas de fogo, um sôbre o mar e o outro sôbre a terra, e com um livro aberto na mão gritava como um leão rugindo. Quem será êsse anjo se não o Anjo do Testamento, o Anjo do Grande Conselho, Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual desceu do Céu e por amor a nós se revestiu da nuvem de nossa humanidade, trazendo sôbre a cabeça o halo de sua misericórdia em sinal de paz e de conciliação; seus pés em forma de colunas de fogo, um sôbre o mar e outro sôbre a terra, representam o reino de sua Igreja, que é um reino de fogo de amor e uma coluna certa de Verdade, a qual se deve estender tanto sôbre o mar e as ilhas marítimas como sôbre a terra. Êsse anjo se fará ouvir em tôda parte antes do fim do mundo; êle gritará como um leão que ruge e fará ribombar a voz de seus trovões, os prègadores, por tôda a terra, a fim de que o Evangelho, representado pelo livro aberto, seja visto e ouvido por todos os povos de tôdas as línguas e nações sob o céu. E jura e protesta êle, pelo Deus vivo, que isso feito não mais será possível aos pecadores se penitenciarem porquanto o mundo terá acabado. *Juravit per viventem in secula seculorum, quia tempus non erit amplius.*

Mas se o nosso Salvador é um cordeiro sem mácula, como diz Isaías, que se deixou arrastar ao suplício da cruz sem proferir palavra, porque essa Águia dos Profetas lhe compara a voz à de um leão rugindo e não

a de cordeiro, quando afirma que ao findar o mundo êle gritará e se fará ouvir como um leão? Isto é por certo misterioso.

Contam os naturalistas que os leõezinhos, ao nascerem, dormem durante três dias, e tão profundamente que parecem mortos; vendo-os assim, o leão que os gerou bota-se a rugir, e com tamanha violência que tudo põe a tremer até que seus rugidos acordem os filhotes para a vida. Daí o dizer-se que o leão ressuscita os filhos com a voz. As almas eleitas, as almas predestinadas, são leõezinhos dêsse grande Deus amiúde apelidado Leão nas Santas Escrituras e ao leão sempre comparado. Pobres leõezinhos que desgraça vos persegue! Morreis ao nascer e vindes ao mundo para serdes privados da vida da graça! Em verdade tal desgraça é comum a nós todos, na medida em que somos filhos da ira ao nascermos; morremos desde o primeiro instante da criação de nossas almas nesses pequenos corpos formados no ventre de nossas mães, porque todos pecamos em Adão.

E quanto aos adultos e aos que alcançaram a idade da razão, mais de três quartas partes do mundo morreram na alma, privados da vida da graça! Uns por heresia, outros por idolatria, outros por infidelidade, outros por paganismo; e ouso dizer que quase todos, ou pelo menos a maior parte, pelo pecado mortal. Mas quando apraz a êsse verdadeiro Leão da tribo de Judá fazer ouvir sua voz a essas pobres almas, pela bôca de seus prègadores, essa voz que ecoa nos ouvidos como o rugido de um leão, logo as almas eleitas e predestinadas despertam como os leõezinhos do profundo sono do pecado, da heresia, da infidelidade e do paganismo, ressuscitando da morte do pecado para a vida da graça e dispondo-se a seguir êsse grande Deus que, na sua infinita bondade, se digna chamá-los.

E isso foi o que disse há muito o profeta Oséias quando, ao prever a conversão dos habitantes das ilhas marítimas e de além-mar, afirmou: *Post Dominum ambulabunt, quasi leo rugiet, quia ipse rugiet, et formidabunt filii maris, et avolabunt quasi avis ex Egypto, et quasi columba de terra assyriorum: et colocabo eos in domibus suis dicit Dominus.* "Caminharão após o Senhor que gritará e rugirá como um leão, e êle próprio rugirá; e os filhos do mar se aterrarão e fugirão do Egito, como as aves e as pombas da terra dos Assírios, e eu os porei em suas casas, disse o Senhor".

Segundo São Jerônimo todos os expositores católicos e hebreus entendem que essa profecia da prègação do Evangelho deve ser feita por todo o mundo, o que ocorrerá sem dúvida antes do dia do juízo final. E durante os últimos dias o grande Leão de tribo de Judá, nosso Salvador, Jesus Cristo, rugirá pela bôca dos prègadores a fim de ser ouvido em todo o mundo; então os filhos do mar, isto é, os habitantes de além mar e das ilhas marítimas, se espantarão e se aterrarão com a voz dêsse grande leão, e pela prédica do Evangelho se converterão à fé. E assim como alguns pássaros do Egito e as pombas dos Assírios vinham anualmente, em dada estação, à Terra da Promissão; assim como as andorinhas, na primavera, vêm para a França, das mais longínquas regiões, à procura do calor; assim também êsses filhos do mar, apavorados ante

a voz do verdadeiro leão e convertidos pela prédica do Evangelho, deixarão o paganismo e as trevas de sua infidelidade, a fim de, contritos, virem conhecer a verdadeira Igreja para receberem o Santo Batismo e participarem do calor dêsse verídico sol de justiça, Nosso Senhor.

Não vêdes agora cumprir-se essa profecia? Êsse Grande Deus, sabendo que estamos nas vésperas dêsse dia horrível e aterrador do juízo final e desejando reunir todos os seus eleitos, tal qual o leão que ruge, fêz com que ouvissem agora a sua voz até nas ilhas marítimas das Índias Ocidentais. E essa voz de tal maneira amedrontou os índios, *canibais* e *antropófagos*, que já vêdes êsses pobres filhos do Mar saírem da gentilidade como os pássaros do Egito, abandonarem o paganismo como as pombas das terras dos Assírios, a fim de seguirem o Grande Deus, caminharem atrás do Senhor que os chama e se refugiarem na Terra da Promissão da Igreja Católica, Apostólica e Romana.

E em verdade a paráfrase caldaica assim explica essa profecia da conversão das Índias Ocidentais: *Post cultum Domini ambulabunt, et verbum ejus sicut Les erit, qui rugit, statim enim ac rugiet, congregabutur exules ab Occidente, sicut avis, quae apert venit, sic venient qui in exilium acti suerunt in terram Egypti, et sicute columba, quae revertitur ad columbare suum, sic redibunt qui deportati sunt in terram Assur.* "Caminharão após o culto e o Serviço do Senhor e a voz do Senhor será como a de um leão que ruge, pois, a partir do instante em que rugir, os banidos e exilados se irão congregando no Ocidente e, como o pássaro que se vê chegar, assim virão os exilados na terra do Egito, e os banidos na terra dos Assírios voltarão como o pombo que retorna ao pombal."

Discurso em verdade admirável! Quem são êsses banidos e exilados no Ocidente senão êsses pobres índios *Tupinambás* da Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas que, para fugir à crueldade e à tirania de seus inimigos, se viram forçados a deixar sua pátria e as regiões em que nasceram para refugiar-se nessas ilhas marítimas e plagas próximas do mar em que se encontram agora? São êsses os pobres desterrados no Egito do paganismo e no Assur da infidelidade! E mal ouviram êles a voz terrível do divino Leão, começaram a caminhar após o culto e o serviço do Senhor, voltando como os pássaros a seus ninhos e os pombos ao pombais.

Ó pombas amáveis e louváveis! Sois vós, pombas sem fel, pombas de doçura e de simplicidade, pombas sem rancores, que, atendendo ao apêlo do Celeste Espôso dos Cânticos, vindes ao encontro dessa pedra angular do Salvador, Jesus Cristo, para aconchegar-vos em suas chagas sagradas. Sois vós que após voardes até hoje sôbre as águas do dilúvio da gentilidade e do paganismo, não encontrando pouso para o descanso, vindes agora dócil e humildemente pedir a graça de ser recolhidas à Arca mística da Igreja Católica, Apostólica e Romana a fim de evitardes o dilúvio universal da danação eterna, pois fora da Arca não há salvação!

Mas quem será o Noé que estenderá a mão a essas pombas e abrirá as portas da Arca para recolhê-las e salvá-las do naufrágio?

Ó França, a ti, filha mais velha da Igreja, é que elas se dirigirão como a um novo Noé! Rogar-te-ão, de joelhos em terra e lágrimas nos olhos, que lhes abras as portas e lhes estendas as mãos. Ó filha mais velha da Igreja, sol dos reinos, flor dos povos do Universo, não te compadecerás dessas pobres almas prostradas a teus pés, que invocam a tua misericórdia e desejam salvar-se por teu intermédio? Não ouves essas pombas chorarem e gemerem e te suplicarem que lhes abras as portas? *Aperi mihi soror mea, aperi mihi soror mea.* Como são cheias de amor essas vozes que dizem: França, nossa irmã mais velha, abri-nos por favor a porta, estendei-nos as mãos para entrarmos na Igreja, e livrai-nos do dilúvio da danação eterna.

Afirma o rabino Judas que a palavra "hebreu" significa "gemela" (gêmea). *Aperi mihi gemella mea,* "abri, minha irmã gêmea!" Dizemos que uma coisa é gêmea quando ela é dupla, como dois filhos, vivos ou não, de um mesmo parto.

Genitrix partus enixa gemellos.

Diz Platão no "Livro dos Convivas" que os primeiros homens foram gêmeos e que se separaram quando Pandora descobriu o pomo da desgraça. Parece-me que o mesmo querem dizer os nossos índios Tupinambá quando contam, o que ouvi dos mais velhos dentre êles, que anteriormente ao dilúvio eram uma só a sua nação e a nossa, que todos descendemos do mesmo pai mas que êles são os mais velhos e nós os mais moços. Dizem que depois do Dilúvio nós fomos separados dêles e passamos a ser os mais velhos porque o avô dêles não quisera receber a espada do Profeta que Deus lhe enviara. Isso muito se aproxima da verdade, pois se admitimos que somos todos filhos dêsse grande Deus, nascidos na mesma ocasião, do mesmo ventre de sua eterna predestinação, porque não serão todos os eleitos gêmeos, unidos e conjuntos em Deus pelo nó górdio e laços indissolúveis de amor e de caridade? Foi o que muito bem entendeu a casta espôsa dos Cânticos que batendo à porta da Igreja na pessoa das almas dos míseros selvagens infelizes, porém eleitas e predestinadas, disse à França: "*Aperi mihi gemella mea,*" abri, minha irmã gêmea. *Dictum est gemella mea,* (diz o rabino Judas) *quoniiam sicut hujus modi gemellis contingit, ut si aliquid senserit corpus alterius, mox socius ejus turbetur.*" (Ela chama sua irmã gêmea para mostrar que lhe sente a dor e a aflição como as suas próprias, tal como ocorre com irmãs gêmeas cuja vida parece ser uma só a ponto de quando uma adoece a outra se sentir mal).

Ó França que tiveste a felicidade de ser a filha mais velha da Igreja, se como irmã gêmea desta nova França Equinocial (selvagem e pagã ainda, mas eleita e predestinada ao céu oportunamente) a ela estás unida pelos laços do amor e da caridade, assim como aos demais reinos e nações católicos, como não hás de sentir a dor que a oprime nesse longo cativeiro do paganismo? Como não hás de sentir os ferimentos nela feitos pelo Diabo e que a mortalizam? Como não hás de ter piedade dessas pombas que, para fugir ao naufrágio do dilúvio da danação eterna, amorosamente e com lágrimas nos olhos te suplicam que lhes abras a porta da Arca da Igreja e lhes estendas as mãos para que entrem? *Aperi*

mihi gemela mea. Como? Disse Job: *Nunquid conjungere valebis micantes stellas Pleïadas?* Ó França, tu que és tão poderosa, não terás o poder de juntar as brilhantes estrêlas chamadas Plêiadas? Dizem os astrólogos que são sete estrêlas, separadas umas das outras, mas calcadas aos joelhos do Touro entre os quais se situam. Outros afirmam que são as filhas de Atlas, debulhadas em lágrimas e submersas nas águas por causa da perda de seu irmão Hijas que um javali mordera. Não serão essas pobres almas índias, eleitas e predestinadas, belas estrêlas capazes de receberem a luz da glória? Estrêlas separadas de Deus, afastadas do Céu, privadas pelo pecado da luz da graça, plêiadas calcadas por êsse Touro infernal que é o Diabo, entre cujos joelhos de infidelidade e de paganismo se acham prêsas. Elas são as filhas dêsse grande Atlas que é Deus, o qual sustenta o céu com os ombros da onipotência; são essas filhas de Atlas, debulhadas em lágrimas e submersas nas águas da tristeza e da aflição pela perda contínua de seus irmãos pagãos, mordidos pelo Diabo, o qual, como um novo javali matando-os quotidianamente, os precipita no fundo dos infernos.

Ó filha mais velha da Igreja. *Nunquid conjungere valebis micantes stellas Pleïades?* Não serás suficientemente poderosa para salvares essas pobres almas da desgraça e impedires que se precipitem mais avante no abismo? Não terás o poder de libertar essas plêiadas do duro cativeiro e da escravidão em que as manteve até agora êsse Touro infernal? Não poderás unir essas belas estrêlas a êsse verdadeiro Sol de Justiça, que é Deus, por meio de uma fé viva, de uma total esperança, de uma perfeita caridade e um só batismo, por meio do conhecimento de um só Senhor Jesus Cristo e de seu vigário na terra, único soberano Pontífice, senhor e pai de todos, a fim de que participem um dia, como tu, dessa luz de Glória? Em verdade tens o poder entre os reinos da terra, de incorporá-las, se quiseres, ao corpo místico da verdadeira Igreja e de introduzi-las na Arca fora da qual não há salvação. E a ti elas se dirigem, a ti filha mais velha da Igreja, porquanto só de ti desejam receber a Fé, a Lei e o Batismo, só de ti para quem nestes últimos tempos Deus reservou honras e méritos, como para si próprio reservou a Glória.

O esplêndido, ilustre e magnífico reino entre os reinos da terra, regozija-te com ver que teus lírios, sob o reinado do rei Luís XIII e da Rainha Regente, sua mãe, são de agradáveis a Jesus Cristo a ponto dessas almas de *canibais* e *antropófagos* deixaram as trevas e a sombra da morte, da infidelidade, da incivilidade e da selvageria, em que até agora estiveram mergulhadas, para virem a ti e, prostradas a teus pés, rogarem misericórdia atraídas pela suave doçura e doce suavidade de teus lírios.

Deita o olhar em tôrno de ti. Tôdas essas nações vêm a ti na pessoa de seus filhos, para te conhecerem e te prestarem homenagem em nome de seus semelhantes. São êsses povos que Deus reservou para legar-te, pois "*vivo ego (dicit Dominus) quia omnibus his velut ornamento vestieres, et circundabis tibi eos quasi sponsa*". Juro-te por mim mesmo, Deus vivo, que te verás revestida, como de um belo ornamento, de todos êsses povos e nações; assim como o ornato da Igreja é a multidão dos crentes, e os santos prègadores se ornam de tantas pedras pre-

ciosas quantas as almas convertidas à fé. Pois assim disse o apóstolo ao escrever a alguns daqueles a quem convertera: "Meus irmãos bem-amados, sois minha alegria e minha coroa." E a outros disse: "Sois nossa glória e nossa alegria." Do mesmo modo, ó França, serás enfeitada com o riquíssimo ornato da glória, tecido com tantas pedrarias e semeado com tantas jóias preciosas quantas forem as almas que tiveres conquistado para Jesus Cristo: *"Omnibus his velut ornamento vestieris et circundabis tibi eos quasi sponsa"*. E assim como a Espôsa enfeita o colo de pérolas, cadeias de ouro e colares, tu também, filha mais velha da Igreja, espôsa querida do grande rei celeste, te enfeitarás com tôdas essas almas convertidas, incorporando-as a ti, adotando-as como filhas, defendendo-as como verdadeiros súditos, para tua maior honra e mérito e para a maior glória de teu Espôso Jesus Cristo.

Sem dúvida te espantas de ver-te enriquecida de tanta honra e glória, apesar de teres permanecido estéril e não haveres ainda convertido povo algum; e talvez digas com o profeta Isaías: *"Quis genuit mibi isto? Ego sterilis, cet non pariens? ego destituta et sola?* Quem me fêz tão fecunda, eu tão estéril? Quem me deu tantos filhos e trouxe a mim tantas nações, eu, que era só e me contentava com o meu único reino? Fêz-se isso por minha virtude? Sòmente o meu poder operou tal milagre?"

Mas escuta o que disse o grande Deus: *"Ecce levabo ad gentes manum meam, et ad populos exaltabo sigum meum.* Erguerei minhas mãos para os gentios, disse Deus, e lhes darei minhas graças com obras sobrenaturais realizadas por intermédio de meus servidores, os quais lhes enviarei para convertê-los à fé, e por seu intermédio também exaltarei o meu sinal e plantarei meu estandarte da Cruz entre os povos; e êles carregarão teus filhos nos braços e nos ombros as tuas filhas. *"Et afferrent filios tuos in ulnis, et filias tuas super humeros portabunt.*

São pois teus súditos, ó França, os filhos do Seráfico São Francisco que êsse grande Deus enviou ùltimamente, por teu intermédio, às Índias Ocidentais. Por êles a Divina Majestade fêz o que lhe aprouve naquele país, arvorando e plantando o estandarte da Santa Cruz entre as nações selvagens. São êles também, à imitação dêsse verdadeiro pastor Jesus Cristo, que carregam agora sôbre seus ombros essas pobres ovelhas tresmalhadas para o seio da Igreja onde te reconhecerão para sempre como sua filha mais velha. E ei-las de fronte baixa, joelhos em terra, honrando e respeitando as marcas de teus passos, que desejam seguir e imitar doravante com tôda humildade, certas de que êsse é o único meio seguro de alcançar o céu e gozar um dia a glória que Deus lhes reservou desde a criação do mundo.

Se agora tens razão para louvar a Deus e te alegras dos inúmeros favores por Êle concedidos, de ver chegar tão longe o suave odor de teus lírios e florescerem êsses lírios em meio ao calor dessa zona tórrida que é o reino do Sol, quantas razões não terás a mais quando vires, um dêstes dias, que por intermédio de teus súditos o grande Deus converteu à fé todos êsses povos, *canibais, antropófagos* e *amazonas*, e tôdas as nações indígenas que habitam as ilhas marítimas e as terras firmes situadas

ciosas quantas as almas convertidas à fé. Pois assim disse o apóstolo ao escrever a alguns daqueles a quem convertera: "Meus irmãos bem-amados, sois minha alegria e minha coroa." E a outros disse: "Sois nossa glória e nossa alegria." Do mesmo modo, ó França, serás enfeitada com o riquíssimo ornato da glória, tecido com tantas pedrarias e semeado com tantas jóias preciosas quantas forem as almas que tiveres conquistado para Jesus Cristo: *"Omnibus his velut ornamento vestieris et circundabis tibi eos quasi sponsa"*. E assim como a Espôsa enfeita o colo de pérolas, cadeias de ouro e colares, tu também, filha mais velha da Igreja, espôsa querida do grande rei celeste, te enfeitarás com tôdas essas almas convertidas, incorporando-as a ti, adotando-as como filhas, defendendo-as como verdadeiros súditos, para tua maior honra e mérito e para a maior glória de teu Espôso Jesus Cristo.

Sem dúvida te espantas de ver-te enriquecida de tanta honra e glória, apesar de teres permanecido estéril e não haveres ainda convertido povo algum; e talvez digas com o profeta Isaías: "*Quis genuit mibi isto? Ego sterilis, cet non pariens? ego destituta et sola?* Quem me fêz tão fecunda, eu tão estéril? Quem me deu tantos filhos e trouxe a mim tantas nações, eu, que era só e me contentava com o meu único reino? Fêz-se isso por minha virtude? Sòmente o meu poder operou tal milagre?"

Mas escuta o que disse o grande Deus: *"Ecce levabo ad gentes manum meam, et ad populos exaltabo sigum meum.* Erguerei minhas mãos para os gentios, disse Deus, e lhes darei minhas graças com obras sobrenaturais realizadas por intermédio de meus servidores, os quais lhes enviarei para convertê-los à fé, e por seu intermédio também exaltarei o meu sinal e plantarei meu estandarte da Cruz entre os povos; e êles carregarão teus filhos nos braços e nos ombros as tuas filhas. *"Et afferrent filios tuos in ulnis, et filias tuas super humeros portabunt.*

São pois teus súditos, ó França, os filhos do Seráfico São Francisco que êsse grande Deus enviou ùltimamente, por teu intermédio, às Índias Ocidentais. Por êles a Divina Majestade fêz o que lhe aprouve naquele país, arvorando e plantando o estandarte da Santa Cruz entre as nações selvagens. São êles também, à imitação dêsse verdadeiro pastor Jesus Cristo, que carregam agora sôbre seus ombros essas pobres ovelhas tresmalhadas para o seio da Igreja onde te reconhecerão para sempre como sua filha mais velha. E ei-las de fronte baixa, joelhos em terra, honrando e respeitando as marcas dê teus passos, que desejam seguir e imitar doravante com tôda humildade, certas de que êsse é o único meio seguro de alcançar o céu e gozar um dia a glória que Deus lhes reservou desde a criação do mundo.

Se agora tens razão para louvar a Deus e te alegras dos inúmeros favores por Êle concedidos, de ver chegar tão longe o suave odor de teus lírios e florescerem êsses lírios em meio ao calor dessa zona tórrida que é o reino do Sol, quantas razões não terás a mais quando vires, um dêstes dias, que por intermédio de teus súditos o grande Deus converteu à fé todos êsses povos, *canibais, antropófagos* e *amazonas,* e tôdas as nações indígenas que habitam as ilhas marítimas e as terras firmes situadas

além da linha equinocial do lado do pólo antártico, as quais nações, por seus embaixadores, como o fizeram em passado recente, virão tôdas reconhecer-te e oferecer-te sua própria substância e tôdas as riquezas do ocidente, constituídas sobretudo de suas vidas e de suas almas; e protestarão tôdas não querem outro senhor nem reconhecerem outro monarca que não o teu Príncipe, o Rei dos Lírios.

"Tunc videbis, et afflues, et mirabitur, et ditatabitur cor tuum". Então verás os povos indígenas virem de longe, como filhos, e as amazonas, suas vizinhas, se levantarem a teu lado, como filhas, *"filis tui de longe venient, et filiae tuae de latere surgent.* Terás então aluência de riqueza e de alegrias espirituais; admirar-te-ás e maravilhar-te-ás da repentina conversão dêsses povos tão ràpidamente realizada pela graça e a tua cooperação; teu coração dilatar-se-á de alegria e de contentamento por teres sido, após Deus, a causa de tão grande benefício; e, como recompensa, terás a honra e a felicidade de ver teu Rei, pela providência divina, Rei do Sol, como já tens as de vê-lo Rei dos Lírios.

Não és tu o Reino dos Lírios, ó França? E não adornam êsses lírios o Reino de França? Do mesmo modo essa França Equinocial é, entre os demais, o Reino do Sol, e o sol o embeleza especialmente, pois daí não se retira jamais e aí se deita perpètuamente. Porque, pois, não colocar no frontispício dêste livro: *Indis sol splendet, splendescunt lilia Gallis.*

Êsse grande Deus, ó França, honrou-te dando-te por armas de teu Reino três belos lírios em campo azul; portanto não lhe desagradará que se dê a êsse reino da nova França Equinocial um sol de ouro fino em campo de azul, a fim de que a unidade da Essência Divina figure misteriosamente no escudo assim com a trindade das três pessoas divinas se representa em tuas armas. E assim como reconheces que o esplendor de teus lírios depende do esplendor de Deus, verdadeiro sol de justiça, doravante terás também a alegria de veres o esplendor dêsse belo sol da França Equinocial brilhar em virtude da beleza de teus lírios. E terás a alegria não só de contemplar o teu rei como o rei do Sol, êle que já é o rei dos lírios, mas ainda como o verdadeiro hieroglifo da Majestade Divina. Êsse grande Deus por sua natureza único, não é o trino em pessoa? Não é êle tal qual uma bela coroa trina em uma só essência divina? Assim também teu grande rei, altíssimo e poderosíssimo monarca Luís XIII, tem agora sob a sua régia autoridade essa bela tiara e essa tríplice coroa de França, de Navarra e da França Equinocial para nela escrever com a verdade esta bela divisa, já gravada em mármores e pórfiros: *Triplex in una.* E manda a razão que se lhe acrescente: *In tribus unus.*

Mas não se fêz isso tudo sem extraordinária oposição dêsse maldito Satanaz, decidido inimigo da salvação de nossas almas e da glória de Deus. Se em tudo êle se intromete astuciosamente, aqui melhor ainda se houve, procurando por todos os meios ao seu alcance frustar o golpe, que tão caro lhe custaria, qual a perda de tantas almas há séculos sob o jugo de suas leis.

Não quero descrever aqui as contrariedades que sofremos, tanto da parte do diabo, como dos homens que eram, ou pelo menos pareciam ser, instrumentos de seus iníquos desígnios, pois não é minha intenção

ofender pessoa alguma, nem contar a todos, e em especial ao povo cristão de Paris, os milagres que aprouve a Nosso Senhor espalhar sôbre a nossa missão. Contentar-me-ei apenas com dizer em poucas palavras que tantos embaraços e dificuldades tivemos que nos pareceu estarem homens e diabos conjurados contra nós. Por isso mesmo temos tôdas as razões para rendermos graças à Majestade Divina que, afim de mostrar-nos ser sua e não dos homens esta emprêsa, sempre nos deu a vitória, conduzindo-nos e guiando-nos com felicidade através dos mais perigosos azares, como se verá, não, por certo, sem alegria, da seguinte narrativa de nossa inteira viagem.

CAPÍTULO I

Do empreendimento da viagem ao Maranhão

No reinado pacífico e feliz de Henrique, o Grande, quarto do nome, rei de França e de Navarra, um capitão francês por nome Riffault, tendo equipado três navios, partiu para o Brasil a 15 de maio do ano de 1594 com a intenção de possíveis conquistas, o que se lhe afigurava fácil em vista das boas relações que mantinha com um índio brasileiro chamado *Uirapive* (1), em nossa língua francesa "Árvore sêca". Êsse índio passava por gozar de grande autoridade entre os seus. Com seu valoroso apoio e o de um verdadeiro exército de selvagens, Riffault, que era guerreiro intrépido, teria muito fàcilmente alcançado seus objetivos, não fôssem a desunião e a discórdia entre os franceses e o naufrágio do seu navio principal, cousas essas que de tal modo o surpreenderam e descoroçoaram que êle resolveu voltar para a França.

Entretanto, não cabendo, na embarcação que lhe restava, todos os franceses que levara, viu-se obrigado a abandonar em terra boa parte dêles. Entre êstes se encontrava um sr. des Vaux, natural de Sainte-Maure em Turenne, que em companhia de outros franceses guerreou com os índios contra outras tribos e tão corajosamente se comportou que alcançou notáveis vitórias. Conformando-se sempre com os usos e costumes do país, aprendeu a língua dos índios. Após êsses bravos feitos em diversos e perigosos combates e uma longa estada na região, observou êle a beleza e as delícias da terra, sua fertilidade e fecundidade em tudo o que o homem pode desejar tanto com referência ao prazer do corpo, em virtude da amenidade do clima, como em relação à aquisição de imensas riquezas suscetíveis de serem transportadas para a França. Obtendo por outro lado a promessa dos índios de se converterem ao Cristianismo, e vendo aceito o oferecimento de lhes enviar de França uma pessoa qualificada a fim de governá-los e defendê-los contra seus inimigos, porquanto julgavam o temperamento francês mais do que os

---

(1) OUYRAPIUE — guerrier Indien... qui signifie en nostre langue Françoise Arbre sec. — Será *ybyrá-ypi* de *ybyrá* árvore, pau, e *ypi* sêco (água, seiva tirada), acorde com o significado do texto.

outros semelhante ao seu, pela doçura das relações, o sr. des Vaux, deliberou voltar à França. Aí chegando, após uma viagem feliz, narrou fielmente à Sua Majestade Cristianíssima, Henrique, o Grande, tudo o que lhe ocorreu na viagem e lhe mostrou a honra que caberia a Sua Majestade no empreendimento da conquista, além do proveito e da utilidade que dela tiraria a França, e da coroa de gloria que o céu infalível mente lhe outorgaria pela salvação de tantas almas que se jogavam em seus braços na intenção de se converterem à religião do verdadeiro Deus.

Ouviu-o Sua Majestade com grande alegria, porém, duvidando das maravilhas que lhe eram relatadas, ordenou ao sr. de la Ravardière, perito em cousas de marinha (já estivera por diversas vêzes nessas regiões e se preparava para tornar a elas), que, para comprová-las, partisse para a Ilha de Maranhão, levando em sua companhia o sr. des Vaux. Encarregou-o ainda de escrever, ao regressar, um relatório fiel, tudo mediante a promessa de tentar a emprêsa por sua conta e risco as informações de des Vaux fôssem verdadeiras. Note-se, de passagem, o admirável efeito da devoção e do zêlo dêsse rei cristianíssimo para com a Santa Igreja Romana: ciente de que dito sr. des Vaux pertencia à Igreja reformista tanto fêz o bom Rei que, tal qual um bom pastor, conduziu a ovelha tresmalhada ao aprisco evangélico da Igreja Romana antes de sua partida para as Índias.

O sr. de la Ravardière cumpriu as ordens régias e, conduzindo des Vaux ao Maranhão, aí permaneceu seis meses tanto na própria ilha como na terra firme e verificou não só a autenticidade dos informes mas ainda a possibilidade de estabelecer uma bela colônia. Voltaram então à França para dar conta de sua missão e informar Sua Majestade da verdadeira situação da emprêsa que Ela desejava tentar. Mas a morte, como que invejosa dos elevados empreendimentos dos príncipes e monarcas, cortara o fio da vida a êsse cristianíssimo rei, quebrando assim o feliz sucesso das santas emprêsas que tinha em vista, e isso foi causa do adiamento da viagem até o ano de 1611, no reinado de Luís XIII e da Rainha Regente, sua mãe.

Preocupava-se o sr. de la Ravardière com a sua emprêsa, mas, sentindo que já não tinha fôrças bastantes para tentá-la sòzinho, comunicou seus projetos ao sr. de Rasilly cujo gênio e coragem conhecia. E visando sempre a glória de Deus, a salvação dessas almas selvagens e a honra que a França colheria na emprêsa, após grandes esforços e dificuldades, durante quinze anos que passou na Côrte, conseguiu o apoio de algumas pessoas importantes entre as quais o Barão de Sansy que contribuiu com a têrça parte das despesas, cabendo as duas outras aos srs. de la Ravardière e de Rasilly.

Não tendo o sr. de Rasilly outro objetivo nessa emprêsa senão o piedoso desígnio de introduzir a nossa religião nessas plagas, humildemente suplicou à Rainha autorizasse a participação de alguns dêsses capuchinhos que tanto estimava desde a infância. Desejosa também de ver convertidos os pobres selvagens e bem sucedida a emprêsa do seu falecido espôso, a Rainha, depois de nomear aos srs. de Rasilly e de la Ravardière seus Loco-Tenentes-Generais nessas regiões, deferiu de

bom grado a petição, julgando acertada a escolha de nossos padres. E assim como outrora no reinado de D. Manuel II, Rei de Portugal, inspirou o Espírito Santo o envio de Irmãos menores, filhos de São Francisco, às Índias Orientais, para a conversão das mesmas, sob o reinado de Maria de Médicis o mesmo ocorreu com referência às Índias Ocidentais. Mas essa sábia e magnânima princesa, fiel executora dos desígnios do Espírito Santo, sentindo-se em sua alma suavemente inclinada para a escolha dos filhos do Glorioso patriarca dos Menores, sôbre êles lançou as vistas.

Aliás não fôra justo que êsse bem-aventurado Santo, depositário e herdeiro da Cruz e das Chagas que recebera o Salvador do mundo a fim de comunicá-las aos que dêle nunca ouviram falar ou haviam esquecido, não fôra justo, que êsse Santo, que por assim dizer se tornou proprietário dessas chagas, deixasse de ser o primeiro a plantar, por intermédio de seus filhos, co-herdeiros na herança, essas marcas gloriosas nas hostes inimigas. E nada há a censurar-se nisso, porquanto, se abrirmos a história, veremos que não há recanto do mundo onde, de 400 anos a esta data, não tenha sido prègado o Evangelho pelos religiosos de São Francisco em primeiro lugar; e isso à custa de suas vidas.

Quais os primeiros que estiveram entre os infiéis, nessa época, senão os gloriosos São Bernardo, São Pedro, Santo Acúrsio, Santo Adjuto e Santo Oto, *quorum glorioso martyrio ordinis minorum initia Deus consecravit,* enviados por nosso seráfico pai São Francisco para aí plantar a fé? Aí derramaram seu sangue e morreram por amor de Nosso Senhor. Não houve outros sete, São Daniel, Santo Ângelo, São Manuel e seus companheiros, todos filhos de nosso pai seráfico, que, ainda em vida dêste, mandados para anunciar aos serracenos o Evangelho, foram tratados cruelmente e mortos todos como mártires gloriosos? Quem plantou a Cruz nas Índias Orientais senão os filhos dêsse glorioso patriarca? E falo apenas, aqui, dos corifeus e dos principais, deixando na sombra assinalados campeões da milícia do filho de Deus, Nosso Senhor, que os seguiram e obraram tão bem quanto êles. Limito-me por ora a admirar os favores especiais concedidos pelo Rei dos Reis ao glorioso chefe de nossa ordem e a muitos dos seus filhos. Posso, em verdade, dizer dêsse santo patriarca que *elevavit signum in nationibus procul,* "ergueu e plantou êsse triunfante estandarte da Cruz entre as mais longínquas nações do mundo".

E eis que depois de a ter plantado no Oriente, por intermédio de seus filhos, por idênticos instrumentos faz o mesmo no Ocidente.

Satisfeitíssima com a emprêsa a Rainha, para mostrar o seu empenho e a santa afeição que lhe dedicava, deu seus estandartes e sua divisa aos ditos Loco-Tenentes-Generais e mandou ao reverendo padre Leonardo de Paris, então provincial dessa província, que escolhesse quatro dos nossos padres a fim de para ali enviá-los, como se verá da seguinte missiva que teve êle a honra de receber de Sua Majestade.

Ao reverendo padre Leonardo Provincial da Ordem dos Capuchinhos.

Padre Leonardo. O sr. de Rasilly, Loco-tenente-general das Índias Ocidentais, pelo sr. Rei meu filho nomeado, disse-me da possibilidade de aí se introduzir a religião cristã, sendo recomendável o envio de alguns religiosos de vossa ordem para ficarem nessas terras e tratarem na medida de suas fôrças de estabelecer a fé cristã. Por êsse motivo vos dirijo a presente, rogando-vos para lá enviardes até quatro religiosos, entre os que julgardes mais dignos e capazes. E lhes ordenarei que sigam em companhia de quem os enviar o sr. de Rasilly para guiá-los. Estou convencida de que, em se tratando de pessoas habilitadas e devotadas, grandes serão os frutos e que sua obra aumentará ainda a glória de Deus e a boa reputação de vossa ordem.

Não tendo esta outro objetivo, rogo a Deus, padre Leonardo, que vos conserve em sua santa guarda.

Escrita em Fontainebleau aos 23 de abril de 1611.

a) *Maria* — a) *Phelypeaux.*

Tendo recebido essa carta de S.M., o reverendo padre Leonardo mandou lê-la a 23 de abril a todos os padres e frades da província de Paris, reünidos, para ouvi-la em capítulo provincial. Foram todos de opinião que antes de qualquer resolução se devia invocar o Espírito Santo, para êsse efeito cantando um *Veni Creator.* Ordenaram-se preces gerais, tanto no nosso convento de Paris como no Mosteiro das Filhas da Paixão, para que Deus participasse da emprêsa escolhendo os que julgasse mais capazes dentre nós. E concordamos também todos em que a missão só deveria ser aceita com o consentimento do reverendíssimo padre Jerônimo de Castelferreti, então Ministro Geral da nossa ordem, o qual, ao saber do que se passara em nosso capítulo provincial, tudo aprovou por meio de uma procuração outorgada ao reverendo padre Leonardo, como se vê da carta abaixo transcrita:

Ao reverendo padre provincial dos frades capuchinhos na província de Paris.

Reverendo padre. Quanto à missão para a Nova França escrevi outra, que, vai com esta, e que também será lida por Vossa Paternidade. Esta eu a escrevo no intuito de emprestar a Vossa Paternidade tôda a minha autoridade. Poderá, portanto, V. P. enviar à Nova França os irmãos que julgar conveniente, tendo autonomia não só na escolha e na decisão do número, mas ainda na nomeação de um Superior, e em tudo o mais que diga respeito à missão. É o que posso fazer e o que me cabe. Praza a Deus ajudá-lo sempre. Roma 5 de julho de 1611 — De Vossa Reverenda Paternidade, muito afeiçoado no Senhor, *Frei Jerônimo.* Geral (2).

(2) Em italiano no texto e em francês a seguir (N. do T.).

A vista do conteúdo dessa carta procederam o reverendo padre Provincial e os demais padres à escolha de quatro irmãos para a missão. E foram êstes o venerável padre Ivo d'Evreux, o padre Arsênio de Paris, o padre Ambrósio de Amiens e eu (indigno embora), aos quais puderam os superiores dizer as palavras dos Apóstolos: *Visum est Spiritui sancto et nobis,* assim aprouve ao Espírito Santo, tão ardorosamente invocado, e a nós, eleger-vos para a prègação do Evangelho.

Tendo-nos ajoelhado, após a designação, aos pés do Reverendo Padre Provincial, recebemos a sua bênção com humildade. Partimos de Paris a 28 de agôsto de 1611, dia de Santo Agostinho, para Cancale, pôrto da Bretanha, onde devia reünir-se a equipagem dos Loco-Tenentes-Generais de Sua Majestade a fim de largar à primeira oportunidade. Aí nos vimos forçados a demorar-nos durante alguns meses a fim de deixar passar o inverno e dar tempo a que se reünissem todos os nossos companheiros e terminasse o preparo de nossas embarcações.

Infelizmente os grandes empreendimentos são de ordinário dificultados por perigosos embaraços, e o Diabo, prevendo a próxima ruína de seu reinado e a expansão da religião de Jesus Cristo, o que mais do que tudo receava, não cessou de perseguir-nos, revolvendo céus e terra e semeando a maldita discórdia no coração dos franceses, a fim de descoroçoar o sr. de Rasilly. Mas êste que, como já foi dito, só tinha em mente a honra de Deus e o serviço de Suas Majestades Cristianíssimas, e era também dotado de invencível coragem, de alma nobre e generosa, superou os obstáculos que se lhe antolharam durante seis meses, antes que tudo se aprontasse, não, porém, sem grande dispêndio como se pode imaginar.

Terminados os preparativos, transportou-se o bispo de São Maló ao pôrto de Cancale, pertencente à sua diocese, a fim de abençoar os estandartes franceses e os nossos navios. E depois de solene prédica, a 25 de janeiro, dia em que a igreja festeja a conversão do Apóstolo São Paulo, prédica em que se valeu do assunto para falar-nos da conversão das pobres almas dos indígenas, que iamos empreender, benzeu quatro cruzes, que nos entregou de acôrdo com o cerimonial do pontificado romano. Em seguida abençoou os estandartes de França empunhados pela nobreza da equipagem e, afinal, as armas do sr. de Rasilly. Quanto aos navios ancorados no pôrto, não permitiu o mau tempo que o fizesse e outorgou-nos o encargo de fazê-lo por si, o que cumprimos. Findas estas cerimônias tôdas, e enquanto aguardávamos ventos favoráveis para levantar a âncora, todos os católicos, fidalgos, marinheiros e soldados, se confessaram e comungaram a fim de tornar a clemência divina mais propícia a seus desígnios como a nossos fins.

E, cientes de que sòmente pela união seriam bem sucedidos na emprêsa, resolveram os principais assumir o seguinte compromisso antes da partida:

Compromisso assumido em Cancale de observar o que fôr necessário ao bem da colônia.

"Nós abaixo assinados, dando voluntàriamente nossos bens e nossas vidas em prol do estabelecimento da Colônia francesa além da linha equinocial, a serviço do Rei, em obediência aos desejos de Sua Majestade e às promessas de nossos chefes, reconhecendo que só pela disciplina, pela união e a boa conduta entre os índios, poderemos alcançar tão louvável e generoso intento, prometemos, em benefício dessas ações essenciais, fazer tudo o que depender de nossa coragem, constância, observância das leis francesas, obediência, caridade e bom entendimento e ainda tudo o mais que se faça necessário a manter em paz e união uma boa sociedade sob a direção dos srs. Daniel de la Touche, fidalgo e senhor de la Ravardière, e Francisco de Rasilly, também fidalgo e senhor de Aumelles e Rasilly, solidários ambos com o poderoso senhor Nicolau de Harley, fidalgo e senhor de Sancy, Barão de Molle e de Gros-bois, conselheiro de Sua Majestade nos seus conselhos de Estado e privados, e todos loco-tenentes-generais de Sua Majestade nas Índias Ocidentais e terras do Brasil e para a emprêsa nomeados tanto em terra como no mar. E em testemunho da verdade assinamos de próprio punho o presente. Cancale, 1.º de março de 1612 — De Pézieux — Du Plessis, Felisberto de Brichanteau — Hardivilliers — Mestre Isaac de Rasilly — Cláudio de Rasilly — Antônio Charon — Pedro Auber — De la Barre — Deschamps — Cormier — Mothaye — Francisco de Mondion — Bernard.

CAPÍTULO II

De nosso embarque e das tormentas que sofremos até a Inglaterra.

19 DE MARÇO DE 1612, festa do bem-aventurado São José, espôso da sagrada Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob a proteção de Deus, da Virgem e de nosso seráfico São Francisco, partimos do pôrto de Cancale às seis e meia da manhã, após uma salva de tiros e alguns toques de trombeta como adeus aos nossos amigos postados no cais para ver largar a frota de nossos três navios. O primeiro dêstes, o navio almirante, chamava-se *Regente*, por causa da Rainha Regente, e era comandado pelos srs. de Rasilly e de la Ravardière, loco-tenentes-generais de S. M.. O segundo, o vice-almirante, tinha por nome *Charlotte* e era comandado pelo barão de Sancy. Quanto ao terceiro, um patacho chamado *Sant'Ana*, comandava-o o Cavalheiro de Rasilly, irmão do Senhor de Rasilly. E iniciando-se a navegação com grande e geral alegria, invocaram todos, de joelhos, a proteção do Espírito Santo, da gloriosa Virgem Maria e do nosso bom pai São Francisco, cantando o *Benedictus dominus Deus Israel*, com as preces e orações devotas do *Itinerarium* do Breviário Romano.

Vencido em terra, incapaz de destruir nosso corajoso projeto, o Diabo furibundo atira-se ao mar provocando tempestades e borrascas tão cruéis e perigosas como de há muito não se viam. E o vento de leste, calmo quando partimos, repentinamente virou de nordeste, o que durou de onze horas até meia-noite. Depois desandou para o sudoeste e o Sul, de maneira que no dia 20, têrça-feira, ainda nos encontramos às seis horas da tarde a apenas doze léguas ao norte de Ouessant. Soprou em seguida vento sul-sudoeste e como a tempestade foi violenta, de têrça até quarta-feira, 21 de março às oito horas da manhã, fizemos tão sòmente quarenta e oito léguas e meia. Continuando a soprar êsse vento, com tamanha fúria que já não sabíamos o que pensar, até a meia-noite seguinte em que virou de nordeste, lá pela uma hora, apenas navegamos vinte léguas até quinta-feira 22 às oito horas da manhã. Na sexta-feira, 23, o vento passou a soprar de sudeste, sul-sudeste e sul e a tempestade aumentou de tal modo, com tantas e tão temíveis borrascas, acompanhadas de relâmpagos e trovões (coisa pouco comum nessa estação), que os mais

hábeis pilotos e adestrados marujos se viram de mãos amarradas, assegurando-nos nunca terem visto tão furiosas tormentas, que em geral duram horas e quando muito um dia, persistirem durante nove dias inteiros.

Essa extraordinária tempestade provocou em quase todos nós o enjôo marítimo a que estão sujeitos os navegantes. Mas o que mais nos afligia era a perda de nosso patacho, que supúnhamos ter ocorrido durante a tormenta, pois já não o avistávamos desde a noite anterior. Na realidade, como viemos a saber quando o encontrámos, fôra êle açoitado pelas vagas e levado pelo vento até a Inglaterra, ao pôrto de Falmouth.

Outras infelicidades aconteceram depois dessa. Nosso navio vice--almirante, quase perdido, invadido pela água, com as suas bordas destruídas pelas ondas, teve que lançar ao mar duas peças de artilharia, muitas caixas e seu pequeno escaler; mas viu-se afinal forçado a abrigar-se em Dorthmouth, outro pôrto da Inglaterra.

Quanto ao nosso navio, que era o navio almirante, apesar de ter resistido ao mar durante nove dias, depois de muito sofrer foi também forçado a arribar em Plymouth, que atingimos na têrça-feira, 27 de março, pelas sete horas da manhã.

Os loco-tenentes-generais que comandavam o nosso navio, muito aflitos com a idéia de se terem perdido os dois outros, indagaram por tôda a parte da sua possível chegada a algum pôrto inglês. Vieram então a saber da arribada de um em Dortmouth e de outro em Falmouth e lhes comunicaram a nossa presença em Plymouth, o que muito os alegrou, porquanto também êles nos julgavam perdidos. E ambos partiram para se reünirem ao *Regente*.

Fàcilmente se há de imaginar o nosso contentamento em nos vermos reünidos quando já nos julgávamos sepultados nos abismos do mar. Não nos cansávamos de louvar Deus e nos abraçávamos recìprocamente, chorando de alegria. Salvaram as peças em sinal de regosijo e não nos fartamos de contar uns aos outros a boa hospedagem recebida dos governadores dos portos onde nos havíamos abrigado.

Permanecemos em Plymouth desde 27 de março até 23 de abril, festejados e bem alimentados, pois o Governador, sr. de George, e tôda a nobreza da vizinhança, porfiaram ante a aparência de nossa comitiva, em nos absequiar e agradar, fazendo-nos assim esquecer parte de nossos sofrimentos.

CAPÍTULO III

Como partimos da Inglaterra para continuar a viagem e o que nos aconteceu em caminho.

o dia seguinte ao da Páscoa, 23 de abril, saímos de Plymouth às sete horas da noite ao som das trombetas e após várias salvas recíprocas da artilharia de terra e nossa. Todos os habitantes da cidade, bem como as pessoas que se encontravam no castelo com o governador, procuraram os lugares mais elevados na vizinhança, do mar para ver a partida da frota. Mostrava-se então muito favorável o tempo e já no dia seguinte, 24, nos achávamos, às oito horas da manhã, atravessando o cabo de Lezart, na Inglaterra.

Ao depois, êsse grande Deus, que comanda ventos e mares a seu bel prazer, como que para demonstrar a que ponto queria favorecer a nossa emprêsa, deu-nos vento tão propício e tempo tão sereno que logo passamos às ilhas Canárias, e já na segunda-feira 7 de maio, às seis horas da manhã, navegávamos entre o Forte Aventura e a Ilha Grande das Canárias que vimos bem descoberta. Das Canárias alcançamos a costa da Barbária, que começamos a perceber na têrça-feira à meia-noite, na altura de vinte e seis graus e dois terços. No mesmo dia, pelas dez horas da manhã, dobramos o cabo de Bojador e sempre costeando terras da Barbária e da África, e pescando, nos vimos na sexta-feira, décimo dia, lá pelas oito horas da manhã, na ponta nordestina do rio Loro sob o trópido de Câncer. Aí deparamos com uma barca de pescadores e dois navios de Bayonne, que se achavam ancorados, e como a maré estivesse a vazante também fizemos o mesmo à espera de que o nosso patacho os fôsse reconhecer.

Largamos no mesmo dia e, com o intuito de pescar, costeamos sempre as praias da África e da Arábia deserta, país plano, muito baixo, sem montanhas e ùnicamente coberto de areia ao alcance da vista. No sábado dobramos o cabo de Barbes, à altura de 22°. No domingo, décimo-terceiro dia do mês, chegamos ao Cabo Branco onde deitamos âncora e nos demoramos cinco dias; êsse cabo se encontra a 29° 25 minutos e 3 segundos de variação da agulha e chama-se Cabo Branco por causa dos penhascos brancos de que é formado. Trata-se de um belo pôrto abundante de peixe.

Aí encontramos alguns veleiros a que o nosso patacho deu caça até a Ilha Branca onde se achavam ancorados oito navios espanhóis e portuguêses, os quais imediatamente cortaram as amarras, levantaram ferros e desfraldando as velas fugiram perseguidos pelo patacho até meio caminho do Arguin (1). Ignorando porém a rota em que se encontrava voltou a patacho à Ilha Branca onde sua equipagem achou abundante pescaria de "*cassons*" (2). também chamados cães-do-mar, e por ali se demorou até quinta-feira.

Enquanto isso, os que estávamos no navio almirante matávamos o tempo pescando sargos ou pargos, excelente peixe muito parecido com a carpa, mais largo porém e mais comprido, alguns havendo de dois a três pés de comprimento e largura proporcional; tem o dorso mais alto e arredondado, as escamas mais brancas e é de melhor paladar. Pescavam-se grandes quantidades dêles e com muita facilidade, sobretudo colocando-se arenques salgados à guisa de isca nos anzóis.

Na sexta-feira 18 de maio, pelas quatro horas da tarde, partimos de Cabo Branco e no sábado, 19, tivemos o sol no zênite, dardejando seus raios verticalmente sôbre as nossas cabeças. Achávamo-nos a 18° e meio, de modo que tudo o que plantávamos no convés, como facas, espadas, etc., não produzia sombra alguma. Assim ocorria também com o próprio homem de pé, principalmente ao meio-dia.

Continuando a nossa rota costeamos a Guiné, passando entre as Ilhas de Cabo Verde e o cabo do mesmo nome. Essas ilhas, em número de onze, encontram-se entre 19 e 14°, numa profundidade de mais de cem léguas mar a dentro. Entre 11 e 9° acha-se o reino de Mandinga, cujos habitantes negros são os mais belos de tôda a Guiné e adoram cada qual o Deus que lhe apraz. Entre 9 e 8° encontra-se o reino de Jalofes, com nabitantes tão negros e idólatras quanto os precedentes. Do oitavo ao sexto graus estende-se o reino de Sapés, cujos habitantes têm os dentes ponteagudos. À altura de 4° encontra-se o cabo de Palmo de que nos aproximamos o suficiente para que fôsse bem observado pelos nossos pilotos. Não é muito seguro aproximar-se demasiado da Guiné, nem navegar muito junto às suas costas por causa das moléstias contagiosas aí reinantes.

Tais moléstias atacam a carne das gengivas, incham-na e abalam os dentes, o que lhes promove a queda, a esta seguindo-se abundante hemorragia proveniente dos alvéolos, o que, juntamente e com a dor de estômago e a imediata inchação da gengiva, não raro produz a morte, poucos escapando a esta moléstia originada pelo excessivo calor da zona tórrida sob à qual se situa a Guiné e em cuja vizinhança caem chuvas tão infectas, principalmente sob a linha equinocial e a 5 ou 6° aquém. Tais chuvas ao caírem sôbre a carne de alguém provocam a formação imediata de pequenas pústulas, o que pudemos ver em alguns dos nossos que, ansiosos por um pouco de água doce para estancar a sêde, se ex-

(1) Parece tratar-se do nome de um dos navios de Bayonne. O texto é confuso por causa da duplicidade de sujeitos (N. do T.).

(2) Não encontramos tradução em português, nem definição da palavra nos dicionários franceses (N. do T.).

puseram ao perigo do antemão conhecido. Em verdade a água trazida de França se estragara, se corrompera, a ponto de nela se criarem vermes, como sempre acontece, sobretudo nas vizinhanças da zona tórrida. Ao verem-se aproximar as chuvas, muito freqüentes na região, os marujos atavam lençóis brancos nos quatro cantos das cordas do navio e colocavam no centro uma bala de canhão ou um pedaço de chumbo pesado, de modo a formar-se uma concavidade; assim recolhiam a água, a qual, depois de passar através do pano, caía numa vasilha posta por baixo para que não se perdesse uma só gota, pois a necessidade torna os marinheiros avaros dêsse elemento tão comum e tão liberalmente prodigalizado em terra com grande pesar dos marinheiros, verdadeiros filhos de Tântalos que, mergulhados na água até os lábios, carecem de remédios para estancar a sêde e ficam a desejar, como o rico avarento, uma pequena gota de água fresca que lhes refresque a língua, lamentando e deplorando a perda que imaginam dela fazerem os habitantes da terra na inútil lavagem das mãos e em outras coisas semelhantes necessárias à limpeza do corpo humano, água essa que em tais casos aflitivos bem poderia servir ao sustento e conservação da vida. Uma única coisa censuram os marinheiros ao grande arquiteto do universo, embora confessando ter êle tudo feito com sabedoria: é a de haver criado o mar salgado. Pois, dizem êles bôbamente, porque Deus, que é onipotente, ao criar êste grande Todo, em vez de fazer o mar amargo e salgado, a ponto de não ser possível engulir duas colheradas de água marinha sem vomitar tripas e bofes, não o fêz doce e bom de beber? E êsses pobres tântalos, os marujos, loucos de sêde sob a zona tórrida e desejosos de recolher tôda a água possível, distilavam a chuva nos lençóis e ainda aproveitavam a que lhes caía das mãos; e tôda ela os fazia inchar. E mesmo as roupas molhadas se estragam, se não lavadas noutra água, e criam vermes.

Há pior porém. O calor excessivo dessa zona tórrida provoca na região média do ar grandes e freqüentes trovões, principalmente no Equador, e muitas vêzes, tanto de dia como à noite, levantam-se estranhos turbilhões de vento, tão violentos e perigosos que, se encontram um navio de velas sôltas, as rompem, ou rebentam os mastros, por mais fortes que sejam, e o navio sossobra ou vira. Por êsse motivo deve haver continuamente alguém de vigia, sobretudo à noite, a fim de evitar qualquer surprêsa.

Ao ver aproximar-se a borrasca, sibilando, agitando e revolvendo o mar, há ainda tempo de folga para caçarem-se as velas, se se percebe que a tempestade vai ser violenta. Mas essas borrascas não duram muito, em geral, por causa da chuva que de ordinário as acompanha. E tais chuvas a moderam, refrescando um pouco o ardor dos grandes calores dessa região; mas embora o calor seja excessivo durante o dia, as noites, sob a linha equinocial e nas zonas circunvizinhas, são frescas e mesmo frias.

É êsse calor que enriquece a tal ponto o mar, entre os trópicos, de tantas e tão várias qualidades de peixes que, nas zonas temperadas e frias, parecem estéreis os outros mares e o próprio oceano. Entre êsses peixes de diversas espécies, alhures desconhecidos, encontram-se os *golfinhos*, os *dourados*, as *albacores*, os *bonitos*, os *orelhudos* e outros tan-

tos excelentes que pescamos em viagem. Outros peixes existem, a que os marujos chamam *tubarões*, com cinco, seis, sete, oito e nove fileiras de dentes e que os marinheiros recusam comer porque dizem que devoram os homens no mar. Vêem-se *baleias* enormes e *toninhas* aos bandos como os porcos do mato. Quando descobrem um navio, logo se põem a nadar em tôrno e a saltar como se estivessem a brincar para divertir-nos. Há ainda outra qualidade de peixe a que os marujos dão o o nome de *focinho grosso* porque não tem a cabeça pontuda como as toninhas e são muito mais grossos.

Mas dentre todos os peixes existentes nos trópicos não vejo nenhum mais admirável do que os *voadores*, que voam em bandos de número quase infinito, principalmente nas vizinhanças da linha; não são maiores do que os arenques, porém um pouco mais arredondados e têm a cabeça mais chata à semelhança de um pequeno sargo. Alguns possuem duas asas, outros quatro; são elas de couro, como as do morcego, mas em geral mui delicadas, brancas e às vêzes negras. E assim como são muito apreciados pelos homens, em virtude de seu sabor, são também preferidos pelos demais peixes do mar. Dourados, bonitos e outros grandes peixes dão-lhes caça sem cessar, em vista do que o previdente criador dêsses peixinhos não deixou de lhes fornecer armas que os protegessem contra seus inimigos e colocou-lhes essas asinhas a fim de poderem fugir, saindo de seu elemento para se salvarem nos ares. Seu vôo dura enquanto se mantêm molhadas as asas; secando estas, caem êles novamente na água de onde, depois de molhá-las, se levantam de novo caso ainda estejam sendo perseguidos. E parecem assim bandos de estorinhos.

O que há de mais notável nisso é que, alçando vôo êsses pobres peixes para fugir à perseguição dos dourados e bonitos, mal saem da água são logo atacados por certos grandes pássaros permanentemente à espera da oportunidade de devorá-los; de modo que não encontram os voadores segurança nem no mar nem no ar.

Não sei se devo comparar êsses peixes à alma do mundano ou à do justo, pois é o verdadeiro símbolo de ambas. Claro está que se assemelha perfeitamente à do mundano dado a tôda espécie de vícios e disso fazendo alarde. Mergulhado no mar dos prazeres, delícias e volúpias, feito de riqueza, de gulodice e de libertinagem, nunca se sente tranqüilo, mas contìnuamente desconfiado, temeroso, angustiado, empanturrado de remorsos pungentes, dos quais procura libertar-se elevando-se até Deus, mas aos quais logo se vê reconduzido pelo Diabo. Tanto mais quanto as asas de seus desejos são simples veleidades que ao menor sôpro do Dragão infernal secam ante a dificuldade que o mundo imagina acompanhar o abandono do vício. E assim deixa-se mergulhar novamente no lamaçal de onde supunha ter saído.

Bem diferente é o que ocorre com as almas dos justos, dos servos de Deus, as quais, embora agitadas pelo oceano dêste mundo enganador, nunca perdem a coragem e não desejam fugir pelo temor às suas flechas, que êles não hesitam em voltar contra o próprio seio, mas antes, com amoroso anelo de se verem unidos àquele a quem adoram dizem de coração com a Profeta: *Quis dabit mihi pennas sicut columbae; et volado, et requiescam?* Quem, ó meu Deus, quem me dará asas, como aos pombos,

para voar ao vosso seio? E de fato, elevando-se acima delas mesmas e demonstrando-lhes Deus, através dos vivos ataques do Demônio, que permite, que ainda não soou a hora de abandonarem os escolhos do mundo a fim de gozarem de sua glória, voltam às angústias de que desejavam libertar-se e se expõem a todos os sofrimentos que apraz a Deus enviar--lhes até que, após o fogo e a água, sejam conduzidos ao refrigério de sua glória.

Disse isso apenas de passagem e por causa da grande semelhança que encontro entre êsses peixes e os estados de alma a que aludo.

Encontram-se ainda muitas outras espécies de peixes, entre as quais a das tartarugas, que medem às vêzes de dois a três pés e mesmo mais. Aliás essa zona tórrida é tão abundante de peixes grandes e pequenos que quando se guerreiam, como é seu costume, o mar ferve tão ruìdosamente que de longe pode a gente imaginar a existência de bancos de areia, os quais produzem êsse murmúrio e essa ebulição. Mas não se trata disso e sim do que dissemos e que tivemos oportunidade de presenciar isto é, de uma multidão de pequenos peixes, do tamanho de um dedo apenas, cercados por outros peixes maiores que os perseguem para comê-los. Assim a fuga dos pequenos e o ataque dos grandes é que causa êsses redemoinhos.

A essa diversidade tão espantosa é que se referia o Profeta Davi quando em êxtase ante as maravilhas do Oceano dizia: "*Hoc mare magnum, et spatiosum manibas, illic reptilia quorum non est numerus, animalia pusilla cum magnis*". É neste grande e espaçoso mar que se encontra um número infinito de peixes grandes e pequenos; *illic naves pertansibunt;* por êle passarão os navios e louvar-se-ão a admirável sabedoria e o poder do Criador do Universo que deu a êste elemento tal quantidade de peixes, os quais por meio da industriosa estrutura de seus corpos não cessam de elogiar, em sua linguagem muda, o sábio obreiro que os soube construir.

CAPÍTULO IV

Como chegamos à linha equinocial.

NA quarta-feira dos quatro tempos (1), segundo o Pentecostes, dia 13 de junho, lá pelas duas horas da tarde, chegamos felizmente ao Equador ou linha equinocial, a qual, encontrando-se a igual distância de ambos os pólos e de ambos os trópicos, constitui o centro do mundo, ou melhor, seu espinhaço; e aí se deparam muitas coisas em verdade dignas de serem vistas e conhecidas.

Mas como tais coisas só poderiam explicar-se em têrmos obscuros, que, para melhor entendimento, exigiriam longas e talvez confusas digressões, julguei não dever poupar algumas fôlhas escritas a fim de resumir num pequeno tratado o que seja mais necessário ao conhecimento do mundo. E assim o fiz nos três capítulos seguintes, de modo a explicar não sòmente os têrmos aludidos, mas, ainda, a tornar inteligíveis certas particularidades que se observarão na história de nossa missão. Aliás a isso me sentia obrigado em vista das inúmeras perguntas a mim feitas desde minha chegada e da certeza que tenho de contentar o leitor estudioso.

---

(1) Não nos foi possível esclarecer essa expressão. A tradução é aqui literal. (N. do T·).

CAPÍTULO V

Descrição do Globo, na qual se trata em primeiro lugar da parte celeste e em especial da linha equinocial.

ARA melhor compreensão do que está dito acima é necessário considerar que êste grande universo se divide em duas partes principais, uma celeste e outra elementar, embora constituindo em conjunto um só globo no centro do qual os matemáticos imaginam uma linha reta terminando na superfície ou convexidade diametralmente oposta. A essa linha chamam *eixo* da esfera do Mundo, e às duas extremidades chamam pólos, do verbo grego πολεῖμ que significa girar, porquanto tôda a esfera celeste e imóvel vira e gira em tôrno dêles, enquanto êles se conservam perpètuamente imóveis em seus lugares como dois gonzos ou eixos que de ambos os lados sustentam rodas ou globos giratórios. Um dêsses pólos chama-se Ártico por se situar próximo de *Arcturus,* imagem celeste; mas às vêzes o apelidam Setentrional, por estar perto da pequena Ursa, que contém sete estrêlas, e outras vêzes também o rotulam de *Bóraes* porque dêsse lado é que vem o vento bóeras, ou aquilão, ou norte. Ao outro pólo chamam, por oposição, pólo Antártico; mas também o apelidam Meridional, por se achar perto do meio-dia, ou austral por causa do vento austro que de lá sopra.

Quanto ao *Pólo Ártico,* sempre o vemos elevado a quarenta e oito graus sôbre o nosso horizonte de Paris, e assim se conserva permanentemente; o mesmo acontece com o *Pólo Antártico,* o qual, estando sempre sob o nosso hemisfério, não pode ser visto por nós.

Entre os dois pólos divide-se a esfera celeste em cinco partes, por meio de quatro círculos paralelos. Um dêstes é o círculo Ártico, a 23 1/2° 3′ do pólo de igual nome; outro, em sentido contrário, é o Antártico, a igual distância do polo norte. São os círculos polares; e seus nomes derivam dos respectivos pólos. Os dois outros círculos se situam mais para o centro do globo; um dêles é o círculo ou trópico de Câncer, a 42° 54′ do círculo Ártico, e o segundo é o círculo ou trópico de Capricórnio, a igual distância do círculo Antártico. Êstes dois trópicos, dis-

tantes um do outro 47º 6′, constituem os limites a que o sol atinge na sua caminhada de um a outro; e chamam-nos trópicos por causa da palavra grega τροπὸς, que significa retôrno ou volta.

Ora a linha equinocial se encontra entre êsses dois trópicos e a igual distância de ambos, isto é, a 23 1/2º 3', e divide tôda a esfera celeste, de um pólo a outro, em duas partes idênticas de 90º cada uma. Chama-se linha equinocial ou Equador não sòmente porque os que habitam debaixo dela vivem dias do mesmo comprimento que as noites, mas ainda porque estando o sol sob a linha são os dias e as noites iguais em todo o mundo.

Não dão os astrólogos largura alguma à linha equinocial, nem a nenhuma dos círculos da esfera celeste, à exceção do Zodíaco, a que atribuem a largura de uma cinta. Êste círculo contém os doze signos do Céu: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes, a que os gregos davam o nome de ζῶδια donde provém o Zodíaco. A circunferência dêsse círculo é dividida em tantas partes quanto os signos (a que Ptolomeu denominou διοδεμα πμόρια), em doze partes portanto, doze câmaras, domicílios ou casas celestes. Próclus, como os antigos gregos, os chamava ζῶδια, animais; Plínio os intitulava *signa et sidera,* signos ou reüniões de estrêlas, e o vulgo os denomina *constelações.*

Cada um dêsses signos se divide em 30 partes, a que damos o nome de graus e que correspondem a um dia cada um; cada signo vale assim um mês e porisso gasta o sol 30 dias para percorrê-lo e 360 para completar seu giro anual. Doze meses portanto. Em sua largura divide-se o Zodíaco ao meio pela linha eclíptica; cada parte contém seis graus na opinião dos antigos ou, segundo os modernos, oito graus. Dezesseis graus tem por conseguinte o Zodíaco, de largura, e por aí se espalham todos os planetas vagabundos sem o ultrapassarem em suas revoluções.

Sòmente o sol conserva e mantém seu giro natural e anual, exatamente sob a eclíptica do Zodíaco, a qual, por êsse motivo, é considerada o caminho, a estrada do sol, *orbita solis,* de que nunca se afasta.

Quando a lua, desviando-se de seu curso, se acha sob essa linha, oposta ao sol a ponto de ficar a terra entre uma e outro, imediatamente perde a lua a sua luz e escurece, conservando apenas um colorido triste, talvez causado por um leve esplendor das partes circunvizinhas do céu misturado à sua própria opacidade. Fica assim eclipsada, o que só se observa nos plenilúnios. Também o contrário, o eclipse do sol, só pode ocorrer na lua nova, quando esta se acha na mesma linha, mas entre o sol e nós. E como tais eclipses só se verificam sob essa linha, chama-se ela linha eclíptica.

Essa linha, e conseguintemente o Zodíaco, abraça e cerca tôda a esfera, dividindo-a ao meio, não em ângulos retos como os demais círculos precedentes, mas obliquamente pelos dois primeiros pontos dos círculos, diametralmente opostos, de Câncer e Capricórnio. Assim essas duas pontas partem a eclíptica e o Zodíaco em dois semi-círculos iguais: um para a subida do sol quando em direção a nós, começando no primeiro de Capricórnio e terminando no último dos Gêmeos; e outro para a descida do sol, quando nos deixa, e que começa no primeiro de Câncer e termina no

último de Sagitário. E dêsse modo o primeiro de Câncer e o primeiro de Capricórnio são os dois pontos dos dois solstícios do ano, o do verão e o do inverno.

Por outro lado, a linha equinocial divide também em partes iguais o Zodíaco e a linha eclíptica pelos dois primeiros portos diametralmente opostos, de Áries e da Balança; uma dessas partes vai do Equador ou linha equinocial até o trópico de Câncer e a outra da mesma linha até o trópico de Capricórnio, ambas com 180º cada uma. E tão exato é isso que no semi-círculo, aquém da linha equinocial para o Setentrião, se encontram seis signos, chamados setentrionais, que são: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem; e além da mesma linha, em direção ao sul, se acham os outros seis ditos meridionais: Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Eis por que o sol, em seu giro anual pela linha eclíptica, visita as doze casas dos signos celestes e se encontra seis meses além e seis aquém do Equador. A isso se dá o nome de declinação do sol, a qual é tanto maior ou menor quanto mais próximo se acha êle da linha, de um ou outro lado dela. E quando está o sol sob a própria linha não se verifica nenhuma declinação. E como acontece encontrar-se o sol duas vêzes por ano nos dois primeiros pontos de Áries e Balança, forma dois equinócios anuais, o da primavera e o do outono, um na sua ascensão e outro na sua declinação.

Aos 21 de março, subindo o sol em nossa direção, encontra-se êle no primeiro círculo de Áries, exatamente sob a linha equinocial. E como em tal dia não há declinação alguma, em tôda parte as noites são iguais aos dias. É o equinócio vernal ou da primavera que, no pensar dos antigos padres, marcava o início do ano. Êste também era contado da primeira lua nova após o equinócio, porque tão belo ôlho do mundo, voltando a favorecer-nos com seu olhar agradável e nos mostrando sua face alegre, dissipa o frio horrível, aquece a terra gelada e renova-lhe a fôrça e o vigor, pois estava como morta e enfraquecida pelas rudes geadas. Assim a restaura e a fecunda e não sòmente cria de novo todos os animais, mas ainda recoloca na natureza tôdas as cousas inanimadas.

Como o sol não para nunca, passa incontinente e aquém da linha e, subindo em igual número de dias certo número de graus em nossa direção, vem a declinar, separando-se dela progressivamente durante os três meses pouco mais ou menos que emprega para correr os três primeiros signos setentrionais, de Áries, Touro e Gêmeos. E assim crescem os dias contìnuamente até que chegue, em 21 de junho, ao primeiro grau de Câncer, nosso trópico setentrional, onde, terminando a linha eclíptica, que jamais é excedida, se verifica a sua maior declinação na linha equinocial do nosso pólo e se observa a maior altura do sol para o nosso Zênite. É o chamado solstício do verão, não só o mais comprido dia do estio, mas, também, a mais curta noite que tenhamos e que possam ter os habitantes da parte do mundo situada ao norte do Equador. Ao contrário, para os habitantes do hemisfério sul, nossos antípodas, é êsse o primeiro e mais curto dia do inverno, bem como a mais longa noite. Em verdade seus dias começam imediatamente a crescer, ao passo que diminuem os nossos, porquanto o sol recolhe-se de grau em grau pelo semi-círculo de sua declinação, passando durante os seguintes três meses pelos três outros signos seten-

trionais: Câncer, Leão, Virgem. Remonta assim até a linha equinocial onde vai se encontrar, no primeiro grau de Balança, a 21 de setembro, primeiro dia do outono e do equinócio que denominamos outonal. Continuando e completando o seu curso pelos seis signos ao sul do Equador, a 22 de setembro começa o sol a descer pelos três signos meridionais: Balança, Escorpião e Sagitário, até alcançar o primeiro ponto de Capricórnio a 21 de dezembro, maior declínio do sol para essas bandas e também primeiro e mais longo dia do verão, a mais curta noite que possam ter os antípodas, assim como primeiro e mais curto dia do inverno, e também mais longa noite que tenhamos. É o solstício de inverno. Não há aí, como não há no trópico de Câncer, parada para o sol; terminando, porém, a eclíptica, não pode êle ir além e logo principia a voltar para nosso lado pelos três outros signos meridionais: Capricórnio, Aquário e Peixes. É o início de sua ascensão e do crescimento de nossos dias. Aos 21 de março, terminado o seu giro anual, acha-se o sol novamente sob a linha equinocial, e com a primeira retoma o seu curso, repetindo-o eternamente.

Não devo menosprezar a opinião dos mais experimentados pilotos que acreditam, de acôrdo com suas longas observações, que o sol, ao atingir a linha equinocial, pára durante três minutos como que para repousar. Não sendo aqui lugar próprio para discussões, quero apenas lembrar que o sol jamais parou, ou interrompeu seu curso, senão por efeito de milagre. Entretanto, quando se acha sob a linha, no Zênite dos que se encontram em baixo, parece que pára e interrompe o seu curso, porque os dias, as sombras e as noites não sofrem mudança ou diminuïção sensível e que, mais longe de seu apogeu, menos se percebe a sua velocidade do que quando está no seu perigeu.

CAPÍTULO VI

Da parte elementar. De como o mar e a terra formam um só globo redondo e de que modo se mantêm dentro dos limites marcados por Deus.

ELATIVAMENTE à outra parte do mundo, à parte elementar, é preciso saber-se que, tal qual o Empireu, compreende ela todos os céus inferiores, um no outro envolvidos, até o último que é o céu da lua. Êste, portanto, contém por baixo de si os quatro elementos, de tal ordem arranjados que o fogo ocupa a mais alta região, cercando o elemento ar; êste envolve os dois elementos água e terra, os quais não se encontram na ordem natural nem em seu estado normal, pois o elemento terra deveria achar-se coberto pelo elemento água e êste pelo elemento ar, assim como o ar está cercado pelo fogo.

E em verdade assim os criou o grande Deus, o soberano arquiteto. No princípio da criação a terra se encontrava inteiramente coberta e cercada de água, como nos ensina a sabedoria divina do Eclesiastes: *Ego sicut nebula texi omnem terram.* Por certo não tinha então a água a espessura e a densidade atuais; não passava de ligeira nuvem em forma de vapor com a qual a sabedoria divina cobrira tôda a terra e não apenas parte dela. Porisso dizia o Profeta Rei *Abyssus sicut vestimentum amictus ejus,* onde, na tradução hebraica segundo São Lourenço, se escreve: *Abysso quasi vestimento opermisti eam:* o abismo, que não é outra coisa senão a profundidade impenetrável e incompreensível dessa ligeira nuvem era como um lindo manto, um rico vestuário que por todos os lados cobria e cercava a terra. Nesse estado se conservou ela apenas os dois primeiros dias, pois Deus quis que ela mostrasse o seu belo rosto para servir de estrado e de passeio do homem. E se o vestuário cobre apenas algumas partes do corpo terrestre, deixando as outras nuas, é que o Sábio Obreiro o adaptou tão bem à terra que a linda face desta se mostrou incontinente. Foi já no terceiro dia da criação que Deus operou essa maravilha. Tinham as águas subido a grande altura, mas sendo Deus, sem dúvida alguma, mais alto, mais elevado e poderoso, condensou e tornou mais

espêssas as nuvens de água mandando-lhes que se reünissem e se retirassem para o lugar designado pela Divina Providência: *Congregentur aquae quae sub coelo sunt in locum unum, et appereat arida.* Essa foi a ordem dada pelo grande Deus e a imediata obediência de suas insensíveis criaturas a ela se seguiu. *Et factum ist.* E a voz do Onipotente acrescentou: *Ascendent montes, et descendunt campi.*

É de crer que a terra, em seu primeiro estado, tenha sido matemàtimente e perfeitamente redonda, porquanto tôdas as partes, sem nenhum obstáculo, demandavam igualmente o centro comum, pela gravidade e pêso natural. Entretanto, para comodidade do homem, Deus subverte a ordem natural, sobretudo em relação a êsses dois elementos. À voz do Senhor a terra se despoja, as águas se separam; a terra se abre e as águas se juntam; a terra sobe e as águas descem além de seus níveis; a terra levanta-se e se reúnem em determinados pontos acima de si própria, sôbre sua própria base e forma as tremendas montanhas, os vales e as cavernas que vemos, e as águas voltam a se concentrar nas concavidades e abismos da terra.

Jussit, extendit campos, sub sidere valles,
Fronde tegi silvas, lapidosas-surgere montes.

Maravilha dêsse grande Deus! Que transformação e mudança no universo, por causa do homem! À ordem do grande Deus tôdas as criaturas, mesmo as insensíveis, logo se sujeitam e obedecem; sòmente o homem, único racionante, fecha os ouvidos como a víbora.

Mal se reüniram as águas onde se encontram, segundo a vontade de Deus, Sua Majestade Divina lhes deu nomes e as chamou mares, como o testemunha o Divino Topógrafo: *Congregationes vero aquarum appellavit maris.*

Porque, entretanto, se denominam mares e não mar? Estará êsse elemento dividido ou será diferente em suas partes? É que há terras, cabos e promontórios que se estendem mar a dentro; por outro lado também o mar se espraia em largas e espaçosas enseadas terra a dentro, dividindo-a em muitas partes a que chamamos ilhas. Por isso deram-se-lhe vários nomes, distinguindo-se assim diversos mares, muitos dos quais, de resto, têm propriedades e virtudes diversas e, pelo menos na aparência, sabores e côres diferentes. Mas essa diversidade provém tão sòmente do tempo, dos lugares a que se recolhem as águas milagrosamente; a natureza do mar permanece única, bem como a dos rios e das fontes, águas que, tôdas receberam por obra do Espírito Santo, que sôbre elas andou, a faculdade de fecundar, de fazer germinar e de nutrir, como se diz no Gênesis — *Spiritus Domini ferebatur super aquas* — ou a paráfrase caldaica — *Spiritus Dei insufflabat super faciem aquarum.* O espírito de Deus soprava sôbre a superfície das águas, porém *insufflabat,* isto é, o sôpro divino nelas penetrava. Por isso êsse elemento dominou os demais. Através de suas exaltações tempera céu e fogo e integra-se no ar; fertiliza a terra, regando-a por tôda parte por meio dêsse grande e temível Oceano que une e cerca fontes e rios, enseadas e mares e também tôda a terra de um pólo a outro. De sorte que água e mar formam um só

corpo redondo, um só globo no meio do mundo, o centro do grande universo.

Bem sei que muitos gregos, seguindo a opinião de Tales de Mileto, imaginaram a terra semelhante a um navio flutuando sôbre as águas. O contrário, entretanto, ocorre. Constituindo êsses dois elementos um só globo no meio do mundo, fica a terra imóvel, como verdadeiro centro de tôda a esfera do Universo. Pois Deus de tal modo prendeu e fixou o elemento da terra no centro em que se acha, que não pode ela sequer mexer-se ou mover-se do seu lugar. E assim o disse Davi: *Firmavit Deus orbem terrae, qui non commovebitur.* Pelo que cabe ao homem reconhecer a bondade de Deus por lhe haver dado morada tão segura e forte, apesar de não permanente, pois nos promete o Céu, se dignos de tal graça.

A gravidade natural da terra faz com que, em virtude de se encontrar no centro do mundo, não possa mover-se de um lado para outro, oriente, ocidente, setentrião ou meio-dia. E a êsse propósito disse o poeta, referindo-se ao caos:

Nec circumfuso pendebat in aere tellus,
Ponderibus librata suis.

Tanto mais quanto é da natureza da terra descer, por sua gravidade, para ocupar o lugar mais baixo, o mais longe possível da circunferência dos Céus. *Et pressa est gravitate sui.* Com efeito, se ela se movesse ou para o oriente ou para o ocidente, para o sul ou para o norte, mais se aproximaria dessa circunferência. Por outro lado, se se deslocasse para o nosso nadir, ponto oposto à nossa posição vertical, subiria também, assim como se se movesse em direção ao nosso Zênite.

Mas haverá quem deseje saber qual a base da terra e como êsse elemento se pode manter suspenso quando a gravidade e o pêso fazem com que as cousas caiam e desçam. A êsse alguém se responderá ser tal fenômeno um dos efeitos admiráveis da inefável grandeza do onipotente arquiteto. E em verdade essa foi a pergunta que Sua Majestade Divina fêz ao santo personagem Job: "Onde estavas quando lancei as bases da terra? Sôbre que paliçadas foram elas estabelecidas? Sôbre que foram tais alicerces assentados? E quem colocou por debaixo a pedra angular?" Coisa admirável! O centro, a base do centro da terra, não passa de um nada, e nesse nada a gravidade sustém e conserva essa grande massa de terra firme, estável, imóvel, sem encôsto algum para sustentá-la, fora de seu centro que é nada. Eis o que diz o profeta Job: *Qui extendit Aquilonem super nihilum?* Quem estende o aquilão sôbre o vácuo e pendura a terra no nada? Digamos com o Sábio que essa base não é outra senão a sabedoria, a prudência, o poder inefável de Deus. São os três dedos com que, nas palavras do profeta Isaías, a Majestade Divina sustenta o globo da terra.

Ó Deus como sois admirável! Mas se assim o sois na terra quanto mais não o sereis no mar! Pois é certo que *Mirabiles elationes maris, mirabilis inaltis Dominus.*

Tão furioso é êsse elemento do mar que, se não o contivesse Deus, inundaria incontinente todo êsse grande globo da terra e se elevaria mais alto que o cume das mais altas montanhas, como aconteceu por ocasião do Dilúvio Universal no tempo do grande patriarca Noé. Entretanto, para não contrariar a vontade de seu criador, permanece, sem novos milagres, no lugar que Deus miraculosamente lhe determinou e sem jamais ultrapassar os limites prescritos. Assim disse Davi: *Terminum posuisti maris,* ao que a paráfrase caldaica acrescenta *quem non transgredientur neque convertentur operire terram.*

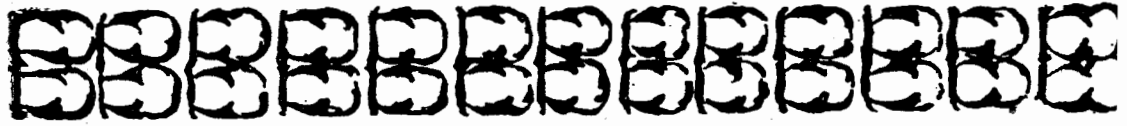
Tão furioso era êsse elemento que para impedi-lo de inundar a terra foi necessário que Deus lhe pusesse portas e o cercasse de muralhas, limites de que nunca sai. "Cerquei o mar de têrmos e limites, declarou Deus a Job, e pus-lhes ferrolhos, trancas e portas e lhe disse: virás até aqui e daqui não passarás e aqui quebrarás tuas ondas entumecidas".

Afirmam os Setenta que tais têrmos e limites são um claustro em que Deus fechou o mar, com proïbição absoluta de daí sair. *Posuei eis terminos circumponens claustro et portas etc.* A paráfrase caldaica diz ser isso um decreto, uma ordenação, uma decisão inviolável. *Conclusi super eo decretum meum, et posui littora quasi pessulos.*

Quereis saber quais êsses têrmos e limites, essas portas, êsses ferrolhos, essas trancas e fechaduras, êsses claustros, que cercam o mar e o impedem de inundar e submergir tôda a terra? São ùnicamente areias movediças, que voam diante do vento, cercando a maior parte dêsse elemento tão furioso e servindo-lhe de muralhas. Pois é o que êle próprio diz: *Posui arenam terminum mari, praeceptum sempiternum quod non praeteribit, et commovebuntur, et non poterunt, et intumescent fluctus ejus, et non transibunt illud.* Cerquei o mar de praias e lhe dei por limites areias movediças.

Mas apesar de serem essas tão baixas e chatas, a ponto de parecerem vales em relação ao mar que lembra alta e medonha montanha erguida por cima delas, como tivemos oportunidade de ver ao longo de tôda a costa da Barbária, patenteiam-se claustro tão sólido e muralhas tão firmes que nunca êsse elemento pode ultrapassá-las nem sobrepujá-las, sem permissão de quem lhe dá ordem.

Brame, ronca e se encrespa constantemente êsse elemento, e com maior fragor do que raios e trovões; suas ondas são terríveis — *ascendunt usque ad coelos, et descendunt usque ad abyssos.* Parece a cada instante querer engulir a terra com suas ondas furiosas que se levantam como que para ameaçar os céus e se abatem em seguida até o fundo dos abismos.

Nubila tanguntur velis et terra carina. Bate sem cessar contra essas portas e muralhas que o cercam, com suas ondas tempestuosas que mais parecem peças e canhões de artilharia capazes de romper trincheiras, demolir os mais fortes castelos e destruir as maiores cidades. E no entanto jamais pôde, nem nunca poderá, vencer essas barreiras, areias movediças e frágeis, por ser isso a vontade de Deus. *Praeceptum sempiternum quod non praeteribit comnovebuntur, etc.* Pois as criaturas irracionais, ao contrário do homem, racional, não desobedecem ao seu Criador.

CAPÍTULO VII

Do movimento, fluxo e refluxo do mar e da dificuldade de passar a linha equinocial

SSE grande elemento que cobre com suas ondas a maior parte da terra, estendendo-se, como um belo e rico vestido, de norte a sul, acha-se contìnuamente num estado tal de movimento, tão admirável em verdade, que os mais raros espíritos do mundo não lhe conseguem deslindar as causas. Quem até hoje soube compreender as molas de seus fluxos e refluxos?

Alguns acreditam que Aristóteles se precipitou no Euripe a fim de que êste o compreendesse, pois que êle próprio não podia compreender os princípios e as razões dos movimentos do mar. Quem, depois dêsse grande filósofo, pôde descobrir o meio de desatar êsse nó górdio tão difícil e dar-nos com segurança uma razão precisa do admirável movimento dêsse temível oceano? E êsse movimento não se faz do Pólo Ártico ao Pólo Antártico, nem vice-versa, como acreditam alguns. Pois se êsse elemento apenas rolasse de norte para sul e de sul para norte, não seria muito de admirar; mas o que nos maravilha é saber que o mar, caminhando para o Pólo Antártico, executa ao mesmo tempo o trajeto contrário, o que provoca, embora em lugares diferentes, movimentos antagônicos. E na ocasião que o mar se retira do nosso Pólo Ártico, também regressa do Antártico, ambas as partes refluindo no meio do oceano. Marés e refluxos se entrechocando sob a linha equinocial; encrespa-se o mar incontinente, entumece-se e cresce durante todo o tempo que dura o refluxo. Nesse estado grosso, e alto como altas montanhas, começa o mar a dilatar-se e a baixar. Quanto mais se dilata mais se abaixa sob a linha; e quanto mais se abaixa nesse centro do mundo, mais o mar cresce e se dilata para os dois pólos, rolando por cima de areias, quebrando-se contra as praias e as costas por meio de suas ondas maravilhosas que se chocam contra as águas dos rios e regatos, inundando os campos, enchendo fossos e concavidades, entumecendo e crescendo por tôda parte até a vinda do sudoeste. Quando assim se dilata em nossa direção, para as extremidades do mar, chamam a maré de fluxo, sendo o refluxo a sua retirada para o Equador.

Fluxo e refluxo se verificam duas vêzes nas vinte quatro horas, pois durante cinco horas mais ou menos o mar flui para o norte e para o sul e põe de seis a sete horas para operar o refluxo. Como o estado da lua não é igual, porém, irregular, em seu crescimento ou seu decréscimo, também desigual se mostra o movimento do mar, não tanto por causa das tempestades e do inverno, que o tornam mais violento e grosso, ventos e borrascas detendo-lhe ou apressando-lhe o curso segundo são favoráveis ou contrários, mas principalmente porque o fluxo e refluxo dêsse Oceano são diferentes de acôrdo com as diferentes fases da lua. Ora as águas são altas, ora baixas; ora crescem, ora diminuem.

Mais ou menos no segundo e décimo-sexto dias da lua, isto é, cêrca de dois dias após a lua cheia e a lua nova, temos nas costas de França mar grande e cheio, na opinião de todos os mestres pilotos, os quais também observaram que no Maranhão e circunvizinhanças o mar cheio se verifica mais ou menos dois dias antes de nós, talvez por se acharem êsses lugares perto da linha. Aos nove e vinte e três dias da lua estão as águas baixas ou mortas e a isso chamamos mar morto; aos décimo-segundo e décimo-quarto dias da lua o mar começa de novo a crescer e subir; aos quinto e décimo-nono dias principia a decrescer e baixar. Durante sete dias cresce e lhe damos então o nome de águas vivas; ao contrário, nós os chamamos águas mortas durante os sete dias em que decresce.

Inúmeras causas naturais foram lembradas para explicar o fluxo e refluxo do Oceano e alguns os atribuíram às concavidades da terra; mas tal disposição recíproca disso não pode provir. Outros os explicam por uma forma substancial ou propriedade interna, porém um corpo simples com uma só forma só pode ter um movimento. Outros ainda os atribuem ao ardor do sol; como se explicaria entretanto o fluxo do mar durante a noite? Mas a maioria, observando a simpatia e a afinidade do mar para com a lua, em seu fluxo e refluxo, os atribuem a uma influência dêste planeta. Embora apresente certa probabilidade essa opinião, que é a de pessoas gradas e notáveis, não deixa de ser obscura. Se por influência da lua tais pessoas entendem o movimento, ou a luz, ou alguma virtude oculta, como se explicaria que não produz os mesmos efeitos em todos os mares e enseadas existentes debaixo do céu? Por que um dos dois Euripes tem em vinte e quatro horas sete fluxos e refluxos e o outro não tem nenhum, o mesmo ocorrendo nos mares Mediterrâneo, Adriático e muitos outros, que pouco ou nada sentem essa influência? Por que a água do mar desde o cabo da Palma, a quatro graus além da linha, até o cabo das Três Pontas, um espaço de cêrca de 110 léguas, tem curso irregular e diferente? Pois, como observaram alguns excelentes pilotos, a água reflui para o Equador durante 15 dias, de um lado do cabo de Palma, e durante 15 dias do outro; e quando cresce a lua, por que nesse mesmo lugar corre a água para este e sudeste? E quando ela decresce, para oeste e noroeste? Não há dúvida que a lua domina sôbre o mar, como sôbre muitas outras coisas, mas não parece que seja a causa do fluxo e refluxo do mar.

Talvez a causa dêsse admirável movimento resida em alguma virtude recôndita do céu no lugar em que imaginamos a linha equinocial

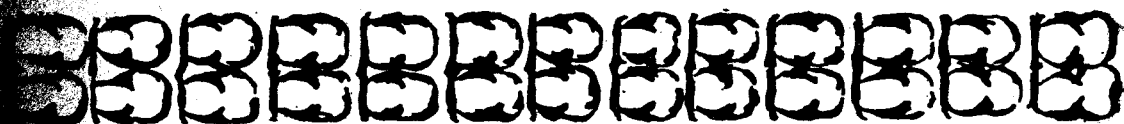
tão cheia de maravilhas, a menos que se queira atribuir essa causa a uma inteligência como em relação ao movimento dos céus.

Pois como explicar que as águas do mar se reúnam sob a linha, vindas de tôdas as partes do mundo, a não ser em virtude de alguma fôrça oculta que aí as atrai e reúne, tal como o ímã atrai o ferro? E como explicar que aí essas águas que se levantaram grandemente se vejam forçadas, em virtude de seu próprio pêso, a baixar, se, abaixando, se dilatam e têm seu refluxo? Há nisso uma grande providência de Deus para comodidade do homem.

São a reünião e receptáculo dessas águas, fluxo e refluxo dêsse grande oceano, que, por se fazerem sob a linha equinocial, tornam êsse elemento de um acesso tão difícil e muito trabalhosa a passagem da linha equinocial; porquanto nunca se pode aproximar essa linha senão na época do fluxo ou do refluxo, que nesse estado aí se encontra sempre o mar, embora mal se perceba, por causa da imensa massa de água. Se tentardes passar no tempo do fluxo, sereis açoitado pelas ondas contrárias que não raro vos farão voltar ao lugar de onde partistes. Se pensardes avançar a favor do refluxo, com as águas que correm para a linha, talvez o possais fazer, mas, no continuar para além da mesma, surgirá a dificuldade, pois as ondas do refluxo caindo sôbre vós, empurrando-vos e repelindo, serão uma forte barreira bem difícil de vencer.

As mesmas dificuldades encontradas nessa passagem se repetem por ocasião do regresso segundo as experiências de pilotos e marinheiros verificadas tanto na ida como na volta. Para passar essa linha, de um lado como de outro, é preciso vento muito favorável que ajude a subir e vencer êsse salto, pois sem isso corre-se o risco de aí ficar por muito tempo, principalmente em se encontrando calmarias. Isso aconteceu a muitos que tiveram essa honra de por aí permanecer de três a quatro meses consumindo seus víveres; e conta-se que uma certa personagem, tendo-se demorado de cinco a seis meses, se viu obrigada a retroceder sem poder passar a linha.

Se aí chegando sobrevierem calmarias, estareis em perigo de vida por causa do calor insuportável, a debilidade, as moléstias, a corrupção dos víveres, a podridão das águas e da carne e também do pão que se enche de vermes e de pequenos bichos semelhantes aos percevejos e que sereis forçados a engulir em quantidade.

Deus concedeu-nos a graça de passar essa linha bastante fàcilmente e com felicidade, sem calmarias. Os que ainda não as tinham passado cumpriram a lei irrevogável que exige seja o novato molhado com um balde de água do mar, jogado à cabeça quando pela primeira vez se encontra nesse lugar; ou que seja mergulhado três vêzes de cabeça para baixo dentro de um barril cheio dessa água, operações após as quais recebe a senha que o preserva no futuro de iguais processos mediante a promessa de nunca dizê-la a outros que não tenham passado a linha e sofrido essa cerimônia marítima de particular solidariedade.

CAPÍTULO VIII

Descrição de Fernando de Noronha e continuação de nossa viagem até a Ilha Pequena.

EPOIS de passarmos a linha, encontramos, no domingo 18 de junho, à altura de 4 graus, três grandes embarcações portuguêsas que vinham das Índias Orientais. Depois de nos reconhecermos recìprocamente e chegarmos ao alcance de um tiro de canhão, seguimos nossa rota sem nada indagarmos uns dos outros. Poucos dias após, chegamos a Fernando de Noronha, que principiamos a ver e descobrir no sábado, 23 de junho, pelas sete horas da manhã. Achávamo-nos a cêrca de dez léguas e deparamos grande quantidade de pássaros voando sôbre o mar e dando caça aos peixes. Isso nos revelou que não estávamos longe, de acôrdo com a experiência dos pilotos nesse lugar. À noite do mesmo dia, aí chegamos; e no domingo, dia do glorioso precursor de Jesus Cristo, São João Batista, ancoramos diante da ilha que se encontra a três graus e três quartos de altura e a oito e meio de variação da agulha. Tem essa ilha cinco a seis léguas de circunferência; é muito bonita e agradável, com uma das melhores terras que se conheçam, naturalmente vigorosa, extremamente fértil e capaz de produzir grande variedade de produtos e de dar grandes lucros. Aí permanecemos quinze dias para refrescar e aí encontramos muitos melões, gerimus (1), batatas, ervilhas, favas e outros frutos excelentes, bem como grande quantidade de milho (2) e de algodão, além de bois, cabras selvagens, galinhas comuns, maiores que as de França, e principalmente uma grande multidão de pássaros de diversas espécies desconhecidas em nossa terra. Eram inumeráveis, e o que mais nos alegrava era serem bons de comer e fáceis de caçar, pois não sòmente se deixavam matar no ar e nas árvores a vare-

---

(1) GYROMON — fruict excellen. — *Gerimu*, Cucurbitácea (*Cucurbita maxima*, Duch.) — De *ya* cabaço, *yurú* bôca, gargalo, *mi* estreita: cabaço de bôca ou gargalo estreito.

(2) MAIS — plante. — *Mais, Mays* ou *Maize*. — Gramínea (*Zea maïs*, Linn.) o milho. — Não é vocábulo tupi; pertence à língua haitiana, e foi conhecido na Europa desde a primeira viagem de Colombo (Vide *Auattyy*, nota 3, pág. 161).

tadas, mas deixavam-se pegar em seus ninhos sem se mexerem. Tais pássaros eram igualmente numerosos na Ilha do Fogo, próxima de Fernando de Noronha. Uns eram do tamanho de gansos e capões e outros menores, como pombos, e em sua maioria punham seus ovos no capim ou mesmo na terra, donde não se retiram nem a pontapés, com mêdo talvez de esmagarem os ovos. É incrível a quantidade de pássaros que aí existem e incrível a facilidade com que são apanhados; eu mesmo jamais acreditaria se o não visse e o não experimentasse pessoalmente. Consumíamos por dia mais de cem dúzias, sem que se verificasse a menor diferença na quantidade, sem que o número parecesse diminuir.

Entre êsses pássaros há uns, a que chamam tesouras por terem a cauda bipartida, que, sem filhotes para retê-los em terra, permanecem geralmente duzentas a trezentas léguas no mar numa contínua caça a êsses pobres peixes voadores de que já falamos; estão sempre no ar, de asas estendidas, e repousam nas nuvens. Isto me leva a crer que Deus, o Criador, que na sua admirável providência deu a tôdas as criaturas meios de conservação suficientes, proveu a êsses pássaros de uma bôlsa grande de couro alaranjado, debaixo da garganta, a qual, sempre cheia de vento, permite que pairem no ar e serve ao mesmo tempo de armazém ou depósito para a sua alimentação.

Entre as árvores mais notáveis dessa ilha, uma há muito bela e agradável de ver; tem as fôlhas bem verdes e bastante semelhantes às do loureiro. Se por acaso as tocamos com a mão e em seguida levamos as mãos aos olhos, sentimos uma dor violenta, tão aguda que por três a quatro horas perdemos o uso da vista. No mesmo lugar se encontra uma outra espécie de árvores, que a divina bondade aí colocou como antídoto, cujas fôlhas, como se viu da experiência de alguém do nosso grupo, têm a propriedade de acalmar essa dor e restituir a vista em se esfregando os olhos com elas. Ignorando a malignidade dessas árvores, muitas pessoas da nossa expedição se viram extremamente atormentadas com as dores provocadas pelo toque involuntário das fôlhas. Entre outros casos pude ver o de um de meus amigos que, abaixando-se como eu para passar sob uma dessas árvores, bateu com a aba do chapéu num galho; não sei como isso aconteceu, mas o fato é que no mesmo instante, e na minha presença, principiou a sentir essa dor e essa cegueira.

Trata-se em verdade de um verdadeiro símbolo do pecado mortal, na aparência exterior agradável, sorridente, convidativo; quando, porém, tocado com a mão das obras e o consentimento de uma vontade determinada, faz perder a graça que é a vista da alma e provoca imediatamente uma dor viva, pungente remorso. O profeta Davi falava por experiência, pois logo após haver tocado a árvore maldita, cheio de dor, dissera lastimando-se: *cor meum conturbatum est, dereliquit me virtus mea, et lumen oculorum meorum et ipsum non est mecum.* Meu coração está perturbado, minha virtude abandonou-me e a luz de meus olhos já não está comigo. Essa dor pungente, êsse agudo remorso jamais deixarão àquele que, pelo toque voluntário da árvore maldita, voluntàriamente se priva da luz interior de sua alma, a menos que lance mão das fôlhas da verdadeira árvore da vida da Santa Cruz, fôlhas essas que são o mérito do Nosso Salvador, que na cruz sofreu curando-nos de tôdas as feridas

dessa árvore do pecado, como se diz no Apocalipse: *Folia ligni sunt ad sanitatem gentium.* As fôlhas dessa árvore da Cruz destinam-se à salvação e à cura dos gentios.

Como habitantes, encontramos nessa ilha um português e dezessete a dezoito índios, homens, mulheres e crianças, todos escravos e para aí exilados pelos moradores de Pernambuco. Parte dêsses índios foi batizada e dois dêles casados depois de têrmos plantado a cruz no meio de uma capela que arranjamos para a celebração da santa missa. Tanto os pobres índios, como o português, tantas finezas receberam dos srs. de Rasilly e de la Ravardière que, ao saberem de nosso projeto de plantar no Maranhão a fé e a crença no verdadeiro Deus, e ao serem inteirados de que levávamos quatro capuchinhos, pediram-lhes com insistência para que os tirassem da ilha e os levassem com êles, o que ditos senhores fizeram de bom grado, para maior alegria dos pedintes e consôlo dos parentes e amigos dêles que moravam no Maranhão (3).

Após quinze dias na ilha Fernando de Noronha, partimos a 8 de julho, domingo, pelas seis horas da tarde, conduzindo em nossa companhia os índios e o português.

Na quarta-feira, 11 de julho, começamos a ver, pela manhã, as montanhas dos canibais, princípio da terra do Brasil. Sabe Deus com que alegria, com que satisfação e contentamento víamos as terras tão desejadas e que, para encontrar, havia quase cinco meses, partíramos de França e vogávamos pelo mar! Nesse mesmo dia nos encontramos lá pelas doze horas, à distância de meia légua diante da enseada de Mucuru (4). Costeando sempre a terra, vimos na manhã da quinta-feira, 12 de julho, uma alta montanha muito a prumo. Beirando uma terra baixa, chegamos ao cabo das Tartarugas, distante dessa montanha quinze léguas mais ou menos, e aí ancoramos às cinco horas da tarde. Êsse cabo se encontra a dois graus e dois terços de altura e dez graus e um oitavo de variação da agulha.

O lugar é muito belo, maravilhosamente agradável, com excelentes frutos para comer e grande quantidade de caça. O mar que banha essas costas e os lagos da terra firme é abundante de peixes de inúmeras espécies, cousa admirável pela variedade e pela diferença com os nossos. Nesse lugar permanecemos cêrca de treze dias à espera de mar alto para irmos ao Maranhão. Durante a nossa estada no lugar, nossos companheiros matavam o tempo caçando e pescando. Entre outros peixes que pegaram havia grande quantidade de roncadores, assim chamados porque fora do mar principiavam a roncar, ao contrário dos outros peixes que não gritam nunca, e assim permaneciam a grunhir como leitõezinhos.

Tendo-nos demorado aí até têrça-feira, 24 de julho, nesse dia nos pareceu estar o vento de feição para acabar a nossa viagem; levantamos ferro, porisso, logo pela manhã e continuamos nossa rota sempre pela

---

(3) MARAGNAN — terre du Brésil. — *Maranhão,* vocábulo de étimo incerto, que não parece tupi.

(4) MOUCOURU — Ance. — *Mucuripe,* enseada na costa do Ceará, formada pela ponta do mesmo nome — Pode ser *mucur-y-pe* no rio das *mucuras* (Marsúpios do gênero Didélfis).

proximidade da costa. Passando junto ao rio Camuci, (5) vimos à sua margem uma montanha muito grande e alta que penetrava terra a dentro e se denominava Ibiapaba (6). Seguindo ao longo de um terreno baixo e de terra vermelha, vimos na quarta-feira, 25, as primeiras areias brancas.

Finalmente, favorecendo Deus nossos desejos e intenções, alcançamos sem maiores danos o pôrto, situado numa pequena ilha à entrada da grande enseada do Maranhão, a qual dista da Ilha Grande doze léguas. Aí, onde se encontravam dois navios de Diepe, fundeamos na quinta-feira, 26, dia da bem-aventurada Santa Ana, mãe da sacratíssima Virgem Maria. Foi um dia notável e na verdade um dia de graça. O nome Ana em hebraico quer dizer graça, dom benigno; ora, beneficiando-nos Deus naquele dia solene com a nossa chegada a bom pôrto, era sinal evidente da graça e do grande favor que êle fazia a êsse pobre povo, oferecendo-lhe tão liberalmente plena remissão de todos os pecados pela recepção do Santo Sacramento do Batismo que lhe íamos administrar, com risco de nossas vidas e tendo apenas em vista, como recompensa e salário, tirar essa gente do êrro e fazer dos filhos do Diabo, e herdeiros do inferno, filhos de Deus e, por sua santa graça, co-herdeiros da glória do Paraíso.

---

(5) CAMOUSI — riviere. — *Camocim*, no Ceará. — *De cambu-chi* vaso d'água, pote, cântaro, tina.

(6) IBOUYAPAP — une fort grande & tres haute montagne. — E' a serrania entre o Ceará e o Piauí, que temos visto em documentos antigos *Ibuapaba, Buapaba, Boapaba*, etc.; atualmente *Ibiapaba*. — De *yby* terra, *ypab* levantamento, elevação. Há outras explicações.

CAPÍTULO IX

De nossa chegada à Ilha Pequena ou Santa Ana; do aviso dado aos índios do Maranhão; da bênção da ilha e de como nela se plantou a cruz.

EUS, por sua divina bondade, nos fêz a graça de chegarmos à Ilha Pequena, chamada pelos índios Ipaun-mirim (1) e que é completamente deserta. Abrigados os navios, fêz-se uma bela e grande cruz para ser solenemente chantada no domingo seguinte.

Enquanto se preparava a cruz, e no intuito de não perder tempo, achamos de bom alvitre mandar emissários à Ilha Grande do Maranhão, a fim de prevenir os índios da nossa chegada e perguntar-lhes se ainda tinham a mesma vontade de outrora de receber os franceses. Visava êsse nosso gesto evitar ofendê-los e surpreendê-los.

O sr. des Vaux, de quem já falamos no início dêste livro, foi encarregado pelos srs. loco-tenentes-generais dessa embaixada. Partiu êle no dia seguinte para a Ilha Grande, onde convocou uma reünião na Casa Grande dos principais e anciões (2), a fim de dizer-lhes que, de acôrdo

(1) VPAON MIRY — islette. — *Ypaun-mirim* ilha pequena. E' a atual ilha de Sant'Ana, que, segundo C. d'Abbeville (pág. 53), foi assim denominada pelo senhor de Rasilly por haver aí aportado no dia da festa daquela santa; por causa da condessa de Soissons, que se chamava Ana e era parenta de Rasilly, informa d'Évreux, circunstância esta última que o nosso autor omite.

(2) CARBET — O autor não define êste têrmo, mas de suas palavras infere-se que seria o lugar das reüniões públicas, o "parlamento" dos índios. O vocábulo ocorre nas relações de todos os viajantes americanos. Rochefort dá como têrmo caraíba, significando casa pública. Littré regista-o, sem indicar procedência, como casa grande dos selvagens das Antilhas. Será mesmo importação caraíba, mas considerado o largo uso que dessa palavra fizeram Léry, Hans Staden e outros, tratando dos Tupinambás, não é descabida a hipótese de procedência tupi por *ocára* = *ocár* particípio de *og*: o que cobre ou tapa a cêrca, o cercado, o pátio, e *pe*, locativa, mudada em *be* por serem articulações labiais sucedâneas, exprimindo o todo — na cêrca, no pátio, onde de fato se realizavam as reüniões, o *carbet*. — Essa hipótese sugere-me o mestre Dr. Capistrano de Abreu, com fundamento nos *Diálogos do Brasil*, Dial. V, onde ocorre a palavra *carpe*, como casa redonda levantada no meio das aldeias, aonde os índios se reüniam quando tinham de determinar qualquer guerra.

com seus desejos, mostrara ao nosso muito grande e poderoso Rei a vontade que tinham de serem seus súditos, de reconhecê-lo como o seu soberano monarca e de receberem dêles um grande guerreiro e valente capitão para protegê-los e defendê-los contra seus inimigos, permanecendo sempre amigos e aliados dos franceses. Assim o tinham sido de há muito e era de esperar que continuassem a comerciar com os franceses que continuariam a trazer-lhes de França as mercadorias de que necessitassem; mas como tal não podia ser feito sem que abraçassem a nossa religião e conhecessem o Deus que adoramos, assegurara êle, des Vaux, à Sua Majestade, em seus nomes, que estavam dispostos a ser batizados e muito contentes por se tornarem cristãos, como em verdade lho haviam prometido. E que nosso muito poderoso Rei, extremamente satisfeito, mandara assegurar-lhes que os teria como fiéis amigos e os defenderia sempre contra os inimigos, uma vez que se batizassem e aceitassem a religião; para isso lhes enviava quatro *Paí êtê* (3) isto é, quatro grandes profetas, a fim de instruí-los e catequizá-los; e que êsses profetas vinham em companhia de um grande morubixaba (4), (assim chamam o rei e seus loco-tenentes) e muitos soldados para defendê-los, sustentá-los e protegê-los. E disse-lhes ainda que todos haviam ficado na Ilha Pequena com seus navios e grande carga de mercadorias, pois não os quisera trazer para a Ilha Grande antes de preveni-los e de saber se ainda desejavam recebê-los. "Se assim o quereis, disse-lhes, eu os irei buscar imediatamente e os trarei aqui; caso contrário, não há necessidade de tanto trabalho. Se mudastes de opinião, não irão êles além do lugar onde estão e voltarão comigo para a França novamente."

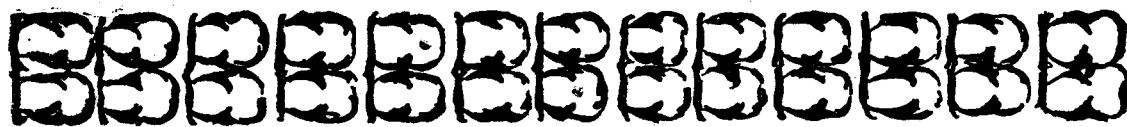
Deram-lhe os índios esta resposta: "Nós nos admiramos de que tendo vivido tanto tempo conosco não conheças ainda nosso gênio e nosso modo de proceder; por que nos fazes tais discursos como se tivéssemos por hábito faltar a nossa palavra? Alegramo-nos muito com a vossa chegada que já esperávamos há muito tempo, de acôrdo com a tua promessa; porisso pedimos que nos tragas os Pai e o morubixaba de que nos falas; e prometemos recebê-los com tôda a boa-vontade, pois o desejo que temos de vê-los e de obedecer às suas ordens é grande". Reconhecendo o sr. des Vaux a boa fé dos tupinambás, comunicou-se com os loco-tenente-generais pedindo-lhes que continuassem a viagem até a Ilha Grande.

Enquanto se realizavam essas negociações, ficamos com a equipagem no pôrto da Ilha Pequena à espera da resolução dos índios. Terminada a grande cruz que mandáramos fazer, saltamos à terra no domingo, 29 de julho. Depois da bênção cantou-se o *Veni creator* na praça em

---

(3) PAY ÉTÉ — grand Prophete. — *Paí* padre, sacerdote, frade, e *etê* verdadeiro, legítimo. — Os guaranis também usavam essa expressão com significado correlato. *Paí* será talvez de origem portuguêsa ou espanhola; na língua existe *tub* ou *tuba* para dizer o pai, e *abaré* homem diferente, para designar o padre, sendo êsse último vocábulo de aquisição cultural.

(4) BOUROUUICHAUE — ainsi appellent ils le Roy, et les Lieutenans Generaux — *Morubixaba.* No *Tesoro* vem *Mburubichá*, que se compõe de *pó* continens, y *tubichá* grande, el que contiene en si grandeza, Principe, Señor. — Há outras explicações.

que a cruz fôra construída e fomos em procissão até o local onde devia ser plantada, numa iminência ou colina, distante do pôrto cêrca de mil passos. Na procissão cantamos as ladainhas de Nossa Senhora. O sr. de Rasilly e todos os principais de nossa equipagem carregavam a cruz aos ombros com grande respeito e devoção, com os olhos cheios de lágrimas e tomados de alegria sem igual. Logo depois de chegarmos, iniciamos o *Te-deum laudamus,* depois do que foi a cruz benzida com tôda a solenidade e em seguida a uma pequena exortação. Benzemos também a Ilha Pequena a que o sr. de Rasilly batizou de Sant'Ana por aí têrmos chegado no dia da festa dessa santa. A seguir chantou-se a cruz, enquanto o sr. de la Ravardière mandava dar salvas aos navios em demonstração de alegria e que nós cantávamos o hino *Vexila regis prodeunt.* Assim os estandartes e as insígnias de nosso Rei Jesus Cristo se achavam agora desfraldados ao vento. Finalmente, erguida a cruz, foi ela adorada por todos os católicos, com tanta devoção e ternura quanto era a nossa alegria por têrmos chegado e visto tão gloriosamente arvoradas as insígnias de Jesus Cristo nessa terra infiel que até então só tinha produzido cardos e espinhos de maldição, mas iria doravante produzir os doces frutos da graça pelos méritos da paixão de Nosso Senhor que vive e reina com o Pai e o Santo Espírito na eternidade dos séculos.

CAPÍTULO X

Da nossa entrada na ilha do Maranhão e da localização do forte

ERMINADAS essas cerrimônias, e tendo o sr. des Vaux nos comunicado a boa disposição dos índios, saiu o sr. de Rasilly, à nossa frente, da ilha Pequena ou de Sant'Ana para a Ilha Grande, levando consigo bom número de franceses. Na Ilha Grande foi êle muito bem recebido pelos índios que lhe fizeram mil agrados, testemunhando por todos os modos a alegria que sentiam pela sua chegada. Por tôdas as aldeias por onde passava, comunicava-lhes, por intermédio do sr. des Vaux, ter vindo da parte do nosso mui grande e poderoso Rei de França para viver e morrer com êles, seus bons amigos e aliados, e também para defendê-los e protegê-los contra os inimigos. Dizia ainda que lhe trouxera quatro *Paí* para ensinar-lhes o verdadeiro Deus e batizá-los, logo que o conhecessem, tornando-se assim seus filhos. "Êsses *Paí*, dizia êle, cientes de vossa vontade e do desejo que tendes de vê-los, logo chegarão a *Jeviree* (1) (pôrto da Ilha Grande onde haviam combinado encontro em determinado dia). É preciso que eu vá recebê-los e que alguns dentre os principais e dentre vossos anciões compareçam também, demonstrando dessa maneira vossa alegria pela sua chegada".

Com isso concordaram os índios.

Verificando o sr. de Rasilly a boa-vontade dos índios, pelo acolhimento que lhe fizeram, escreveu-nos para a ilha de Sant'Ana contando o que se passara e recomendando-nos que nos achássemos na Ilha Grande, no pôrto de *Jeviree,* a 6 de agôsto. Ali iríamos esperar.

À vista do conteúdo de sua carta, partimos da Ilha Pequena ou Sant'Ana a 5 de agôsto pela manhã, numa embarcação de dezesseis ou

---

(1) IEUIRÉE — qui est un port en la grande Isle; (pág. 144) c'est à dire les fesses esguisées. — *Y.* d'Evreux escreveu *Yuiret.* — A significação do texto pode reportar-se a *ebiré,* de *ebi* traseiro, as nádegas, e *ré* diverso, diferente, disfarçado, quiçá aludindo à conformação topográfica do pôrto referido. A rigor seria *tebiré,* porque *ebi,* em composição, vem sempre precedido do *t* genérico ou absoluto, como em *tebira* ou *tebiró* nefandus, *tepitambóca* hemorróidas, e outras.

de dezoito toneladas, acompanhados pelo sr. de Pézieux, muito digno e virtuoso fidalgo do Delfinado, e de outros franceses da equipagem. Com a ajuda de Deus, no dia seguinte do mês, dia da gloriosa transfiguração do nosso salvador Jesus Cristo, chegamos a *Jeviree* na Ilha Grande do Maranhão, habitada por índios e selvagens tupinambás (2), êsses tesouros e pedras preciosas que procuramos em tão longa viagem e através de tantos perigos. Para desembarcar mudamos os nossos hábitos de pano grosso e vestimos os de sarja parda, que trouxéramos de França na previsão do grande calor da zona tórrida. Diferençavam-se êsses hábitos dos que usávamos de costume ùnicamente pelo fato de serem mais leves e de fazenda mais fina.

O sr. du Manoir, que se achava em *Jeviree* com muitos franceses, tanto de sua equipagem como da do capitão Gerard, sabendo da nossa chegada, e ciente de que o sr. de Rasilly não viera ainda e nem podia vir antes de duas horas, mandou alguns de seus criados à nossa barca, que se encontrava há mais de um quarto de légua da terra, a fim de cumprimentar-nos e oferecer-nos pão, vinho e carne em abundância. Também os índios, sabendo de nossa chegada, por nos terem visto da praia, e não querendo aguardar o nosso desembarque que lhes parecia demorado, cheios de dedicação e curiosidade embarcaram em suas canoas e vieram visitar-nos. E logo à primeira vista trataram-nos como se estivessem acostumados a ver-nos, conversando conosco familiarmente. Ao chegar a *Jeviree,* o sr. de Rasilly mandou buscar-nos por algumas canoas, visto não poder acostar a nossa barca. Vestidos os quatro de sobrepelizes brancas, e empunhando bastões com cruzes e crucifixos nas extremidades superiores, desembarcamos na companhia do sr. de Pézieux, vindo os demais franceses em outras canoas. O sr. de Rasilly aguardava-nos na praia juntamente com o sr. du Manoir e grande número de franceses, gentis-homens e soldados, tanto da nossa equipagem como de quatro ou cinco capitães de Diepe que havíamos encontrado no pôrto, e ainda grande multidão de índios e selvagens reünidos para o espetáculo.

Mal entramos na canoa e começaram os remeiros a remar em direção da terra, vimos, maravilhados, inúmeros índios lançarem-se a nado para nos encontrar e trazer os seus agrados. E assim acompanhados chegamos afinal, graças à bondade divina, ao lugar tão desejado.

Ao descermos da canoa e pormos o pé em terra, ajoelhou-se o sr. de Rasilly e ajoelharam-se os outros franceses; e depois de nos têrmos saüdado e abraçado, comecei a entoar o *Te deum laudamus,* caminhando processionalmente com essa bela companhia francesa que marchava em formação seguida por grande multidão de índios; derramavam todos

---

(2) TOPYNAMBA — Indiens et sauvages. — *Tupinambá.* — Dos escritores antigos o que mais se aproximou da grafia tupi dêsse nome, entre os estrangeiros, foi C. d'Abbeville. Léry escreveu *Toüoupinambaoult;* Hans Staden *Tuppinambas;* Y. d'Évreux *Tupinambos,* etc. — O vocábulo tem sido explicado diversamente. Burton na introdução ao *The Captivity of Hans Stade,* faz derivar o nome de *tupi-anama-aba* "people related to *Tupis*"; Sampaio, de *tupi-nãmba* descendentes dos tupis. Qualquer das duas interpretações é satisfatória tanto etimológica como etnogràficamente.

lágrimas de alegria pelo fato de sermos os primeiros a gozar dessa felicidade de entrar com confiança na terra dos infiéis, e a tomar posse dêsse novo reino, em nome do Rei dos Reis, do Redentor do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. E louvamos a grandeza de Deus entoando em altas vozes cânticos de louvores entre êsses povos, até então rebeldes à Majestade Divina e que caminhavam em procissão, cheios de júbilo pela vista agradável dos divinos raios da doutrina evangélica que com tanta bondade lhes oferecia o salvador do mundo, sol verdadeiro de justiça.

Findos o *Te deum laudamus* e algumas outras orações devotas, retiramo-nos os quatro, juntamente com os sr. de Rasilly e de Pézieux, para a casa do sr. du Manoir onde nos foi oferecido um banquete tão magnífico quanto poderia ser em França e no qual havia grande abundância de tôda espécie de caça e de carne, tudo preparado ao gôsto francês; e não faltou bom vinho; nem sobremesas. Entretanto, não se fartando os índios, permitimos aos principais e aos anciões que nos viessem cumprimentar, o que fizeram a seu modo e com a cordialidade de praxe; os demais índios, que não tinham permissão para entrar, olhavam-nos com atenção através das tábuas, de que era construída a nossa casa, sem demonstrar nenhum temor, o que nos era dado perceber pelo respeito natural que nos tributavam.

Depois da refeição, despedindo-nos do sr. du Manoir, achamos de bom alvitre embarcarmos os quatro, em companhia do sr. de Rasilly, nos pequenos botes dos ditos capitães de Diepe e passarmos para a outra banda do mar, a uma légua ou légua e meia distante de *Jeviree*, um pouco abaixo do lugar que já havíamos escolhido para a construção do forte. Como aí chegássemos já um pouco tarde e não houvesse uma só casa, fomos obrigados a nos abrigar sob as grandes árvores próximas da praia, a fim de descansar e passar a noite.

Desejando os índios mostrar sua alegria e contentamento pela nossa chegada, logo pela manhã muitos se encaminharam para junto do sr. de Rasilly e de nós quatro, pondo-se a construir choupanas (3) e cabanas de ramos de palmeiras, para nossa moradia, enquanto se praparava o lugar escolhido para o forte. Próximo a êste, demarcamos um terreno onde se deviam construir uma capela e uma casa para nossa residência. Rotearam êles também uma bela praça, no alto de uma pequena colina próxima do local, cortando tôdas as árvores da vizinhança e tornando-a tão limpa quanto possível para que levantássemos uma barraca e nela colocássemos o altar portátil que carregávamos conosco.

---

(3) AIOUPAUES — petites cabanes. Sob esta grafia reconhece-se fàcilmente *ajoupa*, como ocorre no léxico francês. — Rochefort (*Histoire Naturelle et Morale des Iles Antilles de l'Amérique*. — Rotterdam, 1658-ps 522) lhe atribui origem caraíba, significando "un appenty, un couvert, ou un auvent". Littré consigna *ajoupa*, sem indicar procedência; mas cita duas passagens da novela *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, onde o têrmo aparece. — Paul Gaffarel (*Etymologies Americaines*. — Dijon, 1899, ps. 38) aceita o étimo de Rochefort, acrescentando; "...ce fut d'abord le sobriquet sous lequel les insulaires des Antilles désignèrent les capucins..." — No tupi existe o equivalente *teyupáb*, de onde provém *tejupá* rancho, pouso, de *teyy* do povo, da gentalha, e *upáb* sítio, conforme Batista Caetano. — No contacto das duas línguas, qual seria a primitiva possuïdora do têrmo não é fácil dizer.

No domingo seguinte, dia 12 de agôsto, cada um de nós celebrou o santíssimo sacrifício da missa. E isso com tal alegria que me parece mais fácil dar a imaginar que descrever; limito-me apenas a dizer que não foi sem mistério que Deus, na sua divina providência, quis que nesse dia, em que a Igreja Romana (e particularmente a nossa Ordem) celebre a festa da bem-aventurada Santa Clara, fôsse, pela primeira vez no lugar, oferecido o santo sacrifício com que iluminou êsse Novo Mundo, pela nova luz dêsse verdadeiro sol divino, nosso Salvador, Jesus Cristo; pois nesse mesmo dia, outrora, iluminou o mundo pela nova luz do nome, da vida e dos milagres da gloriosa santa.

Desnecessário me parece perguntar se essas pobres criaturas se compraziam no espetáculo de tão belas cerimônias da celebração do santo mistério, principalmente ante os lindos ornamentos de que nos revestimos. Bem sentiam que debaixo disso tudo se achavam os mistérios que não compreendiam, e não lastimavam o tempo gasto na contemplação de tão admirável ritual.

Quando chegamos ao ofertório, fechamos a porta da barraca por não permitirem as ordenações da Igreja que êsse divino mistério seja presenciado por infiéis. Mostraram-se então muito pesarosos e espantados, não só por se privarem da satisfação de ver, mas ainda por se julgarem ofendidos com o gesto. E mesmo entre os católicos muitos se escandalizaram, pouco instruídos que estavam dessa separação entre catecúmenos e infiéis, não sem grandes razões ordenada pela Igreja durante o divino mistério do ofertório. Finalmente conseguimos fazê-los entender e, compreendendo os índios que só podíamos admitir nessa ocasião os batizados, que são incluídos entre os filhos do grande Tupã (4), logo manifestaram o desejo de se instruírem e batizarem, a fim de gozar as graças e participar dos frutos admiráveis conferidos pelo Salvador do Mundo, que lhes dávamos a entender estar presente de fato nesse Santíssimo Sacramento. Desde então, ao fechar-se a barraca, quando assistiam à missa, de bom grado se retiravam, contentando-se com imaginar o que não podiam ver. Assistiam, porém, aos batismos até o fim como os franceses.

Enquanto permanecemos nesse lugar, sob as árvores e nas choupanas, não nos faltaram víveres, pois porfiavam êsses selvagens em no-los fornecer em abundância. Tôdas as manhãs vinham grupos de bons velhos, com mulheres e crianças, carregando cêstos pequenos, feitos de fôlhas de palmeiras, e cheios de peixes pescados durante a noite e de cousas semelhantes, úteis à nossa alimentação.

Entretanto os srs. de Rasilly e de la Ravardière, desejando construir um forte, tanto para a segurança dos franceses como para a defesa do país, escolheram uma bela praça, muito indicada para êsse fim por se achar numa alta montanha e na ponta de um rochedo inacessível e mais elevado do que todos os outros e donde se descortina o terreno a perder de vista; assim entrincheirado, formando um baluarte do lado da terra

---

(4) TOUPAN — dieu. — *Tupã*, que entre as várias explicações contidas nos autores comporta a de *tub-am* pai alto, elevado, — acorde com as idéias que desde cedo introduzira a catequese.

firme, é inconquistável e tanto mais forte quanto cercado quase por completo por dois rios muito profundos e largos que desembocam no mar ao pé do dito rochedo, onde se acha o único pôrto da ilha do Maranhão capaz de abrigar navios de mil a mil e duzentas toneladas, os quais nêle podem fundear com segurança.

Reconhecendo os índios a necessidade dêsse forte, por ser tanto de seu interêsse como do nosso, começaram imediatamente a trabalhar com muita alegria e boa-vontade, edificando logo cabanas para os franceses, feitas de pequenas árvores de doze, quinze e vinte pés, conforme a altura desejada. Enterrando essas árvores no chão, umas ao lado das outras, prendiam-nas em seguida com outros paus atravessados, com barrotes e vigas. Por cima estendiam ripas e cobriam tudo com fôlhas de palmeiras, pindoba (5), em sua língua, de tal modo arranjadas que a chuva não penetrava de modo algum e que por dentro a cabana se revela muito interessante na sua disposição.

Em pouco tempo construíram várias cabanas dessas, de um e dois andares, e mais um grande armazém para o qual transportaram, êles próprios, tôda a carga de nossos navios. E com o auxílio dos franceses acharam jeito de montar no forte, embora fôsse muito alto, vinte canhões grandes para a defesa.

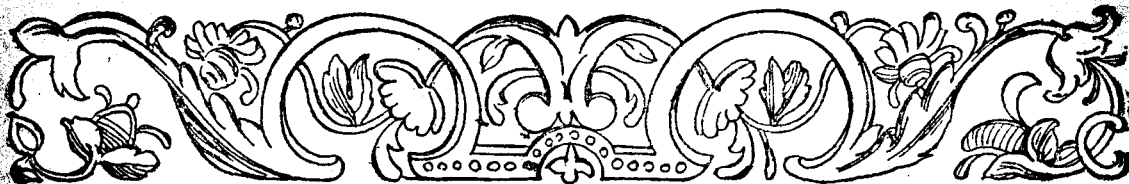
Junto ao forte há uma grande praça tão cômoda quão admirável. Nela se encontram belas fontes e regatos, que são a alma de uma cidade, existindo também tôdas as comodidades desejadas, como sejam paus, pedras, barro e outros materiais que tornam a construção barata.

A mil ou mil e duzentos passos dêsse local, deparamos com um belo e aprazível lugar, onde existe uma fonte, particularmente bonita, de excelentes águas vivas e claras. Correm para o mar e é a fonte cercada de palmeiras, guacos, murtas e outras árvores maravilhosamente grandes e copadas, sôbre as quais se vêem muitas vêzes monos, macacas e micos que vão beber água.

Nesse lugar delicioso, derrubaram os índios tupinambás grande número de árvores e, um pouco acima da dita fonte, construíram uma cabana espaçosa e comprida para servir-nos de habitação, e outra ao lado para a capela e a celebração do santo sacrifício da missa. E deu-se a êsse conjunto de construções o nome de *Convento de São Francisco*.

Quanto aos franceses que não quiseram ficar residindo no Forte, conforme combinado de início, foi-lhes permitido retirar-se, como o fizeram, em grupos de dez ou doze, e residir nas aldeias, onde lhes aprouvesse, hospedando-se com os índios que os haviam convidado.

---

(5) PINDO — Palmiers. — *Pindó* ou *Pindoba*. De *pin* raspar ou alisar, e *tob* fôlha, que tal era seu primitivo destino. — O abrandamento do *t* em *d* é muito freqüente.

CAPÍTULO XI

Notável discurso de Japi-açu, principal da Ilha do Maranhão, e de algumas perguntas que nos fêz.

NQUANTO ainda nos achávamos abrigados sob as árvores e dentro das choupanas, ao pé do forte, poucos dias após nossa chegada, Japi-açu (1), principal de Juniparã (2) e grande morubixaba da Ilha do Maranhão, mandou um dos nossos intérpretes de nome Migan, natural de Diepe, ao sr. de Rasilly a fim de convidá-lo para ir à Casa Grande e lá armar sua rêde, de acôrdo com o costume, junto às dos principais índios que aí se reüniriam a fim de com êle tratar de assunto importante. E como desejava que seu discurso fôsse ouvido palavra por palavra, pedia que lhe respondesse também às suas perguntas à proporção que fôssem feitas. Ante o relatório do sr. Migan o sr. de Rasilly mostrou-se muito satisfeito; mandou imediatamente armar a sua rêde de acôrdo com o costume do país e nela se colocou logo na companhia dos índios. Também nós aí nos encontramos e pouco depois Japi-açu fêz em sua língua o seguinte discurso ao sr. de Rasilly.

"Estou muito contente, valente guerreiro, com o fato de teres vindo a esta terra para fazeres a nossa felicidade e nos defenderes contra os nossos inimigos. Já começávamos a nos aborrecer por não vermos chegar os guerreiros franceses sob o comando de um grande morubixaba; já tínhamos resolvido deixar esta costa e abandonar esta região com

---

(1) IAPI OUASSOU — nom du Principal de l'Isle de Maragnan... (pág. 141) c'est à dire le petit grande oyseau bigarré, qui est un des beaux & plus rares oiseaux des Indes — O nome dêsse chefe indígena domina as duas relações, a do Padre d'Abbeville e a do Padre d'Évreux. A atual denominação do pássaro é *Japim* (*Cassicus cela*, Linn.) com o qualificativo *açu* ou *guaçu* grande; aquêle admite explicações várias, entre as quais, por melhor definir o objeto, é preferível a que o faz derivar de *y* (demonstrativo: o que, aquêle que tem), *a* cabeça, e *pié* fina ou delgada.

(2) IUNIPARAN — village; (pág. 141) c'est à dire, *Iunipap* amer. — Difícil de explicar, com a significação dada; amargo seria *rób* e não *ran*. — Como em Bettendorf ocorre *Ianiparana*, pode-se supor o sufixo *rana* com o significado próprio: similhante, parecido.

receio dos peró (3), nossos inimigos mortais, e havíamos deliberado embrenhar-nos por esta terra a dentro até onde jamais cristão nos visse, e estávamos decididos a passar o resto de nossos dias longe dos franceses, nossos bons amigos, sem mais pensarmos em foices, machados, facas e outras mercadorias, e conformados com voltar à antiga e miserável vida de nossos antepassados que cultivavam a terra e derrubavam as árvores com pedras duras.

Deus, porém, teve pena de nós e te mandou para cá, não como os naturais de Diepe, pobres marinheiros e negociantes, mas como um grande guerreiro trazendo consigo muitos outros bravos soldados para defender-nos e *Paí* e profetas para nos instruir na lei de Deus.

Alcançarás grande fama entre as altas personalidades por terdes deixado um país tão belo como a França, tua mulher, teus filhos e todos os teus parentes, a fim de vires habitar esta terra, a qual embora não seja tão bela como a tua, e não tenhas aqui tôdas as comodidades que poderias ter, te dará grande alegria, porque nela encontrarás caça em abundância e frutos, e o mar e os rios cheios de uma infinidade de peixes, e um povo valente que te obedecerá e te ajudará na conquista de tôdas as nações vizinhas. Tu te acostumarás fàcilmente a nossos víveres e acharás que nossa farinha em nada é pior do que o teu pão, pois de teu pão já comi muitas vêzes.

No que diz respeito às casas, fortalezas e outras obras manuais, nelas trabalharemos todos a fim de que sejas forte e poderoso contra todo o mundo; e contigo morreremos. Nossos filhos aprenderão a lei de Deus, vossas artes e ciências, e com o tempo se tornarão vossos iguais; haverá então alianças de parte a parte, de modo que já ninguém pensará que não somos franceses.

Aliás estou grandemente satisfeito com o fato de nos teres trazido *Paí* e profetas, pois os malditos peró que tanto mal nos fizeram não faziam outra coisa senão censurar-nos não adorarmos a Deus. Miseráveis! como poderíamos adorá-lo se não nos ensinavam antes a conhecê-lo e adorá-lo?

Sabemos tão bem quanto êles que há um Deus que criou tôdas as coisas, que é bom e que nos deu alma imortal.

Acreditamos ainda que por causa da maldade dos homens e para castigar-nos Deus fêz o Dilúvio, apenas escapando a êste castigo um bom pai e uma boa mãe de quem descendemos todos. Éramos uma só nação, vós e nós; mas Deus, tempos após o dilúvio, enviou seus profetas de barbas para instruir-nos na lei de Deus.

Apresentaram êsses profetas ao nosso pai, do qual descendemos, duas espadas, uma de madeira e outra de ferro e lhe permitiram escolher.

---

(3) PERO — c'est à dire Portugais — *Peró.* — E' vocábulo que não pertence à língua tupi. Entre os cronistas e historiadores do Brasil há larga discussão quanto a sua origem. Remetemos quem pelo assunto se interessar ao magistral artigo de Cândido Mendes de Almeida (*Notas para a História Pátria*) — in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XLI, parte 2.ª, ps. 7 usq· 141), onde o problema histórico-etimológico é estudado com muita lucidez, e onde se encontra uma completa resenha bibliográfica a respeito.

Êle achou que a espada de ferro era pesada demais e preferiu a de pau. Diante disso o pai de quem descendestes, mais arguto, tomou a de ferro. Desde então fomos miseráveis, pois os profetas, vendo que os de nossa nação não queriam acreditar nêles, subiram para o céu, deixando as marcas dos seus pés cravadas com cruzes no rochedo próximo de *Potiiû* (4), que tu viste tão bem quanto eu (disse dirigindo-se a Migan).

Depois disso surgiu entre nós a diversidade das línguas, pois antes tínhamos a mesma. De modo que nos entendendo mais, massacramo-nos e comemos uns aos outros, fazendo o jôgo de Jurupari (5). Depois de tantas misérias, para cúmulo de nossa infelicidade, essa maldita raça dos peró veio tomar nossa terra, esgotando esta grande e antiga nação e reduzindo-a a pequeno número como deves saber que é atualmente.

Mas agora não tememos mais nada, porque tu chegaste e, com tua boa gente, tornarás nossa nação tão grande quanto foi outrora.

Aliás tenho grandes esperanças em tua bondade e em tua brandura, pois parece-me que em teus modos guerreiros há u'a maneira amável, própria a uma personagem que nos governará com sabedoria; e te direi a êsse propósito que quanto mais um homem é grande de nascença e quanto maior autoridade tem sôbre os outros, mais brando, obsequioso e clemente deve ser. Pois os homens, especialmente os desta nação, mais fàcilmente se levam pela brandura do que pela violência. Quanto a mim, sempre pratiquei essa máxima com aquêles que tive sob meu comando e sempre me dei bem. Sempre observei também essa brandura entre os franceses, pois, se não os tivéssemos achado bons, teríamos afundado nas matas, onde ninguém nos poderia seguir, e teríamos vivido de frutos e raízes que Deus nos deu e de que temos conhecimento.

Quanto aos nossos costumes de matar os escravos e de usar cabelos compridos, furar os lábios, dançar etc., entregamo-nos a ti e faremos o que quiseres nos ordenar. Os peró maltrataram-nos outrora e praticaram contra nós muitas crueldades, sòmente porque tínhamos os lábios furados e usávamos os cabelos compridos, que de resto êles mandavam raspar como sinal de ignomínia. Tu nos dirás a êsse respeito qual a tua vontade e, depois de ouvir-te, faremos o que quiseres."

Não houve na companhia quem não se maravilhasse ao ver e ouvir discorrer êsse valente e venerável ancião. E o sr. de Rasilly assim lhe respondeu.

"Louvo grandemente tua sabedoria, velho amigo dos franceses, pelo fato de, considerando a miséria e a cegueira de tua nação, não só relativamente ao conhecimento do verdadeiro Deus, mas, também, das coisas

(4) POTYIOU — lieu. — *Potingi* ou *Potengi*, rio, no Rio Grande do Norte. Em Marcgrav *Potiy*. — De *poti* camarão, *y* rio.

(5) IEROPARY — le diable. — *Jurupari*, o demônio incubo, um gênio da mitologia tupi. O nome é suscetível de explicações várias; entre tôdas afigura-se-nos mais racional a de Batista Caetano, por *y-ur-upá ri* o que vem a, ou sôbre a cama, porque inclui a idéia de pesadelo, que o vocábulo exprime nos dicionários, e que o índio, por não poder explicar, atribuía a causas sobrenaturais, como à visita de um gênio malfazejo enquanto dormiam. Aliás, não é outra a origem do francês *cauchemar*, do inglês *night-mare*, do holandês *nagt-merrie*, em que o mesmo radical *mar*, *mare*, *merrie*, tem o sentido geral de incubo, demônio, etc.

necessárias ao uso do homem, te alegrares com a minha chegada e com o meu projeto de residir na tua terra. Com efeito teria sido lamentável que tua nação, outrora tão grande e tão temida e hoje tão pequena, se perdesse inteiramente nos longínquos desertos entre as mãos de Jurupari e se visse privada não só da bela luz e do conhecimento do grande Tupã, mas ainda da convivência dos franceses e das mercadorias que sempre vos forneceram durante a época das perseguições movidas pelos peró.

Isso de tal sorte comoveu a coragem de meu Rei que êle me mandou para vos auxiliar, tanto com o meu conselho, como com a minha bravura e a dêsses valentes franceses que vos trouxe. Não foram nem a beleza nem as riquezas de tua terra que aqui me conduziram, pois não há país mais belo sob o sol, nem mais rico, que a França. Foi apenas o desejo que tenho de ver vossas almas, depois de vossa vida, preservadas da danação eterna, e dos tormentos de Jurupari e conduzidas cheias de felicidade ao céu, com Deus e com os bons cristãos que são seus filhos e aí descansam em sua companhia. Foi também o desejo de salvar de vossos inimigos os vossos corpos, os vossos bens e as vossas famílias. Eis os dois motivos que me levaram a vos procurar.

Não lamento ter deixado meu país, minha mulher, meus filhos e meus parentes; e enquanto tiverdes vontade de servir e adorar o verdadeiro Deus, de serdes fiéis e obedientes aos franceses, eu não vos abandonarei. Quando às comodidades que dizeis ter eu deixado em minha pátria, confesso que são grandes e sem nenhuma comparação com as daqui; mas é próprio aos efeminados e aos que não têm a coragem guerreira pensar em coisas tão vis. Eu me acostumarei fàcilmente a todos os incômodos e a qualquer espécie de vida, pois a guerra é minha profissão.

Quanto ao auxílio teu e dos teus na construção das fortalezas, deveis saber que serão elas para a segurança e retiro vosso tanto quanto nosso. Nossa permanência será um bem e fará a riqueza de vosso país, de vossos pósteros, os quais serão doravante iguais a nós e saberão tôdas as belas coisas que sabemos.

Quanto à crueldade dos peró, antes que desembarquem novamente neste país, terão que roubar-me a vida e a de todos os franceses. Com relação aos costumes antigos que praticais, por loucura da ignorância, os costumes de matar e comer escravos, bem sabeis o que todos vós prometestes antes de nossa vinda; portanto, aqui não ficarei se não abandonardes por completo êsse hábito diabólico e tão contrário à vontade de Deus. Quanto aos cabelos compridos, não me desagrada que assim os conserveis, ao contrário; quanto aos lábios furados, desejaria que vós mesmos abandonásseis êsse absurdo costume, mas se não o desejardes fazê-lo não vos farei nenhuma censura, embora os que dêle se abstiverem por amizade para comigo eu os apreciarei mais particularmente. Quanto a vossas danças, acho-as boas quando se fazem no intuito de distração como fazemos as nossas.

Quanto às leis que desejo estabelecer entre vós, só vos darei as de Deus e as que temos em nosso país; meu govêrno será muito brando e conduzido pela razão. Nesse ponto não apreciaste mal o meu gênio,

mas será necessário que também de vosso lado sejais tratáveis e bons para com os franceses. Quanto aos maus, que se mostrarem astuciosos e filhos de Jurupari, digo que não vim aqui para êles, mas sim para os bons e para os que querem ouvir os *Paí* e obedecer-lhes. Êles aqui estão para te responder ao que perguntastes acêrca de Tupã, do dilúvio e dos antigos profetas."

Imediatamente o Padre Ivo, que aí se encontrava, tomou a palavra e assim falou a Japi-açu:

"Tudo quanto disseste de Deus, que criou tôdas as cousas, o céu, o ar, o mar, tudo o que existe no mundo, é verdadeiro. Sua justa cólera contra os pecadores ingratos aos seus benefícios, a vingança pelo dilúvio, a vinda de profetas entre vós, os sinais que vistes, como os viram muitos franceses, nas pedras de Potiiú, a separação das línguas entre vós, as guerras, os assassínios e as perseguições dos peró, tudo isso é verdadeiro. Tais desgraças e castigos acontecem a todos aquêles que não querem ouvir a palavra de Deus pela bôca dos profetas e preferem dar ouvidos à maldita persuasão de Jurupari, inimigo mortal do homem.

Mas se Deus, que é infinitamente bom, depois de castigar durante muito tempo os pecadores, os vê humilhados, e como que reduzidos a nada, ouve os que a êle recorrem e os tira da miséria e os torna mais felizes do que nunca. Deveis pensar no exemplo de vossos pais de não fazer agora o que êles fizeram outrora. Porque Deus nos mandou aqui, pela última vez, para ver se desejais ser filhos dêle; se fôrdes imprudentes e miseráveis a ponto de não nos ouvirdes, sereis àinda mais desgraçados e vossa nação ficará inteiramente arruïnada. Se, porém, vos submeterdes à vontade de Deus, se ouvirdes sua palavra e seguirdes seus mandamentos, nunca sereis abandonados por nós, que morreremos em vossa defesa, e nem pelos bons franceses que jamais deixarão o país enquanto nêle estivermos."

O venerável ancião Japi-açu prestou enorme atenção a tais discursos, do mesmo modo que os demais índios presentes, e assim replicou:

"Estou extremamente satisfeito com vos ver e jamais faltarei à minha palavra. Mas admira-me muito que vós outros *Paí* não desejeis mulheres. Descestes do Céu? Nascestes de pai e de mãe? Não sois homens como nós? E porque, além de não quererdes mulheres, ao contrário dos outros franceses que conosco negociam há quarenta e tantos anos, vós agora ainda impedis de que os vossos companheiros usem de nossas filhas, o que reputamos grande honra, porquanto dêles podem ter filhos?"

Até então isto lhes parecera com efeito favor muito grande e, vendo agora que os franceses de nossa companhia não agiam com a mesma liberdade dos nossos antecessores, julgavam essa abstinência um desprêzo para êles e era isso um motivo de grande descontentamento para as suas filhas, algumas das quais cheias de desespêro diziam que se iriam retirar para as matas por não serem queridas pelos franceses a que chamavam seus bons compadres.

Assim lhe respondeu o reverendo padre Ivo:

"Muito me espanto de tuas palavras e mesmo as estranho, pois podes verificar se somos ou não homens formados de corpo e alma, nascidos de pai e mãe, como tu, e não criaturas que desceram do céu. Pois embora nossas almas tenham origem imediata em Deus, que as cria dentro dos corpos organizados no ventre da mãe, entretanto jamais estiveram no céu e por conseguinte não podem ter descido de lá, e menos ainda os nossos corpos como parece que o imaginas.

Sendo homens como tu, não estamos isentos da morte, desgraça inevitável e sentença sem apêlo do grande Tupã. Todo homem deve morrer, como castigo pela falta de nosso primeiro pai.

Quanto às mulheres, Deus nos ordena que jamais nos casemos; e nos proíbe terminantemente a sua companhia a fim de que mais puramente o possamos servir, porque deseja que seus sacramentos sejam manejados sòmente pelos que vivem na castidade.

Quanto aos outros cristãos, seus filhos pelo batismo, Deus lhes dá a liberdade de casar ou não, e permite-lhes terem uma mulher sòmente, assim como as mulheres um só marido que nunca devem deixar; e se assim o fizerem, se se separarem, não permite Deus que procurem outro, porquanto os homens que têm muitas mulheres, e as mulheres que se entregam a muitos homens, não são verdadeiros filhos do grande Tupã, mas escravos de Jurupari, o Diabo.

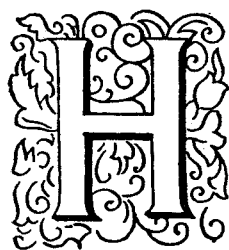
Se algum de vós deseja ser filho de Tupã e receber o santo batismo, é preciso que se resolva a deixar a pluralidade de mulheres permitida entre vós. A vós cabe decidir. Nada temos com isso, pois aqui não viemos para vos obrigar ao que quer que seja, mas sim para vos ensinar com a máxima brandura possível qual o verdadeiro Tupã e como se deve servi-lo e adorá-lo.

Se os franceses recusam vossas filhas, não somos nós que o impedimos; mas lembramo-lhes que são filhos do grande Tupã e nessa qualidade não devem desobedecer a seus mandamentos. Aliás é coisa muito desonesta prostituirdes assim vossas filhas e elas se entregarem a qualquer um como fazem. Bem mostrais, assim fazendo, que sois filhos de Jurupari. Se desejais portanto escapar aos tormentos que êle vos prepara, é imprescindível que abandoneis todos êsses costumes condenáveis e obedeçais aos dos verdadeiros filhos de Tupã."

A tais palavras replicou o bom velho que muito lhe aprazia têrmos falado com franqueza e que não devíamos estranhar suas perguntas; que, de resto, entre os peró (assim afirmava êle) alguns outrora, que se diziam *Paí* haviam procurado persuadi-los de cousas semelhantes. Que de sua parte não deixaria de contar aos seus, que ali não se encontravam, as grandes maravilhas que ouvira e de que se sentia encantado juntamente com os outros presentes.

Depois disso cada qual se retirou para seu lado. Mas nós desconfiamos de que a verdadeira causa dessas perguntas era uma certa estranha história que ja tínhamos sabido dos franceses e que mais tarde ouvimos dos próprios índios como se verá do capítulo seguinte.

CAPÍTULO XII

História de certo personagem que dizia ter descido do céu.

Á sete anos mais ou menos, certo personagem, cujo nome e qualidades calarei por mais de uma razão, sabendo que os índios tupinambás, que habitavam antes no trópico de Capricórnio, se haviam refugiado na Ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas para escapar ao domínio dos portuguêses, saiu de Pernambuco (1) com um seu companheiro, alguns portuguêses e de oito a dez mil índios, entre mulheres e crianças, todos da mesma nação. Não se sabe se suas intenções eram boas ou se o guiava um intuito mau. Mas foi por certo estranha resolução, ou particular objetivo, que o levou a empreender tão longa viagem de quinhentas a seiscentas léguas através de florestas tenebrosas, horríveis desertos e grandes incômodos, e também a aprender a língua dos ditos índios de modo a dela se servir tão perfeitamente quanto os naturais do país.

Fêz o trajeto por pequenas jornadas, acomodando-se aos mais fracos de sua comitiva. Alimentou-se esta, durante a viagem, ùnicamente de raízes que extraíam da terra, de frutos colhidos nas árvores, de peixes e pássaros que apanhavam e de outras espécies de animais, e também de farinha que carregavam; e quando esta lhes faltava, paravam para plantar a mandioca (2) e se demoravam no lugar até que estivesse no ponto para a fabricação da farinha. Nada representava para essa pobre gente a fadiga de tão longa e penosa viagem, de tal modo respeitavam o personagem e tal amizade lhe tributavam por ter êle adquirido entre os índios a reputação de Profeta.

---

(1) FERNAMBOURG — nom de lieu. — *Pernambuco.* — A grafia do autor, como a de seu confrade d'Évreux, induz a hipótese de que o vocábulo se derive de *Fernam* (Fernando) e *bourg* cidade, castelo, povoação; entretanto, a palavra é genuìnamente tupi e desde cedo aparece mais ou menos alterada nas cartas geográficas e nas relações dos viajantes. Seu étimo é por demais conhecido; *pará-nâ* semelhante ao mar, e *puca,* gerúndio supino do verbo *pug* rebentar, arrombar, furar, etc., exprimindo o todo, o rombo ou furo do lagamar, em alusão ao estuário formado pela confluência dos rios Capibaribe e Beberibe, que na cidade de Recife se lançam ao mar. — O nome designa ainda semelhantes acidentes topográficos no percurso da costa do Norte, que é ladeado dos recifes naturais, onde há passagens de águas.

(2) MANIOT — racine. — *Mandioca* (Vide *Manioch,* nota 63, pág. 179).

Dava-lhes êste a entender, por encantamento ou malícia, não ser homem nascido de pai e mãe como os demais, mas ter saído da bôca de Deus, o qual o fizera baixar à terra para lhes anunciar a palavra divina. Dizia-lhes ainda ser êle quem tornava a terra fértil, por meio do sol e das chuvas a que comandava, e, em suma, que lhes outorgava todos os bens e alimentos que tinham. Soube por pessoas da comitiva que quando tinha necessidade de vinhos e outras coisas, atrasava-se um bocado e erguendo os olhos dizia em voz clara: "Meu Deus, meus pobres soldados carecem de vinho", ou de outra coisa, "e peço-vos que lhes deis o que precisam". E logo depois lhes traziam algumas garrafas de vinho ou o que pedira, e lhes afirmava que Deus o enviara, o que causava geral espanto. De modo idêntico agia para obter água quando ela se fazia necessária à tropa que o acompanhava; pois após ter dito sua prece, ordenava a alguém de cavocar a terra no lugar escolhido, assegurando que ela ali se encontraria. E com efeito, segundo me afirmaram os que o viram, jamais errou embora antes nunca tivesse havido água no lugar. Essa e outras coisas o tornavam muito estimado dêsse povo que não sabia como explicá-las.

Quando lhe suplicavam que comesse ou bebesse, recusava, assegurando não ter precisão como os outros homens de alimentar o corpo para viver; nutria-se de um licor que Deus lhe mandava do céu. E em verdade nenhum índio jamais o viu comer ou beber enquanto permaneceu em sua companhia. O companheiro alimentava-se como os outros; e quando o personagem entregava aos índios as coisas que Deus, por seu intermédio como afirmava, lhes enviava, o companheiro participava, com os soldados, da distribuïção; mas o profeta nada queria, a não ser sua carne celeste, como dizia. Se tomava outro alimento era tão às escondidas que ninguém o via e sem dúvida de acôrdo com o companheiro. Assim pensavam a seu respeito os mais argutos.

Ao chegar êsse personagem, com tôda a sua comitiva, ao país dos canibais, acamparam todos na montanha chamada *Cotiba* (3), onde havia sete a oito aldeias de índios que, cientes da chegada dessa gente, tudo tinham abandonado refugiando-se na grande montanha de Ibiapaba, a cêrca de uma légua de Cotiba.

Essa montanha de Ibiapaba é muito alta, sendo necessário quatro horas para alcançar-lhe o cume. Aí se depara um grande e largo planalto, muito bonito, com mais de vinte e quatro léguas de comprimento e vinte de largura, donde o nome de Montanha Grande. Encontram-se também aí boas fontes e rios de água doce e, coisa admirável, com abundância de peixes desconhecidos na baixada. Há ainda grandes campos e inúmeras florestas repletas de muitas qualidades de pássaros e de outros animais excelentes para se comerem, o que é de maravilhar. Por outro lado é um lugar de residência extremamente agradável por causa da temperatura do ar, nem muito quente nem demasiado fria, o que faz seja a montanha muito habitada, nela existindo mais de duzentas aldeias de índios.

(3) COTIOUA — petite montagne... au haut de laquelle il y avoit sept ou huict villages d'Indiens — Quiçá *Cotyba*, de *có* roça, e *tiba* lugar, pouso, ou exprimindo abundância, freqüência.

Ao chegarem a essa montanha, narraram os habitantes de Cotiba a causa de sua fuga diante do bando que ameaçava sua aldeia. Imediatamente puseram-se em campo alguns dos moradores da montanha, juntamente com os franceses aí residentes, dirigindo-se para Cotiba que acabava de ser invadida pelos portuguêses e índios de Pernambuco.

Enquanto êstes se fortificavam dentro de uma das aldeias encontradas desertas, os de Ibiapaba se entregaram durante tôda a noite ao corte de árvores, edificando, na manhã seguinte, um forte ao sopé da montanha, a cêrca de uma légua de distância do exército inimigo. A maior parte dos moradores de Cotiba, vendo o esfôrço feito pelos seus amigos de Ibiapaba, que haviam esposado sua causa, a êles se uniu, entrincheirando-se e fortificando-se sòlidamente contra o inimigo.

Dias após, mais animados e sentindo suas fôrças crescerem com a coragem, resolveram aproximar-se mais do inimigo construindo outro forte, apenas a meia légua de distância e, em seguida, mais seis, o último dos quais ao alcance de um tiro de arcabuz, junto do lugar onde se achava entrincheirada a expedição de Pernambuco. E assim se guerrearam cruelmente durante seis semanas, morrendo alguns portuguêses e muitos índios de Pernambuco. Vendo-se os restantes, juntamente com o dito personagem, reduzidos à fome, sem farinha nem coisa alguma para comer, e nem mesmo a esperança de obter quaisquer alimentos, a menos que chegassem à Montanha Grande de Ibiapaba, o que não era possível por causa das trincheiras e fortes dispersos pelo caminho, quase desesperados resolveram num domingo à tarde atacar a primeira fortaleza, a mais próxima, com arcos e flechas, arcabuzes e mosquetões. E assim fizeram; com tal valentia que não só forçaram êsse primeiro forte, mas, também, o segundo e o terceiro. Nessa luta foram feridos muitos franceses, o que a todos atemorizou; vendo tomadas suas três praças e convencidos de que não poderiam resistir a tão grande exército senão com sacrifício de suas vidas, retiraram-se os defensores para a grande montanha de Ibiapaba, onde, ao chegarem, botaram imediatamente fogo em muitas aldeias ao sopé da montanha a fim de que os portuguêses não encontrassem nenhum abrigo.

Entretanto, por mais diligentes que fôssem, não puderam evitar que seus inimigos, que os seguiam de perto, encontrassem ainda não queimada uma grande aldeia chamada *Araranda* (4) e nela acampassem, fortificando-se muito bem. Diante disso os habitantes da montanha construíram também, defronte de Araranda, uma praça forte a que deram o nome de *Rouacam* (5). Para aí se retiraram e tão bem a fortificaram que impediram a passagem de seus inimigos. E guerrearam-se aí uns aos outros durante um mês, morrendo na luta muitos índios de Pernambuco.

---

(4) ARARENDA — grande village. — Laet copiou *Ira-Endaue;* mas na *Chronica* de Bettendorf, que seguiu Laet, está *Hirahendaba*, que aquêle corrigiu para *Iraendaba.* Dêste modo pode-se supor *ira* abelha, mel, e *endaba* lugar, *sítio,* pouso: lugar de abelhas.

(5) ROUACAN — une forte place. — Talvez *Suacan,* de *çoó* animal, *acan* cabeça.

Percebendo dito personagem e o capitão do exército português que nenhuma vantagem tirariam da luta, tiveram a idéia de mandar uma mulher, sua prisioneira, trazer uma carta aos franceses que moravam na montanha com os índios. E nela se lhes pedia que um dêles fôsse ter com êles, com tôda confiança, a fim de conferenciarem acêrca dos meios de fazer-se a paz.

De posse dessa carta, enviaram os franceses um dos seus ao forte de Araranda, onde, ao chegar, logo lhe foi dizendo o personagem que muito se espantava de ver um cristão aliado a selvagens e pagãos numa guerra desabrida contra os portuguêses que eram também cristãos; aconselhava-o, portanto, a abandonar os índios e a vir colocar-se a seu lado para tornar-se agradável a Deus.

Respondeu-lhe o emissário francês que se não cumprisse a palavra dada aos índios de Ibiapaba seriam trucidados os outros franceses, seus companheiros; portanto, só se entregaria se os demais fizessem o mesmo, cousa em que só concordariam se êle (o personagem) e os portuguêses assegurassem não lhes fazer nenhum mal. Fôra por acreditarem que os portuguêses tinham vindo surpreendê-los, a fim de levá-los como escravos para Pernambuco, conforme já o haviam feito, que empunharam armas e se colocaram na defensiva.

De pronto garantiu-lhe o Capitão que nenhum mal se faria nem aos índios nem aos portuguêses, afirmando ainda que tinham vindo sòmente para instruí-los no cristianismo e entre êles viverem como bons amigos. Assim, se quisessem entregar-se, êle assinaria êsse compromisso com o próprio sangue e o jurava pela própria vida.

Chegaram a um acôrdo após muito parlamentar, e em certo dia da Páscoa ditos franceses juntamente com trinta ou trinta e cinco aldeias da montanha de Ibiapaba renderam-se aos portuguêses.

Entretanto, alguns, menos crédulos porém mais valentes, jamais concordaram. Entre outros um tal Jurupari (O Diabo) resistiu com muita bravura, causando-lhes sérios embaraços, porquanto muitos de seus partidários se entrincheiraram em diversos lugares, preferindo morrer a serem escravizados pelos portuguêses; e tal apreensão os encorajou a ponto de, embora abandonados pelos franceses, e pelas aldeias já mencionadas, continuarem uma guerra sangrenta por espaço de um mês.

Durante êsse tempo, o personagem em questão dava aos índios que se haviam entregado conselhos no intuito de abrandá-los e conquistá-los. E para tornar-se mais digno de admiração e impor sua autoridade, fazia-se carregar por dois índios numa espécie de padiola, não andando nunca a pé e assim percorrendo tôdas as aldeias.

Um dos principais índios que trouxera de Pernambuco, por alcunha Tipitapucu (6), servia-lhe de batedor quando entrava em qualquer lugar. Ia pelas cabanas discorrer, afirmando que o *Paí* Grande chegara e era preciso recebê-lo; que não descendia de pai e mãe como os outros homens,

(6) TUPUTAPOUCOU — Principal. — *Tipitapucu*, ou *Tuputapucu* — Difícil de explicar. Talvez o tema seja *tipiti* prensa para espremer o caldo da mandioca, talvez *tepitá* ano, sêsso, um e outro qualificado por *pucu* comprido, longo, dilatado. — Note-se que as alcunhas individuais eram quanto podia haver de arbitrário.

mas tinha nascido da bôca de Deus e descido do céu para anunciar a palavra divina; deviam, portanto, acreditar nêle e obedecer-lhe em tudo e por tudo. E acrescentava que êsse personagem era quem fazia luzir o sol, quem mandava chuvas na época certa, quem fazia frutificar as plantas, quem prodigalizava, em suma, a abundância de todos os bens; e que se não fôsse obedecido enviaria epidemias, a fome e a morte; e a todos, inclusive os descendentes, faria escravos.

Logo que êsse batedor terminava sua arenga, dito personagem reünia todos os habitantes da aldeia e lhes dirigia a palavra, confirmando tudo o que fôra dito e asseverando ter descido do céu para anunciar-lhes a existência de um Deus e ensinar-lhes a adorá-lo; e ainda dizia que ùnicamente com sua palavra fizera com que se rendessem os franceses e tôdas as aldeias da montanha que se haviam entregado. E muitas outras coisas semelhantes propalava. E assim varava dias e noites, com tal fervor discursando que, segundo me afirmaram testemunhas que o viram e ouviram, lhe inchara a garganta, causando-lhe grande mal a violência com que falava.

Espantavam-se os índios da Montanha Grande com as novas doutrinas dêsse homem e perguntavam não raro aos franceses, em quem depositavam maior confiança do que nos portuguêses, se era a mesma verdadeira, se o que dizia era possível e se em França havia entes iguais, com o poder de que se gabava de fazer a terra frutificar e de comandar às moléstias. E acrescentavam os índios que desejavam acreditar na existência de Deus e na necessidade de amá-lo, obedecê-lo e adorá-lo; mas não davam crédito às palavras que o personagem dizia de si próprio.

Respondiam-lhes os franceses que não deviam realmente acreditar nêle e certo jovem intérprete, também francês, lhes confirmou que havia um único Deus, criador de sol, que fazia luzir para nos alumiar, e de tôdas as outras coisas; que era aliás quem mandava as chuvas em seu tempo e assim tornava possível frutificarem os frutos; que sem êle não existiria coisa alguma, que era êle o único autor de tudo e o único que podia doar-nos o que temos; que não deviam acreditar nesse personagem, tanto mais quanto não passava de um mentiroso, pois não é possível viver sem comer nem beber.

Tamanha impressão causaram as palavras dêsse jovem francês que os índios da Montanha Grande logo se puseram a desprezar êsse personagem, que antes haviam tido por grande profeta; consideravam-no agora um grande mentiroso, um impostor e um homem mau, e que tudo o que fazia visava insultá-los. Desde então puseram-se a conspirar para matá-lo, como um celerado que era, juntamente com o batedor Tipitapucu; imediatamente os principais e os anciões das aldeias que se tinham rendido meteram-se no meio para persuadir os franceses a matá-lo ou lhe darem algum veneno para fazê-lo morrer, porquanto, diziam, era um homem mau que os procurava iludir e desviar para uma doutrina falsa.

Passados alguns dias aconteceu que, ao ser carregado por dois índios conforme seu costume para ir prègar em uma aldeia, dirigiu algumas palavras aos que o levavam e acompanhavam e lhes perguntou qual a idéia que dêle tinham. Tendo lhe sido respondido que o consideravam um grande profeta descido do céu, perguntou-lhes se o não temiam,

usando de expressões não muito agradáveis para os companheiros, porquanto êste povo tem muita aversão às bravatas e deseja ser tratado com amor. Porisso, e por sentirem em suas palavras pouca brandura e como que uma espécie de ameaça, mal acabou êle de falar, os índios carregadores lhe disseram: "Perguntas se te tememos? Pois vê agora o nosso mêdo" e o atiraram da padiola dentro de um pântano e aí o largaram entre zombarias. E dêsse lugar só saiu êle com grande dificuldade e o auxílio de alguns outros.

Dias depois os portuguêses, juntamente com os índios seus aliados e os franceses que se haviam rendido, assaltaram a aldeia de um tal Jurupari que lhes movia guerra cruel. E, com efeito, certo domingo pela manhã, três a quatro semanas depois da Páscoa, enquanto franceses e portuguêses atacavam pela retaguarda, o famoso personagem, de espada em punho, acometeu-o de escalada. Mas, quando trepava pelas barricadas de madeira que cercavam a aldeia, desfechou-lhe o filho de Jurupari uma flecha, a qual trespassou-lhe o pescoço. Em conseqüência do que, caiu êle de costas ficando entretanto prêso e dependurado por um pé. Vendo-o assim, nessa posição, o índio, não satisfeito com o que fizera, lançou mão de uma taquara (7) (espécie de flecha de certa qualidade de caniço muito resistente, com um pé de comprimento e três dedos de largura e aguçada como um chuço) e com ela, pela segunda vez, trespassou-lhe as costelas. E jogou-o lá de cima com as entranhas à mostra.

Logo depois foi morto Tipitapucu com muitos portuguêses e índios que trouxeram de Pernambuco. Os restantes, em pequeno número, vendo morto o personagem que acreditavam ser profeta, enterraram-no ali mesmo e voltaram para Pernambuco.

Muitos índios da Montanha Grande retiraram-se então para a Ilha do Maranhão, e como ainda tinham presentes na memória a conduta, a doutrina e o fim trágico dêsse personagem, que tantos males lhes causara, razão de sobra lhes cabia para fazer-nos tôdas as perguntas acima referidas.

---

(7) TOCOUÄRT — qui est une sorte de flesche (Vide *Tacouärt*, nota 3, pág. 230).

CAPÍTULO XIII

De como se plantou a cruz no Maranhão e foi a terra benzida

UDO se achando assim disposto, fizemos saber aos índios que se quisessem aliar-se aos franceses e adotar a religião católica, apostólica e romana, como tantas vêzes haviam prometido, deviam antes de mais nada chantar e arvorar em triunfo o estandarte da Santa Cruz, em testemunho do desejo de abraçar o cristianismo e em memória eterna do motivo pelo qual tomáramos posse da terra em nome de Jesus Cristo, atendendo ao próprio pedido que êles haviam feito ao nosso rei cristianíssimo; assim se tornariam êles, por virtude de tão glorioso emblema, vencedores de todos os seus inimigos e libertados da dura escravidão ao bárbaro Jurupari; e, também, após a regeneração pela água do santo batismo, gozariam da liberdade dos verdadeiros filhos de Deus.

De tal modo lhes agradou êsse discurso, que deliberaram reünir-se a 8 de setembro, dia da natividade da Santíssima e Imaculada Virgem Maria. E nesse sacrifício da missa, na nossa capela, saímos em procissão até o forte.

À frente de todos marchava um fidalgo levando a água benta; outro o seguia com o incenso e outro com o turíbulo; e atrás dêste caminhava um gentil-homem carregando um belíssimo crucifixo que nos fôra dado pelo senhor du Manoir. Dois jovens índios, filhos dos principais, conduziam de ambos os lados da cruz, dois castiçais com seus círios acesos. Chamava-se um dêles Juí (1) (Carlos depois de batizado) e era filho de Japi-açu, principal de tôda a Ilha; o outro era neto de *Marcoiá Peró* (2), um dos maiorais do lugar; chamava-se Patuá e era o menor dos seis que trouxemos para a França, onde morreu, pouco depois de batizado, com o nome de Tiago. Êsses dois jovens, que eram da mesma

---

(1) IOÜY — non d'un Indien. — *Juí*, a gia, a rã (Rana). Talvez onomatopaico.

(2) MARKOYA PERO — nom d'un Indien. — *Maracujá-peroba*, nome de uma espécie de Passiflora. — De *maracujá* (Vide *Margoyuäue*, nota 19, pág. 141) e *peroba* casca amarga, ou amargosa.

idade e haviam sido entregues ao sr. de Rasilly logo à nossa chegada, trajavam idêntica libré. Nós outros, religiosos, acompanhamos a cruz em ordem, revestidos de sobrepelizes brancas. Vinha em seguida o sr. de Rasilly, loco-tenente-general de Suas Majestades, juntamente com a nobreza tôda e, finalmente, os outros franceses de mistura com os índios.

Enquanto isso, cantávamos as litanias da Virgem Maria como havíamos feito ao chantarmos a cruz na Ilha Pequena ou de Santa Ana. Chegando ao Forte, lugar escolhido para plantar a cruz (que era muito grande e aí já se achava preparada) entoou um de nós o *Te Deum Laudamus* a que se seguiram outras orações. Houve depois uma prédica com a qual se demonstrou aos franceses que alcançavam, perante Deus e o mundo, honra, glória e mérito, por terem sido os primeiros apóstolos a arvorarem gloriosamente o santo madeiro nessa terra infiel e a ofereceram a Deus Padre êsse sacrifício, a êle tão agradável, do preciosíssimo corpo e do sangue de seu único filho, nosso Salvador, através da santa missa celebrada pela primeira vez nesse lugar.

Terminado o sermão, explicou o sr. des Vaux aos principais dos índios e a outros que assistiam à cerimônia, porque chantávamos a Cruz ali; e disse-lhes que o fazíamos em testemunho da aliança firmada entre êles e Deus e em virtude da promessa solene por êles feita de abraçarem nossa religião e de renunciarem por completo ao maldito Jurupari, o qual jamais poderia subsistir diante dessa cruz, logo que fôsse benzida, e teria que abandonar a região em que ela se achava plantada. Porisso tinham que desistir, em primeiro lugar, de seu modo de vida errado e principalmente de comer carne humana, fôsse ela de seus piores inimigos; e em segundo lugar deviam obedecer às leis e a tudo o que lhes ordenasse os *Paí;* e finalmente a combater com coragem sob êsse glorioso estandarte e mil vêzes morrer a permitir que fôsse a cruz retirada de seu lugar.

Com tal atenção ouviram os índios essas palavras que a emoção que lhes ia na alma transparecia em suas fisionomias. Asseguraram então que voluntàriamente e de bom grado acolhiam e aceitavam tudo quanto lhes era proposto, mesmo porque de há muito desejavam conhecer o Deus que adorávamos e aprender como servi-lo e adorá-lo. E protestaram jamais faltar à promessa solenemente feita.

Foi em seguida benzida a cruz de acôrdo com as cerimônias deternadas no pontifical romano e ao depois por todos adorada. Em primeiro lugar por nós sacerdotes, em seguida pelo sr. de Rasilly e pelos fidalgos e afinal por todos os franceses uns após outros. E era isso coisa mui agradável de ver-se, pois tão grande era a devoção de todos, e boa a ordem em que a adoravam, que a cerimônia teria amolecido os mais duros corações. Durante a adoração da cruz, cantamos o hino *Vexilla Regis Prodeunt,* repetindo-o várias vêzes até o versículo *O Crux ave spes unica.* E ao terminarem os franceses a adoração, adoraram-na também os índios com grande humildade e respeito.

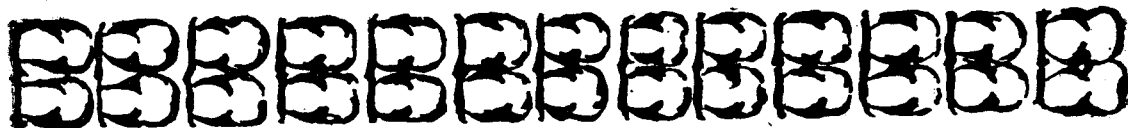
Começaram os principais e o fizeram com particular devoção, como exemplo dado a todos os índios. Vestiam belos casacos azuis celeste, com cruzes brancas por diante e por trás, e que lhes haviam sido dados

pelos loco-tenentes-generais para servirem nessa e noutras solenidades análogas. Seguiram-se imediatamente os velhos e anciões e afinal todos os índios presentes, todos em ordem, sem confusão, uns após outros ajoelhando-se de mãos postas diante da cruz, como nos haviam visto fazer. E adoravam-na beijando-a com todo respeito, humildade e devoção, como se durante tôda a sua vida tivessem sido educados no cristianismo. E pelo seu aspecto exterior não se podia deixar de acreditar que se tratava de um efeito dêsse espírito divino, prevenindo essas pobres almas selvagens e predispondo-as, pela influência de suas graças, a abraçar a verdadeira religião. E difìcilmente podereis avaliar a abundância de lágrimas que derramamos, vendo assim êsses velhos respeitáveis, e essas crianças, prostrados ao pé da cruz.

Quem poderá descrever o fervor com que essa gente ajudou os franceses a erguerem o glorioso estandarte em sua terra? Era de ver porfiarem todos por levantá-la com indizível zêlo e coragem, não pagã, mas cristã. Assim triunfavam de Jurupari, que desde então pùblicamente abandonavam com essa ação heróica e cristã, destronando-o e repelindo-o de seu reinado, a fim de acolherem e estabelecerem o soberano monarca do céu e da terra, Jesus Cristo.

Enquanto os índios levantavam e chantavam corajosamente a cruz, nós, ajoelhados, cantávamos o *Crux, ave spes unica, in hac triumphi gloria* e o que se segue, com a oração final, cantado pela Igreja no dia da exaltação da cruz. E' o que se verá da estampa aqui colocada para que se observe o fervor e a devoção dos índios e para a satisfação do leitor cristão.

Nunca poderei descrever a alegria nossa ante a felicidade de ver cumprirem-se as promessas de Deus de ser erguido nessas longínquas paragens o sinal da cruz, promessas feitas pela bôca de seu profeta: *Ecce levabo ad gentes manem mean, et ad populos exaltabo signum meum.* "Eis que levantarei a mão para os gentios e exaltarei meu sinal para os povos". Mas quantos louvores e ações de graças não lhe rendemos por ter a Sua Divina Majestade se dignado escolher-nos entre tantos povos para plantar suas armas nos arraiais dos que até então se julgavam rebeldes às suas santas leis e onde jamais pessoa alguma empreendera (ou pelo menos conseguira) erguer e chantar êsse sinal triunfante. E isso se fêz nesse dia notável na Ilha do Maranhão e com geral contentamento.

Erguida a cruz, como já disse, foi também benzida a Ilha, enquanto dos fortes e dos navios muitos canhonaços se disparavam em sinal de regozijo. O sr. de Rasilly deu ao forte o nome de Forte São Luís, em memória eterna de Luís XIII, rei de França e de Navarra; e ao ancouradouro ou pôrto, junto ao forte, chamou Pôrto de Santa Maria em homenagem à rainha do céu, a Sagrada Virgem Maria, cuja natividade se festejava naquele dia, e também em homenagem à sua irmã na terra, Maria de Médicis, Rainha de França e de Navarra, mãe e regente de nosso cristianíssimo rei e cuja vida suplicamos à Divina Bondade nos conserve por longo tempo.

CAPÍTULO XIV

Dos frutos que deu a cruz depois de plantada.

HANTADA a cruz nessa terra abençoada, logo começou, com grande satisfação de todos, a frutificar com a palmeira e a derramar suas admiráveis virtudes sôbre essas pobres criaturas, mostrando que Deus tinha entre elas almas predestinadas a seu culto e sôbre as quais devia cair ùtilmente o seu precioso sangue. Pois após elas próprias se resolveram a erguer. Pois após elas próprias se resolveram a erguer a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, novas fôrças e coragem receberam, que as levaram a desejar com maior zêlo e fervor o Cristianismo. Assim fazia Deus, por virtude da Cruz, irradiar-se mais do que antes o esplendor de sua Graça em meio às trevas da infidelidade. E isso se evidenciava claramente dos sentidos de devoção que patenteavam os selvagens, desejosos todos de ter um *Paí* em cada uma de suas aldeias, não só para erguer cruzes (que veneravam desde que a primeira se levantara em suas terras), mas ainda para instruí-los e batizá-los, julgando, por idéias gerais e conhecimentos algo confusos que conceberam logo ao nosso contato, serem êsses meios a porta de entrada para o cristianismo e o único jeito de se tornarem filhos de Deus e partilharem a felicidade que estimavam gozassem êstes.

Vinham contìnuamente em bandos, pelo simples prazer de ver-nos, e ficavam algum tempo conosco, sentados no chão, a seu modo, durante duas a três horas, discorrendo uns e interrogando-nos com grande modéstia e seriedade, guardando silêncio outros, satisfeitos com contemplar-nos e observar atentamente, sem jamais interromper-nos, todos os nossos gestos, tanto ao orarmos e ao dizermos o serviço divino, como ao estudarmos ou tomarmos a nossa refeição. Outros, com grande prazer, passavam o tempo admirando os nossos livros e alguns quadros que trouxéramos, nisso encontrando assunto para discorrerem com grande brandura e familiaridade.

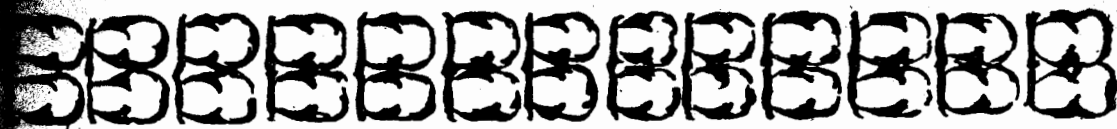
Direi ainda que muitos velhos veneráveis, percebendo através de nosso comportamento religioso uma luz diversa de sua luz natural e por ela convencidos, lamentavam sua vida passada, e soluçavam, sobrecarregando suas almas de pesar, por se sentirem demasiado idosos para poder ver as belas coisas (diziam) que os *Paí* deviam fazer nessa terra.

Os jovens que viviam às nossas portas, só pediam para ser instruídos na nossa crença, a fim de se tornarem sectários da doutrina evangélica e se incorporarem ao corpo místico da Igreja, imitando aquêles que tanto admiravam.

Era também coisa de maravilhar ver as mães, que nesse lugar amam seus filhos ternamente, a ponto de jamais perdê-los de vista, se mostrarem tão desejosas do progresso da prole que aspiravam tão sòmente no-la entregar, privando-se embora da sua presença, para que se instruísse e se tornasse igual a nós, pois julgavam ser isso um benefício para os filhos. Tão profunda era a crença entre essa gente que, vendo como usávamos os cabelos em forma de coroa, mandaram muitas índias cortar os dos filhinhos do mesmo modo, no grande desejo que tinham de imitar-nos. Quando vi os primeiros meninos assim, fiquei assaz admirado, sem saber afinal se se tratava de um costume do país, ou se os índios o tinham aprendido. Para esclarecer êsse ponto, indaguei das mães, que carregavam nos braços meninos de dois a três anos, se habitualmente assim usavam os cabelos. Responderam-me que não. "Por que então, repliquei, trazem êstes os cabelos assim?" "Porque vós outros *Paí* assim o usais e muito desejamos que sejam como vós." Ao que respondi alegrar-me com isso, pois para tal havíamos passado mares tão perigosos e navegado tão longamente, entre trabalhos e fadigas. E havíamos arriscado voluntàriamente nossas vidas para vir aqui vê-las e ensinar-lhes nossa fé. Porisso, se fôsse de seu gôsto nos darem os filhos, depois de batizados lhes ensinaríamos a ler e a escrever e muitas outras coisas que os tornariam grandes personagens com o tempo. Retrucaram-me que essa era a sua vontade e por causa disso querem ter um *Paí* em cada aldeia.

Seria com efeito de vantagem incalculável para instrução dos jovens, como mais de uma vez aí discutimos tendo em vista tal colheita e tão boa-vontade, a fundação de um bom seminário em cada um dêsses lugares. Essa era a nossa intenção ao chegarmos ao Maranhão; e ainda esperamos pô-la em prática, com a graça de Deus, quando formos em maior número, pois sabemos ser êsse o único meio de chamar todos os povos a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas que podiam tão poucos obreiros no meio de tão vasta seara? Quando erguíamos os olhos e víamos essas regiões já maduras para a colheita, e nos lembrávamos de que éramos apenas quatro a balbuciar-lhes a língua, sentíamos imensa aflição. E posso afirmar que então ecoavam em nossos corações estas palavras de tristeza do profeta Jeremias, ao ver-se sòzinho contra todos: *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis.* "Os meninos pediram pão, mas, para dá-lo, não havia ninguém." E o fato de sermos tão pequeno número agravou-se ainda com a morte de um dos nossos irmãos, o que veio retardar nossos esforços, não de todo estéreis entretanto, porque aprouve a Deus abençoá-los com bons resultados.

Nesse tempo uma das índias, que trouxéramos de Fernando de Noronha com seus maridos, deu à luz. E incontinente outras mulheres da ilha, levadas por uma devoção inédita, vestidas de branco, à moda de França trouxeram a criança para ser batizada na nossa capela de São Francisco. E assim se fêz em presença de muitos velhos e de outras pessoas, índios e franceses, muito satisfeitos com testemunharem tão belas cerimônias do primeiro batizado solene que aí se realizou. O que aumentou ainda mais seu desejo de um *Paí* para cada aldeia do país.

CAPÍTULO XV

Da visita que fizemos às aldeias da Ilha do Maranhão.

MBORA fôssemos sòmente quatro, antes da morte do reverendo padre Ambrósio, e porisso não pudéssemos satisfazer os desejos, manifestados pelos índios, de terem um *Paí* em cada aldeia, achamos acertado separar-nos e fixar residência nos quatro principais lugares da ilha a fim de contentá-los; por outro lado não ficávamos assim muito separados uns dos outros e nos podíamos ver muitas vêzes.

Antes disso, porém, o sr. de Rasilly julgou necessário visitar a ilha em companhia de dois de nós e percorrer tôdas as aldeias, não só para nos tornar conhecidos dos índios, como para que lhes fôssemos simpáticos (em sua maioria não nos tinham êles visto nem o podiam fazer) e também para que conhecêssemos seus costumes e modos de viver, a fim de com maior proveito lhes fazermos compreender o objetivo de nossa vinda. E embora tivesse necessidade de ficar no forte e cuidar de seus muitos negócios, o desejo que tinha de salvar essas pobres almas e de estabelecer o cristianismo o levava a preferir o que dizia respeito à glória de Deus e de sua igreja e a pôr de lado seus próprios interêsses.

Aprovado o seu parecer por todos nós, resolveu-se que eu o acompanharia com o reverendo padre Arsênio. Porisso, despedindo-nos dos outros dois padres e recebendo suas bênçãos, partimos de São Francisco a 28 de setembro, véspera do glorioso arcanjo São Miguel, juntamente com o sr. de Rasilly, o sr. de Launay, seu irmão, e o sr. de Vaux, três criados do primeiro e alguns índios.

Levávamos conosco óleos sagrados, sobrepelizes brancas, estolas e o mais necessário à administração dos sacramentos e ao exercício de outras funções que pudessem ser exigidas. Carregávamos também os nossos crucifixos pendentes do pescoço e, quando entrávamos nas aldeias, os colocávamos na ponta dos bastões que empunhávamos.

Defronte da nossa residência, embarcamos em canoas que os índios conduziram a remo pelo rio *Maiove* (1). Assim navegamos até à noite, chegando muito tarde à aldeia mais próxima, chamada *Toroup* (2).

Imediatamente reüniu-se o conselho, convocado pelo principal da aldeia e ao qual assistiam todos os anciões.

Aí se encontrava também o sr. des Vaux, que discursou para comunicar-lhes a causa da nossa vinda, o que êles ouviram com grande prazer. Tínhamos muita pressa de ir a Juniparã, aldeia mais importante da ilha e onde éramos esperados pelos seus habitantes; porisso, no dia seguinte pela manhã, partimos depois de despedir-nos dos índios do lugar. E fomos acompanhados por muitos dêles que não nos queriam deixar, não só por satisfação particular, mas ainda para nos ensinar o caminho por terra e conduzir-nos até *Januarém,* (3) bela aldeia onde chegamos, no mesmo dia, lá pelas doze horas. Aí nos receberam os habitantes e o seu principal com tôda a hospitalidade e humanidade possíveis, cumulando-nos de gentilezas e de agrados.

Depois dos cumprimentos costumeiros, feitos por todos uns após outros, mandou o principal armar nossas rêdes ao lado da sua, dentro da cabana em que morava com sua família.

Não foi êle o único a fazer-nos essa gentileza. Todos os principais das aldeias aonde chegávamos faziam o mesmo; consideravam grande honra hospedar-nos em sua casa e tomavam por afronta a recusa ou a escolha de outro aposento.

Ao chegarmos traziam água para lavarmos os pés, se necessário, e se ofereciam para fazê-lo êles próprios, de modo que muitas vêzes nos víamos impossibilitados de impedi-los de realizar uma coisa que não desejávamos.

Não é possível dizer a que ponto êsse povo é bom e acolhedor para os franceses e especialmente para conosco. Enquanto o principal da aldeia e alguns anciões se entretinham conosco, cuidavam as mulheres de nossa comida, trazendo-nos farinha, frutos, carne e peixe moqueados (4) e outras coisas preparadas ao saberem da nossa chegada. Os ho-

---

(1) MAYOÜE — riviere et village; nom de certaines fueilles d'arbres qui sont fort longues & larges. — *Maïobe* e *Mayobe* em Y. d'Évreux; mas, conforme à explicação do texto, deve ser *Taioba* (Caladium), composto de *taya,* como em *Taiapouän,* e *oba* fôlha.

(2) TOROOUP — village. — Talvez *Turu.* D'Évreux dá *Troou.* Laet copiou exatamente d'Abbeville, mas Bettendorf leu em sua relação *Torou ope,* que opinou ser *Turuypé.* — O nome *turu* é dado a animais aquáticos, vermes, etc., e pode reportar-se, segundo Batista Caetano, a *toó-rú* devora ou queima carne.

(3) IANOUAREM — village; c'est à dire le chien puant. — *Jaguarema.* De *jaguar* (Vide *Ianouäre,* nota 13, pág. 201) e *rema* fétido, mal cheiroso, como se traduz no texto.

(4) BOUCANNÉ — c'est à dire roti (Vide *boucan,* nota 11, pág. 233).

mens armados de arcos e flechas corriam a caçar cutias (5), tatus (6) e pacas (7) e outras qualidades de animais excelentes para comer e que lá se encontram em tal quantidade que os pegavam em poucos instantes e no-los traziam sem tardança.

Tendo-nos assim acolhido em Januarém, logo após a nossa refeição o principal e os anciões aproximaram-se de nós juntamente com muitos outros, entre homens e mulheres, que se reüniam para ver-nos e para felicitar-nos. Foi então que aproveitamos a oportunidade para lhes falar de Deus e dos mistérios de nossa fé, dando-lhes a entender que para serem seus filhos deviam batizar-se, e que o objetivo da nossa viagem tão longa e perigosa e cheia de fadigas era vê-los e prepará-los para tão grande benefício. Passamos a tarde inteira a dizer-lhes coisas semelhantes e êles as ouviam com grande satisfação, mostrando singular prazer em nos interrogar.

Creio que Deus, que nunca falta a quem o procura, influía extraordinàriamente nas suas almas pois logo se mostravam cheios de ardor, aspirando ao batismo para se tornarem filhos de Deus.

Isso nos levou a prometer-lhes que os batizaríamos quando estivessem instruídos e a garantir-lhes que, terminada a volta da ilha, um de nós quatro iria residir em Juniparã, a fim de podê-los ver amiúde e ensinar-lhes as coisas necessárias ao batismo imediato, o que os alegrou extremamente.

À noite, segundo seu costume, reüniram-se na casa dos homens, aí se apresentando o sr. des Vaux que disse as mesmas palavras proferidas na aldeia precedente. Terminada a reünião, uma índia, de nome *Tave Avaetê* (8), nos veio pedir para batizar seu filho, de mais ou menos dois anos; muito contentes com êsse pedido prometemos batizá-lo no dia seguinte, domingo, 30 de setembro. Para êsse fim arranjaram os índios pela madrugada uma cabana no centro da aldeia e lhe deram o nome de *Ajupaue* e depois juntaram-se todos para ver a cerimônia que nunca tinham visto. Começamos por benzer a água e em seguida a Capela para servir de oratório e de lugar de sepultamento quando se tornasse necessário, e aí deixamos uma cruz para marcá-lo.

Depois de cantarmos um *Veni Creator* com outras orações devotas, batizamos essa criança a que, por ser menina, chamamos Maria. Fica-

---

(5) AGOUTI — espece d'animal. — *Cutia*, roedor (*Dasyprocta aguti*, Linn.) — Foi Thevet, nas *Singularitez*, quem primeiro descreveu êsse animal, que chamou *Agoutin*. — Talvez, conforme Batista Caetano, de *a* de gente, *cur-ti* modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras. — Nas repúblicas platinas prevaleceu a forma *Aguti* ou *Acuti*.

(6) TATOU — espece d'animal. — *Tatu*, nome genérico dos Dasiprócidas, que especificam: *i* pequeno, *guaçu* grande, *etê* verdadeiro, *peba* chato, *apara* arqueado, vergado; etc. — De *ta* casca, ou casco e *tu* encorpado, denso.

(7) PAC — espece d'animal. — *Paca*, o roedor Dasipróctidas (*Coelogenys paca*, Linn.) — De *pag* acordar, despertar, exprimindo o gerúndio-supino a esperta, a vívida. — As caxinauás grávidas não comem paca para poderem dormir (C. de Abreu, *rá-txa hu-ni-ku-i*, pg. 127).

(8) TAUE AUÄETÉ nom d'une Indienne. — Será *Taba-abaêtê* da aldeia homem verdadeiro, — algum virago quiçá.

ram os índios tão satisfeitos e tão cheios de admiração diante das belas cerimônias do batismo, que nos afirmaram todos ser uma bela coisa tornar-se filho de Deus; assim o desejo que tinham antes ainda aumentou maravilhosamente com o espetáculo; e lamentavam do fundo do coração não se acharem ainda em estado de receber o que admiravam e desejavam tão ardentemente. Deixando-os nessa devoção, despedimo-nos, especialmente do principal, e partimos de Januarém em companhia de alguns dêles. Atravessamos sem parar Juniparã-Pequeno para mais depressa chegarmos a Juniparã-Grande onde nos esperavam nesse dia.

Os filhos do principal, que é o primeiro de todo o país, certos de que não deixaríamos de vir, vieram ao nosso encontro com alguns outros índios e, apenas nos viram, começaram a abraçar-nos e fazer-nos mil agrados, alegrando-se extremamente com a nossa chegada; assim nos conduziram até a aldeia onde entramos todos juntos. O corneteiro ia à frente, tocando como costumava fazê-lo à entrada de cada aldeia; meu companheiro e eu empunhávamos nossos bastões com os crucifixos. E depois de têrmos feito a volta das cabanas juntamente com o sr. de Rasilly, entramos na residência do principal e de sua família, o qual logo nos veio abraçar com incrível afeição, mandando imediatamente armar nossas rêdes no lugar das suas e colocando a dêle junto das nossas.

No mesmo instante vieram todos os índios da aldeia, até as criancinhas, cumprimentar-nos uns após outros. Beijando as próprias mãos, no-las apresentavam, dizendo muito amistosamente e com brandura: *Eré jupé paí, ereicobepe,* isto é, "chegastes, profetas? Ou sêde bem-vindo, meu *Paí,* estais bom?" E logo cada qual tratou de obsequiar-nos. Começamos então a conversar com o principal, Japi-açu, o maior de todo o país, que governa os demais, os quais nunca empreendem coisa alguma importante sem consultá-lo.

Em verdade é um homem inteligente, de muito tino e prudência, de bom conselho e belas palavras, principalmente quando se refere a Deus, a seu modo, ao Dilúvio universal e à crença que tem, transmitida por tradição de pai a filho. Agrada ouvi-lo discorrer sôbre tais assuntos, pois diz maravilhas, como ainda acontece quando alude ao pesado domínio dos portuguêses, que os forçou a abandonar a sua terra e a refugiar-se aqui. Êsse homem é bastante alto e bem proporcionado de corpo, tem cêrca de cem anos e ainda se mostra folgazão e tão bem disposto quanto na primavera da vida.

Enquanto discorríamos com êle e outros anciões à espera da reünião na casa dos homens, muito nos alegrávamos com ver inúmeros rapazes, especialmente meninos de seis a oito anos, chegar-se a nós e pedir-nos com insistência para serem instruídos e batizados, como se isso se fizesse em poucos instantes, e dizer-nos em altas vozes que desejavam crer em Deus e renunciar ao Diabo.

Não quero referir-me ao comportamento de cada um dêles, embora, sejam todos notáveis; porisso, contentar-me-ei apenas com observar aqui certos atos de um menino chamado *Acajuí mirim* (9), filho do principal

(9) ACAIOUY-MIRY — nom d'un Indien. — (Vide nota seguinte); *mirim* pequeno. O nome é diminuitivo, exprimindo pequenino.

MANVM MEAM, ET AD POPVLOS EXALTABO
I·N·R·I·
LEVABO AD GENTES
SIGNVM MEVM
ECCE
Isai. 49.
L. Gaultier incidit

Acajuí (10). Êsse menino, de 9 a 10 anos de idade, muito bonito, não usava ainda o beiço furado como os outros e mostrava uma mentalidade tão admirável para a sua idade que sempre acreditei tê-lo preparado Deus, de há muito, para grandes coisas.

Foi o primeiro, por ocasião de nossa chegada, a nos agradar e não queria sair de perto de nós, tão grande era a sua amizade. Quando nos retirávamos para o mato, segundo nosso costume para com mais descanso e silêncio cumprir os nossos deveres, aí se encontrava sempre e mesmo quando pensávamos fazê-lo secretamente, não deixava de aparecer, onde quer que estivéssemos como se lhe fôsse dado aviso prévio.

Quando nos encontrava, permanecia a nosso lado silencioso e recatado, sem jamais nos interromper com propósitos ou gestos levianos, o que não é comum aos meninos dessa idade, por mais tranqüilos e civilizados sejam. Porisso, não nos cansávamos de admirar êsse menino que, embora selvagem e tão jovem, mostrava tanta vivacidade, tanta lucidez e tão boa educação.

Observava em geral com muita atenção todos os nossos gestos, procurando sempre imitar-nos; quando púnhamos as mãos, fazia o mesmo com muita gravidade e assim também o sinal-da-cruz e muitos outros atos de devoção. Mas o que é de mais admirar é que obrigava a assim procederem os companheiros que com êle trazia e os ensinava, dizendo que desejava mostrar-lhes como se falava a Deus (assim dizem para rogar a Deus).

Tinha tanto desejo de aprender que, com sua bela inteligência, ou melhor, a graça divina, foi o primeiro a saber a oração dominical, a saüdação angélica, o símbolo dos Apóstolos, os mandamentos de Deus e da Igreja e os sete sacramentos, tudo na lígua indígena. E como a graça de Deus, que nunca permanece estéril, crescia com a idade, nesse menino, não sendo êle como um servo inútil, não perdia tempo nem oportunidade para fazer multiplicarem-se os talentos que Deus lhe dera.

Não é possível dizer a que ponto se alegrava com ensinar os outros. De vontade própria, ou por inspiração divina, passava a maior parte do tempo fazendo-os dizer e repetir muitas vêzes o que lhes ensinava, acompanhando-os, mesmo, a fim de melhor inculcar em suas memórias êsses ensinamentos. Como nesse país não existem nomes para os números superiores a cinco, êsse menino, desejando ensinar os dez mandamentos de Deus ou os sete sacramentos, tinha a idéia de pegar uma vareta e com ela ou com o dedo fazer no chão dez sinais para os dez mandamentos ou sete para os sacramentos, facilitando assim a seus companheiros a compreensão e a recordação do que ensinava.

Assim se servia Deus dêsse menino, desde tão cedo, enquanto não se dignava sua Majestade Divina outorgar-lhe graças especiais para coisas maiores. Quando chegamos, essa pobre criança andava nua como as outras, mas uma das primeiras coisas que fêz foi pedir-nos para ves-

(10) ACAIOUY — nom d'un Indien. — *Acajuí*. — De *acaju* (Vide *açaiou*, nota 1, pág. 167) e *i* pequeno. — O Padre Luís Figueira, na *Relação de Maranhão* (*Documentos para a História do Brasil*, publicados pelo Barão de Studart, vol. I, Fortaleza, 1904) refere-se a um Principal por nome *Acajuí*, que com os seus havia fugido aos portuguêses.

tir-se, pois não queria mais ficar nu, porquanto os *Paí* se vestiam. Tal desejo foi logo satisfeito porque, aspirando o sr. de Rasilly acima de tudo a conversão dêsses pobres selvagens, nada poupava para atraí-los ao cristianismo com a maior brandura possível; e quando conheceu a bondade dessa criança, veio a saber de seu santo e louvado desejo, mandou imediatamente vesti-la para sua maior satisfação.

Voltando à nossa visita, devo dizer que, depois de têrmos passado tôda a tarde em sérias conversações com os índios de Juniparã, ao cair da noite reüniu-se o conselho, aí comparecendo Japi-açu, principal da ilha, acompanhado de todos os anciões e de alguns habitantes vindos de Juniparã e de outras aldeias. E o sr. des Vaux, tomando da palavra, dirigiu-lhes um discurso em língua indígena em nome dos srs. loco-tenentes-generais de Sua Majestade Cristianíssima. Era o mesmo discurso que fazia em tôdas as outras aldeias por onde passávamos nessa ilha no Maranhão e, em resumo, era o que consta do capítulo seguinte.

CAPÍTULO XVI

Discurso feito pelo sr. des Vaux aos índios tupinambás na sua reünião na casa dos homens. Respostas dêles noutras coisas notáveis.

MEUS amigos. Sabeis que, após ter eu vivido muitos anos entre vós, me pedistes para ir à França tornar conhecida de nosso grande Rei a necessidade que tínheis do auxílio dos franceses, não só para vos defenderem contra a invasão de vossos inimigos, mas ainda para continuarem o comércio de gêneros de que tendes necessidade. Eu vos dei então minha palavra de que trabalharia para isso, à condição de me prometerdes receber a Lei de Nosso Deus, sem a qual não habitariam jamais os franceses entre vós, e abandonar os maus costumes introduzidos entre vós, pelo Diabo, por êsse verdadeiro inimigo do gênero humano e que assim o fêz para perder-vos inteiramente. Também devíeis me prometer, então, aceitardes para soberano o Rei de França, submetendo-vos ao seu domínio e acolhendo as suas leis, santas, justas e próprias para a conservação de vosso país e o seu crescimento na grandeza e na prosperidade. Há anos, tendo o nosso grande Rei ouvido de mim as vossas boas disposições para com Deus e a vossa promessa de abraçar o cristianismo, sujeitando-vos também à soberania de Sua Majestade, mandou ter convosco o sr. de la Ravardière, fidalgo valente, a fim de melhor conhecer vossa decisão e a situação de vosso país. E êsse senhor, verificando a verdade do que dissera, confirmou-lhe a minha narrativa.

Diante disso, êsse grande Rei, poderoso, magnânimo e valente, compadecendo-se de vós, mandou o sr. de Rasilly, também fidalgo e valente, juntamente com o sr. de la Ravardière, trazer-vos quatro *Paí* ou profetas para vos instruir, batizar e tornar-vos filhos de Deus.

Mandou-vos também franceses, para defender-vos contra os vossos inimigos, e mercadorias para convosco comerciar. Caso continueis a manter a vossa palavra, recebereis a lei de Deus por intermédio dos *Paí* e o comando dos franceses por meio de um chefe que residirá em vossa terra. O sr. de Rasilly, depois de observar vosso país e de ouvir os vossos desejos, voltará para a França com um dos *Paí;* mas aqui ficará

o sr. de la Ravardière, com seus dois irmãos, seus bons amigos e seus soldados. Porém o sr. de Rasilly voltará o mais brevemente possível com numerosos *Paí* e profetas, que se instalarão em vossas aldeias para vos instruir e a vossos filhos, no conhecimento do Deus verdadeiro, autor de todos os bens; e com êle virão inúmeros soldados para defender-vos contra vossos inimigos, e uma multidão de artesães para povoar a vossa terra, e torná-la inteiramente feliz, e transformar numa só nação a vossa pátria e a França.

Então êle e seus irmãos aqui ficarão; e êle será vosso chefe principal; e à sua chegada o sr. de la Ravardière, depois de haver muito trabalhado em vossa terra, regressará à França onde cuidará de mandar, ao sr. Rasilly e aos franceses que aqui permanecerão, gêneros para um comércio permanente entre a França e vós".

Terminado êste discurso Japi-açu, principal de Juniparã e de tôda a ilha, tomou a palavra e disse que sempre fôra amigo dos franceses e que nêles reconhecera uma conveniência muito mais agradável e branda do que na dos peró e de outros; que sempre desejara obedecer-lhes e aceitar-lhes a proteção; porisso, muita satisfação experimentava com a chegada dêles e com a notícia de que aqui tinham vindo para fixar residência e fazer da nação francesa e da sua uma só pátria; isso êle sempre havia desejado e protestava que jamais faltaria a promessa feita de reconhecer a soberania do Rei de França, submetendo-se às suas leis sob a autoridade daquele que lhes era enviado para residir na terra e defendê-la contra seus inimigos.

Quanto à lei de Deus, disse que estava infinitamente contente por ter o grande Rei de França enviado *Paí* e profetas a fim de instruí-los; que de há muito desejava abraçar o cristianismo como mais de uma vez havia prometido fazê-lo ao sr. des Vaux, principalmente quando lhe havia pedido para regressar à França e comunicá-lo ao Rei. Pois em verdade, disse, bem sabemos que há um Deus, criador da natureza, que fêz o céu e a terra e tôdas as coisas existentes. Acreditamos que êsse Deus é bom e que êle nos dá tudo o que temos e tudo o que precisamos. Mas conhecê-lo, dizer como êle é ou como se deve servi-lo e adorá-lo é o que não sabemos. Encontramos muitos franceses que aqui estiveram em negócio durante algum tempo, porém nenhum dêles jamais nos ensinou qualquer coisa a êsse respeito.

Esperamos agora que os *Paí* vindos de França no-lo ensinem; mas lamentamos que sejam apenas quatro, pois desejávamos que fôssem em maior número para que morassem em tôdas as nossas aldeias e nos instruíssem juntamente com os nossos filhos. Uma vez, porém, que isso não se pode fazer agora, enquanto aguardamos que o morubixaba regresse à França com um dos *Paí* para trazer-nos outros, desejaria que um dos que ficarem more conosco na aldeia de Juniparã, onde lhe construïremos uma casa e junto dela uma capela. Ficará entre as nossas cabanas e cuidaremos de sua alimentação e de dar-lhe tudo o que fôr necessário. Mandar-lhe-emos nossos filhos para que sejam instruídos; quanto a mim, entrego-lhe desde já para êsse fim, para que sejam batizados e feitos filhos de Deus, os quatro que tenho.

Disse, finalmente, que desejava que os dois *Paí* ali em visita plantassem mais uma cruz no centro da aldeia de Juniparã, testemunhando assim a aliança eterna com Deus, a promessa solene de receber o cristianismo e de renunciar a Jurupari.

Os outros principais, juntamente com os anciões reünidos na casa dos homens, confirmaram a resposta de Japi-açu, dizendo que estavam muito satisfeitos com a vinda dos franceses e sôbretudo dos *Paí;* e ainda que desejavam entregar-lhes todos os seus filhos para serem instruídos e batizados, e assim diziam como que num desafio uns aos outros.

Entre outros Acajuí, pai do menino de que já falei, disse que queria dar êsse filho juntamente com os outros aos *Paí êtê,* isto é aos grandes profetas que tinham chegado. Outro, de nome Jacopém (1), disse que no dia seguinte iria à mata cortar uma grande árvore para fazer a cruz a ser chantada em Juniparã; que êle e seus filhos tomavam a cargo a feitura da mesma, sem auxílio de mais ninguém; o que fêz de fato no dia seguinte. Outro ainda veio dizer-nos que, com os seus filhos, construïria uma capela no centro da aldeia para o *Paí* que morasse com êles. E outro prometeu que edificaria uma cabana junto da capela para abrigá-lo. E outro ainda prometeu que caçaria pacas, cutias e tatus para sustentá-lo; e outro iria pescar; e outro ainda que de tudo o que colhesse em suas roças traria as primícias ao *Paí.*

"E eu, disse um outro de nome *Tecuariubuí* (2), quero doravante viver como os *Paí,* usar um hábito pardo como êles, nada possuir como êles e como êles andar com a cabeça baixa e olhando para o chão; não quero mais saber nem de raparigas nem de mulheres, não quero tê-las, nem morar com elas; quero, enfim, viver e proceder como os *Paí.*"

Como dizia tais coisas, o pequeno Acajui-mirim que se encontrava nesse dia na casa dos homens, interpelou Tecuari-ubuí com aquela vivacidade, seriedade e modéstia habituais: "Dizes que queres fazer como os *Paí;* que não queres ter mais mulheres, mas não o farás; tu as deixarás durante uma ou duas luas, mas quando te vires *angaivar* (3) (isto é, emagrecer; não há doença que mais temam), tu as procurarás de novo e farás como tens o hábito de fazê-lo. Tu não poderás viver como os *Paí,* porque és demasiado velho; isso cabe a nós que somos moços e podemos muito bem viver como êles e imitá-los."

Velhos e anciões ali presentes na casa dos homens puseram-se a rir da resposta da criança, embora admirando-se dela, pois demonstravam mais um homem do que um menino e era mais de um cristão que de um pagão ou de um selvagem, e tresandava mais ao espírito de Deus que ao do homem.

Terminada a reünião, retiraram-se todos muito contentes; e nós extremamente satisfeitos de observar a disposição dêsse povo para abraçar o cristianismo na Igreja de Deus.

---

(1) IACOPEM — nom d'un indien. — *Jacupema.* (Vide *Iacoupem,* nota 21, pág. 141).

(2) TECOÜARE OUBOUIH — nom d'un Indien. — *Taquara-obí* taquara verde. Às fôlhas 183 v. vem o significado de fluxo de sangue, que não tem explicação.

(3) ANGAYUAR — c'est à dire maigre. — *Angáiguar,* magro, desfeito, consumido — Em guarani empregam a forma *angáibar.*

CAPÍTULO XVII

Primeira doutrinação pública cristã na Ilha do Maranhão

No dia seguinte reüniram-se os índios numa bela praça defronte da cabana do principal, Japi-açu. Aí se encontravam desde cedo seus filhos, juntamente com Acajuí-mirim e outros meninos e meninas, filhos dos principais e dos anciões de Juniparã. E todos, como é de seu costume, sentaram-se no chão. Viam-se também muitos franceses, companheiros do sr. du Manoir e outros.

Sentando-nos em cima de uma arca, o sr. de Rasilly, o padre Arsênio e eu, começamos a ensinar pùblicamente a doutrina (o que ainda não havíamos feito alhures), por intermédio do sr. des Vaux e de um tal Sebastião, bons conhecedores da língua dos selvagens, a fim de tornar mais claro o que julgávamos necessário. Dissemos então aos índios (que eram grande multidão) como deixáramos o nosso país e atravessáramos tantos e tão perigosos mares, não sem enormes incômodos, para vir instruí-los no conhecimento de Deus verdadeiro, princípio de tôdas as cousas, soberano acima dos soberanos.

Explicamos-lhes que, embora Deus seja um em essência, é trino em pessoa, pois é Pai, é Filho e é Espírito Santo; que o Pai não foi feito, nem criado por ninguém e por ninguém engendrado; que desde a eternidade o Filho se engendrou ùnicamente do Pai, e o Espírito Santo procede de ambos, do Pai e do Filho. Que embora o Pai seja Deus, o Filho seja Deus e o Espírito Santo seja Deus, não existem entretanto três deuses, porém um só. Apresentamo-lhes alguns exemplos, por analogia, e argumentamos de modo a facilitar-lhes a crença, cousas que muito lhes agradou e que ouviram com tôda atenção.

"E' êsse grande Deus (explicávamos) que chamais Tupã, mas não conheceis; e aqui viemos para vo-lo anunciar. Êle é que, todo-poderoso, criou o céu e a terra e tudo o que existe.

Criou os anjos no Céu, muitos dos quais, tendo-o ofendido, foram expulsos e precipitados no inferno, onde são e serão abrasados no fogo eterno, e a êsses maus anjos chamais Jurupari.

Na terra criou com um pouco de barro o homem, feito à sua imagem e semelhança. Colocou-o em seguida num lugar de delícias onde o adormeceu e lhe tirou uma costela para fazer uma mulher, a qual foi a primeira mãe, assim como êsse homem foi o primeiro pai, de todos os homens vivos que existiram, existem e existirão.

Achando-se ambos nesse belo paraíso, nesse jardim de prazeres, permitiu-lhes Deus que comessem tôdas as frutas menos uma, pois morreriam se dela provassem. Foi, com efeito, o que aconteceu, porque comeram ambos o fruto proïbido por sugestão de Jurupari (um dos maus anjos) e contra as ordens expressas de Deus. Foram portanto expulsos do paraíso e do céu e sujeitos à morte com todos os seus semelhantes. Essa a causa de nossas desgraças e por isso é que morremos, o que não ocorreria se êles não houvessem desobedecido."

Dissemo-lhes ainda que depois dessa desgraça os pecados dos homens continuaram sempre aumentando até que Deus, para castigá-los, enviou do céu um dilúvio sôbre a terra, o qual afogou tôdas as criaturas à exceção de algumas que êle recolheu na arca de Noé (homem justo que Deus quis salvar com tôda a sua família), para que tornassem a povoar o mundo após o dilúvio.

Depois de dizer-lhes os males que o mundo sofreu após o dilúvio, os tormentos e as tentações com que Jurupari induzia os homens ao pecado, falamo-lhes da bondade e da misericórdia de Deus, tão grandes que vendo as desgraças da vida do homem e as maldições em que incorriam depois da morte, por lhes estar fechado o céu em vista de seu pecado, dêle se compadeceu. Mas como o homem não podia bastar à justiça divina, para reparar a ofensa cometida mandou seu filho (segunda pessoa da Santíssma Trindade) ao mundo a fim de revestir-se de nossa humanidade, fazendo-se homem, como explicaremos quando tratar-se do mistério da encarnação. Explicamo-lhes como Deus Padre escolheu a bem-aventurada Virgem Maria para ser mãe de seu Filho único, como enviou o anjo Gabriel a anunciar essa notícia tão esperada pelo Mundo, como êsse anjo a saüdou; e como, depois de consentido, concebeu o Filho de Deus por obra do Espírito Santo e sem conhecimento de homem algum. Dissemo-lhes como, após tê-lo carregado nove meses em seu ventre sagrado, o deu à luz numa estrebaria, continuando, entretanto, virgem, tal como o fôra antes e durante o parto. Explicamo-lhes que ao nascer foi o menino adorado pelos pastores avisados de seu nascimento pelos anjos do céu. E dissemo-lhes dos três reis magos que foram guiados por uma estrêla nova até a estrebaria em que se achava; e de como a santíssima Virgem se viu forçada a fugir com seu filho, que era Deus, porque Herodes, que o perseguia, mandara matar tôdas as crianças de Belém.

Descrevemos também os principais milagres de Nosso Senhor Jesus Cristo neste Mundo, e muito se admiraram êles do das bôdas de Caná, na Galiléia, em que se transformou água em vinho; e do da multiplicação dos cinco pães e dos peixinhos, quando tão grande multidão foi alimentada no deserto. Havia bem cinco mil pessoas sem contar mulheres e crianças e, no entanto, depois de todos fartos, ainda sobraram doze cêstos cheios. E também se extasiaram com êsse outro milagre de Nosso

Senhor quando, de outra feita, alimentou quatro mil pessoas com sete pães e alguns peixinhos, tendo sobrado sete cêstos cheios.

Depois lhes explicamos como Jesus Cristo, ciente da hora em que devia ir ter com Deus, seu Pai, e morrer por nós, lavou os pés dos apóstolos na véspera de sua morte e paixão, e deu-lhes a comer o seu corpo e a beber o seu sangue sob as espécies do pão e do vinho, ordenando aos sucessores, que são os padres, que fizessem o mesmo até o fim do Mundo. E dissemo-lhes ainda como Judas, um de seus apóstolos, o traiu, como os judeus o prenderam no jardim onde orava a seu Pai, como sofreu na sua paixão, açoitado, coroado de espinhos e crucificado entre dois ladrões. E como depois de sua morte um soldado lhe abriu o peito com uma lança, o que muito impressionou os índios. Muito mais se impressionaram, porém, quando lhes dissemos que, embora Deus, êle morrera. Entretanto, mostramo-lhes que não morrera na sua divindade, porque era imortal, mas sim na sua humanidade, o que se fazia necessário para a remissão dos nossos pecados, para resgate de nossa morte e para que tivéssemos vida; porisso, no terceiro dia ressuscitara cheio de glória e subira ao céu onde agora se acha à direita de Deus Padre. Ficaram então muito contentes, principalmente pelo fato de ter ressuscitado e subido ao céu.

Finalmente dissemo-lhes de como tendo Nosso Senhor subido ao céu enviou a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, ter com os apóstolos que eram os verdadeiros *Paí;* e de como o Espírito Santo descendo sobre êles, sob a forma de uma língua de fogo, ordenou-lhes fôssem prègar por tôda parte e anunciar que Jesus Cristo, filho de Deus, morrera e ressuscitara para salvar-nos; e que batizassem os que nêle acreditassem. E quem enviara apóstolos e *Paí,* também nos mandara em seu lugar, por intermédio de seus representantes na terra, a fim de procurá-los e ver se desejavam nêle acreditar e escutar suas palavras ditas pela nossa bôca e assim serem batizados e remidos de seus pecados, tornando-se verdadeiros filhos de Deus.

Mal êsse povo (que por duas horas e meia nos ouvira com incrível atenção e respeito) escutou estas últimas palavras acêrca do Espírito Santo, levantou-se cheio de zêlo e fervor, como se o próprio Espírito Santo o inspirasse e abrasasse seu coração com o fogo de seu amor. Que alegria! Levantavam todos as mãos ao céu com imenso prazer e uma alegria sem igual, gritando em alta voz: *Arobiar Tupã Paí, Arobiar Tupã Paí,* "Creio em Deus, meu pai, creio em Deus, meu pai".

Aí se achavam o filho mais velho de Japi-açu, belo e forte rapaz de vinte a vinte e dois anos, chamado *Tucã-açu* e um dos primeiros a se levantar; seu irmão Jú, de quinze a dezesseis anos, e o menino Acajuí-mirim. Ainda permanecíamos sob a impressão de tão inesperado fervor, quando o rapaz seguido dos dois outros nos alcançou e, abraçando-nos com ternura e os olhos cheios de lágrimas, pôs-se a gritar: *Arobiar Tupã Paí, arrobiar Tupã Touve, arobiar Tupã Raerie, arobiar Tupã Espirito Santo, chemoiassouch iepe Paí, chemoiassouch iepe Paí.* "Ó Profeta creio em Deus. Creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio em Deus Espírito Santo; batizai-me *Paí,* batizai-me *Paí*".

Todos os outros principiaram então a gritar do mesmo modo e já não ouvíamos senão: *Arobiar Tupã Paí, chemoiassouch iepe Paí,* "Creio em Deus Pai, batizai-me, batizai-me". Tão espantados nos sentíamos ante tais palavras, que não sabíamos responder a essas pobres criaturas, tal era a alegria de nossos corações e tantas as lágrimas que derramávamos. Que alegria, que júbilo!

Quanto a mim, digo, como sempre disse desde então, que nunca vi na minha vida coisa mais capaz de me arrancar lágrimas de alegria, que o indizível sentimento de devoção que êsses pobres índios mostravam em seu coração através de seu procedimento e de suas ações exteriores. Uns nos abraçavam, erguendo as mãos para o céu e pedindo o batismo, outros confessavam em alta voz que acreditavam em Deus; e não havia um só que não praticasse um ato qualquer igualmente admirável de devoção.

Lembrei-me imediatamente do que se passara com o príncipe dos apóstolos quando fôra prègar na Cesaréia por ordem de Deus, a fim de instruir o centurião. Diz a escritura que São Pedro, anunciando a êsse povo um Deus, um Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado por amor a nós, desceu o Espírito Santo sôbre todos os que lhe ouviam as palavras, e todos ao mesmo tempo se puseram a falar diversas línguas louvando e glorificando a Deus. Assim também nos mandara Deus, por intermédio de nossos superiores, prègar a fé católica apostólica romana entre os canibais e antropófagos. E no momento em que pela primeira vez prègávamos pùblicamente a existência de um Deus criador do céu e da terra, que mandara ao mundo Jesus Cristo seu filho único, e explicávamos outros pontos de nossa fé, desceu o Espírito Santo sôbre os que nos escutavam, fazendo-os falar nova linguagem e glorificar extraordinàriamente o nome de Sua Divina Majestade.

Como êsses infelizes canibais e antropófagos que havia tantas centenas de anos só respiravam a carne e o sangue, o assassínio e a carnificina, fartando-se com a própria carne de seus inimigos, poderiam confessar pùblicamente e em altas vozes a crença em um Deus trino em pessoa e único na essência, senão tivesse o Espírito Santo descido em suas almas, iluminado seus pensamentos e abrasado suas vontades ao fogo de seu amor, para levá-los a pedir o batismo como a porta da salvação eterna tão ardentemente desejada?

Não parece isso uma linguagem nova? E' preciso confessar ingênuamente, à vista de tão admiráveis efeitos, que *Gratia spiritus Sancti in nationes effusa est.* O Espírito Santo expandiu realmente suas santas graças sôbre essas nações selvagens, apoiando com sua divina presença as santas palavras que lhes anunciávamos.

CAPÍTULO XVIII

De como construíram os índios uma Capela em Juniparã, principal aldeia da Ilha do Maranhão, e aí plantaram uma cruz.

A NOSSA alegria e satisfação, diante das graças outorgadas pelo Grande Deus (que não escolhe pessoas) aos canibais e antropófagos, quase nos levava a dizer, como São Pedro em idênticas circunstâncias: *Nunquid aquam quis prohibere potest, ut non baptisentur hi qui Spiritum Sanctum acceperunt; sicut et nos?* "Haverá quem nos impeça de tomar água e batizar aquêles que como nós receberam o Espírito Santo?"

Tais efeitos produzira a graça de Deus nessas pobres almas que à vista dessa profissão pública de fé as poderíamos batizar. Entretanto, para evitar que os invejosos da glória de Deus e inimigos da salvação do próximo encontrassem oportunidade para menosprezar e censurar tão santa ação, e impedir (como o fizeram alguns) de afirmar que mediante uma pequena dádiva se podiam batizar tôdas as índias; e ainda para afastar dos indígenas a suspeita de qualquer coação e deixar-lhes a liberdade de receberem ou não os sinais marcantes de verdadeiros filhos de Deus; julgamos conveniente prescrever-lhes alguns dias de prazo para que meditassem e se preparassem sem afobação. E isso também nos era útil a nós, para instruí-los melhor e explicar-lhes em detalhe o que lhes havíamos dito em geral.

Mas uma santa paciência os fazia achar o prazo excessivo e insistir junto a nós para que os atendêssemos quanto antes como desejavam; ao que lhes respondíamos que tal não se podia fazer tão apressadamente, tanto mais quanto o batismo deveria ser solene (assim o queríamos) e se tornava necessário uma capela para a celebração da Santa Missa. Então, ante a nossa observação, puseram-se logo a derrubar numerosas árvores para construí-la a seu modo.

Enquanto assim procediam, mandamos aos outros padres, o Reverendo Padre Ivo e o Reverendo Padre Ambrósio, alguns índios com uma carta pedindo que nos remetessem, pelos portadores, um cálice, um missal, uma casula, hóstias, vinho, e o mais necessário à celebração da missa, isto é, paramentos, toalhas, guardanapos, pedra d'ara, imagens

e outros objetos para guarnecer o altar, pois nada havíamos trazido a não ser sobrepelizes, estolas e óleos sagrados para a administração de sacramentos em casos urgentes. Nossos padres não deixaram de enviar-nos tudo o que solicitávamos.

Quanto aos índios, não faltavam a seus deveres de instrução. Todos os dias, pela manhã e à noite, reüniam-se em certo lugar onde continuávamos o ensino da doutrina cristã que lhes tínhamos esplanado de um modo geral. Ensinávamo-lhes, em sua própria língua, a oração dominical, a saüdação angélica, o símbolo dos apóstolos, os dez mandamentos de Deus, os cinco da Igreja e os sete sacramentos, cujo conhecimento é necessário às pessoas adultas para que se incorporem ao corpo místico da Igreja Católica, Apostólica e Romana. Fazíamos, porisso, repetirem muitas vêzes tais orações, a fim de que se fixassem em sua memória.

Porém, ainda que preparando a alma para servir de templo ao Santo Espírito, não deixavam os índios de trabalhar diàriamente nas obras da Capela que construíam no centro de Juniparã.

Trabalhavam uns em rotear a praça, outros em aplainá-la, outros em derrubar árvores, cortar paus, e outros ainda em acertar o madeiramento. Enquanto uns preparavam a pindoba para o teto, outros faziam esteiras de fôlhas de palmeiras, tão bem tecidas e entrelaçadas em quadrados e outras figuras que se tornavam muito bonitas, dignas de ver-se, e que nos serviam para ornamento da capela e do altar. Trabalhavam, enfim, todos, de conformidade com suas fôrças e seus gostos e sem nenhum constrangimento.

Não tínhamos a intenção de construir um templo de Salomão, nem uma igreja suntuosíssima, mas uma casa própria para residência do Rei dos Reis que preferiu nascer numa estrebaria a vir ao mundo num Louvre ou num Palácio Real. Nascia êle aqui, espiritualmente, entre êsses pobres selvagens, como entre animais, mas não domesticados e sim muito ferozes e cruéis. Porisso, tinha apenas uma cabana, uma estrebaria, muito limpa entretanto, decente e adequada à devoção; semelhante talvez às ermidas dos santos padres da Igreja primitiva. E não duvido em absoluto de que nosso pai seráfico São Francisco, que tanto amou a pobreza pura e honesta, não se sentisse satisfeito no céu ao ver seus indignos filhos com o filho de Deus, o qual se compraz agora nesse pobre local entre êsses selvagens. Não havia ainda essa terra produzido trigo e vinha; era um lugar onde nunca houvera nem vinho nem pão; mas ei-la agora bem mudada. Essa terra tornou-se uma nova Belém (o que significa casa do pão) e o pão dos anjos aí se encontra. O trigo dos eleitos aí nasceu antes que houvesse um só grão dêsse cereal; e também se acha aí o vinho das virgens, no corpo e no sangue de Nosso Senhor no Santo Sacramento do Altar.

Creio ser uma bênção caída sôbre êsse mundo novo, no fim do mundo, para a nutrição dêsses pobres selvagens que até então morriam de fome. Feliz presságio, em verdade, da abundância de pão e vinho que aí haverá um dia, juntamente com as demais riquezas temporais já existentes. E quando essa nação (hoje na infância do Cristianismo)

fôr antiga, não deixará, com a graça de Deus, de construir belas e ricas igrejas, pois há no país materiais tão bonitos quão preciosos.

Em seguida prepararam perto da capela uma casa grande para suas reüniões, porquanto não queriam que o lugar do conselho e de suas assembléias se encontrasse afastado da casa da devoção; assim também em pouco tempo edificaram uma cabana para residência do *Paí*, entre a Capela e a Casa Grande.

Enquanto êsses pobres índios com tanto zêlo e diligência trabalhavam na construção da capela, não se descuidava da cruz aquêle que no domingo precedente prometera aprontá-la. Ajudado por seus filhos, cortou êle uma bela árvore e a trouxe para o centro da aldeia onde devia ser erguida e não descansou enquanto não terminou essa bela e alta cruz, de mais ou menos 25 a 26 pés.

Pronta a cruz na têrça-feira à tarde, e vendo os índios que desejávamos prosseguir até Carnaupió (1) enquanto se acabava a capela, insistiram em que benzêssemos o madeiro e o chantássemos antes de nossa partida, o que fizemos de bom grado.

Assim, na manhã seguinte, 3 de outubro, véspera da festa de nosso pai seráfico São Francisco, Japi-açu, principal da Ilha, vestiu seu casaco e reüniu no centro da praça todos os principais e anciões, e também o povo todo de Juniparã e das aldeias vizinhas que, ao saber da notícia, para aí se encaminhara. Achava-se presente o sr. de Rasilly bem como inúmeros franceses que se encontravam em Juniparã. O Reverendo Padre Arsênio e eu, revestidos de nossas sobrepelizes brancas, empunhamos nossos bordões com crucifixos e, depois de cantarmos o *Veni Creator, Ave Maris Stella* e outras orações devotas, e de benzermos a água, começamos a benzer a Cruz, tal qual fizéramos no Forte de São Luís.

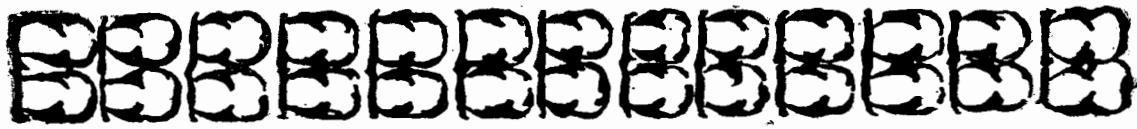
Benzida a cruz, pusemo-nos a adorá-la, uns após outros, cantando sempre o hino *Vexilla Regis prodeunt*. Japi-açu foi o primeiro, após o sr. de Rasilly e os franceses, a fazê-lo, ajoelhado e de mãos postas; abraçou-a e beijou-a como nós. Seguiram-se os outros índios, com tal devoção e fervor que nos comoveram e impressionaram a ponto de mal podermos reter nossas lágrimas. Era-nos alegria, e indizível satisfação, ver os estandartes adorados por essa gente bárbara até então sem conhecimento algum de Jesus Cristo e de sua cruz. Enquanto os índios a erguiam, nós, ajoelhados, cantávamos o *Crux, ave spes unica*, felizes infinitamente ante tão santa ação.

Disse-nos então Japi-açu que seu único pesar residia no fato de serem forçados, êle e os seus, a abandonar Juniparã, para se fixarem dentro de cinco ou seis luas a cêrca de meia légua dali (pois costumavam mudar de lugar e de residência cada cinco ou seis anos). Lamentavam todos deixar a cruz ali erguida agora. Contudo, disse ainda, prometo

---

(1) CARNAÜPIO — village. (Vide *Carnaüpiop*, nota 10, pág. 140).

que ao partirmos levaremos conosco a cruz a fim de transplantá-la para onde nos fixarmos e isso com o firme propósito de não mais mudar de residência como temos feito até agora.

Respondemos-lhe que não a deviam transplantar, que melhor era ali deixá-la como eterna recordação. Para consolá-los, lembramos-lhe que podiam fazer outra que seria benzida pelo *Paí* que viesse residir entre êles. Êles então a colocariam no centro de sua nova aldeia como haviam feito com esta. E muito lhes agradou a sugestão.

CAPÍTULO XIX

Do que se passou em nossa visita a Carnaupió, Itapari e Timboú

EPOIS de plantada a cruz, partimos no mesmo dia às dez horas da manhã para Carnaupió, deixando em Juniparã o tal Sebastião a que já me referi, a fim de que instruísse os índios da aldeia de modo a se acharem em estado de receber o batismo quando voltássemos, o que se daria, com a graça de Deus, e segundo a nossa promessa, no domingo seguinte.

Durante a nossa ausência, pela manhã e pela tarde, reüniam-se os índios de Juniparã ao som de uma espécie de tambor por êles chamado *uarará* (1), instrumento inventado por Sebastião para substituir o sino.

Assim reünidos, êle os conduzia ao pé da cruz onde, ajoelhando-se todos, punham as mãos, fitavam a cruz e ouviam a oração dominical, dita por Sebastião em sua língua e repetida em côro, palavra por palavra. E para que mais fàcilmente os retivessem na memória, inventou Sebastião o expediente de fazê-los cantar, juntamente com a Ave Maria, o Credo, os Mandamentos de Deus e da Igreja e os Sete Sacramentos. Confesso que êsse canto era tão suave e melancólico que se tornava difícil ouvi-lo sem experimentar uma estranha comoção.

Acompanharam-nos alguns índios à saída de Juniparã e, ao passarmos por uma aldeia chamada *Uatimbu* (2), verificamos que o chefe do lugar partira para a guerra antes de nossa chegada ao Maranhão; porisso, não paramos e continuamos direito para Carnaupió, onde chegamos no mesmo dia entre quatro e cinco horas da tarde.

Essa aldeia é muito bonita e se situa perto de um belo rio, cuja água é excelente.

---

(1) OUARARA — espece de tabourin. — *Guarará* tambor, de onde provém o nome dos montes celebrados pelas duas batalhas, que se feriram entre luso-brasileiros e holandeses, em Pernambuco.

(2) OUATIMBOOUP — village. Talvez *Guatambu*, nome de uma Apocínea (*Aspidosperma sessiliflorum*, Mart.) — De *gua*, contração de *guará* por *ibirá* pau, madeira, *atã* forte, dura, e *mbu* soar, ser sonante.

O principal do lugar chama-se *Marcoiá Peró* e é um homem alto e forte, admiràvelmente valente e contando cêrca de cem anos de idade. Era seu sobrinho o pequeno Patuá (3), o menor dos seis meninos que levamos para a França. Avisado de nossa chegada, *Marcoiá Peró*, contra o costume da tribo, veio ao nosso encontro de braços abertos e abraçou-nos cordialmente, testemunhando-nos grande afeição. Depois de tôdas as demonstrações possíveis de cortesia, iniciamos longa conversa à espera da reünião na casa grande, onde o sr. des Vaux lhes fêz um discurso já mencionado que os agradou muito.

E tendo os índios do lugar ciência do que se passara em Juniparã, pediram-nos fazer o mesmo em Carnaupió, aí chantando uma cruz e demorando-nos para instruí-los. Além da devoção que demonstravam, verificamos que são muito invejosos das honras prestadas a outrem e consideram desfeita não receberem iguais testemunhos de estima. Em verdade, essa emulação não era de desprezar-se, desde que podia ser útil à glória de Deus e à própria salvação do gentio.

Por tôda parte por onde passávamos queixavam-se todos de não nos demorarmos tanto quanto em Juniparã; e sem a nossa desculpa de sermos pouco numerosos não nos teríamos desvencilhado dêles sem grande descontentamento

Consolavam-se porém quando lhes dizíamos que logo após nossa visita partiria eu para a França com o sr. de Rasilly, a fim de buscar mais *Paí* que viessem residir em suas aldeias. E, enquanto durasse essa viagem, viriam os três outros que ficavam visitá-los amiúde e instruí-los. Com tal promessa mostravam-se satisfeitos, mas de nossa parte sentíamos grande tristeza em não podermos prestar auxílio e socorro a essa gente infeliz que com tanto amor o solicitavam para se salvarem.

No dia seguinte pela manhã, despedimo-nos de *Marcoiá Peró* e seguimos para Itapari (4), onde chegamos ao meio-dia. O principal do lugar é um índio muito bom amigo dos franceses e não se mostrou menos cortês para conosco do que os outros. Fêz-no tantas festas, juntamente com os seus companheiros, que mais não era possível fazer.

Sendo pequena a distância dessa aldeia a Timboí (5), que se encontra à beira-mar, aí fomos dormir na mesma noite, em companhia do principal de Itapari. E fomos tão bem recebidos quanto nos lugares precedentes.

Logo ao chegarmos, solicitaram-nos batizássemos um menino e uma menina de cêrca de dois a três anos de idade, o que prometemos fazer no dia seguinte.

Porisso, já de madrugada, arranjaram os índios uma *ajupave* para servir-nos de capela; aí, depois de benzermos a água e o lugar, presentes

(3) PATOUA — nom d'un Indien.

(4) ITAPARY — nom de lieu. — *Itapari*, que segundo Bettendorf, é assim chamada em razão das camboas que havia para a banda da baía de São José. — De *itá* pedra, *pari* cercado, curral.

(3) TIMBOHU — nom de lieu. — *Timboí*, de *timbô*, o vegetal (*Paulinia pinnata*, Linn.), e *y* rio.

o principal e os demais habitantes da aldeia, batizamos as ditas crianças. Ao menino deu-se o nome de Francisco, em homenagem ao nosso pai São Francisco, cuja festa ocorria no dia seguinte; a menina foi chamada Luísa. E tudo se passou entre a alegria das mães e dos índios, todos do lugar, cheios de admiração ante as belas cerimônias praticadas na celebração dêsse santo sacramento.

O principal, bom velho de mais ou menos cem anos, mais maravilhado ainda do que os outros diante dessa coisa que nunca tinha visto, disse-nos, ao fim da cerimônia, com uma fisionomia prazenteira: "Bem vejo que é uma bela coisa ser batizado e tornado filho de Deus; desejo extremamente sê-lo e queria que me batizásseis." Respondemos-lhe que também o desejávamos, e talvez mais do que êle ainda, pois, para isso, havíamos feito tão longa viagem, tão cheia de fadigas; mas necessário se fazia que primeiramente fôsse êle instruído no reconhecimento do verdadeiro Deus que adorávamos e seu filho único. Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós. A isso respondeu-nos o bom velho: "Se é preciso crer em Deus e ser instruído no seu conhecimento antes de alcançar o batismo, não poderá Deus descer em meu coração desde já e dar-se a conhecer a mim de modo a que nêle acreditando tu me batizes?"

Tal discurso que não era em verdade de um selvagem, de um pagão, mas sim de uma alma que parecia tocada pela graça do Espírito Santo, surpreendeu-nos maravilhosamente, porquanto ninguém perto dêle se manifestara dêsse modo. Dissemos-lhe que Deus faz tudo o que quer e lhe agrada, mas que muitas coisas não faz por si mesmo, porém por intermédio dos homens seus servidores, executadores de sua santa vontade; porisso se dignara servir-se de nós e enviar-nos a êste país, a fim de batizar os habitantes, o que faríamos de bom grado quando estivessem instruídos. Satisfez-se o homem com essa explicação e não foi batizado no momento.

À tarde fomos com o sr. de Rasilly e o sr. des Vaux ver um lugar à beira-mar, a meia légua de distância, próprio para uma bonita e agradável vivenda. Regressando ao cair da noite a Timboí, chegou um dos escravos do principal (da nação dos cabelos compridos) e veio dizer-lhe da morte do filho que enviara a um curandeiro (pajé) (6), residente a cinco ou seis léguas de distância, para que o soprasse e curasse. Logo depois de chegar o escravo, sentou-se o principal numa rêde de algodão, e as mulheres e filhas se reüniram em volta dêle e principiaram a chorar, gritar e se lamentar, segundo o seu costume.

Receiávamos que isso continuasse durante a noite tôda, mas muito breve êles desistiram. E' verdade que ao chegar o corpo do menino, lá pelas onze horas da noite, logo se reüniram os parentes e, juntamente com a mãe que o tinha nos braços, recomeçaram a gritar e lastimar-se estranhamente, tão forte que se ouvia em tôda a aldeia. Esperávamos

---

(6) PAGÉ — Barbier. — *Pajé*, o médico, o curandeiro, o feiticeiro, o mestre artífice, magister artium. — Léry escreveu *paijé;* Hans Staden *paygi;* nos escritos modernos ocorre *piaga.* — Entre outras explicações que o vocábulo comporta, preferimos a de Batista Caetano, derivando-o de *pa-yé* aquêle que diz o fim, o profeta, que era a sua definição mais geral.

que não demorassem em calar como da primeira vez, mas vendo que não punham fim a suas lamentações e que não podíamos acalmá-los, fomos obrigados a procurar um lugar distante, do outro lado da aldeia, para passarmos o resto da noite. Quanto a êles, continuaram a fazer barulho até a manhã seguinte, quando foi sepultado o menino, e redobraram as lamentações e os gritos.

Comoveu-nos muito a morte dêsse pequeno que ainda não fôra batizado; e aproveitamos a oportunidade para censurar-lhes suas crenças falsas, demonstrando-lhes que os pajés, que tanto apreciam, não passam de embusteiros; que não é verdade ter o seu sôpro a virtude de curá-los, como pensavam, e que, em vez de curar o menino, o haviam morto, soprando-o. Que se no-lo tivessem mandado para ser batizado, como o haviam feito com os dois outros, sua alma teria sido salva pelo batismo e talvez recuperasse a saúde, se assim o quisesse o grande Tupã.

CAPÍTULO XX

Do nosso regresso a Juniparã e do que aí ocorreu.

ESSE mesmo dia pela manhã partimos de Timboí a fim de não faltarmos à promessa que fizéramos de estar em Juniparã no domingo seguinte. Passamos por Itapari sem nos demorar a fim de chegar a Carnaupió para aí passar a noite. Saímos no dia seguinte de madrugada, e depois de atravessarmos a aldeia de Uatimbu chegamos à tarde em Juniparã, onde nos esperavam com grande devoção e indizível afeição Japi-açu e os demais habitantes do lugar.

Aí achamos tudo o que pedíramos a nossos companheiros para a celebração da missa e a ornamentação de um altar; porém, o que mais nos agradou foi ver não sòmente a perseverança e a boa vontade dos habitantes do lugar, em relação ao batismo, mas ainda o esfôrço dos índios para se instruírem com Sebastião, que para êsse fim havíamos deixado na nossa ausência.

Causava prazer vê-los discorrer a respeito dos principais mistérios de nossa fé, dir-se-ia que nela se achavam instruídos desde a infância, tão bem falavam e tão a propósito. Tão grande era o respeito que essa gente infeliz tributava à cruz, que muitos dentre os católicos atuais, se lá estivessem, corariam de vergonha, porquanto, nutridos no seio da Igreja e purificados com o sangue precioso do cordeiro sem mácula, Jesus Cristo, não se dignam fazer sequer uma reverência ou tirar o chapéu quando passam diante da cruz.

Êsses pobres índios nunca passavam diante dessa cruz, sem se ajoelharem e se prostrarem a seus pés, abraçando-a e beijando-a com tôda a devoção como nos haviam visto fazer antes de nossa partida. Por aí se vê o resultado dos bons exemplos, principalmente quando oferecidos a um povo propenso à imitação.

Passamos o resto do dia e também as segundas e têrças-feiras seguintes a fazê-los repetir o que lhes fôra ensinado e ensinar-lhes o que ainda se tornava necessário para que recebessem o batismo. Enquanto isso, continuava-se a trabalhar na capela, a qual ficou pronta na têrça-

-feira ao meio-dia, e na qual passamos o resto da tarde a prepará-la e ornamentá-la.

Não me é possível descrever a alegria e o êxtase dessa pobre gente, vendo diante dos olhos o que jamais havia visto. Soltavam os índios exclamações, admirando o altar e a pequena capela com tanta devoção preparada. Depois disso, cada qual se aprontou para a solenidade do santo batismo a realizar-se no dia seguinte.

Cabia-nos não sòmente cuidar da boa instrução dos adultos, mas ainda examinar tôdas as circunstâncias para que a falta de uma só não tornasse iníqua e censurável uma ação tão louvável e tão santa. Pois embora estivessem bem instruídos e desejassem ardentemente o batismo, não estavam todos ainda habilitados a recebê-lo e nem o poderíamos dá-lo a todos os que pediam, principalmente aos que eram casados à sua moda, porque sendo-lhes proïbida a pluralidade de mulheres, coisa muito comum entre êles como veremos, era nossa obrigação cuidar de separar as mulheres do marido e êste delas (como devíamos fazer ao batizá-los), tudo dentro das normas exigidas, de receio que da precipitação resultasse algo prejudicial à glória de Deus, à implantação do cristianismo e à salvação de todos, o que equivaleria a um perigo maior ainda. Era portanto melhor não batizá-los do que, batizando-os, faltar às determinações mais essenciais da Igreja de Deus.

Isso nos levou a batizar em primeiro lugar as crianças e os que não eram casados, mostrando aos outros a obrigação que teriam quando fôssem batizados. Deus quer que cada homem se contente com uma só mulher para que possa ser batizado e se tornar seu filho, porisso, quando assim pensassem e resolvessem afastar livremente tais impedimentos, seriam batizados de bom grado.

Quantos cristãos hoje em dia, não obstante tantas inspirações divinas e tão santas admoestações ou prédicas, abandonam Deus para perder-se com mulheres na concupiscência insaciável e na sensualidade desenfreada! Não são êles mais selvagens e brutais do que os índios selvagens? Êstes, mal ouviram nossas razões, sem nenhum conhecimento prévio dos mandamentos da lei de Deus, de bom grado, abandonaram suas inúmeras mulheres com o fim de receberem o batismo e se tornarem filhos de Deus.

Entretanto, não desejando aproveitar uma decisão precipitada, dissemo-lhes que batizaríamos primeiro os rapazes solteiros, desde que voluntàriamente prometessem renunciar a Jurupari e a suas obras e observar inviolàvelmente até a morte os mandamentos de Deus e da Igreja. Demos prazo até o dia seguinte para que pensassem e decidissem, pedindo-lhes que se reünissem cedo, a fim de que pudéssemos examiná-los antes.

Na manhã seguinte muitas crianças, muitos rapazes e raparigas ainda não casados se reüniram; entre êles se encontravam os quatro filhos de Japi-açu, principal da ilha: Tucã-açu e Juí, juntamente com as duas filhas e o menino Acajuí-mirim. Achavam-se todos junto da cruz, diante da capela. Interrogamo-los todos a respeito de sua fé e tão pertinentemente nos responderam, que nos admiramos do que haviam aprendido em tão pouco tempo. Estou certo, quanto a mim, de que

isso se devia a uma graça especial de Deus. Confessaram todos em alta voz crer em Deus, único na essênca e trino na pessoa, pai, filho e Espírito Santo, e em Jesus Cristo, filho do Padre Eterno, nascido da Virgem Maria, morto e ressuscitado por nós. E afirmaram que nessa crença queriam viver e morrer.

Perguntamo-lhes em seguida se não estavam arrependidos de ter ofendido a Deus que é tão bom, de não tê-lo conhecido antes. Responderam que sim, que estavam infinitamente arrependidos e que não queriam mais viver como no passado. Perguntamo-lhes também se não queriam renunciar a Jurupari e a seus diabólicos costumes: comer carne humana, matar de sangue-frio os inimigos, ter muitas mulheres e outras abominações que haviam aprendido de seus pais a quem as ensinara Jurupari.

Um após outro respondiam com fervor que renunciavam a Jurupari, que é mau e nada vale, bem como a todos os costumes diabólicos de seus pais. Em seguida um disse: "Comi tantas vêzes carne humana"; e outros repetiram que também o haviam feito; outro disse: "matei tantos escravos por vingança e de sangue-frio"; e outros ainda confessaram ter praticado tais e tais maldades.

Nenhum deixou de confessar suas faltas, pública e voluntàriamente, sem nenhum constrangimento nem acanhamento, mas tão sòmente pesarosos por havê-las cometido.

Que vergonha para muitos católicos, que, embora não se pejem de cometer tantos pecados contra a divina majestade, se eximem de confessá-los secretamente aos pés do padre que representa Jesus Cristo! Nosso Senhor dizia aos escribas e fariseus que os ninivitas se ergueriam contra êles no dia do Juízo, porque haviam feito penitência à prédica de Jônatas. Direi também, ousadamente, após o nosso Salvador, que os canibais e antropófagos comparecerão diante dêsses católicos no dia do Senhor, porque, ante a simples palavra dos servidores de Deus, se converteram e se penitenciaram de sua vida passada, confessando livremente seus pecados.

Enquanto os interrogávamos e os preparávamos para o batismo, os habitantes de Juniparã e das aldeias vizinhas que ali tinham vindo se dispunham a assistir a solenidade e se acomodavam da melhor maneira possível para honrar essa santa ação. Japi-açu vestia seu casaco por cima de uma indumentária assaz honesta. Todos os outros índios, que desde a nossa chegada usavam roupa, também haviam revestido o que tinham de melhor; ninguém queria aparecer nu como costumam fazer, principiando a reconhecer que é coisa indecente e desonesta comparecer nu em tal cerimônia na companhia de pessoas vestidas.

Com efeito, acontecendo surgir uma índia nua para assistir à cerimônia, envergonhou-se de se ver assim entre tanta gente e correu à sua casa, onde vestiu as calças e o gibão do marido, voltando em seguida com os filhos nos braços ao batismo, pois grande era a curiosidade de presenciar a cerimônia. Em verdade sua aparência provocou o riso e, sendo-lhe perguntado porque procedera dêsse modo, respondeu que viera com o filho assistir ao batismo, mas, vendo-se nua entre os outros, que

estavam vestidos, se envergonhara e, receosa que não lhe permitissem ficar assim, correra à casa para se vestir. Como só achasse aquelas roupas de seu marido, delas se servira. Nem assim lhe foi permitido ficar. Sòmente a Japi-açu e aos outros principais presentes se autorizou a entrada na capela, onde se achavam preparadas tôdas as coisas necessárias ao batismo e onde se via o altar devotamente arranjado. O resto do povo ficou fora, juntamente com os que deviam ser batizados.

O sr. de Rasilly, que só tinha em vista a salvação e a conversão dessa pobre gente, quis servir-lhe de pai e padrinho juntamente com o sr. de Launay, seu irmão, e outros franceses vindos tanto de Juniparã, como das aldeias vizinhas.

Revesti-me de alva e estola e o reverendo padre Arsênio de sobrepeliz. Depois de benzermos a água e a capela e invocarmos a graça do Espírito Santo, da bem-aventurada Virgem Maria e do nosso pai seráfico São Francisco, iniciamos o batismo. Em homenagem a Japi-açu, maior morubixaba da ilha, batizamos em primeiro lugar seus quatro filhos, começando pelo mais velho Tucã-açu, o qual recebeu o nome de Luís, dado pelo sr. de Rasilly em memória de nosso cristianíssimo Rei Luís XIII.

Fizemos os exorcismos fora da capela, como se recomenda no manual romano do Concílio de Trento, e em seguida, tomando-o pela mão, o introduzimos na greja dizendo: *Ludovice, intra in conspectum Domini per manum sacerdotis, ut habeas vitam eternam.* Entrou então o rapaz, ajoelhou-se e de mãos postas recitou em alta voz o Padre-Nosso, a Ave-Maria e o Credo, tudo em sua língua. Em seguida, acabei de batizá-lo, observando à risca as demais cerimônias. Assim também fiz para batizar seu irmão Juí, que foi chamado Carlos pelo sr. de Rasilly, o qual também deu o nome de Ana à filha mais velha; a mais moça foi chamada Maria pelo sr. de Launay, irmão do dito sr. de Rasilly.

Não vos poderei descrever a alegria que tivemos nessa ocasião. Bem fundada era, porquanto festejávamos tão triunfalmente o nascimento da Igreja Romana nesse novo mundo onde antes só havia decadência e corrupção.

E quem não sentiria o coração bater de alegria diante do fervor e do contentamento com que se apresentava essa juventude ao santo batismo? A modéstia, a gravidade, a devoção que mostravam, tornavam patentes a todos as graças derramadas em seus corações pela bondade divina, graças essas que, transbordando dêsses pequenos vasos, caíam nas criaturas presentes. E nós, franceses e índios, tocados por essa inefável alegria e vendo o fervor dos cristãos novos, já não podíamos impedir que nossas lágrimas corressem.

Era de ver-se o venerável Japi-açu sentado nos degraus do altar olhar com atenção e curiosidade, com a sua gravidade e habitual modéstia, o batismo de seus filhos. Contrito e comovido até o fundo do coração, êsse bom homem derramava um dilúvio de lágrimas. E quando viu que seus filhos, no fim dos exorcismos, entravam na capela introduzidos por nós, ajoelhavam-se de mãos postas e diziam em alta voz o

Padre-Nosso, a Ave-Maria e o Credo, renunciando pùblicamente ao Diabo e a suas obras; quando viu que recebiam com tôda a devoção os óleos sagrados, a água benta e o santo crisma; que pediam o batismo diante de todos, sentiu-se prêso de emoção e gemendo e chorando encheu os olhos dos assistentes de lágrimas de alegria e de piedade a um tempo. E não creio houvesse uma só pessoa que diante dêsse pobre velho pudesse evitar as lágrimas.

Confesso que a mim não foi possível evitá-las e que nem os outros o puderam fazer, embora diante de ato tão respeitável eu me esforçasse o mais possível, admirando acima de tudo a coragem e a convicção dêsses novos regenerados que, não obstante a comoção da assistência, permaneciam inflexíveis e testemunhavam apenas, com um coração magnânimo, uma incomparável alegria e uma singular devoção.

Após os quatro já mencionados, batizamos ainda seis outros: o menino Acajuí-miric, filho do grande Acajuí. Um dos franceses deu-lhe o nome de João. Em segundo lugar, o filho de *Moissobuí* (1), a quem se chamou Pedro; em terceiro lugar, o filho de Jacopém que recebeu o nome de Carlos; em quarto lugar, o filho de *Avaraí* (2), a quem se chamou Adriano; em quinto lugar, Pedro, filho de uma tapuia (3), e, finalmente, a filha de *Mairata* (4) e de Avaraí, à qual se deu o nome de Esteva. Todos tiveram por padrinho um francês.

Entrementes, mostrou-se cansado o padre Arsênio, nosso companheiro, e chegando a hora da missa fomos obrigados a adiar para outro dia a continuação do batismo.

Ainda assim celebramos o casamento de Sebastião, nosso intérprete, com a filha mais velha de Japi-açu, que era também a melhor instruída. Em seguida, celebramos a missa a que assistiram os recém-casados e os batizados juntamente com os franceses. Os não batizados retiraram-se como de costume, após a missa dos catecúmenos. Tal era a devoção dos recém-casados que, cientes de seus santos deveres, receberam a comunhão durante a missa para edificação dos assistentes. Tomara Deus muitos católicos seguissem o exemplo dêsses novos cristãos e assim tão santamente iniciassem a vida de casados! Dêsse modo receberiam a

---

(1) MOISSOBOUY — nom d'un Indien. — Quiçá *mbói-obí* cobra, verde, ou azul. — O Padre Luís Figueira, na *Relação de Maranhão*, refere-se freqüentemente a um índio chamado *cobra-azul*, que era principal.

(2) AUARAY — nom d'un Indien. — Talvez *Abaçaí*, de *abá* homem, *çay* que espreita. — Era o nome de um gênio maléfico que perseguia os índios, enlouquecendo-os ou tornando-os possessos. Nas *Peregrinações* de Knivet está *Avasaty*.

(3) TAPOUY — Indiens. — *Tapuia*, que explicam vàriamente. Preferimos a interpretação de Burton, na introdução ao *The Captivity of Hans Stade*, ps.LXX, nota: de *taba* aldeia e *puya* fugir, isto é, os que fogem das aldeias, bárbaros, selvagens, inimigos.

(4) MAYRATA — nom d'une Indienne. — *Mairatá*, um gênio da Teogonia tupi, *Mair atá*, o deus viajante, como explica Gonçalves Dias (*Brasil e Oceânia*). — Note-se, porém, que *mairatá* fogo de francês (*mair*), era em princípios a denominação da espingarda no tupi, substituída depois por *mocaba*, que está nos dicionários.

bênção de Deus para seu bem e de sua prole, pois por falta dela muitas vêzes se observa a decadência e a ruína total de muitas famílias e tantos filhos nascem mal conformados.

Terminada a missa, retiramo-nos todos, cheios de alegria, louvando o Onipotente por tão feliz início e pela esperança de ampla e copiosa colheita. Mas principalmente nos satisfazia a certeza de que, não obstante os obstáculos opostos pelo Diabo aos nossos entendimentos, tudo havíamos vencido e da luta trazíamos o glorioso despôjo dessas pequenas almas que iam permitir-nos a conquista das outras, em abençoando Deus os nossos trabalhos e os desejos de nossos corações.

CAPÍTULO XXI

Morte do Reverendo Padre Ambrósio, de Amiens.

IZIAM os antigos que Júpiter tinha sempre dois navios junto de si: um carregado de males, de tristezas e de aflições; o outro, cheio de alegrias, de satisfações e de bens. E ora se servia de um, ora de outro; e ao bem seguia-se o mal, e à alegria, a tristeza, e às satisfações, as aflições. Mas também ao mal seguia-se o bem; à tristeza, a alegria; às aflições, a satisfação.

Admito que se trate de uma fábula, mas é mister que confessemos assim proceder Deus com os seus servos, não lhes permitindo que gozem neste mundo de uma alegria constante, nem, tampouco, deixando-os em permanente tristeza; e através dessas mudanças torna-lhes a vida admirável.

A alegria que tivemos nesse dia, na solene administração do sacramento, não foi de longa duração, pois a ela logo se seguiu a triste notícia da morte de um dos reverendos padres que havíamos deixado no forte de São Luís. Embora o sr. de Rasilly disso estivesse inteirado desde manhã, ocultou-nos a ocorrência, proïbindo aos índios e aos franceses, dela cientes, comunicar-nos o que quer que fôsse, receando afligir-nos e interromper-nos durante a cerimônia em que estávamos ocupados. E tendo esta se prolongado até muito tarde, evitou ainda falar-nos antes que tivéssemos tomado a nossa refeição; só então informou-nos de que o reverendo Padre Ambrósio falecera na véspera.

Tanto nos impressionou a triste notícia, que nos vimos forçados, o Padre Arsênio, o sr. de Rasilly e eu, a recorrer às lágrimas para aliviar-nos. Não que nos entristecesse demasiado a sua ausência corporal (embora a lamentássemos), pois acreditávamos estar sua alma no céu entre os bem-aventurados, e isso nos servia de lenitivo, mas por vermos nossos projetos, de estabelecimento do cristianismo, em parte suspensos. Tínhamos, portanto, razões de sobra para afligir-nos e chorar.

Os índios, que nos amavam apaixonadamente, condoeram-se muito de nosso pesar e logo que souberam a causa choraram e se lamentaram em altas vozes dizendo: *Paí omano, Paí omano iman*, o que significa: Morreu o padre, morreu o pobre padre.

E não era sem justa razão que choravam tão bom padre, pois, além dos bens espirituais e do consôlo que podiam esperar, já lhes dera êle tantos bons exemplos de virtude e santidade, que lhe dedicavam grande afeição.

Sobreexcedendo os seus méritos, infinitamente, tudo o que me fôra possível dizer, prefiro calar-me, receoso de obscurecer-lhe a glória não o louvando como merece. Entretanto, não tenho o direito de esconder tão brilhante luz, por Deus trazida de tão longe para alumiar êste bárbaro povo pelo Evangelho que lhe caberia prègar, nem posso deixar de tornar públicas para glória de Deus e edificação do próximo, algumas particularidades de sua santa vida.

Durante tôda a vida dêsse bom padre, tanto antes de se fazer religioso como no decorrer dos treze anos em que envergou o hábito de capuchinho, só se observaram traços visíveis da vocação divina. Dir-se-ia, simplesmente ao vê-lo, que na sua fronte se imprimiam os sinais de uma alma predestinada e de um verdadeiro servo de Deus. Seu rosto refletia-lhe sempre a candura do espírito; suas palavras revelavam-lhe a pureza do coração e todos os seus atos mostravam abertamente a inocência de sua alma. Era delicado, afável e bondoso para com todos e austero para consigo mesmo na medida em que se mostrava benevolente e bom para com os outros.

Desde cedo, quando ainda vivia na sociedade, trazia sempre consigo o cilício, jejuando austeramente e orando a Deus com muita devoção. Tão constante se mostrava que nada no mundo era capaz de fazê-lo esquecer seus deveres. Assim se preparava desde a mocidade, êsse novo soldado de Cristo, para mais valentemente combater quando se alistasse na Ordem de São Francisco, sob a proteção do porta-bandeira dos missionários.

Se me fôsse possível frisar aqui os atos de sua vida e as particularidades de suas ações durante sua existência de religioso, ver-se-ia quão grande era a santidade dêsse servo de Deus. Mas não é êsse o nosso costume e nem os meus superiores o permitiriam, pois não desejam ostentar aquilo que apraz à Bondade Divina realizar no interior dos nossos claustros. Baste-me dizer que seu coração se consumia no desejo ardente de sofrer pelo amor que a Deus dedicava.

Dentro do convento, só aspirava à humildade e ao desprêzo, mas não o conseguia porque, pelo contrário, seus méritos o faziam honrado e estimado por todos os religiosos. Aninhara no coração o santo desejo de sofrer o martírio em benefício de sua fé sem que jamais tivesse tido ocasião até que aprouve a Deus favorecer a emprêsa do Maranhão. Quando a Rainha para isso escolheu os padres de nossa ordem, imediatamente êle se ofereceu com tão grande e desmedido fervor que não foi possível recusá-lo.

Tal fervor não foi passageiro, mas continuou até o seu último suspiro. Que não fêz êle durante a viagem? Durante os cinco ou seis meses que permanecemos fora do convento em S. Malo e em Cancale à espera do embarque, cuidava com carinho de tudo, preparando o que nos era necessário. E embora fôsse padre e prègador não deixava o mais das vêzes de assumir tôdas as tarefas, e arranjar o necessário à nossa refeição, o

que continuou a fazer mesmo no mar e nesse país do Brasil. Era sempre o primeiro a procurar os serviços mais humildes e mais baixos com admirável zêlo.

Desejava extremamente a salvação dos pobres índios e não deixava escapar nenhuma ocasião para falar-lhes em benefício de suas almas, infatigável no trabalho em prol da glória de Deus. Quando prègava, sentia-se possuído de tão grande devoção que quase sempre seus olhos se enchiam de lágrimas.

Enfim, dissolvendo-se sua alma interiormente no ardor dos fogos do amor divino, não pôde ela durar muito tempo na frágil embarcação dêsse corpo tão castigado. Suas dedicações ao soberano bem a levaram muito breve ao naufrágio.

Ao adoecer com febre, em 26 de setembro, disse como se disso tivesse certeza: "estou morto". Continuando a febre cada vez mais forte, pôs-se a falar ùnicamente em Deus e nas cousas do céu, com tamanha devoção que já parecia puro espírito. Não se cansava de louvar a Deus e de agradecer-lhe a graça de tê-lo enviado para essa terra e dizendo que do mundo só levava o pesar de não ter morrido mártir como desejara. Recebeu o sagrado viático com grande fervor das mãos do Reverendo padre Ivo, que o assistiu até o fim; e também a extrema-unção.

Em cima de sua cama, durante a moléstia, havia um pequeno quadro do apóstolo São Pedro, a quem dedicava particular devoção por se ter chamado Pedro no mundo secular. Pouco antes de morrer, o quadro caiu em cima dêle, e do ocorrido augurou o padre Ambrósio seu próximo fim (embora sem nisso acreditar completamente) e disse: "vamos, meu bom santo, vamos, já que me quereis levar; estou pronto". Mal proferira estas palavras virou-se e principiou a agonizar em meio a uma febre violenta que suportava com satisfação. Entregou seu espírito nas mãos daquele que lho havia dado, o qual, segundo seu costume de remunerar a todos de acôrdo com os méritos e as ações virtuosas, sem duvida terá dado a êsse servo fiel a gloriosa coroa de mártir triunfante, que tanto e tanto desejara e tão longe viera procurar.

Morreu êsse apóstolo do Maranhão a 9 de outubro de 1612, dia do glorioso mártir São Diniz, primeiro apóstolo de França, e foi enterrado em nossa residência de São Francisco, junto ao Forte de São Luís, na Ilha Grande do Maranhão.

CAPÍTULO XXII

De nossa visita a Maioba e Coieup. (1)

EPOIS de um pouco mitigada a nossa dor ante essas tristes notícias, consultamo-nos, o sr. Rasilly, o Reverendo Padre Arsênio e eu, acêrca do que nos cabia fazer. Diante do que ocorrera com tanta felicidade em Juniparã, julgávamos muito necessário que um de nossos padres aí permanecesse. Era o principal lugar da ilha e fazia-se mister conservar o que se começara tão santamente. Por outro lado, sabíamos que nos esperavam para breve os principais de Eussauap (2) e os demais habitantes, em razão da promessa que lhes havíamos feito de ir vê-los e dar-lhes um *Paí* que com êles residisse nessa aldeia, a mais importante depois de Juniparã.

Víamos que os índios, em sua maioria, receavam que os abandonássemos por causa da morte do reverendo Padre. E em verdade todos os nossos projetos e planos estavam adiados ou transtornados com êsse falecimento.

Finalmente Deus, que jamais abandona os seus, e não falha nas maiores dificuldades, inspirou-nos a continuar nossa viagem e deixar o reverendo Padre Arsênio em Juniparã, tanto para acabar de instruir e batizar os que se mostravam dispostos, como para confirmar na doutrina cristã os recém-batizados.

Na manhã seguinte, despedimo-nos de Japi-açu, bem como dos principais e anciões de Juniparã, recomendando-lhes o nosso companheiro

---

(1) COYIEUP — nom de lieu; c'est à dire une courge qui sert de vaisselle. — Laet reproduziu *Coyeup*, mas na Chronica de Bettendorf, que copiou aquêle autor, está *Coynep*, corrigidas para *Coynpé*. — Em Gabriel Soares vem *Cuieyba*, que é *Cuiaíba*, árvore de cuia, ou *Cuieira* (*Crescentia cujete*, Linn.).

(2) EUSSAOUAP — non do lieu; c'est à dire le lieu où on mange les Crabes. — Bettendorf leu em Laet *Onça ou Cap*, que supôs ser *Onçaquaba* ou *Oçaguapé;* mas, tanto na edição francesa, como na latina daquele autor, o que se lê, é *Eussa-ouap*. Na *História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará*, do Padre José de Morais, está *Uçágoába*, que com melhor ortografia é *Uçaguaba* composto de *uçá*, nome genérico do caranguejo, e *guaba*, particípio de *u* comer: o em que, ou onde se come caranguejos, conforme com a definição do texto — A aldeia de *Uçaguaba* é a atual Vinhais.

e rogando-lhes se mostrassem obedientes e diligentes, não só os que já se achavam batizados, mas ainda os que deviam sê-lo; e principalmente recomendamos que cuidassem de conservar as graças recebidas, observando santamente as promessas feitas por ocasião do batismo, continuando a orar diante da Cruz, pela manhã e à tarde, como se haviam acostumado a fazer.

Em seguida, dirigindo-me ao reverendo Padre Arsênio, pedi-lhe que ficasse nesse lugar para trabalhar como padre e pastor, mostrando particular cuidado para com as ovelhas recém-trazidas a Jesus Cristo e para com as outras que lhe arrebanhasse, porquanto deveria um dia prestar contas a Deus. Abraçamo-nos afinal fortemente, com não menos lágrimas nos olhos, do que dor no coração, e assim deixamos Juniparã.

Encaminhamo-nos então, o sr. de Rasilly e eu, com mais alguns franceses e muitos índios, para a aldeia de Eussauap. Atravessamos Juniparã-Pequeno, distante do Grande meia légua, e seguimos para Maioba, onde chegámos à tarde, sendo recebidos muito carinhosamente pelo principal que disse estar-nos esperando há muito, tanto assim que não deixara um só dia de ir à caça e de mandar caçar a fim de haver sempre pronta alguma coisa quando chegássemos

Era êsse homem um bom velho, e grande discursador, que vira tôdas as guerras contra os portuguêses. Quando encontra ouvidos, mostra prazer em passar a noite discorrendo sôbre os mais variados assuntos. Apreciava-nos particularmente e mais do que todos se esforçou por construir-nos uma cabana e uma capela para celebração da missa, nisso trabalhando pessoalmente com grande entusiasmo e incentivando os outros a fazê-lo.

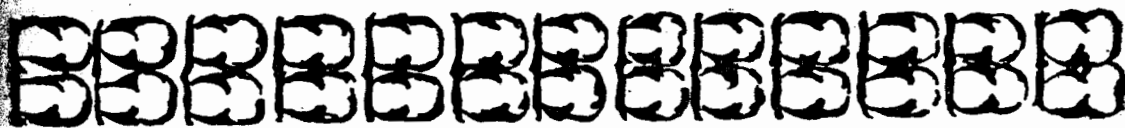
Logo depois de nossa chegada, convocou uma reünião na Casa Grande, onde o sr. des Vaux lhes disse as palavras costumeiras que muito satisfizeram os habitantes do lugar, em particular o seu principal, o qual as acolheu com tanto maior contentamento quanto nos estimava sobremaneira.

Saindo de Maioba fomos a Coieup onde nos receberam com tôdas as demonstrações de aprêço, como nos outros lugares. O principal e os habitantes mostraram-se muito satisfeitos com as palavras do sr. des Vaux e lhe responderam logo com tôda a delicadeza desejável.

Pouco depois de nossa chegada, uma índia, no fim da aldeia, apanhou no vôo um ganso (3) selvagem, dêsses a que chamam *Upec* (4). Como hesitasse se devia ou não soltá-lo, outra mulher, mui devota e bondosa, disse-lhe que não o deixasse fugir, mas antes o desse ao *Paí* que acabava de chegar com o morubixaba. Aquiescendo ao conselho, ela depenou-o, cosinhou-o e no-lo trouxe, contando-nos como o pegara e rogando-nos que o aceitássemos.

---

(3) Deve ser pato, embora o autor se refira a "oie" (N. do T.).

(4) VPEC — oye sauvage. — *Upeca* vem em Gabriel Soares; atual *ipeca*, nome do pato *Anas vituata*, Linn, e de outras aves nadadoras; de *y* água, *pec* bater: bate a água, nadador.

CAPÍTULO XXIII

De um índio velho, batizado em Coieup, e de sua morte.

SSE grande Deus que, segundo o Apóstolo, é o único a bem conhecer os seus, nunca deixa de outorgar-lhes as suas graças em tempo e hora. Sabe encontrá-los em todos os climas e lugares e chamá-los a si com infinito amor e bondade, proporcionando-lhes meios suficientes para alcançarem a glória prometida. Eis um exemplo admirável que se verificou durante a nossa visita.

Logo ao chegarmos à aldeia de Coieup, visitando o sr. de Rasilly as choupanas foi ter à casa de um velho chamado *Su-assuac* (1), dos principais e mais antigos aí, pai da mulher de Japi-açu, de quem já falei como sendo o maior morubixaba do Maranhão.

Êsse índio tinha cento e sessenta e tantos anos e já pouco enxergava por causa da velhice. De aspecto venerável, grave, sereno, amável, ainda se mostrava firme no andar. Sua filha, mulher de Japi-açu, veio de Juniparã visitar-nos; e tendo chegado a Coieup pouco antes de nós, contara a seu pai o que fizéramos em Juniparã, como chantáramos a cruz, batizáramos seus filhos e casáramos sua filha. Disse-lhe ainda da grande satisfação que todos haviam experimentado com a nossa presença, das nossas ações e de como já se achava ela até certo ponto instruída no conhecimento de Deus e da nossa fé. Comunicou a seu pai o que sabia e começou a catequizá-lo.

Entrementes, viu aparecer o sr. de Rasilly e logo disse a seu pai: "eis o grande morubixaba". Ao que o bom velho, cheio de alegria, atalhou de sua rêde: "és tu o grande morubixaba que nos veio salvar? És tu que deixaste o teu país para defender-nos dos nossos inimigos e que trouxeste os *Paí* para instruir-nos e fazer-nos filhos de Deus?" E o dito sr. de Rasilly respondeu-lhe que sim, que viera com os *Paí* para com êles, índios, morar, viver e morrer.

---

(1) SOU OUASSOU AC — nom d'un Indien.

Indagou então o bom velho se os *Pai,* que trouxera e tinham tão grande poder, não teriam o de curá-lo. Ao que lhe respondeu o sr. de Rasilly ser a moléstia do ancião a velhice, doença incurável; que assim como fôra jovem devia envelhecer e tornar-se caduco e débil, como era natural, e morrer finalmente como ocorrera a seus predecessores. A morte sendo inevitável e dela ninguém podendo eximir-se, aconselhava-o a procurar a salvação da alma que um dia se separaria de seu corpo. E isso seria fácil se acreditasse em Deus e fôsse batizado. Para isso, de resto, para instruí-los, batizá-los e salvá-los, é que trouxera os *Paí.* Observou-lhe o bom velho: "bem quisera que os *Paí* fizessem com que Deus desça em meu coração". Respondeu-lhe o dito senhor que isso só se podia fazer pelo batismo. E o velho replicou incontinente: "Pois eu te peço mandar batizar-me". E levantando-se da rêde conduziu o sr. de Rasilly até o galinheiro, afirmando-lhe que lhe dava tôdas as suas galinhas à condição tão sòmente de ser batizado.

Assim se comportava na ânsia de se ver batizado. Não sendo ainda instruído, ignorava os sacramentos e como deviam ser administrados. Mas o sr. de Rasilly lhe disse que não viera para tomar-lhe o que quer que fôsse; que os *Paí* nada desejavam receber para torná-lo filho de Deus. Insistiu, porém, o bom velho com tanta amizade e tamanha cortesia, que não houve remédio senão aceitar uma bonita galinha. A recusa podia, com efeito, parecer ao velho um desprêzo. A galinha perdeu-se pouco depois ao atravessarmos uma aldeia, e isso nos aborreceu bastante, porquanto nos lembrava sempre o ofertante.

Enquanto isso se passava, cheguei. E o sr. de Rasilly, ao aproximar-me, disse: "Eis o *paí* a cujo respeito falávamos e que vem para te ver". O bom velho, contentíssimo, mas não me percebendo imediatamente por causa da fraqueza de sua vista, indagava: "onde está êle, quero vê-lo." Cheguei-me mais para perto e êle me estendeu os braços e me abraçou estreitamente e, beijando-me as mãos, perguntou: *Eré jupé Paí* (Chegaste Paí?).

E como já estivesse o venerável velho tocado da graça de Deus, a qual começava a atuar nêle e a preparar-lhe a alma para santuário místico do Espírito Santo e morada escolhida da Santíssima Trindade, disse-me que desejava ser filho de Deus e porisso me pedia instantemente o batismo.

Respondi-lhe que estava muito satisfeito com isso, e que não queria outra cousa; mas era necessário antes instruí-lo no conhecimento de um só Deus onipotente, criador do céu e da terra, do mar e de tudo o que existe no mundo. Vali-me do ensejo para anunciar-lhe que Jesus Cristo fôra crucificado para nossa salvação e prometi que quando estivesse bem instruído e tivesse fé eu o batizaria.

Mas êle observou: "Se, para ser batizado e feito filho de Deus, é preciso acreditar, Deus que é tão poderoso, como dizes, não poderá ter descido no meu coração e feito com que o conheça perfeitamente, de modo a que assim me possas batizar imediatamente?" Tais palavras vinham por certo de Deus e não de seu espírito, porisso nos impressionaram fundamente, tanto mais quanto as dissera com serena e indizível devoção.

Respondi-lhe entretanto que Deus bem podia descer em seu coração como já o havia feito ao inspirar-lhe o desejo de ser batizado e de pertencer ao número de seus filhos. Mas que, como queria ser bem conhecido aqui, nos enviara para instruir os habitantes. "Peço-te então que assim faças, atalhou, que me instruas e me ensines o necessário ao meu batismo". E eu lhe afirmei que essa era minha intenção.

Creio que Deus, que tudo sabe a um tempo, induzia êsse pobre homem, já no fim da vida, a apressar-nos e nos levava a conceder-lhe o que tão santamente solicitava. Escrevi imediatamente ao Reverendo Padre Arsênio, então em Juniparã, rogando-lhe vir a Coieup, com o Sebastião de que já falei, para melhor fazer compreender ao bom velho o que necessitava para ser batizado. Assim fêz êle ao receber minha carta; e principiámos a catequizar o ancião que se mostrava muito satisfeito em ouvir discorrer acêrca de Deus. À noite a mulher de Japi-açu, sua própria filha, continuava a instrução, explicando-lhe o que aprendera em Juniparã.

Assim o venerável ancião, que tal qual um veado (Su-uassuac (2) quer dizer veado de chifre) fôra caçado durante mais de dezesseis anos pelo Diabo, grande caçador, e exausto por tão longa perseguição errava nos desertos da gentilidade e do paganismo, anelava apenas pelas águas claras do batismo, fonte de tôdas as graças, para refrescar-se. E, depois de instruído durante alguns dias, foi batizado a 19 de outubro, com incalculável alegria e satisfação.

Já observei aqui que quando estivemos em Timboí (3) o principal do lugar, também velho, procurou-nos para ser batizado e argumentou com palavras semelhantes. Entretanto, não nos pareceu então devermos atendê-lo.

Bem dizem que Deus outorga suas graças a quem entende e quando quer, embora deseje que todos se salvem e conheçam a verdade. É certo, porém, que não distribui igualmente a todos os seus benefícios, mas sim como quer, quando quer e onde lhe apraz fazê-lo. *Spiritus ubi vult, spirat*, "o espírito sopra onde quer". Também dizia Deus a Moisés: *Miserebor cui volvero, et clemens ero in quem mihi plaeverit*, "terei compaixão de quem quiser e serei misericordioso com quem eu quiser." E aos romanos (9.ª): *Miserebor cujos misereor, et misericordiam prestabo cui miserebor*. Donde concluiu o apóstolo: *Igitur non volentis, neque currentis, sed miserentis est Dei*. "Não é portanto de quem quer nem de quem corre; Deus é que distribui misericórdia".

Dir-se-ia que ambos os velhos receberam a mesma graça, porque ambos inspirados por Deus disseram as mesmas palavras; e ambos pediram batismo, comovendo-nos igualmente com discursos idênticos. Por que entretanto só nos resolvemos batizar um dêles?

Perguntam também porque Deus tanto amou a Jacó e não a Esaú; porque beneficiou tanto a um e nada ao outro. Idêntica pergunta se po-

(2) SOU OUÄSSOUAC — qui signifie un Cerf à corne, ou Cerf cornu. — *Suaçuaca*, de *çoo-açu* veado, *aca* corno, chifre, ponta: corno de veado seria o nome do índio de fôlhas 109, e não veado de corno ou cornudo, como quer o texto.

(3) TYMBOHU — nom de lieu.

deria fazer a propósito dêsses índios. Mas, *quis cognovit sensum Domini? aut quis consiliarus ejus fuit?* "Quem jamais conheceu o pensamento de Deus? Quem o aconselhou?" São impenetráveis os admiráveis juízos de Deus. É indiscutível, porém, que tudo acerta muito bem; a uns dá a sua glória quando lhe apraz, mas concede a todos as suas graças e não há pessoa por quem não tenha feito o suficiente para salvá-la.

Deus, pois, contentando-se com prolongar a vida ao primeiro velho para que se instruísse melhor e com maior proveito, inspirou-nos o batismo do segundo, que êle desejava tirar do mundo e chamar à fé.

Observa o profeta Isaías, para admiração e terror de todos, que o menino de cem anos morrerá e o pecador de cem anos será maldito, *puer centum anorum morietur, et peccator centum anorum maledictus erut.* Não será igualmente admirável ver nascer um menino, nascer e morrer quase ao mesmo tempo, e não na idade de cem anos sòmente, mas sim entre 160 e 180 anos? Ó prodígio! Nascia morrendo e morria nascendo para encontrar a vida! Era uma criança que nascia com 160 e tantos anos pela regeneração das fontes sagradas do batismo. Não fôra filho do Diabo antes do batismo? Ora, depois do batismo tornou-se filho de Deus. Antes do batismo, embora velhíssimo era criança, porque nada sabia acêrca da Lei. Depois do batismo, porém, tornou-se como um recém-nascido, *quasi modo genitus rationabilis sine dolo,* sugando o leite da graça de Deus e a doutrina cristã.

Se antes do batismo era filho das trevas e da malícia, depois do batismo fêz-se filho da luz e da Santa Inocência. E como Deus disse que maldito seria o pecador de cem anos, que terror não deverá ter quem por tão longo tempo errou? Não deve, porém, perder a esperança. Ao contrário, deve voltar-se para Deus e esperar misericórdia, igual à que êle deu a êsse bom velho no fim da vida. Pois, após haver vivido tão má vida durante tanto tempo, recebeu graças e bênçãos de Deus por meio do batismo. Tornou-se inteiramente outro a ponto de se poder dizer que antes e depois do batismo sempre foi, *puer centum et sexaginta annorum,* uma criança de mais de 160 anos.

Afirmam os naturalistas que a águia, depois de velha, já não podendo suportar a grossura do bico adunco que a impede de comer, o pêso de suas penas que não lhe permite o vôo altaneiro, e a debilidade da vista que a impossibilita de fixar o sol como de costume, se atira dentro de uma fonte límpida, quebra o bico numa pedra dura, se despoja de suas velhas penas, recobrando assim a juventude e as suas fôrças. Muda de bico, então, e de penas; recupera a vista e recomeça a comer, a voar alto e a encarar o sol como fazia antes.

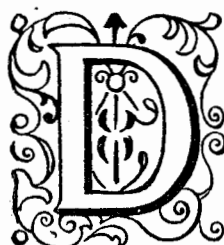
Assim êsse índio velho. Não podendo mais suportar a velhice de sua avançada idade, com o bico recurvado, com as penas de seus maus costumes e diabólicas conversações mergulhadas na infidelidade e envelhecidas no paganismo, e mais cego de alma que de corpo, viu-se lavado na límpida fonte do batismo, por êle tão desejada. Deus satisfez-lhe a vontade e de tal modo o rejuvenesceu que, como a águia, principiou a comer, a voar alto e a olhar firmemente o belo sol divino. Pois, mal recebeu o batismo, as enfermidades se lhe tornaram celestiais, regozijando-se desde então pelo benefício infinitamente grande que lhe viera de Deus.

Viveu êle ainda cêrca de dois dias com indizível alegria e sem outra moléstia que não a velhice. Essa alma bem-aventurada, liberta de suas velhas penas, renasceu como a águia generosa; e cheia de fôrça e de coragem começou a ensaiar vôo, a subir muito alto até que, perdendo a terra de vista, entrou no céu. E assim como a águia faz seu ninho em lugares elevados e escolhe para morada um recanto entre as pedras, sôbre os picos inacessíveis, assim também essa santa alma fêz seu ninho entre as hierarquias celestes, construindo seu abrigo entre as belas pedras preciosas das almas glorificadas, para daí contemplar eternamente o verdadeiro sol da justiça.

Em verdade, como se poderia julgar essa alma, senão assim, diante da crença verdadeira da Igreja de Deus, que afirma ir direito para o Paraíso quem morre na inocência do batismo? Tão certo é isso que eu daria a vida em testemunho de verdade. Tinha êsse bom velho a razão já amadurecida pelo tempo, e acrisolada por longos anos; tinha o espírito libertado, pela velhice, de tôda espécie de paixões e de desregramentos. E tendo empregado na devoção o pouco que viveu depois do batismo, pode-se muito bem dizer que quando essa alma bem-aventurada saiu do corpo foi logo em direitura ao céu, a fim de ser coroada com a glória eterna que Deus lhe concedeu.

Ó Deus, como sois admirável! Quem jamais acreditara que entre as nações selvagens de canibais e antropófagos, tão inumanas que comem a carne do homem, se encontrariam almas eleitas e predestinadas, dignas dessas sedes de glória! Pois é assim que êsse grande Deus com tanto amor procura, entre as diversas nações espalhadas pela superfície da terra, aquêles que são seus, a fim de completar o número dos eleitos, e jamais se esquece de proporcionar-lhes tempo, lugar e meios bastantes para torná-los justos e conduzi-los à glória celeste.

CAPÍTULO XXIV

Do que ocorreu em Eussauap durante a nossa visita.

E Coieup levaram-nos os índios, de canoa, até Eussauap, onde chegamos no sábado seguinte ao meio-dia. O sr. de Pézieux e os franceses que com êle aí residiam receberam-nos com grande carinho e se mostraram tão contentes com a nossa chegada quanto nós com revê-los.

Entretanto, a essa alegria prendia-se grande tristeza renovada pela recordação da morte do Reverendo Padre Ambrósio. Percebíamos o que com êle perdêramos, quanto sua presença fôra útil em Eussauap e vizinhanças, se tivesse sido da vontade de Deus conservar-lhe a vida e a saúde.

Como esperassem os moradores da aldeia que um de nós aí ficasse com êles, haviam edificado no meio da praça, localizada entre as choças, uma bonita capela com um altar bem arranjado. Haviam também construído uma grande cruz para ser erguida defronte da capela, como se fizera em Juniparã. Ademais, achavam-se todos dispostos a receber o santo batismo, graças aos esforços do sr. de Pézieux, apaixonadamente dedicado à salvação dos pobres índios.

Na Casa Grande, à noite, fêz o sr. Des Vaux seu discurso habitual, asseverando-lhes que por ocasião de nosso regresso de França lhes daríamos um *paí* para instruí-los, o que não fazíamos agora por causa do número diminuto de padres. Tendo morrido um e achando-se outro de regresso à França, apenas sobravam dois, um dos quais permanecia em Juniparã, devendo o segundo fixar residência no Forte de São Luís para assistir os franceses. Mostraram-se satisfeitos com a explicação, mas exigiram que erguêssemos a cruz, certos de que assim nos obrigaríamos ao restante.

Condescendemos em atendê-los. E no dia seguinte, domingo, reünidos os habitantes de Eussauap juntamente com os franceses, ditas as preces habituais e benta a água, benzi a capela e em seguida a cruz, a qual foi então erguida com as mesmas cerimônias e a devoção observadas em Juniparã, com grande entusiasmo dos índios e alegria de todos nós.

Mas assim como as rosas se encontram entre os espinhos, nunca temos satisfações sem dificuldades. O Diabo inspirou, de uma feita, à mulher de Pilatos, a idéia de impedir a crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo, prevendo que a cruz ia destruir-lhe o reinado. Assim também, prevendo o espírito maligno que a cruz por nós chantada ia expulsá-lo do Novo Mundo e estabelecer o reinado do Soberano Monarca do Céu e da Terra, não se esqueceu de levar um velho índio a esfriar o ânimo dos principais e dos anciões.

Depois de erguida a cruz, houve nova reünião na Casa Grande, onde o dito velho, de mais de 180 anos e que tinha por nome *Momboré-uaçu* (1), usando da palavra em presença de todos os principais da aldeia, disse o que segue ao sr. des Vaux:

"Vi a chegada dos peró em Pernambuco e Potiú; e começaram êles como vós, franceses, fazeis agora. De início, os peró não faziam senão traficar sem pretenderem fixar residência. Nessa época, dormiam livremente com as raparigas, o que os nossos companheiros de Pernambuco reputavam grandemente honroso. Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a êles e que precisavam construir fortalezas, para se defenderem, e edificar cidades para morarem conosco. E assim parecia que desejavam que constituíssemos uma só nação. Depois, começaram a dizer que não podiam tomar as raparigas sem mais aquela, que Deus sòmente lhes permitia possuí-las por meio do casamento e que êles não podiam casar sem que elas fôssem batizadas. E para isso eram necessários *paí*. Mandaram vir os *paí;* e êstes ergueram cruzes e principiaram a instruir os nossos e a batizá-los. Mais tarde afirmaram que nem êles nem os *paí* podiam viver sem escravos para os servirem e por êles trabalharem. E, assim, se viram constrangidos os nossos a fornecer-lhos. Mas não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando tôda a nação; e com tal tirania e crueldade a trataram, que os que ficaram livres foram, como nós, forçados a deixar a região.

Assim aconteceu com os franceses. Da primeira vez que viestes aqui, vós o fizestes sòmente para traficar. Como os peró, não recusáveis tomar nossas filhas e nós nos julgávamos felizes quando elas tinham filhos. Nessa época, não faláveis em aqui vos fixar; apenas vos contentáveis com visitar-nos uma vez por ano, permanecendo entre nós sòmente durante quatro ou cinco luas. Regressáveis então a vosso país, levando os nossos gêneros para trocá-los com aquilo de que carecíamos.

Agora já nos falais de vos estabelecerdes aqui, de construirdes fortalezas para defender-nos contra os nossos inimigos. Para isso, trouxestes um Morubixaba e vários *Paí*. Em verdade, estamos satisfeitos, mas os peró fizeram o mesmo.

Depois da chegada dos *Paí*, plantastes cruzes como os peró. Começais agora a instruir e batizar tal qual êles fizeram; dizeis que não

---

(1) MOMBORÉ OUASSOU — nom d'un Indien vieillard... agé de plus de neuf vingts ans. — Êsse índio, segundo dizia, tinha assistido ao estabelecimento dos portuguêses em Pernambuco no Potengi. — *Boré-guaçu*, de *mbiré*, espécie de trombeta ou flauta, e *guaçu* grande.

podeis tomar nossas filhas senão por espôsas e após terem sido batizadas. O mesmo diziam os peró. Como êstes, vós não queríeis escravos, a princípio; agora os pedis e os quereis como êles no fim. Não creio, entretanto, que tenhais o mesmo fito que os peró; aliás, isso não me atemoriza, pois velho como estou nada mais temo. Digo apenas simplesmente o que vi com meus olhos".

O discurso do velho abalou a maior parte dos presentes à reünião e espantou um pouco o sr. des Vaux que imediatamente lhe respondeu.

"Admira-me muito que tu, que há tanto tempo conheces os franceses, ouses compará-los aos peró, como se não soubesses a diferença de temperamento que há entre nós e êles. Tu te recordas da chegada dos peró a Pernambuco e Potiú e de como trataram os teus desde o início. Viste, porventura, franceses fazerem o mesmo? Vai para quarenta ou cinqüenta anos que negociamos convosco; tendes alguma queixa de nós? Ao contrário. E não sabes quanto seria infeliz a tua nação sem o auxílio dos franceses? Forçados ao abandono de vossa pátria e de tôdas as vossas comodidades, a fim de vos refugiardes aqui, que seria de vós, se os franceses não vos tivessem procurado para trazer-vos machados, foices, e outros gêneros que vos são necessários e sem os quais não podeis preparar vossas roças e viver? Que faríeis se não atravessassem o mar todos os anos, não só para vir ver-vos, mas ainda trazer-vos novas mercadorias destinadas à substituïção das antigas já gastas? Onde obteríeis outras?

Não sabes, tampouco, que são os franceses que sempre vos defenderam contra vossos inimigos? Bem sabes, pelo conhecimento do passado que tua nação foi tão grande outrora e tão valorosa que a nenhuma outra temia. Não foi a guerra que a dizimou e vos reduziu a tão pequeno número? E êsse pequeno número não teria sido exterminado sem o auxílio dos franceses? Os franceses são grandes guerreiros; e são tão valentes e tão temidos das outras nações do mundo, que jamais ninguém ousou atacar-vos desde que estais sob a sua proteção. Não foi por isso que me pediste, juntamente com os teus, para regressar à França e fazer ver ao nosso grande rei as vossas necessidades e o vosso desejo de um Morubixaba para defender-vos contra os vossos inimigos? A amizade que sempre manifestei pela tua nação levou-me a empreender essa longa e perigosa viagem, a arriscar a vida para trazer-vos, como o fiz, numerosos e valentes soldados, não apenas com o fim de defender-vos, mas ainda de repovoar vossa nação e torná-la florescente como outrora.

Trouxe também os *Paí*, de conformidade com o vosso pedido, para vos instruir e vos tornar filhos de Deus. E agora nos dizes que queremos agir como os peró. Se os franceses vos fizerem tanto bem, se são vossos melhores amigos e vossos aliados, como o confessas, é muito injusto compará-los aos peró, vossos inimigos e que tantos males causaram à tua nação, como bem o dizes".

Com êste discurso ficaram todos indecisos, pois as palavras do velho índio os haviam de tal modo abalado que, apesar dos argumentos do sr. des Vaux, não deixavam muitos de acreditar no companheiro. Em verdade, os principais estavam conosco e com o sr. des Vaux, e se sentiam

assaz aborrecidos com o que dissera o ancião, prejudicial aos franceses, seus bons aliados.

Enquanto essas cousas se passavam, o sr. de Rasilly, que se encontrava a meu lado, fingia nada entender, pois achava de melhor alvitre dissimular então seus sentimentos. E assim retiramo-nos cada qual para seu lado, sem nada resolver-se. Mais ou menos no mesmo momento, foi o sr. de Rasilly avisado de que sua presença no Forte de São Luís se fazia necessária para solução de alguns casos importantes. Vimo-nos, portanto, forçados a abreviar a visita e a voltar imediatamente. Passamos por Euaíve (2), Eucatu e Euapar, (3), demorando-nos alguns dias na visita dessas aldeias e de outras no caminho; em tôdas fomos recebidos muito amàvelmente e não houve quem não se mostrasse satisfeito com os discursos do sr. des Vaux, pronunciados nas diversas Casas Grandes.

Verificando, ao chegarmos ao Forte de São Luís, que os negócios exigiam também a presença do reverendo Padre Arsênio, então em Juniparã, e do sr. de Pézieux, que se encontrava em Eussauap, mandou chamá-los o sr. de Rasilly e êles vieram imediatamente. Entrementes, contou o sr. de Rasilly a Migan, um dos nossos intérpretes, o que ouvira do tal velho, na Casa Grande de Eussauap. E pediu-lhe, temendo que tais ocorrências alterassem a boa disposição dos espíritos e fôssem causa de algum contratempo, que se dirigisse a essa aldeia o mais brevemente possível e procurasse convencer o ancião, aplacando os outros índios.

Migan assim fêz e chegando a Eussauap foi à Casa Grande onde encontrou o dito Mamboré-Açu, que repetiu tudo o que já dissera ao sr. des Vaux por ocasião de nossa visita.

Migan, que o conhecia e vivera entre os índios desde a mais tenra infância, respondeu a mesma cousa que o sr. des Vaux, acrescentando ainda que os franceses de outrora não tinham intenção de se fixar no país; vinham apenas para traficar e só se demoravam durante cinco a seis luas, tempo suficiente para reünir os gêneros de que necessitavam. Depois regressavam à França; eram sòmente mercadores e marinheiros, pessoas que não tinham por hábito ser servidos. Não pediam, porisso, escravos, pois não tinham que fazer com êles.

"Mas já viste porventura, disse, grandes morubixabas e valentes guerreiros como vês agora? Êles estão acostumados a mandar e a ser servidos; possuem em sua terra muita fortuna e não fazem outra cousa senão ir à guerra. Deixando agora a França para virem residir em teu país, defender tua nação contra o inimigo e viver entre vós como amigos, como queres que não tenham escravos para suas roças e as cousas de que precisam? Não te deves, pois, espantar com o fato de pedirem escravos os franceses de agora, quando os de outrora não o faziam.

---

(2) EUAYUE — village... c'est à dire la vieille eauë, ou l eau trouble (pág. 140). — Laet escreveu *Huayne*, como leu Bettendorf; na edição francesa daquele autor está Euayne. — É boa a etimologia do texto, de *y* água, *áu* suja, turva.

(3) EUAPAR — village... c'est à dire l'eauë crochuë. — Deve ser *Yapar*. Bettendorf leu em Laet *Huapar*; mas na edição francesa daquele autor está *Euapar*. De *y* água, rio, e *apar* torto.

Com referência ao que te vanglorias de ter visto, durante o estabelecimento dos peró em Pernambuco e Potiú, e que dizes farão os franceses, não te lembras de como se comportaram os peró desde o início? Há cinqüenta anos conheces os franceses e com êles convives diàriamente; já os viste praticar atos semelhantes aos dos peró? Forçaram tua nação a fazer qualquer cousa contra a vontade? Não te pagam tuas mercadorias com outras? Quando os alimentaste ou por êles fizeste algo não te pagaram o devido? E desde que os conheces já os viste fazerem o que quer que seja, semelhante ao que fizeram os peró, no intuito de aqui vir plantar. Não o fizeram, bem o sabes; e não o farão jamais, porque isso seria contrário a seu temperamento que os leva ao bem e à doçura.

Pensas que pode haver no mundo nação melhor que a francesa? Não e não. São os franceses os primogênitos da Igreja, os filhos que o grande Tupã escolheu para ensinar a fé aos outros. Os peró, como os demais, só receberam a fé muito depois dos franceses; são ainda jovens e menos instruídos. Os seus próprios *Paí* não passam de aprendizes dos verdadeiros *Paí* e não são tão capazes de observar as cousas ensinadas pelo grande Tupã.

Por outro lado, não te lembras de que os *Paí* que estão entre os peró têm escravos para servi-los? Os que aqui se encontram não os têm. Não mandam aquêles cultivar a terra, não negociam, não possuem grandes riquezas? Êstes nada querem; desprezam tudo o que lhes pode trazer fortuna e não cuidam das riquezas do mundo. Aquêles andam confortàvelmente vestidos e calçados; êstes não, andam sempre descalços como o faziam os verdadeiros *Paí* e os grandes profetas que, com a permissão de Deus, deixaram os sinais de seus pés nus nos rochedos próximos de Potiú, por onde andaram, como tu e os teus pudestes ver, e eu também; e assim deram uma prova do poder e da assistência que lhes vinham do grande Tupã".

Ante essas palavras mostrou-se o velho convencido e satisfeito, e declarou que nunca mais voltaria ao assunto, pois nada tinha a responder a seu compadre Migan. Todos os índios presentes, que adoravam os franceses, ficaram contentíssimos com a vitória de Migan, e confessaram que seu pesar ao ouvirem o velho Momboré-Açú fôra tão grande quanto era agora sua alegria ante a irrespondível resposta de Migan.

Enquanto tais acontecimentos ocorriam em Eussauap, permanecemos no Forte de São Luís pondo em ordem nossos negócios. Terminados êstes, o sr. de Rasilly e o reverendo Padre Arsênio partiram para uma aldeia de nome *Tapi-Tuçu* (4), onde os receberam muito bem o principal, Quatiara-Uçu e os demais habitantes. E todos se mostraram encantados com o habitual discurso do sr. des Vaux na reünião da Casa Grande. Aí se demoraram todos por três ou quatro dias, regressando em seguida ao Forte, onde nos achávamos para cuidar do que se fazia necessário à glória de Deus e ao estabelecimento da colônia.

---

(4) TAPY TOUSSOU — village. — *Tapituçu*, que é variante ortográfica de *Tapiruçu* (vide nota 4, pág. 162).

CAPÍTULO XXV

De um menino milagrosamente curado pelo batismo.

Ão desejando Deus poupar a êste povo as provas extraordinárias de sua infinita bondade, que distribuiu a tantos outros quando lhes fêz anunciar o conhecimento de seu sacratíssimo nome, permitiu, no tempo em que se passavam as cousas acima descritas, que um dos *Paí*, de passagem por Juniparã, encontrasse um menino, de quatro anos de idade mais ou menos, já agonizante e que tinha perdido a palavra após longa e penosa doença. Já o considerava morto sua mãe, e o chorava. Perguntou-lhe o *Paí* se ela queria que o filho fôsse batizado, a fim de que se salvasse pelo menos a alma. Respondeu ela que sim e que lhe suplicava mesmo insistentemente fazê-lo. Imediatamente batizou-o o *Paí*, e apenas realizado o ato recobrou a palavra o pequeno; e também a saúde, tão perfeita, como nunca tivera. Isso causou grande admiração aos índios, bem como aos franceses que se achavam presentes, e aumentou entre os índigenas o desejo de serem batizados.

Tais são os efeitos dos sacramentos; têm o poder de dar vida à alma e também, querendo-o Deus, saúde ao corpo. Assim é que Constantino se viu milagrosamente curado da lepra que tinha no corpo, ao mesmo tempo que o era da lepra espiritual que tinha na alma, e isso por meio do santo sacramento do batismo.

São êsses atos extraordinários da mão poderosa de Deus, que é o único a poder produzir semelhantes efeitos quando lhe apraz. A êle só, também, cabem a honra e a glória.

CAPÍTULO XXVI

Das embaixadas enviadas à Tapuitapera e Cumá

ENDO os senhores loco-tenentes-generais que os habitantes da Ilha do Maranhão estavam resolvidos a submeter-se ao govêrno dos franceses, tanto no espiritual como no temporal, mandaram Migan juntamente com Pira-jivá (1), um dos principais, e mais alguns índios do Maranhão, a Tupuitapera (2), que se acha na terra firme defronte dessa ilha, para dêles indagar se não desejavam aprovar o trato feito pelos habitantes da Ilha Grande com os franceses. A essa consulta deram os habitantes de Tapuitapera resposta favorável.

Não é possível dizer a que ponto o principal do lugar, por nome Serueue, apreciava os franceses. Para induzi-los a ficar com êles, disse-lhes que havia por aquelas bandas uma bela pescaria de pérolas e uma mina de ouro, o que muitos indivíduos do lugar confirmaram. Ficou combinado que, ao terminar o que havíamos iniciado sob tão bons auspícios, graças a Deus, e depois que tivéssemos embarcado para a França, para ali seguiria o senhor de Pézieux, com trinta ou quarenta franceses, a fim de verificar a veracidade das informações.

Nessa mesma ocasião, sugeriram os índios da Ilha do Maranhão aos referidos senhores loco-tenentes-generais que enviassem semelhante embaixada a Coma (3), que igualmente se situa na terra firme, perto de

---

(1) PIRA IUUA — Principal. — *Piragibá*, de *pirá* peixe, *jibá* braço: braço de peixe, a barbatana. — Knivet, nas *Peregrinações*, refere-se a um principal potiguara, que denomina *Piraiuwath* em sua linguagem e traduz por espinha de peixe, *Pirajuá* ou *Piragibá* na língua própria, o qual com os seus pôs cêrco em 1602 à cidade do Natal, onde se achava Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mor da Paraíba, que chamou em seu socorro Manuel de Mascaranhas; os indígenas foram desbaratados, e *Pirajuá* pediu paz e batismo. Knivet encontrava-se na ocasião em Pernambuco, para onde o transportara do Rio de Janeiro, em agôsto de 1601, Salvador Correia de Sá, o velho.

(2) TAPOUYTAPERE — nom de lieu... qui est aussi le nom de tout la Province, signifiant la veille demeure des *Tapouys*. — *Tapuitapera, de tapui* o bárbaro, o gentio, e *tapera* (Vide *Taperoussou*, nota 40, pág. 143). — *Tapuitapera* é a atual Alcântara.

Tapuitapera. Imediatamente para lá mandou-se o sr. des Vaux em companhia de Januare-Avaetê (4), um dos principais da Ilha e grande amigo dos franceses. Foram êles muito bem acolhidos em Cumá pelos habitantes do lugar e em especial por Caruatá-Pirã e seu irmão Januaresic (5), cuja autoridade era grande por causa de sua valentia e de suas proezas. E todos deram a mesma resposta que os de Tapuitapera às proposições que o sr. des Vaux lhes fêz.

Já se preparavam êles para vir à Ilha do Maranhão prestar homenagem, quando correu o boato de que os tabajaras (6), seus inimigos mortais, desciam o rio Meari (7), a fim de assaltá-los e guerreá-los. Diante do alarme, os índios do lugar armaram-se a seu modo e correram ao encontro do inimigo juntamente com alguns franceses de nossa equipagem, mas encontraram apenas uma canoa à margem do rio, fugindo os que estavam dentro para o mato.

Êsse Caruatapirã (8) voltava de uma guerra sangrenta que durara seis meses e da qual trouxera onze escravos de diversas nações, em virtude do que fêz em Cumá uma entrada solene à moda do país.

A fim de mostrar a amizade que tinha aos franceses, reservara-lhes alguns dêsses escravos originários do Rio Amazonas e que anualmente co-habitavam com as amazonas; e os havia trazido expressamente para que os franceses pudessem, por intermédio dêles, não sòmente se estabelecer no país, como tanto desejavam, mas ainda nas terras vizinhas. Trouxe no seu regresso madrepérola, afirmando ter visto pérolas muito grandes, e também uma tinta carmesim muito bonita e de excelente qualidade e que foi muito apreciada pelos negociantes franceses pela amostra que lhes levou o sr. de Rasilly.

---

(3) COMMA — nom de lieu; signifiant la place pour pescher le poisson. — *Cumá*, talvez alterado de *cumâ* fuligem. — Da explicação do texto duvidou com razão Ferdinand Denis. (*Notes critiques et historiques sur le voyage du P. Yves d'Évreux*). — Cumã é o nome de uma Apocynea e outras plantas latecentes.

(4) IANOUARE AUAETÉ — non d'un Principal; qui signifie l'Once sauvage ou le grand chien. — *Jaguar-aba-etê*. De *jaguar* (Vide *Ianouäre*, nota 13, pág. 201), *abá-etê* homem verdadeiro: homem, verdadeira onça?

(5) IANOUARESIC — nom d'un Indien. — *Jaguaracica*. De *jaguar* (Vide *Ianouäre*, nota 13, pág. 201) e *cica* liso ou limpo.

(6) TABAIARES — Indiens. — *Tabajaras*, de *taba* aldeia, *yara* senhor: os senhores das aldeias, os aldeões. — *Tobayara*, que ocorre em outros autores, significa o que está na frente, fronteiro, estrangeiro, ádvena, inimigo.

(7) MIARY — riviere. — *Meari* atual, de *mbiá-r-y* rio da gente, onde se navega.

(8) CAROUATAPIRAN — nom d'un Indien. — *Carauatá-piranga*, carauatá vermelho. Vide *Karouäta*, nota 53, pág. 177).

CAPÍTULO XXVII

Como se ergueram na Ilha do Maranhão os estandartes de França.

EPOIS que os índios plantaram a Cruz como símbolo da aliança eterna com o nosso Deus e o desejo que testemunhavam de pertencerem ao cristianismo, demo-lhes a entender que isso não bastava, que era preciso (a fim de que os franceses não os abandonassem jamais) colocar pelos mesmos meios as armas de França junto da cruz. Pois assim como esta era o sinal de que havíamos tomado posse da terra em nome de Jesus Cristo, êsses estandartes seriam uma prova da soberania do Rei de França e um testemunho de obediência perpétua a Sua Majestade Cristianíssima. Avisamo-los de que deviam pensar sèriamente no que iam fazer e para isso lhes dávamos um mês, porquanto, quando chantassem os estandartes, se tornariam súditos de Sua Majestade e se sujeitariam a suas leis.

Foi isso proclamado em tôdas as aldeias e marcada a data de 1.° de novembro, dia de Todos os Santos, para essa cerimônia, caso concordassem. Na véspera da festa, acharam-se no Forte de São Luís seis dentre os principais do país, a saber: Japi-Açu, o principal de tôda a ilha, Marcoiá Peró, Matarapuá (1), Januare-Uaetê, Uaviru (2) e Pirajuva, os mais importantes depois do principal. Vinham acompanhados por muitos índios, homens, mulheres e crianças para ver a cerimônia.

Ao chegar, reüniram-se na Casa Grande os principais e os anciões, juntamente com o sr. de Rasilly e os intérpretes, a fim de resolverem o assunto. De acôrdo com a decisão tomada unânimemente, na manhã seguinte, dia de Todos os Santos, reüniu-se a Companhia Francesa que se achava dispersa pelas aldeias. Em seguida, armados e com garbo nos seus mais belos uniformes, marcharam os soldados ao som das cornetas e tambores e seguidos pelos índios, até a residência dos senhores loco-tenentes-generais de Sua Majestade, a fim de buscar o estandarte de França, que foi carregado pelos seis principais, na seguinte ordem: tambores e

(1) MATARAPOUÄ — Principal. (Vide *Metarapouä*, nota 6, pág. 140).

(2) OUAUIROU — nom d'un Indien. — *Guabiru*, o rato (*Mus tectorum*, Sav). — De *guab-poru*, que devora a comida.

cornetas iam à frente seguidos pela companhia francesa bem fardada e em boa ordem; vinham depois os seis principais índios, vestidos com os seus casacos azuis com cruzes brancas na frente e nas costas e carregando aos ombros o estandarte. Os srs. de Rasilly e de la Ravardière, loco-tenentes-generais, vinham atrás segurando as extremidades do estandarte e os acompanhavam todos os fidalgos franceses de nossa equipagem. Uma grande multidão de índios acorridos de tôdas as aldeias circunvizinhas fechava o cortejo. Foram assim em triunfo, desde a residência dos loco-tenentes, até o pé da Cruz, onde se colocou o estandarte após a exortação do reverendo Padre Ivo. O sr. de la Ravardière dirigiu-se então aos franceses nestas palavras: "Senhores, vêde como os próprios índios fincam êsse estandarte de França em sua terra, colocando-a na posse do Rei; e juram todos viver e morrer conosco, como verdadeiros súditos e fiéis servidores de Sua Majestade. O sr. de Rasilly, cuja fiel assistência ninguém pode pôr em dúvida, parte um dêsses dias para a França; vai demonstrar a Sua Majestade e a todo o país a importância dêste ato. E suplicar a Sua Majestade, muito humildemente, em nosso nome, que haja por bem enviar-nos a seu regresso o auxílio necessário ao estabelecimento perfeito desta nova colônia. Peço a todos os homens de bem e coragem desta companhia que me assistam durante a sua ausência, a fim de que possa conservar a colônia. Quanto a mim, sentir-me-ei feliz de morrer por tão justa e honrosa defesa".

Todos juraram fazê-lo também, por meio de aclamações, e prometeram que depois da cerimônia iriam assinar o documento que se reproduz adiante. Depois disto dirigiu-se o sr. de Rasilly aos índios e, por intermédio do sr. des Vaux, lhes disse: "Meus amigos, já testemunhastes, pelo bom e expontâneo acolhimento que nos reservastes desde a nossa chegada a vosso país, e pela ereção da Cruz de Jesus Cristo, filho de Deus, a que ponto sois amigos dos franceses e desejais tornar-vos filhos do grande Tupã pelo santo sacramento do batismo.

Para obrigar-nos a não vos abandonar jamais e a vos defender contra os vossos inimigos, era mister que plantássemos juntos êsse estandarte de nosso rei de França, o qual para aqui nos mandou, a fim de tomar posse da terra e integrá-la no seu império de acôrdo com o que vós mesmos mandastes pedir.

Fôstes avisados de há muito das conseqüências dêste ato. Pensai ainda uma vez, antes de fincardes esta insígnia e estas armas no chão, se desejais que um Rei de França seja o soberano e se quereis obedecer àqueles que êle envia para governar-vos. Porquanto, depois de eu aceitar em seu nome esta terra não será mais possível nenhum arrependimento; nem a palavra dada poderá ser retirada. Se o fazeis de boa vontade, como testemunhastes até o presente, prometo-vos que êsse grande Rei nunca vos abandonará. Meus irmãos e meu amigos que aqui deixo, testemunhando minha boa vontade para convosco, morrerão todos antes do que permitir que vos ofendam.

Entretanto, vou para a França dar boas informações de vossa nação e contar a boa vontade que tendes. Trarei comigo muitos *Paí* e profetas para sustentar esta Cruz e vos instruir na nossa religião; e com êles

trarei quantos franceses forem necessários para povoar e defender esta terra e fazer com que vossa nação e a nossa sejam uma única doravante, a qual, com a graça de Deus e o nosso bom govêrno, se tornará grande e temida do mundo inteiro."

A isso responderam os índios com manifestações de alegria que sempre haviam desejado a aliança dos franceses e que jamais faltariam à promessa feita. Entregavam sua terra nas mãos do sr. de Rasilly e lhe pediam que com ela presenteassem o Rei, suplicando muito humildemente à Sua Magestade aceitar a oferta. Também rogavam que lhe mandassem bom número de *Paí* para instruí-los e batizá-los, e que houvesse por bem defendê-los contra seus inimigos. Prometiam viver e morrer como súditos de Sua Magestade Cristianíssima, pela proteção da Santa Cruz e das armas de França. Como testemunho do que afirmavam, chantavam o estandarte onde se encontravam as armas de França.

Assim dizendo, fincaram êles próprios o estandarte e as armas de França, enquanto soavam as cornetas e os tambores e se disparavam tiros de canhão e de mosquetes em sinal de alegria, entre o entusiasmo dos franceses e de todos os índios.

Para que ninguém se espante dêste ato, direi de passagem que a primeira cousa que os antigos romanos faziam em suas conquistas era plantar seus estandartes no meio da praça ou no lugar mais elevado da terra conquistada, a fim de demonstrar que daí por diante seriam os soberanos, os possuïdores dela.

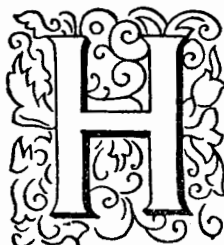
Quantas nações não praticam o mesmo. Para distinguir-se umas das outras, têm sempre o cuidado de pintar suas armas ou alguma divisa especial em seus estandartes; a águia e o minotauro figuram na insígnia dos Romanos; a pomba de Semiramis na dos Assírios; três falcões na de Dario, que com isso dava a entender que pretendia subjugar as três partes do universo.

Haverá alguma nação na terra que não tenha suas armas, suas divisas nos estandartes colocados nos lugares mais altos dos reinos, das províncias e das cidades, para serem reconhecidas pelas outras? Por êsse mesmo motivo, os franceses com os índios com os franceses chantaram o estandarte de França no meio dessa terra recém-conquistada, não pelas armas, mas pela cruz, não pela fôrça, mas pelo amor que docemente obrigou os índios a doar seu país e suas vidas ao Rei de França; e depois de terem êles próprios plantado a cruz como prova de que desejavam ser filhos de Deus, fincaram também as armas e os estandartes de França em sua terra para que as outras nações reconhecessem ser nosso rei cristianíssimo e soberano senhor e o pacífico possuïdor da mesma. Assim como de direito é êle Rei de França e de Navarra, é, por tôdas as leis, rei das Índias, ou melhor, da França Equinocial.

Foi a Rainha Regente que lhe deu êsse novo diadema, assim como ao grande Salomão coroou-o sua mãe no dia de seus esponsais e da alegria de seu coração, isto é, no primeiro ano de seu reinado. Porisso, depois de Deus, é a essa rainha que se deve tal honra, porque Sua Magestade foi quem, depois da morte de Henrique o Grande, empreendeu ação tão heróica, o que se comprova pelo estandarte com que honrou a expedição

de seus loco-tenentes-generais, estandarte em que está pintado um belo navio com tôdas as suas velas ao vento, suas cordagens e mais apetrechos necessários. Na proa, tem êle a figura do cristianíssimo rei Luís XIII, em tamanho natural, sentado e revestido de sua régia indumentária e apresentando com a mão direita um ramo de oliveira à Rainha Regente sua mãe, a qual também se acha pintada em tamanho natural, porém na pôpa do navio, e revestida igualmente de seu manto real e segurando com a mão direita o leme onde se lê esta divisa: *Tanti dux faemina facti.* Êsse estandarte era enriquecido e semeado de grandes lírios de ouro que o embelezavam maravilhosamente. Foi êsse mesmo que os índios fincaram com suas próprias mãos, cheios de alegria e devoção, junto da cruz na Ilha do Maranhão.

Capítulo XXVIII.

Leis fundamentais decretadas na Ilha do Maranhão.

Á tão estreita ligação entre a religião e a lei, que uma não pode existir sem a outra. E tão verdadeiro é isso que da asserção tira o Apóstolo uma máxima geral: *Traslato sacerdocio, necesse est ut et legis traslatio fiat*, "em se mudando a religião e o ofício sacerdotal, mister se faz mudar-se a lei", conseqüência natural da íntima união entre ambas as cousas.

Tendo, pois, êste grande Deus tido como conveniente dar início ao conhecimento da verdadeira religião católica, apostólica e romana aos habitantes da Ilha do Maranhão e circunvizinhanças, julgou-se necessário decretarem-se leis fundamentais a serem observadas rigorosamente. E foram elas as que se seguem.

Em nome de Sua Magestade, nós, Daniel de la Touche, Cavaleiro e Senhor de la Ravardiere, Francisco de Rasilly, também cavaleiro, senhor do dito lugar e de Aunelles, procurador do alto e poderoso senhor Nicolau de Harlay, cavaleiro, senhor de Sancy, Barão de Molle e de Gravois conselheiro de Estado e do Conselho Privado do Rei, loco-tenentes-generais de Sua Magestade nas Índias Ocidentais,

tendo empreendido, por graça de Deus, o estabelecimento de uma colônia francesa no Maranhão e terras adjacentes, e a conversão dos habitantes ao cristianismo, de acôrdo com as intenções do Rei de França, nosso Soberano e Senhor, e de conformidade com o poder que nos outorgou Sua Magestade, como consta das cartas patentes que nos deu, e ainda em obediência à autoridade e à vontade da Rainha Regente, nossa Soberana e Senhora, julgamos necessário e conveniente, antes de qualquer outro alicerce, decretar, para essa colônia, as mais santas leis, e as mais adequadas, na medida do possível, ao nosso princípio, tendo por certo que sem a Justiça ordenada por Deus aos homens, sua imagem, não pode existir república alguma. Portanto, reconhecendo a graça a bondade e a misericórdia demonstradas por Deus ao conduzir-nos tão felizmente a bom pôrto, começaremos pelas ordenações que dizem especialmente respeito à sua honra e à sua glória.

Ordenamos pois, expressamente, a todos, quaisquer que sejam qualidades e condições, que temam, sirvam e honrem a Deus, observem seus santos mandamentos e prometam não estimar nem empregar senão os que souberem ter essa santa e reta intenção;

Ordenamos que não blasfemem em seu santo nome, sob pena de multa para os pobres de França, arbitrada pelo conselho de conformidade com a qualidade das pessoas, até a terceira vez, devendo na quarta ser punido corporalmente o blasfemador, segundo sua qualidade;

Ordenamos a todos e quem quer seja, que honrem e respeitem os reverendos padres Capuchinhos, enviados por Sua Magestade a fim de implantarem entre os índios a Religião Católica, Apostólica e Romana, sob pena de serem punidos os infratores segundo o caso e a ofensa perpretada;

Ordenamos que ninguém, qualquer que seja a condição, embarace ou perturbe ditos capuchinhos no exercício da religião ou de sua missão de conversão das almas dos índios; isso sob pena de morte.

Depois de estabelecido nos artigos supra citados o que diz respeito principalmente à glória de Deus, determinamos agora o que se relaciona com a honra do nosso Rei, o qual houve por bem distinguir-nos com sua escolha para representá-lo neste país. Ordenamos, pois, que ninguém atente contra nossas pessoas ou contra a vida da colônia, por meio de parricídios, atentados, traïções, monopólios, discursos feitos no intento de desgostar os habitantes, e cousas semelhantes, e isso sob pena de ser o infrator considerado criminoso de lesa-majestade e condenado à morte sem esperança de remissão;

Ordenamos expressamente aos que tiverem conhecimento de atos tão perniciosos, que os revelem incontinenti sob pena de igual castigo;

E como os membros de um corpo não podem existir sem um chefe que os dirija, ordenamos que cumpram todos os seus deveres para conosco e nos prestem a obediência que nos é devidda, de acôrdo com a intenção de Sua Majestade, e empreguem suas fôrças e disponham de suas vidas em benefício desta colônia, em tôdas as ocasiões, emprêsas e descobertas necessárias, que porventura ocorram, sob pena de serem considerados covardes e tratados segundo sua infidelidade e desobediência.

Depois de estabelecido o que diz respeito à honra e ao serviço do Rei, representado em nossas pessoas, assim como ao bem-estar e à segurança desta colônia, ordenamos, para manutenção desta companhia e da sociedade, que vivam todos em paz e amizade, respeitem-se mùtuamente, segundo as condições e qualidades pessoais, e desculpem uns aos outros suas fraquezas, como Deus manda; e isso sob pena de serem considerados perturbadores do sossêgo público.

Ordenamos que o edito relativo aos duelos, baixado pelo invicto monarca de feliz memória, Henrique o Grande, nosso felecido rei, que Deus haja, seja estritamente observado em sua plenitude; e juramos nós jamais fazer algo em contrário, quaisquer que sejam as considerações, bem como não perdoar aos infratores. Porisso, proïbimos expressamente aos principais de nossa companhia que jamais intercedam a favor dos faltosos, sob pena de nos desagradarem e passarem pelo vexame de uma negativa;

Ordenamos que o autor de qualquer homicídio, a menos de perpetrado comprovadamente em legítima defesa, seja punido de morte para exemplo;

Ordenamos que quem quer que seja, convencido de falso testemunho contra quem quer que seja, sofra a pena que caberia ao acusado;

Ordenamos que quem quer se encontre furtando seja, da primeira vez, açoitado ao pé da fôrca, ao som da corneta, e sirva durante um ano nas obras públicas, com perda, nesse espaço de tempo, de tôdas as dignidades, salários e proveitos; da segunda vez seja o infrator enforcado. Em se tratando de criado doméstico, seja já no primeiro roubo enforcado.

Depois de estabelecido o que diz resepito a esta companhia, tanto com referência aos bons costumes, relações mútuas, proteção de suas vidas e honra, como à segurança de seus bens, ordenamos, para a conservação dos índios entregues à nossa proteção, e também para atraí-los pela doçura ao conhecimento de nossas leis humanas e divinas, que ninguém os espanque, injurie, ultraje, ou mate sob pena de sofrer castigo idêntico à ofensa;

Ordenamos que não se cometa adultério, por amor ou violência, com as mulheres dos índios, sob pena de morte, pois seria isso não só a ruïna da alma do criminoso, mas também a da colônia; igualmente ordenamos, sob idêntica pena, que não se violentem as mulheres solteiras;

Ordenamos que se não pratiquem quaisquer atos desonestos com as filhas dos índios, sob pena, da primeira vez, de servir o delinqüente como escravo na colônia por espaço de um mês; da segunda de trazer ferros aos pés por dois meses; da terceira de ser conduzido à nossa presença para o castigo que julgarmos justo.

Proïbimos ainda quaisquer roubos contra os índios, seja de suas roças, seja de outras cousas que lhes pertençam, sob as penas supra mencionadas.

E para que tudo fique claro e bem acertado de uma vez por tôdas, ordenamos sejam estas ordenações lidas e tornadas públicas na presença de todos e registradas como leis fundamentais e invioláveis na secretaria geral dêste Estado e colônia, para serem consultadas quando necessário. Em testemunho do que, assinamos as presentes ordenações com o nosso próprio punho; e serão subscritas por um de nossos conselheiros, secretário ordinário. Forte de São Luís, Maranhão, dia de Todos os Santos, 1.º de novembro, ano da graça de 1612 — Assinado — Ravardière — Rasilly. Mais baixo: pelos meus senhores — Abraão.

Seguem-se estas palavras:

As presentes leis e ordenações acima transcritas foram lidas e tornadas públicas, de modo a que ninguém alegue ignorância, neste dia de Todos os Santos, 1.º de novembro de 1612, por mim, Conselheiro, Secretário e Chanceler Geral dêste Estado e Colônia, na presença de todos os franceses para tal fim reünidos junto ao estandarte de França fincando nesta ilha e terra do Brasil, de que tomaram posse, em nome do Rei, os srs. de la Ravardière e Rasilly, seus loco-tenentes. E receberam de todos, e dos índios entregues às mãos de ditos senhores, juramento de fidelidade e promessa de viverem e morrerem na defesa dêsse estandarte, em prol da conservação desta terra e ao serviço de Sua Majestade.

LOVIS
MARIE

Depois de publicadas, foram estas ordenações registadas e guardadas no arquivo geral dêste Estado e Colônia, para servirem no futuro de leis invioláveis e fundamentais e a elas se recorrer quando necessário. Feito no Forte de São Luís, Maranhão, no dia e ano supra mencionados. Assinado — Abraão.

Conferido o original, no arquivo Geral dêste Estado e Colônia francesa no Brasil, assinado por mim, Conselheiro, secretário e arquivista geral, no Forte de São Luís, Maranhão, no último dia de novembro de 1612 — Abraão.

CAPÍTULO XXIX

Petição apresentada pelos franceses ao sr. de Rasilly.

ós abaixo assinados, confessamos que, por mútuo e comum acôrdo, pedimos, desde a nossa chegada à Ilha Pequena, ou Sant'Ana, do Maranhão, como hoje o fazemos, que o sr. de Rasilly, loco-tenente-general de El-Rei no Brasil, regresse à França; não para prestar contas aos nossos associados do dinheiro que nos adiantaram para os gastos da equipagem nesta primeira viagem, visto que ninguém jamais esperou proveitos imediatos nem fixou data para o primeiro relatório a não ser por ocasião do regresso do sr. de la Ravardière porém para buscar e trazer socorros tanto de sacerdotes, guerreiros, artesães e gêneros, como o mais necessário à manutenção da colônia Francesa. Por seu lado o sr. de la Ravardière deverá reünir gêneros de modo a satisfazer os nossos associados, gêneros que o sr. de Rasilly terá o direito de vender para pagamento dos marinheiros, oficiais dos navios e da colônia; também lhe caberá receber do sr. du Manoir os gêneros necessários ao comércio dêste país, levando para tanto autorização para fazer tudo o que fôr útil ao seu embarque e regresso.

Confiando em sua prudência e honestidade, e muito satisfeitos todos com sua boa e sábia administração para conosco e os naturais desta terra, pedimos-lhe ainda que transmita a Sua Majestade o relatório desta viagem e interceda em prol de nossa manutenção neste país; cabendo-lhe agir, por perdas e danos, contra quem disser ou escrever o que quer que seja em França suscetível de esfriar sequer a boa vontade de Sua Majestade e de seus súditos para conosco e para com tão santa e louvável emprêsa, ou quem lhe retardar o regresso, tão importante para nossas vidas e bens e para a conservação desta terra na posse de Sua Majestade. E juramos, de nossa parte, dar nossas vidas e as de nossos amigos para sustentar essas negociações e defendê-las contra os que se opuserem; e ainda conservar, durante a sua ausência, tôda fidelidade à sua autoridade, bem como freqüentar a Igreja que nos deixou para estabelecimento da fé, manter boa inteligência e união entre todos, obediência e disciplina ao sr. de la Ravardière, seu companheiro, e tratar bem aos índios.

Em testemunho da verdade do que deixamos dito, de comum acôrdo, sincera e francamente, assinamos a presente, de nossos próprios punhos, no Forte de São Luís, na Ilha do Maranhão, a 1.º de novembro de 1612. Assinado — Ravardière — Pézieux — Felisberto de Brichanteau — Isaac de Rasilly — Cláudio de Rasilly — Le Maistre — Hardivilliers — Merousière — De la Barre — Deschamps — De La Haye — Grandchamps — Belleville — Debourden — P. Auber — Du Plessis — Billaut — Des Jardins — Tomás de Lestre — Le Mezérey — Turqualt — Hausbocq — Chaperon — Charron assinou em 6 de novembro de 1612.

CAPÍTULO XXX

De uma escrava de Japi-Açu encontrada em adultério.

EPOIS de plantado o estandarte de França, retiraram-se os índios para suas aldeias. Dias mais tarde, foi Japi-Açú convidado para um *cauim*, numa aldeia vizinha da sua. Achava-se em boa companhia quando seus filhos lhe trouxeram prêsa uma de suas escravas, contando-lhe como fôra surpreendida em adultério com um índio que fugira.

Japi-Açú já se encontrava em estado de embriaguez pelo efeito do vinho de caju, então em tempo próprio; e recordando o benefício que fizera a essa mulher dando-lhe liberdade, e sentindo fortemente tanta ingratidão e deslealdade, disse num primeiro ímpeto: *E jucá* (1): "matem-na". Imediatamente um de seus filhos a matou; e muitos índios, e em especial muitas velhas, esquartejaram-lhe o corpo, sendo mesmo, ao que dizem, enviado um pedaço, às escondidas, para a aldeia de Carnaupió.

Informado do que acontecera, Pirajivá, um dos mais valentes principais da terra, correu logo ao lugar do assassínio e aí mandou juntar os pedaços do corpo e jogá-los na mata, censurando àsperamente os que haviam perpetrado tamanha crueldade. Mas Deus não quis que continuassem tão abomináveis práticas e fêz com que chegassem ao nosso conhecimento.

A notícia da ocorrência correu célere, principalmente entre os índios, que se mostraram muito aflitos, receando o desgôsto dos franceses. De fato, ficamos todos muito aborrecidos e ainda mais os srs. loco-tenentes-generais, ao saberem de tudo no Forte de São Luís. Pois se o dever os levava à punição, não lhes faltava prudência, o que os impedia de agir precipitadamente no início da colonização.

Eis por que mandaram chamar sem tardança Januare-etê e Pirajivá, ambos valentes índios e grandes amigos dos franceses, a fim de ouvirem sua opinião.

---

(1) E IOUCA — qu'on la tue. — O verbo *jucá* matar; *e-jucá*, imperativo, mata tu!

Êstes, não menos respeitosos para com os franceses, rogaram aos ditos senhores que não se sentissem ofendidos com o crime de um particular cometido contra a vontade de todos. Juraram ainda que nem êles nem seus amigos fariam cousa alguma que desgostasse os franceses; e que sendo Japi-Açu uma grande personagem, com feitos meritórios, devia mais do que qualquer outro cumprir a palavra dada aos franceses que sempre lhe haviam demonstrado amizade. Como faltara a êsses deveres, eram de opinião que devia morrer para servir de exemplo aos outros; porisso, traziam seus arcos e flechas para matá-lo na presença dos nossos chefes, se assim o decidissem. Tal parecer agradou muito aos srs. de Rasilly e la Ravardière.

Depois de uma deliberação em conjunto, o sr. de Rasilly chamou os intérpretes e foi, acompanhado por trinta ou quarenta franceses e pelos índios Januare-etê e Pirajivá, até Juniparã. O reverendo padre Arsênio também foi para prestar serviços em caso de necessidade. Passaram por Maioba, pela casa de Jacupari (2), o qual foi também de opinião que justiça devia ser feita. Mandou o sr. de Rasilly avisar também os outros principais, entre os quais Suaçú e Itapucuçã, a fim de comparecerem à casa de Pirajivá e executarem o que lhes fôsse determinado; mas êles chegaram muito tarde.

Desde manhã, ao chegar o sr. de Rasilly com sua tropa em Juniparã, o sr. des Vaux, por um lado da aldeia, e Migan pelo outro, principiaram a apregoar em alta voz, de acôrdo com os costumes da terra, o crime de Japi-Açu e a chegada dos morubixabas para puni-lo. Enquanto isso, os índios mais notáveis da aldeia vieram colocar-se às ordens do sr. de Rasilly, desaprovando dêsse modo o ato de Japi-Açu.

Japi-Açu nada fêz para fugir; recolheu-se à pequena cabana que fôra construída para o *Paí*, junto da capela, e aí ficou, sem o menor receio, com sua mulher e seus filhos. Depois dos pregões, para lá se dirigiu o sr. de Rasilly, lentamente, enquanto ao som das cornetas era a residência cercada pelos mosqueteiros. Nela entrou o sr. de Rasilly com os seus intérpretes, os índios acima mencionados e os mais graduados da companhia. Encontraram Japi-Açu deitado em sua rêde de algodão, perfeitamente calmo, e não puderam deixar de considerar a magnífica coragem e a resolução admirável dêsse personagem. Japi-Açu, sem tremer nem abalar-se, cumprimentou o sr. de Rasilly, segundo o costume, dizendo-lhe: *Erê Jupê*, já chegaste? ao que o sr. de Rasilly respondeu encolerizado: "não, homem mau". Imediatamente principiou o sr. des Vaux a demonstrar-lhe a falta cometida com tal escândalo após haver recebido tantos benefícios e favores dos senhores loco-tenentes-generais; devia êle ter-lhes denunciado o crime de sua escrava, para que êles a punissem, e não fazê-lo pessoalmente, pois era da competência dos chefes que o Rei de França enviara para governá-los.

Assim respondeu Japi-Açu: "foram os chefes e tu que mataram essa mulher, e não eu; pois prevendo os efeitos do vinho de caju eu

(2) IACOUPARY — nom d'un Indien. — Talvez *Bacu-pari*. Em Marcgrav vem *Ibacurupari* (*Platonia insignis*, Mart., ou *Moronobea osculenta*, Arruda Câmara). — De. *ybá-curúpari* fruto revestido de pontas, ou cheio de asperezas, segundo Sampaio.

estava resolvido a ir a Tabucuru (3) construir uma canoa durante as festas, de mêdo de ser levado a cometer algum despropósito. Mas vós me fizestes demorar tanto tempo nessa ilha para erguer o estandarte de França que quando para cá voltei fui solicitado a comparecer à assembléia e não pude recusá-lo. Trouxeram-me essa mulher que eu havia libertado e desposado e me contaram que ela fôra achada em adultério com um índio, em desobediência às leis de nosso país. Mandei matá-la. Fiz isso porque estava cego de raiva e bêbado. Mas ouvi muitas vêzes dos franceses que em seu país é permitido matar as mulheres quando surpreendidas em adultério".

Observe-se o efeito dessa má doutrina dos franceses, espalhada entre êsses pobres índios, pois Deus não permite jamais a um marido matar sua mulher, sem pecado mortal, como o próprio Japi-Açu reconhecia.

"Confesso, continuou, que fiz mal; devia ter comunicado o fato aos chefes e deixar-lhes a punição. Mas quererão os chefes, por êsse crime, desautorizar-me, tirar-me o cargo de principal e o casaco que me deram? Fariam isso a mim que há trinta anos venho sustentando os franceses aqui e com minha coragem e eloqüência impedido que os índios abandonem esta região como o teriam feito com receio dos peró? Parece-me que estas considerações, bem como as batalhas de que participei valentemente, deveriam fazer com que me perdoassem. Caso contrário, tirem-me a vida antes do que a honra. Nunca recebi afronta de ninguém e prefiro morrer a recebê-la. Se me perdoarem, mais do que nunca me dedicarei ao serviço dos franceses e repararei a falta cometida; e não se tema que o meu crime sirva de exemplo para outros índios, pois juro que matarei quem quer que seja que no futuro procure fazer o mesmo".

Ao terminar essas palavras, voltou-se para Pirajivá e lhe disse: "Não precisavas trazer aqui tanta gente", ao que o outro respondeu: "Sempre estarei ao lado dos franceses, seja contra quem fôr e irei onde me mandarem".

O sr. des Vaux e Migan disseram então ao sr. de Rasilly que as razões apresentadas por Japi-Açu eram importantes, mas que êle se sujeitava ao que fôsse resolvido. Dito senhor saiu do quarto com os demais franceses, a fim de melhor pesar as razões de Japi-Açu e decidir afinal.

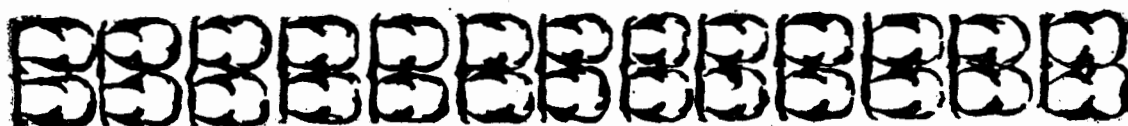
Depois de ouvidos os principais presentes, ficou resolvido que se perdoasse a Japi-Açu e seu filho e isso por motivos de ordem muito séria; entretanto, para que melhor apreciasse o perdão devia solicitar a

---

(3) TABOUCOUROU — riviere. — *Itapecuru,* na toponímia atual. Nas crônicas e mapas antigos se escreve vàriamente: *Tapocuru, Tapucuru, Itapocuru, Itapucuru, Itapicuru,* etc. Essa diversidade de grafias dificulta sobremodo a explicação etimológica do vocábulo. Muitos são os étimos que se encontram nos autores, desde Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, Martius, Henriques Leal e Cândido Mendes; mas nenhum dêles é aceitável. — Parece-nos, considerando a forma atual como a verdadeira, que se pode derivar o nome de *itapé* pedra chata, laje, e *curu* cascalho, seixo, exprimindo seixos de laje, tanto mais admissível quando se sabe que o rio apresenta em sua foz e ao longo de seu curso trechos pedregosos e encachoeirados, onde é natural a ocorrência de fragmentos de chisto, que tem aquelas denominações vulgares.

intervenção do *Paí;* assim lhe ficaria devedor pelo obséquio e também maior merecimento teria a fé dos padres.

Japi-Açu pediu então fervorosamente ao *Paí* que obtivesse a sua graça junto do sr. de Rasilly; êle o fêz na presença dos franceses e índios que aí se achavam e a graça lhe foi outorgada. Japi-Açu recebeu-a com indizível contentamento, e assim também sua família que aí se encontrava muito temerosa.

Isso feito, retirou-se o sr. de Rasilly, mandando o sr. des Vaux a Carnaupió para repreender *Marcoia Peró* por ter levado para sua casa alguns pedaços do corpo da mulher. Como castigo, tiraram-lhe os franceses, srs. de Saunay e Chavagnere, seus hóspedes, o que lhe pareceu grave afronta. Foram êles enviados para Urapirã, para as casas dos principais que tinham vindo juntamente com Pirajivá e por ordem do sr. de Rasilly contra Japi-Açu. Êste, penso eu, foi o fato mais notável ocorrido, até o presente, na nossa viagem.

CAPÍTULO XXXI

Descrição da Ilha do Maranhão.

NTES de falar dos costumes dos povos do Maranhão e regiões circunvizinhas, parece-me útil descrever a dita ilha, tanto mais quanto os geógrafos que escreveram acêrca do Brasil a ela não se referem. Aludem apenas a um rio, a que chamam Maranhão e que não se encontra nessa região, a menos que tomem a enseada do Maranhão por um rio ou que o identifiquem aos inúmeros cursos de água que desembocam na baía. Isso, entretanto, não se justificaria, porquanto cada um dêsses rios tem seu nome próprio, como veremos. Por outro lado não conhecem os índios nenhum rio com tal nome em sua terra, mas tão sòmente uma ilha, a chamada Ilha Grande do Maranhão de modo a diferenciá-la das demais ilhas existentes no mesmo lugar.

Tem a enseada mais de vinte e cinco léguas de largura, de ponta a ponta, e umas vinte e cinco de diâmetro terra a dentro; acha-se situada mais ou menos a igual distância, isto é, cêrca de 225 léguas pela costa, do Cabo das Tartarugas e da foz do grande rio das Amazonas.

À entrada da baía, do lado este, próximo ao cabo das Árvores Sêcas, encontra-se uma pequena ilha com duas ou três léguas de circunferência, chamada pelos franceses *Ilette* (Ilha Pequena), à qual, depois de benzida ao chegarmos, demos o nome de Ilha de Sant'Ana.

A doze léguas dessa ilha de Sant'Ana, dentro da enseada, situa-se a Ilha Grande do Maranhão, com cêrca de quarenta e cinco léguas de circunferência. Encontra-se a dois e meio graus além do Equador, para o lado do pólo Antártico. No fundo da baía e defronte da ilha, que é cercada por cinco a seis léguas de mar de um lado, dois a três de outro e talvez menos em certos pontos, desembocam três belos rios que vêm da terra firme. O primeiro rio, a leste, chama-se *Munim* (1), tem meio quarto de légua de largura e um cumprimento, da nascente à foz, de quarenta a cinqüenta léguas. O segundo, central, nome de Tabacuru, tem meia légua de largura na sua foz e de quatrocentas a quinhentas

---

(1) MOUNIN — riviere. — *Monim*, segundo Sampaio, corruptela de *má-ni* o que é enrugado ou encrespado, o ondeado. Martius traduziu como rio do mondéu, que não é acertado.

léguas de comprimento. O terceiro, a oeste, chama-se Meari; tem na sua foz de seis a sete léguas de largura. Nasce sob o trópico de Capricórnio onde muitos outros nascem correndo paralelamente a êsse até o Maranhão.

Há outro rio, chamado *Maracu* (2), que se joga no *Pinaré* (3), o qual se junta ao Meari a setenta ou oitenta léguas acima da foz. Mais acima ainda encontra-se o *Uaieup* (4) que também é afluente do Meari. Por essa razão é o Meari caudaloso e maravilhosamente rápido em sua foz; assim também se apresenta a foz do *Tabucury*, a qual é em verdade mais estreita do que normalmente o curso médio do rio, em vista de dois rochedos situados na desembocadura, o que também torna as marés muito grossas.

Tudo isso concorre para fortalecer a Ilha Grande, juntamente com os bancos de areia e os recifes semeados de todos os lados, e em especial à entrada da baía, e que a tornam não só inacessível aos que não são bons pilotos ou não adquiriram experiência do canal pela prática de muitas viagens, mas ainda inconquistável a não ser com a conivência dos habitantes.

Essa ilha é a chave de todo o país, pois êste tem mais de quatrocentas léguas de costas que não dão acesso à terra firme nem às nações que a habitam.

Para além do cabo das Tartarugas, até o cabo das Árvores Sêcas, há sòmente bancos de areia e recifes que penetram mar a dentro quatro a cinco léguas e às vêzes até seis, sete, oito e dez, não sendo possível a ninguém aproximar-se da terra nem embarcado, nem a nado ou a pé. Também entre os dois cabos se encontram bancos de areia e recifes, e, sem o conhecimento das duas passagens existentes, não há homem por mais destemido que se atreva a tentar a travessia. E' o que concorre para exaltar a coragem dos maranhenses, os quais, sentindo-se em lugar tão seguro, fazem a guerra aos outros sem que ninguém ouse atacá-los.

Por outro lado, do cabo de *Tapuitapera*, próximo ao Maranhão, até o rio das Amazonas, há tantas ilhas ao longo da costa que se faz impossível chegar à terra firme; tanto mais quanto esta se acha coberta de certas árvores a que dão o nome de *Apparituriers* (5), cujos galhos se vergam e ao tocarem o chão criam raízes formando outras árvores que crescem e deitam novos galhos, os quais criam raízes e formam novas árvore; e de tal modo se entrelaçam árvores e raízes que parecem

---

(2) MARACOU — riviere. — *Maracu*, sem explicação plausível; Martius (*Glossária*) pretende que seja contração de *ymira-urucu*. — A atual cidade de Viana está situada aonde foi a aldeia de Maracu, fundada pelos Padres da Companhia de Jesus.

(3) PINARÉ — riviere. — *Pindaré* de *pindá* (Vide *Pinda*, nota 12, pág. 241, e *ré* diverso, diferente.

(4) OUAIEOUP — riviere. — *Guajaú* — De *guaiá* caranguejo, *hu* por *y* rio.

(5) Não encontrei tradução para a palavra. O glossário de Teodoro Sampaio não menciona o vocábulo, talvez por não ser indígena. Os dicionários tampouco. César Augusto Marques traduziu-o por *mangue*. Deveria ter dito *mangles*, denominação que consta de várias enciclopédias, inclusive a Espasa, e que se acha amiúde em autores que descreveram a nossa flora (Debret, Rugendas e mesmo Léry) (N. do T).

constituir uma só planta alastrando-se por tôda parte. Quando outra cousa não houvesse, isso bastaria para tornar a costa inacessível a ponto de não se poder imaginar sem o ter visto. Sòmente um puro espírito, suscetível de penetrar através das cousas, ou um pássaro capaz de voar por cima delas, poderia atravessar êsses baluartes erguidos por Deus e pela natureza em redor do país. Mas o acesso se torna tanto mais difícil quanto nessas ilhas e sob os *apparituriers*, só se deparam charcos e areias movediças, nas quais a gente afunda até a cintura e mesmo até a cabeça e das quais uma vez atolado, não há fôrça humana capaz de safar o sujeito. E acontece ainda que duas vêzes ao dia, cobre a maré êsses pântanos e areias movediças e passa por cima das raízes dos *apparituriers* erguidas além da superfície da terra, em muitos lugares, à guisa de altas muralhas.

Se alguém, portanto, pretender entrar no país e pisar a terra firme, terá primeiramente que passar pela Ilha Grande do Maranhão, chave e porta de entrada da região; daí, por canoas (6) ou botes, poderá alcançar a terra firme, pela foz dos rios, e seguir então para onde lhe aprouver.

Para chegar à Ilha Grande existem apenas duas entradas. Uma entre o cabo das Árvores Sêcas e a Ilha Pequena ou de Sant'Ana; é conhecida dos navegantes que aqui estiveram, mas nem todos se atreveram a guiar um navio através dessa passagem. Os pilotos mais experientes temem fazê-lo. Vi velhos marujos, com prática de nove a dez viagens, hesitarem durante quinze dias diante da entrada. Ademais em se chegando à Ilha de Sant'Ana mister se faz deixar os navios aí ancorados e empregar pequenas embarcações para alcançar a Ilha Grande.

A segunda passagem se encontra de outro lado e por ela os navios de mil e mil e duzentas toneladas podem chegar até o pé do Forte da Ilha Grande, porém essa entrada é ainda pouco conhecida e difícil de acertar-se.

E', pois tolice imaginar que poderão expulsar os franceses quando se tiverem êstes sòlidamente estabelecido. Procurar fazer acreditarem em semelhante cousa, além de constituir um menoscabo de sua coragem e uma exaltação exagerada da valentia do inimigo, será malícia senão temeridade, como o seria um cego falar de côres.

Os que viram a posição desta Ilha e que por experiência própria conhecem as dificuldades de acesso jamais partilharão tal opinião que só pode gerar em um espírito tímido.

---

(6) CANOT — petit batteau. — *Canoa.* No texto não se define. Foi dos primeiros têrmos americanos que se infiltrou no léxico dos conquistadores. Colombo, na relação de sua primeira viagem (Navarrete, *Colleccion*, I, ps. 225) e Vespucci, na carta a Soderini (*Vespucci Reprints*, II, ps. 10), bem como os demais historiadores do descobrimento, ocuparam-se dêsse rudimentar processo de navegação dos habitantes das terras novamente achadas. — Littré atribui ao vocábulo origem germânica, por inadvertência, porquanto é incontestável que provenha da língua do Haiti, como quer Oviedo, *Hist. General y natural de las Indias* (Madrid, 1851), I, ps. 170.

CAPÍTULO XXXII

Das aldeias existentes na Ilha do Maranhão e os nomes dos seus principais.

ARA satisfação do leitor resolvi, após a descrição da Ilha Grande do Maranhão, passar em revista aqui tôdas as aldeias nela existentes com os nomes de todos os principais e a sua significação.

Em primeiro lugar cabe observar que essas aldeias não são como as nossas, e menos ainda se parecem com cidades bem edificadas, cercadas de baluartes ou trincheiras, ou ainda de fossos, com ricos palácios, belas residências e castelos inexpugnáveis. Suas aldeias, a que chamam *Oc* (1) ou *Taba,* (2) não passam de quatro cabanas feitas de paus grossos ou estacas e cobertas de cima a baixo com fôlhas de palmeiras a que denominam *Pindó,* encontrável em grande abundância nas matas. Essas fôlhas, bem dispostas, resistem maravilhosamente à chuva.

As casas têm de vinte e seis a trita pés de largura e de duzentos a quinhentos pés de comprimento, segundo o número de pessoas que nelas habitam. São construídas em forma de claustro, ou melhor em quadrado como a *Place Royale,* de Paris, de modo que há sempre entre elas uma praça grande e bonita. As quatro casas assim dispostas, com a praça ao centro, formam uma aldeia; entre maiores e menores existem vinte e sete em tôda a Ilha do Maranhão.

Não se inclui neste número o Forte de São Luís, situado numa bela esplanada, em cima de um rochedo inacessível contra o qual se quebra o mar e de que já falei no capítulo X, pois quero mencionar apenas as aldeias que encontramos por ocasião de nossa chegada à Ilha Grande.

Situa-se a primeira aldeia na ponta de terra vizinha ao lugar de desembarque na Ilha Grande quando se vem da Ilha pequena ou Santa Ana. Chama-se Timboí, o que quer dizer raiz de uma certa árvore

---

(1) OC — la village. — *Oca,* de *og* cobrir, o que cobre, a casa.

(2) TAUE — le village. — *Taba,* de *tab* aldeia, povoação, o lugar onde pousam muitos.

chamada *Euve* (3) e com a qual se embriagam os peixes. Há nessa aldeia dois principais: chama-se o primeiro Uarumá-çu (4), o que quer dizer: árvore de galhos com que se fazem os crivos para peneirar a farinha. Chama-se o segundo Suaçu-Açã (5), que significa cabeça de corça.

Tem a segunda aldeia o nome de Itapari, isto é, viveiro ou camboa de peixe de que existem dois ou três muito bons na aldeia. Tem ela também dois principais, o primeiro por nome *Metarapuá* (6), isto é, pedra branca ou concha (7) que colocam nos lábios; é um bom índio, muito amigo dos franceses, os quais costumam apelidá-lo Caranguejo. Chama-se o segundo *Avati-on* (8), o que quer dizer alpiste prêto (9).

A terceira aldeia é a de *Carnaupió* (10), o que significa uma certa árvore de nome carnaú, com suas fôlhas sêcas. Há dois principais nesse lugar. Tem o primeiro por nome *Marcoiá Peró* (11), que quer dizer "casca de um fruto amargo chamado morgorave". O segundo chama-se *Araruçuai* (12), ou rabo de arara, pássaro vermelho e de diversas côres.

Euaíve é o nome da quarta aldeia e significa água velha ou água turva. Também aí existem dois principais, sendo um *Uirá-Uaçu-Pinim,* (13), o que quer dizer ave grande de rapina de côres diversas misturadas; o outro tem o nome de *Jere-Uçu* (14), que é um nome de ave.

---

(3) EUVE — arbre... avec laquelle (racine) ils enyvrent les poissons. — *Imbé*, Aroidea in margine rivorum, Philodendron et aliae, segundo Martius (*Glossaria*).

(4) OUAROUMA-OUASSOU — Principal... c'est à dire l'arbre et les branches, avec lesquelles ils font les cribles à passer farine. — *Guarumá-guaçu*, Marantha *sp. var.* — Também se escreve *Uarumá*. — Difícil de explicar. — O préstimo que tinha êsse vegetal é o mesmo atualmente.

(5) SOUASSOU-AKAN — Principal... qui signifie la teste de biche. — *Suaçu-acan*, de *çoó-açú* veado, *acan* cabeça, como no texto.

(6) METARAPOUA — Principal. — *Metarapuá*, de *metara* (contração de *tembetá* batoque de beiço) e *apuá* redondo, arredondado.

(7) Vignot, também vigneau, é um molusco. Portanto essa seria a única tradução (N. do T.).

(8) AUATY-ON — nom d'un village... qui est à dire le noir. — *Abati-una*, de *abatí* (Vide *Auattyy*, nota 3, pág. 161) e *una* negro, de côr preta.

(9) Mil ou millet é alpiste no francês moderno. Mas segundo Teodoro Sampaio *abatí* é milho, o que também parece mais lógico. Como não pude verificar uma mudança de significado no vocábulo *mil*, mantive a tradução certa (N. do T.).

(10) CARNAUPIOP — village... qui signifie un arbre nommé *Carnaü* avec les feuilles seiches. Bettendorf escreveu *Carnapió*. — Talvez *Carnaupió*, de *carnaúba* (Vide *Carana-vue*, nota 17, pág. 171) e *pióg* raiz: raiz da *Carnaúba*, e não as fôlhas sêcas, como está no texto. — Com o nome de *Cajapió* existe ainda uma vila no Maranhão.

(11) MARCOYA PEROP — Principal. *Maracujá-peroba*. (Vide *Markoya Pero*, nota 2, pág. 71).

(12) ARAROUSOUAY — nom d'un Principal... qui signifie la queuë d'un *Ara*, oyseau rouge meslé de diverses couleurs. — Será *Araçobai*, de *ara*, quod vide, e *çobai* cauda, rabo, de acôrdo com a definição do texto.

(13) OUYRA OUASSOU-PININ — Principal... C'est à dire le grand oyseau de proye, bigarré de diverses couleurs. — Será *Guirá-açu-pinima* pássaro grande pintado, pontuado, salpicado de pintas ou pontos.

(14) IEREUUOUSSOU — Principal... non d'un oyseau ainsi appellé. — *Gerebuçu*, de *gereba*, nome do *Cathartes aurea*, Linn., explicado por *gerê* volver, girar, *ba* por *bae*, sufixo do *nomen agentis*: o que volve, o que gira, volvente, girante, pelo contínuo movimento que faz a ave com o pescoço; *uçu* grande.

Itaendave (15) é a quinta aldeia. A palavra quer dizer largo de pedra. O principal chama-se *Uanhan-Mondeuve* (16) isto é, lugar onde se apanham caranguejos azuis.

O nome da sexta aldeia é *Araçuí-Jeuve* (17), que deriva do nome de um pássaro, o Araçuí; chama-se o principal *Tamano* (18), o que quer dizer pedra morta.

A sétima aldeia tem o nome de Indotuve, isto é, lugar onde há *pindó*. São as fôlhas das palmeiras com que cobrem suas casas. Os habitantes dessa aldeia residem atualmente com os de Carnaupió onde o principal é *Marcoiá Peró*, cujo nome vem de uma fruta de casca amarga chamada *Margoiave* (18).

A oitava aldeia é chamada Oatimbup, raiz de timbó. O principal tem o nome de *Uirapuitã* (20) isto é pau-brasil; é um grande guerreiro muito amigo dos franceses e sua aldeia é vizinha de Juniparã.

A nona aldeia, que é a maior de tôdas, chama-se Juniparã, que deriva de jenipapo amargo, fruto muito amargo quando não maduro. O principal do lugar é chamado Japi-Açu, isto é, passarinho grande mosqueado de varias côres, dos mais raros e belos das Índias. E' êsse principal o primeiro e o maior morubixaba não sòmente da aldeia mas ainda de tôda a Ilha Grande. Além dêle existem mais quatro principais em Juniparã: *Jacupem* (21), ou faisão, é o primeiro; chama-se o segundo *Tatú-Uaçu* (22), fogo grande; o terceiro *Tecuare-Ubuí*, o que quer dizer maré de sangue; o quarto *Pacquarabeu* (23), barriga de paca cheia dágua.

---

(15) ITA-ENDAUE — village... c'est à dire la place de pierre. — *Itaendaba*, de *itá* pedra, *endaba* lugar, sítio, pouso, como no texto.

(16) OUAYGNON-MONDEUUE — Principal... qui signifie le lieu où l'on prend les Crabes bleuës. — *Guaiamumondé*. — De *guaiamu* (Vide *Ouégnimoin*, nota 40, pág. 197) e mondé, que Sampaio explica por *mbo-ndé* fazer sobrepor ou cobrir, o que envolve, o que se alça; a armadilha, o fojo, o alçapão, o laço vulgo *mondé* ou *mundéu*.

(17) ARASOUY-IEUUE — village... c'est à dire le bel oyseau nommé *Arasouy*. Será *Araçaritiba*, de *araçari* (Vide nota 32, pág. 187) e *tiba* pouso, lugar, ou abundância, freqüência; *ieuue*, no texto, está por *teuue*, como aparece em outras dicções.

(18) TAMANO — Principal... c'est à dire pierre morte. — Seria *itá-manô*, se *manô*, em vez de verbo intransitivo morrer, ficar morto, fôsse particípio, ou adjetivo, que qualificasse *itá* pedra. Não sendo assim, é inaceitável a interpretação do texto.

(19) MARGOYAUE — nom d'un fruict. — *Maracujá* nome genérico das Passifloras. — De *mbo-cuy-á* fruto que faz vaso. — É assaz irregular a grafia do texto a respeito dêste nome, que aparece como *Marcoyave, Margoyä* e *Markoyä*.

(20) OUYRAPOUITAN — Principal... c'est à dire le Bresil. — *Ibirapitanga*, Leguminosa (*Caesalpinia echinata*, Lam. — De *ibirá* pau, árvore, *pitanga* vermelho; altera-se *ibirapitan, ibirapuitan, imirapitan*, etc. Yves d'Evreux refere-se a êsse principal, cujo nome escreve *Yboira Pouïtan*.

(21) IACOUPEM — c'est à dire un Faisan. — *Jacupema, Penelópidas* (*Penelope superciliaris*, Temm.). — De *jacu* (Vide *Iacou*, nota 24, pág. 186) e *pema* chato.

(22) TATA-OUÄSSOU — Principal... c'est à dire le grand feu. — *Tatá-guaçu*, com a significação do texto.

(23) PACQUARABEHU — Principal... c'est à dire le ventre d'un *pac* pleine d'eauë. — Talvez *Pacaquarabaí*, que, de acôrdo com a explicação do texto, derivaria de *paca* o roedor, *quaraba* o que é furado, ou ôco, o ventre, e *y* água.

A décima aldeia chama-se *Toroiepep* (24), o que quer dizer calçado; há nela dois principais, *Pirajivá*, asa de peixe, e *Avapã* (25, homem que não sabe passar.

A décima-primeira aldeia é a de Januaré, cão fedorento. Tem dois principais: *Urubu-Ampã* (26), corvo inchado e *Taicuju* (27), nome de um pequeno pássaro.

A décima-segunda aldeia é *Uarapirã* (28), buraco vermelho. O principal do lugar chama-se *Itapupuçã* (29), isto é, ferros com que se prendem os pés.

A décima-terceira aldeia é a de *Poieupe*, o que quer dizer a cabaça que serve de prato. Existem dois principais: *Moutin* (30), missanga branca, e Uirá-Eçá-Açu, ôlho do grande pássaro.

A décima-quarta aldeia chama-se *Eussauap*, isto é, lugar onde se comem caranguejos; é uma das maiores aldeias da ilha e nela existem quatro principais: *Tatu-Uaçu*, (31) tatu grande; *Corá-Uaçu* (32) ou *Sola-Uaçu*, às vêzes também chamado *Maari-Uaçu* (33), nome de um grande pássaro branco; *Taiaçu* (34), javali e *Tapire-Evire* (35), traseiro de vaca.

---

(24) TOROIÉPÉEP — Principal... c'est à dire se chausser.— — Talvez, por mal grafada, esta dicção não possa ter explicação plausível, mais ainda com a tradução do texto. Qualquer restauração gráfica seria hipotética.

(25) AUAPAAM — nom d'un Principal... signifiant l'homme qui ne sçait passer. — *Abapaã*, de *abá* homme, *paã* atolado, espremido no meio, ou entre alguma cousa.

(26) OUROUBOU-ANPAN — Principal... qui veut dire le Corbeau enflé. — Será *Urubu-anan*, de *urubu* (Vide *Ouroubou*, nota 6, pág. 246); *anpan* talvez esteja por *anan* grosso.

(27) TAYCOUIOU — Principal... qui est le nom d'un petit oyseau. — Será *Taicuju*, conforme à grafia; difícil de explicar, como de identificar a avezinha a que se refere.

(28) OUARAPIRAN — village... c'est à dire le terrier rouge. — *Guará-piranga*, o *guará* vermelho. *Guará* é o carniceiro (*Canis jubatus*, Dems.) o lôbo brasileiro, que se explica por *aguará*, particípio de *aób*, o que briga.

(29) ITAPOUCOUSAN — Principal... c'est à dire les fers qu'on met aux pieds. — Deve ser *itacupiçama*, de *itá* ferro, *cupy* de pernas, *çama* ligar, prender, amarrar; corrente de ferro, grilhões.

(30) MOUTIN — Principal... c'est à dire la rassade blanche. — Será *mboy* ou *poy* missanga, e *tin* branca.

(31) TATOU OUÄSSOU — Principal... c'est à dire le grand Tatou. — *Tatu-guaçu* (Dasypus), como no texto.

(32) CORAS OUÄSSOU — Principal... c'est à dire le grand *Cola*. — Parece ser *corá* ou *colá*, corruptela do português curral, e *guaçu* grande.

(33) MAOUARY-OUÄSSOU — Principal... qui est le nom d'un grand oyseau blanc. — *Maguari-guaçu* (Vide *Maouärip*, nota 49, pág. 190); *guaçu* grande.

(34) TAYÄSSOU — Principal. (Vide nota 3, pág. 199).

(35) TAPYYRE-ÉUIRE — Principal... c'est à lire la fesse de vache. — Será *Tapira-ebi*, acorde com a interpretação do texto.

Maracaná Pisip (36), é o nome da décima-quinta aldeia e também de um grande pássaro. Tem três principais: *Terere* (37), o que quer dizer o nome, *Ajuru-Uaçu* (38), papagaio grande, e *Uará Obuí* (39), pássaro azul.

Taperuçu (40) é a décima-sexta aldeia, cujo principal se chama *Cuatiara-Uçu* (41), letra grande.

O nome da décima-sétima aldeia é *Toroupê* (42), beberagem. O principal chama-se *Uirá-papeupe* (43), arco chato. Existe um segundo principal com o nome de *Carauatá-Uare* (44), comedor de caruatá.

A décima-oitava aldeia é *Aquetene* (45), lugar dos peixes. O seu principal chama-se *Tipói-Açu* (46) o que quer dizer, cinta com que as índias carregam seus filhos ao pescoço.

Caranaíve, palmeira, é o nome da décima-nona aldeia cujo principal se chama *Boi* (47), pequena cobra.

---

(36) MARACANA PISIP — village... qui signifie le grand Oyseau nommé *Maracana*. — *Maracanã-piciba*, de *maracanã* (*Vide Margana*, nota 16, pág. 184), e *piciba* suja, imunda. — Bettendorf inseriu *Maracanapirip*, como leu Laet, e que corrigiu dubitativamente para *Maracanapiri;* mas na edição francesa de Laet lemos o nome como d'Abbeville o escreveu.

(37) TERERE — Principal... c'est à dire le nom. — *Téra* ou *céra*, o nome, como no texto.

(38) AIOUROU-OUASSOU — Principal... c'est à dire le grand Perroquet. — *Ajuru-açu*. (Vide *Iuruue*, nota 15, pág. 184).

(39) OUARA-AUBOUYH — Principal... qui signifie l'oyseau bleu. — *Guará* melhor *guirá* pássaro, *obi* azul.

(40) TAPEROUSSOU — village... c'est à dire le grand vieil village. — *Taperuçu*, de *tapera* contração de *taba* aldeia e *pera*, sufixo nominal, exprimindo a aldeia que foi, aldeia extinta ou abandonada, e *uçu* grande, conforme à definição do texto.

(41) QUATTIARE-OUSSOU — Principal... la grande letre. — *Quatiara-uçu*, de *quatiar* riscos, desenhos, pintura, escrita, letra, e *uçu* grande.

(42) TOROOUPÉ — village... le breuvage. — Talvez *Turupe*, e *turu* (Vide *Torooup*, nota 2, pág. 78), e *pe*, locativa, em, nos, exprimindo *nos turus*. — Em Laet, que copiou C. d'Abbeville, está *Toroiepeep*, que Bettendorf leu *Toroiepeeb* e não entendeu, salvo se quisesse dizer *Turuypé*, que se aproxima da forma que demos. — A explicação do texto é inadmissível.

(43) OUYRAPAPPEUP — Principal... c'est à dire l'arc plat. — *Guarapapeba*, de *guarapar* arco (Vide *Ouyrapar*, nota 1, pág. 230) e *peba* chato, como no texto.

(44) CARAOUATA-OUARE — Principal... le mangeur de *Caraouäta*. Será *Carauatá-guara* comedor de carauatá, como o texto interpreta. — O francês que acusou Hans Staden de ser português e inimigo, chamava-se entre os índios de São Vicente *Karwattuwre*, conforme à grafia do narrador. (Vide *Karouäta*, nota 53, pág. 177).

(45) AKETEUUE — village... la place des poissons. — Será *Aquetiba*, indecifrável quanto ao primeiro elemento; *tiba* pode significar o lugar, o sítio, o *ubi;* mas exprime comumente abundância ou freqüência de alguma cousa que o tema designa.

(46) TUPOY OUSSOU — Principal... c'est à dire l'escharpe en laquelle les femmes portent leurs enfans au col. — *Tipóia-uçu*. — Querem alguns que *tipóia* seja palavra africana, usada nas tribos de Angola; note-se, entretanto, que Hans Staden, sem o menor conhecimento de cousas da África, ouviu no Brasil *Typpoy*, como escreveu. — Para Batista Caetano, *tupói*, *tupai* ou *tipói*, literalmente, o que pende das coxas, é roupa pendente, rêde de cobrir, etc.; *uçu* grande.

(47) BOYY — Principal... c'est à dire la petite coleuvre. — *Mbói-i* cobra pequena, como se traduz no texto.

A vigésima aldeia é a de Jeviree a que os franceses chamam Juiret, nádegas finas. Chama-se o principal *Canuá-Uaçu* (48), pau de tinta.

A vigésima-primeira aldeia chama-se *Eucatu* (49), água boa; o principal tem por nome *Januare-etê*, onça feroz ou cão grande. E' um bom índio, grande amigo dos franceses.

Jeviree-a-pequena é a vigésima-segunda aldeia e nela existem dois principais: *Canuá-Mirim* (50), tintura pequena e *Eunaiuãtin* (51), fruto picante.

A vigésima-terceira aldeia chama-se *Uri-Uaçu-Eupê* (52), lugar onde se encontram machorans, espécie de peixe; e o nome do principal é *Ambuá-Uaçu* (53), especie de lagarta de quase um pé de comprimento.

Maiova é o nome da vigésima quarta aldeia, e quer dizer, certas fôlhas de árvores muito compridas e largas. Há dois principais na aldeia: *Jacuparim* (54) faisão adunco e *Jaovantim* (55), cachorro branco.

A vigésima-quinta aldeia é *Pacuri Euve* (56), árvore do pacuri; e seu principal chama-se *Tajapuã* (57), nome de uma grossa raiz.

A vigésima-sexta aldeia chama-se Evapar, água torta; o principal tem o nome de Tocai-Açu (58), galinheiro grande.

---

(48) CANOUÄ-OUÄSSOU — nom d'un Principal... qui signifie la teinture. — *Canduá-guaçu*, de *canduá*, que se compõe de *caá* mato, e *uá* caule, talo, grêlo, e significa limo colorido das árvores; *guaçu* grande.

(49) EUCATOU — village... c'est à dire la bonne eauë. — *Icatu*. — Bettendorf leu em Laet *Uaucatan; Eucaton* está na edição francesa. — A etimologia do texto é correta: *Icatu*, um dos poucos topônimos remanescentes na Geografia maranhense, deriva seu nome de *y* água, *catu* boa.

(50) CANOUA-MIRY — nom d'un Principal... c'est à dire la petite teinture. — *Canduá-mirim*. (Vide *Canouä-ouässou*, nota 48, acima).

(51) EUUAIOUANTIN — Principal... qui signifie un fruict picquant. — A primeira parte do vocábulo, *Euuai*, pode ser *ybai*, de *ybá* fruto, *ái* azêdo, acre, picante, como no texto se traduz; a segunda porém, é indecifrável, se bem que em outras dicções *äntin* esteja por *ti* ou *tinga* branco.

(52) OURY-OUÄSSOU-CUPÉ — village... c'est à dire le lieu où sont les *Machorans*, poissons ainsi nommez. — Será *Guiri-açu-cupé* onde jazem os *guiris* grandes, o pescadouro dos *guiris; guiri* é o nome tupi dos bagres, e *cupé* é a locativa, exprimindo o *ubi*. (Vide *Ouyry*, nota 5, pág. 193).

(53) AMBOUA-OUÄSSOU — Principal... c'est le nom d'une espece de cenille, & longue environ d'un pied. — *Emboá*, um Miriápodo; de *a* — *ambo* — *á* ente que faz rodilha, conforme Sampaio; *guaçu* grande.

(54) IACOUPARIN — Principal... c'est à dire le Faisan crochu. — *Jacu-pari*, de *Jacu* (Vide *Iacou*, nota, 24, pág. 186), e *pari* coxo.

(55) IAOUANTIN — nom d'un Principal... c'est à dire le chien blanc. — *Jaguaratinga*. De *Jaguar* (Vide *Ianouäre*, nota 13, pág. 201) e *tinga* branco.

(56) PACOURY-EUUE — village... qui signifie l'arbre de *Pacoury*. — *Bacuri-iba*, conforme a definição do texto.

(57) TAIAPOUAN — Principal... c'est à dire une grosse racine — *Tayapuam*, de *táyá* (Vide nota 61, pág. 179) e *apuam* redondo.

(58) TOKAY-OUSSOU — Principal... qui signifie le grand poulailler. — É palavra mal grafada; à pág. 226 está com a mesma significação, *Ouyraro Kay*, de que *Tokay* é simples alteração das duas últimas sílabas; *uçu* grande (Vide *Ouyraro Kay*, nota 13, pág. 226).

A vigésima-sétima aldeia chama-se *Meuruti-Euve* (59), o que quer dizer bastão ou palmeira. O principal tem por nome *Conronron-Açu* (60), grande roncador.

Êsses são os nomes das principais aldeias de índios dessa ilha. Contam-se algumas de duzentos a trezentos habitantes e outras de quinhentos a seiscentos, e às vêzes mais, de modo que, em tôda a ilha podem existir de dez a doze mil almas.

---

(59) MEUROUTY-EUUE — village... le baston, ou bien l'arbre de Palme. Atual *Miritiba.* — De *ymbìrity* árvore que líquido emite, a palmeira (*Mauritia vinifera,* Mart.) e *yba* pé, fuste, haste, caule. — Às págs. 147 e 171, estão respectivamente *Meureutieupe* e *Meuruti-vue,* com idêntica definição, variantes do nome acima, com sufixos equivalentes.

(60) CONRONRON-OUASSOU — Principal... c'est à dire le grand ronfleur. — *Conronron* é nome onomatopaico, como se deduz do texto: *guaçu* grande.

CAPÍTULO XXXIII

As principais aldeias de Tapuitapera.

APUITAPERA é outra residência dos índios tupinambás. Situa-se próximo à Ilha do Maranhão, ao lado oeste, na terra firme. Descortina-se com facilidade do Forte de São Luís e dêle é separada por três ou quatro léguas de mar. Não é ilha como o Maranhão, mas terra firme, embora por vêzes se cerque de água, o que só ocorre na maré alta; em baixando a maré, porém, retira-se a água e fica a terra, cercada pelo mar tão sòmente do lado da Ilha do Maranhão; o resto ou é terra ou areia que se atravessa a pé enxuto.

O começo dessa terra forma o cabo da baía do Maranhão, do lado do oeste, cabo que denominamos Tapuitapera; continua em seguida, servindo de costa e de praia até a dita enseada do Maranhão. Essa região não é tão inexpugnável quanto a do Maranhão, porém é mais agradável, rica e fértil. Aí se encontram de quinze a vinte aldeias entre as quais mencionarei aqui as melhores e mais célebres, com os nomes dos principais, ou chefes, e o seu significado.

A mais afamada e importante aldeia do lugar chama-se *Tapuitapera*, nome também de tôda a região, e que significa *residência dos tapuia* ou cabelos compridos. Tem dois chefes: *Avattion* ou alpiste prêto (1) e *Caí-açu* (2), macaco grande ou macaca.

Seri-ieu (3) é o nome da segunda aldeia, caranguejo chato, espécie de lagostim do mar. Há também dois principais nessa aldeia: *Ararí* (4), caranguejinho, e *uirá-eubucu* (5), árvore comprida.

---

(1) Ver nota precedente a respeito de *avati-on* (N. do T.).

(2) CAY-OUÄSSOU — Principal... qui signifie la grande Monne. (Vide *Cay*, nota 19, pág. 202).

(3) SERYEU — village... c'est à die la Crabe platte, qui est une espece d'escrevice de mer. — *Serigy*, de *seri* (Vide *Siry*, nota 44, pág. 198) e *gy* rio.

(4) ARARAEU — Principal... c'est à dire la petite Crabe. — *Guaraí*, de *guará* (Vide *Aouära Oussa*, nota 45, 198), e *í* pequeno.

(5) OUIRA-EUBOUCOU — Principal... le long arbre. — De acôrdo com êste significado, ser *ibirá-pocu* árvore longa, comprida.

Chama-se a terceira aldeia *Jeneupá-eupê,* isto é genipapo. Seus dois principais têm por nomes: *uirá-eubucu* e *Suaçu-caê* (6), corça assada.

Meureutieupê é o nome da quarta aldeia, e quer dizer palmeira. Chama-se o principal *Cauim-aguê* (7), metade do vinho.

A quinta aldeia denomina-se *Caaguira* (8), sombra das árvores. Tem dois principais: *Seruêuê* (9), pássaro que carrega o filhote pelo ar, e *Avation.*

Pindotive (10) é a sexta aldeia; quer dizer largo das palmeiras. O principal tem por nome *Ruronbeuve* (11), árvore espinhosa.

Chama-se a sétima *Arueípe* (12), lugar dos sapos, e denomina-se o principal *Uiraíve-açu* (13), pássaro velho.

Tapui-tininga (14) é a oitava aldeia, significando a palavra cabelos compridos e secos. O principal chama-se *Itá-onguá* (15), pilão de pedra.

A nona aldeia denomina-se *Engare-lequitave* (16), lugar para onde se arrastam as canoas. O principal chama-se *Uitim* (17), farinha branca.

---

(6) SOUASSOU CAË — Principal... qui signifie la biche boucannée. — *Suaçúcaen,* de *çoó-açu* veado, *caen* sêco, ou assado a fogo lento sôbre grelhas.

(7) CAOUIN AGOUË — nom d'un Principal... c'est à dire la moitié du vin. — *Cauim* (vide *caouin,* nota 3, pág. 209) e *agué* metade.

(8) CAAGOUIRE — village... qui signifie l'ombre des arbres. — *Caàguira,* de *caá* mato, *guir* parte inferior: a espessura, o debaixo das árvores, a sombra das árvores, como o texto explica.

(9) SEROUÉUÉ — Principal... c'est à dire un oyseau qui emporte son petit en l'air. — Conforme à grafia do texto, será *Serobebé* de *çoó* animal, e *bebé* que voa, volante. — Se não se tratasse de ave, que não conseguimos identificar, poderia êsse nome reportar-se com mais propriedade ao marsúpio *Sorigue* ou *Saruê.* Note-se que na História da colonização do Norte figura um principal potiguara chamado *Corobabé* ou *Sorobabé,* ou ainda *Korobabé,* que no Rio Grande do Norte, por intervenção dos Padres da Companhia de Jesus, celebrou pazes com Manuel de Mascaranhas, em 1599 e em 1602. Como não inspirasse confiança aos portuguêses, êstes o levaram na expedição de 1603 para a Bahia de onde não voltou. Nas *Memórias Diárias,* de Duarte Coelho de Albuquerque, há um *Jurubabu,* que Cândido Mendes de Almeida pretende indentificar com êsse chefe potiguara.

(10) PINDOTUUE — village... c'est à dire la place des Pindo. — *Pindotiba,* de *pindó* (Vide *Pindo,* nota 5, pág. 58), e *tiba* em abundância: palmeiral, palmetum.

(11) ROURONBEUUE — Principal... qui signifie un arbre picquant. — Conforme a difinição, seria *yú* espinho, *yba* árvore. Difícil de identificar.

(12) AROÜEUPE — vilage... c'est à dire la place de Crapaux. *Aruípe,* de *aru* sapo, *y* água, e *pe,* pospositiva, em, no: n'água ou no rio dos sapos.

(13) OUYRAYUE-OUSSOU — Principal... qui signifie le vieil oyseau. — Será *Guirajuuçu* pássaro amarelo grande, e não pássaro velho, como quer o texto.

(14) TAPOUY TININGUE — village... qui veut dire le long cheveux sec. — De acôrdo com a definição do texto, seria *aba-tinîng* de *aba* cabelo, e *tinîng* sêco. — Deve haver ali êrro de escrita.

(15) ITA-ONGOUA — Principal... qui signifie le mortier de pierre. — *Itá-anguá,* de *itá* pedra, *anguá* pilão, o almofariz.

(16) EUGARE LÉ QUYTAUE — village... c'est à dire le lieu, où on tire les *canots.* — Deve haver êrro de escrita. Conforme ao texto, seria *Igaraupaba,* de *igara* canoa, e *upaba* pouso, estância; o pôrto.

(17) OUYTIN — Principal... c'est à dire la farine blanche. — *Uy-tinga* farinha branca, como se traduz no texto.

Urubutin-enguave (18) é o nome da décima aldeia e quer dizer lugar onde o corvo vai beber. Chama-se o principal *Suaçu-caê* (19).

É maior o número de habitantes dessas aldeias que o das da Ilha do Maranhão.

(18) OROBOUTIN-EUGOUAUE — village... c'est à dire le lieu où le Corbeau va voire. — *Urubu-tin-guaba* de *urubu tinga*, Cartártidas, (*Cathartes urubutinga*, Pelz.) e *guaba*, particípio de *u* comer ou beber: o em que, ou onde se come ou bebe. (Vide *Ouroubou*, nota 6, pág. 246).

(19) SO OUÄSSOU CAË — Principal... qui signifie la biche boucanée. (Vide *Souässou Caë*, nota 6, pág. 147).

CAPÍTULO XXXIV

Aldeias principais de Cumá.

LÉM de Tapuitapera, para o lado oeste, encontra um rio a que os índios denominam *Cumá*. As terras adjacentes são muito bonitas, muito agradáveis e fertilíssimas, bem mais do que as da Ilha Grande de Maranhão. Aí, nessa região, existe também uma residência de índios da mesma nação dos da Ilha Grande e de Tapuitapera. Cêrca de quinze a vinte aldeias se distribuem pelas margens do Cumá. Mencionarei aqui os nomes das mais afamadas, juntamente com os de seus principais.

A primeira, a principal aldeia, denomina-se *Cumá*, nome também do rio e da terra, e que significa lugar onde se pesca peixe. O principal chama-se *Itaoc-Mirim* (1), isto é, casinha de pedra.

Januacuare (2), toca do cão, é a segunda aldeia cujo principal se chama *Maichuare* (3), nome também de uma árvore.

A terceira aldeia denomina-se *Tavapiap* (4), aldeia escondida, e o seu principal é *Cauare* (5), bebedor de vinho.

Chama-se a quarta *Cui Ieup* (6), cabaça preparada, e o principal *Ingarobuí* (7), cantor azul.

---

(1) ITAOC-MIRY — Principal... c'est à dire la petite maison de pierre. — *Itaoca-mirim*, de *itá* pedra, *oca* casa, *mirim* pequena, como no texto.

(2) IANOUACOUARE — village... c'est à dire le trou du chien. — *Jaguaraquara*, de *jaguar* (Vide *Ianoüare*, nota 13, pág. 201) e *quara* buraco, como se traduz no texto.

(3) MAYCHOUARE — Principal... qui est le nom d'un arbre. — Será *Majuara*, conforme à grafia do texto; mas difícil de explicar, como de identificar a árvore a que se refere.

(4) TAUAPIAB — village... c'est à dire le village caché. — Será *Tubapiaba* aldeia afastada, apartada, translatamente escondida, como quer o texto.

(5) CAOUARE — nom d'un Principal... qui signifie le buveur de vin. — *Caú-uara*, de *caú*, por *cauim* vinho, *uara* ou *guara* bebedor, como no texto.

(6) COUY-IEUP — village... qui signifie la courge accommodée. — *Cuiaíba* (Vide *Coyieup*, nota 1, pág. 107).

(7) INGAROBOUY — Principal... c'est à dire le chantre bleu. — Deve ser *Guiraobi*, de *guirá* pássaro, *obi* azul ou verde.

A quinta aldeia denomina-se *Aruipê* (8), lago, e há nela dois principais: *Tamanduaí* (9), elefante e *Jura-Eutá-Uaçu* (10), isto é, pau de aparador.

Chama-se a sexta *Taevonajo* (11), fruto negro, e o principal *Maracapu* (12), o que quer dizer, som de um instrumento.

Pacuripanã (12), fôlhas de pacuri, é o nome da sétima aldeia, cujo principal é *Caiaeíve* (14), nome de uma árvore.

A oitava é *Aovajeíve* (15), árvore aquática, e o seu principal *Tubomá-Açu* (16), nome de uma fruta.

A nona chama-se *Maecã* (17), isto é, cabeça de alguma cousa, e seu principal se denomina *Uirapar-Uçu* (18) ou grande arco.

Curemaetá é a décima aldeia cujo nome deriva do *Curemans*, rio que se encontra à entrada de *Cumá*. Chama-se o principal *Boireapar* (19), isto é, copo torto.

A décima-primeira aldeia denomina-se *Japieíve* (20), árvore do pássaro e o principal *Uiraruantin* (21), árvore branca.

Tôdas essas aldeias são muito mais povoadas do que as da Ilha do Maranhão e seus habitantes são amigos e aliados dos índios de Tapuita-

---

(8) AROUYPÉ — village... c'est à dire l'estang d'eauë. — *Aruípe.* (Vide *Aroüeupe*, nota 12, pág. 147).

(9) TAMANDOUAY — Principal... qui signifie l'Elephãt. — *Tamanduá-i*, o desdentado (*Myrmecophaga didactyla nicolor*, Linn.). — De *tamanduá.* (Vide *Tamandouä*, nota 6, pág. 199) e *i* pequeno.

(10) IOURA-EUTA-OUASSOU — Principal... c'est à dire les grandes bastons d'un dressoir. — Talvez, *Girdu-itá-guaçu* pedra de jirau grande.

(11) TAEUONAIO — village... c'est à dire le fruict noir. — Impossível de explicar com a definição do texto.

(12) MARACAPOU — Principal... qui signifie le son d'une sonnette. — *Maracapu*, de *maracá* (Vide *Maracá*, nota 4, pág. 237) e *pú* ruído, rumor, barulho: ruído de *maracá*, como se traduz no texto.

(13) PACOURYPANAM — village... qui veut dire les fucilles des *Pacoury.* — Será *Bacuri-panã*, mas *panã* não tem a significação de fôlha.

(14) CAYAEUUE — Principal... qui est le fruict d'un arbre ainsi nommé. — *Cajaíba, Cajazeira*, Terebintácea (*Spondias brasiliensis*, Mart.) — De *acaiá* (Vide *Acaiá*, nota 24, pág. 172), e *iba* árvore.

(15) AOUAYEUUE — village... c'est à dire l'arbre dans l'eauë. — *Guaíba*, de *gua* enseada, *iba* árvore: árvore de enseada, e não árvore n'água, como diz o texto. — Ignoramos a que vegetal esta dicção se reporta.

(16) TOUCOMA-OUSSOU — Principal... nom d'un fruict. — *Tucumá-guaçu*, palmeira (*Astrocaryum Princeps*, Barb. Rodr.) — De *tu-cu* espinho alongado (nome de várias palmeiras espinhentas), e *á* fruto; *guaçu* grande.

(17) MAECAN — village... c'est à dire la teste de quelque chose. — Será *mbaé-acanga*, de acôrdo com a tradução do texto.

(18) OUYRAPAR OUSSOU — Principal... qui signifie le grand Arc. — *Guarapar-uçu* arco grande, como no texto.

(19) BOHUREAPAR — Principal... qui signifie la rassade crochuë. — Será *mboy* ou *poy* (Vide *Bohure*, nota 13, pág. 220), e *apar* torta, torcida, vergada.

(20) YAPYEUUE — village... qui signifie l'arbre de l'oyseau. — Será *japiiba*, de *japi*, o Ictéridas (*Cassisicus cela*, Linn.), e *iba* árvore, como no texto se explica.

(21) OUIRAROUANTIN — Principal... c'est à dire l'arbre blanc. — Será *ibyrá-tinga* árvore branca, conforme ao texto; a sílaba *rou* intercalada não tem explicação.

pera e da Ilha Grande como formando uma só nação, uma confederação unida na guerra às demais nações inimigas.

De Comá até *Caietê* (22), próximo a Rio Grande do Pará, a oeste, a cêrca de quatrocentas léguas ou mais da ilha do Maranhão, existem ainda muitas outras aldeias de índios tupinambás, os quais habitam em terra firme às margens dos rios e das costas.

Caetê é também lugar de residência dos tupinambás e aí se encontram de vinte a vinte e quatro aldeias, tôdas muito povoadas. Dizem que para além do rio das Amazonas há ainda inúmeras aldeias dêsses índios, que são da mesma nação dos da Ilha Grande do Maranhão, de Tapuitapera e de Comá, falam a mesma língua, têm os mesmos costumes e com os quais podem os franceses negociar com segurança por serem amigos e aliados dos do Maranhão, seus semelhantes.

As demais terras e regiões circunvizinhas são muito misturadas; umas são habitadas por *tapuias*, outras por *tabajaras*, *tremembés* (23) *nômades* ou ainda *pacajaras* (24), *jurapupiares* (25), *uianãs* (26), *aracuís* (27), e outros que residem no país por ser êle extremamente agradável em virtude da temperatura, da fertilidade e da beleza, como se verá nos capítulos seguintes.

---

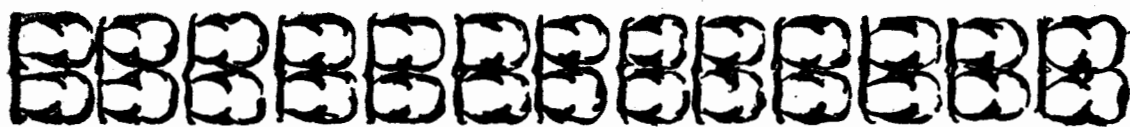
(22) CAYETÉ — nom de lieu; — qui veut dire la grande forest. — *Caetê*, o mato virgem, silva primigênia. — De *caá* mato, *etê* verdadeiro, legítimo; o mato por excelência. — É o território onde está situada a cidade de Bragança.

(23) TREMEMBEZ — Indiens. — *Tremembés*, indígenas que habitavam o litoral do Norte, desde a foz do rio Camocim até a ilha do Maranhão, e que foram destruídos em 1679 pela expedição ao mando do mameluco Vital Maciel Parente, filho natural de Bento Maciel Parente, o qual tinha o pôsto de capitão-mor. — Berredo, nos *Anais Históricos*, chama-os *Taramambases;* Baena, no *Compêndio das Eras*, dá-lhes o nome de *Taramanbezes;* mas a designação seria em princípio *Tirimembés* (de que C. d'Abbeville fêz *Tremembez*), contração de *tiriri-membé* água ou líquido que se escoa molemente, designando o local embrejado, ou encharcado, como era o *hábitat* da tribo, conforme plausìvelmente explica Sampaio.

(24) PACAIARES — Indiens. — *Pacajás*, tribo indígena que habitava o rio dêste nome. — De *paca*, o roedor (Vide *Paca*, nota 7, pág. 79), e *yá* chamado de nome, que tem nome de *paca*. O rio *Pacajá* tomou o nome dessa tribo.

(25) IOURAPOUPIARES — Indiens. — Será *Jurapupiaras* ou *Jurapupiás*, tribo indígena desconhecida. — Nome difícil de explicar.

(26) OUYÄNANS — Indiens. — Será *Güianãs*, tribo indígena difícil de identificar. — *Goianás* ocorre em Berredo.

(27) ARACOUYS — Indiens. — Será *Aruáquis* ou *Aroáquis*, tribo que se estendia desde o rio Uatumá até o rio Negro. No mapa do P. Fritz (1707) vem assinalado, nas proximidades da margem esquerda do Amazonas, abaixo da confluência do rio Negro.

CAPÍTULO XXXV

Do clima do Brasil particularmente na Ilha do Maranhão.

MBORA o sol faça o seu giro diário em vinte e quatro horas (1), executando o movimento no rastro do Zodíaco muda seu próprio curso de acôrdo com a inclinação do mesmo. Oriente e ocidente tornam-se assim variáveis, irregulares, passando de um lado para outro, ora mais baixo ora mais alto, às vêzes além da linha, em direção ao Pólo Antártico, às vêzes para aquém, do lado do Pólo Ártico, sempre porém dentro dos limites naturais dos dois trópicos que nunca são ultrapassados.

E tendo considerado os físicos e os naturalistas que a temperatura ou as intempéries resultam principalmente das diversas posições do sol, e são os climas diversos de acôrdo com a diversidade das partes celestes mais ou menos afastadas de sua rota, dividiram a esfera elementar em tantas partes quanto o fizeram os astrônomos em relação ao céu, simbolizando a temperatura pela fatia celeste a que a elementar corresponde. Em verdade não têm os céus temperatura alguma, porquanto compõem-se de corpos simples isentos de qualidades elementares; mas como debaixo dessas partes celestes é a região temperada ou não, tais qualidades lhes são atribuídas.

Existem assim cinco regiões diversas na esfera elementar, do mesmo modo por que há cinco divisões da esfera celeste, separadas pelos dois trópicos e pelos dois círculos polares. Entre êsses círculos cada uma dessas partes, em forma de cinta, contorna tôda a esfera. Os astrônomos chamam-lhes zonas, ζῶνας o que em grego quer dizer cintas, assim como os geógrafos dão às regiões terrestres o nome de *plagas*, usando entretanto também o vocábulo zona, tanto para as partes da terra como para as dos céus.

Duas dessas zonas foram denominadas *temperadas* e as três outras *intemperadas*. As primeiras estendem-se desde os círculos polares até

---

(1) Explica-se no original: "par le rap du premier mobile"; não me foi possível traduzir pela ignorância da palavra *rap*. Talvez haja aqui um êrro de impressão que não consegui corrigir (N. do T.).

os trópicos e se caracterizam pela mistura de calor e frio: *Temperiem dedit mixta cum frigore flamma.* São as demais *intemperadas* ou em virtude do frio excessivo, como nas zonas austral e setentrional — *nix tenet alta duas* — ou pelo excessivo calor, como na zona tórrida — *corusco semper sole rubens, et torrida semper ab igne est.*

Como o calor provém dos raios do sol, segue-se que é tanto mais violento quanto maior a reverberação; e esta é tanto mais forte quanto mais perpendiculares são os raios do sol.

Por êsse motivo, nas zonas polares há sempre frio eterno, gêlo e neve perpètuamente, tempo triste e escuro e nenhum calor, pois os raios do sol sendo paralelos à superfície dessas regiões não se verifica nenhuma reverberação, ao contrário do que ocorre nas zonas temperadas onde os raios solares são menos oblíquos e se tornam mais quentes na medida em que nos aproximamos dos trópicos.

Ora, passando o sol contìnuamente sôbre essa zona tórrida, de um trópico a outro, como em sua morada eterna ou magnífico palácio, contempla seus súditos diretamente e de frente; e seus raios, sendo perpendiculares e ortógonos, e a reverberação dos mesmos intensa, deve o calor ser extremado a ponto de terem pensado autores acatados (e ainda o pensarem) que *non est habitabilis aestu, e* que sòmente com grandes dificuldades pode o homem adaptar-se.

Mas, por mercê de Deus, observamos o contrário na Ilha do Maranhão e terras adjacentes do Brasil, situadas precisamente sob a zona tórrida, a dois e meio graus mais ou menos do equador, para o lado do trópico de Capricórnio, onde, passando o sol duas vêzes pelo seu zênite, seria de fato o calor insuportável não fôsse a incomensurável providência divina atenuar e temperar tal ardor por meios muitas vêzes maravilhosos. Se a temperatura, ou o clima, de uma região depende tão sòmente da pureza e da doçura do ar, julgo (o que há de parecer paradoxal a muitos) que não existe lugar no mundo mais temperado e delicioso do que êste.

Em primeiro lugar não é possível desejar ar mais puro e sereno do que por aqui reina de costume. Os elementos são naturalmente puros e límpidos; e quando se corrompem ocorre a corrupção tão sòmente em virtude de causas estranhas a êles. E que pode causar maior alteração, maior impureza e corrupção do ar do que a oposição de suas quatro qualidades primárias: calor e frio, secura e umidade, ou a mistura dos diversos meteoros, ou ainda as exalações prejudiciais dos corpos infeccionados?

Ora essa terra acha-se isenta dessas oposições; o frio aqüi só se encontra de permeio com o calor, e à secura não falta a atenuante das chuvas. Nunca se vê granizo nem se deparam feios nevoeiros, e nem há necessidade de tapar a nariz por causa dos maus odores. Nunca sopram tantos ventos quantos na Europa, nem se observam grandes tempestades e borrascas confundindo os elementos, escurecendo os céus, e parecendo pelo seu ribombo arrancar montanhas e derrubar rochedos. Não há neve, nem geadas, nem tormentas. Raros trovões, um pouco mais freqüentes na estação das chuvas. Durante as ventanias vêem-se, à noite, alguns relâmpagos, embora o tempo permaneça claro; como,

porém, o ar permanece puro e temperado, não se formam nuvens espêssas, o que faz com que não se acompanhem os relampagos de raios ou trovões.

Na Europa, muitas vêzes podemos observar estranhas impressões na atmosfera, presságios de incríveis tempestades; a terra enche-se de vapores infectos e de exalações pútridas que se espalham abundantemente pelo ar, o qual assim se altera e corrompe, o que dá causa a muitas espécies de meteoros, chegando então (como o viram os físicos) a chover ratos, rãs, vermes, lã, sangue, leite e outras cousas apavorantes. Donde virão, pergunto, todos êsses prodígios senão da enorme impureza da terra e do ar? O fato é que nada disso se vê no Brasil.

Não pode deixar de haver, por causa do ardor do sol, vapores e exalações como em tôda a zona tórrida, mas achando-se a região bem debaixo do sol, são logo consumidos pelo calor contínuo, e a atmosfera permanece em geral pura e serena como na Europa, nos mais lindos dias de verão.

Por outro lado, passando o sol da Guiné, a leste, para o Brasil, a oeste, atravessa grande extensão de mar e se impregna de vapores puros e limpos que o temperam admiràvelmente. Por essa razão, é o Brasil salubre e temperado, enquanto a Guiné não o é, por não se achar sob a cobertura de idênticos vapores. Ao contrário, no seu percurso do oriente para o ocidente atravessa o sol muitas terras áridas e arenosas, passa pela África que compreende tôda a Arábia feliz, a Barbarie e a Guiné, em sua maioria habitação ordinária de animais ferozes e serpentes venenosas.

Próximo se encontra a Etiópia, destituída de mares ou rios, e onde o ardor do sol é insuportável. Aí grande massa de perigosos vapores está contida na reverberação de seus raios perpendiculares caindo sôbre a terra árida e arenosa. E tais vapores corrompem e infeccionam de tal modo o ar, que o país se torna insalubre, sujeito a inúmeras doenças pestilentas e contagiosas, a ponto de morrerem amiúde os que ao navegarem pela costa da Guiné são por elas contaminados.

Não há no Brasil animais ferozes, nem serpentes venenosas, que contaminem a atmosfera, formando vapores maus e exalações perigosas. Não são venenosos os crocodilos, nem as serpentes, os sapos, etc., os quais servem mesmo de bom alimento, como direi. Isso nos demonstra a grande pureza do ar e a sua moderada temperatura. Não é corrompido por causas externas, e em sua maioria os animais existentes não têm veneno. Por outro lado, além de ser aqui maravilhosamente puro, o ar é refrescado pelo mar e pelas inúmeras águas das fontes, regatos e rios, tão grandes às vêzes, que chegam a medir de quinhentas mil léguas de comprimento e de seis a oitenta de largura, regando as terras de ambos os lados, refrescando os animais, moderando extraordinàriamente o ar com seus vapores puros e suavizando o ardor do sol durante o dia.

Como o sol se deita quase sempre em ângulo reto, ou pouco oblíquo, como se fôsse reta a sua esfera, nunca aí se observam crepúsculos, nem à tarde, nem pela manhã, pois, ao cair o sol de cima do horizonte como se caísse num precipício, logo sobrevém profunda noite. E caminhando o sol pelo centro do horizonte para as profundezas do mundo, acha-se então

extremamente longe dêste país, do lado oposto, e aqui fica a terra encoberta e oculta, em meio à sombra e à opacidade tenebrosa e espêssa da grande massa do globo terrestre, não alcançando êste hemisfério um só de seus raios.

O frescor da noite, dos rios e regatos, banha os vapores do sol, formados durante o dia e mesmo depois do ocaso, e os condensa tanto mais depressa quanto mais sutis, e os transforma ràpidamente em abundantes e frescos orvalhos que regam e refrescam tôda a região, tornam as noites belas e serenas, agradáveis e deliciosas. E, ao voltar o sol, êsses frescos orvalhos, e o ar por êles modificados, concorrem para atenuar e suavizar suas reverberações e seus ardores.

Além disso, a providência divina, que tudo dispõe com sabedoria, tempera o ardor do sol em tôda essa região, por meios muito mais extraordinários. Manda à frente do sol, na sua trajetória do Trópico de Capricórnio para o Trópico de Câncer, grandes chuvas que principiam mais ou menos seis semanas antes de se encontrar êle na linha vertical, e continuam por dois meses e meio depois de ter êle passado pelo Zênite. Duram assim as chuvas de quatro a quatro meses e meio, regando abundantemente o ar e a terra, temperando maravilhosamente o ardor do sol e fecundando a terra.

Essas chuvas começam, na Ilha do Maranhão e vizinhanças, mais ou menos em fevereiro, e duram até fins de maio ou meados de junho.

Quando, ao contrário, volta o sol do Trópico de Câncer para o de Capricórnio, anima os ventos denominados brisas e os leva a encrespar o mar, sempre encapelado durante a época dos ventos, os quais principiam a soprar com o sol, ao começar o calor, desde as sete ou oito horas da manhã; e, à medida que sobe o sol para o meridiano, crescem os ventos, de forma que no auge do calor, ao meio-dia, são os ventos muito mais violentos do que ao aproximar-se o sol do zênite. E diminuem de intensidade êsses ventos à proporção que o sol se afasta do zênite e do meio-dia, até cessarem por completo no ocaso.

Não pode haver melhores guarda-sóis, nem leques, do que êsses dados por Deus para garantir o homem contra as intempéries dos céus. E em verdade os raios do sol aqui não pretegem tanto os homens quanto na Etiópia e outros lugares da linha equinocial, e sim muito menos do que em certas regiões temperadas, onde não é o calor do sol suavizado, como no Brasil, por tão numerosos refrigerantes. Quanto à tez morena ou azeitonada dos habitantes, não provém ela do ardor do sol, mas sim de artifícios que empregam para alcançar essa côr tão desejada.

Se os ventos, além de atenuar o calor, têm a propriedade de alterar o ar ou de temperá-lo, segundo as suas qualidades, a região do Maranhão e terras circunvizinhas não pode deixar de ser muito agradável, principalmente por que reinam aí apenas os ventos de leste oriental, os mais puros e temperados de todos. O vento do norte ou setentrional é frio e sêco, porém em excesso. O vento sul ou meridional é, ao contrário, demasiado quente e úmido. Já o vento de leste, ou oriental, é sêco e moderadamente quente e muito mais puro e temperado que o de Oeste, ou ocidente, que é frio e úmido. E êsses são os quatro ventos principais dos quais dependem os outros.

Quando ventos contrários dominam certa região, alteram, corrompem ou temperam o ar (muito sujeito a tais impressões) segundo as suas qualidades, tornando-o frio ou quente, sêco ou úmido, claro ou nebuloso. Não é o que se observa na Europa em detrimento de nossa saúde? *Aero non certo corpora languor habet.*

No Brasil não se conhece o vento setentrional excessivamente frio e sêco; não se conhece aí o vento meridional, fétido, pestilencial e muito corrosivo; não reinam, tampouco, os ventos ocidentais, frios e úmidos. Porisso, não se observam alterações e corrupções do ar ou mau tempo ocasionados por ventos maléficos, pois sopra sempre o vento oriental, atenuando o calor do dia, agitando o ar para que se não corrompa no repouso e ainda o purificando pelas suas qualidades de pureza e de doçura.

Alguns perguntarão porque o sol, de volta do Capricórnio, produz chuvas, e a caminho do Câncer origina ventos. Em resposta à primeira pergunta, lembrarei que o mar cobre quase tôda a parte ocidental e que dêle tira o sol grandes vapores ao se encontrar no Capricórnio, e isso por meio de seus raios perpendicularmente caídos sôbre o mar, com tanto maior fôrça e ardor quanto se acha então no perigeu, isto é, no ponto mais próximo do centro do mundo. Ora êsses vapores são tanto mais espessos e condensados quanto mais puros e simples. E seja pela frieza intrínseca ou natural dos vapores, seja pelo grande frescor das noites ou do ar, ou ainda pela presença do Capricórnio, sempre frio e sêco, essa condensação se faz e ocasiona as chuvas, as quais continuam, quando da volta do sol de Capricórnio, porque passa então por Aquário e Peixes, o primeiro quente e úmido e o segundo úmido e frio, e ambos signos chuvosos.

Dificilmente se responderá à segunda pergunta, por ser pouco conhecida a causa dos ventos. Se é verdade, como querem os astrólogos, que certos planetas excitam os ventos dos lugares que dominam, muito verossímil se torna que o sol, de regresso do Capricórnio, empurre êsses ventos temperados para o Brasil. Alguns astrólogos atribuem o vento norte a Júpiter; o vento sul a Marte; o vento oeste à Lua; e como o vento oriental lembra o sol pela secura e calor suave, atribuem-no a êsse astro e porisso denominam *subsolanus*, ou vento solar.

Não vemos atrair o sol algumas flores, como a anêmona, o girassol principalmente, que entre tôdas tem a propriedade natural de voltar-se sempre para êle? Assim ocorre com êsse vento solar quando o sol volta de Câncer. Vindo pelo lado da terra, quando se ergue sôbre esta terra do Brasil aquece o solo umedecido pelo orvalho puro e limpo da noite e cujas exalações atrai. Como estas são quentes, sêcas e puras, não podem formar senão o vento oriental, também quente, sêco e puro; eis por que não sopram outros ventos no Brasil.

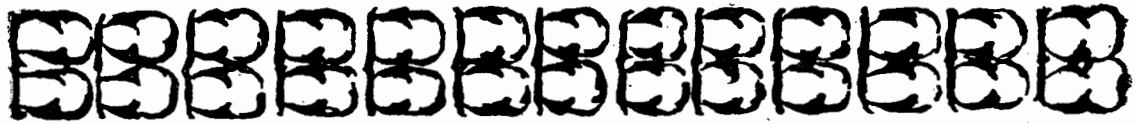
Já aquém do Trópico de Câncer não é o ar tão sutil como além, onde o sol inicia seu giro; o vento solar encontrando o caminho mais fácil, rarefeito o ar pelo ardor do sol, por aí se dirige e continua sua rota de oriente para a ocidente. *Ventus enim fit, ubi est agitando percitus aer.* Aumentando sempre, à medida que o sol atinge o meio-dia e atrai maiores exalações. E não as atraindo mais no acaso, cessa o vento

nessa ocasião. Poderíamos ainda acrescentar algumas razões naturais, mas elas não são tão prováveis. Quanto a mim basta para entender essa maravilha a providência divina. *Qui producit ventos de thesauris suis.*

E' verdade que êsses ventos orientais se formam não só no Brasil, mas ainda em tôdas as regiões da linha equinocial, ao que muitos atribuem as causas e a origem de suas qualidades temperadas; mas em nenhum lugar são tão puros e suaves como no Brasil, o que se deve às razões já mencionadas. Por outro lado, achando-se êsse país próximo à linha equinocial, compartilha, como os outros, da influência das qualidades singulares e admiráveis que Deus emprestou à zona tórrida. Porisso, aí se encontram as mesmas riquezas e facilidades observáveis nas demais regiões do centro do mundo. No Brasil se encontram, como em certos lugares, riquezas e comodidades que em outras regiões não se acham; e pode-se dizer que, pela pureza do ar e pela sua temperatura, não existe, debaixo dos céus, país mais belo, mais saüdável e temperado; salvo, sem dúvida, o paraíso terrestre que muitos, aliás, situam no equador, no Éden, em virtude do clima.

Porisso, distingo duas partes na zona tórrida: uma excessivamente quente e outra muito temperada, e o Brasil, que está situado na zona tórrida é o país mais saüdável e temperado de todos. Haverá em qualquer lugar, mesmo das zonas que denominamos temperadas, região mais bela que a França? Entretanto, se examinarmos a revolução anual neste país, veremos que comporta quatro estações contrárias. Escolha-se uma, a melhor, um mês dela, uma semana que seja; sempre se notará a inconstância do tempo. No Brasil, sobretudo no Maranhão e circunvizinhanças, há uma só temperatura e uma única estação.

No inverno a terra é estéril na Europa, e no Brasil sempre fecunda; na Europa a terra é horrível no inverno, com a erva morta, as árvores desfolhadas, tudo sêco. No Brasil é a verdura permanente, a terra está sempre adornada de belas plantas e de flores diversas e raras. Em suma, há no Brasil uma eterna primavera unida ao outono e ao verão. E uma tal suavidade de temperatura, que em qualquer época do ano as árvores têm fôlhas, flores e frutos, os quais dão tal perfume à atmosfera, que os campos são *croceis halantes floribus horti.* Não estamos sujeitos na Europa, com as mudanças de estação, a tôda espécie de doenças causadas pela inconstância e diversidade do clima? Pois no Brasil estamos sempre bem dispostos, porque *temperie coeli, corpusque, animus que juvatur.* Vivem os homens longos anos. A própria terra, os animais, as águas e os peixes, o ar e os pássaros, as flores, são diferentes dos de França em virtude do clima temperado da região.

Aí não nos sentimos débeis, pesados e sonolentos, como na Europa durante os grandes calores do estio; ao contrário, sempre nos sentimos ágeis, alegres, bem dispostos. Na Europa, o grande calor tira a vontade de comer, e no Brasil sempre temos bom apetite. E não por falta de víveres, que os há em abundância, mas são tão excelentes e é o ar temperado, e tão boa a disposição do corpo, que a digestão é fácil e rápida.

CAPÍTULO XXXVI

Da fertilidade da Ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas.

TAL ponto se acha a fertilidade ligada ao clima, que não pode um país ser bom ou mau senão na medida em que é ou não temperado. Embora todos os corpos tenham origem nas sementes ocultas dos elementos, nenhum dêles sòzinho é capaz de produzir o que quer que seja. É necessário que se misturem todos os elementos, e essa mistura será tanto mais fecunda quanto mais próximos estiverem os elementos de suas qualidades primitivas e quanto mais forem influenciados pelo aspecto favorável dos céus.

Daí serem as partes austrais e setentrionais menos férteis do que as outras, pois se acham mais afastadas do ôlho do mundo e sujeitas a um frio excessivo. Por outro lado, embora a Etiópia e a Arábia se encontrem na região do sol, são desertas em grande parte por causa do excesso de calor.

Mostra-nos a experiência que, em França (a mais bela região da zona temperada), durante o inverno, não se vêem pássaros no ar, nem peixes no mar; e a terra não é fecunda, porque fria e as árvores estão despidas e os corpos são mais ou menos molestados de mil maneiras pelo frio imoderado e pelo mau tempo; e no verão tudo tudo se torna ressequido por causa do calor.

Quantas moléstias novas e desconhecidas aos mais hábeis médicos não vemos nós anualmente, quantas epidemias, quantas esterilidades da terra, quanta carência dos bens necessários, quanta fome, tudo em virtude das intempéries e da diversidade das estações? Quanta gente não muda de terra e de ares para evitar moléstias e procurar saúde? Pois o ar nos é útil ou nocivo, como a comida ou a bebida, segundo as suas qualidades.

Ao chegar a primavera, tornam-se os elementos férteis pela suavidade das qualidades primitivas sob o novo olhar do sol. Os pássaros se alegram e se multiplicam novamente, tal qual os outros animais, ao ar mais suave; os peixes recobram seu antigo vigor nos rios e mares; a terra se aquece, se fecunda e produz muitas ervas, plantas e frutos; e

os corpos humanos, mais ágeis e alegres do que antes, sentem o sangue renovar-se, melhorar suas fôrças e sua saúde em meio à doçura do ar.

Não bastará isso para provar a bondade e a fertilidade da ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas, visto se encontrarem em país tanto mais temperado, quanto mais longe das intempéries, como já dissemos no capítulo precedente? Se a bondade de um país corresponde à sua temperatura, posso garantir que, sendo o Brasil um dos mais temperados do mundo, é também dos melhores e mais férteis que se possam encontrar sob os céus.

Não é possível enumerar quantas espécies de pássaros existem nessa região, tôdas elas muito numerosas, porquanto, sendo o ar contìnuamente agradável e temperado, nêle se comprazem os pássaros e se multiplicam com facilidade; todo o país e as árvores estão cobertos de aves.

Não há entretanto uma só dessas espécies que nos seja comum. São tôdas diferentes tanto na beleza quanto na utilidade. Há inúmeros pássaros bravios, grandes e pequenos, muitos dos quais se domesticam fàcilmente quando apanhados. Há também numerosas aves domésticas, e aves de rapina de diversas espécies, algumas possantes e perigosas e horríveis de ver.

Embora tenhamos em França muitas qualidades de pássaros e de caça de excelente paladar, não há comparação com o que se encontra no Brasil, já pela abundância e variedade das espécies, já pela sua beleza e utilidade. Pois quanto mais aumenta a suavidade do clima, melhor se nutrem as pássaros, e sua alimentação é tão boa e delicada que se tornam gordos e fecundos. Porisso mesmo, são ótimos para se comer e nada temos que se lhes compare.

E' em verdade uma terra de pássaros e por essas bandas há uma ilha, a lha de Fernando de Noronha, de que já falei no capítulo oitavo, onde existem tantos pássaros que como já disse é possível pegá-los com a mão, tal qual as maçãs na Normandia. Os próprios pássaros de França e as aves aí se multiplicam mais depressa e se tornam melhores e põem ovos durante o ano todo.

Quanto aos peixes, ninguém ignora que não se aprazem nas águas demasiado frias. Definham e morrem com o frio excessivo e, porisso, no rigor do inverno, retiram-se os peixes para as profundezas do mar, a fim de se abrigarem das intempéries que então se observam em nosso hemisfério. Nessa época não se podem apanhar muitos peixes e os que se pescam não são tão gordos como na primavera, quando o tempo é brando. Pois embora os peixes por sua natureza participam da água fria e úmida, tendo um corpo composto dos quatro elementos, comprazem-se na água temperada. E é porque a doçura do ar tempera no Brasil as águas dos mares e dos rios, que aí pululam os peixes de tôda espécie e todos diferentes dos que temos por aqui. E a única espécie igual às nossas, que aí pude ver, é a dos sargos, os quais existem em abundância e são excelentes. Há também muitas ostras, a que chamam

(1) RERY — huitre. — *Iriri, riri, reri* ou *leri*, a ostra, molusco lamelibrânquio, de que se conhecem no Brasil duas espécies principais. — O nome tupi, difícil de explicar, não prevaleceu na nomenclatura zoológica; na toponímia aparece em *Leri-*

reri (1), semelhantes às nossas, porém do dôbro do tamanho e muito mais deliciosas. Recomenda-se em França não se comerem nos meses que não têm *R*, como maio, junho, julho e agôsto, mais aí se comem durante o ano todo e são sempre muito gostosas. Prendem-se aos rochedos ou às árvores denominadas *apparituriers*, que crescem à beira-mar como já mencionei. Não o acreditaria fàcilmente, se um índio que trouxemos de Fernando de Noronha não nos tivesse trazido um galho dessa árvore repleto delas, quando chegamos à ilha de Sant'Ana, o que depois nos foi dado ver também no resto da região.

Há também mariscos, a que dão o nome de *Xeruru* (2). Parecem-se com os nossos, porém são muito maiores e bem mais delicados de gôsto. Constituem, com as ostras, a alimentação dos índios, pois são fáceis de encontrar, existindo em abundância nos pântanos e nas praias. Eis o que têm de parecido com o que temos.

Quanto ao mais, fôra mais fácil detalhar o oceano do que tôdas as espécies de peixes aí existentes nos rios e nos mares. Para não cair nesse abismo de dificuldade, contento-me com dizer que, geralmente, têm êles peixes excelentes e apetitosos, em muito maior número e variedade do que nós. Mas esperamos poder tratar ainda de alguns em particular.

Acrescentarei ainda que se encontram no país inúmeras lagoas que se enchem com as chuvas de inverno e onde cresce então uma infinidade de peixinhos de mais ou menos um pé de comprimento e de grossura proporcional. Quando chega a época dos ventos, as lagoas secam e os índios tupinambás cuidam de apanhar e guardar êsses peixes que são saborosos. E embora sequem por completo as lagoas, com o inverno enchem-se de novo e de novo aparecem os peixes, sem que tenha sido necessário povoá-las.

Quantos às aguas é impossível compará-las com as de cá; já fizemos a experiência e isso nos custou caro. As águas que levamos daqui, como provisão alteraram-se com os primeiros calores, pretejaram e apodreceram; em seguida tornaram-se azuladas e fétidas e nos incomodaram muito, pois só as pudemos conservar boas menos de dez a doze dias, até as ilhas Afortunadas e Canárias.

Mas as águas que tomamos na Ilha do Maranhão, como provisão de regresso, não se alteraram nem com o mar, nem com os calores, nem sob o trópico, nem sob a linha equinocial; permaneceram muito boas e potáveis durante três meses e mais que ficamos no mar em nossa viagem de volta.

É extraordinrio que na Ilha do Maranhão, embora totalmente cercada pelo mar, se encontrem tão boas fontes, nascentes naturais, onde

---

tiba, lugar na costa do Espírito Santo, que significa ostra em abundância, ostreira, e em *Leri*, praia no Rio de Janeiro, que nada tem que ver com Léry, o autor da *Histoire d'un voyage faict en la Terre du Brésil.* Cumpre notar que o *r* tupi soa tão brandamente que se confunde com o *l*. — Os tamoios acharam graça em Léry ter nome de ostra.

(2) XEROUROU — moule. — *Sururu*, molusco lamelibrânquio marinho (*Mytilus perna*, Linn.). — De *çoó* carne, pôlpa, miolo, e *ruru* inchado, mucilaginoso, édulo, porque era alimento preferido pelo indígena; nos sambaquis ocorrem em abundância conchas bivalvas dêsse molusco.

FRANCOIS CARYPYRA

as águas são admiràvelmente boas e saüdáveis. No entanto, na Hollanda, em São Malo, Saint Vallery-sobre-o-Somme, Diepe e outros lugares, se encontram águas turvas ou pútridas quando não vêm de fora.

Entre nós, muitos valetudinários procuram as fontes termais ou medicinais para recobrar a saúde ou preservá-la de grandes incômodos. Se morassem nas ilhas nesse país do Brasil, não contraïriam tais enfermidades e, se caíssem doentes, não lhes faltariam, creio, fontes muito boas e soberanas em virtude do clima temperado.

Inúmeras vêzes pude ver na Ilha do Maranhão que as pessoas cansadas do trabalho bebiam de manhã, antes de comerem, grandes goles de água de fonte e não se sentiam em absoluto com o estômago cheio; ao contrário, achavam-se mais vigorosos e tanto mais dispostos para trabalhar na vinha do Senhor. As águas da fonte não são tão frias nem tão cruas quanto as nossas, e como são também mais temperadas não são tão perigosas de se beberem, mesmo nos pleurizes e outras doenças, embora bebidas em jejum e com o corpo quente.

Regada a terra de todos os lados por boas águas, e maravilhosamente temperada pela doçura do ar, não pode deixar de ser muito fértil, como é, e muito fecunda, apesar de não ter sido roteada nem ter tido descanso, nem amanho de qualquer espécie. Não há necessidade de juntar o gado para esquentá-la, pois está sempre temperada pelas influências dos céus. E nem, para cultivá-la, são necessários cavalos ou arreios, charruas ou relhos de arado para lavrá-la, tanto mais quanto esta terra não deve ser muito trabalhada. Cultivada pouco produz, e abandonada dá grande colheita. Não posso explicar êsse paradoxo senão porque estando a terra lavrada entra nela o calor, aquece-a a ponto de queimar as sementes; mas não sendo cultivada conserva-se a umidade.

Esta razão parece-me verossímil, pois em verdade a terra é tão refrescada pelo sereno da noite e o orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas da estação, que sem indústria nem cuidados basta semear a terra e cobri-la, sem sequer cavocá-la antes, que dentro em pouco se tira bom resultado.

Semeando milho de maio, a que chamam *avati* (3), pode-se colhê-lo dois meses e meio a três, depois; e de cada grão nascem quatro, cinco ou seis hastes com seis a sete espigas cada uma, e em cada espiga de seiscentos a oitocentos grãos. E pode-se verificar a bondade e admirável fertilidade dessa terra pelo fato de se poder semear e colhêr o milho com a mesma abundância três a quatro vêzes por ano, donde incalculável lucro.

A mandioca, raiz de que fazem o pão, cresce muito grossa e pode ser colhida cada três ou quatro meses e até em menos tempo.

Os melões podem ser comidos de seis semanas a dois meses após plantados, e é possível obtê-los mensalmente, de excelente qualidade, tão bons pelo natal como pelo São João ou no mês de agôsto. Em qualquer

(3) AUATTYY — May. — *Abati* de *aba* cabelo, e *ti* branco, aludindo aos filamentos esbranquiçados que envolvem a espiga, por baixo da palha, o milho (*Zea maïs*, Linn.).

época colhem-se favas, vagens e outros frutos ou lentilhas que mostram bem a fertilidade da terra.

Não conhecem a vinha, mas têm certos frutos excelentes em grande abundância com os quais fazem uma bebida deliciosa. Também não têm trigo e nem alguns dos cereais que nós possuímos; mas a terra é tão boa e a região tão fértil, que se plantarmos vinhas ou semearmos trigo, cousas entre nós comuns, não há dúvida que produzirão abundantemente. Há grande quantidade de frutos e de legumes de diversas espécies, próprios para a alimentação do homem e, além disso, úteis à fabricação de tecidos, vestimentas e outras cousas necessárias exteriormente.

Êste país é igualmente muito rico em animais selvagens ou domésticos, aos quais não falta o bom ar, pastos fartos e águas incomparáveis. Porisso, são êles maravilhosamente prolíferos e se multiplicam estranhamente. Em sua maioria são excelentes como alimento, quanto aos outros muitos proveitos podem ser tirados.

Não temos entre nós tôdas as espécies de animais que êles têm, nem êles possuem nada que se assemelhe aos nossos, a não ser com grande diferença; não têm nem cavalos, nem bois, nem carneiros, não por deficiência da terra, que é farta e temperada e própria para tôda a espécie de gado ou de lanígeros; bastaria, para que aí crescessem, trazer alguns espécimes.

Possuem entretanto muitos veados, corças, javalis não inteiramente iguais aos nossos, além de pesca, tatus, onças, margaias e outros animais cujas peles são belas e preciosas. Têm ainda o tapiruçu (4), com préstimo para cargueiro quando agarrado. Ser-me-ia difícil detalhar aqui tantas espécies de animais, de frutos ou de legumes; porisso contentar-me-ei com apenas tratar de alguns em particular.

O que se tira agora da terra consiste em pau-brasil, madeiras preciosas e outras. Colhe-se também o algodão, o urucu (5), espécie de tinta vermelha muito abundante e também uma outra tinta encarnada que se assemelha à laca. Encontra-se também a cana fístula, do lado de *Comá*, perto do Maranhão, e ainda o bálsamo (6) verdadeiro como na Arábia.

Prepara-se também muito tabaco, planta assaz conhecida e que aí se encontra em abundância e é muito procurada, alcançando bom preço na França, nas Flandres e na Inglaterra; cuidassem do seu cultivo, tirariam grandes lucros, muito mais do que os espanhóis e portuguêses da Ilha de Trindade, onde não têm outra indústria e carregam anualmente vários navios. Mas também se colhe pimenta no Brasil e se encontra a pedra-bazar.

Os que exploram a terra do Maranhão sabem a que ponto é própria para o cultivo da cana de açúcar; seu rendimento é inestimável, muito maior que o dos espanhóis em Pernambuco, Potrú, São Domingos

(4) TAPYROUSSOU — vache brague. — *Tapiruçu*, a anta grande, vaca, boi, gado bovino.

(5) ROUCOU — espece de teinture. — *Rucu* ou *Urucu*, o vermelhão ou achiote de México (*Bixa Orellana*, Linn.).

(6) Baume é bálsamo, mas também erva cidreira e hortelã (N. do T.).

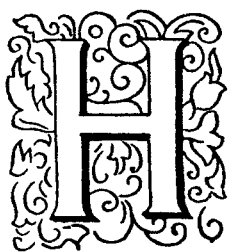
e outras possessões. Acha-se comumente âmbar pardo ao longo da costa habitadas pelos canibais. Há uma espécie de jaspe verde de que fazem pedras para os lábios; também rochas de cristal vermelho ou branco, mais duras do que as pedras ou diamantes ditos de Alençon e com outras particularidades.

E como as pedras mais preciosas se encontram na zona tórrida, e o Brasil se situa quase no meio dela e próximo à linha equinocial, é de crer-se que receba influência dos astros pelo menos igual à que recebem outros países, e em especial a influência do sol, gerador do ouro, que aí passa duas vêzes pelo zênite. O que me leva a dar crédito ao que dizem os franceses e índios e outras testemunhas oculares, de por aí existirem muitas minas de ouro e pedras preciosas e muitos viveiros de pérolas. Ademais, achando-se o país no mesmo clima do Perú e em continuação terrestre dêste, é provável que não haja no Peru riqueza alguma que se não encontre no Brasil, que se localiza apenas mais para o Oriente, na mesma latitude de Cusco e nas vizinhanças do rio Amazonas, o maior e mais rico rio do mundo.

Não carece o país, por outro lado, de facilidades para a construção, pois além das belas madeiras tem pedras próprias para obras. Pode fabricar-se bom tijolo e não há falta de terras, areias e outras matérias primas necessárias a uma boa argamaça e a um bom cimento. Nem faltam tampouco trabalhadores.

Mas se os negociantes, artistas e operários conhecessem a bondade e as vantagens dêsse país, garanto que não descansariam enquanto lá não fôssem. E compreenderiam então que viveram sempre como o rato de Esopo, que se julgava feliz, embora cheio de necessidades, simplesmente porque não mudara de lugar. Quantos não há entre nós que se esgotam no trabalho, dia e noite, e mal conseguem dar conta de seus encargos, chegando, no fim, à mísera condição de mendigar o pão para o próprio sustento e o de seus filhos? Se vivessem nesse país poderiam passar bem sem esforços, graças à facilidade da pesca e da caça aos pássaros e outros animais, aí abundantes; e com bem pouco trabalho e indústria seriam ricos em pouco tempo e lamentariam tão sòmente ter vivido tanto tempo em sua primitiva condição.

CAPÍTULO XXXVII

Da beleza da Ilha do Maranhão e circunvizinhanças.

HÁ países férteis que não são bonitos, pois fertilidade e beleza são qualidades diferentes, embora uma contribua muito para a outra. A fertilidade depende mais da temperatura, e a beleza mais da simetria e da bela disposição das partes exteriores, como vemos no corpo humano ou em qualquer outra cousa bem construída. Da mesma forma consiste a beleza de um país na boa ordem e nas proporções externas de tudo o que lhe é necessário.

Ora o Brasil não é sòmente muito fértil e bom, mas ainda muito bonito e muito agradável; o que aí é bom realça ainda mais a sua beleza, assim como o que nêle há de belo aumenta maravilhosamente sua bondade. Tem grande extensão territorial e vai do lado setentrional da linha até a Patagônia, além do Trópico; e a partir da Ilha do Maranhão, na costa, estende-se até o Peru com igual clima e no mesmo paralelo da Castilha de Ouro. Não me refiro à suavidade do ar, à temperatura muito suave e agradável e a tôdas as particularidades de que já falamos e que fazem esta terra bonita, agradável e deleitosa.

Com relação especialmente à Ilha do Maranhão, deve-se confessar que é extremamente agradável, cercada pelo mar e com quatro ou cinco grandes rios que vêm se colocar e expandir-se em tôrno dela, oferecendo mil comodidades para a pesca de uma infinidades de peixes de mil espécies diversas. Por outro lado o verão é aí permanente e as águas nessa estação são agradáveis e deliciosas.

Não se encontram grandes campos na ilha, a qual tem apenas 45 léguas de circunferência como já disse, mas ela é grande proporcionalmente, com belos sítios, onde se localizam aldeias e casas conforme diremos oportunamente.

Aí não se encontram, tampouco, montanhas altas, mas tão sòmente pequenas colinas e vales onde se deparam inúmeras fontes muito bonitas e pequenos rios que regam tôda a ilha em diversos sentidos e a tornam extremamente bela e agradável. Em sua maioria êsses rios atravessam a Ilha por entre bosques verdejantes e florestas cheias de sombras.

Outros rios maiores existem onde se pode navegar em canoas ou pequenas embarcações e assim passar de aldeia a aldeia.

Há muitas capoeiras e bosques onde é possível divertir-se caçando quando cansado de pescar. As palmeiras abundam por aí, mais ainda do que as outras árvores. É um verdadeiro jardim de palmeiras, e como a palma é o emblema da vitória pode-se dizer que essa ilha mais do que outros lugares é um verdadeiro campo de vitória, mesmo porque nenhum inimigo a pode vencer: ela permanece sempre vitoriosa, desassombrada diante de todos.

Quanto ao Continente, não é êle menos admirável do que a Ilha do Maranhão. Vêem-se aí campos grandes e bonitos a perder de vista, com várias povoações e aldeias separadas em sua maioria por colinas e pequenos vales. Em certos lugares existem belíssimas montanhas, admiráveis pela sua massa e altura, e as terras são de côres diferentes.

As sagradas escrituras encarecem a beleza do paraíso terrestre, principalmente por causa de um rio que aí nasce, dividindo-se em quatro outros. Sem atentar para o que há de misterioso nisto, limitar-me-ei a observar que êsse país do Brasil é maravilhosamente embelezado e enriquecido por muitos grandes rios e regatos de dez a oitenta léguas de largura e de quinhentos a mil léguas de comprimento como já foi dito.

Espalham-se êsses rios pela região a ponto de poder-se ir de canoa a tôda parte, quer a passeio, quer para pescar os peixes desconhecidos na Europa e que aí existem em abundância para negociar, o que é de uma comodidade inexcedível.

São ricos e cômodos êsses regatos, mas não menos agradáveis pelas singularidades encontráveis, especialmente a de inúmeras ilhotas cheias de raridades.

Êsses belos rios temperam a tal ponto o ar e umidecem a terra que esta permanece sempre verde e florescente.

Em certos lugares há grandes e espêssas florestas de árvores, entre nós desconhecidas, e que parecem muito medicinais pela goma e óleos odoríferos que produzem. Encontram-se também árvores retas, e muito altas, donde se tira a madeira amarela, o pau vermelho ou malhado usado na Europa para a fabricação de tinta ou de obras de valor e preço.

Apraz ver-se êsses campos matizados de uma infinita variedade de côres lindas, de ervas e de flores diferentes das nossas, à exceção da beldroega que aí cresce espontânamente sem ser semeada. E é impossível dizer quantas flores silvestres, bonitas e raras, se encontram por êsses bosques e campos, montes e vales; nossos herboristas teriam aí no que empregar o tempo, pois é minha opinião que aí existem plantas raras e utilíssimas, pois as qualidades secundárias de virtude ou sensibilidade são tanto mais excelentes, quanto as qualidades primitivas de que provêm são temperadas pelas influências do céu. À vista do clima tão suave dêste país favorecido pelos céus, não cabe dúvida de que os metais, os minerais e as pedras, as gomas e os óleos e outras resinas, as madeiras e as raízes, as plantas e as flores e os frutos, tenham, cada um segundo sua espécie, muita fôrça e virtude internas e se revelem admiráveis em suas qualidades externas e sensíveis. Porisso, por tôda a parte, se acha grande número de flores raras e bonitas perfumando o

ar tão gostosamente que se sentem antes mesmo de serem vistas. E, se são admiráveis pelo seu aroma suave, mais ainda se revelam por suas belas e vivas côres.

Não há nesse país outro jardineiro senão Deus e tão sòmente a natureza cuida das árvores, dos enxertos e das podas. Haverá melhor jardineiro? Pois não está escrito no Gênesis que êle fêz a terra produzir tôdas as árvores agradáveis à vista e ao paladar? Há no Brasil inúmeras árvores frutíferas que crescem naturalmente graças apenas à providência do soberano jardineiro; e, embora não tenham jamais sido enxertadas nem tratadas de modo algum, não deixam de dar frutos em abundância, tão saborosos quão admiráveis. Entre os nossos mais bem tratados frutos nada encontramos semelhante em beleza e bondade aos dêsse país. Agrada vê-los e apetece comê-los, tão bonitos e deliciosos são.

O que há de mais extraordinário é que as árvores nunca perdem as fôlhas como as nossas no inverno; em qualquer época têm elas fôlhas, flores e frutos; pode-se dizer, de certo modo, ser esta terra — *Plantatio dexterae exelsi* — uma planta da direita, isto é, da providência de Deus; pois nada aí cresce que não seja em virtude de sua graça exclusivamente.

Quem lá se encontra sente incalculável prazer ante a diversidade de animais no meio da verdura permanente e, em erguendo os olhos para o céu, tem igual satisfação. No alto das árvores andam os macacos de diversas espécies, saltando de galho em galho com destreza e agilidade admiráveis e fazendo mil trejeitos como para agradar-nos.

Outras árvores enchem-se de pássaros gorjeando entre frutos e flores como os nossos na primavera; todos têm linda e variada plumagem e são tão bonitos e vistosos como entre nós sòmente os príncipes e senhores possuem iguais, pagos a bom preço. Há muitos passarinhos de côres e plumagens tão raras que se conservam as peles inteiras dos mais curiosos; vêem-se inúmeros papagaios, pequenos e grandes, verdes e cinzas, amarelos e vermelhos, matizados de diversas côres, as mais vivas e belas que se possam imaginar. Em suma, tem-se aí com o que alegrar os olhos, o olfato e o paladar, ou melhor, renunciando à sensualidade, com o que reconhecer e louvar a providência e a bondade de Deus.

Não será por isso que se deu a esta parte do Ocidente o nome de Índias como se fêz com a parte oriental? Que quer dizer êsse nome Índia, em hebreu (Hodu)? Quer dizer louvor, do *verbo jadah in hiphil*. Não terá Deus reservado êste país para nêle ser louvado, no ocidente e até o fim do mundo? Mas também significa confissão; não chama Deus a si agora esta terra, não a chama à sua fé a fim de que reconheça e confesse seu santo nome? E também significa *decora* ou *Pulchra*, da raiz *hod*, isto é belo, bem feito e bem enfeitado. E em verdade o Maranhão, na terra do Brasil, é bonito, bom e tão bem ordenado que com acêrto se pode dizer *hortus odoratis cutissimus herbis*.

CAPÍTULO XXXVIII.

Das cousas que se encontram comumente na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças e em primeiro lugar das árvores frutíferas.

OUCAS pessoas existem que, diante de algum quadro bonito e raro, se contentam com olhá-lo superficialmente, pois o quadro tem de comum com os outros objetos cheios de belezas diversas que quanto mais artístico mais atrai o espírito e acende o desejo de quem o observe com atenção e admiração e se detenha diante de todos os seus pormenores. Até agora apresentei o Maranhão e regiões circunvizinhas de um modo geral, como um belo quadro que muitos admirarão, talvez mais do que acharão digno de fé. Para satisfazer-lhes o desejo possível de alguns pormenores, julgo a propósito tratar aqui detalhadamente de algumas coisas já descritas em conjunto. E isso, não tanto para saciar-lhes a curiosidade, quanto para dar-lhes uma ocasião de admirar a sabedoria divina.

Tôdas as cousas são simples ou compostas, mas já falei muito das simples (por exemplo da disposição dos elementos desta região) e também das compostas (metais, minerais, pérolas, pedras preciosas etc.); contentar-me-ei agora com descrever algumas plantas e animais mais raros, e em seguida os costumes e o caráter dos habitantes da terra.

Não me demorarei em enumerar as árvores estéreis como os *guaiacos, sândalos* e outras; nem as plantas ou simples medicinais; nem as flores admiráveis pela beleza e perfume. Limitar-me-ei por ora a falar das melhores árvores frutíferas que aí se encontram comumente.

Entre outras menciono o *cajueiro,* árvore de ordinário mais grossa e maior do que as nossas grandes macieiras ou pereiras; suas fôlhas são assaz semelhantes às da nogueira; as flores são pequenas, avermelhadas e muito perfumadas, exalando um odor muito suave que se pressente de longe; o fruto chama-se *caju* (1) e há de quatro qualidades.

---

(1) ACAIOU — fruict de *l'Acaiouyer...* arbre ordinairement plus gros & plus grand qui les grãds pommiers & Poyriers que nous ayons. — *Caju* e *Cajueiro,* nomes

Primeira. *Caju-etê*, assaz semelhante à pêra quanto à forma; amarelo por fora quando maduro. A parte interna é branca, cheia de suco muito doce e agradável; é uma fruta de excelente paladar. Tem uma castanha exterior, da forma de um rim de carneiro, contida numa espécie de concha semelhante à das nossas castanhas grandes, porém muito mais dura e porosa por dentro e muito oleosa; porisso, chegando-a ao lume, arde como se estivesse cheia de fogo artificial; o óleo dessa castanha é bom para dartros; dentro se encontra um caroço muito estomacal e tão saboroso quanto as amêndoas.

Segunda. *Caju-pirã*, muito parecido com o precedente, porém de pele mais vermelha e suco mais ácido.

Terceiro. *Cajuí*, bem menor. Há duas qualidades: uma doce e delicada e outra muito ácida e boa para a fabricação do vinagre.

Quarta. *Caju-açu*, maior que todos os outros e ótimo de gôsto. Principia a amadurecer em março e abril e dura até fins de junho. Os outros três começam em agôsto e duram até dezembro e janeiro.

Quando maduros os índios expremem-lhes o suco, principalmente dos cajus-pirã, para fazerem o vinho a que chamam *caju-cauim* (2), que é branco e muito saboroso. Com a segunda qualidade descrita pode fazer-se também um vinho ácido. Tiram do caju pelo menos a mesma quantidade de suco que nós tiramos de um bom cacho de uva; o bagaço é bom de comer e mesmo melhor do que antes de ser expremido. Essas frutas são comuns e encontradiças em todo o país. Há lugares cheios dessas árvores, que crescem tão bem nas areias de beira-mar como nos jardins e outros lugares semelhantes. Basta fincar as castanhas no chão para que em menos de dois anos se tenham árvores belas dando frutos. Pude ver mesmo algumas com dez e onze meses carregadas de fôlhas, flores e frutas.

A bananeira. Árvore não muito alta, com fôlhas longas de uma braça de comprimento e dois grandes pés de largura. Dá um fruto, chamado *banana*, de meio pé de comprimento e um pouco menos grosso do que o pepino. Tem a casca amarela e a carne branca como a da maçã. O fruto é doce, delicado e ótimo para comer cru ou cozido.

Em certos lugares encontram-se outras árvores frutíferas denominadas *mangaá* (3), que têm fôlhas como as do buxo, porém mais tenras e delicadas; as flores são amarelas e os frutos semelhantes aos abricôs, porém maiores e sem caroços. São frutos muito doces e agradáveis e que derretem na bôca.

---

do fruto e da árvore da família das Terebintáceas, gênero Anacardium, que expecificam: *etê* verdadeiro, *piranga* vermelho, *açu* grande, *i* e *mirim* pequeno, *eêm* doce, etc. — De *acá* caroço; *y-ub* que dá, que tem, alusão à castanha; outros querem que seja *caá* fôlha, planta, e *ju* amarelo; mas note-se que nos escritos antigos aparece sempre *acaju* ou *acayú*.

(2) ACAIOU-CAOUIN — vin de *acaiou*. — *Caju-cauim*, com a significação do texto.

(3) MANGAA — fruict et arbre. — *Mangaba*, Apocynea (*Hancornia speciosa*, Gomez, ou, por direito de precedência, *Riberia sorbilis*, de Arruda Câmara.) De *mangá*, visgo, *iba* árvore: árvore de visgo.

A *jaracatiá* (4), árvore muito larga na parte superior com fôlhas bastante parecidas com as da figueira e flores amareladas; o fruto assemelha-se à pêra; tem a casca muito amarela e sementes internas; come-se cru ou cozido, é muito saboroso e nutritivo.

Uàjeruá (5), árvore muito grande e alta com fôlhas semelhantes às do carvalho, porém um pouco maiores. Suas flores são amarelo-palha e o fruto tem o comprimento de um pé, sendo mais grosso que um grande melão. E' tão amarelo por dentro quanto por fora. As sementes são parecidas com as pevides negras das maçãs; é um fruto tão odorífero que quando ainda na árvore é pressentido a mais de cem passos de distância; o perfume lembra o das rosas entre muitas outras flores. E' um fruto excelente para comer cozido ou cru.

Genipapo (6), árvore muito grande e alta, com fôlhas semelhantes às do carvalho, porém três ou quatro vêzes maiores. As flores são brancas e o fruto é redondo e do tamanho das nossas maçãs. Verde é muito amargo. Os índios o mastigam para retirar o suco que é claro e bonito; no entanto se se esfregar o rosto, ou a mão, ou qualquer outra parte do corpo com êle, em menos de quatro ou cinco horas se torna ela tão preta como se fôsse pretejada com tinta; ainda que lavada ou esfregada, a côr não sai senão no fim de oito ou nove dias, quando desaparece por si, deixando a parte manchada tão limpa quanto antes.

Os índios usam êsse suco para pintar o corpo e enfeitá-lo como se verá oportunamente; mas êsse suco pode servir também de tinta para escrever, de boa qualidade, como nos foi dado verificar. Quando maduro, o fruto torna-se amarelo por fora e por dentro tem pevides no centro como a maçã; é doce e excelente e quando na bôca derrete.

Encontra-se também uma outra espécie de árvore chamada *agutitreva* (7). E' uma árvore grande com fôlhas parecidas com as das laranjeiras, porém muito largas. As flores são avermelhadas e o fruto é do tamanho de dois punhos. A casca dêsse fruto é esverdeada e manchada como o fruto do pinheiro. Por dentro está cheio de sementes como a romã. E' muito doce e saboroso.

Araticu (8). Árvore de fôlhas iguais também às das laranjeiras, com flores amarelas e um fruto maior que o da agutitrevà. Quando maduro, tem a casca verde e sementes como a romã. E' não sòmente doce, muito saboroso e agradável, mas ainda odorífero.

---

(4) IARACATIA — arbre. — *Juracatiá*, Bixácea (*Carica dodecaphylla*, Vell). — Difícil de explicar; nota-se na composição o tema *cati* cheiroso, junto a *á* fruto.

(5) OUAIEROUÄ — arbre. — Deve ser, conforme à grafia, *Guariruá*; mas não conseguimos identificar. (Vide *Ouägirou*, nota 35, pág. 174).

(6) IUNIPAP — arbre. — *Genipapo* (*Genipa americana*, Linn.) — De *nhandipab* ou *jandibap*, fruto de esfregar, ou que serve para pintar, que tal era o destino que davam ao fruto verde. À pág. 147 ocorre a variante *Ieneupa-eupé*, em que *eupé* vale *yb*.

(7) AGOUTYTREÜA — arbre. — Talvez *Aguti-yba* árvore da *cutia*, o roedor.

(8) ARATICOU — arbre. — *Araticu* ou *Araticum* (*Anonácea*). Conforme Batista Caetano, de *a-raty-cui* cuia ou vaso de bagaço, ou sabugo de frutas.

Há também o *caup* (9), bastante semelhante à macieira, com fôlhas parecidas, porém um pouco mais largas. A flor é amarela e vermelha e o fruto do tamanho mais ou menos de uma laranja e de gôsto quase igual, com pevides. E' muito saboroso.

Eiuauirap (10). Árvore copada e muito alta, com fôlhas pequenas e flores avermelhadas; dá um fruto um pouco maior do que as maiores groselhas e quase da mesma configuração.

Amavie (11). Outra qualidade de árvore semelhante à figueira pelas fôlhas e pelos frutos.

Há também uma espécie de arbusto que cresce junto às árvores e a que os índios chamam *goiaba* (12) ou *margoiá* (13), de fôlhas em forma de coração mais ou menos como a volúbilis ou a campainha; as flores são lindíssimas e mais largas do que a palma da mão, em forma de estrêla, com várias pétalas compridas e estreitas e de uma bela côr purpurina. O fruto é do tamanho de um ôvo, mais redondo e todo cheio de sementes; por fora é de côr amarela e verde. E' muito bom ao paladar, principalmente cozido como doce.

Também se encontram nesse país muitas árvores de frutos com castanhas ou nozes entre as quais se destacam as seguintes:

A *palmeira*. E' a maravilha das árvores e tão admirável quanto misteriosa pois representa a cruz, a igreja, o homem de bem e outras infinitas criações de Deus. E' muito alta, e do seu tronco se tira uma espécie de vinho branco, de boa bebida, próprio para fazer vinagre e aguardente. Comem-se os frutos. Apreciam-se muito os côcos da Índia Oriental e do Brasil, lá das bandas de Pernambuco e Potiú, porém nada têm êles mais do que os frutos da palmeira.

Existem, nesse país, cinco espécies de palmeiras. Chama-se a primeira *uacuri* (14); é a verdadeira palmeira, cujas palmas denominadas, pelos índios, *pindó* servem para cobrir cabanas. Seus frutos parecem nozes compridas e grossas ou ovos de gansos; têm a casca dura e, dentro, quatro ou cinco nozes do tamanho do dedo mínimo, de muito bom paladar e com as quais fazem os índios um óleo doce e muito bom.

---

(9) CAOUP — arbre. — *Caúba?* — Difícil de identificar; não se trata de certa Leguminosa dêsse nome, pertencente ao gênero Bauhinia, que vegeta no Sul.

(10) EUUAUIRAP — arbre. — *Guabiraba*, Mirtácea (*Abbevillea maschalantha*, Berg.). — De *ibá* fruto, *pi-rab* pele fere: fruto cáustico, ou cuja pele fere.

(11) AMA-VUE — arbre... semblable au figuer en ses fueilles & en ses fruicts. — *Ambayba, Embaúba*, ou *Imbaúba* (*Cecropia*). — De *amba* ôco, *yba* ou *úba* árvore.

(12) GOYAUE — espece d'arbriseau. — Goyába ou *Guayába*, Myrtacea (*Psidium guayava*, Raddi). É duvidosa a procedência tupi dêste nome, que ocorre similhantemente nas Antilhas e no Peru. A pátria de origem do vegetal é ainda questão aberta na Geografia botânica. Segundo De Candolle, seria êle indígena no México, na Colômbia e no Peru, mas teria sido trazido para o Brasil antes da época do descobrimento. Se fôr tupi, pode ser aceito o étimo que oferece Batista Caetano, de *guaya* ou *guayab* aglomerado de frutos ou sementes.

(13) MARGOYA — espece d'arbriseau qui se lie au tour des arbres. — *Maracujá*, nome genérico das Passifloras. — O autor dá como um mesmo vegetal êste e *Goyaue*, que uma é Mirtácea (*Psidium guayava*, Raddi). — (Vide *Margoyaue*, nota 19, pág. 141).

(14) OUACOURY — Palmier. — *Oacuri* palmeira do gênero Attalea. — De *oá* por *ibá* fruto, *curii* amiudado, repetido, por frutificar de contínuo.

Dentro do tronco desta árvore há uma medula muito branca, da grossura da coxa, conforme a árvore, e que os índios chamam de *uacuri-ruã* (15); pode ser comida crua, como as nozes e amêndoas, ou cozida como salada ou na sopa; como quer que seja preparada, é excelente petisco.

Meuriti-uve é a segunda espécie de palmeira, que também dá pindó como a precedente; o fruto é do tamanho de um ôvo grande e tem a casca avermelhada com manchas pretas; a pôlpa é vermelha e dentro dela há uma noz doce e muito gostosa.

A *inajá* (16) tem as fôlhas iguais às das precedentes. Do tronco extrai-se o vinho já mencionado. O fruto é oval como a azeitona e a pôlpa um tanto pastosa é muito doce e de boa comida; dentro encontra-se uma noz muito dura. Os frutos vêm em cacho; cada cacho comporta de duzentos a trezentos frutos, não podendo uma pessoa carregar um cacho com uma só mão.

Chama-se a quarta espécie de palmeira *carnaúba* (17). Dá também vinho e as fôlhas se assemelham a leques, porém são maiores do que os usados pelas senhoras. Os índios canibais da montanha de Ibiapaba e circunvizinhanças a empregam para cobrir suas cabanas. O fruto parece-se com a tâmara; é muito doce, de boa comida e tem dentro uma noz muito dura; os frutos não vêm em cacho como os da espécie precedente, mas separados tal qual os da ameixeira.

Chama-se a quinta espécie *tucon-ive* (18). Tem as fôlhas semelhantes às das duas primeiras, porém cheias de espinhos, os quais também enchem o tronco, de sorte que ninguém pode impunemente tocá-la. O âmago da árvore é tão negro e duro quanto o ébano e dêle fazem os índios espadas e arcos. Dá frutos chamados tucum, os quais vêm em cachos e em grande abundância; são redondos e amarelos por fora quando maduros. Têm pouca pôlpa e a noz contida no caroço é muito branca, boa e doce ao paladar.

O *pacuri* (19) é uma árvore muito alta e grossa; suas fôlhas parecem-se com as da macieira e a flor é esbranquiçada. O fruto tem o

---

(15) OUÄCOURYROUÂN — moelle... tres-blanche... dedans le tronc de cet arbre. — *Oacuri-ruã*, de *oacuri* (Vide *Ouäcoury*, nota 14, acima) e *ruã*, absoluto de *uan* talo, caule, grêlo, miolo; o palmito do *oacuri*.

(16) YNAIA — palmier. — *Inajá*, a palmeira (*Maximiliana regia*, Mart.), assim chamada no Pará e Maranhão, e *Indaiá* em outras regiões. — De *mi* rêde, maca, e também linha, fio, e *yá* fruto: fruto de fio ou fibra, como é o côco dessa palmeira.

(17) CARANA-VUE — palmier. *Carnaúba*, *Carnaíba* ou *Carandá*, nomes regionais da mesma espécie (*Copernicia cerifera*, Mart.) — Conforme Batista Caetano, de *carã*, que pode significar casca ou escamas, que lhe cobrem o tronco, ou circular, das fôlhas em leque; mas parece preferível de *carã*, que também significa bica, calha, cano, pelo préstimo que lhe davam; *iba* ou *úba* árvore. — Também o nome de uma aldeia (pág. 143) e de uma estrêla (pág. 249).

(18) TOUCON-VUE — palmier... remplies de longues pointes et espines aussi bien que le tronc de l'arbre qui en est environné. — *Tucamá*, a palmeira (*Astrocaryum tucuma*, Mart.) *Tucum*, de *tu-cu* espinho alongado, *á* fruto. — conforme ao texto, seria *iba* ou *uba* árvore.

(19) PACOURY — arbre. —...Son fruict est gros comme deux poings qui a la peau espesse d'une demi poulce la quelle est tres bonne confitte & est meilleure

tamanho de dois punhos, com uma casca de meia polegada muito boa de comer como doce, tal qual a pêra. A pôlpa dêsse fruto é branca, parecida com a da maçã, de gôsto suave; encontram-se dentro três ou quatro nozes comestíveis.

Ivá-uaçurã (20) é uma árvore grande e grossa com fôlhas iguais às da pereira e com flores brancas; dá um fruto tão grande quanto o da pacuri, de casca muito amarela e pôlpa muito doce. O caroço é do tamanho de um pêssego e a amêndoa que se encontra dentro um pouco maior do que as nossas e de igual gôsto.

A *Ivá-menbec* (21) é do tamanho da macieira; fôlhas e flores também são semelhantes, igualmente o fruto que é amarelo e excelente; não se come o caroço por ser demasiado amargo.

Copuí-uaçu (22), árvore grande, mais ou menos do tamanho da pereira; a fôlha também se assemelha à da pereira e a flor é branca; o fruto parece-se um pouco com a pêra, porém é mais comprido e amarelado, comportando três pequenos caroços que não se podem comer porque são demasiados duros.

A *copuí aiup* (23) é uma árvore do tamanho da ameixeira; tem as fôlhas assaz semelhantes às da castanheira; a flor é branca manchada de amarelo. Parece-se o fruto com uma maçã pequena amarelada. Tem uma pequena amêndoa dentro, redonda, e de bom paladar.

O *acajá* (24) é muito grande; as fôlhas são iguais às da pereira e as flores avermelhadas; o fruto parecido com uma maçã pequena é mais comprido e tem uma casca amarela; é ligeiramente ácido e o caroço grande que comporta não é comestível.

O *jacarandá* (25) parece-se com a ameixeira, menos em relação às fôlhas que são um pouco mais largas. As flores são brancas e o fruto do tamanho de dois punhos é comestível, principalmente cozido. Usam os índios dêsse fruto para fazer o *manipoí* (26), espécie de sopa excelente, muito estomacal e nutritiva; o caroço é do tamanho de um pêssego.

à manger estant cuitte. — *Bacurí*, Gutíferas (*Platonia insignis*, Mart.) — Talvez de *ibá* fruto, *curi* de alimento.

(20) VUA OUÄSSOURAN — arbre. — Será *Ybaguaçurana*, de *ybá* fruto, *guaçú* grande, *rana* similhante, parecido, falso ou espúrio.

(21) VUA MEMBEC — arbre. — Será *Ybamembeca* de *ybá* fruto, *membeca* mole, tenro.

(22) COPOUIH OUÄSSOU — arbre. Será *Cupuaçu*, Esterculácea (*Theobroma grandiflorum*, Schum.) — O radical *cupu* ou *cupi* não tem plausível explicação.

(23) COPOUIH AIOUP — arbre. — *Cupiúba*. Anacardiácea (*Spondias spec.?* — Difícil de explicar).

(24) ACAIA — arbre... fort grand. — *Acaiá ou Cajá*, Terebintácea (*Spondias brasiliensis*, Mart.) — De *acâ* caroço, *yá* fruto: fruto de caroço.

(25) YACARANDA — arbre. — *Jacarandá*, nome comum a algumas árvores da família das Leguminosas, divisão Papilionácea, das quais a mais conhecida é o *Machaerium incorruptibile*, Fr. All. et Mart., *legale* Benth. — De *y-acan-ratã* o que tem o miolo ou cerne duro. — É notável que o autor, tendo-se referido às fôlhas, flores e frutos dêsse vegetal, não aludisse às suas principais qualidades.

(26) MANIPOY — espece de potage fort excellent à manger. — Não alcançamos explicar esta dicção, que não se encontra nos vocabulários; mas talvez se possa reportá-la a *tucupi*, que é um môlho similhante usado atualmente no Norte do País, feito de *manipuera* concentrada ao fogo.

O *umbu* (27) tem as fôlhas e as flores semelhantes ao mangaá; o fruto é do tamanho de um pêssego; quando maduro, tem casca e pôlpa muito amarelas e um caroço, dentro, do tamanho de uma avelã pequena. Para comê-lo no ponto é preciso deixá-lo cair da árvore; é então excelente. Colhido antes de maduro serve para velórios.

Apajurá (28) é uma árvore muito alta e menos grossa do que a do abricô; dá uma flor azulada. O fruto é do tamanho do abricô, tendo a casca e a pôlpa muito amarelas; a amêndoa que se encontra dentro do caroço é comestível.

Uvá cave (29). Da grossura de uma ameixeira, com fôlhas semelhantes às das laranjeiras, e flores amareladas. O fruto alongado é do tamanho de um ôvo, muito amarelo e excelente; o caroço é pequeníssimo.

Pitom (30), árvore do tamanho da ameixeira com fôlhas semelhantes; as flores são esbranquiçadas e pequenas; seus frutos parecem com ameixas e são muito amarelos e muito doces; dentro encontra-se um caroço redondo.

Auenonbui acaju (31). Árvore da altura de uma macieira, com fôlhas muito parecidas e flores esbranquiçadas manchadas de vermelho. Os frutos parecem com as ameixas; são, porém, muito doces e amarelos quando maduros; contêm um caroço redondo muito pequeno.

Iachicha (32). Muito parecido com a ameixeira; tem flores amarelas e frutos da mesma côr, semelhantes às ameixas grandes e com um pequeno caroço muito doce e de bom paladar.

Cajueêm (33), semelhante à ameixeira, com flores brancas e um fruto arroxeado com um caroço pequeno dentro. E' muito bom de comer.

---

(27) ONBOU — arbre. — *Umbu*, ou *Imbu*. Terebintácea (*Spondias tuberosa*, Arruda Câmara). — De *y-mbo-u* o que faz beber, por alusão às tuberas, que contém água.

(28) PAIOURA — arbre. — *Pajurá*, Rosácea (*Parinarium montanum*, Aubl.) — De *ibá* fruto, *yurá* sôlto?

(29) VUA CAUE — arbre. — *Ubacaba*, uma Mirtácea. — Gabriel Soares menciona. — De *ibá* fruto, *cába*, que fere ou pica. Os frutos, apesar de comestíveis, são adstringentes.

(30) PITOM — arbre. — *Pitomba*, Sapindácea (*Sapindus edulis*, St. Hil.) — Difícil de explicar.

(31) AUENONBOUIH ACAIOU — arbre... haut comme le pommier. — Deve estar alterado o nome dêsse vegetal; talvez seja *Guanandi*, uma Gutiferácea (*Calophyllum brasiliense*, Camb.), de *gua* por *iba* árvore, *nhandi* azeite, óleo; *acaiou* ou *caju* não tem aqui explicação.

(32) YACHICHÁ — arbre... semblable au prumier: il a les fleurs iaulnes & le fruict comme les grosses prunes & tout iaune, — *Grumixama*, Mirtácea (*Stenocalyx brasiliensis*, Berg.) — Antigo *Guamixá*, *Gumixá*, etc. — De *guabi* ou *guami* ao comer-se, *çam* pegar, fazer liga: o que pega ao comer-se, aludindo ao fruto mucilaginoso que segura aos lábios quando se come.

(33) CAYOUÉEN — arbre. — *Caju-eêm.* (Vide *Acaiou*, nota 1, pág. 167).

Mocajé ive (34). Árvore muito alta com fôlhas parecidas com as da pereira e flores amarelas; o fruto é redondo, do tamanho de uma maçã média; tem a casca verde, a pôlpa branca e contém um caroço pequeno. O fruto é muito doce e comestível.

Uagiru (35). Cresce geralmente nas praias e não é muito alta; as fôlhas são iguais às da ameixeira, porém mais grossas; a flor é pequena e avermelhada; o fruto, do tamanho de uma ameixa grande, é muito vermelho, comestível e tão agradável quanto o caroço.

Moreci (36). Cresce também nas areias, assemelhando-se as fôlhas às do marmeleiro; a flor é amarela; o fruto, um pouco pequeno e ácido, tem muito bom paladar.

Amiiu (37). Do tamanho de uma macieira, com fôlhas um pouco mais compridas que as da pereira, às quais se assemelham bastante; as flores são brancas; o fruto, do tamanho das maçãs grandes, tem casca vermelha e manchada como a dos pepinos; pôlpa e caroço são iguais aos do pêssego e com o mesmo gôsto.

Mururé (38). Árvore muito alta com fôlhas muito parecidas com as da ameixeira; as flores são amareladas; o fruto se assemelha à cereja, com o seu cabo e o caroço, mas é muito amarelo e bem mais doce.

Uiá ojiú (39). Árvore grande e grossa, com fôlhas longas e flores completamente azuis; o fruto é do tamanho de uma laranja e da mesma espécie, porém muito doce e excelente.

Uiá pirip (40). Árvore alta e espinhosa; a fôlha é igual à da nogueira e a flor é tricolor, amarelo, azul e vermelho. O fruto, redondo, é do tamanho das maçãs e muito bom, mas só aparece no tempo das chuvas.

Omeri (41). Alto e da grossura de uma pereira, com flores brancas e um fruto comestível do tamanho de uma pêra.

---

(34) MAUKAIÉ VUE — arbre... fort haut, ayant les fueilles assez semblables au poirier & les fleuers iaulnes... — *Macujé-iba*, uma Apocynea. — Em Gabriel Soares *Macujé*. — Difícil de explicar.

(35) OUÄGIROU — arbre. — *Guagiru*, Rosácea (*Chrysobalanus icaco*, Linn.) Em Gabriel Soares *Abajeru*. — De *guá* por *ibá* fruto, e *yarú* danoso, prejudicial: porque o fruto deixa nos lábios de quem o come um suco leitoso e visguento, que custa a sair. — Diz-se também *Guajaru*, *Guajuru* e *Uajuru*.

(36) MORECY — arbre... croist (encore) dans les sables: il a la feuille assez semblable à celle du Coing: la fleur en est iaulne: le fruict est assez petit, un peu aigret et de fort bon goust. — *Murici*, uma Malpiguiácea (*Byrsonima verbascifolia*, Rich.) — de *mbo-y-ycy* faz que resine, ou que grude.

(37) AMYIOU — arbre... grãd comme le Pommier... son fruict est comme les plus grosses pommes... — *Abiu*, uma Sapotácea (*Lucuma caimito* [Ruiz e Pavon] Roem. e Schulth). — De *ibá* fruto, *apyu* de pele mole; deu-se a queda do primeiro elemento.

(38) MOUROURÉ — arbre — *Mururé*, uma Urticácea? — Difícil de explicar.

(39) VUA-OYIOU — arbre. — *Guabiju*, Mirtácea (*Eugenia guabiju*, Mart.) — De *guabi* ao comer-se, *yú* amarelo.

(40) VUA PIRUP — arbre fort haut & tout piquant. — *Guabiroba*, Mirtácea (*Abbevillea maschalantha*, Berg.) — De *guabi* ao comer, *rob* amargo.

(41) ONMERY — arbre. *Umari*, Leguminosa (*Geoffroya spinosa*, Linn.) — Segundo Sampaio, de *yba-mbo-ri-y* árvore que faz que verta água, aludindo ao curioso

Araçá (42). Parece-se com a macieira; o fruto é do tamanho de uma maçã média; quando maduros, são a melhor cousa que se possa desejar.

Uiti (43). Também se parece com a macieira; a flor é branca e amarela, e o fruto, semelhante a um ôvo de galinha, é muito bom.

Pequeí (44). Árvore tão alta e tão grossa que dois ou três homens não a podem abraçar; tem as fôlhas semelhantes às da macieira e as flores amarelas. O fruto é do tamanho de dois punhos e tem uma casca dura como a da noz, porém duas vêzes mais espêssa; quando quebrada, encontram-se dentro de três a quatro frutos muito amarelos em forma de rim; são excelentes e muito odoríficos; comportam porém apenas meio dedo de pôlpa em cima dos caroços muito espinhosos, o que faz com que ao comê-los a gente se arrisque a picar-se. Êsses caroços secos e queimados dão ainda uma pequena amêndoa semelhante às amêndoas européias, porém melhores de gôsto. Lançando três ou quatro frutos dêstes na água fervendo, fica esta com o gôsto de carne de vaca cozida, desprendendo uma gordura amarelada que sobrenada.

Jutaí (45). Árvore muito alta com fôlhas iguais às da pereira; as flores são brancas; dá vagens de um palmo de comprimento e três dedos de largura dentro das quais se encontra um caroço cercado de pôlpa comestível e semelhante ao pêssego.

Jatá-iva (46). Árvore muito alta com fôlhas parecidas com as da pereira, porém mais longas; as flores são amarelas; dá também vagens compridas e largas como as precedentes e dentro das quais se encontram duas ou três nozes redondas e achatadas, da largura de um sôldo grande, contendo um caroço coberto de pôlpa parecido com a castanha, porém bem mais doce e agradável de comer.

Ingá (47). Árvore muito grande com as fôlhas semelhantes às da macieira; a flor é amarela; dá vagens muito compridas e estreitas, cheias de grãos cobertos de pôlpa muito alva e muito doce.

---

fenômeno de verter no princípio do inverno tanta água dos olhos que chega a molhar o solo, o que é para os sertanejos bom sinal de estação chuvosa.

(42) ARASA — arbre... son fruict... est des plus excellents qui se puisse desirer. — *Araçá*, nome genérico de diversas espécies de Psidium. — De *ara-açá* estação, época, alusão ao fato do aparecimento do fruto em tempo certo, conforme Batista Caetano.

(43) OUYTY — arbre. — *Oiti* ou *Guiti* dos escritores antigos; nome comum a algumas árvores da família das Rosáceas. Há nos autores várias etimologias; preferimos, porém, derivar o vocábulo de *yb* árvore, e *ti* branca, porque tem as fôlhas alvacentas quando em estado novo.

(44) PEKÉY — arbre. — *Pequi*, Sapindácea (*Caryocar brasiliensis*, St.-Hil.) — De *pé* casca, *quí* áspera, espinhenta.

(45) IOUTAY — arbre. — *Jutaí*, Leguminosa (*Hymenaea courbaril*, Mart.) Talvez corruptela de *y-átá-yb* árvore de água dura, ou de resina; se se tratasse de vegetal espinhento, poderia ser *yu-etá-yb* árvore de muito espinho (Vide nota seguinte).

(46) YATA-VUA — arbre. — *Jataí* ou *Jataíba*, nos autores antigos. Leguminosa (*Hymenoea courbaril*, Linn.) — De *y-atá-yb*, árvore de água dura, ou de resina. (Vide nota 45, acima). Segundo Martius (*Glossaria*): "E resina harum arborum Indi formant cylindros (*botoque*) ornamenti causa in labus et auriculis gestandos."

(47) INGA — arbre. — *Ingá*, Leguminosa da divisão Mimosácea, de que existem muitas espécies no gênero Inga. — De *igá* embebido, ensopado, empapado, qua-

Cumaru-açu (48). Árvore grande e grossa com as fôlhas semelhante às da amoreira e flores amareladas; o fruto é uma noz do tamanho do punho, dentro da qual se encontram dois ou três caroços semelhantes a amêndoas brancas; são muito odoríferos e medicinais; empregam-nos os índios contra a febre, dissolvendo-os na água.

Comaru-mirim (49). Parece-se muito com a cerejeira, com flores semelhantes às do pessegueiro; o fruto é uma noz do tamanho de um pêssego branco, encontrando-se dentro cinco a seis grãos muito bons e medicinais.

Urucu (50). Do tamanho da ameixeira, com fôlhas iguais às do abricozeiro; as flores são brancas e bonitas. Dá um fruto repleto de grãos vermelhos de que se servem os índios para fazer tinta; e porisso têm muito cuidado em colhê-los e há grande abundância dessas árvores em tôda a região.

Amoniiú (51). Árvore do algodão. Não é muito alta, porém muito copada. Cortam-na os índios, de seis em seis meses, pelo pé, a fim de produzirem mais. A fôlha dessa árvore parece-se com as do sicômoro silvestre e suas flores são muito bonitas, ora amarelas, ora brancas e em forma de campainhas. O fruto é do tamanho das azeitonas grandes, porém termina em ponta e ao abrir-se, em três partes, mostra os flocos de algodão e por dentro de seis a sete pequenos caroços pretos. Existe grande quantidade no Maranhão e em tôda a região.

É-me impossível enumerar as diversas espécies de árvores frutíferas que enriquecem essa terra. Existem também tantas árvores estéreis que seria impossível especificá-las tôdas. Posso, porém, dizer que são em geral tôdas elas admiráveis ou pela raridade da sua madeira, ou pelas qualidades de sua goma e de seu suco, ou pela beleza da sua folhagem e flores, ou por outras propriedades semelhantes. Não desejando descrevê-las tôdas, vou contentar-me com mencionar duas apenas.

Tem uma delas a propriedade de abrir as fôlhas ao nascer do sol e de fechá-las ao ocaso, de modo que parecem ter sido crestadas pelo fogo.

---

lif'cativo que aparece com a possível queda de um nome por êle qualificado *iba*, *ibirá*, etc. Compreende-se a denominação porque se trata de uma planta ripária.

(48) COMAROU-OUÄSSOU — arbre. — Será *Cumaru-açu;* mas note-se que na nomenclatura botânica vulgar atual o designativo *açu*, bem como *mirim*, não se conhece. *Cumaru* é uma Leguminosa Dalbergéia (*Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. em cujo nome talvez entre o tema *cumá* fruto de vagem; o elemento *ru* é difícil de explicar plausìvelmente.

(49) COMAROU-MIRY — arbre. — *Cumaru-mirim*, (Vide nota anterior).

(50) OUROUCOU — arbre... Il porte un fruict qui est remply de petits grains fouges, dont les Indiens se servent pour la teinture. — *Urucu*, o vermelhão (*Bixa Orellana*, Linn.) — Batista Caetano explica de várias maneiras; mas, considerando-se o destino que davam ao vegetal, ou melhor ao seu fruto, parece-nos razoável derivar o nome de *ub-rocu* pinta pernas. — Também diziam *rucu* com r brando. (Vide *Roucou*, nota 5, pág. 162).

(51) AMONYIOU — arbre où croist le cotoon. — *Amaniiú*, nome antigo das Malváceas do gênero Gossipium, substituído pelo de algodão. — De *amandi* rôlo, pelotão, e *y-ub* que dá, que tem, conforme Batista Caetano.

A outra é a de uma grande árvore muito alta, que não tem fôlhas e parece sêca, mas carrega-se entretanto de flores, em ramalhetes, do tamanho de uma cabeça. São essas flores de uma bela côr amarela, semeada de filetes de diversas outras côres extremamente vivas, tudo de tal modo variado e belo que se torna muito agradável à vista.

Nisso se compraz particularmente a sabedoria divina que criou êsse grande universo para a satisfação do homem, o qual entretanto permanece insensível e estúpido em meio a tantos benefícios e belezas, sem reconhecer e louvar a Deus.

Não é possível dizer quantas plantas belas e quantas simples, raras, se encontram nesse país. Algumas plantas dão frutos, outras dão flores muito agradáveis e odoríferas e nenhuma existe igual às que temos. Contentar-me-ei em enumerar aqui algumas dentre as mais comuns e dentre as mais notáveis.

Ananás (52). A principal de tôdas essas plantas, com fôlhas muito compridas, estreitas e estriadas de ambos os lados, saintes de um caule grosso como a alcachofra; na extremidade dêsse caule forma-se um fruto semelhante à pinha porém muito mais grosso e comprido. Por fora é amarelo ouro e muito odorífero; por dentro é de uma carne muito branca e delicada, sem nenhum caroço ou semente. E' uma fruta muito boa, excelente para comer e como não se encontra semelhante em França nem quanto à bondade, nem quanto à beleza.

Coruatá (53). E' muito parecido com o ananás, porém suas fôlhas são mais compridas, muito espêssas e com duas polegadas de largura; além disso, espinhosas de ambos os lados. No meio da planta, mais ou menos a dois pés de altura, encontram-se de quatro a cinco dúzias de frutos unidos uns aos outros em forma de pirâmide triangular, do tamanho de um dedo, muito amarelos por fora e por dentro, delicados e saborosos.

Jaramacuru (54). Planta monstruosa e estranha, mais grossa do que uma coxa humana, de dez a doze pés de altura e com cinco a seis

---

(52) ANANAS — plante... c'est un fruict tres bon et tres excellent à manger, il n' en ay jamais veu en France qui approche de sa bonté et beauté. — *Ananás*, uma Bromeliácea (*Ananassa sativa*, Lindl.). — Foi Léry quem primeiro o descreveu; Thevet, na *Cosmographie Universelle*, pouco se afastou de Léry; Piso e Marcgrav também o descreveram. — O vegetal tem larga distribuição geográfica neste continente, abrangendo a América do Sul; mas sua pátria de origem é incerta. — Se o nome fôr tupi, pode ser explicado por *a* fruto, *náná* conexo, conjunto; ou por *náná*, freqüentativo, modificado de *né*, cheira-cheira, rescendente, conforme Batista Caetano.

(53) KAROUÄTA — plante. — *Caraguatá, Cargyatá, Crayatá e Gravatá*, nomes que designam a mesma espécie de Bromélia, conforme a região onde medra. — De *caá-raqua-atá* erva de ponta dura, como explica Batista Caetano (*Notas aos Índios do Brasil*, de Fernão Cardim); ou de *cará-uã* talo ou nervura farpada, e *atá* duro, rijo, segundo Sampaio. É irregular a grafia do texto sôbre êste vocábulo, que aparece como se vê acima, e também *Caravuäta* e *Carouäta*.

(54) YARAMMACAROU — plante forte monstrueuse & bigearre, plus grosse beaucoup que la cuisse, haute de dix ou doux pieds, ayãt cinq ou six branches qui sont presque de mesme grosseur iusque au bout. — *Jaramacaru, Jamacaru*, ou *Mandacaru*, Cactácea (*Cereus peruvianus*, Mill.) — De *ya* (demonstrativo: o que tem), *má* por *ibá* fruto, e *caru* comestível: o que tem fruto comestível, édulo.

ramos igualmente grossos em tôda a sua extensão. E' tão frágil que de um só golpe de faca se cortam duas ou três. E' verde por fora, mas branca por dentro; sem fôlhas e coberta de espinhos do tamanho de um dedo. Suas flores são carmesins, mescladas de azul e nelas nasce um fruto da grossura de um punho, vermelho por fora e branco por dentro, cheio de pevides que se comem com o fruto, o qual é muito doce e agradável, com o gôsto dos morangos que existem entre nós.

Giromon. Planta de flores e fôlhas semelhantes às da abóbora. Dá um fruto redondo e grosso, de casca delicada e pôlpa amarela e de muito bom paladar quando cozido.

Taker ou Kaker (55). Planta parecida com o *giromon*. Dá um fruto comprido e grosso, de casca mais dura e pôlpa tão amarela quanto o precedente. Muito saboroso cozido.

Ivá-eém (56). Espécie de melão, maior do que uma cabeça humana, verde por fora e maciço por dentro; a pôlpa é branca, cheia de sementes e de uma água doce e agradável. Come-se cru como as maçãs. Quando cortado em duas partes o fruto, a pôlpa se dissolve e transforma-se em água. Assim, um buraco, de qualquer tamanho que seja, nêle feito, logo se enche de um líquido tão doce que parece açucarado, de ótima bebida e muito refrescante.

Comandá-açu (57). São favas tão largas e grandes quanto o dedo polegar, porém muito chatas. Encontram-se muitas e de diversas côres.

Há também muitas ervilhas a que chamam *comandá-mirim*. Em cada vagem encontram-se de dezoito a vinte ervilhas, compridas e não redondas e muito melhores do que as nossas.

Quanto às raízes, existem umas chamadas *Jeteich* (58) pelos índios e *patates* (59) pelos franceses; são muito grossas. Acham-se amarelas, brancas, roxas e de outras côres. São excelente comida de qualquer maneira que se preparem. Não têm sementes. Deve-se plantá-las em pedaços; em pouco tempo multiplicam-se mais do que qualquer das nossas raízes.

---

(55) KAKER — plante... semblable au *Gyromon*. — Difícil de identificar: não se trata da *Caá-quera*, que é uma Leguminosa (*Cassia sericea*, Sw.).

(56) VUA-ÉEN — sorte de Melon plus gros que la teste, tout verds par dehors & tout massifs par dedans: sa chair est blanche entremeslée de graines noires remplie de suc très doux et agrèable. — *Yá-eém* cabaça ou fruta doce, a melancia (*Cucurbita citrullus*, Linn.).

(57) COMMANDA — sont febues... *Cumandá*, de *cumã* fruto de vagem, *etá* muito. — Especifica-se: *açu* grande, *mirim* pequeno. — Uma espécie de feijão.

(58) YETEUCH — racine. — *Jetica*, a batata (*Batatas edulis*, De Cand.) — Thevet, nas *Singularitez*, escreveu *uetich;* Léry *hetich;* Marcgrav *getyca*. — De *yetic* a fincada, a enterrada.

(59) PATATE — racine. — *Batata* (Solanácea, *Solanum tuberosum*, Linn.) — Êsse vegetal útil foi assinalado desde os primeiros dias da conquista. Humboldt (*Essai Politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne*, 2.ª edição, Paris, 1827, vol. II, ps. 471) refere, *apud* Gomara, que Colombo após seu regresso da primeira viagem ao reino, quando compareceu perante a rainha Isabel, lhe oferecera grãos de milho, raízes de inhame e *batatas*. — Oviedo (*Historia General y Natural de las Indias*, Madri 1851, tomo IV, ps. 594) dá como voz do Haiti e outras comarcas.

Os *carás* (60) assemelham-se às precedentes e têm a mesma grossura não raro. São purpurinos ou roxos; mais duros quando cozidos e menos saborosos.

Taiáuaçu (61). E' uma raiz redonda, branca, da grossura dos maiores nabos. Cozida é muito boa e delicada.

Manduí (62). Pequena raiz grossa e do comprimento do polegar. Tem uma cápsula como as avelãs e dentro duas ou três pequeninas nozes muito boas de comer.

Manioc (63). Raiz de uma planta ou arbusto chamado manieip (64); tem êsse arbusto fôlhas semelhantes às da figueira, porém da largura de uma coxa; com essa raiz fazem os índios a farinha que lhes serve de pão, como direi adiante.

Macachet (65). Qualidade de raiz proveniente de um arbusto muito parecido com o da mandioca. Com ela se faz farinha, e cauim, como direi oportunamente. Essa raiz é muito gostosa.

---

(60) CARA — racine. — *Cará*, nome comum a diversas espécies de Dioscóreas. Segundo Marcgrav, o nome que lhe davam os portuguêses era *Inhame de S. Tomé;* seria essa talvez a espécie hoje conhecida em Pernambuco por *Inhame da Costa;* — De *acará* cascudo, escamoso, com perda do *a* inicial, nome que também se aplica a peixes d'água doce (*Cichlidas*).

(61) TAIA OUASSOU — racine. — *Taiabuçú*, o inhame (Colocasia). — De *taia*, absoluto de *ái*, ácido, acre, e *á*, sufixo que diz — feito de, formado de, consistente de, e *buçu* grande. — O nome *taia* é dado a vários Caladiuns e Colocasias.

(62) MANDOUY — petite racine qui se trouve en la terre, grosse & longe comme le poulce. — *Mandubi*, Leguminosa Papilionácea (*Arachys hypogoea*, Linn.) — De *ibá* fruto, *tiby* sepultado, enterrado. O demonstrativo pronominal *t de tyby*, por estar intercalado, não é estranho que se mude, em *nd;* o *y* de *yby* tranforma-se oar em *u*, ora em *i;* e a queda do *y* inicial é freqüente, conforme Batista Caetano (*Notas aos Índios do Brasil*, de Fernão Cardim). Piso escreve *amenduínas;* hoje se diz *amendoim*, provável diminuītivo de *amêndoa*.

(63) MANIOCH — racine. — *Mandioca*, Euforbiácea (*Manihot utilissima*, Pohl.) — De *mani-oc* tirado ou procedente de *mani*. O texto especifica; *manioch été* mandioca verdadeira ou legítima, e *Manioch caue*, que não tem explicação plausível.

(64) MANIEUP — plante ou petit arbreau. — *Maniba* ou *Maniva*. — A dicção *mani*, como se usa na composição, é difícil de explicar: pode ser contração de *ibá-ib* árvore de fruto, por excelência, porque constituía a base da alimentação, como pode ser árvore do céu, segundo a tradição geral e constante na América do Sul, da vinda de um ente sobrenatural, de um pai estrangeiro *Tumé*, *Sumé* ou *Tubé* (em quem os catequistas pretenderam reconhecer São Tomé), que veio ensinar às gentes o cultivo da planta e outras cousas novas. Essas explicações têm o valor de simples hipóteses; o tema permanece indecifrável. Que seja tupi, não resta dúvida. Batista Caetano, tratando de *mandió*, acha notável que, sendo um dos têrmos mais espalhados e usados, não venha nos vocabulários, e no *Dicionário Português e Brasiliano*, por exemplo, que trata de *typyrati*, *uypuba*, *carimã*, farinhas de *mandioca*, não haja menor referência a êsse nome, considerado como se fôsse português, ou de outra procedência.

(65) MACACHET — racine. — *Macacheira*, Euforbiácea (*Manihot aipi*, Linn.) — Segundo Sampaio, o *aipim*, que se comia assado, se chamava *aipimacaiera*, donde por erronia se fêz *aipi-macacheira*, ou simplesmente *macacheira*, como é vulgar no Norte.

Manioc etê. Semelhante às duas precedentes e aproveitada nos mesmos usos.

Manioc cane. Raiz ainda mais grossa do que as outras, embora proveniente de um arbusto semelhante aos precedentes; usa-se para papas e para a fabricação de uma bebida chamada *caracu* (66).

Há uma outra raiz chamada *Usenpopuita* (67), que é vermelha e também serve, como as outras, para fazer a farinha do pão dos índios. E' muito leve; estomacal, de fácil digestão.

---

(66) CARACOU — boisson. — *Caracu,* que vem no *Tesoro* com a significação de vinho de raízes, como de batatas e mandioca. — Difícil de explicar.

(67) VSENPOPOUYTAN — racine. — Deve ser *cepô-puitã* raiz vermelha.

CAPÍTULO XXXIX

Dos animais que se encontram na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças, e em primeiro lugar dos pássaros.

CONVENIENTE levar em consideração os animais ou signos celestes que dominam o zodíaco desta esfera universal, pois se alguém pudesse conhecer-lhes as particularidades tôdas muito proveito tiraria. Do mesmo modo é de grande interêsse saber quais os animais elementares que existem em maior número sob os signos celestes dos celestes animais. Pois, se fôsse possível descrevê-los todos em particular e ao vivo, ninguém deixaria de admirá-los.Pensam alguns astrônomos e filósofos que os signos dos animais celestes influem muito nos animais terrestres. Julgam muitos que o sol, alma do universo colocada no centro do mundo, luminoso, quente e até certo ponto sêco, é a origem e a causa do calor vital de tudo o que nasce na terra. Outros afirmam que Júpiter, que é temperado, é o autor do temperamento de tôdas as criaturas que vivem sob o céu. Como quer que seja, fazendo êsses dois belos planetas seu curso habitual dentro dos limites da região do zodíaco, não é de duvidar-se que comuniquem suas virtudes a êsse círculo onde se demoram muito mais do que alhures. Porisso, encontram-se nessa zona animais sem número, e maravilhosos, parecendo terem-se esforçado Deus e a Natureza em prover essa região de animais mais admiráveis do que os das outras regiões. Dir-se-ia o quintal de Júpiter dos animais celestes, e principalmente o quintal do sol.

Já notamos algumas plantas que se encontram na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças. Isso quanto ao ser vegetativo. Se não nos é possível descrever todos os animais aí existentes, de alma sensitiva, pelo menos vem a propósito mencionar agora alguns dentre os mais notáveis do país.

Trataremos em primeiro lugar dos que habitam os ares, que são os pássaros; em seguida dos que existem na água, que são os peixes, e finalmente dos outros animais que vivem sôbre a terra e dentro da terra.

É impossível dizer quantas espécies de pássaros se encontram na Ilha de Maranhão e circunvizinhanças, muito diferentes todos dos nossos, seja quanto à espécie, seja quanto à plumagem, à beleza e à utilidade. Vivem uns em pleno ar, outros preferem a água, outros ainda a terra. E há, ademais, os que são domesticados e familiares. Todos, porém, são comestíveis, o que não ocorre entre nós.

Com referência aos que habitam os ares, encontram-se, entre outros, estas aves de rapina: *uira uaçu* (1), duas vêzes maior do que uma águia, com a cabeça medianamente grossa, os olhos medonhos e redondos e um topete de plumas em forma de círculo ou de sol; suas penas são cinzentas. Tem uma longa cauda por baixo da qual, bem como por todo o ventre se encontram penas muito bonitas, completamente brancas e delicadas como as "aigrettes". A perna é da grossura de um braço mais ou menos e o pé assemelha-se ao do grifo, com uma largura de palmo e meio, garras formidàvelmente grandes. Tem tal fúria e fôrça que pode agarrar e estraçalhar um carneiro, deitar por terra um homem; caça em geral veados, corças, pássaros e outros animais, indistintamente. Embora seja possante e guloso, pode ficar quinze a vinte dias sem comer, o que é admirável. De regresso à França, trouxemos três espécimes ainda de pouca idade. Apenas um escapou à morte e o oferecemos ao Rei, tendo sido visto por muitas pessoas em Paris e alhures.

Uiratá uirã (2). Outra espécie de ave de rapina bastante semelhante à precedente, principalmente quanto à plumagem e aos pés; é pelo menos do mesmo tamanho e da família dos grifos.

Uirá-uaçu-puitã (3). Também outra qualidade de ave de rapina, do mesmo tamanho que as precedentes; tem uma plumagem côr de cinza, porém mais bela, porque manchada de amarelo.

Uirá-uaçu-on (4). Outra espécie, cujos indivíduos são do tamanho de uma águia; têm o bico amarelado e a plumagem completamente preta, salvo na cauda, que é branca manchada de negro. As pernas são amarelas e vermelhas.

Uira-uaçu. Outra espécie. São as verdadeiras águias dêsse país. Têm o bico e as penas vermelhas e tôda a plumagem cinzenta.

Tauató (5). Ave de rapina do tamanho de uma galinha; tem o bico amarelado e a plumagem parda.

---

(1) OUYRA OUÄSSOU — oyseau de proye. *Uiraçu*, nome comum a duas espécies de Falcônidas: *Trasaëtus harpya*, Linn., e *Morphnus guaianensis*, Daud. — De *guirá* passaro, *açu* grande.

(2) OURYRATA OUYRAN — oyseau de proye. — Será *guirá-atá-guiran*, difícil de interpretar, como de identificar, pois se em *guirá-atâ* temos pássaro ou ave forte, para *guiran* não achamos explicação.

(3) OUYRA-OUÄSSOU-POUYTAN — oyseau de proye. — Será *guirá-açu-pitanga* pássaro grande vermelho.

(4) OUYRA OUÄSSOU-ON — oyseau de proye. — Será *guirá-açu-una* pàssaro grande negro.

(5) TAOUÄTO — oyseau de proye. — *Tauató*, nome genérico dos gaviões (Falcônidas), que especificam: *i* pequeno, *obi* de côr cinzenta, *yub* de côr amarela, *pitan* de côr vermelha, para variegado etc. — Em Gabriel Soares *Tôató*.

Tauató-i. Outra espécie de ave de rapina muito parecida com a precedente, porém bem menor, apenas do tamanho de uma perdiz pequena.

Caracará (6). Ave de rapina do tamanho de uma galinha; tem a cabeça nua, sem penas, exceto ao redor do bico onde há uma pequena penugem azul. O resto das penas é branco e negro.

Urucureá-uaçu (7). Outra qualidade de ave de rapina do tamanho da precedente; tem a cabeça igual à de uma coruja ou de um mocho, com olhos muito grandes e redondos. A cabeça é branca e o resto do corpo pardo.

Chuá (8). Não é maior do que uma galinha mediana. Qualidade de ave de rapina que também tem a cabeça semelhante à do mocho; o ventre é avermelhado e o resto da plumagem cinza.

Cavuré (9). Semelhante à coruja. Também ave de rapina; a plumagem é cinza e os pés têm a forma dos do grifo.

Todos êsses pássaros vivem à custa de pilhagem e rapina, perseguindo os outros sem cessar.

Encontra-se ainda, neste país, grande número de papagaios de várias espécies e de penas de diferentes côres, maravilhosamente agradáveis. Fàcilmente domesticáveis, aprendem a falar. Assim o *uirá-rasói* (10), papagaio do tamanho de um capão grande e de plumagem verde. Levanta constantemente suas penas e faz roda em tôrno da cabeça, como os pavões com suas caudas e é muito agradável de ver por causa da admirável variedade das suas côres, vermelhas, verdes, azuis e ainda cinco ou seis qualidades de côres transparentes e cambiantes.

Jandai-açu (11). É uma espécie de papagaio mais ou menos do tamanho do precedente, com uma bela plumagem de quatro côres diferentes: cabeça vermelha, dorso amarelo, ventre e parte inferior do pescoço brancas, parte superior das asas e cauda verdes, por baixo destas amarelo. É maravilhosamente bonito.

---

(6) KARAKARA — oyseau de proye. — *Caracará*, Falcônidas (*Polyborus tharus*, Mol.) — O nome é dado como onomatopaico.

(7) OUROUCOURÉA OUÄSSOU — oyseau de proye. — *Urucureá-guaçu*. Falcônidas (*Pulsatrix pulsatrix*, Wied). O nome é em parte onomatopaico, porque a ave, ao parecer dos ornitologistas, pronuncia as sílabas *cururuтu-tutu*.

(8) CHOUA — oyseau de proye. — Será *Cauã* ou *Acauã*. Falcônidas. (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.) — Segundo Batista Caetano, de *acá* decidido, resoluto, e um sufixo, dizendo "briguento".

(9) KAUOURÉ — oyseau. — *Caboré*. Bubônidas. (*Glaucidium brasilianum*, Gm.) — De *caá* mato, *boré* por *poré* morador.

(10) OUYRA RASOY — oyseau... Il enfle et releve souventefois les plumes et en faict une rouë autour de sa teste non plus ne moins que les Paons font de leurs queuës, estãt fort plaisant à voir pour l'admirable variété de ses couleurs. — Será, de acôrdo com o texto, *Guirá-aruai*, ou simplesmente *Aruai*, como hoje é conhecido o Psittacus (*Conurus leucophthalmus*, Muel.) — De *guirá* pássaro, e *aruai* (de *arõ* sorrir, *ai* mal) chocarreiro, gracejador, motejador, como explica Batista Caetano.

(11) YENDAY OUSSOU — oyseau... espece de Perroquet. — *Jandaia* ou *Nhandaia*, nome comum a Psitácidas do gênero Conurus; com o designativo *açu* ou *uçu* não se conhece mais nenhum indivíduo na atual nomenclatura ornitológica vulgar. — De *nheê* falar, *ai* mal, ou muito, conforme Batista Caetano.

Uirá-jup (12). Outra espécie de papagaio do mesmo tamanho dos precedentes; amarelo como ouro fino, salvo nas extremidades das asas e da cauda que são de um verde muito bonito.

Canindé (13). Outra espécie de papagaio completamente azul e como que cerúleo no dorso; o ventre é inteiramente amarelo e dos dois lados da cabeça, mais ou menos na altura dos olhos, tem uma pele completamente branca, riscada de negro e sem nenhuma pena.

Ará (14). Outra espécie de papagaio um pouco maior do que o canindé. É vermelho em quase todo o corpo; nas asas e em alguns lugares manchas amarelas, verdes, azuis e de outras côres admiráveis. Tem a cauda semelhante à dos precedentes, mas de diversas côres e de mais ou menos dois pés de comprimento. Tal qual o canindé tem, à altura dos olhos, de ambos os lados da cabeça, uma pele depenada, porém inteiramente branca; embora possa ser domesticado, não pode ficar em gaiola, a menos que esta seja inteiramente de ferro, pois possui um bico adunco tão duro e cortante que rói tudo o que apanha.

Juruve (15). Outra espécie de papagaio do tamanho do canindé. É de um lindo verde manchado de prêto; em vez de crista tem uma plumagem inteiramente azul em forma de coroa e muito bonita.

Marganá (16). Outra espécie de papagaio, do tamanho de um melro; tem a cabeça muito grande e de ambos os lados dela uma pele branca depenada como a da arara. A plumagem é inteiramente verde, porém em alguns exemplares o ventre e a parte superior das asas são alaranjados.

Eirivaiá (17). Do mesmo tamanho que o precedente, mas de espécie diferente. Tem a plumagem verde manchada de negro, o ventre azul, prêto, verde e roxo. Além de ser muito bonito, é fàcilmente domesticado e aprende a falar com facilidade.

---

(12) OUYRA-IOUP — oyseau. — *Guarajuba*, Psitácidas (*Conurus guarouba*, Gm.) — De *guirá* pássaro, *yuba* amarelo.

(13) CANIDÉ — perroquet. — *Canindé*, Psitácidas (*Ara ararauna*, Linn.) — Segundo Batista Caetano, talvez contração de *arara-caninde* arara muito retinta. Note-se que êsse étimo melhor conviria ao *Anodorhynchus hyacinthinus*, Lath., de um azul uniforme tão carregado que poderia parecer retinto ou negro aos primitivos denominadores, ao passo que o *Ara ararauna*, Linn., é de côr azul por cima e amarela por baixo. Note-se ainda que o nome indígena daquela é *Araraúna* ou Arara negra.

(14) ARA — perroquet. — *Ará*, nome dos Psitácidas dos gêneros Ara e Anodorhynchus. — Foi Américo Vespucci quem, em sua primeira carta a Soderini, assinalou o nome; Léry descreveu a ave. — Alguns dão como onomatopaico, mas Batista Caetano nota que *ara* exprime dia, luz, aurora.

(15) IURUUE — perroquet. — *Ajuru, Juru, Ajeru* e *Jeru*. — Nome aplicado à *Amazona aestiva*, Linn., e outras espécies afins de Psitácidas. — De *a* gente, *yuru* bôca: alusão ao falar o papagaio como gente. — Há outras explicações.

(16) MARGANA — perroquet. — *Maracanã*. Psitácidas (*Ara maracana*, Vieill). — Gabriel Soares escreveu *Marcaná*. — De *mbaracá*, o instrumento, *rã* ou *nã* similhante, parecido, aludindo ao vozeado que fazem essas aves; mas, como andam sempre em bandos, pode admitir-se *paracau-anã* papagaios coligados, conjuntos.

(17) EURUUAIA — perroquet. No *Tesoro* ocorre *Iribaiá*, papagaio pequeno, que não logramos identificar nem explicar. — Também se escreve *Aribaiá*.

Paraouá (18). Do tamanho de uma galinha média dessa região; o alto da cabeça é amarelo cercado de um lindo vermelho, e a plumagem do corpo é verde entremeado de amarelo na parte superior das asas. É belíssimo e considerado o verdadeiro papagaio; é o que aprende mais depressa e melhor a falar.

Tuim-mirim (19). Apenas do tamanho de um pardal, mas não deixa de ser da espécie do papagaio. Aprende a falar com grande facilidade, sendo o que melhor pronuncia as palavras. É muito delicado, tem as penas do corpo verdes e o alto da cabeça bem como o redor dos olhos cheios de penugem amarela. Muito bonito.

Tuim-açu. Um pouco maior do que o tuim-mirim, pertence também à mesma espécie dos papagaios. Sua plumagem é de um belíssimo verde, manchada em certos lugares por um alaranjado maravilhosamente vivo. É um dos que melhor falam quando ensinados.

Cuiú-cuiup (20). Do tamanho de um pardal. Tem o alto da cabeça picotado de vermelho; a plumagem do dorso é verde e azul, a do ventre verde. Também aprende fàcilmente a falar.

Existem ainda muitas espécies de pássaros nesse país, os quais aprendem fàcilmente a falar como os papagaios das espécies mencionadas, o que é admirável em relação ao que se vê entre nós, pois não temos mais do que cinco ou seis espécies de pássaros que possam aprender a falar e nenhuma de plumagem curiosa. Nessa Ilha do Maranhão, porém, e circunvizinhanças, encontra-se grande quantidade dêsses pássaros, os quais, além de aprender a falar com grande facilidade, possuem belíssimas plumagens de diversas côres, tão vivas e agradáveis que entusiasmam todos os que os contemplam.

Uirá-taim-eim (21). É do tamanho de um pardal, porém maravilhosamente belo. É verdade que as penas da cabeça e das asas são apenas negras, mas o bico, os pés e tôdas as penas do corpo são de um vermelho tão violento que de longe parecem fogo ardente. Não é possível dizer a que ponto assobia agradàvelmente.

Todos êsses pássaros podem ser comidos, especialmente os papagaios. Entretanto não os aproveitam por não serem tão bons quanto muitos outros que por lá existem. Entre outros o *moiton* (22), do tamanho

---

(18) PARAOÜA — perroquet. — *Paraguá*, nome genérico dos Psitácidas, especialmente do genero Amazona. — Ocorre em Marcgrav *Paraguá*. — De *apár-aqua* bico de volta ou bico adunco.

(19) TOUIN — perroquet. — *Tuí* ou *Tuim*, nome dos Psitácidas pequenos, abrangendo no Brasil todo o gênero Brotogéris, que especificam, *mirim* pequeno, *açu* grande, *etê* verdadeiro, *pará* variegado, etc. — Se não fôr onomatopaico, poderá derivar de *tu* por *ti* bico, e *i* pequeno, que é característico da ave.

(20) COUIOU-COUIOP — perroquet. — *Cuiú-cuiú*, Psitácidas (*Pionopsitta pileata*, Scop.) — Deve ser onomatopaico. — É o *Tuí-maitaca* do Sul, também chamado *Maitáca da cabeça vermelha.*

(21) OUYRA-TAIN-EUM — perroquet. — Talvez *Guirá-taí-im* pássaro tenro pequeno, avezinha mole, para designar a *Psittacula passerina*, Linn., que na nomenclatura vulgar é ainda batizada por *Tuí-tirica, Cu-cosido, Cu-tapado* e *Tapa-cu.*

(22) MOYTON — oyseau... qui est grand comme le Paon et est assez semblable excepté la queuë. — *Mutum*, nome genérico dos Crácidas. — De *mytun* por *pytun* e *pytuna* noite: escuro, negro, por extensão; originàriamente qualificativo, dizendo pássaro negro ou escuro. — Para alguns é onomatopaico.

de um pavão ao qual se assemelha assaz, à exceção da cauda. Tem um topete e a sua plumagem é manchada de prêto e branco. Êsse lindo pássaro é de excelente paladar.

Há o *moiton-tin-mirã* (23), do tamanho do precedente, com o bico muito mais grosso porém, de comprimento quase duas vêzes maior e com dois dedos de largura. Tem também um topete e a sua plumagem é branca e vermelha, muito agradável à vista.

Há o *jacu* (24), verdadeiro faisão, muito parecido com os nossos e de excelente paladar; é uma ave muito vulgar na região.

Há o *jacu-ubuí* (25), que é outra espécie de faisão, do tamanho de um galo da Índia e muito bonito; são azuis as penas da cabeça e de linda côr negra e luzidia as demais do corpo e das asas; tem os pés vermelhos.

Há o *Aracuã* (26), que é também uma espécie de faisão, do tamanho de uma galinha; as penas do pescoço são vermelhas e as do resto do corpo de um amarelo-palha extremamente belo.

Há ainda no país outra espécie de pássaro cujo nome ignoro. Direi, apenas que é do tamanho de um galo da Índia e com um bico igual; tem na cabeça um chifre de um dedo de comprimento; as penas são pardas e a carne é apreciada.

Há o *nambu* (27), perdiz duas vêzes maior que as nossas, embora parecida com estas. Existe em grande número na região e é de excelente paladar. O *nambu-guaçu* é também uma perdiz, porém maior que um capão grande e tem as penas pardas. Os ovos dêste pássaro são azuis.

Há o *Inambu-tim*, outra espécie de perdiz, do tamanho de uma galinha. Tem a plumagem branca manchada de prêto. Os ovos são azuis e do tamanho dos da galinha. Dêles se servem os índios para pintar e enfeitar suas armas quando vão para a guerra ou quando matam seus prisioneiros; costumam nessas circunstâncias organizar festins.

---

(23) MOYTON-TIN MIRIN — oyseau... tout le plumage rouge & blanc. — *Mutum-tin piranga*, o *Mutum* branco e vermelho. — Parece tratar-se da espécie *Mitua mitu*, Linn.

(24) IACOU — oyseau... qui est un vray Faisan. — *Jacu*, nome genérico das Penelópidas. — De *y* (demonstrativo: o que, aquêle que) *a* fruto, grão, *cu* comer, tragar, engulir: o que come grãos.

(25) IACOU OUBOUYH — oyseau... ayant le plumage de la teste tout bleu, les pieds rouges e toutes les plumes tant du corps que des aisles d'un beau noir tresluisant. — *Jacu-obi*, o Jacu azul. — Talvez se refira ao *Cujubi*, Crácidas (*Cumana cujubi*, Pelz.).

(26) ARACOUAN — oyseau. — *Aracuã*. Crácidas (*Ortalis squamata*, Less.). — De *ará*, alteração de *guirá* passaro, e *aquá* ligeiro, rápido, veloz.

(27) NAMBOU — oyseau. — *Inhambu*, *Nhambu* ou *Nambu*, nome genérico dos Tinamidas, especialmente do gênero Crypturus, e que especificam: *guaçu* grande, *tinga* branco. — Suscetíveis de várias explicações, sendo preferível: de *y* (demonstrativo: o que, aquêle que) *am* levantar-se, elevar-se, erguer-se, e *bu* estrondando: o que se levanta estrondando.

O *macucauá* (28), é ainda outra espécie de perdiz, do tamanho da precedente. As penas são de três côres mui lindas: vermelho, azul e branco. Os ovos são igualmente azuis.

Tucano (29). É do tamanho de um trocaz, mas tem um bico desproporcional ao tamanho do corpo, de oito a dez polegadas de comprimento e de três dedos de largura. Na frente do estômago tem um peitoral de mais ou menos três a quatro dedos de largura, de linda côr amarelo-alaranjado cercado de carmesim. A barriga é branca, as costas são vermelhas e as asas e cauda pretas. É belíssimo e de bom paladar.

Há ainda outra qualidade de tucano a que os índios chamam *uaicho* (30), do tamanho do precedente, com bico igual, porém vermelho e amarelo. Tem o estômago de um branco muito puro cercado de vermelho, as asas pretas, a cauda amarela e brancas as penas do resto do corpo. É tão agradável à vista como bom ao paladar.

Há o *japu* (31), do tamanho de um pombo. Tem o bico mais comprido do que um dedo. As penas, tanto do corpo como das asas, são de um lindo verde-mar manchado de prêto; a cauda inteiramente amarela e com um pé de comprimento. É muito bonito e excelente para comer.

Há o *japi-açu*, do tamanho de um pardal. Tem a cabeça branca, as penas da barriga de um vermelho carmesim e verdes a parte superior das asas e a cauda. É tão bonito quanto saboroso.

Há o *araçari* (32), do tamanho de um pombo. Tem as penas da barriga brancas salpicadas de vermelho; as asas são pretas. É excelente manjar.

O *uru* (33) é do tamanho de uma perdiz. Tem uma crista como o galo e sua plumagem é de três belas côres: vermelho, azul e branco. Pica sem cessar os troncos das árvores para verificar se são ocos e se existe mel nas possíveis cavidades.

Mas há outra espécie de pássaros a que os índios dão também êsse nome de *uru*. Parece-se muito com a cordoniz de França, mas é duplamente maior e tem um grito diferente. É também um manjar delicioso.

---

(28) MACOUCAOUA — oyseau. — *Macuacaguá*, ou *Macaguá*, Falcônidas (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.) — De *má* por *ibá* fruto, e *cugiguar* por *curihar* que traga, tragador, comedor; ou melhor, por acorde com o nome genérico e com o instinto da ave, de *mbói-acá-har* aquêle que briga com as cobras. — *Acauã*, *Cauã* e *Macauã* são outros nomes dessa ave.

(29) TOUCAN — oyseau. — *Tucano*, nome comum a diversas aves da família dos Ranfástidas. — Thevet, *Les Singularitez* fl. 91, foi o primeiro a descrever a ave e a dar o nome indígena. — De *tu* por *ti* bico, *cang* ósseo, conforme Batista Caetano.

(30) OUAYCHO — oyseau. — *Guache*. Ictéridas. (*Cassicus hoemorrhous*, Daud.). É voz onomatopaica.

(31) IAPOU — Oyseau. — *Japu*. — Ictéridas (*Ostinops decumanus*, Pall.). — De *ya* (demonstrativo: o que, aquêle que) *pu* soar, fazer rumor: o que soa, ou rumoreja. Há outras explicações.

(32) ARASARY — oyseau. — *Araçari*, nome genérico dos pequenos Ranfástidas, ou tucanos. — Dado como onomatopaico.

(33) OUROU — oyseau. — *Uru*, nome de várias perdizes pequenas, do gênero Odontophurus e outros, estendido aos galináceos em geral. — É voz onomatopaica.

O *seracupuita* (34) é do tamanho de uma perdiz comum. Tem a plumagem esbranquiçada e manchada de vermelho. É excelente de comer e muito bonito.

O *sabiá* (35) é do tamanho de um pardal. Tem a barriga amarela e as penas do resto do corpo pardas. Vive nas hortas à procura de pimenta. E onde cai seu excremento nascem pimenteiras cujo fruto é utilizado pelos índios para negociar. Assim, êsse pássaro serve de jardineiro, semeando a pimenta por todos os lados, e os índios o consideram um bom pássaro, porquanto seu excremento lhes permite ter machados, foices e outras mercadorias de que necessitam.

Há também outra espécie de pássaro do tamanho de um pombo, a que chamam *Tatá-uirá-mirim* (36), "passarinho de fogo", por serem suas penas côr de fogo, exceto nas asas que são pretas e brancas e às vêzes amareladas nas pontas. Existe também o *tatá-uirá-uaçu* (37), "pássaro de fogo", do tamanho de uma galinha e muito parecido com o precedente.

O *arumará* (38) é do tamanho de um pombo. Tem a cabeça, as asas e o dorso emplumados lindamente de negro; a barriga é inteiramente preta. É de excelente paladar.

O *Kerê-juá* (39) não é maior do que um pardal. Tem as penas do corpo roxas, misturadas com outras verde-mar. As asas são pretas. É um manjar saboroso.

As *jurutis* (40) se assemelham muitíssimo às nossas rôlas e se encontram por tôda parte. A carne é delicadíssima, muito saborosa.

Se êsse grande Deus se mostrou admirável na criação de tôdas essas espécies de pássaros, notáveis ou pelo tamanho ou pela plumagem, não o foi menos em relação às duas seguintes espécies características pela sua pequenez e pela sua beleza.

Chamam *japi* a uma delas e não são os pássaros, com tôdas as suas penas, maiores do que um besouro. Têm na cabeça uma coroa redonda de linda plumagem azul; no corpo as penas são de verdes diversamente matizados entremeados de azuis, à exceção ùnicamente da cauda que é preta.

---

(34) SERACOUPOUYTAN — oyseau. — Será *Saracura-puitã*, algum Rálidas. — De *çara* espiga, *cur* comer, tragar, engulir: o que come ou traga espiga; *puitã* ou *pitanga* vermelho.

(35) SAUIA — oyseau. — *Sabiá*, nome genérico dos Túrdidas. — De *haabiá*, contração de *haá-pyi-har* aquêle que reza muito, conforme Batista Caetano.

(36) TATA OUYRA MIRY — oyseau. — Será *Tatá-guirá-mirim*, pássaro pequeno de fogo, ou côr de fogo, por sua plumagem rubra, algum Cotíngidas, quiçá o *Phoenicocercus carnifex*, Linn.

(37) TATA OUYRA OUÄSSOU — oyseau. — Será *Tatá-guirá-açu*, pássaro grande de fogo, ou côr de fogo, por sua plumagem rubra.

(38) AROUMARA — oyseau. — *Arumará*, Ictéridas (*Aaptus chopi*, Vieill.) — Difícil de explicar.

(39) KERÉ-IOUA — oyseau. — *Querejuá* vem em Gabriel Soares; e outros autores *Crejuá*. Atual *Guiruá*, Cotíngidas (*Cotinga cincta*, Kuhl), o mesmo *Curuá* dos moradores da costa do Norte, segundo Goeldi (*Aves do Brasil*).

(40) IEROUTY — oyseau. — *Juruti*, nome comum a diversas aves Peristéridas. — De *yuru* pescoço, *ti* branco.

Uenonbuí (41) é o nome da outra espécie. São os pássaros menores ainda. Têm o bico comprido e delgado, suas penas são de diversas côres e quando voam fazem um barulho semelhante ao dos besouros. E nos galhos das árvores assoviam muito alto em desproporção com o seu tamanho.

Existem também certos pássaros noturnos como os *pupói-pupói* (42), do tamanho de milhafres e com uma plumagem parda. Gritam e fazem barulho durante a noite tôda.

Há ainda os *urutagüi* (43), do tamanho de uma galinha; sua plumagem é igualmente parda, mesclada. Lamentam-se a noite tôda como as crianças.

Aí se encontram também os *jucurutus* (44), grandes como gansos, de plumagem vermelha misturada de negro. Gritam também durante a noite tôda como os precedentes.

E há os *andeirá* (45), morcegos muito parecidos com os nossos, porém maiores e que gritam muito mais alto e de um modo horrível. Entram à noite nas cabanas e se encontram alguém dormindo descoberto não hesitam em atacar. Escolhem de costume a ponta do dedo grande, que ferem sem que se perceba. Por aí chupam o sangue insensìvelmente deixando o dedo um pouco dolorido; e, embora a dor não seja excessiva, obriga a pessoa picada a ficar na rêde durante vinte e quatro horas por causa do sangue escorrendo que só pode ser estancado no repouso. Têm êsses pássaros o gênio dos próprios habitantes, tão cruéis e desumanos que não hesitam em comer a carne sangrenta de seus inimigos. Não comem os índios êsses pássaros.

Quanto às aves aquáticas, existem também de muitas espécies. Umas se alimentam de caranguejos e lagostins e outras de pequenos peixes encontradiços à beira-mar. Outras ainda vivem da caça contínua aos caranguejos, lagostins, sargos e peixes voadores.

Encontram-se ainda, entre outras, o *uará* (46), cujo bico tem o comprimento de meio pé e é muito fino e ponteagudo. A sua plumagem é de um belíssimo vermelho carmesim e as extremidades das asas são pretas. Quando cozida é a sua carne, de excelente paladar, mas intei-

---

(41) OUÉNONBOUYH — oyseau. — *Guainumbi*, nome comum aos Trochilidas (*Beija-flores*). — Tem várias explicações: preferível a que faz derivar de *guay-n-omby* aquêle que é de côr verde ou azul, característico principal da ave.

(42) POUPOYH-POUPOYH — oyseau nocturne. — Será *Pupói-pupói*, designação onomatopaica de alguma ave que a literatura não conservou.

(43) OUROUTAGOUY — oyseau. — *Urutauí*. Caprimúlgidas (*Nyctibius jamaicensis*, Gm.) — De *uru* ave (galináceo em geral) *tau* fantasma, e *i* pequeno.

(44) IOUCOUROUTOU — oyseau. — *Jucurutu*. Caprimúlgidas (*Strix nhacurutú* Vieill.) É voz onomatopaica.

(45) ANDHEURA — chave souri. — *Andirá*, nome comum aos Quirópteros do gênero Phyllostoma, no tupi. — Difícil de explicar; mas o tema *andyi* significa temeroso, pavoroso, que espanta; *ra* será um sufixo para exprimir o todo, o que faz mêdo ou pavor?

(46) OUARA — oyseau. — *Guará*. Ibíbidas (*Eudocimus ruber*, Linn.) — De *guag* adornos, enfeites, e *rab* plumas, que tal era o destino que davam às penas dessa ave.

ramente vermelha. Anda aos bandos pelas praias e pernoita nos *apperituriers*.

O *tamatiã* (47) é semelhante ao precedente, mas tem a plumagem parda. Muito bom de comer. Encontra-se por tôda parte nas vizinhanças do mar.

O *uacará-on* (48) embora parecido com os precedentes de outra espécie. Tem a plumagem negra e é de bom paladar.

O*mauarip* (49) assemelha-se à garça real. São numerosos nas praias.

O *uirá-tin* (50) é o mesmo pássaro que denominamos garça (aigrette). Tem o tamanho de um ganso. Suas penas são branquíssimas e muito caras, como é sabido. É uma ave linda de ver e de excelente paladar. Existe em grande número em tôda a região.

As *uacarás* (51) são pequeninas garças brancas ou pardas que aí se encontram em abundância. São muito saborosas.

As *potiris* (52) são marrecas muito comuns na região. Existem pretas, pardas e de outras côres. Comem-se também.

O *Kari-pirá* (53) é um pássaro a que também se chama *tesoura* e que faz uma guerra tenaz aos peixes voadores, como foi dito no capítulo oitavo.

O *ati* (54) é do tamanho das garças médias. Tem penas brancas e, no meio da cauda, uma maior do que as outras, de mais ou menos pé e meio de comprimento e muito estreita, belíssima e cara. Essa ave voa muito longe no mar à procura de peixes.

O *tujuju* (55) é maior do que um galo da Índia; tem um bico de um pé de comprimento e de três dedos de largura. A cabeça é preta, o pescoço muito comprido e branco, as asas pardas, as pernas altas como as da cegonha, porém bem mais grossas. É da altura de um homem e mora à beira-rio. É de boa comida.

---

(47) TAMATIAN — oyseau. — *Tamatiá*, Ardeídas (*Cancroma cochlearia*, Linn.). — Deve ser alteração de *timatiaí* o que tem bico de gancho.

(48) OUACARA-ON — oyseau. — *Guacará-una*, o guacará negro.

(49) MAOUARIP — oyseau... un Heron. — *Maguari*, Cicônidas (*Euxenura maguari*, Gm.) — De *mbaguari* vagaroso, tardo, que caminha pesadamente, pesadão, segundo Batista Caetano.

(50) OUIRA-TIN — oyseau. — *Guiràtinga*, Ardeídas (*Herodias egretta*, Gm.) — De *guirá* pássaro, *tinga* branco.

(51) OUACARA — oyseau. — *Guacará*, nome dado a diversas aves nadadoras (*Anseres*) e a peixes. — Difícil de explicar.

(52) POTIRY — oyseau. — *Paturi*, nome dado aos Anseres, particularmente ao *Nomonyx dominicus*, Linn.) — Difícil de explicar.

(53) KARY-PYRA — oyseau. — *Carapirá* ou *Grapirá*. — Fregátidas (*Fregata aquila*, Linn.) — De *cará*, alteração de *guirá* pássaro, e *pirá* peixe. — É nome de um principal da nação Tabajara, que com outros índios acompanhou à França os missionários capuchinhos, e lá morreu. Seu apelido também vem grafado *Carypyra*.

(54) ATY — oyseau. — *Ati*, Láridas (*Larus cirrhocephalus*, Vieill.) — Ocorre em Gabriel Soares *Aty*. — De *a* cabeça, *ti* branca, esbranquiçada, amarelo côr de palha, como se traduz o nome específico.

(55) TOUIOUIOUCH — oyseau. — *Tuiuiú* ou *Tujuju*, Cicônidas. (*Tantalus americanus*, Linn.) — De *tu* por *ti* bico, *yu-yu* (freqüentativo) muito amarelo.

O *javuru* (56) é uma ave igual à precedente mas tem o bico, a cabeça e as pontas das asas negras.

Ainda existem outros pássaros que vivem nos campos e nas terras. A natureza não lhes deu asas fortes para voar ou trepar nas árvores. Assim o *iandu* (57), espécie de avestruz, muito grande, maior do que um homem. Não voa, mas corre tão velozmente que é bem difícil apanhá-lo. Anda em bandos habitualmente.

O *saliã* (58) é maior do que uma grande galinha da Índia; tem as pernas compridas como a cegonha e um bico semelhante. São acinzentadas as suas penas e mal pode voar de doze a quinze passos; corre, porém, tão depressa que não podem os cães pegá-lo.

Quanto às aves domésticas, há-as de diversas espécies, como galos e galinhas da Índia, chamados *arenhã* (59) e muito prolíferas. Existe também enorme quantidade de galinhas comuns, assaz semelhantes às nossas e a que dão o nome de *uirá sapucai* (60). De costume, mal põem cinco a seis ovos, chocam-nos qualquer que seja a época. Porisso se multiplicam com grande rapidez.

Há também gansos a que chamam *upec,* mais belos e saborosos do que os nossos e mais ou menos do mesmo tamanho.

Há ainda muitos patos e adens a que denominam *potiri.* São maiores do que os nossos, têm a plumagem mais vistosa e são de melhor paladar.

Existem também pombos em grande quantidade. Aos trocazes chamam *picaçu* (61) e aos comuns *picaçutin.*

A muitos dêsses pássaros os índios apanham fàcilmente e os domesticam, não só por gôsto, mas, ainda, para comê-los à vontade. E quem os vir há de forçosamente admirar a sabedoria e a providência com que Deus os distribuiu por essa Ilha do Maranhão.

---

(56) IAUOUROU — oyseau. — *Jaburu* ou melhor *Jabiru.* — Cicônidas. — (*Mycteria mycteria,* Licht.) — De *y* (demonstrativo: o que, aquêle que tem ou está), e *abiru* farto, repleto, inchado, alusão ao grande papo da ave.

(57) YANDOU — oyseau. — *Nhandu.* Reidídeas (*Rhea americana,* Linn.) — De *nhã* corre, *tu* estrepitante; ou alteração de *nhan* de correr, *ub* perna: a corredoura, a que corre muito.

(58) SALIAN — oyseau. — *Seriema,* Microdáctidas (*Microdactylus cristatus,* Linn.) — Marcgrav, por falta da cedilha, traz *Cariama,* como está nos outros naturalistas antigos. — De *çaria* crista, *am* erguida, levantada, em pé; por intercorrência de *Ema* se faz *Seriema,* ou *Sariema,* como também aparece algumas vêzes.

(59) ARAIGNAN — Oyseau. Talvez *Jaçanã,* Párridas (*Parra jacana,* Linn.) — De *y* — *acâ* — *nã,* o que forte grita. Há outras explicações.

(60) OUIRA SAPOUKAI — Poulles communes. — *Guirá-sapucaia,* nome do galo e da galinha domésticos entre os tupis da costa. — De *guirá* ave, *çapucay* canto, grito, clamor; canto de ave, ave que canta, grita, ou clama.

(61) PICASSOU — oyseau. — *Picaçu,* como vem em Gabriel Soares. Colúmbidas (*Columba plumbea,* Vieill.) — Por contração de *pycui,* nome genérico das rôlas, e *açu* grande. — Especifica-se *tinga* branco.

CAPÍTULO XL

Dos peixes que se encontram no Maranhão.

E os ares do Maranhão e regiões circunvizinhas são maravilhosamente povoados de passaros, proporcionalmente não ficam atrás as águas. Nestas existe uma infinidade de peixes, tanto no mar como nos rios, regatos e outras águas doces. E não sendo possível descrever pormenorizadamente as diversas espécies de peixes que aí se encontram, como igualmente impossível se faz contar as estrêlas do céu, limito-me a especificar aqui algumas principais dentre as mais comuns e melhores.

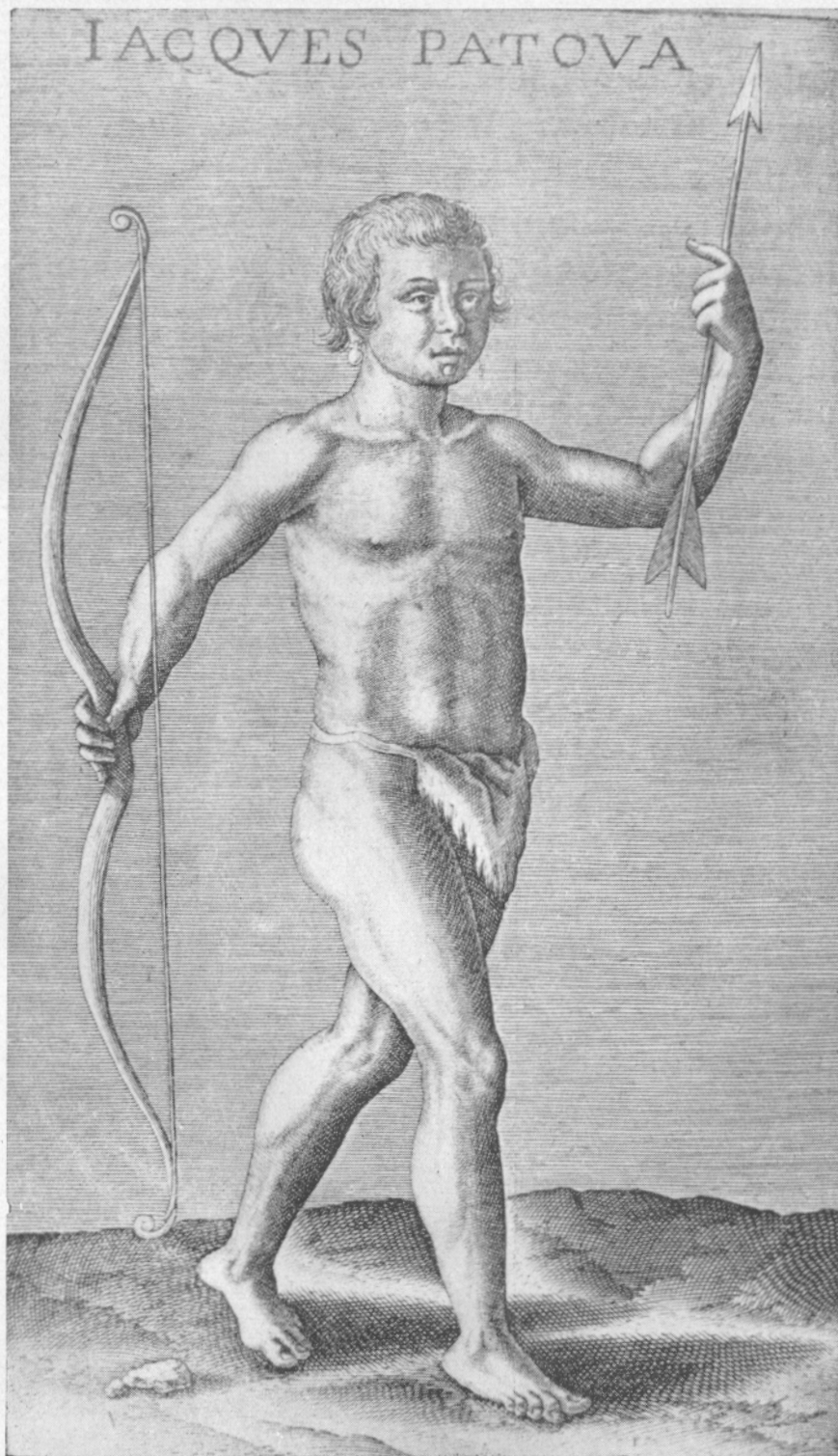
Entre os peixes do mar existe o *uarauá* (1), maior e mais encorpado do que os maiores bois. Tem êsse peixe a cabeça semelhante à do boi, porém sem chifres; não tem pés, mas em lugar dêstes nadadeiras. Os ossos são grandes e a gordura e a carne iguais aos dos melhores bois, embora esta seja um pouco mais branca e menos espêssa. Feita com toucinho é muito saborosa, e para o caldo tão boa quanto a do boi, o que faz com que os franceses lhe dêem o nome de *vaca do mar* (peixe-boi). Alimenta-se de ervas e de fôlhas de *apparituriers* encontradiços à beira-mar. Creio concorrer êsse fato para que sejam tão agradáveis ao paladar.

Há o *pirá-on* (2) com mais de seis pés de comprimento e da grossura de um barril. Tem as escamas do tamanho de um palmo e é de excelente paladar.

---

(1) OUARAOUÁ — poisson. *Guaraguá*, o peixe-boi, cetáceo (*Manatus australis*, Tilesius) — Do freqüentativo *guar-guar* come-come, comilão; ou também, por coincidir com o hábito dêsse cetáceo, de *ygua-ri-guá* morador em enseadas.

(2) PYRA-ON — poisson... qui est long plus de six pieds, et plus gros qu'un baril: il a les escailles toutes noires, grandes comme la main. — *Piraúna*, nome que foi substituído geralmente pelo de *Mero*, peixe do mar (*Epinephelus morio*, Licht.) — De *pirá* peixe, *una* negro.

IACQVES PATOVA

Há o *pirá-pem* (3), também chamado *camurupuí* (4), do mesmo tamanho que o precedente e de proporcional grossura e com escamas grandes como uma moeda de cobre.

Há o *uiri* (5), de três a quatro pés de comprimento e da grossura de uma coxa. Tem a cabeça muito larga e nas costas asas de pé e meio mais ou menos, muito pontudas e cuja picada é perigosíssima. Apesar de ser dos melhores peixes de água salgada, também se encontra nas águas doces. Tem então um cheiro de almíscar.

Há também o *uri-juve* (6), exatamente igual ao precedente, exceto na côr, pois é inteiramente amarelo. Boa comida.

O *uacará* (7) muito parecido com o savel, porém bem maior e mais grosso e com menor número de espinhas, o que o torna mais agradável.

O *uatucupá* (8) é um peixe de escamas, de mais de dois pés de comprimento. Tem a cabeça amarelada e é muito gostoso.

O *curemã-uaçu* (9) em tudo semelhante ao cargo, tem entretanto mais de quatro pés de comprimento e uma grossura proporcional.

Há ainda outras inúmeras espécies de sargos a que chamam *parati* (10). São menores do que os precedentes e iguais aos que temos na Europa, porém mais gordos e bem melhores.

Há o *pirá cuave* (11), parecido com o parati, porém com pé e meio de comprimento.

---

(3) PYRA-PEM — poisson. — *Pirapema*, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.) — De *pirá* peixe, *pema* chato. É o *Camurupi*, do Maranhão para o Sul. (Vide *Camouroupouy*, nota seguinte.)

(4) CAMOUROUPOUY — poisson. — *Camurupi* ou *Camurupim*, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.) — É o *Pirapema* do litoral paraense; Abbéville dá os dois nomes para o mesmo peixe. — Difícil de explicar.

(5) OUYRY — poisson. — *Guiri*, nome comum dos bagres, talvez conexo com *ciri*, por terem êsses peixes a pele lisa, escorregadia.

(6) OURY IOUUE — poisson... qu'il est tout iaune. — *Gurijuba*, peixe do mar, que penetra nos rios por ocasião da desova (*Tachysurus luniscertis*, Cuv. et Val.) Também conhecido pelos nomes de *Bagre-guri* e *Cangatá*. — De *guiri*, nome genérico dos bagres, e *yuba* amarelo.

(7) OUACARA — poisson. (Vide nota 51, pág. 190).

(8) OUÄTOUCOUPA — poisson. — *Guatucupá* (*Otolithus guatucupa*, Cuv.) — Segundo Marcgrav, *Corvina* em português. No *Dicionário Português e Brasiliano*, significa *Pescada* (*Oatocupá*). — De *y* (demonstrativo: o que tem) *atuc* dorso, costas, e *apar* vergado, curvo.

(9) COUREMAN OUÄSSOU — poisson... qui est tout semblable au Mulet. — *Curemã-açu.* — *Curemã* é um dos nomes da Tainha (*Mugil curema*, Cuv. et Val.). — De *quiri* tenro, *bae*, sufixo, exprimindo o que é tenro, ou delicado, de referência à carne do peixe.

(10) PARATY — poisson. — *Parati*, um dos nomes dados à Tainha (*Mugil albula*, Linn). — De *pirá* peixe, *ti* branco.

(11) PYRA COUÄUE — poisson. — *Pirá-coaba*, peixe do mar, quiçá o *Polynemus americanus*, Cuv. et Val. — De *pirá* peixe, *coaba*, particípio de *coáub* conhecer, saber, exprimindo o sabedor, ou o astuto, como traduziu Martius (Glossaria).

Há o *camburi-uaçu* (12), parente próximo do robalo. Tem mais ou menos quatro pés de comprimento e a cabeça parecida com a de um porco. O rabo é amarelo e cheio de escamas pequenas.

O *uvaram* (13) é peixe de escamas, de dois pés de comprimento.

O *jauebuíre* (14) é um peixe chato, parecido com a arraia, porém muito maior. Tem duas braças de comprimento por duas braças de largura e um pé de espessura. Tem uma cauda de braça e meia de comprimento, em cujo centro se encontra uma ponta, em forma de dardo, bem maior do que um dedo, e cujo ferimento é muito perigoso, a ponto de ser necessário não raro cortar a parte ofendida.

O *narinari* (15) é um outro peixe chato também parecido com a arraia. Tem seis pés de comprimento por seis pés de largura. A cauda tem uma braça de comprimento e no centro, como no precedente, uma ponta, porém mais comprida, com cêrca de um pé, e igualmente perigosa. Êsse peixe é todo rajado de branco e prêto.

O *uará* (16) é um peixe chato de mais de dois pés de comprimento por um de largura. É prateado com nadadeiras amareladas.

O *acará-açu* é também um peixe chato de três pés mais ou menos de comprimento e de largura proporcional. É escamoso e escuro.

O *acará-peve* é peixe chato, de pé e meio de comprimento mais ou menos por um pé de largura. No restante, igual ao precedente.

O *acará-puitã* é também peixe chato e muito parecido com o precedente. Rajado de vermelho e branco.

O *acará-pururu*, igualmente chato, é, entretanto, escuro e rajado de amarelo.

O *acará-ju* tem um pé de comprimento. Muito escamoso, tem a cabeça verde, o dorso amarelo e o ventre branco.

O *paru* (17) é também um peixe chato do tamanho do acará-açu e com êle muito parecido, porém escamoso e escuro.

O *aramassa* é peixe chato semelhante ao linguado de nossa região; tem mais de dois pés de comprimento e uma largura proporcional. A

---

(12) CAMBOURY OUÄSSOU — poisson. — *Camuri* ou *Camurim*, peixe do mar (*Oxylabrax undecimalis*, Bl.) — É desconhecido com o qualificativo *guaçu*. No Rio de Janeiro ao *Camurim* chamam Robalo.

(13) OUUARAM — poisson. — *Ubarana*, peixe do mar (*Bagres reticulatus*, Kner.) — Marcgrav traz *Oubarana*. — De *yba* pau, *rana* similhante.

(14) YAÜEBOUYRE — poisson plat assez semblable à la Raye. — Será *Jabebyr*, nome genérico das raias, que se explica por *y-apé-byr* o que tem pele estufada, encaroçada, empolada. — *Jabybyra*, no *Dicionário Português e Brasiliano*, vem como *Raia* peixe.

(15) NARINNARY — poisson plat, assez semblable aussi à la Raye... tout rayé de noir, et de blanc. — *Narinari*, peixe do mar (*Aëtobatus narinari*, Euphrasen). Sob aquela forma ocorre em Marcgrav; *Arinairy* no *Dicionário Português e Brasiliano* vem como *Raia* peixe. No Rio de Janeiro chamam *Raia-pintada*. — Difícil de explicar.

(16) OUARA — poisson. *Guará*, quiçá alterado de *acará*, por *oacará*, o que tem casca ou escamas, o cascudo.

(17) PAROU — poisson. — *Paru*, peixe do mar (*Peprilus paru*, Cuv.) — Difícil de explicar.

sua espessura é de tres dedos. Tem o ventre branco, o dorso negro e é de excelente paladar.

Há uma outra espécie de peixe denominada *arauaua* (18). Tem mais de oito pés de comprimento e uma pele tão dura quanto a do tubarão, de que já falamos. Tem na extremidade do focinho uma espada em forma de serra, de dois a três pés de comprimento e com a qual mata os peixes.

O *panapanã* (19) tem seis pés de comprimento. A pele é muito dura. Parece com o precedente. Na extremidade do focinho tem também uma espada de dois pés de comprimento.

O *pacamão* (20) não tem escamas. É pardo e de dois pés de comprimento, com uma cabeça desproporcionalmente grande. Encontra-se em geral debaixo dos rochedos.

O *caramuru* (21) é muito parecido com a enguia. Tem braça e meia de comprimento e largura proporcional. Encontra-se como o precedente nos buracos das pedras e é muito saboroso. Mas sua mordida é assaz perigosa.

O *tim-mocu-uaçu* (22) é parecidíssimo com a enguia, porém alvo, com duas braças de comprimento e largura proporcional. O focinho é semelhante ao do lúcio e tem um pé de comprimento.

Há ainda o *panianaju* (23), parecido com o precedente, inteiramente branco e do mesmo comprimento. A única diferença está em que o maxilar inferior é muito maior do que o superior.

Entre os peixes de água doce o *puraquê* (24) é digno de menção. É muito mais grosso do que uma coxa e tem mais ou menos quatro pés

---

(18) ARAOUÄOUÄ — poisson. — *Aragoagoay*, em Gabriel Soares; *Aragoagoa*, em Marcgrav. — Peixe do mar (*Pristis antiquorum*, Lath.) — O nome indígena desapareceu: *Peixe serra* é como se chama hoje. — Difícil de explicar.

(19) PANAPANAM — poisson. — Será *Panapaná*, como ocorre em Gabriel Soares. — Na nomenclatura vulgar não se encontra mais êsse nome para designar um peixe.

(20) PACAMO — poisson. — *Pocamão* ou *Pacamão*, peixe d'água doce, Silúridas; a espécie mais vulgar no Norte é a *Lophiosilurus alexandri*, Steind. — Segundo Marcgrav, *Enxaroco* em português. Difícil de explicar.

(21) CARAMOUROU — poisson... assez semblable à l'Anguille. — *Caramuru*, a moreia, peixe do mar da família Muraênidas. Foi o apelido de Diogo Álvares Correia entre os Tupinambás da Bahia; seu neto Belchior Dias Moreia, o famoso descobridor das minas de Itabaiana, trasladou para o português a alcunha avoenga. — A fantasia dos primeiros cronistas traduziu o nome como *dragão saído do mar*, ou *homem de fogo*, com fundamento em lendário episódio a que se atribui o salvamento de Diogo Álvares das mãos dos selvagens, quando por naufrágio deu às costas da Bahia: mas, por êsse fato mesmo, pode-se supor *carai*, o branco, o europeu, e *muru* molhado, o náufrago, como alvitra Sampaio.

(22) TINMOCOU OUÄSSOU — poisson. — *Timuçu*, peixe do mar (*Tylosurus timucu*, Walb.). Em Marcgrav *Timbucu*, que os portuguêses chamavam *Peixe-agulha*. — De *ti* nariz, bico, focinho e *mucu*, *bucu* ou *pucu* comprido, longo. — Com o qualificativo *guaçu* não é usado.

(23) PANYANÄIOU — poisson. — Talvez *Panianaju*, difícil de identificar, pois não se encontra na nomenclatura.

(24) POURAKÉ — poisson. — *Poroquê*, *Poraqüê* ou *Puraquê*, o peixe elétrico (*Gymnotus electricus*, Linn.) — De *po* mão, e *roké* faz dormir, entorpece, conforme Batista Caetano.

de comprimento. Encanta pela variedade de suas côres, pintado como é de vermelho, azul, verde e branco. Não faz caso de espadeiradas e nem sequer se mexe ao receber um golpe; sua carne muito mole cede a qualquer pressão sem se deixar penetrar. Entretanto, se ao ser atacado se mexe, provoca violento choque no atacante, choque que, além de dolorosíssimo, joga o indivíduo cinco passos para trás e a sua espada longe. Foi o que ocorreu a um fidalgo de nossa companhia que assim o verificou à sua custa.

O *curimata* (25) é uma espécie de peixe semelhante à carpa, porém mais comprido e largo, pois tem mais de quatro pés de tamanho. É um dos melhores peixes que se possam comer.

O *suruvi* (26), da grossura de uma coxa e de um comprimento proporcional, tem a cabeça muito grande e é escamoso como a carpa.

O *iaconda* (27) tem três pés de comprimento e é escamoso. Todo rajado de amarelo, vermelho e branco.

O *acará* (28), de um pé de comprimento por um pé de largura, é escamoso e rajado de vermelho na cabeça, a qual tem a forma de um lírio.

O *manduvel* (29) tem um pé de comprimento e é avermelhado.

O *pirain* (30) tem um pé de comprimento por meio de largura. Tem escamas, amarelas e vermelhas, possui dentes cortantes como tesouras. Daí o nome que lhes dão os índios e que tem essa significação.

O *opeã* (31) é igual ao pirain. Tem dentes cortantes como êste e o corpo inteiramente rajado de vermelho.

O *tareíre* (32) parece com o parati. É, porém, muito mais espinhoso e tem os dentes também muito cortantes.

---

(25) COURIMATA — poisson. — *Corumbatá* ou *Cumumatá*, peixe d'água doce, do gênero Proquílodus. — De *quiri-mbatá*, significando talvez muito tenro, ou muito vermelho, como convém ao peixe salmão.

(26) SOUROUUY — poisson. — *Surubi* ou *Surubim*, nome que designa duas espécies de peixe d'água doce, pertencentes ao gênero Pseudoplatistoma. — De *çurúbi* pele lisa, ou de escorregar, conforme Batista Caetano. Aliás *surubi* inclui a idéia de pintado, ou salpicado de pintas: *bói surubi;* mas neste sentido nada vem nos dicionários.

(27) YACONDA — poisson. — *Iacundá*, nome comum a diversos peixes do gênero Crenicichla. — De *ya-cunda* o que é torto, retorcido, ou revirado.

(28) ACARA — poisson. — *Acará* ou *Cará*, peixe fluvial (*Cichlidas*), que especificam: *açu* grande, *peba* chato, *pitanga* de côr vermelha, *juba* de côr amarela, *pururu* roncador? — De *acará* escamoso, cascudo, que tal é a feição do peixe.

(29) MENDOUUEL — poisson. — *Mandubé*, peixe do mar (*Hypophthalmos edentatus*, Spix). Difícil de explicar; talvez se relacione com *mandi*, nome dado aos bagres.

(30) PYRAIN — poisson. — *Piranha* (Pygocentrus). — De *pirá* peixe, *âi* corta (Vide *Pirain*, nota 8, pág. 225).

(31) OPEAN — poisson... la peau toute rayée de rouge. — Talvez *Piau*, peixe d'água doce, que pertence ao gênero Leporinus. — De *pi* pele, *au* manchada, ou suja.

(32) TAREHURE — poisson. — *Traíra*, peixe d'água doce (*Erythrinus tareira*, Cuv.). *Tareíra*, em Gabriel Soares; *Taraíra*, em Marcgrav. — De *ta-reyi* arranca pêlo, segundo Batista Caetano.

O *jeju* (33) é semelhante ao *tareíre,* salvo na cabeça que é azul e mais redonda. Tem também menos espinhas. A cauda é amarela e o corpo vermelho.

O *tamoatá* (34) é um peixinho de meio pé de comprimento e cheio de escamas em forma de ganteletes ou braçadeiras de ferro. A carne, muito amarelada, é de bom paladar.

O *pirá-pinim* (35) tem mais ou menos dois pés de comprimento. É inteiramente branco, à exceção da cabeça, que é furta-côr e da cauda que é tôda vermelha.

O *pirá-cotiare* (36), muito parecido com a pescada, é porém escamoso e rajado de cinza e branco.

O *piiave-uaçu* (37), parecido com o peixe-rei, é maior, porém; tem a cauda vermelha e é mais saboroso.

O *sarapó* (38) é semelhante às lampreias, mas um pouco mais grosso e tem o focinho mais comprido.

O *muçu* (39) lembra a enguia e tem quatro pés de comprimento.

Há também muitas qualidades de *uegnomoin* (40), maiores do que dois punhos juntos e proporcionalmente grossos. São quase inteiramente azuis e têm as pinças das patas da frente do tamanho de um punho. Moram nos buracos que fazem no chão ou ao pé das árvores, donde são tirados com dificuldade. Saborosos.

Outros, chamados *uçá* (41), são do mesmo tamanho, mas têm as patas peludas e vermelhas. Encontram-se nas raízes dos *apparituriers* de beira-mar.

---

(33) IEIOU — poisson. — *Jiju* ou *Geju,* peixe de mar (*Erythrinus unitaeniatus,* Spix). — Difícil de explicar.

(34) TAMOATA — poisson. — *Tamoatá,* nome comum aos peixes do gênero Callichthys. — Explica-se vàriamente; preferível, como o nome também ocorre sob a forma *camboatá,* por *caábo o-atá* o que anda pelo mato, porque êsses peixes, dotados de fachos papilosos ricamente vasculares, que lhes servem para a respiração, podem perambular livremente por terra, quando pretendem mudar de águas.

(35) PYRA-PYNIM — poisson... il est tout blanc sauf la teste qui est bigarrée, et la queuë toute rouge. — Será *Pirapinima,* peixe pontuado, salpicado de pontos ou pintas. — O nome não mais ocorre na sinonímia vulgar.

(36) PYRA COTIARE — poisson... tout rayé de gris et de blanc. — Será *Piracuatiara* peixe riscado, listado, que a nomenclatura moderna desconhece.

(37) PYIAUE OUÄSSOU — poisson. — *Piaba-açu* peixe d'água doce, do gênero Leporinus. — De *piá-bae* o que é manchado ou pintado.

(38) SARAPO — poisson. — *Sarapó,* peixe d'água doce (*Sternopygus carapo,* Linn.). — Segundo Sampaio, de *cara-pó* desprende mão, ou o que escapa ou escorrega da mão.

(39) MOUSSOU — poisson... assez semblable à Languille. — *Muçu* ou *muçum,* espécie de enguia (*Symbranchus marmoratus,* Bl.) — Explicado por Sampaio como corruptela de *mo-cy* faz que deslize, o escorregadio, o resvaloso.

(40) OUÉGNOMOIN — cancre. — *Guaiamu,* o crustáceo braquiúro (*Cardisoma gunhumã,* Latr.). — De *qua-i* de furados (covas), *bur* emerge; ou de *guaiá-m-u* caranguejo prêto, ou azulado. Preferível êste último étimo, porque se trata da grande espécie de côr azul.

(41) OUSSA — cancre. — *Uçá,* ou caranguejo legítimo; crustáceo braquiúro (*Oedipleura cordata,* Latr.). — De *ub* perna, *eçá* olhos: olhos de pernas, ou podoftalmos, como traduziu Batista Caetano.

O *ujá-uaçu* (42), caranguejos de mais de um pé, se encontra nas pedras entre as ostras.

O *aratu* (43), um pouco menor do que o precedente, é rajado de amarelo e azul. É encontrado no mar.

Os *siris* (44) também se encontram no mar. Há azuis e brancos.

Há o *auará-uçu* (45), caranguejo branco maior do que um punho. Gostam do âmbar cinzento, porisso quando êste se encontra à beira-mar, a descoberto, ou mesmo escondido nas areias, os auará-uçús fazem círculo em tôrno dessa substância e carregam quanto podem para os buracos em que habitam e onde a vão buscar os que a conhecem.

Há ainda outros caranguejos denominados *urarup* (46). São maiores do que o punho e habitam sòmente na água doce, onde servem de alimento aos *uçapeves* (47).

Há também uma espécie de animais a que dão o nome de *capivaras* (48). Parecem-se com o lôbo marinho. Têm a cauda muito pequena e se encontram sòmente perto dos rios e regatos.

Há crocodilos a que chamam *jacarés* (49), do tamanho de um homem, muito perigosos, pois são armados de escamas duríssimas e possuem dentes compridos e cortantes.

O *senemboí* (50), lagartos da grossura de uma perna, é muito parecido com os jacarés. Não mordem, porém. São verdes e saborosos ao paladar.

O *teju-uaçu* (51) é também lagarto semelhante ao precedente, porém rajado de azul. Também muito bons de paladar.

---

(42) OUIA OUÄSSOU — cancre. — *Guajá-açu*, espécie grande dos mangues.

(43) ARATOU — cancre. — *Aratu*, crustáceo braquiúro (*Grapsus cruentatus*, Latr.) — De *ara-tu* tomba de cima, cai do alto, do costume dêsse crustáceo de trepar no tronco das árvores, à medida que sobe a maré, e deixar-se cair de cima, dentro d'água, à primeira ameaça de perigo. (Cf. Teodoro Sampaio — *Denominações geográficas indígenas em tôrno da Baía de Todos os Santos*, in Anais do 5.º Congresso de Geografia, vol. II, ps. 148. — Pode ser também alteração de *guaiá* caranguejo, *tu* estrepitante, aludindo ao rumor que fazem.

(44) SIRY — cancre. — *Seri* ou *Siri*, nome genérico dos crustáceos braquiúros da família Portúnidas. — De *ci-ri* liso fluir: deslizar, afastar-se, andar para trás.

(45) AOUÄRA OUSSA — cancre. — *Grauçá*, caranguejo branco das praias. — De *quara* buraco, cova, e *uçá* caranguejo: caranguejo de buraco ou cova.

(46) OURAROUP — cancre. — Será *Uraruba*, nome tão difícil de interpretar como de identificar.

(47) OUSSAPEUE — cancre — *Uçá-peba*, o uçá chato, caranguejo desconhecido.

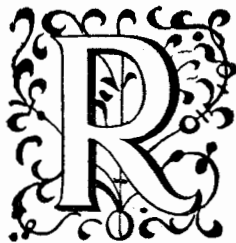
(48) CAPYYUARE — espece d'animaux... assez semblables aux Loups Marins ayant la queuë fort petit, lesquels ne se trouve aussi qu'és fleuves et rivieres. — *Capivara*, roedor (*Hydrochoerus capybara*, Erxl.) — De *capii* capim, erva, *guara*, particípio do verbo *u* comer: o que come capim, o herbívoro.

(49) YACARÉ — crocodille. — *Jacaré*, nome dos Emidosáurios, que no Brasil pertencem ao gênero Caiman. — De *y-echá-caré* o que olha torto, ou de banda, conforme Sampaio.

(50) SENENBOY — lezard. — *Senembi*, o lacertílio (*Iguana tuberculata*, Laur.) em algumas partes do Brasil chamado impròpriamente *Camaleão*. — Ocorre em Marcgrav *Senemby*. — De *cér* amigo de, *nhemby* soprar, ser soprado, o papa-vento, que é também um de seus nomes vulgares.

(51) TEIOU OUÄSSOU — lezard. — *Tejuaçu*, lacertílio (*Tupinambis teguixin*, Linn.) — De *tey* da tropa, da gentalha, *u* comida; *açu* grande.

CAPÍTULO XLI

Animais terrestres do Maranhão.

ESTA, agora, tratar dos animais terrestres da Ilha do Maranhão e circunvizinhanças. Correm uns e arrastam-se outros. São quase todos selvagens.

Há corças e veados assaz semelhantes aos nossos e que se denominam *Suaçu-apar* (1). Os cabritos monteses, aí chamados *suaçu* (2), são numerosos.

O *taiaçu* (3) é uma espécie de javali, diferente do nosso entretanto, pois é menor e tem um buraco no dorso por onde exala um cheiro fétido. Há muitos e andam em bandos.

O *taiaçu-etê* (4) é parecido com o precedente, mas muito maior do que o nosso javali.

Existem também numerosos porco-espinhos, do tamanho de nossos javalis, e a que dão o nome de *Coandu* (5). Possuem espinhos e aguilhões de um pé de comprimento, largura proporcional e ponteagudos. Êsses espinhos, aliás de tamanho variável, são manchados de branco e prêto.

O *tamanduá* (6) é do tamanho de um cavalo. Tem a cabeça parecida com a do porco, orelhas de cão, focinho de um pé de comprimento

---

(1) SOUÄSSOU APAR — Cerf. — *Suaçu-apára*, o veado galheiro (*Blastocerus paludosus*, Desm.) — De *çoó-açu*, o veado, e *apar* vergado, curvo, de referência à armação.

(2) SOUÄSSOU — Cerf, Chevreul. — *Suaçu*, nome com que designavam o veado, também aplicado à cabra e carneiro com algum qualificativo. — De *çoó* animal, em geral, a caça, e *açu* grande; o veado, que era a caça por excelência.

(3) TAYÄSSOU — sanglier. — *Taiaçu*, ou *Caitetu*, o ungulado (*Dicotyles torquatus*, Cuv.) De *tai* dente, *açu* grande, ou grosso.

(4) TAYÄSSOU-ÉTÉ — sanglier. — *Taiaçu-etê*, o ungulado (*Dicotyles labiatus*, Cuv.) — De *taiaçu*, quod vide, e *eté* verdadeiro, legítimo.

(5) COENDOU — Porc-Espi... comme nos Sangliers & ont leurs Espi & aiguillons longs pour le moins d'un pieds, les uns plus grands, les autres plus petits, marquetez de blanc et de noir, estans gros à proportion et merveilleusement pointus. — *Cuandu*, o roedor (*Cercolabes prehensibis*, Linn.) — Difícil de explicar; conforme Batista Caetano, pode reportar-se a *guandu*, sendo *guâ* recíproco de *hâ* pêlo, e *tu*, quer radical de *mbotu*, quer alterado de *ti* branco.

(6) TAMANDOUÄ — espece d'animal. — *Tamanduá*, nome dos desdentados da família Mirmecofágidas, de que se conhecem no Brasil três espécies. — De *tá*,

mais ou menos, e língua muito longa e estreita. O pêlo do corpo se assemelha ao do cavalo, embora seja mais grosso; e com a dêsse mesmo animal se parece a cauda basta. Os seus pés são bifendidos como os do boi. Tem êsse animal a astúcia de colocar a língua nos formigueiros para atrair as formigas e comê-las. Embora seja comestível e o comam os índios velhos, recusam-se os moços a fazer o mesmo, alegando que, se comessem a carne dêsse animal que se alimenta de formigas, ficariam débeis e sem coragem na guerra.

Existem *tapiire-etês,* vacas bravas, ou selvagens, muito parecidas com as nossas, porém com orelhas mais compridas e a cauda e as pernas mais curtas. Seus dentes são mais pontudos e não possuem chifres. Dentro delas encontra-se comumente pedra-bazar.

Há muitas espécies de *tatus.* O *tatu-açu* é grande como um carneiro, porém mais comprido e redondo. Tem a cabeça e os pés semelhantes aos do porco, orelhas de lebre, rabo de dois pés de comprimento, escamas grossas, pretas e brancas e sobrepostas à maneira de couraça. O ventre, porém, é liso e sem escamas. O *tatuí-açu* é parecido com o precedente e do mesmo tamanho. Já o *tatu-etê* é do tamanho de uma raposa e tem escamas menos duras, porém mais manchadas. E' mais saboroso também. O *tatu-pep* só se diferencia do *tatu-etê* pela sua carne menos delicada. O *tatu-apar* é igual ao *tatu-etê;* tem, porém, escamas mais duras e flexíveis, de modo que se curva ou se fecha como uma bola à maneira de um ouriço. E' também excelente manjar, como os demais. O *tatu-uainchum* é menor do que os precedentes. O *tatu-mirim,* entretanto, é o menor de todos. Tem apenas um pé de comprimento e encontra-se em geral nos campos, ao passo que os outros vivem nas matas e nas capoeiras.

O *coati* (8) assemelha-se à nossa raposa, exceto quanto à cauda que é mais fina. E' um bom manjar.

Encontram-se outros animais chamados *pacas,* um pouco maiores do que o precedente e muito roliços. Têm a cabeça grossa e curta, as orelhas pequenas, a cauda não mais comprida do que o dedo mínimo. A pele é bonita; o pêlo curto é manchado de branco e prêto.

O *aguti* é muito parecido com um leitãozinho, salvo quanto à cabeça que se assemelha à de um rato. A cauda tem o tamanho da metade de um dedo; o pêlo é liso e avermelhado.

Existem também os *tapiti* (9), muito parecidos com as lebres e coelhos. Há outros que se assemelham bastante aos *tapiti.* Uns cha-

---

contração de *taci* formiga, e *moñduar* caça. Batista Caetano acha difícil admitir a contração de *taci* em *tá,* tanto mais quanto diretamente se tem *taciguara* comedor de formigas, e aventa a possibilidade de *tama* de pelos, e *uguai* cauda, fácil de mudar em *nduai.* Sampaio diz que *tã* é radical de muitos nomes designando insetos, formigas, etc.

(7) TAPYYRE-ÉTÉ — Vaches braves ou Vaches sauvages. — *Tapira-etê* a anta (*Tapirus americanus,* Briss.) — O nome é suceptível de várias explicações, mas nenhuma satisfatória; o sufixo *etê* verdadeiro, legítimo, serve para diferençar aquêle angulado dos bovinos, que os tupis só conheceram depois do contacto europeu.

(8) COUÄTY — espece d'animal. — *Quati,* carniceiro (*Nasua narica,* Linn). — De *áqua* ponta, *ti* nariz: Nariz de ponta ou pontudo.

(9) TAPITY — espece d'animal. — *Tapeti,* o coelho silvestre, roedor (*Lepus brasiliensis,* Briss.). Sem explicação.

mam-se *ponaré* (10); têm uma cauda de meio pé de comprimento mais ou menos. Outros não têm cauda e são chamados *amocó* (11) e *sauiá* (12).

Quanto aos animais ferozes, existem entre outros os *januare* (13), espécie de onça do tamanho de um buldogue inglês, com pele muito bonita, tôda pintada. São muito ferozes e extremamente temidos pelos índios.

O *suaçuarã* (14) é uma espécie de leopardo de pele malhada, do tamanho do precedente. E' também animal muito feroz.

Existe uma espécie de gatos selvagens a que os índios chamam *margaiá* (15). Sua pele é também muito bonita e malhada em todo o corpo.

Existe ainda um animal monstruoso, de cabeça redonda, semelhante à do homem, de pelos pardos e grossos; tem quatro pernas de que se serve sòmente para trepar nas árvores; e três unhas em cada pé, de um dedo cada uma de comprimento; são prêsas umas às outras e delas se valem para subir; e quando pegam alguma coisa é difícil tirar-lha. No chão, arrastam-se sôbre o ventre e enchem-se de terra; na árvore, só descem quando comem tôdas as fôlhas. Então recomeçam a comer terra até subirem em outra árvore para devorar as fôlhas. Tanto quando se arrastam pelo chão, como quando trepam nas árvores, fazem movimentos tão lentos que os chamam de *preguiças*. Há preguiças de duas espécies: umas são mais ou menos do tamanho das lebres e se chamam *unau* (16); as outras são duas vêzes maiores e se denominam *unau-açu* (17); são muito mais horríveis ainda.

---

(10) PONNARÉ — espece d'animal. — *Punaré*, rato silvestre, dotado de grande cauda peluda e amarelada. — Difícil de explicar.

(11) AMOCO — espece d'animal. — *Mocó*, roedor (*Kerodon rupestris*, Wied). — De *mo-coó* bicho que rói, animal roedor, conforme Sampaio.

(12) SAUIA — espece d'animal. — *Sauiá*, roedor (*Mesomys ecaudatus*, Wagner). — Em Gabriel Soares *saviá*.

(13) IANOUÄRE — espece d'Once; (pág. 202) Chien. — *Jaguar*, nome genérico dos Félidas americanos, o *Felis onça*, Linn., aplicado também ao cão após a conquista, porque o cão é espécie estranha à Fauna do Novo Mundo. — Segundo Buffon, o nome na língua brasílica seria *janouara;* mas esta grafia é puramente francesa, só usada por escritores dessa língua. — Gabriel Soares traz *jaguareté* e *jaguaruçu;* Piso e Marcgrav descrevem o *jaguara.* — De *y* (demonstrativo: o que, aquêle que), *a* gente, *guara,* particípio de *u* comer: o que gente come. — No quêchua *yaguar* significa sangue.

(14) SOUÄSSOUÄRAN — espece de Leopard. — *Suçuarana* ou *Suaçurana*, o felino (*Felis concolor*, Linn.) — Ds *çoó-açu* caça grande, o veado, e *rana* similhante, parecido.

(15) MARGAIA — espece de Chat sauvage. — *Maracajá*, carniceiro (*Felis pardalis*, Linn.) — Difícil de explicar; não satisfazem os étimos propostos, em que aparece o tema *mbaracá* instrumento músico, sem outras relações com o nome do Félida que não sejam as da eufonia.

(16) VNAÜ — animal fort monstrueux... animal de peresse. — *Unau*, Bradípodas, (*Choloepus didactylus*, Linn.) — Em Marcgrav *Vnau.* — Parece onomatopaico. — E' nome em desuso na nomenclatura zoológica brasileira, onde foi substituído por *Aí.*

(17) VNAÜ OUÄSSOU — animal monstrueux. — *Unau açu* (Vide *Vnaü*) Com o qualificativo *açu* grande, não se conhece nenhum Bradípoda na nomenclatura zoológica vulgar.

Há também muitas espécies de macacos e de monos. Chamam-se *uarive* (18); são pretos e grandes como os maiores cães. Gritam tão alto que se pode ouvi-los à distância de uma légua. Outros chamam-se *cai-açu* (19). São os que costumam trazer para a Europa e aqui são vistos. Os *cai-on* são completamente pretos: têm uma barba comprida de mais de quatro dedos e até de meio pé. São muito bonitos e agradáveis à vista. Denominam-se outros *cai-mirim* ou *sapaju* (20); têm o pêlo amarelado misturado de outras côres; são muito bonitos. Outros ainda chamam-se *tamari* (21). São pequeníssimos e também de diversas côres. Há ainda os *mariquinas* (22), alguns muito grandes e outros pequenos. Têm a cabeça em forma de coração e o pêlo de um cinza prateado. Os *juparas* (23) são rajados de branco e de outras côres. Outros denominados *sagüis* (24) têm um pêlo cinzento prateado; são os menores e os mais lindos de todos.

Também se encontram cães domésticos a que dão o nome de *januare* e que se parecem com os galgos de nossa terra; são, porém, menores e tão adestrados à caça, principalmente dos agutis, que, pressentindo-as em seus covis, não cessam de latir até que a caça seja apanhada.

Entre os animais rasteiros há o *bói-etê* (25), mais grosso do que a perna e duas braças mais ou menos de comprimento. Não tem pés e sua pele é lisa e manchada de diversas côres, o que o torna agradável à vista. Essa serpente tem sòmente quatro dentes, porém muito cortantes, e na língua dois aguilhões finos como pontas de lancetas com os quais fere maravilhosamente; assim também pratica com a cauda e sua picada é muito perigosa e mortal. Tem na ponta desta cauda um pequeno chocalho, ou melhor, uma pequena bexiga, que faz barulho como se estivesse cheia de ervilhas. E parece que Deus e a natureza

---

(18) OUÄRIUE — sortes de Monnes et Guenons... elles crient si haut qu'on les peut entendre environ d'une lieuë. — *Guariba*, nome de uma casta de símios (*Mycetes*). — Susceptível de diversas explicações, entre as quais, por acorde com o hábito do animal, que o texto assinala, e o nome genérico que a ciência lhe deu, pode ser admtida a que Batista Caetano sugere: de *guahur-yb* chefe dos cantores ou berradores.

(19) CAY — espece de monne. — *Caí*, nome genérico dos pequenos Cébidas, que especificam: *açu* grande, *mirim* pequeno, *una* negro; (pág. 248) constellation de plusieurs Estoilles disposées au Ciel en façon d'une Monne ou d'un Guenon. — De *cai* envergonhado ou vergonhoso, acanhado, medroso.

(20) SAPAIOU — Monne... d'un poil iaunastre meslé de diverses couleurs. — *Sapaju*, macaco pequeno (*Cebus flavus*, Linn.) — De *çai* (um dos nomes dos Cébidas, que explicam por *eça-í* olhos pequenos), *pá* todo, *yub* amarelo.

(21) TAMARY — espece de monne. — Nome que não se encontra na nomenclatura zoológica, por isso mesmo impossível de identificar, como de explicar.

(22) MIRIKINA — espece de monne. — *Miriquina*, símio (*Nyctipithecus trivirgatus*, Spix). — De *myraqui* gente suja, imunda) donde *Muriqui* ou *Burigui*, nome de outra espécie de símios), e *nã* parecido, similhante.

(23) IOUPARA — espece de monne... rayées de blanc sur autres diverses couleurs. — *Jupará*, ursídeo (*Cercoleptes caudivolvulus*, Pallas). Talvez de *çoó* animal, *pará* variegado, de diversas côres, como o texto indica.

(24) SAGOUY — sorte de Monnes. — *Sagüi* ou *Sagüim*, pequeno símio da família Hapálidas, que compreende os gêneros Midas e Callithrix. — De *eçá* olhos, *coi* que mechem, vivos, buliçosos.

(25) BOY-ÉTÉ — serpent. — *Mbói-etê* cobra verdadeira, legítima.

lhe deram êsse chocalho para avisar o homem de que deve precaver-se contra tão perigosa cobra. Na realidade, quando os índios ouvem o sussurro dêsse chocalho ou bexigas logo se previnem para matar o animal.

A *jubói* (26) assemelha-se à nossa cobra; é, porém, muito mais grossa do que a perna. Tem a pele escura no dorso e vermelha e branca no ventre. E' um animal muito venenoso e porisso não o comem os índios que também não comem a precedente.

A *tará-güi-bói* (27) é uma espécie de lagarto. Não tem pés e é da grossura de um braço, com uma braça de comprimento. A pele é mesclada de vermelho, branco e prêto. E' animal também muito perigoso que não se presta para comer.

O *tare-i-bói* (28) é também uma serpente de uma braça de comprimento e da grossura de uma perna. A pele é mesclada admiràvelmente de branco e verde vivo. Os índios temem-na bastante, embora seja comestível, e a comam de quando em quando.

Há também nesse país sapos enormes a que chamam *cururu* (29). Alguns têm de um pé até pé e meio de diâmetro. Sua carne é incrìvelmente branca e de bom paladar. Vi muitos fidalgos franceses comerem-na com grande apetite.

---

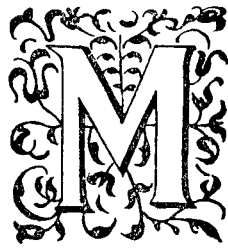
(26) IOUBOY — couleuvre. — *Jibóia*, nome comum às Bóidas, em especial a *Boa constrictor*, Linn. — Étimo incerto.

(27) TARA-GOUY-BOY — espece de Lesard. — Talvez *Taragui-bói;* mas, de conformidade com a descrição do texto, será *Taragüira*, nome de um Iguânidas (*Tropidurus torquatus*, Wied). — O vocábulo *Taragüira*, que nos dicionários tupis significa lagartixa em geral, é difícil de explicar; para Batista Caetano talvez se possa reportar a *tab-ri-coi* que mora na aldeia.

(28) TAREHUBOY — espece de serpent. — Talvez *Traíra-bói.* — Martius (*Glossaria*) menciona, *Tarauyra-boya*, e indaga: *Anguilae sp.?* (Vide *Tarehure;* nome de um peixe, nota 32, pág. 196); *mbói* cobra.

(29) COUROUROU — crapeau. — *Cururu*, o batráquio, nome por que se conhecem duas espécies: *Ceratophris dorsatus*, Neuw. (Brasil Oriental), e *Pipa cururu*, Spix (Amazonas). — Alguns dão como onamatopaico, Batista Caetano traz *curu-rub* que tem ou faz sarna, pela crença de que o simples passar do sapo pelo corpo, e até só pela roupa produz erupção cutânea.

CAPÍTULO XLII

Dos animais imperfeitos do Maranhão.

UITAS pessoas ouviram falar na existência no Maranhão de animais que, embora pequenos, incomodam o homem. E muito se admiram do fato. Mas é pura verdade. Devem elas saber que em qualquer país onde existam animais perfeitos também os há imperfeitos, a que alguns denominam *insecta* e outros *anulosa* ou *annulata* e outros ainda, com Aristóteles e Plínio, Εγνομα. São pequenos animais sem sangue ou sem membros distintos, apenas alguns têm cabeça e ventre ou simplesmente um centro que serve de peito e dorso; têm uns a pele golpeada; outros a têm enrugada ou ainda anelada ou feita de rodelas.

Existem muitos em França mesmo. Uns, possuïdores de asas, voam como as borboletas, as môscas, as abelhas, as vespas, os mosquitos, os besouros e caracóis. Outros, possuïdores de pés, correm ou rastejam, como o gafanhoto ou saltarelo, a pulga, a lagarta, a aranha, a lacraia, o escorpião e a víbora. Outros participam dos dois tipos, como as formigas; outros ainda não têm asas nem pés como os vermes, as lêndeas em crescimento. Vivem uns nas matas e outros no corpo do homem como o oução e outros vermes.

O Maranhão não está, tampouco, isento de tais insetos. Aí se encontram borboletas, a que os índios chamam *panã-panã* (1), de asas enormes, muito largas, de um azul extremamente vivo e que adere aos dedos de quem as agarra.

Existem as môscas que os índios denominam *meru* ou *beru* (2); são de diversas espécies, porém tôdas diferentes das nossas.

Os *eíre-uve* (3) são abelhas ou môscas de mel, menores do que as nossas, pretas e perigosas. Fazem o mel nas concavidades das árvores,

---

(1) PANAN-PANAM — Papillon. — *Paná-paná,* nome genérico do tupi para a borboleta. — Freqüentativo de *pan* bater: bate-bate.

(2) MEROU ou BEROU — mouche. — *Mberu* môsca, de *mbir* pele, *u* comer, picar, pungir, chupar.

(3) EYRE-OUUE — abeille. Será *ira-uba* pai das abelhas, ou pai do mel, a abelha mestra.

onde os tupinambás o vão buscar, pois é excelente. Chamam-no em sua língua *eíre* (4).

A *motuca* (5) é também uma espécie de môsca muito grande e bonita.

Marigüi ou *maringüim* (6) são mosquitos apenas maiores do que uma cabeça de alfinête. Sua picada é dolorosa e provoca violenta comichão a ponto de tornar-se difícil não coçar a parte mordida. Vivem geralmente nos *Apparituriers* de beira-mar.

A *ietingue* (7) é também uma espécie de môsca maior do que a marigüi.

A *jation* (8) é uma môsca de focinho comprido muito semelhante à de França a que chamamos *cousins*. Faz gotejar o sangue no lugar da picada; encontra-se geralmente à margem dos rios, e é mais comum na estação das chuvas.

A *meru-ubuí* (9) é môsca verde parecida com as cantáridas que temos em França.

A *içá-etê* (10) é formiga do tamanho de uma falange do dedo mínimo. Têm asas e voam aos bandos. Os índios as recolhem, deitam-nas em cabaças e fritam-nas para comer, afirmando que é um excelente manjar.

---

(4) EYRE — miel dans les creux des arbres. — *Eíra*, ou *ira*, que também significa abelha. — De *é-ir* doce sai, ou doce desfaz-se, conforme Batista Caetano. No tupi é mais vulgar a forma *ira*.

(5) MOUTOUC — espece de Mouches fort grosses et belles à voir. — *Mutuca*, díptero Tabânidas. A espécie mais freqüente no Norte (Pará, Maranhão e Norte de Goiás) e a *Tubanus importunus*, Wied. — Gerúndio *mbotug* furar, a que fura ou aguilhoa, a perfurante.

(6) MARIGOUY — moucheron. — E' o pequeno díptero hematófago do gênero Ceratopogon. — *Maruim*. — Em Gabriel Soares, *margui; marigui* em Marcgrav. — Littré regista *maringouin*, que os entomologistas franceses usam desde Macquart (*Histoire naturelle des insectes — Suites à Buffon* — Paris, 1834); mas desconhece a origem, que não pode ser outra senão a do nosso *maruim*, de *mberu* môsca, *i* pequena.

(7) YETINGUE — espece de moucheron. — *Nhitinga*, em Gabriel Soares, que os descreve como "muito pequenos e da feição das môscas; os quais não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Êstes são amigos das chagas, e chupam-lhe a peçonha que têm; e se se vão pôr em qualquer coçadura de pessoa sã, deixando-lhe a peçonha nela, do que se vêem muitas pessoas encher de boubas. Êstes mosquitos seguem sempre em bandos as índias quando andam sujas do seu costume". — Marcgrav traz *ietinga*. — Difícil de explicar.

(8) IATION — espece de mouche. — *Jatium* ou *Inhatium* (Culex). — Marcgrav menciona *Nhatiú* ou *Yatium*, mosquito pernilongo em português. — De *y* (demonstrativo: o que), *a* da gente, *té* o corpo, *u* comer. Êste verbo inclui as acepções de picar, pungir, etc. — No Rio Grande do Sul, perto de São Gabriel, existe um banhado com êste nome.

(9) MEROU OUBOUYH — sont Mouches toutes verts. — *Merobi*, a varejeira. — De *mberu* môsca, *obi* verde. Marcgrav traz *Mberuobi;* Martius define — musca viridis splendens.

(10) VSSA-ÉTÉ — fourmis gros comme la bout du petit doigt qui ont des aisles et volent par troupes. — *Içá* é a fêmea da *Saúba* ou *Saúva*, formigas da família Átidas (*Atta cephalotes*, Mayr). — Em certa época do ano, as *içás* virgens saem dos formigueiros, aos bandos, a voar, para a cópula com os machos. — Com o qualificativo *etê* não se conhece mais.

A *arará* (11) é formiga que voa como a precedente e em tudo se assemelha a esta, mas é amarelada. Também excelentes de comer.

A *içá-uve* (12), formiga comum, vive em grandes montes de terra que elas edificam; aí se encontra, ao que dizem, uma espécie de cochonilha.

A *canguei* (13), grande formiga preta do tamanho da metade do dedo mínimo; sua picada é tão dolorosa que nem mesmo a dor causada por uma agulha na carne se lhe pode comparar; é porém passageira essa dor.

A *tassive* (14) é uma formiga minúscula, avermelhada, cuja picada também é dolorosa, provocando uma coceira insuportável.

Essas formigas, e outras que lá se encontram, em sua maioria comem as sementes plantadas, o que as impede de germinar.

Há ainda uma espécie de verme pequeno a que os índios chamam *ton* (15), que é gerado e alimentado no pó da terra. E' apenas do tamanho das pequenas pulgas, a que se assemelha, sendo porém mais redondo. Como a pulga, pula quando se procura pegá-lo. Êsses pequenos animais perseguem fantàsticamente as criaturas, entrando-lhes pelos pés e as mãos, principalmente nas pontas dos dedos e debaixo das unhas, onde provocam um comichão semelhante ao causado pelo oução. Se não é tirado quando pressentido, incontinente atravessa a pele até chegar à carne viva, onde se instala, se alimenta de carne e pele, ficando em menos de três a quatro dias do tamanho de uma ervilha, ou melhor, de uma pérola média, pois é da mesma côr. Quando cria barriga, deita uma enorme quantidade de lêndeas no lugar em que se encontra. Afora o prurido, não creio que seja muito prejudicial; entretanto, parece-me que não sendo retirado pode vir a causar outros incômodos. Conheci pessoas tão preguiçosas que não os tiravam, dizendo que desejavam ver o que aconteceria. Na realidade, ficaram tão incomodados dos pés e das mãos que não podiam trabalhar nem andar. Tão grande preguiça e descuido deveriam em verdade ter castigo maior, pois o remédio é fácil e rápido. Ao sentir o bicho, pode-se catá-lo como se fôsse uma pulga; se ataca durante o sono, logo ao acordar-se sente-se o comichão e com facilidade se extirpa o verme. Mesmo, porém, que permaneça

---

(11) ARARAA — fourmi. — *Arará*, o cupim sexual (Térmita). — De *ará-rá* nascidas do dia, ou da luz, porque emergem à luz nos dias de sol, após as chuvas.

(12) VSSA-OUUE — fourmis communs qui nichent dans des grosses mottes de terre qu'ils amassent. — *Saúba* ou *Saúva* (Vide nota 10, acima). — De *içá* formiga, *yb* guia, chefe, principal.

(13) CANGHEURÉ — gros fourmi noir. — *Tucanguira* ou *Tocandira*. (*Dinoponera grandis*, Guèrin). Sampaio explica por contração de *tucaba-nguir*, exprimindo a ação de ferir por baixo, isto é, o que fere com a parte inferior, alusão ao ferrão. — Segundo Martius, *Glossaria*, "hoc insecto utuntur Indi Mauhé ut juvenes eius morsu cruciatos fortitudinem doceant".

(14) TASSUE — fourmis fort petits et de couleur rougeastre. — *Taciba* (*Myrmica saevissima*, Bates). — De *tacî* cortar, ferir, picar, e *ba* por *bae*, sufixo do participio ativo: a que corta, ou fere, a cortadeira. *Tacî* é nome genérico da formiga na língua tupi.

(15) TON — sorte de vermine. — *Tunga*, nígua ou bicho de pé (*Tunga penetrans*, Linn.). — Lérv escreveu *Tou;* Hans Staden *Attun*: Y. d'Évreux *Thon*. — Talvez de *tung*, particípio de *u* comer; o que come. Êste verbo inclui a significação de ferir, punçar, pungir, prurir, coçar, etc.

dois ou três dias, não há grande inconveniente, a não ser que, por se achar um pouco maior, fique um buraco mais profundo. Ademais, a picada não é em absoluto venenosa e não causa mal algum. Por outro lado, não faltam meios muito acessíveis de evitá-lo: basta lavar-se constantemente e cuidar de manter limpo o lugar que se habita, pois êles apreciam exclusivamente o pó. Os índios empregam o azeite de palmeira e o *rucu* ou *urucu*, tintura vermelha como já dissemos, para esfregar os artelhos e outras partes do corpo que êsse bicho prefere. Os próprios cães que para lá levamos foram também perseguidos, a ponto de não poderem quase andar, e os índios, a quem os havíamos dado, viram-se obrigados a deitá-los em rêdes para preservá-los do mal.

Existem outros animaizinhos do tamanho de grilos, e muito semelhantes a êstes, a que os índios dão o nome de *coeviup* (16). São numerosos em tôdas as aldeias. Durante o dia, escondem-se nas palmeiras e debaixo da coberta das cabanas; à noite saem saltitantes e correm pelas casas onde roem as vestimentas, os panos, os couros dos sapatos e tudo o mais que encontram. Êsses animaizinhos comem os *tons* de que falamos acima, que são muito raros em Majuve, aldeia da ilha do Maranhão, onde os *coeviup* são tão numerosos que, ao cair da noite, o chão das habitações se cobre de insetos. Galinhas, patos e outros animais domésticos engordam à sua custa. Observa-se, assim, uma guerra mútua, pois as galinhas e outros animais semelhantes comem êsses bichos chamados *coeviup* e êstes devoram os *tons*, os quais roem e incomodam os homens, que, por sua vez, comem as galinhas.

Tiririguare (17). São vermes semelhantes às lêndeas, que furam e destroem os navios a ponto de ser necessário por fogo e queimá-los para que não o devorem completamente. Embora êsse animal seja tão pequeno e mal se possa perceber o seu buraco de entrada, abre cavidades enormes dentro dos navios, cavidades que não encontram cunhas bastante grandes para tapá-las.

Há outra espécie de vermes muito pequenos, porém temíveis, pois furam as barricas e os tonéis, principalmente quando cheios de vinho ou de aguardente ou de outro qualquer licor; e, em menos de três a cinco dias do desembarque das pipas e dos tonéis, vê-se correr e distilar-se o líquido todo por mil e um buracos de agulha, sem que seja possível remediar. Para conservar o vinho ou qualquer licor, é preciso nesse país, ter boa provisão de garrafas de vidro ou grandes vasilhas de barro.

---

(16) KOEUIOUP — petites bestelettes grandes comme les Grillons & assez semblables... — *Okyju*, como está no *Diccionário Português* e *Brasiliano*, correspondente a Grilo, inseto ortóptero da família Grílidas.

(17) TURURUGOIRE — espece de vers... qui percent les navires & vaisseaux. — *Apud* Varnhagen (*Breves comentários ao "Tratado Descritivo do Brasil"*, de Gabriel Soares, — seria *terigóa*, um díptero que não conseguimos identificar. Os léxicos portuguêses trazem *Peri de Góa*, espécie de formiga, que certo não é o inseto de que se trata.

CAPÍTULO XLIII

De como os índios tupinambás se fixaram na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças.

NTES de formar o homem, Deus prepararou-lhe o paraíso terrestre, com todos os bens possíveis e desejáveis a tão deliciosa residência, a fim de que, reconhecendo os benefícios liberalmente prodigalizados pelo seu criador, o homem o amasse de todo o coração e lhe oferecesse sua alma, que Deus desejava habitar qual num paraíso. Mas o homem foi de tal modo ingrato, que ao alcançar a suprema posição (como soberano de todos animais do céu e da terra) se fêz inimigo de Deus e escravo do diabo; assim perdeu a razão e tornou-se como louco.

Parece-me, depois de haver percorrido o Maranhão e passado em revista todos os bens e comodidades que ali se encontram, que Deus, na sua infinita bondade, fêz dessa região um lugar de delícias. Tantas são que se diriam feitas para atrair o habitante do país ao conhecimento de Deus ou, pelo menos, à admiração da excelência do soberano obreiro; entretanto, não creio que tenha jamais havido nação mais bárbara, mais cruel e desumana do que essa. E' o que veremos quando tratarmos de seus hábitos corporais, de seus costumes e das crenças que alimentam desde sempre.

Em primeiro lugar, é preciso saber que os índios do Maranhão julgam existir para o lado do Trópico de Capricórnio um belo país a que chamam *Caetê*, floresta grande, porque aí existe grande quantidade de matas e de florestas e de árvores de incrível grossura e admirável altura; aí habitaram êles no passado. E, por serem considerados os mais valentes e os maiores guerreiros, usavam o nome de *tupinambá*, que conservaram até agora.

Apoderando-se os portuguêses dessa região de Caetê, quiseram também sujeitar os habitantes a suas leis. Os tupinambás, porém, são livres por natureza e inimigos da sujeição; porisso, preferiram abandonar o seu próprio país a se entregarem aos portuguêses. Assim fizeram, embrenhando-se nos matos e nas mais recônditas florestas.

Mas não se sentindo aí muito seguros, porque seus inimigos os perseguiam por tôda parte com ódio de morte, tomaram a resolução

de atravessar campos e desertos. Caminharam tanto que, finalmente, atingiram quase o Equador, onde encontraram o grande Oceano que os impediu de ir além, contendo-lhes os passos do lado direito, assim como o fazia do lado esquerdo o rio Amazonas. Não podendo continuar, e não ousando recuar de receio de seus inimigos, resolveram ficar nessa região, uns à beira-mar, os quais, porisso, se chamam *paranã euguare* (1) (habitantes do mar), outros na grande montanha de Ibiapaba, os quais se denominam *Ibouiapab euguare* (2) (habitantes de Ibiapaba). Apoderaram-se alguns da grande ilha do Maranhão, por julgá-la lugar muito seguro e de difícil acesso, e que talvez lhes tenha Deus reservado desde a eternidade para preservá-los da perseguição de seus inimigos e do diabo, e assim salvar esta nação pela qual queria ser servido, adorado e glorificado, entre êsses bárbaros que se converteriam antes do fim do mundo pelas prédicas do Evangelho. Êstes foram chamados *maranhã euguare* (habitantes do Maranhão). Outros ainda permaneceram à margem do Rio Tabucuru e se chamaram *tabucuru euguare* (habitantes de Tabucuru). Outros localizaram-se ao longo do rio Meari e ficaram denominados *Meari euguare* (habitantes de Meari). Outros finalmente concentraram-se em Comá, Pará de leste e Pará de oeste, e também em Caietê, à beira-mar, espalhando-se por aí e derivando seus nomes dos lugares de suas residências, mas conservando todos, entretanto, o nome de tupinambá que serve até hoje para qualificá-los.

Muitos dêsses índios ainda vivem e se recordam de que, tempos após a sua chegada na região, fizeram uma festa, ou vinho, a que dão o nome de *cauim* (3) e à qual assistiram os principais e os mais antigos, juntamente com grande parte do povo. Aconteceu que, estando todos embriagados, uma mulher esbordoou um companheiro de festa, disso resultando grande motim que provocou a divisão e a separação do povo todo. Uns tomaram o partido do ofendido e outros o da mulher e de tal modo se desavieram que, de grandes amigos e aliados que eram, se tornaram grandes inimigos; e desde então se encontram em estado de guerra permanente, chamando-se uns aos outros de tabajaras, o que quer dizer, grandes inimigos, ou melhor, segundo a etimologia da palavra: *tu es o meu inimigo e eu sou o teu.* Embora sejam todos da mesma nação e todos tupinambás, atiça-os o diabo uns contra os outros, a ponto de se entrecomerem, como já disse.

---

(1) PARANAN EUGOUÄRE — c'est à dire les habitans de la mer. — *Paraná-guara*, de *paraná* similhante ao mar, parente do mar, o rio grande, e *guara* habitante, morador. — No tupi costeiro *paraná* significa também o mar.

(2) IBOUYAPAP EUGOUARE — c'est à dire les habitans d'*Ibouyäpap*. — *Ibiapaba-guara*, de *Ibiapaba* (Vide *Ibouyäpap*, nota 6, pág. 50) e *guara* morador, habitante, como no texto.

(3) CAOUIN — vin ou festin. — *Cauim*, de *caiú* (Vide *Acaiou*. nota 1, pág. 167), e *y* líquido, bebida, vinho. *Cauim* era uma sorda fermentada de caju, que bebiam por ocasião das festas; por extensão passou posteriormente a designar a bebida fermentada de milho mastigado. — O vocábulo, significando ora o vinho, ora o festim, tem larga distribuição na América do Sul; mas é incontestàvelmente de origem tupi.

CAPÍTULO XLIV

Estatura e longevidade dos índios tupinambás do Maranhão.

Os índios tupinambás são, em geral, de estatura mediana, próxima da média dos franceses. Encontram-se, entretanto, alguns muito grandes, como me foi dado ver em certos lugares, com seis a sete pés de altura. São todos naturalmente bem feitos e proporcionados, em parte graças ao clima temperado do país e em parte por não viverem constrangidos em suas roupas como aos nossos elegantes acontece.

O fato de terem, de costume, o nariz achatado, provém da prática, comum às mães, de o deformarem já no nascimento. Assim também, entre nós, muitas ajeitam a cabeça dos recém-nascidos para alongá-la, deturpando a natureza e trocando pela feiúra e a indecência o que é naturalmente bonito e decente.

Não falarei de sua tez azeitonada nem dos seus lábios furados porque tais caracteres não lhes são naturais, como direi oportunamente. Não há entre êles quase nenhum zarolho, nem cegos, corcundas, coxos ou disformes; porisso mesmo, ao deparar com alguém assim contrafeito, muito se espantam e não conseguem conter o riso ou reprimir a zombaria.

Seu andar é ordinàriamente reto e grave, natural porém, modesto, sem humildade. São admiràvelmente sadios, bem dispostos e muito mais robustos do que os nossos homens mais robustos. Não creio mesmo que se encontre homem ou mulher capaz de carregar fardos mais pesados do que êles.

Como não são valetudinários, nem doentes, não precisam de médicos nem de remédios. E' bem certo que por tôda parte "*mille modis laethi miseros mors una fatigat*". Quantas cousas materiais não vemos nós, por aqui, dando origem a moléstias ora internas ora externas, mas tôdas contrárias à subsistência do corpo e ao humor radical, princípio de nossa vida? Não observamos inúmeras moléstias nascerem da cólera, da tristeza, do mêdo e de outros sentimentos em estado de exaltação? E quantas enfermidades não têm sua causa no ar corrompido ou intemperado, na má nutrição ou, ao contrário, na excessiva fartura,

ou ainda no abuso do vinho? *Vino forma perit, vino corrumpitur aetas.* E não herdam outros as doenças de seus pais, estragados pela lepra, pela gota, pelo catarro? E não definham muitos em virtude de moléstias do baço, do fígado ou do pulmão, ou outra qualquer? No Maranhão, entretanto, são muito menos do que entre nós sujeitos a tais enfermidades, porquanto essas causas muito raramente, senão nunca, se apresentam. Não são êles doentios nem padecem em seus órgãos nobres ou internos; são, ao contrário, muito fortes, bem dispostos, e em geral gerados de pais em idênticas condições. São de humor e de sangue bem temperado, o que constitui o melhor alimento do humor radical e da vida do homem. Quase não se deparam gotosos, catarrosos, doentes de cálculos, hipocondríacos ou indivíduos com pulmões afetados; porisso sua prole é também sadia e vigorosa. São alegres e moderados na sua alimentação. Esta é constituída de carnes boas, comidas moqueadas ou assadas a seu modo.

Tão saüdável é o clima, que só morrem de velhice, de fraqueza natural e não de moléstias. E vivem em geral de cem a cento e quarenta anos, o que nos parece admirável e prodigioso.

Não disse Deus que "os dias do homem somariam cento e vinte anos"? E afirmou o profeta-rei: "A nossa vida é de setenta anos; para o mais forte oitenta. O resto são trabalhos e penas". Segundo o Sábio, "o máximo da existência humana é cem anos". Há de parecer, portanto, que a duração da vida dêsses índios é anormal. O fato é que vi alguns com cento e sessenta e cento e oitenta anos, os quais presenciaram a fundação de Pernambuco e ainda se mostram robustos e bem dispostos. Vi-os e falei-lhes muitas vêzes.

Não se deve imaginar que as observações acima transcritas representem uma lei em relação à vida de tôdas as pessoas de tôdas as nações; trata-se apenas, segundo os doutos, da média comum. Pois, mesmo posteriormente a tais palavras, quantos não viveram cento e vinte, cento e quarenta, duzentos, trezentos e mais anos? O pontífice Joiada viveu cento e trinta anos; Mardoqueu, cento e cinqüenta; S. Simeão, cento e vinte, até ser prêso e crucificado gloriosamente. Dizem que a sibila Cumane viveu trezentos anos, como Nestor a quem Horácio chamou *Triseclisenex,* ancião de três séculos; ao que se afirma também João de Stamp, ou João dos Tempos, viveu trezentos e sessenta e um anos, vindo a falecer em 1140, no tempo de Godofredo I.

Pensam alguns que os corpos compactos, e concentrados pelo frio, são mais vigorosos, e porisso os setentrionais vivem mais do que os meridionais. Segundo Aristóteles porém, e a julgar pela experiência, o contrário é o certo; e não é a secura que nos conserva melhor. Por outro lado, sendo o nosso humor radical, base da vida e sem o qual a vida não existiria, quente e úmido, vê-se mais bem preservado nos países quentes, mais de conformidade com sua natureza, principalmente onde não há antagonismo entre as qualidades primárias e as diversas estações, mas, como no Maranhão, um clima grandemente temperado e constante.

O que mais me impressionou nesses anciões foi ver que com essa idade avançada, cento e quarenta, cento e sessenta, cento e oitenta e mesmo duzentos anos, poucos cabelos brancos têm e nem são calvos. A

falta de umidade é que provoca a queda de nossos cabelos, tal qual as fôlhas das árvores no inverno; ao contrário, a umidade abundante e a pituita conservam os cabelos por mais tempo, embora os torne mais cedo grisalhos e brancos. Assim os que têm o cérebro sêco não embranquecem tão depressa, mas se tornam logo calvos. Já os que têm cabeça fria e úmida não ficam calvos, mas encanecem cedo. Sòmente a temperatura moderada conserva os cabelos no homem e ao mesmo tempo não os torna grisalhos. E por terem os índios, em tão avançada idade, os cabelos todos e pouco ou nada encanecidos, deve-se concluir serem êles maravilhosamente bem temperados e conservá-los o clima suave e constante do país durante longos anos sem alterações notáveis de sua natureza

Vivem êles em permanente estado de alegria, de festa, contentes e satisfeitos, sem preocupações, sem inquietações nem tristezas, sem fadigas nem angústias que mortificam e consomem o homem em pouco tempo.

Do que me admirei mais ainda foi ver mulheres de oitenta a cem anos darem de mamar a crianças, o que demonstra serem capazes de conceber e ter filhos nessa idade.

Jamais desistem de trabalhar naquilo a que estão habituados. E o mesmo ocorre com os homens que com a mesma coragem, ou mais se possível, se entregam às tarefas mais penosas e difíceis como se continuassem na flor dos anos, o que muito contribui para a sua saúde, porquanto

ignavum corrumpunt otia corpus
Et capiunt vitium ni noveantur aauae.

CAPÍTULO XLV

Da tez dos índios, de como trazem os cabelos e furam os lábios e orelhas.

RARO vermos um etíope que não seja negro, que não tenha os cabelos encarapinhados como se fôssem tostados. Se isso não fôr peculiar à sua própria natureza ou à sua raça, donde provirá senão do grande calor e do ardor do sol? O mesmo não ocorre aos habitantes da ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas, cujo clima é temperado, embora se encontrem essas terras na zona tórrida. Em verdade apresentam-se todos com certa côr morena, azeitonada como dizemos, e que muito lhes apraz; mas não creio que devam essa côr ao clima, que é temperado, e sim aos óleos e tinturas que costumam deitar no corpo. Ao nascerem (vi-o muitas vêzes), são tão alvos quanto os franceses; mas já um dia ou dois mais tarde esfregam o corpo das crianças com azeites e *racu*, tintura vermelha de que já falei. Assim procedem por muitos dias consecutivos e dentro em pouco êsses meninos se tornam côr de cobre sem que tenham apanhado sol.

Não vemos, em França, os chamados egípcios ou boêmios tornarem-se tão trigueiros quanto os nascidos no Egito sem, entretanto, lá terem estado nem sofrido outro calor que o de nosso país? São os óleos com que esfregam o corpo que lhes emprestam essa côr. Assim acontece com os índios. Acredito que o sol também concorre para êsse resultado, mas a principal razão de sua côr azeitonada está nas tintas com que besuntam o corpo.

Essa côr no entanto em nada diminui sua beleza natural. Além de bem conformados e proporcionados, no que diz respeito aos traços fisionômicos, muitos há tão belos quanto os nossos. Aí se encontram rapazes e raparigas tão bonitos quanto os de qualquer outro lugar, à exceção da côr.

Homens e mulheres, moços e velhos têm por hábito arrancar os pêlos de todo o corpo, inclusive sobrancelhas e barba. Conservam, porém, os cabelos, que são naturalmente lisos e não encarapinhados como os dos negros.

Os homens cortam-nos mais ou menos curtos na testa e em forma de quadrado. Tratam-nos com cuidado, deixando-os crescer bastantes sôbre a nuca, as orelhas e as fontes, apenas aparando-os em roda como era costume entre nós antigamente.

As mulheres deixam-nos crescer até a cintura mais ou menos; trazem-nos quase sempre caídos, mas, para trabalhar, costumam enrolá-los e arranjá-los em tôrno da cabeça. Gostam muito de pentear-se e não deixam nunca, pela manhã, de lavá-los e untá-los com óleos e *urucu*. Para tirar-lhes a gordura usam uma raiz chamada *uapacari* (1), que, molhada e apertada entre os dedos, produz uma espuma branca semelhante à do sabão e com a qual limpam a cabeça, os cabelos e tudo o mais.

Raros índios não usam orelhas furadas e nelas penduram os brincos que lhes dão os franceses e são muito apreciados. Na falta dêstes, servem-se de ossos brancos muito polidos, de pauzinhos ou de qualquer outra cousa que lhes agrade.

E'-lhes peculiar também um outro costume estranho: o de furar o lábio inferior. Ao atingirem seus filhos a idade de quatro a seis anos, preparam os índios um festim (o cauim), para o qual convidam todos os parentes e amigos do menino, além de todos os habitantes da aldeia e circunvizinhanças. Depois de *cauinar* bastante e de dançar durante três dias consecutivos, segundo seu costume, mandam vir o menino e dizem-lhe que lhe vão furar o lábio para que se torne um guerreiro valente e prestigiado. A criança assim encorajada apresenta espontâneamente o lábio, com satisfação e decisão; pega-o então o índio incumbido de furá-lo e atravessa-o com um osso ponteagudo fazendo um grande buraco. Se o menino grita ou chora, o que raramente acontece, dizem-lhe que não prestará para nada, que será sempre um covarde, um homem sem coragem. Se ao contrário, como ocorre comumente, se mostra corajoso e forte, tiram da cerimônia bom augúrio e afirmam que será mais tarde grande, bravo e valente guerreiro.

Quando jovens, trazem êsses meninos, dentro do buraco, um pedaço de pau ou um caramujo, muito bem polido em roda, por fora do lábio, e compridos ou ovalados por dentro, de modo a se conservarem no lugar. Ao se casarem ou ao alcançarem a idade de casar, usam pequenas pedras verdes que muito apreciam; na falta destas, contentam-se, como os mais jovens, com pedras brancas, porém mais grossas e, às vêzes, mais compridas, que tiram e recolocam a seu bel-prazer. Vi usarem alguns pedras maiores de uma polegada e não raro mais compridas do que um dedo, o que fazia com que lhes caísse o beiço e o que lhes dificultava a fala.

Na ânsia de parecerem mais valentes do que os outros, muitos furam o lábio em três lugares; o buraco central é sempre o maior entretanto. Alguns há que também perfuram o nariz, fazendo dois ou mais buracos nas narinas, nos quais colocam, quando lhes apraz, pedacinhos de ma-

(1) OUAPACARI — une racine. — Será *Guapacari*, difícil de explicar.

deira ou pequenos ossos brancos delicados que se projetam sôbre o rosto como grandes bigodes.

As mulheres não furam o lábio; em compensação usam as orelhas estranhamente esburacadas. Nesses buracos colocam rolos de madeira da grossura de uma polegada e do comprimento de um dedo. Embora tal costume lhes alongue fantàsticamente as orelhas, sentem grande prazer em usar êsses brincos e se julgam tão lindas, com êsses rolos de madeira, quanto nossas damas com suas enormes pérolas e seus diamantes.

CAPÍTULO XLVI

Da nudez dos índios tupinambás e dos seus adornos.

ÃO há nação, por mais bárbara que seja, que não tenha procurado, em dado momento, cobrir o corpo com vestimentas ou enfeites, a fim de esconder a nudez. Pois os tupinambás, por mais estranho que pareça, andam sempre nus como ao saírem do ventre materno; e não demonstram em absoluto a menor vergonha ou pudor.

Segundo as Escrituras, logo que os nossos primeiros pais comeram o fruto proibido, abriram-se os seus olhos e êles perceberam que estavam nus e lançaram mão de fôlhas de figueira para cobrir a nudez de que se pejavam.

Como se explica que os tupinambás, compartilhando a culpa de Adão e sendo herdeiros de seu pecado, não tenham herdado também a vergonha, conseqüência do pecado, como ocorreu com tôdas as nações do mundo?

Pode-se alegar, em sua defesa, que em virtude de ser velho costume seu viverem nus, já não sentem pudor ou vergonha de mostrar o corpo descoberto e o mostram com a mesma naturalidade que nós as mãos.

Eu direi entretanto que nossos pais só sentiram a vergonha e ocultaram sua nudez quando abriram os olhos, isto é, quando tiveram conhecimento do pecado e perceberam que estavam despidos do belo manto da justiça original. A vergonha provém, com efeito, da consciência da malícia do vício ou do pecado, e esta resulta do conhecimento da lei. *Peccatum non cognovi*, diz S. Paulo, *nisi per legem*. Como os maranhenses jamais tiveram conhecimento da lei, não podiam ter, tampouco, consciência da malícia do vício e do pecado; continuam com os olhos fechados em meio às mais profundas trevas do paganismo. Donde não terem vergonha de andar nus, sem nenhuma espécie de vestimenta para esconder a nudez.

Pensam muitos ser cousa detestável vêr êsse povo nu, e perigoso viver entre as índias, porquanto a nudez das mulheres e raparigas não pode deixar de constituir um objeto de atração, capaz de jogar quem as contempla no precipício do pecado.

Em verdade, tal costume é horrível, desonesto e brutal, porém o perigo é mais aparente do que real, e bem menos perigoso é ver a nudez das índias que os atrativos lúbricos das mundanas de França. São as índias tão modestas e discretas em sua nudez, que nelas não se notam movimentos, gestos, palavras, atos ou cousa alguma ofensivos ao olhar de quem as observa; ademais, muito ciosas da honestidade no casamento, nada fazem em público suscetível de causar escândalo. Se tivermos ainda em conta a deformidade habitual, até certo ponto repugnante, concluïremos que essa nudez não é em si atraente, ao contrário dos requebros, lubricidades e invenções das mulheres de nossa terra, que dão origem a maior número de pecados mortais e arruínam mais almas do que as índias com sua nudez brutal e desprezível.

Índios e índias tornam-se tanto mais horríveis, quanto mais pintam o rosto e o corpo, na convicção de se embelezarem. Trazem alguns a face rajada de vermelho e negro; outros pintam apenas uma metade do corpo e do rosto e deixam a outra metade com sua côr natural. Outros cobrem o corpo inteiro de figuras, da cabeça aos joelhos, e assim ficam como se estivessem vestidos com uma roupa de Pantalon (1), de cetim prêto estampado. Quanto às mãos e às pernas, pintam-nas com o suco do genipapo.

Nem sempre entretanto andam pintados; assim o fazem quando querem. E são as raparigas que mais comumente o fazem, comprazendo-se em se pintar e enfeitar o corpo segundo sua fantasia. Nem sempre, tampouco, se pintam a si próprios; enfeitam-se e pintam-se uns aos outros. As raparigas, mais destras, é que se encarregam o mais das vêzes de fazê-lo. E embora jamais tenham aprendido a pintar, são em verdade admiráveis os desenhos que fazem nos corpos.

Vê-se muitas vêzes um rapaz de pé, com as mãos nas ancas e a seu lado uma rapariga ajoelhada ou de cócoras, com uma cuia (2), ou cabaça, feita da metade de um fruto, na qual se coloca a tinta. Munida de um pequeno talo de pindó à guisa de pincel, cobre o corpo do rapaz com riscos retos como se fôssem feitos com régua; e procede tão hàbilmente quanto o faria um pintor.

Também se encontram mulheres segurando um espelho com a mão esquerda e com a outra manejando a pindó, e se pintando sòzinhas o rosto com o mesmo embevecimento das nossas mulheres nas suas pinturas. Riscam com genipapo as sobrancelhas, prèviamente arrancadas, e assim passam grande parte de sua existência, muito satisfeitas com tal mister.

Os maiores e mais valentes guerreiros, para se tornarem mais estimados pelos seus companheiros e temidos de seus inimigos, têm por hábito picar e tatuar certas figuras no corpo (assim como fazemos em nossas couraças) por meio de um pedaço do osso da canela de certos

(1) Personagem da comédia italiana, o doutor ridículo (N. do T.).

(2) COUY — espece de vaisseau faict de la moitié d'un fruict. — *Cuia*, vasilha feita da metade do fruto da *Crescentia cujete*, Linn. — O étimo desta palavra é duvidoso: segundo Batista Caetano (*Notas aos índios do Brasil*, de Fernão Cardim), tanto pode reportar-se ao verbo *cur* tragar, como *u* comer, exprimindo em geral vaso da comida.

pássaros, que afiam como navalhas. Mostram-se extremamente corajosos, pois logo esfregam as incisões com tinta preta em pó, ou feita de suco de plantas, a qual se mistura ao sangue e se introduz nas cicatrizes, tornando indeléveis as figuras tatuadas. Entre os seis índios que trouxemos para a França, havia um tabajara assim tatuado desde as sobrancelhas até os joelhos mais ou menos.

Quando os homens da terra desejam mostrar-se elegantes, como nos dias de cauinagem, de matança dos prisioneiros ou escravos, de perfuração dos lábios de seus filhos, de partida para a guerra ou de outras solenidades, enfeitam-se com penas e outros adornos feitos de penas vermelhas, azuis, verdes, amarelas e de diversas côres vivas que sabem admiràvelmente combinar. Misturam-nas a seu bel-prazer de modo a que as côres se valorizem mùtuamente; arranjam-nas então e as ordenam artìsticamente, prendendo-as umas às outras com um fio de algodão bem grosso, tecido, por dentro, à maneira de rêdes de pescar de malhas bem pequenas. Por fora, entretanto, tôdas essas belas e ricas penas se misturam e se arrumam com gôsto, a ponto de causar admiração.

Fazem assim barretes a que dão o nome de *acangaop* (3) ou *acã açoiave* (4) e que usam nas solenidades. Outros, em vez dêsses barretes, enfeitam a cabeça com as pequeninas plumas do papo das araras, dos canindés, dos papagaios e outros pássaros. Acertam-nas hàbilmente em sua cabeleira, com um pouco de cêra ou de resina, e assim parecem ter a cabeça coberta com um barrete redondo e multicor. Só tiram essas plumas quando cortam os cabelos. Reúnem-nas então, e as acomodam do melhor modo possível em tôrno de uma vareta, para lavá-las mais fàcilmente e tirar-lhes a gordura com aquêle sabão a que já me referi. Depois de sêcas, guardam-nas tão cuidadosamente quanto as senhoras as jóias mais preciosas, a fim de as utilizar oportunamente.

Confeccionam da mesma forma seus frontais, a que chamam *acangetar* (5) e que usam como diademas. E, em lugar de gola, andam com um colar de plumas, tecido como já disse, e a que denominam *ajuacará* (6).

Tudo isso é admirável, porém nada em comparação com seus mantos a que chamam *acoiave* (7); são tecidos com as mais belas penas

---

(3) ACANGAOP — bonnets... avec lesquel ils se couvrent la test és jours de leurs solemnités. — *Acangaoba*, de *acang* cabeça, *aób* roupa; chapéu, touca, capuz. (Vide *Acan assoyäue*, nota seguinte).

(4) ACAN ASSOYÄUE — bonnets... avec lesquels ils se couvrent la teste és jours de leurs solemnités. — *Acã-açoiaba*, de *acã* cabeça, *açoiaba* coberta. — Em Marcgrav *acan-buaçaba*. (Vide *Assoyäue*, nota 7, abaixo).

(5) AKANGÉTAR — fronteaux... les portent autour de la teste en forme de diademe. *Acangatara*, de *acanga* cabeça, *tara* ornato; penacho. — Também ocorre *canitar*.

(6) AIOUÄCARA — collier de plumes. — Não se encontra no *Tesoro* dicção que com esta se compadeça; mas a definição do texto pode levar a *ajur* pescoço, e como *acará* também comporta o significado de penacho, não será estúrdio formar *ajuracará* penacho do pescoço, colar de penas.

(7) ASSOYÄUE — manteaux... tissus de divers plumages. — *Açoiaba*, espécie de turbante feito de penas, usado nas solenidades. — De *açoi* cobrir, encobrir, e *aba*, sufixo do particípio, que exprime o modo de cobrir, a coberta, o manto. Em Marcgrav está *aracoya* ornatum.

e descem até o meio das coxas e às vêzes até os joelhos. Usam-nos de quando em quando, não porque tenham vergonha da nudez, mas por prazer; não para esconder o corpo, mas sim como adôrno, e para se mostrarem mais belos em seus festins e solenidades.

Usam também uma espécie de liga que denominam *tabacurá* (8). E' feita com fio de algodão maravilhosamente bem tecido e tão unido que parece de uma só peça. Tem forma de cordão ou de anel e mais ou menos dois dedos de comprimento. E' enfeitada com belas penas de diversas côres. Põem-na em tôrno da perna no lugar em que se usa a liga, e para que se veja melhor usam duas, uma sôbre a outra, deixando um pequeno espaço entre elas, o que faz com que pareçam um duplo cordão bem enfeitado.

As moças usam comumente semelhantes ligas, porém sem penas, feitas exclusivamente de fios de algodão.

Existe ainda outra espécie de ligas chamadas *auai* (9). São feitas como as precedentes, porém mais largas, e, em vez de penas, com fios de algodão retorcido, de um dedo de comprimento, ligando certos frutos do tamanho de nozes, de casca muito dura quando sêca. Costumam esvaziar êsses frutos de seu conteúdo e enchê-los com pequenas pedras, ou ervilhas duras, de modo que assim se tornam barulhentos quando os índios dançam.

Fazem também braceletes a que chamam *mapuí-cuai-chuare* (10). São feitos com fios de algodão em tôrno do qual se colocam longas penas tiradas da cauda das araras. Costumam usar êsses braceletes, em suas festas, um pouco acima do cotovêlo, do mesmo modo que os cortesãos usam os presentes ou as armas de suas damas.

Possuem também grandes penachos em forma de ramalhetes, feitos com as maiores penas do avestruz e de outros pássaros; usam-nos apensos ao traseiro, pendurados numa cinta fixada em tôrno dos rins ou nas

---

(8) TABACOURA — iartieres. — *Tapacurá*, ligas, cenojiles, ocorre no *Tesoro*, mas não lhe achamos explicação. C. d'Abbeville diz que as usavam os homens e as raparigas, sendo as destas feitas de fios de algodão, sem mais ornatos, como as daqueles. E isto é que dificulta a explicação, porque, se fôssem postas sòmente nas donzelas núbeis, conforme era costume nas tribos tupis do Sul, seria aceitável o étimo de Batista Caetano, por *ta* ou *tari-pe-có* em estado de se tomar, e *rá* sinal, marca.

(9) AOUÄY — sorte de iartieres... faictes de fils de Cotton retors longs d'un doigt, ayant autour de certains fruicts attachez gros comme noix, lesquels ont l'escorce fort dure lors qu'ils sont secs, et estant tout vuides, ils mettent dedans des petites pierres ou des poix fort durs en sorte qu'elles font un bruit lors qu'ils dansent comme si c'estoient des sonnettes. — *Aguaí*. — Marcgrav (*Hist. Rerum Nat. Brasiliae*, ps. 271), diz: "Ex fructus *Aguay*, qui triangularis est, corticibus, quos filo annectunt, etiam monilia faciunt, quae cruribus infra suras circumligant, qui cortices inter saltandum sonum quendam edunt." No *Tesoro* vem *Aguaí* fruta amarela, e também cascavel, ou guiso. — Difícil de explicar: *água* redondo, torneado, e *i*, pospositiva, em, no, na, etc., em redondo, em torneado?

(10) MAPOUYH COUÄY CHOUÄRE — brasselet. — A frase é descritiva, e pode ser dêste modo reduzida ao tupi: *Mbaé poí cuacuáb* cousa em fio para cingir, — que exprime a idéia contida no texto.

espáduas por meio de um cordão a tiracolo. Dão a êsses penachos o nome de *iandu-ave* (11).

Encontram-se nas praias muitas conchas ou caramujos que quebram em pedacinhos e pulem, com pedras duras, muito habilidosamente, em círculo ou em quadrado ou mesmo em quadriláteros proporcionais uns aos outros. Furam os quadrados nos quatro ângulos e os amarram com um fio de algodão finíssimo à moda dos nossos joalheiros e ourives; ou os colam sôbre uma rêde com resina, e fabricam cintas e braceletes muito bonitos a que chamam *mino* (12).

E' admirável vê-los polir e furar êsses pedaços de conchas com a destreza que lhes é peculiar. Trabalham tão bem que suas cintas e seus braceletes parecem de madrepérola.

Com os pedaços redondos procedem de outro modo. Furam-nos no centro, enfiam-nos à maneira de rosários, para que as mulheres os usem ao pescoço e nos braços, em lugar dos colares ou braceletes de plumas. Assim fazem as damas francesas com as suas pérolas. Algumas índias usam tantos colares em tôrno do pescoço, que cobrem inteiramente o peito. Essas jóias são as mais preciosas; delas se servem como adôrno e lhes dão o nome de *boíre* (13).

Também se enfeitam com rosários de contas de diversas côres, que muito apreciam, e que recebem dos franceses em troca de outras mercadorias.

Para enfeitar os filhos apanham caramujos, pulem-nos nas pedras, como já disse, e fazem pequenos braceletes a que chamam de *nhaã* (14), tão brancos e polidos como o marfim. Enrolam algumas vêzes de três a quatro nos braços das crianças, ou em tôrno do pescoço como colares.

Êsses são os mais belos adornos e enfeites dos índios tupinambás. Usam-nos, entretanto, sòmente como ornamentos, pois tanto homens como mulheres e crianças têm por hábito andar inteiramente nus.

Alguns, porém, usam atualmente roupas que os franceses lhes dão em troca de gêneros. É cômico vê-los assim vestidos, porquanto alguns usam apenas um chapéu, outros uma ceroula sem gibão nem barrete; outros apenas uma jaqueta até a cintura, como se fôsse uma saia. Alguns ainda usam apenas a camisa e nada mais; mas existem alguns que se vestem completamente, se lhes dá na telha, o que não dura, porém,

---

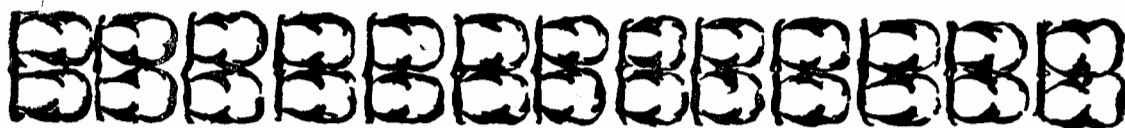
(11) YANDOU-ÄUE — grands panaches... faicts des plus grandes plumes d'Autruche & autres grands Oiseaux dont ils se parent le derriere, les pendant avec quelque ceinture autour de leurs espaules avec quelque cordon en guise d'escharpe. — Será *nhanduaba*, de *nhandu*, a ema, e *aba* plumas, significando o cocar, o penacho, como se diz no texto. — Note-se que Martius (*Glossaria*) traz singularmente *enduapé*, tanga de plumas d'Ema.

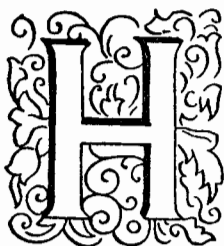
(12) MINO — brasselet. — Difícil de explicar com tal significação. *Minó* ou *menô* é fornicar, exercer a cópula. Se se tratasse de liga ou axorca simbólica da virgindade, poder-se-ia reportar a *mendara* ou *menara*, do mesmo radical, exprimindo o ato de casar o varão, de tomar a liga, que se chamava pròpriamente, como vimos, *tapacurá*.

(13) BOHURE — ornaments des femmes Indiennes. — Será *umbói* ou *pói* contas, caroços, frutinhas redondas, enfiada, rosário, missangas, etc. — Reporta-se a *mbói* cobra.

(14) GNAAN — ornaments des petits enfans indiens. — Será *nhaâ*, que não vem no *Tesoro* nem alhures. — Quiçá voz infantil, onomatopaica.

muito tempo, quando muito meio dia ou um dia inteiro. No dia seguinte, tudo abandonam e se põem nus.

E' verdade que todos os homens casados, e principalmente os velhos, costumam em geral cobrir suas vergonhas com pedaços de pano vermelho ou azul, que prendem ao redor da cintura por um fio de algodão; o resto do pano cai-lhes até os joelhos ou o meio da perna, sendo tanto mais belos quanto mais baixo alcançam. Denominam essa espécie de adôrno *carajuve*. Meninos e solteiros não o usam de modo nenhum. Sòmente os adolescentes se contentam com amarrar o prepúcio com um fio de algodão ou uma pequena fôlha de pindó.

CAPÍTULO XLVII

Dos costumes dos índios tupinambás. Suas habitações e seu casamento.

ABITAM, em geral, os índios tupinambás os matos mais próximos do mar, para pescarem, ou à margem dos rios por causa da água doce necessária à vida. Encontrado o lugar adequado, cortam a mata e formam uma grande praça quadrada a que põem fogo para destruir a vegetação e limpar o terreno. Aí constroem então, bem no centro, quatro grandes habitações em forma de claustro. São essas cabanas feitas de madeira e recobertas de pindó, de alto a baixo, como foi dito, e compridas e largas nas proporções julgadas necessárias para abrigo de todo o povo da aldeia.

Após cinco a seis anos, pois não costumam ficar mais tempo no mesmo lugar, destroem e queimam a aldeia e vão edificar outra mais adiante, a uma distância de meia légua pouco mais ou menos, dando-lhe, entretanto, o mesmo nome da precedente.

Assim fazem, segundo afirmam, pela única razão de terem feito o mesmo seus antepassados. Por outro lado, alegam que a mandioca e a batata com que se alimentam se comprazem em terras novas e produzem mais.

Essas grandes cabanas não têm separação alguma. Tudo se vê de ponta a ponta, mas não há confusão alguma, pois cada chefe de família vive em seu canto com suas mulheres, seus filhos, seus escravos e seus móveis.

A pluralidade de mulheres lhes é permitida; podem ter quantas desejem. As mulheres, porém, não têm o mesmo privilégio; devem contentar-se com um só marido e não podem, tampouco, abandoná-lo para se entregarem a outro homem. Entretanto, embora a poligamia seja permitida aos homens, satisfazem-se êles, em sua maioria, com uma só mulher. Sòmente a fim de ganhar certo prestígio tomam muitas mulheres; são nesse caso julgados grandes homens e se tornam os principais das aldeias.

Mais de uma vez fizemo-lhes ver que o Tupã não quer que o homem tenha mais de uma mulher e que os que têm muitas não podem ser seus

filhos e permanecem filhos de Jurupari. "Bem sabemos, respondiam, que uma só mulher é suficiente para um homem e não é para satisfazer nossos desejos que temos mais de uma, mas apenas por causa do prestígio e também para a limpeza da casa e o trabalho nas roças". Além disso, exterminando-se os homens em guerras contínuas, ficam inúmeras mulheres sem maridos. E isso, penso eu, obriga-as a aceitar um só marido.

Os pais não podem possuir suas filhas, nem os irmãos suas irmãs; nenhum outro grau de consangüinidade os impede, porém, de casar e de tomar o número de mulheres que desejem. E como o casamento é fácil, igualmente fácil é desmanchá-lo, bastando para tal a vontade recíproca dos cônjuges. Se um homem deseja tomar espôsa, depois de comunicá-lo à interessada, consulta seus pais ou irmãos sôbre se consentem. Respeitam, portanto, os pais e parentes próximos, ao contrário de muitos católicos que, para satisfação única de seus desenfreados desejos, casam até contra a vontade dêles.

Não se incomodam com bens, nem procuram riquezas. Apenas obtido o consentimento do pai ou irmão, consideram-se casados, o que não exige cerimônia nem implica em promessa recíproca de indissolubilidade ou perpetuïdade, caráter essencial do nosso casamento. Ao contrário, se lhe apetece, o marido expulsa a mulher, e a repudia se o ofende; por seu lado, se a mulher se sente farta do marido e lhe diz não mais querê-lo ou desejar outro, responde-lhe o espôso sem se perturbar: *Ecoain*, isto é, "vá para onde quiser". A mulher pode então entregar-se a outro homem sem inconvenientes. E pode largar o segundo, como fêz com o primeiro, o mesmo sendo permitido ao homem.

É comum entre êles prometerem suas filhas ainda crianças aos principais da tribo, ou aos que têm em amizade. Sustentam-nas contudo até alcançarem a idade de casar, entregando-as então a quem as haviam prometido e que as aceitam por mulher nas mesmas condições anteriores, isto é, com a faculdade de se repudiarem mùtuamente a seu bel-prazer.

Não obstante morarem muitas mulheres sob o mesmo teto, com um só marido, uma é sempre mais querida; porisso, governa as outras como uma senhora às suas servas. E o que é mais admirável: vivem tôdas em boa paz, sem ciúmes nem brigas, obedientes tôdas ao marido, preocupadas com servi-lo dedicadamente nos trabalhos do lar, sem disputas nem dissenções de qualquer espécie. Espantou-me, e espanta-me ainda quando dela me recordo, essa união observável nas famílias dos selvagens; em geral, vivem sossegados o marido e suas mulheres, e demonstram grande amizade apesar de seu paganismo, a ponto de jamais se ouvir discussões nem recriminações ou do marido ou das mulheres.

Bela lição em verdade para muitas famílias católicas, as quais, tendo recebido a luz da fé, devem viver santamente em seus lares, sujeitando-se a mulher, em tudo, a seu marido e senhor, temendo-o e respeitando-o como chefe; por seu lado, deve o marido amar sua mulher como Jesus Cristo amou sua igreja, sofrendo por ela a morte na cruz. No entanto, apesar de tudo isso, não vivem essas famílias em paz, nem passam um só dia sem disputas e dissenções de tôda espécie; transformam o lar em

um inferno na terra, em vez de fazerem dêle um pequeno paraíso particularmente agradável a Deus.

Quanto aos filhos, apenas nascem, os pais os friccionam com óleos e tinturas, como já foi dito, e deitam-nos em rêdezinhas de algodão, sem enfaixá-los nem cobri-los. Creio que por isso mesmo são menos sujeitos do que os nossos a se tornar corcundas ou contrafeitos; pois entre nós, desde o nascimento, são as crianças enfiadas em berços e metidas dentro de vestimentas tão apertadas que violentam a natureza, a ponto de sòmente com dificuldade poderem crescer. Daí a grande quantidade de indivíduos tortos, coxos e corcundas. O mesmo não ocorre com os índios que deixam a natureza expandir-se em liberdade. E agrada ver as crianças, de quatro, cinco e seis anos, que, além de bem feitas de corpo e bem proporcionadas, não são tão pueris como muitas crianças da Europa; ao contrário, são dotadas de uma certa seriedade e de uma modéstia natural muito agradáveis. São tão numerosas, principalmente até a idade de oito anos, que, sem as guerras, seria o país muito povoado.

Quanto às mães, é impossível dizer a que ponto amam seus filhos apaixonadamente. Jamais os abandonam e trazem-nos sempre em sua companhia. As mães descansam, em geral, apenas dois ou três dias depois do parto; depois disso, carregam o menino suspenso ao pescoço por um pedaço de pano de algodão, e vão para a roça trabalhar ou ocupar-se de sua casa sem maiores resguardos. Muitas vêzes, além da criança que carregam assim dependurada, levam um outro pela mão, e mais dois ou três maiorezinhos as acompanham. Como querem muito bem a seus filhos, cuidam extremamente de sua limpeza.

Além de amamentá-los, alimentam-nos com *manipoí*, espécie de papa. Não fazem como as mães de nosso país, que mal nascem os filhos os entregam às amas e mesmo os mandam para fora, a fim de não se aborrecerem com êles. Nisso não as imitariam as selvagens por nada no mundo, pois querem que seus filhos sejam alimentados com seu próprio leite.

Também creio que se deva atribuir ao grande amor que os pais têm a seus filhos o fato de jamais lhes dizerem palavras ofensivas; dão-lhes, ao contrário, ampla liberdade para fazerem o que lhes apetece e nunca os repreendem. Porisso mesmo, espanta que as crianças nada façam, em geral, que possa descontentar os pais, mas se esforcem, ao contrário, por agir de modo a lhes serem agradáveis.

Não sei se devo explicar êsse respeito das crianças selvagens pelo amor que têm a seus pais; possìvelmente sua natureza não se encontre tão viciada, nem a sua mocidade tão corrompida, quanto entre os cristãos, onde os vícios, as maldades e os apetites desordenados reinam a ponto de torná-los, desde a infância, verdadeiros flagelos para seus pais, que tanto trabalho tiveram em criá-los e educá-los amorosamente.

Os escravos moram também com seus senhores, dentro da mesma cabana, como filhos da mesma família. Comem bem e são bem tratados. Dão-lhes por mulheres suas filhas e irmãs, as quais os tratam como maridos. Isso tudo até que lhes agrade matá-los para comê-los. Dão-lhes liberdade, entretanto, para andar à vontade, de modo a trabalharem na roça, caçarem e pescarem. Fazem, por conseguinte, o que bem entendem.

As mulheres escravas são empregadas no serviço da roça e nos trabalhos domésticos, tal qual as outras mulheres, à espera, como os homens escravos, que as matem e as comam como recompensa quando se apresente a oportunidade.

Seus móveis caseiros são as rêdes de algodão a que chamam *ini* (1). Prendem-nas pelas extremidades, com cordas retorcidas, também de algodão, que amarram a pedaços de pau para êsse fim colocados nas choupanas. Cada um tem a sua rêde; a mulher tem a sua ao lado da de seu marido, e nunca se vêem dois homens deitados na mesma rêde.

Têm cabaças a que chamam *euá* (2) e de que se servem para ir buscar água; e têm outras, cortadas pelo meio, pintadas de vermelho e prêto, que denominam *cui* (cuias), e que lhes servem de prato, de tijelas e de copos para beber; usam as menores à guisa de colheres.

Têm cêstos a que chamam *uru* (3) ou *caramemô* (4). São feitos de fôlhas de palmeiras ou de pequenos juncos lindamente tecidos. Nêles guardam seus *uaruá* (5) (espelho) e também seus pentes a que dão o nome de *kevap* (6), suas facas chamadas *xê* ou *kessê* (7), suas tesouras ou *piraim* (8) e suas missangas ou *bói*, etc. Fazem também outros cêstos semelhantes, para guardarem seus ornatos de penas nos dias de festas. Os principais, e alguns anciões, possuem canastras a que chamam *patuá* (9), recebidas dos franceses em troca de gêneros do país, e nelas guardam as coisas mais preciosas.

---

(1) YNI — lit de cotton. — *Ini* rêde, maca.

(2) EUÄ — courge... dont ils se servent pour aller à l'eau. — *Yá*. — No *Tesoro*, além de outras acepções, tem a de cabaça, vasilha, o que nos reporta a *y* água, *á* recebe, conforme com o destino que lhe atribui o texto

(3) OUROU — pannier... faict de fueilles des Palmes. — *Uru*, de *y* (demonstrativo: o que) *ru* conter, trazer, o que contém, ou traz, o continente, vaso, cêsto, etc. O vocábulo *uru* ainda se usa em alguns Estados do Norte.

(4) CARAMEMO — pannier... faict de fueilles des Palmes. — *Caraminguá*. — Léry e Y. d'Évreux grafaram o vocábulo como C. d'Abbeville; Marcgrav traz *caramemoa*, e no *Tesoro* vem *caramenguá*, que Batista Caetano explica por *carame* em redondo, e *guá* seio. — *Caraminguá* ainda chamam os sertanejos nortistas ao saco ou alforge da matalotagem, e os rio-grandenses do Sul, por natural extensão do têrmo, que pluralizam, aos cararéus, badulaques, cousas de pouco valor, que cada um traz consigo em viagem.

(5) OUÄROUÄ — c'est à dire mirouers. — *Guaruá* ou *oaruá* espelho, o que sua sombra faz erguer ou nascer. O equivalente guarani é *ye-echacaba*, de *ye-echag* ver-se; aquilo em que se vê.

(6) KEUAP — peignes. — *Kibaba*, de *kyb* piolho (Pediculus), e *ab* cortar (carpere), conforme a explicação de Batista Caetano (*Apontamentos sôbre o Abañeênga*). Léry escreveu *kuap*, mas nos dicionários tupis vem *kybába*, equivalente a *kyguá* dos guaranis.

(7) XÉ ou KESSÉ — couteau. — *Quicé* faca, instrumento cortante. — De *quyi* ou *quyr* cortar.

(8) PIRAIN — ciseau. — *Piranha*, de *pir* pele, *ãi*, corta; tesoura, tenaz.

(9) PATOUÄ — coffre. — *Patuá*. — Deve ser contração de *patigua*, como escreveu Marcgrav. Por que era o cêsto que as mulheres traziam às costas, amarrado à cabeça, com os pertences da rêde, pode explicar-se por *hapati-guá* o que pertence à rêde ou cama, segundo Batista Caetano.

Possuem muitas panelas grandes de barro, nas quais fazem o *manipoí*, e outros vasilhames grandes em forma de vaso, que podem conter de trinta a cinqüenta potes, e nos quais fazem o *cauim*. Trouxeram-lhes os franceses também caldeiras que êles denominaram *nhaéssin* (10), ou *nhaèpepó* (11) e caldeirões, chamados *nhaèiúve* (12) que constituem as mais belas peças de suas casas.

Muitos índios têm, à frente de suas casas, grandes galinheiros para as galinhas comuns e os denominam *uiraró-cai* (13). Suas roças ou *có* (14) se localizam a mais ou menos um quarto de légua de suas aldeias.

Para fazer as roças cortam primeiramente o mato e deixam-no secar durante doze ou quinze dias; deitam-lhe fogo em seguida, de modo a reduzi-lo a cinzas. Limpo o lugar, plantam no centro muita mandioca para farinha; plantam também batatas, ervilhas, favas e semeiam outras ervas e raízes que lhes servem de alimento.

Êsse é o lar dos maranhenses e nisso consiste tudo o que ambicionam. Suas famílias e suas riquezas são o que se acaba de descrever; mas há ainda as armas de guerra, que mostrarei oportunamente.

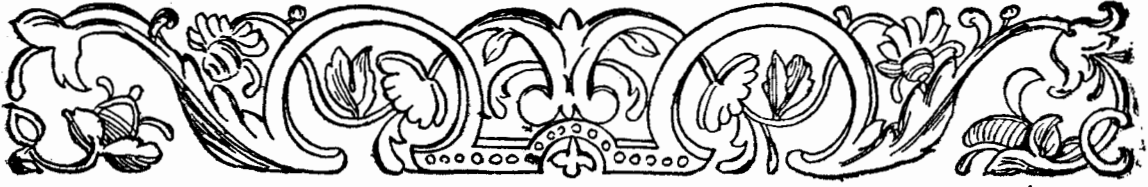
---

(10) GNAËSSIN — marmite. — *Nhaém* tem o significado de continente, vaso, panela, alguidar. No *Dicionário Tupi*, de Gonçalves Dias, vem *nhaénì* por *nhaém*, como está nos outros. Quiçá êrro de imprensa.

(14) GNAËPÉPO — marmite. — *Nhaempepó* está nos dicionários com a significação de panela, melhor vaso de ferver.

(12) GNAËIOUUE — chaudron. — Será *nhaènjuba*, que não se encontra nos dicionários.

(13) OUYRARO KAY — poullatier. — *Guyrarócaî* gaiola, galinheiro. — De *guirá-r-oca-î* de aves casa pequena.

(14) KO — jardin... au'ils font dans les bois à demy quart ou un quart de lieuë és environs de leurs villages. — *Có*, a roça, a plantação, quiçá relacionando-se com *co* ou *cog* sustentar, alimentar.

CAPÍTULO XLVIII

Da amizade dos maranhenses entre si e da recepção que fazem aos seus amigos.

ADMIRÁVEL que os índios tupinambás, guiados apenas por sua própria natureza, e por uma natureza em verdade corrupta, tenham uns para com outros tão cordial e fraternal amizade que se intitulam todos aliados e chamam-se mùtuamente pai, irmão, irmãozinho, tio, sobrinho ou primo, como se pertencessem todos a uma só família.

Embora possuam alguns objetos e roças particulares, não têm o espírito da propriedade particular e qualquer um pode aproveitar-se de seus haveres livremente. Distribuem entre si tudo o que possuem e não comem nada sem oferecer a seus vizinhos. Quando voltam de suas pescarias ou de suas caçadas, com algum bom peixe, algum veado, corça, javali, paca ou outra qualquer prêsa, tudo repartem cuidadosamente de modo a que dê para todos.

São muito hospitaleiros entre si; onde quer se encontrem entre seus aliados, são sempre muito bem acolhidos. Não lhes falta então comida e o mais necessário ao seu divertimento. Quando Deus os houver iluminado com o conhecimento de seu santo nome serão êsses selvagens um povo bom e caridoso, à condição de se manter dentro da mesma simplicidade e temperamento.

Qualquer de seus semelhantes ou amigos estrangeiros é logo ao chegar presenteado com uma rêde de algodão; chegam depois as mulheres com as mãos sôbre os olhos e, segurando uma das pernas do visitante, principiam logo a chorar com gritos e exclamações maravilhosas. É isso um dos mais evidentes sinais de cortesia que costumam testemunhar a seus amigos. Ao chôro acrescentam mil palavras de elogio, dizendo-lhe que é benvindo, constatando que é um homem bom e lamentando que tenha sofrido tão penosa jornada para vir visitá-los de tão longe.

Quanto ao visitante, cabe-lhe fazer o mesmo por cortesia, isto é pôr as mãos sôbre o rosto e chorar, ou pelo menos fingir.

Depois dessa cena, o chefe da família, que até então não dissera palavra, e continuara seu labor fingindo nada ver, dirige-se ao visitante estendendo-lhe a mão e dizendo: *Ere jupé* (chegaste), *Ereicobépe* (Estás

bom)? Em seguida a essa saüdação, indaga-lhe se deseja comer. Trazem-lhe então tudo o que deseja e dêle cuidam com carinho durante tôda a estada.

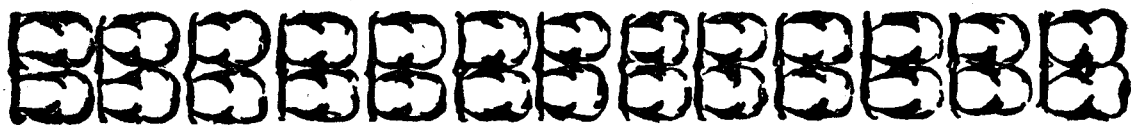
Se o visitante é índio, como êles, nada lhe pedem a título de recompensa; mas se o visitante é francês, antes de partir deverá dar alguma cousa para que seja bem recebido na próxima vez. Se não dá nada chamam-no *scateim* (1), forreta, avarento. E não deverá mais voltar, pois já não será bem recebido.

Se o visitante deseja recompensá-los pelas cortesias recebidas, deve dar facas e tesouras, aos homens, e às mulheres, pentes, espelhos e missangas. Pela paca, javali ou outra peça importante que lhe derem esperam êles também maior recompensa.

Ouvi de franceses, que com êles viveram durante dezoito e vinte anos, que no passado eram muito mais liberais. O pouco que receberam dos franceses em troca do muito que deram tornou-os finalmente avaros e desconfiados. E hoje nada fazem, nem dão, sem antes ter recebido muito mais. Ainda assim é bem pouco o que desejam em troca do que dão ou fazem. Por outro lado, nada se perde com ser liberal para com êles, pois não deixam de reconhecer os favores recebidos e não são ingratos, nem gostam de ser sobreexcedidos em liberalidade e cortesia.

O grande amor recíproco que entre êles se observa é causa do entendimento existente; porisso, quando se ofende a um dêles, tôda a nação se sente melindrada. Jamais o esquecem e procuram tirar desforra como se verá do capítulo seguinte.

---

(1) SCATÉUM — c'est à dire chiches et avaritieux. — *Cecateyma*, como está nos dicionários tupis, correspondente ao guarani *tacatei*, absoluto de *acatei*, de *acáb* brigar, *tey* sem cessar, à toa: teimoso, rusguento; mesquinho, parco, avarento.

CAPÍTULO XLIX

Das vinganças e guerras dos maranhenses. A sua crueldade para com os prisioneiros.

REIO que não existe debaixo do céu nação mais bárbara e cruel que a dos índios do Maranhão e circunvizinhanças. Haverá, com efeito, maior crueldade do que matar e massacrar os homens de sangue-frio, com alegria até, e ainda (o que é horrível e tôdas as demais nações bárbaras aborrecem), aspergir de sangue humano os convivas nos festins? Haverá maior barbaridade do que se mostrar hostil contra os vizinhos, a ponto não sòmente de lhes fazer sem trégua uma sangrenta guerra, mas ainda, para exterminar-lhes a raça, comer-lhes a carne até vomitar? Crueldade bárbara, barbaridade cruel! No entanto, disso é que se vangloriam os tupinambás, julgando-se tanto mais gloriosos quanto o número de homens que mataram na guerra e de inimigos que comeram.

É preciso primeiramente que se saiba que não fazem a guerra para conservar ou estender os limites de seu país, nem para enriquecer-se com os despojos de seus inimigos, mas ùnicamente pela honra e pela vingança. Sempre que julgam ter sido ofendidos pelas nações vizinhas ou não, sempre que se recordam de seus antepassados ou amigos aprisionados e comidos pelos seus inimigos, excitam-se mùtuamente à guerra, a fim, dizem, de tirar desforra, de vingar a morte de seus semelhantes.

Em todos os seus empreendimentos guiam-se pelos conselhos dos antigos que em seu tempo se mostraram valentes na guerra. Antes, porém, de deliberar, preparam um *cauim* e fumam e bebem à vontade. Depois de bebidos, aceitam sem discussão tudo o que os antigos resolvem a favor da paz ou da guerra.

Escolhem para chefe o que julgam mais hábil e valente, e êste vai de cabana a cabana exortando os homens e, com grandes gritos, dizendo-lhes como se devem preparar para a guerra. Mostra-lhes também que é importante se apresentar com coragem, pois pela covardia perderiam, para sua desonra, a reputação guerreira da nação conquistada pelos antepassados na matança e esquartejamento dos inimigos.

Tais discursos e encorajamentos, que duram não raro três a quatro horas, os animam de logo se meterem a preparar as armas, a farinha e demais provisões necessárias à guerra. E, no dia marcado, reunem-se todos no lugar designado.

Como armas servem-se de arcos de madeira vermelha ou preta muito dura e de cordas de algodão bem trançadas. Chamam-nos *uirapar* (1). Suas flechas, a que dão o nome de *ouve* (2), são assaz compridas, feitas de caniços sem nós a que prendem duas penas de côres diferentes e de um palmo de comprimento; em vez de ponta de ferro colocam nelas pontas de madeira dura, preta, de um pé a pé e meio de comprimento e aguçadas, muito bem amarradas com fios de algodão. Em certas flechas colocam, à guisa de ponta, ossos de peixes ponteagudos e mais ou menos do tamanho de um dedo pequeno, muito bem amarrados e com uma ponta recurvada em forma de gancho, o que faz com que o indivíduo ferido, se não fôr atravessado pela flecha, tenha solução melhor em completar a obra do que em tentar retirá-la, porquanto, neste caso, arrisca-se a trazer no gancho as próprias entranhas. Noutras flechas prendem um pedaço de caniço, de cêrca de um pé de comprimento e dois dedos de grossura e muito pontudo. Dão a estas flechas, que fazem grandes buracos em quem ferem, o nome de *tacuart* (3).

São essas as principais armas de que se utilizam. E são tão destros que nunca erram o ponto visado; e tão rápidos que atiram seis flechas enquanto os nossos archeiros lançam apenas três.

Além dos arcos e flechas possuem ainda espadas de madeira vermelha e duríssima, de quatro a cinco pés de comprimento e em forma de massa; a extremidade, porém, não é redonda, e sim larga e achatada, pouco mais ou menos como um chuço. Usam também escudos ou rodelas de couro muito resistente, a que dão o nome de *uaracapa* e com os quais se resguardam das flechas inimigas.

Procuram empregar a surprêsa em suas guerras e atacar os inimigos inopinadamente. E se um dos seus morre em combate, enterram-no com grandes homenagens e exaltam-lhe o valor em longos discursos.

Se fazem prisioneiros, amarram-nos e levam-nos em triunfo para suas aldeias, onde as mulheres, e principalmente as velhas, os recebem com imensa alegria, batendo com a mão na bôca e dando gritos de satisfação. Se entre os prisioneiros há velhos, comem-nos antes que emagreçam; quanto aos jovens, libertam-nos e os alimentam muito bem para que engordem; e dão-lhes suas filhas e irmãs por mulheres, como já foi dito.

Embora lhes seja possível fugir, à vista da liberdade de que gozam, nunca o fazem apesar de saberem que serão mortos e comidos dentro em pouco. E isso porque, se um prisioneiro fugisse, seria tido em sua terra

(1) OUYRAPAR — *Guarapar*, de *guará* por *ibirá* pau, *apar* torto, encurvado.

(2) OOUUE — flesche. — *Uyba*, flecha. — Difícil de explicar, mas deve reportar-se a *yb* vara.

(3) TACOUÄRT — sorte de fleche. — *Taquara*, nome genérico das Bambusáceas e Arundináceas. — De *taquar* o furado, o oco. Considerando, porém, o uso que lhe davam como pontas de flechas, pode-se admitir o étimo de Batista Caetano, de *t-aqua-r* o que tem ou dá pontas.

por *cuave eim* (4), isto é, poltrão, covarde, e morto pelos seus entre mil censuras por não ter sofrido a tortura e a morte junto dos inimigos, como se os de sua nação não fôssem suficientemente poderosos e valentes para vingá-lo.

O diabo tão profundamente gravou êsse ponto de honra no coração dos selvagens, como aliás no de muitos cristãos, que preferem morrer nas mãos dos inimigos, e ser comidos, a fugir, o que lhes seria fácil em virtude de sua liberdade.

Embora os índios tratem bem seus prisioneiros e lhes dêem por mulheres suas filhas e irmãs, as quais os tratam como maridos e cuidam de sua casa e roças, e tenham dêles filhos a que amam ternamente, matam os mais gordos quando lhes dá na telha por ocasião de qualquer festividade ou cauim.

Um ou dois meses antes de matá-lo, amarram-no tal qual os carrascos fazem aos prisioneiros após a sentença de morte; mas deixam-lhe ainda movimentos suficientes para que possa bater, brigar, roubar galinhas e gansos e outras cousas e fazer o que bem entenda digno de vingar sua própria morte.

Entrementes, avisam as demais aldeias para que os habitantes se achem presentes no lugar e dia marcados para essa trágica e fúnebre solenidade, ou melhor, para essa diabólica invenção. Reünidos todos, libertam o prisioneiro um dia ou dois antes da matança. Ao lhe tirarem então os ferros dos pés, dizem-lhe: *ecoain* (5), foge. E o infeliz principia imediatamente a correr como se desejasse escapar. Mas os índios correm-lhe atrás, como cães após um veado, e em poucos instantes está de novo prêso o desgraçado.

Assim como o que o pegou na guerra conquistou um título de valor, o que assim o agarra é julgado um dos mais valentes e adquire também um título com a proeza, título que conserva durante tôda a sua vida. Tais ações são consideradas heróicas, bem como o encargo de matar o prisioneiro.

Recapturado, o prisioneiro é amarrado a uma corda, pela barriga, sendo as pontas seguras por dois índios. É assim levado para a aldeia, onde as mulheres lhe pintam o corpo todo com variegadas côres e o enfeitam de penas. Para não serem julgados cruéis, dão-lhe então comida e bebida à vontade. Passeiam-no em seguida pelas casas, choram-no e fazem-no dançar e saltar até fartar-se.

Enquanto isso, os índios cauínam e bebem excessivamente, até se embebedar, dançam então e cantam por espaço de dois a três dias, depois do que conduzem o prisioneiro, sempre amarrado pelo ventre, até o local em que deve ser massacrado. Aí colocam junto dêle grande quantidade de frutos do tamanho de maçãs, porém duríssimos, e dizem-

---

(4) COUÄUE EUM — c'est à dire poltron et lasche de courage. — *Coaubeyma*, de *coaub*, saber, entender, conhecer, e *eyma*, posposição negativa: sem saber, sem entender, o imbecil, o tolo, e não o falto de coragem, o poltrão, conforme a interpretação do texto.

(5) ECOÄIN — suave toy. — *Canhéme* está nos dicionários tupis com o significado de fugir, desaparecer; o imperativo *e-canhém* foge tu!

-lhe, cercando-o: *ejepuic*, (6) vinga tua morte, ou, segundo a verdadeira significação da palavra: toma tua desforra. Imediatamente o prisioneiro, que tem as mãos livres, agarra os frutos e tudo o mais que pode pegar e atira com tôda a fôrça contra os assistentes, conseguindo não raro ferir sèriamente alguns. Os que seguram as pontas da corda, com que está amarrado, usam rodelas de couro para se protegerem.

Embora o desgraçado veja a morte próxima, já aceso o fogo e preparado o moquém, não demonstra pesar algum. Ao contrário, mostra-se alegre e satisfeito, sem temor à morte. Por seu lado, não revelam os outros índios nenhuma compaixão; antes o apodam de injúrias e zombarias.

Depois de muito folgarem, e de se divertirem à custa do desgraçado durante dois ou três dias sem interrupção, uma bela manhã, uma hora depois do nascer do sol (hora em que costumam matar seus prisioneiros) um dos anciões toma de sua espada de madeira pintada e enfeitada com penas de diversas côres e com o corpo ornado de uma guarnição chamada *terabebé*, (7) de plumas lindamente tecidas. Apresenta-se o ancião diante do prisioneiro e lhe faz o seguinte discurso: "Não sabes que tu e os teus mataram muitos parentes nossos e muitos amigos? Vamos tirar a nossa desforra e vingar essas mortes. Nós te mataremos, assaremos e comeremos". "Pouco me importa, responde a vítima, pois não morrerei como um vilão ou um covarde. Sempre fui valente na guerra e nunca temi a morte. Tu me matarás, porém eu já matei muitos companheiros teus. Se me comerdes, fareis apenas o que já fiz eu mesmo. Quantas vêzes me enchi com a carne de tua nação! Ademais, tenho irmãos e primos que me vingarão".

Entrementes, o índio encarregado de matar o prisioneiro apresenta-se com o corpo inteiramente pintado de variegadas côres e todo enfeitado de penas. E o ancião lhe coloca nas mãos a espada. Imediatamente o sangüinário assassino põe-se a saltar, bravatear e voltear a espada por cima do miserável, o qual, embora amarrado, procura pegá-la e arrancá-la das mãos do seu algoz. Mas a qualquer movimento para fazê-lo, os que seguram a corda puxam-no para trás. Fica, afinal, sem poder dar um passo e sem dar, entretanto, sinais de mêdo da morte. Sòmente uma cousa pode causar-lhe apreensão, principalmente se se trata de um grande guerreiro: o fato de possìvelmente não ter o seu algoz estado ainda na guerra, de não ser como êle próprio um grande e valente guerreiro, um *kerembave* (8) e *tetanatu* (9). Nesse caso, fica desesperado

---

(6) EIÈPOUICH — venge ta mort, ou selon la vraye signification du mot prens le pource. — O verbo *jepyca* vingar; *e-jepyca*, imperativo, vinga tu!

(7) ATERABÉBÉ — sorte de guarniture faicte de plusieurs sortes de plumages entreliez et accommodez fort ioliment. — *Atirabebe* e *Iatirabebe* em Marcgrav. Pode ser *atirá* topete, *bebé* que voa, voador; *atirá*, no *Tesoro*, significa topete, pròpriamente cabelo levantado de pessoas e aves.

(8) KEREMBAUE — c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — *Carimbabo* está nos dicionários tupis com o significado de forte, rijo, valoroso, que parece relacionar-se com *cuimbae* varão, macho, valente, que vem no *Tesoro*, ou com *quereymbae* aquêle que não dorme, que está alerta, vigilante. Com a mesma acepção dá o Padre Figueira (*Relação do Maranhão*) o têrmo *querimbaba*: "e que posto que já tinha fama de *querimbaba* e valente todos lhe querião bem..."

e julga grande afronta e desonra que lhe fazem. Mas quando o encarregado de matá-lo é um *yerembave* e *tetanatu* ou *tauaíve* (10), não se importa de morrer e encara a morte como uma grande honra.

O valente esgrimista, depois de saltar e voltear a espada para impressionar o prisioneiro, dá-lhe finalmente uma ou duas cacetadas atrás da orelha e quebra-lhe a cabeça fazendo cair os miolos no chão.

Aproximam-se então as mulheres, agarram o cadáver e lançam-no ao fogo até queimarem-se todos os pêlos. Retiram-no então e lavam-no com água quente. Depois de bem limpo e alvo, abrem-lhe o ventre e retiram-lhe as entranhas. Cortam-no em seguida em pedaços e moqueiam ou assam-no.

Para isso usam uma espécie de grelha de madeira a que dão o nome de *bucan,* (11) moquém. Essa grelha é formada de quatro forquilhas de madeira, da grossura de uma perna, fincadas no chão em forma de quadrado ou retângulo e sôbre as quais se colocam duas varas com outras menores atravessadas e próximas umas das outras. O moquém ergue-se cêrca de tres pés acima do chão e tem comprimento e largura proporcionais ao número de homens que devem ser moqueados, não raro incrìvelmente grande.

Deitam fogo em baixo da grelha sôbre a qual colocam todos os pedaços do pobre corpo estraçalhado: cabeça, tronco, braços e coxas, sem esquecer pernas, mãos, pés, inclusive entranhas ou parte delas, ficando o resto para o caldo. Nada perdem, em suma, e têm o cuidado de virar constantemente os pedaços para bem assá-los; e aproveitam até a gordura que escorre pelas varas e lambem a que se coagula nas forquilhas.

Tudo bem cozido e assado, comem os bárbaros essa carne humana com incrível apetite. Os homens parecem esfomeados como lôbos e as mulheres mais ainda. Quanto às velhas, se pudessem se embriagar de carne humana de bom grado o fariam.

Não é prazer pròpriamente que as leva a comer tais petiscos, nem o apetite sensual, pois de muitos ouvi dizer que não raro a vomitam depois de comer, por não ser o seu estômago capaz de digerir a carne humana; fazem-no só para vingar a morte de seus antepassados e saciar o ódio invencível e diabólico que votam a seus inimigos. Mais fantástico ainda é o seu modo de tratar os filhos do prisioneiro, embora o sejam também da mulher que lhe deram. Matam a mulher grávida para, mais ferozes do que tigres, comer-lhe o filho como comeram o pai; ou

---

(9) TETANÂTOU — c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — Talvez *tetecatu,* de *tetê* corpo, *catu* bom, forte rijo; o forçudo, válido, valente.

(10) TAÜÂYUE — c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — Talvez *taigaíb* ativo, diligente.

(11) BOUCAN — espece de gril de bois... lequel est faict de quatre fourches, grosses comme la iambe, fichées en terre en quarré ou en long, sur lesquelles ils posent deux perches, mettant plusieurs bastons par le travers assez proches les uns des autres. — *Moquém,* de *mbocai* o que faz secar ou assar, a grelha, como o texto descreve, onde a fogo lento assavam a carne dos inimigos, a caça ou o peixe. — Littré atribui a *boucan* procedência caraíba, mas note-se que Rochefort consigna *youla* "gril de bois, que d'autres Sauvages appellent *boucan.*" Léry encontrou a palavra no Brasil, do mesmo modo que Hans Staden, que a transcreveu *mockaein,* mais aproximado de *moquém.* A língua francesa assimilou o vocábulo tupi em *boucan, boucaner, boucanier,* etc.

deixam-no nascer e então o moqueam e devoram para exterminar a raça do inimigo.

Eis a que apogeu de crueldade o diabo, bárbaro algoz das almas cegas, levou, por entre as trevas da infidelidade, êsse povo pagão!

Deus, porém, na sua infinita misericórdia, condoeu-se dêles em meio à sua cegueira odiosa e nos permitiu que lhes déssemos a conhecer a abominação de costume tão diabólico e tão contrário à vontade de Tupã, que nos ordena amar aos nossos inimigos.

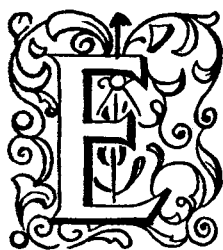
Também o sr. de Rasilly lhes disse o mesmo, mais de uma vez, principalmente durante a primeira reünião na Casa Grande, realizada logo após nossa chegada à Iha do Maranhão e à qual compareceram Japi-açu e outros anciões, como consta do capítulo XI. Então, aos bons e santos conselhos, assim respondeu Japi-açu: "Bem sei que êsse costume é ruim e contrário à natureza, e porisso muitas vêzes procurei extingui-lo. Mas todos nós, velhos, somos quase iguais e com idênticos poderes; e si acontece um de nós apresentar uma proposta, embora seja aprovada por maioria de votos, basta uma opinião desfavorável para fazê-la cair; basta alguém dizer que o costume é antigo e que não convém modificar o que aprendemos dos nossos pais. Só um morubixaba como tu tem o poder de abolir um costume tão mau. Como nos submetemos à tua vontade, faremos o que quiseres que se faça".

Essa idéia foi aprovada pelos demais anciões e prometerem todos abolir o uso diabólico, inflingindo pena de morte a quem o praticasse em desobediência à palavra empenhada em suas assembléias.

Na realidade, após o que aconteceu com a escrava de Japi-açu, a que me referi, não mais ocorreu massacrarem, moquearem e comerem ninguém; pelo contrário, arrependidos de ter praticado tantas atrocidades no passado, em vez de cruéis e ferozes mostram-se agora bons e pacíficos, em vez de tigres e lôbos, parecem ovelhas e carneiros; e muitos dentre os antigos filhos do diabo são agora filhos de Deus. Pedem para ser batizados e desejam viver na paz e dignamente. Porisso, bem podemos dizer que nesse povo do Maranhão cumpriu-se a profecia de Ezequiel: *Hoxc dicit Dominus Deus...Pro eo quod dicunt de vobis...Devoratrix hominum es, et suffocans gentem tuam. Proptera homines non comedes, et genten tuam non necabis ultra, ait Dominus Deus: nec auditam faciam in te amplius confusionem Gentium, et opprobium populorum nequaquam, portabis, et gentem tuam non amittes amplius, ait Dominus Deus.*

"Disse o senhor Deus tais palavras. Porque dizem de vós: és aquêle que devora os homens e sufoca tua gente. Doravante não comerás mais homens, nem matarás mais tua gente, disse o Senhor Deus. Não permitirei mais que haja em ti a confusão do gentilismo, e não carregarás mais o opróbrio dos povos e nem perderás mais tua gente, disse o senhor Deus.

CAPÍTULO L

Da conduta dos maranhenses e de seus exercícios

COUSA de causar tristeza ver o pobre estado daqueles que, após muitos trabalhos, morrem de fome junto a seus tesouros e, como outros Midas, são miseràvelmente ricos, e ricamente miseráveis, ou, como verdadeiros tântalos, morrem de sêde entre as ondas que no seu vaivém fogem dêles sem que possam estancar a sêde. Assemelham-se em verdade, a êsses dragões cujo encargo é defender as montanhas onde abunda o ouro e, no entanto, não se podem utilizar dêle.

A vista das suas desgraças me leva a considerar a felicidade dos nossos maranhenses que não conseguem apaixonar-se pelas riquezas, as quais sòmente com extremos esforços se conseguem, e através de grandes preocupações, e se perdem com pesar e desespêro. Não se entregam êles ao trabalho de correr através de desertos e mares, entre os rochedos dos azares, para se enriquecer com tesouros alheios.

Essa é a causa de sua felicidade e essa a vantagem que levam sôbre os outros. Vivem sem cuidado, sem preocupar-se com os bens temporais; não dão tratos à imaginação para amontoar ouro ou prata, tanto mais quanto lhes desconhecem o valor. Porisso mesmo, em vez de censuras, merecem louvores e se acham assim isentos de trapaças e de fraudes, de roubos e de furtos, tão comuns no comércio.

Os índios que trouxemos para a França admiravam-se muito, a princípio, da importância que dávamos às pequenas peças brancas ou amarelas; sabiam que as peças amarelas eram ouro, isso a que chamam *itajupe,* (1) e as brancas, prata, que denominam *itajeuic,* (2) mas não eram capezes de compreender porque as apreciávamos tanto. E mais ainda se admiravam de que com elas se obtivesse pão, vinho e o mais necessário à alimentação do homem, não podendo sem elas possuir-se cousa alguma.

(1) ITAIOUP — pieces iaunes d'or. — *Itajuba,* de *itá* pedra ou metal, e *juba* amarelo; ouro, dinheiro.

(2) ITAIEUC — pieces blanches d'argent. — *Itajica,* de *itá* pedra ou metal, e *jica* quebrado, ou que se quebra, quebradiço, o estanho. — Para designar a prata pròpriamente tinham o vocábulo *itatinga* pedra ou metal branco. Equívoco do autor.

Divertiu-nos muito, na Inglaterra, onde nos demoramos seis semanas por ocasião do nosso regresso, em virtude do mau tempo, observar a atitude dos índios diante do dinheiro; como não quisessem os negociantes algumas vêzes entregar as mercadorias pelo preço oferecido, tomaram-se de aversão por êsse povo a que chamaram logo *tapuitim* (3). Diziam em sua língua: *tapuitim ipochu scateim atupave,* "êsses inimigos brancos não valem nada, são sovinas e avaros".

Aconteceu um dia em Falmouth, na Inglaterra, vir a bordo um pescador, em um barco carregado de ostras e peixes, na intenção de vendê-los a algum tripulante; vendo os índios que os franceses davam dinheiro aos pescadores em troca de suas ostras, que sòmente assim as podiam obter, teve um dêles a sorte de encontrar uma medalha escura. Veio mostrá-la muito alegre perguntando quantas ostras poderia obter em troca. Sendo-lhe respondido que, não sendo a peça de metal amarelo nem branco e nada valendo, os *tapuitins* zombariam dêle se a apresentasse, tomou o índio imediatamente de um pedaço de giz, pintou de branco a medalha e deu-a a um dos pescadores pedindo-lhe ostras. O pescador pegou a medalha, olhou-a e pôs-se a rir como nós mesmos; mas, compreendendo a simplicidade do índio, deu-lhe algumas, mais para presenteá-lo do que pelo valor da peça. Mostrou-se o índio muito contente, mas não pôde deixar de comentar: "Os *tapuitins* são muito avaros e não prestam para nada, pois só me deram ostras em troca de dinheiro".

Não sabem, pois, os índios o que seja comprar e vender no intuito de juntar dinheiro, ouro ou prata, cujo valor desconhecem. Quando vendem seus escravos ou outros gêneros, o que costumam fazer com os franceses, que negociam com êles, fazem-no em troca de outras mercadorias que lhes agradam e dão a essa operação o nome de *ajepuíg,* rereceber trôco.

E' por isso que vivem alegres e satisfeitos, sem pensar em trabalho. Quando não estão em guerra passam boa parte da vida no ócio, empregando o resto na dança, na cauinagem, na caça e na pesca, mais para alimentar-se e distrair-se do que para juntar riquezas.

A dança é o primeiro e principal exercício dos maranheses que são, a meu ver, os maiores dançarinos dêste mundo. Não se passa um só dia sem que para isso se reúnam nas suas aldeias, mas as danças entre êsses selvagens não são tão vergonhosas como entre os cristãos. Raparigas e mulheres não dançam nunca com os homens, a não ser durante a cauinagem; mesmo assim, estão longe as suas danças da loucura, da desonestidade e da licenciosidade comuns às nossas danças; as mulheres colocam sòmente as mãos sôbre os ombros de seus maridos e porisso não se vêem aí os escândalos e as desgraças que aqui ocorrem nos bailes em virtude da lubricidade e da lascívia.

Dançam sem trejeitos, nem saltos, nem requebros e rodeios; colocam-se todos em círculo, muito perto uns dos outros, sem entretanto tocar nem falar; quase sem sair do lugar. Assim não se entusiasmam demasiado durante a dança a não ser no tempo do cauim; então percor-

(3) TAPOUYTIN — Les Anglais appellez... par les Maragnans. — *Tapuitinga,* bárbaro branco. — Nos dicionários tupis de origem lusa *tapuitinga* é o francês.

rem as aldeias dançando e saltando em tôrno de suas cabanas. Dançam em geral com os braços pendentes, as vêzes com a mão direita nas costas e contentam-se com mover a perna e o pé direito. E' verdade que não raro se aproximam uns dos outros, voltam, param e giram batendo sempre com o pé no chão; mas depois de três a quatro voltas regressa cada um em cadência ao lugar de onde saiu.

Para dançar usam apenas a cantoria. Seu instrumento é sòmente a voz, tão estranha aos que não estão acostumados. Para observar a cadência e marcar o compasso, usam um instrumento ou chocalho chamado *maracá* (4); e feito de um fruto pequeno, alongado e semelhante a um melão de tamanho médio, mas inteiramente liso; êsse fruto cresce na região, e dentro dêle colocam os índios inúmeros grãozinhos pretos e muito duros. Atravessam-no em seguida com um pedaço de pau para servir de cabo, que cobrem de fio de algodão e enfeitam, nos dias de festa, com lindas plumas de variegadas côres; usam então em suas ligas chocalhos de outros frutos.

Com seus maracás ou chocalhos à guisa de tambores bascos, acompanham suas cantorias. Não lhes acontece jamais cantarem canções escandalosas ou torpes, como ocorre entre nós, onde certas canções cheias de licenciosidades se ouvem em detrimento da glória de Deus, da Igreja, da honra do próximo e dos bons costumes, pois são imundas, detratoras e não raro blasfematórias. Seus cantos são em louvor de uma árvore, de um pássaro, de um peixe ou de qualquer outro animal ou cousa e não contêm palavras escandalosas; mas, principalmente, cantam seus combates, suas vitórias, seus triunfos e outros feitos guerreiros, tudo no sentido de exaltar o valor militar. Cada canto tem sua melodia diferente e um estribilho que é repetido em côro ao fim de cada estrofe.

Cantam muito baixo a princípio, mas pouco a pouco elevam a voz a ponto de no fim de suas danças serem ouvidos de muito longe e numa afinação tanto mais admirável quanto são numerosíssimos de costume.

Se êsses índios são grandes dançarinos são ainda melhores bebedores; em verdade não costumam beber senão nos dias de reüniões festivas, como quando matam algum prisioneiro para comer, quando deliberam sôbre a guerra, em suma quando se juntam por prazer ou para tratar de negócios importantes, os quais não seriam bem sucedidos se antes não preparassem o cauim e não cuidassem à vontade.

Se fazem o cauim durante o tempo dos cajus (que dura de quatro a cinco meses) tomam alguns dêsses frutos esponjosos e cheios de sumo e os expremem. O líquido assim obtido é chamado *caju-cauim;* é branco e excelente, forte como os vinhos regionais de França e com essa particularidade: quanto mais velhos melhores.

Os índios que vivem sem se preocupar com o dia seguinte, depois de fabricar grande quantidade dêsse vinho colocam-no dentro de belos vasos de barro que suas mulheres fazem para a solenidade e que são enormes e bojudos, porém de gargalo estreito e podendo conter, cada

(4) MARACA — instrument... faict d'un fruict. — *Maracá,* de *mbara* forte, resistente, e *cá* casca, a côdea, o envólucro.

qual, de quarenta a cincoenta potes; cheios os recipientes, bebem sem cessar até esvaziá-los.

Fora do tempo do caju, fazem outra bebida muito forte que chamam *cauim-etê*. Apanham as mulheres raízes de macacheira e as põem a ferver dentro d'água em enormes vasilhames de barro. Já bastante cozidas e moles, tiram-nas do fogo e deixam-nas esfriar um pouco; juntam-se em seguida as mulheres em tôrno dos recipientes, tomam as raízes e as mastigam para cuspi-las depois dentro de outros vasilhames de barro, com certa quantidade de água proporcional à quantidade de bebida que desejam fazer. Misturam-nas então com levedura de farinha de milho miúdo ou comum e põem tudo a ferver mexendo sem parar até completo cozimento. Tiram então essa espécie de sopa espêssa do fogo e enchem os vasos de colo estreito. Deixam a bebida assentar para tirar a bôrra, cobrem os vasilhames e guardam-nos até que se reúnam todos para cauinar.

Fabricam ainda outro tipo de vinho doce a que chamam *caracu*. É preparado com raízes de mandioca e mastigado como o procedente; juntada a farinha de milho e a água necessárias, fazem ferver tudo dentro de panelas de barro. Quando no ponto, essa bebida se torna um caldo espêsso, parecido com sopa de leite ou de arroz. Fazem então assar algumas espigas de milho, mastigam os grãos e cospem-nos no líquido o que o torna mais claro e fluido, permanecendo entretanto ainda assaz espêsso, porquanto não o coam de modo nenhum.

Bem sei que muita gente há de se espantar com o processo da cauinagem; muitos dirão sem dúvida que os índios são pouco asseados e que, quanto a êles, prefeririam morrer de sêde a experimentar essa bebida mastigada pelas mulheres indígenas. Confesso que assim pensei durante algum tempo. Mas certa vez, em Juniparã, um francês de nossa companhia trouxe um pouco dessa bebida ao sr. de Rasilly e a mim, asseverando-nos não ser a mesma, mas sim outra que êle próprio fizera. Bebeu o sr. de Rasilly e garantiu-me que era excelente; provei-a a achei-a ótima, saborosa, com um gôsto picante nada desagradável. Creio que coada seria ainda melhor.

Assim preparam os índios seu cauim e quando se aprestam para alguma reünião solene, como já disse, fazem suas mulheres, dias antes, grande quantidade (quinze a vinte) dêsses vasilhames e os guardam em suas cabanas.

Os que devem comparecer ao festim reúnem-se todos no dia designado. Já na véspera, à noite, começam a preparar-se, vestindo seus mais belos adornos de penas de variegadas côres e dançando em tôrno de suas casas, com seus maracás nas mãos, cantando e pulando sem cessar.

Entrementes deitam as mulheres um pouco de fogo junto aos vasilhames, para esquentar o cauim que costumam beber môrno; em seguido é aberto o primeiro pote e se inicia imediatamente a cerimônia da cauinagem, de que participam homens e mulheres. Os velhos ficam deitados ou sentados em suas rêdes de algodão, com o cachimbo na mão

---

(5) KARACOU — vin doux... faict de racines de Manioch-caue. (Vide *Garacou*, nota 66, pág. 180).

e conversam; outros cantam, dançam e saltam com seus maracás, e as mulheres os acompanham pondo as mãos nos ombros dos maridos; e todos juntos fazem um barulho ensurdecedor.

Nunca senti tamanho espanto como quando entrei numa dessas cabanas onde estava havendo uma cauinagem; no primeiro plano se achavam êsses grandes vasilhames de barro cercados de fogo e com a bebida fumegando; mais adiante, inúmeros selvagens, homens e mulheres, alguns completamente nus, outros descabelados, outros ainda revestidos de penas multicores, uns deitados expirando a fumaça do tabaco pela bôca e pelas narinas, outros dançando, saltando, cantando e gritando. E todos tinham a cabeça enfeitada e a razão tão perturbada pelo cauim que reviravam os olhos a ponto de parecer encontrar-me em presença de símbolos ou figuras infernais. E se na verdade o Diabo se deleita na companhia de Baco e busca por meio da dança perder as almas, há de por certo comprazer-se infinitamente nas reüniões dêsse miserável povo, que sempre lhe pertenceu pela barbárie, pela crueldade e embriaguez, e que sòmente encontra satisfação em dançar e cauinar quando se apresenta uma oportunidade, durante dois a três dias seguidos, sem repouso nem para dormir, até que todos os potes se esvaziem. E o que é mais estranho, bebem e fumam sem comer o que quer que seja.

Isso é tanto mais estranho quanto os índios são ao contrário extremamente sóbrios no comer. É verdade que não têm horas certas para comer, como nós, e não se incomodam com fazê-lo a qualquer momento, de dia ou de noite; mas não comem sem ter fome e assim mesmo com muita sobriedade.

Seu alimento habitual não é o pão, porém a farinha feita de raízes de mandioca, de macacheira ou de macacheira-etê, raladas num crivo de madeira repleto de dentes de pedra ou de ossos de peixe muito aguçados. As raspas de raízes são em seguida expremidas com as mãos dentro de um grande vasilhame de barro. Com êsse bagaço assim obtido fazem enormes bolas que deitam a secar no sol. Pilam-no então e o cozinham noutra panela de barro, remexendo sem cessar até que se transforme em pequeninos grumos. Êstes, bem cozidos, parecem miolo de pão grosseiro. É um alimento muito bom, estomacal, nutritivo e de fácil digestão. Dão a essa farinha o nome de *Uí*.

Depois de deixar assentar por algum tempo o suco de mandioca no vasilhame de barro, retiram o mais claro para fazer a sopa dita *manipoí*, muito saborosa. Com o resíduo fabricam tortas ou bolos chamados cassave (6) e bem melhores que a farinha ao paladar.

Empregam ainda outro método para fazer a farinha. Tomam ditas raízes e põem-nas de môlho na água durante dois ou três dias; fazem-nas secar em seguida, de modo a se tornarem inteiramente alvas.

---

(6) CASSAUE — espece de tourteaux. — *Cassave*, que Oviedo (*Hist. General y Natural de Indias*) descreve como "unas tortas grandes que hacen de Yuca", acrescentando que "este es el pan ordinario desta (isla Española) e otras muchas islas, asi de las que estan por conquistar, como en las que estan pobladas de christianos". — E' voz das Antilhas, conhecida desde os primeiros tempos do descobrimento. Américo Vespucci, em sua primeira carta a Soderini, já trata do *Cazabi*. Piso escreveu *Cassavi*.

Dão-lhes então o nome de *caimã* (7). Pulverizam-nas depois em seus pilões e as deitam a cozinhar. Não tendo sido espremidas como as outras, conservam todo o seu suco e são muito melhores.

Para transformar essa farinha em provisão de guerra, cozinham--na várias vêzes, tal qual fazemos com o biscoito e assim também se torna boa para provisão de mar.

O instrumento de que se servem para pilar as raízes é um simples tronco escavado em forma de pilão. Chamam-no *onguá* (8). A mão de pilar é um porrete de cinco a seis pé de comprimento e da grossura de uma perna. Chama-se *onguá-uá-iare* (9).

Consomem essa farinha diàriamente, misturada com o caldo de carne ou de peixe, fazendo uma excelente sopa denominada *nugã*.

Fazem outra espécie de sopa com o suco da *mandioca cave* ralada como as precedentes, mas cujo bagaço só serve para a alimentação dos animais. O suco, porém, misturado com a farinha de milho e a *cassava*, e alguns frutos chamados *pacuri*, dá uma excelente sopa, também denominada *manipoí*, que tomam pela manhã e dão de costume às crianças de peito, tal qual fazemos com as papas.

Essas as sopas habituais dos maranhenses. Quanto às carnes, comem comumente, a do *arainhã*, do *uirá-sapucai*, dos *upc*, dos *mutuns*, *jacus*, *nambus*, *uirátin*, e outras aves, além de caça, em grande abundância.

Comem também a carne de *suaçuapar*, *taiaçu*, *paca*, *cotia*, *tatu*, e outras, em número infinito e excelentes, além dos sapos e lagartos que não são em absoluto venenosos como ficou dito.

Comem ainda a carne do *curemã-açu*, *parati*, *canuri-açu*, *pirá-on*, *pirápen*, *uiri*, *uri-juve* e outros peixes muito saborosos, que pescam com facilidade e constituem seu alimento mais vulgar.

E têm por outro lado o *comandá-mirim*, o *comandá-açu*, o *giromon*, a batata e outros frutos que a terra produz abundantemente.

Nada comem em geral que não seja cozido, e principalmente assado. A cada bocado juntam sal e pimenta moída e a êsse tempêro trivial dão o nome de *jonquere*. (10)

Como bebida têm as águas excelentes da região.

---

(7) CAYMAN — farine... ils prennent les racines toutes entieres & les font tremper deux ou trois jours dedans l'eau, puis les ayant faict seicher ou soleil deviennent toutes blanches et fort tendres. — *Carimã*, massa da mandioca puba. — Hans Staden escreveu *Keinrima*; Nieuhof *Kaarima*; Y. d'Évreux *Cariman*. — Difícil de explicar plausìvelmente.

(8) ONGOUÄ — tronc d'un arbre creusé en forme d'un mortier. — *Anguá*, de *emb* ôco, côncavo, e *quá* bater. — Nos dicionários tupis, para significar pilão, vem *enduá* ou *induá* ao passo que a dicção *anguá*, que está no *Tesoro*, é privativa dos vocabulários guaranis.

(9) ONGOUÄ VÄ YARE — au lieu de pillon ils se servent d'un baston long. — *Anguauaiba* mão do pilão ou gral, conforme Batista Caetano. Nos dicionários tupis, com aquêle significado, ocorre *induá-mena*.

(10) IONQUERE) — saulce ordinaire de toutes leurs viandes. — *Juquiri*, de *yuquir* sal (literalmente *y*, demonstrativo, o que, *ú* comida; *quir* aguça), e *y* água: água de sal, salmoura, môlho.

Fora da cauinagem seu maior exercício é a caça. Não se parecem nisso com os nossos caçadores que dizem, antes de partir para a caçada: "vou ver si pego uma lebre". Como têm certeza de que o farão, dizem: "vou buscar uma paca, uma capivara, um javali, etc." E com efeito não demoram em trazer o prometido.

Usam arcos, flechas e taquaras para caçar veados, corças, javalis e outros bichos selvagens. Possuem também cães semelhantes aos galgos, porém menores, para a caça da cotia. Sabem ainda armar com habilidade arapucas e armadilhas de rêdes que colocam nas matas; e não lhes falta engenho para pegar tôda espécie de animais.

Não são menos hábeis na pesca, que constitui também uma de suas ocupações diárias, e os diverte tanto quanto a caça. Não falta peixe e pegam quanto desejam da melhor qualidade. Para apanhá-lo empregam rêdes por êles próprios tecidas e armadas a que chamam *Puiçã.* (11) Usam anzóis denominados *pindá,* (12) para os peixes pequenos e médios, e arpões para fisgar peixe-boi e outros igualmente grandes.

Utilizam também pescarias de pedras construídas à beira-mar, ou de madeira e de galhos, erguidas na embocadura dos pequenos rios. São rêdes e nelas entram peixes de diversas espécies com o fluxo do mar e na maré vazante ficam presos, sendo apanhados em grande quantidade.

Valem-se ainda de outra invenção para pescar o peixe saltitante à superfície das águas do mar; entram na água até a cintura e com as mãos empurram suas canoas ao longo da praia fazendo-as pender de um lado tão jeitosamente que os peixes saltam dentro.

Também costumam amarrar duas canoas de um lado só; e enquanto uns remam os outros batem n'água. Os peixes assustados saltam e caem dentro das embarcações. Às vêzes procedem de outro modo: batem n'água para que os peixes subam à tona; os outros então mergulham joeiras de peneirar farinha ou grandes cabaças vazias, e tão hàbilmente o fazem que apanham muitos peixes.

Também vão à praia à noite, com pindobas acesas; atraem assim os peixes e os pescam com suas joeiras e cabaças.

O mais agradável, porém, é ver-se os meninos, com água até a cintura, atirarem suas flechas, ferindo e trespassando peixes com real destreza. Os peixes assim atravessados não podem ir ao fundo por causa da flecha e os meninos nadam então, apesar de conservarem seus arcos nas mãos, e vão buscá-los. Pegam dêsse modo grande quantidade e êsse é o seu melhor e mais comum passatempo.

Empregam-se os homens e os adolescentes, ademais, em cortar árvores e rotear a terra para as roças de mandioca. Fazem isso pela manhã, antes dos grandes calores e do tempo das chuvas. Divertem-se com fazerem arcos e flechas, e às vêzes pequenos bancos muito bonitos a que chamam *apuivave;* (13) sabem tecer com habilidade cêstos de di-

---

(11) POUYSSA — ret. — *Puçá,* rêde, renda, crivo, talvez particípio de *pug* furar, o furado, o esburacado.

(12) PINDA — hameçon. — *Pindá,* anzol, aquilo com que se fisga, talvez formado do particípio de *pin* fisgar, agarrar.

(13) APOUYAUE — petit escabeau. — *Apicaba* banco, assento, de *apy* sentar-se, *apycab,* particípio, lugar, modo de sentar-se.

versos formatos, feitos de fôlhas de palmeiras ou de caniços sem nós, abundantes na região.

As mulheres têm maior número de ocupações, cabendo-lhes cuidar da casa. Além disso, depois de limpas as roças, e queimadas, compete-lhes fazer o resto. Plantam batatas, ervilhas, favas, e tôda espécie de raízes, legumes e ervas. Também semeiam o milho, ou *avati*. Mas todo o seu trabalho consiste, entretanto, apenas em fincar o grão na terra dentro de buracos feitos com um pau. Plantam ainda as quatro qualidades de mandioca mencionadas. É verdade que seu trabalho não é grande, pois sendo os galhos dessas plantas muito tenros basta-lhes quebrá-los e fincá-los na terra. Mesmo sem cuidados especiais dão grandes raízes. Mas depois de quatro meses devem colhê-las para fazer a farinha. Cabe-lhes ainda preparar o cauim, buscar água, fazer o necessário à alimentação e tomar conta da casa, no que não se ocupam os homens de modo algum.

São as maranhenses que fazem o azeite de côco, que colhem o *rucu*, que o lavam e transformam em massa. Colhem também o algodão, descaroçam-no e preparam-no com destreza; fiam com muito engenho e tecem as rêdes, de malhas ou lisas por inteiro e com figuras artísticas tão perfeitas quanto os trabalhos dos nossos melhores tecelões. E fazem também faixas com as quais carregam os filhos ao pescoço.

As mulheres fabricam também muitos vasilhames de barro de todos os formatos, ovais ou quadrados; uns semelhantes a vasos, outros a pratos, outros de feitio de terrinas, todos muito lisos e polidos, principalmente por dentro. Empregam certas resinas brancas e negras para vidrá-los por dentro e os enfeitam com figuras segundo a sua fantasia.

Essas as diversas ocupações diárias e domésticas das maranhenses, em geral mais ativas do que os homens. Êstes são bastante preguiçosos e só pensam em discursos e distrações.

CAPÍTULO LI

Gênio e temperamento dos maranhenses.

NSINA-NOS o filósofo, e a experiência o comprova, que o clima temperado é saüdavel não sòmente ao corpo, mas ainda ao intelecto e à natureza humana. E' por existirem tantos climas fantàsticamente diferentes que se deparam tantos costumes diversos e díspares e concordes com a temperatura.

Os habitantes da Líbia são diferentes dos da Cítia, e a temperatura fria e rude do norte torna os homens rústicos e tardios, ao passo que o clima quente e leve do sul os faz sutis, espirituosos e amáveis.

Isso explica porque os maranhenses, que vivem em clima tão temperado, tenham excelente gênio e tão viva inteligência.

Não pretendo elevá-los acima dos espíritos cultos e civilizados, nem compará-los aos que se poliram na prática das virtudes e das ciências. Limito-me a falar de seu gênio e temperamento naturais e como de indivíduos que sempre foram pagãos, bárbaros e cruéis para com seus inimigos, hostis a Deus, filhos do diabo, escravos de suas paixões; indivíduos que nunca foram governados nem educados e que tudo ignoram da ciência e da virtude e mesmo da existência de Deus.

Em verdade, imaginava eu que iria encontrar verdadeiros animais ferozes, homens selvagens e rudes; enganei-me, porém, totalmente. No que diz respeito aos sentidos naturais, tanto internos como externos, jamais achei ninguém, indivíduo ou nação que os superasse.

Além de extremamente sóbrios e longevos, são vivos na proporção de sua excelente constituição natural, principalmente quanto aos sentidos exteriores.

Têm o olfato tão perfeito que, como um cão (à exceção da bondade), reconhecem a pista de um inimigo e discernem duas pessoas de nações diferentes.

Durante a nossa viagem de regresso os índios que trazíamos conosco muito antes de qualquer tripulante percebiam os navios no horizonte graças à sua vista maravilhosa. E quando os mais hábeis marujos pensavam ter descoberto terra trepados no alto do grande mastro, os índios sem sair do tombadilho fàcilmente verificavam não se tratar de

terra, porém de acidentes de horizonte ou de simples nuvens escuras. E assim tendo os marujos se enganado várias vêzes, apesar de sua experiência, zombaram dêles os índios dizendo: *caraíbes osapucai tenhe terre, terre euvac con assupinhé,* isto é, "êsses franceses gritam *terra terra* e no entanto não é terra, mas sòmente céu prêto".

Em verdade foram os primeiros a descobrir a terra por ocasião de nossa chegada, e muito antes que qualquer um de nós a pudesse ver, e embora muitos na nossa tripulação tivessem excelente vista. Assim como a vista têm êles os outros sentidos do ouvido, do paladar e do tato.

Qual o indivíduo, por mais culto que seja, que, após longos anos de ócio, de vagabundagem e inutilidade, de esbanjamento e de deboche, não sente afinal a ponta de seu espírito embotada, não se torna tardio, rude, estúpido?

Ingenium longa rubigine laesum
torpet et est multo quam suit ante minus.

No entanto êsses maranhenses, embora permaneçam perpètuamente no ócio, quero dizer, não tenham leitura, nem estudos, nem educação de espécie alguma, conservam um espírito e um julgamento natural tão bons quanto possíveis.

São extremamente discretos, muito compreensivos a tudo o quê se deseja explicar-lhes, capazes de conceber com rapidez tudo o que lhes ensinam; e mostram-se muito ansiosos por aprender e muito aptos a imitar tudo o que vêem fazer.

São tão serenos e calmos que escutam atentamente tudo o que lhes dizem, sem jamais interromper os discursos. Nunca perturbam o discursador, nem procuram falar quando alguém está com a palavra. Escutam-se uns aos outros e jamais discorrem confusamente ou ao mesmo tempo que outros.

São grandes discursadores e mostram grande prazer em falar. Fazem-no às vêzes durante duas a três horas seguidas, sem hesitações, revelando-se muito hábeis em deduzir dos argumentos que lhes apresentam as necessárias conseqüências.

São bons raciocinadores e só se deixam levar pela razão e jamais sem conhecimento de causa. Estudam tudo o que dizem e suas censuras são sempre baseadas na razão. Porisso mesmo querem que lhes retribuam na mesma moeda.

Consideram-se alguns extremamente obstinados; outros dizem que êles são inconstantes, volúveis. Na verdade são inconstantes se deixar-se conduzir ùnicamente pela razão pode ser chamado inconstância; mas são dóceis aos argumentos razoáveis e pela razão faz-se dêles o que se quer. Não são volúveis, ao contrário, são razoáveis e em nada obstinados. Se se obstinam e se mostram firmes na suas opiniões é porque sabem ter razão. Isso é constância. E se suas resoluções parecem absurdas é porque não souberam mostrar-lhes o rasoável, ou houve mal entendido, ou falta de confiança nos que não conhecem.

Quantos cristãos não há que, apesar dos conselhos e das provas, se recusam a abandonar seus antigos costumes e suas tradições diabólicas prejudiciais à salvação de suas almas? Isso é obstinação. A prova de que os maranhenses não são nem demasiado crédulos, nem obstinados,

está na maneira porque abandonaram seu velho costume de arrancar os pêlos da barba, furar o lábio, pintar o corpo, etc. Entretanto não fizemos nenhuma pressão nesse sentido e mal os importunamos a êsse respeito, porquanto tal costume era indiferente à crença e não nos impedia de batizá-los. Contentamo-nos com dizer-lhes que lhes dávamos inteira liberdade. "E mesmo, acrescentamos, se desejais continuar a furar os lábios e as narinas com os lábios, fazei-o, pouco nos importa; e se desejais pintar o corpo mandaremos vir de França lindas côres, que aqui não tendes, para que sejais mais belos ainda. Mas se desejais nosso conselho fazei como nós. Com efeito, para que furar os lábios? Se fôsse necessario tê-los furados, Deus, que vos fêz, os teria furado como furou vossas bôcas e vossas orelhas e vossas narinas e outras partes que precisavam ser furadas para o bom funcionamento de vosso corpo. Se Deus não quisesse que tivésseis pêlos no mento permitiria que vossa barba crescesse como a nossa? Não teria êle impedido que o pêlo viesse ao queixo como impede que venha a outras partes do corpo onde não existe? Se desejasse que vos pintásseis de tôdas as côres, como fazeis, não vos teria êle próprio pintado? Se não o fêz, não será um sinal de que não deseja que façais? Porque então o fazeis?"

Com essas palavras razoáveis e amistosas, mostrando-lhes assim pelo detalhe que seus costumes eram errados, levamo-los a compreendê-lo sózinhos. Atraídos assim pela doçura e convencidos pela razão, entenderam a verdade e chegando êles próprios a essa conclusão nos disseram: *ajé catu, Tupã remimonhã jemonhã motar ipotareum mé noroico chuene sessé*, isto é, "dizes a verdade. Tupã o teria feito, se fôsse necessário; como não o deseja, não o faremos mais". E, com efeito, já muitos agora deixam crescer a barba, inúmeros outros já não querem ouvir falar de furar os lábios dos filhos nem de pintá-los ao nascerem.

Um ancião, por alcunha *Acajuí*, de quem já falamos, vendo que seu filho ainda não tinha o lábio furado, nos disse que não queria mais que o fizessem pôsto que não o aprovávamos e que não havia mesmo nenhum motivo para fazê-lo.

Outro houve que me mostrou seu filho recém-nascido e disse que desejava fôsse batizado. Para isso levá-lo-ia à nossa capela de São Francisco para que assim se fizesse solenemente. E como eu me espantasse de ver uma criança tão branca disse-me que tôdas as crianças são brancas quando nascem, mas adquirem a côr que lhes vemos com os óleos e tintas que os pais lhes passam no corpo; como não achávamos bonita essa prática, não desejava mais pintar seus filhos.

Se essa nação fôsse tão volúvel, não perseveraria no bem que lhe ensinamos, nem cumpriria as promessas feitas; e nem sequer seria preciso grandes argumentos para que abandonassem seus costumes. Se, por outro lado, fôssem obstinados, não abandonariam por completo seus hábitos como muitos fizeram, tanto mais quanto com relação a alguns, por indiferentes, lhes dávamos plena liberdade. E ainda menos teriam abandonado suas impiedades e sua crueldade diabólica para se converterem.

Mas admitamos que sejam realmente inconstantes e obstinados; haverá nisso razão para desprezá-los? Que virtude pode ter um povo

tão desesperado e endiabrado como êsse dos canibais e antropófagos, entre o qual a tirania do Diabo tinha apagado qualquer vestígio de bondade? Em verdade eu não imaginava encontrar entre êles nenhum bem, nenhuma civilidade. Como entretanto têm todos uma alma, que precisa ser salva, considerava-os tanto mais dignos de comiseração quanto maiores suas imperfeições.

Na realidade é êsse um povo que não quer ser guiado pela fôrça, mas sim pela doçura e pela razão.

São muito engenhosos e ativos na fabricação de tudo o que precisam para a caça, a pesca ou a guerra. São capazes de mil invenções para enfeitar seus arcos, suas flechas, seus ornatos de penas; sabem fazer os instrumentos de que se servem habitualmente. Poucos entre êles desconhecem a maioria dos astros e estrêlas de seu hemisfério; chamam-nos todos por seus nomes próprios, inventados pelos seus antepassados. Ao céu dão o nome de *Eivac* (1), ao sol de *coaraci* (2), à lua de *Jacei* (3). Às estrêlas chamam de um modo geral *jacei-tatá* (4). Entre as que conhecem particularmente há uma que denominam *Simbiare rajeiboare* (5), isto é, maxilar. Trata-se de uma constelação que tem a forma dos maxilares de um cavalo ou de uma vaca. Anuncia a chuva. Há outra a que chamam *urubu* (6), a qual, dizem, tem a forma de um coração e aparece no tempo das chuvas. A outra dão o nome de *seichujurá* (7). É uma constelação de nove estrêlas dispostas em forma de grelha e anuncia a chuva. Temos entre nós a "*Poussinière* que muito bem conhecem e que denominam *seichu* (8). Começa a ser vista, em

---

(1) EUUAC — le Ciel. — *Ibac*, de *yb* alto ou para cima, *bag* ou *bac* virado.

(2) KOÄRASSUH — le Soleil. — *Coaraci*, de *guara*, particípio nominal de *ecó* o que é, o ser, o vivente, e *cy* mãe: mãe dos sêres, ou dos viventes. — Na mitologia tupi a *Coaraci* coube a missão de criar os animais.

(3) YÄSSEUH — la Lune. — *Jaci*, de *yá* fruto, e *cy* mãe: mãe dos frutos. — Na mitologia tupi a *Jacì* coube a missão de criar os vegetais, ou os frutos. — — Significa também mês.

(4) YÄSSEUH-TATA — les Estoilles en general. — *Jaci-tatá*, de *Jaci* (Vide nota precedente), e *tatá* cintilante, estrêla ou estrêlas.

(5) SYMBIARE RAIEUBOIRE — une constellation disposé comme les machoires d'un cheval ou d'une vache, laquelle est pluvieuse... c'est à dire machoire. — Devem estar assaz alterados êstes dois vocábulos; seguindo aproximadamente o texto, teríamos *tenibaba* ou *tinoaba* queixada, mandíbula inferior, por *symbiare*, e *rapichara* similhante, que se parece, em vez de *raieuboire*. Mas os têrmos de C. d'Abbeville se afastam tanto dos que indicamos, que só o fazemos *sub reserva*, embora se não encontrem no tupi outros que melhor correspondam à interpretação do texto.

(6) OUROUBOU — Constellation... en forme de coeur. — *Urubu*, nome genérico dos Catártidas, susceptível de várias explicações, das quais a mais conforme com a bibliografia é a que o faz derivar de *uru* ave (galináceo em geral) e *bu* negro; pode admitir-se outra que o derive de *uru*, como acima, e *u* voraz, o corvo. — — Talvez a constelação a que o texto se refere seja a do Corvo.

(7) SEICHOU-IOURA — une constellation de neuf Estoilles disposées en forme de gril laquelle leur presagie les pluies. — *Eichu-jurá* jirau da abelha.

(8) SEICHOU — la Poussiniere qu'ils connoissent bien. — *Eichu*, a abelha mestra, de *ei-hub* busca mel, ou pai do mel, conforme Batista Caetano. — Por esta dicção se vê a comunidade de idéias entre os tupis do Norte e seus parentes do Sul, que também davam o nome de *Eichu* à constelação das Plêiades ou Setestrelo.

seu hemisfério, em meados de janeiro, e mal a enxergam afirmam que as chuvas vão chegar, como chegam efetivamente pouco depois. Há uma estrêla a que chamam *tingaçu* (9) e que é mensageira da precedente, aparecendo no horizonte quase sempre quinze dias antes. A outra, que surge também antes das chuvas, dão o nome de *suanrã* (10). É uma grande estrêla maravilhosametne clara e brilhante. Existe por outro lado uma constelação de várias estrêlas que denominam *uènhomuã* (11), isto é, lagostim; aparece ao terminarem as chuvas.

A certa estrêla chamam os índios *januare* (12), cão. É muito vermelha e acompanha a luta de perto. Dizem, ao verem a lua deitar-se, que a estrêla late ao seu encalço como um cão, para devorá-la. Quando a lua permanece muito tempo escondida durante o tempo das chuvas, acontece surgir vermelha como sangue da primeira vez que se mostra. Afirmam então os índios que é por causa da estrêla *januare* que a persegue para devorá-la. Todos os homens pegam então seus bastões e voltam-se para a lua batendo no chão com tôdas as fôrças e gritando, *eicobé cheramoin goé, goé, goé; eicobé cheramoin goé,* "au, au, au, boa saude meu avô, au, au, au, boa saude meu avô". Entrementes as mulheres e as crianças gritam e gemem e rolam por terra batendo com as mãos e a cabeça no chão.

Desejando conhecer o motivo dessa loucura e diabólica superstição vim a saber que pensam morrer quando vêem a lua assim sanguinolenta após as chuvas. Os homens batem então no chão em sinal de alegria porque vão morrer e encontrar o avô a quem desejam boa saude, por estas palavras: *eicobé cheramoin goé, goé, goé; eicobé, cheramoin goé, au, au, au, boa saude, meu avô, boa saude.* As mulheres, porém, têm mêdo da morte e porisso gritam, choram e se lamentam.

Conhecem também a estrêla da manhã e chamam-na *jaceí-tatáuaçu* (13), grande estrêla. Dão à estrêla vespertina o nome de *pirapaném* (14) e dizem que é quem guia a lua e lhe vai à frente. Conhecem ainda outra estrêla que se acha sempre diante do sol e lhe dão o nome

---

(9) TINGASSOU — Estoille... laquelle est comme la messagere ou avancouriere de laditte Poussiniere, paroissant tout jours dessus leur orizon environ quinze jours avant icelle. — *Tingaçu* ave da família das Cocúlidas (*Piaya cayana*, Linn.) — De *ti* bico, *açu* grande.

(10) SOUÄNRAN — une grosse Estoille merveilleusement claire et luisant. — *Uam-rana*. De *uam* pirilambo, vagalume (Malacodérmidas) e *rana* similhante, parecido. — É a estrêla Sírius, a mais clara e resplandecente do firmamento.

(11) OUÉGNOMOIN — une constellation de plusieurs Estoilles... c'est à dire Escrevisse. (Vide nota 40, pág. 197).

(12) IAOUÄRE — Estoille... c'est à dire Chien. — *Jaguar* (Vide *Ianouäre*, nota 13, pág. 201). — É a estrêla da tarde, ou Vésper, a que o povo chama *Papaceia*. — No *Tesoro*, *yaguabebé* cão voador, significa cometa, que não é pròpriamente o corpo celeste a que alude o texto.

(13) YÄSSEUHTATA OUÄSSOU — Estoille du jour. — *Jaci-tatá*, como em *Yässeuh*, nota 3, pág. 246, e *guaçu* grande.

(14) PIRA-PANEN — Estoille du soir. — *Pirá-panema*, de *pirá* peixe, *panema* escasso, falho. — Os guaranis chamavam *Pira-pané* ao planeta Mercúrio, a cuja influência atribuíam a falta de peixe em dadas monções.

de *iapuicã* (15), "sentada em seu lugar". Com o início das chuvas perdem essa estrêla de vista. Conhecem também o Cruzeiro, bela constelação de quatro estrêlas muito brilhantes dispostas em cruz. Chamam-na *criçá* (16), cruz.

Há uma estrêla que se levanta depois do sol pôsto; como é muito vermelha dão-lhe o nome de *jandai* (17), derivado de um pássaro assim chamado. Conhecem também uma constelação de sete estrêlas que tem a forma de um pássaro e a que chamam *iaçatim* (18). A outra constelação formada de muitas estrêlas parecida com um macaco denominam *caí*. A outra chamam *potim* (19), caranguejo, por ter a forma dêsse animal.

Tuivaé (20), homem velho, é como chamam outra constelação formada de muitas estrêlas semelhante a um homem velho pegando um cacete.

Certa estrêla redonda, muito grande e muito luzente, é chamada por êles *conomi-manipoere-uare* (21) o que quer dizer: menino que bebe manipol.

Conhecem uma constelação denominada *iandutim* (22), ou avestruz, branca, formada de estrêlas muito grandes e brilhantes, algumas das

---

(15) YÄPOUYKAN — Estoille qui se leve toujours devant le soleil... c'est à dire estoille assize en sa place. — Difícil de interpretar esta dicção, e só dubitativamente podemos explicá-la, de acôrdo com a definição do texto, por *y* (demonstrativo: o que, aquêle que), *api* sentar-se, estar assente, *hequáb*, lugar dêle: o que está assente no lugar. — Talvez o planeta Vênus, conforme à descrição do texto.

(16) CRUSSA — constellation de quatre Estoilles fort luisants... c'est à dire Croix. — *Curuçá*, no tupi; *Curuzu*, no guarani; alteração do vocábulo português e espanhol *cruz*. — É a constelação do Cruzeiro do Sul, que se designava com o nome de Cruz, antigamente.

(17) YANDAY — certaine Estoille laquelle paroist toute rouge... lors que le Soleil se couche. — *Jandaia*. (Vide *Yenday oussou*, nota 11, pág. 183).

(18) YÄSSATIN — Constellation de sept Estoilles en forme d'un oiseau. — Talvez *Jabacatim*, que está em Gabriel Soares; nome antigo de uma ave da família Cicônidas.

(19) POTIN — Constellation, c'est à dire Cancre, parce qu'elle est composée de plusieurs Estoilles en forme de Crabes ou Cancre de mer. — *Poti*. — Deve ser Câncer, um dos doze signos do zodíaco; *poti*, entretanto, é o nome tupi do camarão, decápodo macruro. — De *po* mão, *ti* pontuda, aguçada.

(20) TUYVAË — constellation... composée de plusieurs Estoilles disposées en maniere d'un vieil homme tenant un baston à la main. — *Tuibaé* velho, ancião.

(21) GONOMY MANIPOËRE OUARË — Estoille ronde fort grosse et tresluysante... c'est à dire le petit garçon qui mange du potage de Manipoy. — *Curumim-manipuera-guara* rapaz manipuea que come, ou rapaz que come manipuera, que é acorde com a definição do texto.

(22) YANDOUTIN — c'est à dire l'Autruche blanche... constellation contenant quelques Estoilles fort grandes & tres luysantes; & parce qu'elle en a plusieurs en forme d'un bec, les *Maragnans* feignent & disent qu'elle veut manger deux autres Estoilles. — *Nhandutin, de nhandu* (Vide *Yandou*, nota 57, pág. 191), e *tin* branco, conforme com o texto. — Deve ser a constelação dos Gêmeos, que correspondia ao terceiro signo do zodíaco antes de ser deslocada pela precessão dos equinócios, e que contém duas estrêlas notáveis. Cástor e Pólux, às quais deve a denominação. (Vide *Ouyra Oupia*, nota seguinte).

quais representam um bico; dizem os maranhenses que elas procuram devorar duas outras estrêlas que lhes estão juntas e às quais denominam *uirá-upiá* (23), isto é: os dois ovos.

Eíre apuá (24), mel redondo, é uma estrêla grande, redonda, brilhante e bonita.

Há uma constelação com a forma de um cêsto comprido a que chamam *panacon* (25), isto é: cêsto comprido.

Jaceí-tatá-uê (26), é o nome de uma estrêla muito brilhante em louvor da qual fizeram um canto.

Há uma constelação a que chamam *tapiti* (27), lebre; é formada por muitas estrêlas à semelhança de uma lebre e por outras em forma de orelhas compridas, em cima da cabeça.

Tucon é o nome de outra estrêla que se assemelha ao fruto do *tucon-ive* (28), espécie de palmeira.

Outra grande estrêla brilhante é por êles denominada *tatá-endeí* (29), isto é: fogo ardente.

A uma constelação parecida com uma frigideira redonda dão o nome de *nhaèpucon* (30).

Conhecem ainda uma estrêla a que chamam *caraná-uve* e muitas outras que deixo de mencionar para evitar maior prolixidade; sabem perfeitamente distinguir umas das outras e observar o oriente e o ocidente das que se levantam e das que se deitam no seu horizonte.

É certo que não conhecem a *Epakta,* nem as idades da lua; porém, em virtude de longa prática, conhecem a época de seu crescente e minguante, do plenilúnio e da lua nova e muitas outras cousas a ela relativas.

---

(23) OUYRA OUPIA — deux Estoilles... c'est à dire les deux oeufs. — *Guirá-rupiá* ovos de pássaro. — Devem ser Cástor e Pólux α e β da constelação dos Gêmeos. (Vide *Yandoutin,* nota anterior).

(24) EYRE APOUÄ — grande Estoille fort brillant... c'est à dire le miel rond. — *Eirapuam, irapuam, irapuá* ou *arapuá,* são nomes tupis para uma mesma abelha que nidifica no alto das árvores, em forma de uma bola de meio metro de diâmetro mais ou menos, e que pertence à família das Melipônidas (*Trigona ruficrus,* Latr.) — De *eíra* ou *ira* mel, *apuam* redondo, o que é conforme com o texto.

(25) PANNACON — Constellation faicte comme un long pannier. — *Panacúm,* difícil de explicar. — As etimologias que dá Batista Caetano, tanto no *Vocabulário da Conquista* como nas *Notas aos Índios do Brasil,* de Fernão Cardim, não nos parecem aceitáveis.

(26) YÄSEUH TATA OUÉ — Estoille extremement brillant. — *Jaci-tatá-opé* estrêla, ou lua, que alumia.

(27) TAPITY — constellation... c'est à dire lievre, d'autant qu'elle contient plusieurs Estoilles en forme d'un Lievre, aucunes desquelles sont disposées en maniere de longues aureilles au dessus de la teste. — *Tapeti* (Vide nota 9, pág. 200). — Quiçá a constelação da Lebre.

(28) TOUCON-VUE — Estoille... d'autant qu'elle ressemble au *Toucon,* qui est un fruict du *Toucon-vue.* — Vide nota 18, pág. 171).

(29) TATA ENDEUH — grande Estoille brillant... c'est à dire le feu enflambé. — *Tatá-rendi* luzir de fogo, facho, tocha, luminária.

(30) GNAÈPOUÈON — constellation en forme d'une poelle ronde. — *Nhaém* alguidar, *apuam* redondo.

Dão ao eclipse da lua o nome de *jaceí-puiton* (31), noite da lua. A ela atribuem o fluxo e refluxo do mar e distinguem muito bem as duas marés cheias que se verificam poucos dias depois da lua cheia e da lua nova.

Observam também o giro do sol, a rota que segue entre os dois trópicos, limites que jamais ultrapassam; e sabem que quando o sol vem do Pólo Artico traz-lhes ventos e brisas e que, ao contrário, traz chuvas quando vem do outro lado em sua ascensão para nós.

Contam perfeitamente os anos com doze meses como os nossos e isso pelo conhecimento do curso do sol de um trópico a outro e vice-versa. Conhecem igualmente os meses pela época das chuvas e pela época dos ventos ou, ainda, pelo tempo dos cajus, assim como nós conhecemos os nossos pela época da vindima.

Como a estrêla *seichu* aparece alguns dias antes das chuvas e desaparece no fim para tornar a reaparecer em igual época, reconhecem os índios perfeitamente o interstício ou o tempo decorrido de um ano a outro.

Conhecem muitos simples, frutos, raízes, resinas, óleos, pedras e minerais de que compreendem as propriedades, algumas raras; e também sabem de muitos remédios que empregam em suas enfermidades.

Recordam-se os velhos de fatos passados a cento e vinte, cento e quarenta e cento e sessenta anos, e às vêzes mais, e contam com minúcias os empreendimentos, os estratagemas e outras particularidades do passado, quer para animar os seus a fazerem a guerra contra os inimigos, quer para divertir os próprios amigos. Têm naturalmente uma memória feliz e quanto mais altamente colocados mais magnânimes desejam mostrar-se.

São muito corajosos, principalmente quando se trata de exterminar o inimigo; a crueldade e a raiva os leva então a comê-lo. Felizmente não são irritadiços com os de sua própria nação, nem com os amigos; pelo contrário, mostram-se moderados, pacatos e dóceis. Mas, quando ofendidos, são vingativos. Não têm inveja do bem que se faz aos companheiros, à condição de que se lhes faça o mesmo. Não se aborrecem com os feitos guerreiros de outras aldeias, porém cheios de estímulo procuram imitá-las ou ultrapassá-las.

São espíritos peculiares da região solar, maravilhosamente bem organizados, de um bom gênio e de um bom temperamento; porém acham-se tão longe do sol da justiça, nosso Salvador, quanto até hoje têm sido pobres, miseráveis, bárbaros, selvagens e pagãos como se verá no capítulo seguinte, em que trato de suas crenças e religião.

---

(31) YÄSEUH-POUYTON — Eclipse de la Lune... c'est à dire la nuict de la Lune. — *Jaci-pituna*, com a significação do texto.

CAPÍTULO LII

Religião dos índios Tupinambás.

MBORA tenham os índios tupinambás um julgamento naturalmente bom, não há no mundo povo mais rebelde ao serviço de Deus. Pois haverá outra nação sob o céu, por mais selvagem que seja, que não tenha pelo menos algumas superstições, senão uma religião pròpriamente dita?

Os egípcios, apesar da cegueira do paganismo, não adoravam ídolos? Não tinham êles seus sábios, seus sacerdotes, guardas e intérpretes de seus hieroglifos? Os caldeus, ainda que mergulhados na mais profunda infidelidade, não tiveram seu ídolos absurdos e não adoraram em especial o fogo? Pèrsas, gregos, romanos e gauleses não tiveram seus falsos deuses?

Não há, penso eu, nenhuma nação no mundo que não tenha uma religião. Tôdas adoram um deus, salvo a dos tupinambás que não adora nenhum, nem celeste nem terrestre, que não idolatra nem o ouro nem a prata, nem as madeiras, nem as pedras preciosas, nem qualquer outra cousa. Não tinha, até a nossa chegada, religião; portanto, não tinha sacrifícios, nem sacerdotes, nem ministros, nem altar, nem templos ou igrejas. Nunca souberam os índios tupinambás o que fôsse nem prece, nem ofício divino, nem oração pública ou particular. Contam as luas, mas não distinguem as semanas, nem os dias de festa, nem os domingos. Os dias são todos iguais para êles e tão solenes uns quanto outros. Não têm culto algum, nem interior, nem exterior.

Existe, entretanto, entre êles, algum conhecimento de um deus verdadeiro, como se percebe do discurso de Japi-açu referido no capítulo XI, onde o leitor, se quiser, poderá encontrar alguns pormenores sôbre as crenças dêsses índios.

Em sua língua chamam a Deus *Tupã;* quando se verificam trovoadas, afirmam que Deus as envia, donde a denominação do trovão *Tupã-remimonhã* (1), "Deus fêz isso".

Reconhecem seu estado miserável e o atribuem ao fato de seu antepassado ter escolhido a espada de madeira e recusado a de ferro. E

---

(1) TOUPAN-REMIMOGNAN — c'est à dire Deu faict cela. — *Tupâ-remi--monháng* Deus o que fazer, Deus fêz isto.

dizem que a nossa felicidade provém de ter o nosso aceito a espada de ferro; isso é que nos tornou herdeiros do verdadeiro conhecimento de Deus, das artes, das ciências, das indústrias e outros bens que possuímos. E isso fêz de nós os mais velhos e dêles os mais moços, quando inicialmente era o contrário.

Acreditam que suas almas, que sabem ser imortais, ao se separarem do corpo vão para além das montanhas, onde se encontra o antepassado, o avô, num lugar chamado *uajupiá* (2); aí, no caso de uma vida conforme aos bons costumes, vivem eternamente suas almas como num paraíso, saltando, cantando e divertindo-se sem cessar.

Essa vida que julgam boa não é aferida pelo bem, nem pela virtude, porém pela crueldade e desumanidade. Julgam-se tanto mais honestos quanto maior número de prisioneiros massacram; e consideram uma vida boa a que se gasta na guerra, na exibição da valentia e na hostilidade encarniçada contra o inimigo; e acham covardes e efeminados os que não têm ânimo para isso; êsses vão ter com Jurupari, que os atormenta eternamente.

Acreditam também nos espíritos malignos, que nós denominamos diabos e lhes dão o nome de Jurupari; e temem-nos muitíssimo. Dizem habitualmente com referência a êsses espíritos que *ipochi jurupari* (3), isto é: Jurupari é mau, não vale nada.

Fôra-nos dito, antes de partirmos, que êsses espíritos malignos se manifestavam visìvelmente aos índios e os atormentavam e afligiam cruelmente; nós nada vimos, porém. E tendo perguntado aos mais antigos, aos que tinham conhecimento ainda da vida passada sob o trópico de Capricórnio, se era verdade que Jurupari os atormentava e se o haviam visto alguma vez, ou se alguém de sua nação o percebera jamais, responderam-nos que isso não era verdadeiro, mas que assim mesmo temiam os espíritos malignos porquanto eram muito maus.

Entretanto, ao que afirmam, após a destruïção de sua raça pelos *peró*, muitos foram maltratados pelo Diabo que lhes apareceu encarnado num de seus antepassados e discorreu acêrca de suas misérias e dos meios de se libertarem; disse-lhes que fôra como êles, mas que agora era puro espírito e que, se quisessem acreditar nêle e segui-lo iriam todos para o paraíso terrestre dos caraíbas (4) e profetas. Dando crédito às palavras persuasivas do diabo seguiu-o o povo em número superior a sessenta mil.

Como, porém, o diabo, na realidade, só desejava a sua desgraça, já na travessia do primeiro rio fêz com que boa parte morresse afogada. Outros foram mortos pelos inimigos e os restantes levados para o

(2) OUÄIOUPIA — nom de lieu. — Talvez *Guajupiá*, contração de *guiá*, nome genérico do caranguejo, e *upiá* ovas. — Note-se que no guarani *guayupia* é feitiço.

(3) YPOCHU IEROPARY — c'est à dire *Ieropary* est meschant. — *Ipochi Jurupari*, com a tradução do texto. — *Pochi* além de mau, ruim, etc., significa também feio, sujo, imundo.

(4) CARAYBE — prophete. — *Caraíba*. — Êsse vocábulo largamente espalhado no continente é um dos problemas sem solução na lingüística americana. Seu radical encontra-se em quase tôdas as línguas da América do Sul; sua significação mas geral é de astuto, hábil, sábio, entendido, superior, santo, etc. No tupi significa também o branco, o que é batizado, o europeu, ou o civilizado, instruído, acepção que no neengatu ainda comporta o vocábulo *cariua*.

deserto onde deviam contìnuamente dançar em homenagem a Jurupari. E o diabo mandava-os semear muita cousa, mas nada colhiam e nem sequer sabiam onde se encontravam. Afinal verificaram que se achavam próximos do rio *Turi* (5), mais ou menos a seiscentas léguas de Pernambuco, de onde vinham.

Na primeira viagem que o sr. de la Ravardière fêz a essa região, descobriu êsses índios e os trouxe consigo para junto de seus companheiros da mesma nação. E contam êles hoje essa história na qualidade de testemunha oculares dos maus tratos do diabo e dizem que, afinal, a promessa de Jurupari se cumpriu, porquanto se encontram agora no país dos caraíbas e profètas. E isso por vontade de Deus que assim fêz em prol de sua salvação.

Não há dúvida de que o diabo tem grande poder e exerce sua cruel tirania sôbre êsses bárbaros cruéis e desumanos; muita razão lhes cabe, pòrtanto, para afirmarem ser êle mau. Por outro lado, sabem que não raro maltratam seus curandeiros. Êstes são personagens de que se utiliza o diabo para manter viva a superstição dos índios; são muito estimados, entretanto, por êsses bárbaros que lhes dão o nome de *pajé*, curandeiro.

Predizem a fertilidade da terra, as sêcas e as chuvas e o mais. Além disso, fazem crer ao povo que lhes basta soprar a parte doente para curá-la. Porisso, quando adoecem, os índios os procuram e lhes dizem o que sentem; imediatamente os pajés principiam a soprar na parte doente, sugando-a e cuspindo o mal e insinuando a cura. Escondem às vêzes pedaços de pau, de ferro ou de ossos, e depois de chuparem a parte doente mostram êsses objetos à vítima, fingindo tê-los tirado dali. Assim acontece muitas vêzes curarem-se, mas o são por efeito da imaginação ou pela superstição, por artes diabólicas.

Tudo o que pedem ou mandam êsses pajés é logo atendido, inclusive pelos anciões, como tivemos oportunidade de ver.

Quando estávamos em Juniparã, morreu um menino, filho do principal *Timboú.* Ordenou o pajé que se lavassem todos os habitantes dos lugares por onde passou o cadáver do menino, a fim de evitar uma cruel epidemia. Todos obedeceram à ordem e começaram a se lavar tôdas as manhãs. O próprio Japi-açu, principal de tôdas essas ilhas, era um dos primeiros a se lavar. Perguntamos-lhe o motivo da cerimônia e nos explicou o que acabo de dizer. Rimo-nos muito de sua estranha superstição, tal como o faria quem quer estivesse instruído no cristianismo.

Têm uma outra superstição: a de fincar à entrada de suas aldeias um madeiro alto com um pedaço de pau atravessado por cima; aí penduram quantidade de pequenos escudos feitos de fôlhas de palmeira e do tamanho de dois punhos; nesses escudos pintam com prêto e vermelho um homem nu. Como lhes perguntássemos o motivo de assim fazerem, disseram-nos que seus pajés o haviam recomendado para afastar os maus ares.

Qando o sr. des Vaux estêve em Ibiapaba viu um pajé que fingia fazer uma árvore falar e todos a entendiam. Outros há que fingem

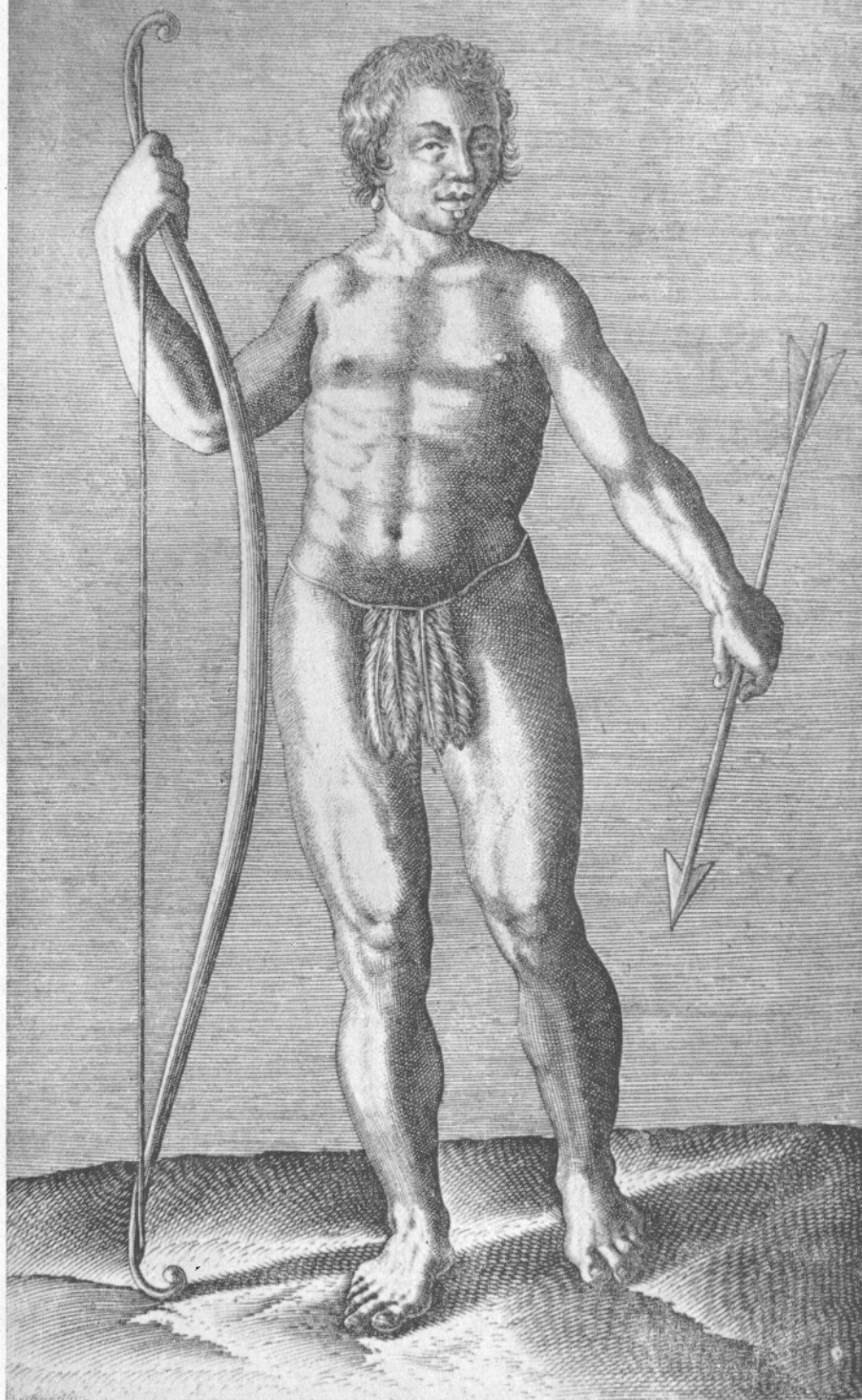
---

(5) TOURY — riviere. — *Turi,* difícil de explicar. E' também o nome de uma Rosácea (*Licania turiuva,* Cham. et Schlecht.).

tirar, tão sòmente por distração, grande quantidade de espinhos das coxas de suas vítimas. E' bem possível que entre tão grande número de pajés existam alguns mágicos como acontecia outrora; mas hoje em dia posso dizer que não encontramos nenhum. Em sua maioria são homens velhos, principais das aldeias, que se encarregam de soprar os doentes, não com imprecações ou sortilégios, à exceção de alguns, porém com habilidade e charlatanismo e apenas para adquirir prestígio entre os seus e também o renome de bons pajés capazes de curar tôdas as doenças.

Os índios, entretanto, apreciam êsses pajés; tratam-nos bem em qualquer lugar que se encontrem. São honrosamente mencionados em seus cantos e bem acolhidos nas danças e cauinagens e em tôdas as cerimônias, pois todos acreditam que as cousas correm bem quando são amigos dos pajés e, ao contrário, muito mal se não os agradam. Se em alguma desgraça que lhes ocorra são ameaçados pelos pajés, atribuem à praga, daí por diante, tôdas as suas infelicidades.

Perdeu muita importância o ofício de pajé depois que chegamos ao país, tanto mais quanto em nossa companhia havia um jovem que sabia fazer peloticas com as mãos e muitas prestidigitações. Incumbiu-o o sr. de Rasilly do transporte de nossas bagagens, juntamente com outros criados, na visita que fizemos à Ilha do Maranhão. Logo que os maranhenses viram as peloticas dêsse rapaz, puseram-se a admirá-lo e a chamá-lo *pajé-açu*. Mostrou-lhes então o sr. de Rasilly que tudo se devia a certa habilidade e, comparando-o com os pajés, demonstrou que êstes não passavam de pelotiqueiros e embusteiros. Resultou disso muitos abandonarem suas crenças; e finalmente até as crianças zombavam dos pajés. Entre outros citarei o menino João Caju, a quem já me referi várias vêzes. Pegando em ossinhos e cousas semelhantes indagava do sr. de Rasilly: *Morubixaba de açã omanô*? "Dói-vos a cabeça, senhor?", depois do que soprava e esfregava o lugar da dor imaginária e mostrava o que trazia na mão, dizendo ser o objeto a causa da moléstia. Fazia dêsse modo rir a companhia, provocava a admiração dos velhos e desmoralizava os pajés que passavam a ser considerados mentirosos e embusteiros.

ANTHOINE MANEN

CAPÍTULO LIII

Leis e policiamento entre os índios tupinambás.

ANTES da fé vivíamos, segundo o Apóstolo, sob o domínio da lei à espera de que fôsse a fé revelada. A miséria dos índios tupinambás foi sempre tão grande, entretanto, que, sem fé nem sombra de religião, jamais tiveram lei, nem policiamento fora da lei natural.

Disse Justiniano que *Juris praecepta sunt haec: honeste vivere, alterum non laedere, suum cuique tribuere.* Em verdade são os índios tão ciosos do que pertence a cada um que se alguém prejudica a outrem deve pagá-lo pela pena do talião. Assim uma bofetada é paga com outra; se alguém quebra um braço ou qualquer outro membro de um companheiro, terá também a mesma pena; e se mata, tem algumas modificações, porquanto o direito natural é imutável.

A mulher achada em adultério deve morrer, a menos de ser vendida como escrava; mas não praticam a justiça com formalidades e autoridade pública, porém tão sòmente de fato e na própria intimidade.

Contudo cada aldeia tem um chefe ou principal. E, em geral, o mais valente capitão, o mais experimentado, o que maior número de proezas fêz na guerra, o que massacrou maior número de inimigos, o que possui maior número de mulheres, maior família e maior numero de escravos adquiridos graças ao seu valor próprio, é o chefe de todos, o principal; não eleito pùblicamente, mas em virtude da fama conquistada e da confiança que nêle depositam.

Limita-se o poder do chefe à orientação dos demais por meio de conselhos, principalmente nas reüniões que fazem tôdas as noites na Casa Grande do centro da aldeia. Depois de aceso um grande fogo, utilizado à guisa de candeia e para fumar, armam suas rêdes de algodão e, deitados, cada qual com seu cachimbo na mão, principiam a discursar, comentando o que se passou durante o dia e lembrando o que lhes cabe fazer no dia seguinte a favor da paz ou da guerra, para receber seus amigos ou ir ao encontro dos inimigos, ou para qualquer outro negócio urgente, o que resolvem de acôrdo com as instruções do Principal em geral seguidas à risca.

Quando morre algum dêles, reúnem-se e se lamentam, como já disse, entoando louvores ao defunto. Vestem-no em seguida com todos os seus ornatos e cavam uma covà redonda de quatro a cinco pés de profundidade e aí colocam o corpo, curvado de modo a que os pés toquem a cabeça. Finalmente, entre gritos e lamentações, cobrem-no de terra e deixam-no assim enterrado.

LOVIS HENRI

CAPÍTULO LIV

De nosso embarque no Maranhão e nossa chegada à França.

EUS que nunca abandona quem procura servi-lo e fazer algo em benefício de sua maior glória, ajudou-nos em nosso empreendimento. Nós, porém, vendo tão bela seara e tão poucos operários, deliberamos que regressasse à França o sr. de Rasilly e para que o aceitasse apresentamos-lhes, todos os franceses, a petição adiante transcrita. E como o temporal não passa de um acessório de espiritual, foi ordenado que eu o acompanhasse (bem a contragôsto) a fim de expor a S. M. tudo o que se fizera, e aos nossos superiores a oportunidade que aí se apresentava para a Igreja de modo a que pudessem resolver pelo melhor.

Antes de embarcarmos, porém, o sr. de la Ravardière, certo de que a pluralidade de chefes só podia ser prejudicial, consentiu em investir o sr. de Rasilly de todos os poderes, passando-lhe o seguinte documento autêntico:

Documento em que o sr. de la Ravardière consente em regressar à França e deixar nas Índias, como único chefe o sr. de Rasilly:

Eu, abaixo assinado, loco-tenente general do Rei em suas terras do Brasil, tendo reconhecido por experiência e prática o bom e prudente procedimento do sr. de Rasilly, meu companheiro, em todos os negócios, quer relativos aos franceses, quer aos habitantes dêste país; confiando na sua coragem e lealdade para a defesa da colônia; consciente de sua fidelidade nunca desmentida e sabendo que os naturais da terra querem ser governados por um só chefe; reconhecendo por outro lado que a pluralidade de chefes traz confusão ao govêrno de um grande Estado não só em virtude da inconstância dos franceses, mas também do fato de poderem os habitantes do país dividir sua afeição entre dois ou três chefes; decidi remover todos os obstáculos a fim de que esta colônia possa florecer na paz e na tranqüilidade. Resolvi porisso, por minha livre e espontânea vontade, regressar à França depois da viagem que vai fazer o sr. de Rasilly, meu companheiro. Para lá irei a fim de receber o que me

tocar, de conformidade com contrato lavrado nas notas de *Pacqué*, escrivão em Paris, aos seis de outubro de 1610, e a promessa feita solenemente por palavra e por escrito, de ser-me parte garantida a mim e aos meus legítimos sucessores.

Estando no meu contrato que o terceiro sempre deverá sujeitar-se à decisão dos dois outros, quando combinarem no mesmo pensamento, sou de opinião que o sr. de Rasilly, pelas razões já mencionadas, seja o único chefe nas Índias, governando tanto a colônia como os seus habitantes. É essa minha vontade e resolução, tomada de acôrdo com a opinião da Igreja e dos principais desta companhia; êstes, que tudo aprovaram, instaram com o sr. de Rasilly para que aceitasse o cargo, o que fêz em vista da confiança nêle depositada e das razões aqui expostas, tão importantes para o estabelecimento do cristianismo, o serviço do Rei e da causa pública, prometendo nunca abandonar a colônia e conservar o que me pertence, a mim e aos meus, conforme é de meu direito. O que fêz por escrito, nesse mesmo dia, em presença dos abaixo assinados, e como testemunho da verdade do que fica acima dito assino êste documento de meu próprio punho. Forte de São Luís, 30 de novembro de 1612 — Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière — Luís de Pézieux — Chevalier de Rasilly — Claude de Rasilly — Charon — David Migan — Abraão.

Lido êsse documento, no qual o sr. de la Ravardière lhe transmitia o exercício de seu cargo no país, o sr. de Rasilly, atendendo às importantes considerações alegadas e às ardentes súplicas de todos para que com satisfação do rei aceitasse o govêrno e jamais abandonasse a colônia, acedeu, prometendo não abandoná-la nunca e cumprir o seu dever como bom fidalgo, tanto para com a Igreja Católica, Apostólica, Romana e os franceses, seus companheiros, como para com os habitantes do país. E disse ainda que não pouparia suas fôrças nem sua vida, se preciso, de acôrdo com o compromisso assumido recìprocamente outrora em presença de todos.

Já pronta a nossa equipagem e em vésperas de embarcarmos, deliberaram os principais da Ilha do Maranhão mandar conosco seis membros de sua nação para prestarem homenagem e oferecerem seus serviços ao cristianíssimo Rei de França, e solicitarem proteção para os súditos da nova França Equinocial.

Depois de nos despedirmos dos franceses e dos índios, e em especial dos principais do Maranhão, recebi a bênção de nossos padres, abraçando-nos com grande emoção e lágrimas.

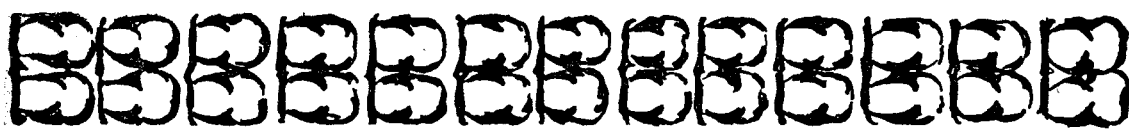
Partimos a 1.º de dezembro à meia-noite. O reverendo Padre Arsênio e o sr. de la Ravardière acompanharam-nos num barco até a ilha de Sant'Ana, onde embicamos a 4 do mesmo mês. No dia 6, festa de S. Nicolau, celebramos missa e nos preparamos para embarcar no dia seguinte. Partimos então com o "Regente" e demandamos o cabo das Árvores Sêcas. Aí ancoramos para passar o dia da festa da Imaculada Conceição da Gloriosa Virgem, que ocorreu no sábado 8 do corrente mês.

No domingo pela manhã, despediram-se de nós o rev. Padre Arsênio e o sr. de la Ravardière. Com os olhos cheios de lágrimas armamos as velas. Em seguida demos um tiro de peça para dizer adeus aos que se encontravam na Ilha de Maranhão e tomamos a rota das ilhas do Peru, à procura de ventos favoráveis.

Ajudou-nos Deus de tal modo, com ventos favoráveis, e bom tempo, que passamos a linha dentro de poucos dias. Durou o bom tempo até as alturas dos Açores, onde uma tempestade terrível nos surpreendeu,

quebrando o mastro de mezena e deixando-nos sem govêrno durante três dias sôbre o elemento revoltado, com mastros e cordas à mercê do tempo.

Livrou-nos, porém, Deus de mal maior e nos enviou um vento que nos conduziu até a Inglaterra, onde, por encontrarmos de novo ventos contrários, e mau tempo, nos vimos forçados a procurar abrigo no pôrto de Falmouth.

O espírito maligno, que já nos criara mil tormentos sôbre o mar, não nos deu tréguas em terra. Em vez de sossêgo e repouso, tivemos que lutar contra suas contínuas artimanhas, sendo obrigados a permanecer por espaço de seis semanas em Falmouth e Dartmouth em meio a mil angústias e tribulações. E em verdade posso dizer, depois do Apóstolo, que estávamos *supra modum gravati et supra virtutem, ita ut taederet atiam nos vivere.*

CAPÍTULO LV

Nossa chegada ao Havre de Graça.

Ao sairmos da Inglaterra, foi o vento novamente favorável, mas nem assim correspondia ao nosso desejo, pois estávamos ansiosos por mostrar aos franceses o fruto de nossa missão e os primeiros rebentos de nossa nova colônia, trazidos para a França a fim de receberem melhor religião e se habituarem aos nossos costumes.

Nossos canhões noticiaram à cidade do Havre as primeiras novas de nossa chegada no sábado 16 de março, pois saüdamos a cidade em obediência à praxe comum dos portos, instituída para evitar surprêsas. Cantamos o *Te deum laudamus* em ação de graças pela infinita misericórdia daquele que nos deu fôrças para suportar as inconstâncias do mar e nos livrou dos maus ventos. Nossa chegada causou grande admiração a todo o mundo e não houve quem não tivesse curiosidade de ver-nos.

Apesar da hora tardia, o reverendo padre Teófilo de Perronne, guardião de nosso convento nessa cidade, mandou-nos dois confrades e se não fôsse ficarmos detidos por causa de algumas ocupações, e se não fôsse também a pequenez de nosso barco, teríamos ido para o convento nessa mesma noite. Mas talvez tivesse Deus querido que ainda sofrêssemos os últimos vestígios de uma tempestade que permitiu ao Diabo vomitar tôda a sua raiva contra nós.

Mal se despediram de nós os religiosos, abriram-se as portas do sul, sueste e sudoeste para que corressem os ventos; e revolveram êstes de tal modo as ondas do mar, que parecia ter Deus reservado o nosso naufrágio para espetáculo de nossos amigos. Estávamos mal preparados para agüentar a tempestade; nossas cordas partidas ou gastas não nos davam a esperança de manter nosso navio ancorado no pôrto. Com efeito, vendo uma de nossas ancôras perdida e partido um cabo, e aumentando o furacão sem cessar, tomamos a resolução de embicar em Honfleur. Êsse expediente empregado pelos homens do mar contra um elemento revoltado que não podem dominar não consiste afinal em fugir de um perigo iminente para naufragar noutro canto? Pareceu-nos então que o único remédio era dar um segundo tiro, diferente do primeiro, como um aviso para a cidade. Um fôra sinal de regozijo, êste o era de

desespêro. Mas cabia-nos apenas morrer sem socorro e êles só podiam ver-nos morrer sem ajudar-nos, pois era-lhes impossível vir a nós e mais impossível ainda irmos a êles, tão furioso estava o mar.

Finalmente, sem esperança de socorro humano, resolveram os nossos pilotos cortar os mastros do navio e deixá-lo encalhar a fim de salvar pelo menos as pessoas.

Demoramo-nos entretanto em executar o plano, porque nos parecia pouco propício a salvar do naufrágio aquilo que se desejava. Porisso, ajoelhando-nos, levantamos os olhos ao céu e imploramos o auxílio dessa bela estrêla do mar, a gloriosa Virgem Maria, luminar das angústias dêste mundo, e cantamos suas ladainhas e outras orações.

Julgava o Diabo zombar dos nossos trabalhos sepultando nas ondas as esperanças de nossas conquistas, pois via que só tínhamos uma amarra e essa mesmo muito estragada, com três cabos já quebrados e com um apenas restando, do qual, como de um fio, dependia nossa vida. Mas Deus quis mostrar que zelava por nós.

Ainda não tínhamos acabado as orações e já *fulgura in pluviam fecit* o tempo escureceu de repente, caiu uma chuva abundante, abatendo os ventos e aplacando a fúria do mar; isso nos deu nova esperança e nova coragem aos marujos para um esfôrço incrível. Certos de que a amarra estava partida, tanto mais quanto o nosso navio se afastava, puxaram a âncora com o cabrestante. Só por milagre da providência divina êsse cabo pôde resistir à violência e aos esforços de quarenta a cinqüenta homens puxando o cabrestante. É natural que não pudesse resistir e só quem sustenta o globo terrestre no ar com três dedos era capaz de parar nosso navio e conservar êsse cabo contra os esforços da furiosa tempestade a que os três outros não tinham resistido.

Mal tínhamos consertado os cabos e uma segunda tempestade mais forte do que a primeira arrebentava a amarra do bote, levando-o para longe entre as ondas. O Diabo despeitado vingava-se como podia.

Muito afligia ao governador da cidade, sr. de Villars, Marquês de Granville, não poder testemunhar sua afeição à nossa ordem, nem seu devotamento à Igreja e à França; mal porém amainou a tempestade, enviou-nos os peritos, ainda de noite, para que compartilhassem conosco dos perigos! Êles é que nos conduziram ao Havre, a fim de que agradecêssemos ao Marquês e o avisássemos da chegada dos embaixadores maranhenses, e ainda para preparar a recepção honrosa que a cidade ia fazer.

O programa da recepção foi organizado pelo cura da cidade que mandou colocar diante da casa do Governador um tapête com coxins. Para aí fomos conduzidos em procissão pelos nossos padres e por outros eclesiásticos e confrarias; adoramos a cruz e seguimos para a Sé. Durante a procissão nada se esqueceu do que podia chamar os cristãos à piedade.

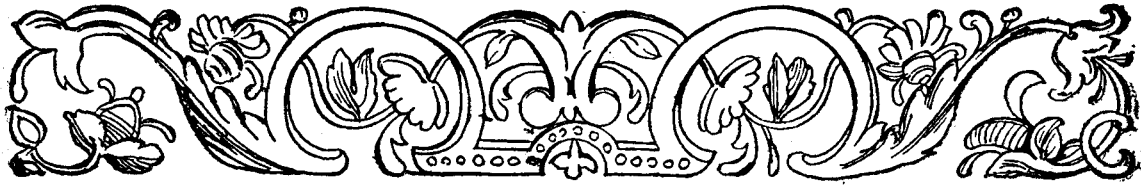
Os sinos, os órgãos, os salmos e outras cerimônias religiosas arrancaram lágrimas de muitos devotos. O povo todo prorrompeu em aclamações. E os tiros de canhão tornaram ainda mais solene o ato.

À entrada da Sé, cantamos novamente o *Te Deum laudamus* em ação de graças. Desejando o povo conhecer o adiantamento dos índios

na aprendizagem de nossa crença, pedimo-lhes que em alta voz e na sua língua dissessem o Padre-Nosso e a Ave-Maria. Tudo isso terminou com abraços de nossos amigos, tendo o Marquês nos oferecido sua residência para descansarmos e esquecermos a penosa e longa travessia.

Não devo esquecer a devoção e a bondade da mui nobre e virtuosa senhora de Vitry, Abadêssa de Montivilliers, que nos mandou visitar e dizer de sua satisfação por havermos vencido o Diabo. Isso nos levou a visitar sua igreja e, apesar da clausura aí observada estritamente, dar-lhe a alegria de ver as novas plantas que trazíamos para enxertá-las em Jesus Cristo, nosso Salvador, através do batismo, e assim transformá-las em belas oliveiras. Nossa recepção foi aí tão solene quanto alhures, acrescendo-se às solenidades os salmos das religiosas que, sob as ordens da Abadessa, mostraram aos neófitos novas cerimônias da nossa Igreja.

Dias depois partimos para Ruão onde nos receberam os padres, inúmeros fidalgos e outros habitantes da cidade, em meio a iguais cerimônias e idênticos testemunhos de devoção.

Se tais cerimônias nos enchiam de alegria por revelarem uma França muito católica e civilizada, maior impressão ainda causavam na alma dos selvagens, os quais ante nossas cerimônias, nossas visitas e cortesias recíprocas, observavam a diferença existente entre a sua ilha e o nosso reino e percebiam ser a religião a causa única de tudo. Assim desejavam ardentemente ser cristãos e conosco viver dentro da nossa fé.

CAPÍTULO LVI

Da nossa chegada à cidade de Paris.

ESEJÁVAMOS chegar o mais brevemente possível a Paris, para dar conta a S. M. e a nossos superiores do bom êxito de nossa missão.

Sem nos demorarmos portanto em Ruão, dirigimo-nos para essa grande capital da França, e, ao nos aproximarmos da cidade, muitas pessoas de prestígio vieram ao nosso encontro com demonstrações de aprêço.

Entramos na capital na sexta-feira, dia 12 de abril. No subúrbio de Saint-Honoré encontramos os padres de nosso convento de Paris e os de nosso convento de Meudon, em número de mais ou menos cento e vinte chefiados pelo reverendo padre Arcanjo de Pembroch, comissário então na Província de Paris. Depois de havermos adorado e beijado a cruz, começou dito comissário a cantar o *Te Deum Laudamus,* repetido em côro pelos padres; assim cantando fomos conduzidos até a Igreja de nosso Convento. Levávamos a cruz erguida, como nas procissões; lá encontramos grande número de pessoas gradas que vinham testemunhar sua satisfação pela nossa feliz missão e ver êsses pobres selvagens enfeitados com suas mais belas penas e com seus maracás nas mãos; mas satisfeitos ainda se mostravam, porém, por não ignorarem que êsses selvagens vinham para se transformar em homens novos e vestir a veste nupcial, isto é, vinham adquirir a inocência dos filhos de Deus através do santo batismo.

À porta da Igreja ofereceu-nos o reverendo Padre água benta, e conduziu-nos ao altar por entre os padres que tinham vindo em procissão, o que não se fêz sem dificuldade por causa do grande número de fidalgos, senhoras e pessoas de qualidade que aí se encontravam.

Depois de muitas orações ditas diante do altar, em ação de graças, mandei que os índios entoassem em sua língua o Padre-Nosso e a Ave-Maria. Tão grande era a multidão de fiéis que nos vimos obrigados a recolher-nos com os índios dentro do Convento, facilitando assim aos nossos padres a oportunidade de vê-los melhor, acarinhá-los e instruí-los.

Mas a solução ainda excitou mais a curiosidade do povo. Nosso convento se viu tão repleto de visitas que para evitar a imprudência do

público foi necessário mandar S.M. colocar guardas às portas de entrada.

Quem imaginaria que o povo de Paris tão acostumado a ver cousas novas e extraordinárias se comovesse tanto com a chegada dos índios? Quantas vêzes não vieram à cidade representantes das nações bárbaras sem que se excitasse a curiosidade dêsse povo? E eis que à chegada dos pobres índios — *commota est universa civitas* — se sente tôda a cidade em estado de intensa excitação. Já não se contendo ninguém em sua alegria, mister era que saíssem todos para ver com seus próprios olhos o objeto de sua emoção. Tôdas as ruas achavam-se repletas de povo.

Nosso convento já não era nosso, mas de todo Paris. Já não parecia um convento, mas uma feira para onde afluía gente de vinte léguas de distância. Tentavam forçar as portas e quando não o conseguiam prorrompiam em injúrias, não para nos ofender, mas porque já não sabiam o que diziam nem faziam. E o que mais nos doía era que, para impedir a entrada de todos, nos víamos forçados a não deixar vir a nós, muitas vêzes, os nossos melhores amigos e benfeitores; acredito, entretanto, que tenham compreendido a nossa situação e não nos guardem rancor. Que direi mais? Nem mesmo os que os viam se sentiam satisfeitos, pois jamais se cansavam de olhá-los e admirá-los.

Qual a causa de tão especial devoção dêsse povo de Paris senão seu amor à santa religião, à Igreja Católica, Apostólica e Romana? Não sabiam como exprimir sua alegria ante as conquistas de nossa fé.

Logo depois de nossa chegada o reverendo Padre Comissário, juntamente com o sr. de Rasilly, conduziu os índios ao Louvre, onde, em obediência ao antigo ceremonial francês, prestaram homenagem a nosso cristianíssimo Rei, colocando suas pessoas e suas terras sob o seu cetro, juntando uma nova pérola à sua coroa, oferecendo mais uma coroa à sua cabeça, pois o reconheceram assim por seu Rei e Soberano Monarca. E um dos índios fêz o seguinte discurso.

Discurso de Itapucu, depois chamado Luís Maria, feito ao Rei em nome dos maranhenses e na presença da Rainha regente.

E ubuíg jaré, bé angaturâ etê apuiave BurubichaveKerembave mondoue cheretã apupé Paí oré sepiac ianondé oré moé potar Tupã gnéen ari, oré poesurum apuiamemuá sui. Oré oroico etéramo: Cuseinheum oroico Jeropari rabeire amo orojou racaé. Cheputupave nerebuiruçu ressé nerpiac apoiave opap catu nereminboé secoremé Eubuíg turuçu vaé nejare secoremé.

Ajé momoria ussu deruaké uitu nerepiac pota Tupã raeire coap pejavenhé cuseinhéum Jeropari raeire oroico. Dé angoturam eté erimaê apuiave mondoue cheretan a pupê Paí Tupã raeire etê orê sepiac ianondê: ogê catú erimabê icho oretã apupê nosoi tenhê evopo. Iecuapave amo oreruichauê orê bure ocar peretã apupê deressê jerurai deremimboi arí toroicon.

Orojerurai vê de ressê tojeménn apuiave angaturã oreretã por ari Paí jemoesave Tupã ressê jecatu vaê orê moesar aê toico, Kerembave auê orê poesuron irã toico, opacatu chê eubuipore dereminboi amo secon, apoiave Caraíbe atuasave coroico.

"Grande Monarca, tu te dignaste mandar-nos grandes personagens em companhia de profetas para nos ensinarem a Lei de Deus e nos protegerem contra os nossos inimigos. Sempre te seremos agradecidos, tanto mais quanto até hoje levamos uma vida miserável, sem lei nem fé, entrecomendo-nos uns aos outros. Admiro tua grandeza como Monarca de tão grande país, e envergonho-me de me apresentar diante de ti, reconhecendo a diferença que há entre os filhos de Deus, que sois, e os filhos do Diabo que sempre fomos. Tu te honraste enviando-nos tais profetas e tão valentes cavaleiros; e muito bem andaste, porquanto não foram inúteis. Em sinal de gratidão, os principais de nosso país para aqui nos enviaram, em nome de nossa nação, para prestar, como é de nosso dever, homenagem à tua grandeza e suplicar-te que nos envies maior número de profetas para nos fazerem filhos de Deus; e grandes guerreiros para nos protegerem. E prometemos que seremos sempre teus súditos fiéis e teus humildes servos, amigos também de todos os franceses."

Ao ouvirem Suas Majestades essas palavras, o Rei, mostrando-se extremamente satisfeito, disse-nos espontâneamente que lhes comunicasse que os protegeria a todos como seus próprios súditos. Por seu lado a Rainha, desejosa antes de tudo da salvação dessas pobres almas selvagens, e preferindo-as a tôdas as pedras preciosas do mundo, afirmou que a esperança não fôra vã; confirmando a magnânime resposta do Rei, acrescentou que lhes enviaria profetas para ensiná-los e muitos franceses valentes para defendê-los.

Nunca se patenteou mais verdadeira a palavra de São Paulo: *Christi bonus odor in omni loco.* O perfume de sua conversão à fé cristã espalhou-se por tôda a França e como que soprado pelo vento passou os Alpes e derramou-se pela Itália tôda e com tal rapidez que nossos padres, em viagem para Roma, onde devia celebrar-se o nosso capítulo no dia de Pentecostes de 1613, antes de receberem nossas cartas a respeito, já encontravam em tôdas as grandes cidades italianas notícias do acontecimento; porisso, por tôda parte, eram importunados pelos governadores e fidalgos para que contassem o que acontecera, acompanhando-se tais solicitações de congratulações para a França e de louvores a Deus.

Quem porém demonstrou maior alegria foi o pai comum de todos os cristãos, o nosso santo papa Paulo V, sucessor no nome e na devoção do glorioso apóstolo dos Gentios. Ao ouvir a notícia, diante do sr. de Breves, Embaixador do Rei, também cheio de alegria, e vendo no caso não apenas a volta de um filho pródigo, mas a de um número considerável de filhos pródigos, de regresso à casa do Pai Celeste, à sua Igreja, disse o Santo Padre ao dito Embaixador: *Veramente la Regina ha grand'occasione di rallegrarsi che nel tempo del suo governo un tanto felice successo sia occorso alla Francia.* E voltando-se para o Rev. Padre Provincial perguntou: *Non seguitarete demandare altri religiosi in cotesti paesi per continuare cosi santa impresa?* Respondeu-lhe o Reverendo Padre que estava resolvido a fazê-lo, que tinha para êsse fim comissão especial do nosso Rev. Padre Geral e que vinha à presença de Sua Santidade expressamente para pedir as necessárias faculdades. Re-

torquiu-lhe Sua Santidade, com muita benevolência: *Faremo vedere tutte le facoltà che sono state concesse a gli altri religiosi quali stanno fra gli infideli e non restringeremo niente*".

Se a natureza grava no coração dos pais e das mães o amor aos filhos e os força com tão suave violência a empregar todos os esforços para conservá-los, o que não fará o amor espiritual nos corações cristãos e católicos de todos os franceses para conservar êsses selvagens por êles chamados a Jesus Cristo? Que meios não os levará a empregar para conservar e melhorar sua vida espiritual e cristã?

Foi também isso que influiu no ânimo de Sua Majestade a Regente para prodigalizar seus bens na expedição projetada no intuito de salvar êsses infelizes.

Foi ainda o mesmo zêlo que levou vários fidalgos, soldados e artesãos franceses a acompanharem, sem subsídio, sôldo ou recompensa alguma, os doze padres que nossos superiores mandariam sob a proteção do filho de Deus e de seus doze Apóstolos para anunciar o Evangelho a êsse infeliz povo, há tanto e tão longo tempo enterrado nas trevas da impiedade.

Assim, se essas regiões parecem amadurecidas para a colheita, não faltam ceifadores que de tôdas as partes da França se apresentam diàriamente para, em sua santa obra, servir à Majestade Divina.

CAPÍTULO LVII

Da morte em França de três índios tupinambás

ENSINAM os frutos principais da Filosofia Cristã a desprezarmos a morte em proveito da felicidade na outra vida; mostram-nos que saímos dêste mundo para nos aproximarmos do Céu, que deixamos os homens para encontrarmos Deus e os anjos; ensinam-nos, em suma, a compreender o que dizia Tertuliano aos Imperadores: *Nos genus et patriam et spem et dignitatem in Coelis habere,* isto é, que nosso país, nossa pátria, nossos prazeres mais sólidos, nossas honras estão no céu.

Antes de terem êsses índios a felicidade de ornar suas almas com os mais belos raios da fé, Deus anunciou-lhes ter chegado seu último dia. Arremessava-os assim na Teologia e em segundo os tornava mais doutos do que o teria feito a nossa filosofia em muitos anos. Coroava-os assim antes mesmo de levá-los ao combate debaixo de seu estandarte; dava-lhes a infâmia de sua sepultura, e a glória de sua ressurreição, e a cruz florida a beijar.

Tôda a dúvida consiste agora em saber se gozarão do Paraíso por herança ou por recompensa, pois de sua ascensão ao céu não cabe dúvida em vista das circunstâncias de sua morte.

E' certo que uma criança morta logo depois de batizada e sem ter atingido a idade da razão vai direito para o Paraíso. Não pode, por falta de razão, ouvir as palavras ímpias, mas, como diz Santo Agostinho, *parvulis Mater Ecclesia aliorum pedes accomodat ut veniant; aliorum cor, ut credant: aliorum linguam, et fateantur.* A Santa Madre Igreja lhe prepara os pés alheios para que possa vir, o coração para que possa crer e a língua para que possa confessar. Assim as crianças acreditam, porém sòmente, como diz São Tomé, *per fidem Ecclesia,* pela fé da Igreja, em virtude da qual a mácula do pecado é apagada no batismo, a inocência é restituída e a justiça é conferida, a graça infusa, e em suas almas imprimido o caráter cristão, o que as torna dignas da vida eterna.

Não se pode dizer, entretanto, que gozem do Reino dos Céus como recompensa. Não tinham ainda o uso da razão que lhes permitisse realizar qualquer obra meritória. Ora a recompensa ou o louvor só

pertence ao que trabalha, o anel ao que o disputa, a coroa a quem valentemente combate.

E' sòmente como herança que as crianças gozam o reino dos céus; e isso graças à paixão de Nosso Senhor que assim o permitiu, como diz o angélico Doutor, *per baptisum Christi membra effecti,* feitos pelo batismo membros de Jesus Cristo.

Pode-se, pois, dizer que êsses três índios gozam a felicidade dos bem-aventurados da mesma maneira, tendo devolvido suas almas a Deus na inocência batismal e logo após o batismo.

Mas, como para êsse fim se esforçaram, já em idade adulta, e voluntàriamente deixaram sua pátria por Deus, embarcando para a França, não para receberem o batismo que o podiam ter em sua terra, mas para obterem meios de salvar as almas de seus infelizes companheiros; como vieram solicitar de Suas Majestades que enviassem profetas para instruí-los e procuraram aproveitar o ensejo para aprender as cerimônias da Igreja Católica, Apostólica e Romana a fim de regressarem à sua terra e com suas vidas e seu sangue ajudarem os padres a converter os bárbaros; como, por ser êsse seu maior desejo, expuseram a vida em mil perigos e trabalhos; não será possível negar que gozam o Paraíso como recompensa.

DA MORTE DE CARIPIRA OU FRANCISCO

Era, o primeiro que morreu, da nação dos Tabajaras, de uma aldeia denominada *Rairi* (1), e tinha entre sessenta e setenta anos. Além do nome de Caripira, tirado do pássaro Tesoura, e que lhe foi dado para distingui-lo dos demais, adquirira nas batalhas contra os inimigos de sua nação novos nomes e sobrenomes. Assim, mais glorioso do que Cipião o Africano e César Germânico, podia vangloriar-se de vinte e quatro nomes, verdadeiros títulos de honra, comprobatórios de sua presença em vinte e quatro honrosas batalhas.

Seus nomes eram acompanhados de elogios, verdadeiros epigramas escritos não no papel, nem no bronze, nem na casca das árvores, mas na própria carne. Rosto, ventre e coxas eram o mármore e o pórfiro sôbre os quais mandara gravar a história de sua vida, com caracteres e figuras estranhas; e a sua pele mais parecia, assim, uma couraça adamascada, como se pode ver de seu retrato. Ao redor do pescoço, idênticos sinais formavam um colar, de maior valor para um guerreiro do que quaisquer pedras preciosas.

Feito prisioneiro de guerra pelos maranhenses, entre êles residiu dezoito anos, praticando muitas e afamadas proezas.

Foi designado em reünião geral de todos os principais e anciões de Eussauap para, com os cinco outros índios, vir à França prestar homenagem a Sua Majestade; e com isso muito se alegrou. Tal alegria foi grande também de nossa parte, pois assim lhe dávamos mais uma nova honraria e o tornávamos soldado de uma nova milícia.

---

(1) RAYRY — village. — Pode ser *Airi,* nome de palmeiras *Astrocaryum airy,* Mart., sp. var., abundantes na região. — De *uá* por *ibá* fruto, *y* água; fruto que tem água.

Palas e Minerva andam sempre juntas; os livros acompanham as armas, a inteligência casa-se à coragem, e César sentado no Capitólio sôbre o globo do Universo aufere tanta glória de seus comentários quanto de suas batalhas. Nesse guerreiro índio o talento não era menor do que a coragem. E suas palavras habituais, principalmente durante a sua moléstia, visavam sempre a procura de uma boa interpretação da nossa fé. Indagava-nos, por exemplo, se poderia ser filho de Tupã, ainda que não batizado antes de morrer, se o batismo e o banho de água sacramental que prègávamos eram as únicas portas da Igreja, se a vontade de Tupã podia tornar inúteis os desejos de batismo, e outras questões da mesma ordem.

Caiu doente na segunda-feira 22 de abril, logo depois de nossa chegada a Paris, e faleceu vítima de um resfriado acompanhado de muita febre e de inflamação dos pulmões. A primeira moléstia teve por origem o frio de nosso clima e a segunda foi provocada pela fraqueza de suas partes nobres, ocasionada pelo sangue perdido em muitos combates. A constância extraordinária dêsse catecúmeno levava-o a uma perseverança milagrosa; solicitava contìnuamente o batismo, principalmente durante a doença, dizendo em sua língua: *Maetê tecatu Tupã raeire assereco; Chemoiassug iepê Paí, Chemoiaçug iepê Paí* — E' uma bela cousa ser filho de Deus, batiza-me profeta, batiza-me profeta." O desejo que tínhamos de vê-lo curado nos levava a adiar sempre êsse ato.

Instados afinal pelo enfêrmo e pela moléstia, reünimos os cinco índios, no quarto, no domingo seguinte, e a todos expliquei esta passagem de São Marcos: *Qui crediderit et baptisatus fuerit salvus erit.* O pobre homem mostrava tal prazer em ouvir falar de Deus que dizia sem cessar: *Chemoiassug iépê Paí,* batiza-me profeta".

O mais velho dos outros cinco índios, de nome Itapucu, vendo-o assim pedir o batismo, aproximou-se do leito, tirou o chapéu e lhe disse: *Cherequebure, erejeruraí iassuc ari, n'a ssendup catuí aipo iassuc ari depoiapore amo serceco eum, dejeru penhote moan erereco. Namaé mirim rua Tupã raeire avagemonhã. Ecoap cuseinheum ressê de parapiti aguere. Erecoap raco apuiave et juca fagoare; ereporu etê racaê orenã ari; cuseinheum deangaipave amo ereico. Nerecoai pê coú teon de ressê seco? Erecocatu demaê asseug coú, aiacoap catu Tupã coú derereco catu.*

"Meu irmão, pedes o batismo, porém me parece que só o pedes com a bôca. Isso não é bastante; é preciso que o peças também com o coração, porque não é pouco ser filho de Deus. Pensa um pouco primeiro em tua má vida passada. Bem sabes que mataste e comeste muitos homens de nossa nação. Cometeste muitos crimes em vida (referiu alguns). Não te parece que mereces a morte? Sofre com paciência e sê grato ao bem que Deus te proporciona."

Tais palavras me levaram a considerar nossa França muito longe da perfeição que êsse índio demonstrava apesar de pagão.

Tememos exortar nossos doentes; nós os adulamos louvando-lhes o gênio; lamentamos a sua perda e elogiamo-lhes as virtudes e consideramos uma crueldade censurar-lhes a miséria de sua vida passada. Estimamos a verdade demasiado forte para seus cérebros delicados e a

deixamos inùtilmente para depois da morte. No entanto, deveríamos fazer como êsse índio ainda não batizado: deveríamos mostrar a nossos amigos agonizantes dois quadros, um de sua maldade, outro da bondade de Deus; um para movê-los à contrição, outro para fazê-los esperar a misericórdia; um para a penitência, outro para a absolvição; um para humilhá-los, outro para erguê-los até Deus, um lembrando a terra, outro sugerindo o sol à maneira dos Citotauros *qui aegrotanti sinistra monstrum, dextera solem ostentant,* que mostram a seus doentes com uma das mãos um monstro e com a outra um sol. Assim fazia êsse selvagem, mostrando a seu irmão a maldade da vida e a bondade de Deus.

Mas essas exortações não desanimaram o enfêrmo. Ao contrário, começou a confessar seus erros e a louvar a bondade de Deus por lhe ter reservado morte tão agradável e feliz.

Pensará o leitor deparar aqui com as lamentações de um homem que morre longe de sua pátria e de seus parentes, sem amigos para lhe fechar os olhos, nem filhos para acolher seu último suspiro; mas êsse pobre homem sepultou nas ondas do mar vermelho todos os egípcios; em seu pensamento há apenas Deus e o desejo de submissão total às suas leis e às suas vontades. Porisso, para responder ao discurso do companheiro, diz apenas estas palavras: *Cuseinheum, cheparapiti aguere oar cheresapê coú ave rameben japiti areco, sessê aimouron. Anhê teoj cheressê jari aipotar. Noiportapê Tupã cheron eum cheretã ichuemevê aemenechê evapo uichuê cheanã mongetave maeporã aguere sepiac roirê cimonbevave apuiave apê tave rupimo. Tupã ipotareum, naipotar, aê chereon motarmê, aipotar catu, uaure cherecoremê iassug rare voinê.* "Tenho agora bem presente tôda a minha vida passada, bem assim todo o mal que fiz, e porisso me sinto temeroso. Mereci a morte, mas não teria sido melhor que Deus me houvesse permitido voltar à minha Pátria antes de morrer, para contar aos meus as belas cousas que vi e aprendi com os padres? Porém, se êle assim não quer, eu tampouco o desejo; se é sua vontade que eu morra, apenas quero morrer como um de seus filhos, batizado."

Dignas de nossa admiração essas palavras na bôca de um pagão! Que mais se poderia desejar de um cristão que soubesse de cor o livro de Job?

Finalmente, depois de ter ouvido dêle tôdas essas profissões de nossa fé, depois de ter apreciado seus discursos em honra de TUPÃ, depois de o ter visto olhar para o céu, depois e o ter ouvido soltar soluços mais abrasadores de sua alma que a moléstia de seus pulmões, derramei sôbre a sua cabeça, sob a forma de um pouco d'água, o sangue precioso de Jesus Cristo. Era domingo 28 de abril e, ao batizá-lo assim, dei-lhe o nome de Francisco em homenagem ao sr. Francisco de Rasilly.

Foi êsse o seu vigésimo-quinto nome; mas a êste estimava acima de todos os outros. Se até então se orgulhara de seus vinte e quatro nomes, títulos de honra demonstrativos de seus triunfos sôbre seus inimigos, não tinha agora motivo para preferir êsse belo nome de Francisco, título novo de honra por ter vencido com o batismo todos os diabos do inferno, inimigos de nossas almas?

Redobrou então de coragem, e como um novo atleta do circo romano, *non lutea unctione, vel pulverea voluntatione, vel arida saginatione, sed sanguineo Chrismati delibutus,* ungido com êsse precioso e divino bálsamo, fêz invejosos de sua fortuna todos os espectadores de seus últimos combates.

Sustentou grandes lutas durante a sua moléstia; em verdade as últimas e mais renhidas, mas também as mais gloriosas, em que combatia só, mas contra mil inimigos, pois teve cruéis visões que lhe atormentaram o espírito.

Pouco antes de ser batizado, viu um bando de pássaros enormes e negros, como corvos, que lhe picavam o corpo e pareciam encarniçar-se contra a sua pessoa, como se fôsse uma carniça. Isso lhe causava mil apreensões em seu leito; fazia sinais repetidos aos padres para que deitassem água benta no lugar onde via os pássaros e isso o aliviava muitíssimo, pois então via uma boa mãe, semelhante a uma rainha, e lindíssima, vir em socorro seu e defendê-lo contra os pássaros.

Logo depois de batizado, virou o rosto para a parede e ficou durante longo tempo sossegado. Finalmente murmurou estas palavras: *Maetê tecatuTupã raeire assereco! Aicoap coú Jeropari raeire chereco roirê. Supicatu serã ouinbave ouiramemoá boure ocar ienondê chemoar chemomemoame ouaure moã cherecoremê. Uiassug roirê uirantin chevê Tupã raeire aiconê.* "Que bom ser filho de Deus! Bem vejo que até agora fui filho do Diabo; porisso me atormentou êste com os pássaros negros. Mas quando fui batizado, surgiu um lindíssimo pássaro branco que se aproximou de mim e me garantiu que eu seria filho de Deus."

E acrescentou, no dia seguinte, que aparecera um pássaro todo azul que o acariciara com o bico e as asas como que o querendo levar para o céu. Chegara, pois, a hora de auxiliá-lo e de mostrar minha satisfação ante a salvação de sua alma. Disse-lhe que tivesse coragem, pois Deus certamente o levaria para o céu para que lá ficasse eternamente em companhia dos bem-aventurados. Logo depois, cobriu-se de suor frio e não pôde mais dizer palavra alguma. Postou-se o infeliz num canto do leito e pediu com as mãos água benta; sossegou então e revelou que haviam aparecido muitos meninos negros para picá-lo com facas, mas aquela boa mãe viera em seu socorro e os expulsara. E' bem possível que quisesse referir-se à mãe dos anjos, à mãe de Deus, que viera em defesa dessa alma que seu amado filho lavara com seu sangue precioso no batismo e destinara à glória. Muitos hão de julgar serem essas visões obra da imaginação dêsse pobre índio; mas não recebera o doente nenhuma advertência acêrca dos ataques do demônio, sob a forma de corvos, nem acêrca da salvação pela água benta e da expulsão por meio da Mãe de Deus, portanto suas visões deviam ser reais — aliás não seria o Diabo tão tolo para fingir tudo isso em seu próprio prejuízo.

Depois dessas visões, pediu-me que lhe fôsse administrada a extrema-unção e recebeu-a com tanta devoção quanto eu tinha de tristeza ao perdê-lo e de alegria ao vê-lo salvo.

Recebido êste último sacramento, aquietou-se com mostras de satisfação; e assim preparado passou desta para melhor vida, entregando,

nesse mesmo dia 29 de abril de 1613, seu espírito ao Criador e dando motivos para que mais admirássemos ainda os desígnios de Deus.

Com efeito, pouco depois de sua morte, como nos informaram os nossos padres, os da sua nação, inimigos encarniçados dos maranhenses, vieram juntar-se a êles para serem instruídos e batizados, reconhecendo bem claramente que seus antepassados haviam vivido até então sob a tirania do Diabo. E' mais que certo que o defunto, que só anelava converter-se à fé, implorou no céu a graça de Deus em prol dessa necessidade que êle bem conhecia. Foi seu corpo enterrado em nosso convento de Paris, onde descansa em paz.

DA MORTE DE PATUÁ, OU TIAGO

Nesse mesmo dia adoeceu Patuá (cujo nome significa cofre) e também morreu. Era natural da ilha do Maranhão e descendente de boa familia. Seu pai chamava-se *Avati-pirã* e era um dos principais da Ilha. Seu tio era natural de Carnaupió.

Patuá tinha de quinze a dezesseis anos; era bem feito de corpo, inteligente e grave para a idade; mas, principalmente, era dócil e porisso muito estimado por nós, o que nos levava a sentir sua dor mais ainda do que êle próprio.

Sua moléstia foi uma febre contínua que durou oito dias. No primeiro acesso, ouvindo de seu quarto as exortações feitas ao companheiro em agonia e o nome de Jesus, levantou da cama, ajoelhou-se, pôs as mãos, ergueu os olhos para o céu e chorando principiou a gritar mais alto do que nós: *ó Tupã ó Tupã,* Jesus, Jesus, Jesus, como que querendo contribuir assim para a salvação daquela alma.

Sentindo-se pior, pediu com insistência para ser batizado, repetindo amiüdadamente que não descansaria enquanto não fôsse filho de Deus.

O Diabo, velho guerreiro, deveria ter vergonha de atacar essa pequena planta da Igreja, mas êsse espírito danado sabe aproveitar tôdas as confusões, conquanto tire o seu proveito; assim esforçou-se por atormentar êsse menino com espectros que ora o faziam gritar, ora esconder-se sob a coberta e dizer que estava vendo inúmeros indiozinhos ameaçando-o de pancadas se continuasse a pedir o batismo. O senhor Bispo de Grace, chegando nesse momento, foi testemunha e médico a um tempo de sua inquietação. A pedido do doente, tirou do pescoço a cruz de ouro e colocou-a no peito do menino, dando-lhe o sinal de sua salvação, o troféu do inimigo e o repouso da alma.

Era um espetáculo maravilhoso ver êsse pequeno herdeiro de Jesus Cristo triunfar com a cruz na mão, dizendo em sua língua: *Cruçá chepopê secoremê, uiemo cruçave toure jeropari oicove aerme, nasseouеje chuene ichuí,* "enquanto eu tiver esta cruz sôbre mim e com ela fizer o santo sinal, podem vir todos os diabos que eu não os temerei; pois suas artes não podem ofender os que descansam à sombra dessa palma".

Sua febre aumentava dia a dia espantosamente e com ela seu desejo de ser batizado e filho de Deus. Na esperança de vê-lo convalescente, pensava adiar o sacramento para que o recebesse melhor instruído; vendo-o, porém, tão devoto e em perigo de morte, batizei-o no sábado,

4 de maio, com o nome de Tiago, a pedido do sr. du Perron e em homenagem ao ilustríssimo cardeal.

Na segunda-feira seguinte, dei-lhe o sacramento da extrema-unção e perguntei-lhe pouco depois se não desejava voltar para o Maranhão, se não lamentava a morte. Respondeu-me com estas palavras: *an, an Paí goé, che osso potar euvácpe sepiac tupã tuve tupã raeire, tupã Espírito Santo* — "Não, não meu Pai, desejo sòmente ir para o céu para ver Deus Padre, Deus Filho e Deus Espírito Santo".

Tôdas essas palavras eram tão piedosas que nos enchiam os olhos de lágrimas, assim como aos nossos padres e a todos os que nos ouviam. Conservou seu juízo até o fim e falou em Deus até deixar êste mundo sem gozá-lo. Morreu nesse mesmo dia, 6 de maio, entrando a um tempo na igreja militante e na Igreja triunfante. Nossos padres, a fim de honrar a pureza de alma dêsse pequeno índio e reconhecer o amor que sempre teve à nossa ordem, em vez do casaco branco que antes se dava aos recém-batizados cobriram-lhe o corpo com o hábito de São Francisco.

Estou certo de que essa alma se encontra agora entre os anjos, mas, não desejando penetrar temeràriamente no segrêdo dos juízos ocultos de Deus, contento-me em dizer com Santo Agostinho:*scrutare si potes profundum, sed cave praecipitium.*

DA MORTE DE MANÉM, (2) OU ANTÔNIO

Não contente com estas duas hóstias imoladas à entrada da Igreja que quer construir nas ilhas bárbaras, Deus mandou ainda que um terceiro índio, chamado Manèm, fizesse companhia aos dois outros na doença e na morte e tornasse o número dos holocaustos completo.

Era êsse índio natural do país dos "cabelos compridos" (vizinho ao Amazonas) habitantes da margem de um belo rio chamado Pará. Nasceu em *Renari* (3) e tinha de vinte a vinte e dois anos.

Suas moléstias e suas virtudes foram iguais às dos dois outros. Tinha de característico uma conversação amável, um gênio fácil, e paciente, que fêz com que durante sua febre ardente nunca saísse de sua bôca uma só queixa.

Mais de uma vez, tanto antes da doença como durante a mesma, foi êle encontrado no quarto de mãos postas, orando. Foi batizado com o nome de Antônio, em atenção ao sr. de Beauvais Nanjy, no sábado 4 de maio. Depois disto, seu espírito uniu-se a Deus e creio que a morte foi apenas um meio para aperfeiçoar essa união, pois sua ocupação diária era rezar. Quando a paralisia o impediu de levantar as duas mãos, pôs-se a erguer apenas uma para mostrar ainda a fôrça de sua alma.

Recebeu, como os outros, a extrema-unção e, assim preparado, voou para o céu no mesmo dia e na mesma hora que o precedente. Foram

(2) MANEN — nom d'un Indien. — *Penema*, pobre, infeliz, inútil, estéril, mal saído, mal sucedido, etc.
(3) RENARY — nom de lieu. — Difícil de explicar, como de identificar.

ambos enterrados na mesma ocasião com o hábito de São Francisco, junto à sepultura do primeiro. A todos fizeram-se ofícios e funerais solenes como se se tratasse de nossos irmãos. A oração fúnebre foi dita pelo reverendo padre Serafim de Chateau-Thierry. Essas três almas vivem atualmente entre os bem-aventurados e são como primícias do rebanho que esperamos colocar sob o báculo da Santa Cruz, em Deus favorecendo nossos desígnios. Seu número é místico, sua morte, milagrosa, seu sangue, fatal ao Diabo, e sua glória, arras da conversão da sua pátria.

O primeiro, mais velho do que os outros, aplacará a justa irritação de Deus Padre contra êsse povo bárbaro e pagão. O segundo apaziguará o Filho, justamente encolerizado contra essa nação que desprezou seus apóstolos, os quais em testemunho deixaram impressas nas pedras as marcas de seus pés. O terceiro implorará a graça do Santo Espírito para que sirva de vento aos nossos barcos, dê fogo às nossas palavras, dê bálsamo sagrado às almas ainda rudes dêsse povo selvagem. Deus mostrará assim aos espíritos curiosos que se compraz no número ímpar, protegendo as três fôrças de nossa alma com as quais deseja ser servido, e na fé de sua trindade com a qual quer ser adorado.

CAPÍTULO LVIII

Dos três índios tupinambás que ainda vivem.

MBORA DEUS, como senhor absoluto de nossas vidas, pudesse chamar a si todos os índios tupinambás que havíamos trazido conosco, apenas levou três dêles, deixando-nos os outros três.

Quem tiver o espírito curioso há de, refletindo sôbre o assunto, dizer que os Anjos Custódios quiseram repartir conosco a vitória dêsse povo. Por mais abomináveis que sejam tais índios, o preço de suas almas é tão elevado quanto o das nossas e não há um só que não tenha, como os de tôdas as nações, o seu Anjo Custódio. Se Deus faz com que o sol brilhe para os bons e para os maus, por que não daria a todos um anjo custódio? *O magna dignitatis animarum,* disse São Jerônimo, *ut habeat ab ortunativitatis unaquaeque in custodiam sui angelum delegatum.* Servem aos maus, ao menos, para livrá-los de maior tirania do Diabo, para que não cometam pecados mortais, para que não caiam em tantos precipícios e ainda para, por meio de orações e santas inspirações, cuidar de sua conversão com mais ardor e vigilância que o Diabo põe para perdê-los. Em verdade batalharam durante longo tempo êsses anjos custódios contra o diabo, para salvar as almas dêsses pobres pagãos. Parece, portanto, que tenham pedido a Deus metade dos índios para colocá-los em sua Igreja triunfante, deixando-nos a outra metade a fim de que, de comum acôrdo, trabalhássemos justa e ùtilmente na mesma vinha.

DO PRIMEIRO ÍNDIO, CHAMADO ITAPUCU (1) E MAIS TARDE LUÍS MARIA

Tem o mais velho dos três trinta e oito anos pouco mais ou menos. E' natural da grande montanha de Ibiapaba. Seu pai, o principal de

(1) ITAPOUCOU — nom d'un Indien... qui signifie une barre de fer. — *Itapucu,* de *itá* pedra ou ferro, e *pucu* comprido; barra de ferro, alavanca. — Os dicionários trazem *itapecu* barra de ferro, como está traduzido no texto.

Caietê, chamava-se *Uará-uaçu* (2), nome de peixe, e sua mãe *Uirá-iará,* pássaro que é apanhado.

Antes de ser batizado, usava o nome de *Itapucu,* que quer dizer barra de ferro, ou de *Itapuiçã* (3), que significa âncora de navio; tem, porém, mais de dez outros nomes comemorativos das batalhas travadas contra seus inimigos e nas quais se comportou valentemente. Em seu andar e suas palavras revela-se o soldado e mostra-se a firmeza de seu espírito. Compraz-se grandemente em fazer discursos e não se cansa jamais de falar a respeito de seus feitos guerreiros e de nossa fé. Aprecia especialmente tudo o que diz respeito à honra de Deus e ao valor de um coração magnânimo.

Ao aproximar-se da Câmara de Suas Majestades para lhes prestar homenagem, advertiu-lhe um dos guias que atentasse para o que ia dizer. Respondeu-lhe imediatamente que descendia de excelente família e porisso dispensava a advertência; que sabia muito bem o que tinha a dizer e não precisava de instruções.

Doutra feita, antes do batismo, estando com os nossos próximo ao altar, para ouvir a prédica que o Reverendo Padre Serafim de Chateau-Thierry fazia por ocasião dos funerais do primeiro de seus companheiros, contemplavam-no inúmeros senhores fidalgos. Chamou então um dos intérpretes e disse: "Dize a êsses senhores que Deus lhes fala pela bôca do profeta que está no púlpito; portanto, devem olhar para êle e não para nós". Censura seus companheiros quando os vê menosprezar o que deve saber um bom cristão e assim faz apenas porque deseja que sejam úteis ao seu país. Nós o considerávamos um dos nossos melhores instrumentos na conversão de seu semelhantes. Seu juízo firme, seus discursos piedosos, sua palavra feliz, seu zêlo devoto servirão grandemente a Deus se lhe dispensar sua graça. Será mais um centurião convertido que, juntando o saber à coragem e a piedade à palavra, edificará, dentro em pouco, como o esperamos, uma bela Igreja a Deus, não com pedras, mas com almas convertidas.

DO SEGUNDO ÍNDIO CHAMADO UARUAJÓ, (4) MAIS TARDE LUÍS HENRIQUE

O segundo índio chama-se *Uaruajó.* E' natural da aldeia de Mocuru e filho de *Uirau Pinobuí* (5), pássaro azul sem penas na cabeça, principal do lugar. O nome de sua mãe, natural da mesma aldeia, era

---

(2) OUÄRA OUASSOU — Principal... qui est le nom d'un poisson. — *Guará-guaçu,* de *guará* (Vide *Ouära,* nota 16, pág. 194), e *guaçu* grande.

(3) ITAPOUYSSAN — nom d'un Indien... qui signifie l'ancre du navire. — *Itapoiçama,* de *itá,* de ferro, *poyçam* mão que prende ou amarra, a âncora: *poichã* está no *Tesoro* como significado de mão que agarra.

(4) OUÄROYIO — nom d'un Indien. — Pode ser *Guarujó,* de *guaru* sapo e *yó* tirado, procedente: o filho do sapo.

(5) OUIRAO PINOBOUIH — Principal... c'est à dire l'Oiseau bleu sans plumes sur la teste. — Será *Guirá-pin-obi* pássaro raspado ou pelado azul.

Uaiaeiró (6), penacho de penas. Tem êle vinte anos de idade mais ou menos; é muito alegre, mais claro que os outros, de rosto bem feito e mais parecido com o de um francês do que com o de um selvagem estrangeiro. De inteligência viva, começa a compreender nossa língua e nossos escritos. E' uma árvore que principia a dar flores e frutos e dela podemos esperar muito.

DO TERCEIRO ÍNDIO CHAMADO JAPUAÍ, (7) MAIS TARDE LUÍS DE SÃO JOÃO

O terceiro índio chama-se *Japuaí.* Natural da ilha de Maranhão, é filho de *Tangará* (8), casca de ostra, e de *Cunhã-uaçu-teinhê* (9), mulher grande e inútil. Tem mais ou menos vinte anos. E' mais escuro do que os outros, porém sobreexcede seus companheiros pela docilidade de seu gênio e pela sua particular devoção.

(6) OUÄYÄEURO — nom d'une Indienne... c'est à plumache plumé. — Será *Guaraìró,* de *guará* plumas, penas para enfeites, e *yró* eriçados, em pé, hirtos.

(7) IAPOUAY — nom d'un Indien. — *Japuwai* vem nos *Glossaria* de Martius, como "avis Cassicus albirostris"; deve ser um Ictérida, cujo nome vulgar desapareceu.

(8) TANGARA — nom d'un Indien... c'est à dire l'escaille d'huitre. — *Tangará* por *tambacará,* de *tambá* ostra, mexilhão, e *cará* casca.

(9) COUGNAN OUÄSSOU TEIGNÉ — nom d'une Indienne... c'est à dire la grande femme pour rien. — *Cunhá-guaçu-tenhé* mulher grande debalde, em vão, ou para nada, como diz o texto.

CAPÍTULO LIX

Do batismo dos três índios

ARA permanecer fiel ao Velho Testamento e fazer a graça corresponder à lei, Jesus Cristo instituiu a purificação pela água, à entrada de sua Igreja; por ela o homem deixa o exército do Diabo a fim de combater sob novo estandarte; por ela perde a velha carcaça de Adão e passa a ser filho de Deus, segundo São Jerônimo. *Sordes deponit, et novum Christi assumit vestimentum, ut mortus veteri homine, nascatur novus homo.* Muitos, se ousassem, censurariam essa instituição batismal e diriam que foi tirada dos pagãos, pois já o dizem de outros sacramentos da Igreja. Mas isso não impede que seja o batismo santo, admirável e digno de seu autor. Jacó não se tornou criminoso por juntar algumas pedras profanas, ungi-las e transformá-las em altar; nem Salomão por empregar as árvores do Líbano na construção do Templo de Deus. Porque Jesus Cristo, sapiência de Deus Pai, não poderia com mais razão e santidade empregar a água, profanada pelos pagãos no batismo de seus corpos para lavar as almas de seus filhos? Ademais poderia eu dizer que essa cerimônia foi antes retirada dos pagãos que dêles tomada por empréstimo. Eram êles seus injustos possuïdores e Jesus Cristo nada mais fêz do que dar-lhe o seu fim primeiro, recolocá-la a serviço de seu Pai a quem a água fôra destinada quando seu Espírito, à guisa de Pilôto, aquecia sua umidade, nas palavras de Filon, para torná-la duplamente fecunda.

Dessa água zombaram os pagãos, não pela cerimônia, mas pelos efeitos que lhe atribuíamos. Pois êsses espíritos filosóficos, que tinham por horizonte apenas a natureza, não podiam compreender que tão grandes efeitos surgissem de tão pequena causa. Qual a relação entre uma gôta de água e o espírito? Entre um banho e a filiação de Deus? Entre um simples elemento e a divinização de uma alma? Êles teriam desejado que a nossa religião tivesse mais pompa que a dêles, pôsto que pregávamos um Deus mais poderoso que tôda a multidão infame de seus deuses; uniam o poder à aparência exterior e não à simplicidade. E Tertuliano dizia: *Nihil magis obdurat mentes quam simplicitas in actu et magnificentia in effectu.*

A Igreja, mãe sábia e intérprete das palavras de Deus, para atender até certo ponto à soberba dêsses espíritos, instituiu belas cerimônias para acompanharem essa água e como que embelezarem luxuosamente sua primeira porta de entrada, a do batismo, *gustus salis, tactus narium, saliva, exorcismus, etc.*

Não é de meu intuito mostrar a origem, a causa e o valor dessa cerimônia; muito menos ainda as razões que levaram a Igreja a modificá-la de conformidade com o grau da fé. Basta que a instrução, a beleza, o respeito e os símbolos místicos que ela dá aos cristãos a tornem recomendável. Isso apenas me serve para mostrar a ordem seguida no batismo solene de nossos índios.

Em primeiro lugar, levanto aos céus triunfantes louvores a Maria de Médicis, digníssima Rainha Regente, e a Luís XIII, seu filho, nosso Rei, digno descendente dêsse grande São Luís, ora na presença de Deus; pois dignaram-se descer de sua hierarquia e inclinar o céu de sua grandeza para assistirem a êsse batismo e honrarem com sua presença êsse ato. Quis Deus que êsses peixinhos, filhos do grande Ictis das antigas Sibilas, tivessem ao sair do mar do Cristianismo os dois luminares de nosso reino por padrinhos, e isso não só para tornar-nos conhecida a piedade de nossos príncipes, como também para advertir o Diabo e obrigá-lo a evacuar o país, porquanto tão grandes monarcas apadrinhando seus protegidos se comprometem a auxiliá-los a expulsar o diabo de sua pátria.

Batizaram-se os índios na Igreja de nosso Convento dos Padres Capuchinhos, no bairro de Saint-Honoré em Paris. Estava a Igreja ornamentada com cortinados de sêda bordados a ouro, nos quais se estampava a vida do glorioso precursor de Nosso Senhor Jesus Cristo, São João Batista, pois estávamos a 24 de junho. Assim mister se fazia que nossa Igreja mudasse de condição, que de pobre se tornasse rica e passasse a paróquia. O altar-mor estava ricamente preparado e o santuário ornado de sêda. Do lado da nave foi levantado um tablado para sustentar as pias batismais, cobertas com uma grande e bela bacia de prata, ornada de esmalte dourado, por cima da qual havia uma colcha de tafetá branco achamalotado, tão grande que chegava até o chão. Do alto da Igreja pendia riquíssimo dossel. Dois pequenos altares se erguiam de ambos os lados do tablado; e tudo o mais necessário em tais cerimônias, ostentando a mesma riqueza, atraía os olhares e animava a conversação dos que esperavam pelo ato.

Mais ou menos às quatro horas da tarde compareceu a Rainha, logo seguida pelo Rei. O sr. Bispo de Paris, que bondosamente quis ser o celebrante, revestiu então suas vestes pontificais. Apresentaram-se imediatamente os três índios restantes, já preparados e catequizados para a cerimônia. Traziam vestes de tafetá branco, abertas e enfeitadas com botões de sêda, de cima até em baixo na frente, e de cima até a cintura atrás, para com maior facilidade lhe serem aplicados os santos óleos. Cada índio era apresentado por dois de nossos padres revestidos de alvas, com tôda a ordem e devoção possíveis.

Principiou a interrogá-los acêrca do batismo o sr. Bispo de Paris, servindo eu de intérprete para transmitir aos índios as perguntas a que respondiam em sua língua. Em seguida rezaram o Padre-Nosso a Ave-Maria e o Credo também em sua língua. E era motivo de grande alegria para os parisienses verem Suas Majestades tão interessadas nesse santo exercício e conscientemente padrinhos responsáveis perante a Igreja.

Quanto aos nomes, escolheu a Rainha para um dêles o de Henrique, para outro o de Luís, para o terceiro o de João; mas tendo o sr. Bispo de Paris perguntado a S.M. se não julgava melhor o mesmo nome de Luís para os três, porquanto assim seria mais lembrado o padrinho entre os selvagens, consentiu a Rainha e todos foram chamados Luís. O Rei mostrou grande satisfação com a solução. Se me fôsse possível diria todo o respeito que a Rainha demonstrou pelo ato e a profunda meditação com que encarou tôdas as circunstâncias do mesmo.

As princesas de sua comitiva mostraram-se também satisfeitas com ver essas novas plantas do jardim de Jesus Cristo.

Se se alegram os anjos do céu por um pecador que se converte e se penitencia, com que satisfação, com que doce harmonia não terão os bem-aventurados contemplado essas belas primícias de antropófagos oferecidas a Deus? Com que alegria não terão presenciado a conversão, não de um pecador apenas, mas de uma infinidade de almas? E, além do mais, de almas que não eram sòmente de pecadores, mas sim de bárbaros, de entes cruéis e inumanos?

Não é possível dizer, nem sequer imaginar que terão feito os anjos tutelares desde séculos para a conversão dêsses pagãos e infiéis, principalmente por ter Deus lhes ordenado que amassem aquêles que tinham sob sua proteção. Ademais, é preciso considerar o ódio que têm ao Diabo; desejam reparar as ruínas do céu e sabem quanto são assim agradáveis a seu rei e nosso redentor Jesus Cristo. Presenciando agora o fruto de seus trabalhos, e suas vigílias, vendo a vitória e os troféus de suas batalhas, contemplando os despojos e a destruïção do império do inimigo do gênero humano, e vendo ainda essas pobres almas livres de sua mão cruel e convertidas a Deus, bem grande devia ser a alegria reinante no céu!

Entrementes, enquanto ocorriam êsses acontecimentos, não cessavam os coros de músicos de Sua Majestade de louvar a Deus, com harmonia incomparável de vozes e instrumentos, pela santa ação.

Mas havia ainda outra harmonia não menos agradável ao criador: a que se desprendia dos corações, não mais cruéis nem bárbaros, porém dóceis e bons: não mais de lôbos furiosos, de antropófagos ou canibais, porém de novos convertidos, *qui tanquam agni exuletabant magnificantes te domine qui liberasti illos*. Regozijavam-se como cordeirinhos êsses selvagens, louvando e exaltando o Senhor pela graça inefável de tê-los libertado do cruel cativeiro do Diabo.

Essa harmonia de louvores íntimos dessas pequenas almas recém-regeneradas e lavadas no sangue precioso do cordeiro imaculado; essa harmonia dos votos que faziam, em face da Igreja, de pureza, de amor e de caridade; isso é que era infinitamente mais agradável e suave aos

ouvidos da Divina Majestade do que todos os acentos das melhores vozes e dos melhores instrumentos musicais encontradiços no mundo.

O que mais repercutia no céu era a profunda humildade dessas pobres almas diante de tão grandes mudanças; passavam de lôbos a cordeiros, de inumanos a cristãos, e se tornavam filhos de Deus em lugar de filhos do Diabo e instrumentos de sua crueldade; lamentavam sua vida passada, sua cegueira e a perda de seus antepassados.

Daí provinha sua modéstia e sua devoção durante a cerimônia do batismo. Quem não os conhecesse diria que durante tôda a sua vida tinham sido instruídos no cristianismo e nas cerimônias da Igreja. Erguiam amiúde os olhos para o céu, donde lhes vinha a graça, porém não deixavam de prestar atenção a tudo o que se fazia. Tão bom exemplo tocava o coração dos assistentes e os enchia de piedade e devoção a ponto de muitos não poderem reter suas lágrimas.

Que alegria e que consolação não terão sentido SS.MM. Cristianíssimas ao verem que por seu intermédio a solenidade do nascimento do grande Apóstolo de Deus era festejada com a geração espiritual de três pessoas escolhidas pelo Criador em meio à alegria da terra e dos céus? Que oferenda mais agradável a Deus poderiam fazer S.S.MM., nesse santo dia do glorioso São João Batista, do que essas três almas purificadas pelo batismo? Como diz o Apóstolo *talibus enim hostis promeretur Deus*, Deus sente prazer em tais sacrifícios. São hóstias espirituais maravilhosamente agradáveis a Deus através de Jesus Cristo; são holocaustos dedicados a Deus pelo batismo; são sacrifícios vivos, santos e infinitamente preciosos a Deus.

São cordeirinhos, são lindas flores, são frutos delicados. *Isti sunt agni novelli qui annunciaverunt* — "são cordeirinhos que nos trouxeram novas de uma incrível fecundidade".

Mas são também flores, *flores nascentes aut renascentes ecclesiae*, flores da Igreja nascente e renascente, regadas com o sangue do cordeiro imaculado que principia a ferver nessa nação bárbara; flores mensageiras que trazem a nova de uma bela colheita e grande abundância de frutos na Igreja de Deus.

E são também frutos. *Et flores mei*, diz o livro da Sabedoria, *fructus honoris et honestatis*, minhas flores são os frutos da honra e da honestidade; são frutos da graça de Deus; frutos da infatigável vigilância dos anjos; frutos da piedade singular e da ardente devoção de Suas Majestades Cristianíssimas levadas pela inefável providência divina a tentar a conversão dessas nações bárbaras e cruéis.

Modo venerunt ad fontes. É nessa hora e nesse tempo predestinados pela eternidade que êles vêm às fontes batismais. Não são fontes naturais que acendem fachos apagados, que tornam brancos os cordeiros negros, que ressuscitam certos animais mortos quando nelas mergulhados; são fontes espirituais, são fontes vivas, de águas regeneradoras e de ondas purificadoras, como diz a Igreja: *Fons vivus, aqua regenerans, unda purificans.*

Nessas águas batismais é que êsses animais antropófagos e canibalescos, mortos pelo paganismo, recobraram a vida da graça; aí êsses cordeirinhos negros de pecados se tornaram brancos; aí os fachos apa-

gados pelo sôpro da infidelidade foram acesos. *Accedite ad eum,* disse o Profeta, *et illuminamini.* Aproximaram-se de Jesus Cristo pela sua conversão, aproximaram-se dessas águas regeneradoras e purificadoras e foram iluminados pela graça.

Et repleti sunt claritate, "encheram-se de claridade", *in conspectu agni amicti stolis albis,* "na presença do cordeiro imaculado", do Filho de Deus, revestidos interiormente com êsse belo manto da inocência batismal sôbre suas almas e, exteriormente, com belas vestes de tafetá branco e faixas de cetim da mesma côr enriquecidas pela cruz de prata.

Et palma in manibus eorum, e em verdade "traziam a palma na mão", a palma da santificação, a palma da vitória porque saíam do pecado e de uma vida detestável e triunfavam afinal do Diabo.

Tudo terminado, Itapucu, o mais velho dos três, agradeceu humildemente a Suas Majestades a honra e os benefícios recebidos ao serem todos os três feitos filhos de Deus, e pediu respeitosamente que prodigalizassem os mesmos favores aos seus compatriotas. Respondeu-lhe a Rainha que orassem a Deus pelo Rei seu filho e por ela, pois dêles, índios, ela cuidaria com carinho e tôda a proteção possível.

Em seguida ajoelharam-se Suas Majestades. Entoou-se o *Te Deum Laudamus* em ação de graças, e o sr. Bispo de Paris deu sua bênção.

CAPÍTULO LX

De como, após o batismo, foram êsses três índios conduzidos em procissão e da confirmação que lhes foi dada.

SSAS almas, tão belicosas no mundo, ao se alistarem na Igreja precisavam razoàvelmente ser encaminhadas para o serviço de Deus. Era justo que nesse serviço se aproveitasse a coragem generosa que haviam durante tanto tempo empregado em benefício do Diabo. Era justo que começassem a demonstrar por atos exteriores sua devoção e seu desejo interior de seguir a Cruz.

Porisso, logo depois do batismo, saímos em procissão. Um dos nossos carregava a Cruz e atrás vínhamos todos cantando as litanias da Virgem.

Mal o eunuco da Etiópia se viu batizado por São Felipe, saiu alegre pelo caminho, *ibat per viam suam gaudens.* Não era o verdadeiro caminho dêsses regenerados, o da verdade e da vida? Pois acompanhavam êles, alegres e satisfeitos, essa procissão cristã, com suas vestes de tafetá branco, suas faixas de cetim alvo sôbre as cabeças cobertas de belos chapéus de flores. E cada um dêles era conduzido por um dos nossos padres revestido da alva, tal qual ao serem levados ao batismo.

Como as religiosas da Ordem de Santa Clara, próxima de nosso convento, haviam tido o cuidado, durante a nossa viagem e todos os nossos trabalhos, de orar ardentemente e oferecer a Deus seus votos, a fim de que nos auxiliasse na santa emprêsa de converter essas nações desgraçadas, resolvemos que a nossa procissão se dirigisse para a sua Igreja, não só pela santidade do lugar, mas ainda para mostrar-lhes os frutos de suas santas e ardorosas preces; e principalmente para oferecer a Deus, nessa Igreja de Santa Clara, as primícias dessa nação, em ação de graças pelo fato de ter condescendido Deus em dar-nos essas primeiras arras da fé, por meio do santo sacrifício da missa, perpretado pela primeira vez entre os bárbaros no dia da festa dessa gloriosa Virgem.

No momento em que entramos nessa Igreja, começaram as religiosas a entoar o *Te Deum Laudamus* e em seguida outras orações. Abriram depois o locutório, e os índios, ante a piedade e a mortificação das reli-

giosas, sentiram-se tão admirados e satisfeitos quanto elas próprias ao verem em estado de inocência essas almas antes tributárias de Satã. Não se cansavam de louvar a soberana vontade de Deus que encontrara os meios eficazes de chamá-los à fé.

Regressando ao nosso convento na mesma ordem, agradecemos a Deus, do fundo de nosso coração, por ter juntado êsses três bárbaros ao número de seus filhos.

Oito dias depois, para dar a esses neófitos a fé do Mestre, não *in occulto* como os judeus, porém pùblicamente, o sr. Bispo de Paris, muito ocupado com outros negócios importantes, delegou ao sr. Bispo de Auxerre poderes para administrar-lhes o sacramento da confirmação. Julgou-se então útil, não só para que se distinguissem uns dos outros, mas ainda para que levassem para o Maranhão o nome da Rainha, dar-lhes três novos nomes. Foi assim o primeiro chamado Luís Maria, o segundo Luís Henrique e o terceiro Luís de São João, em homenagem ao grande benefício por êles recebido no dia dêsse glorioso precursor.

Deus lhes conceda a graça de imitar seus protetores e de ver antes da morte a fé de Jesus Cristo implantada em sua pátria, para que não se dêem mais, à maneira das vinhas selvagens, nomes bárbaros como os de Itapucu, Uaruajó e outros, porém Luíses e Marias e outros nomes de apóstolos e mártires de Jesus Cristo.

CAPÍTULO LXI

Como Deus visitou os três índios depois de batizados.

AFLIÇÃO e o castigo são tão necessários aos filhos de Deus que, segundo as Escrituras, aquêle que se acha em contínua prosperidade e livre de punição é adulterino e não filho legítimo de Deus. Pois Deus procede, para com os seus, tal qual um bom pai para com seus filhos. Qual o filho, indaga o Apóstolo, que não é castigado pelo pai? Pois Deus castiga a quem ama e flagela a quem recebe: *Quem diligit Dominus castigat: flagellat autem omnem filium quem recipit.* A fim de mostrar seu amor a êsses três índios, seus verdadeiros filhos, deu-lhes Deus, logo após a confirmação, moléstias graves. Mas como vivifica os que mortifica e levanta os que humilha, revelou logo o carinho particular que lhes devotava.

Assim, estando Luís de São João a tal ponto doente que os mais célebres médicos desesperavam de curá-lo, salvou-se milagrosamente pela intercessão da gloriosa Virgem Maria.

E já em convalescença os dois outros, pela graça de Deus, quis Deus ainda que o mais velho de todos, Luís Maria, sofresse nova provação. Ainda aleitado, porém bem acordado, lá pelas sete horas da manhã apareceu-lhe o Diabo sob a aparência de um homem de boas maneiras que abriu a porta do quarto e entrou. Trazia na mão um vidro cheio de certo líquido prêto e disse que era Deus e vinha batizá-lo; que se pusesse de joelhos, portanto.

Mas Deus não permite que os seus sejam tentados acima de suas fôrças; porisso inspirou a Luís Maria a resposta ao tentador, de maneira que pôde dizer-lhe que já fôra batizado por um *Paí*, o qual lhe ensinara que não é possível ser batizado duas vêzes; que, por outro lado, a água do batismo era clara e não prêta como a que havia no vidro; porisso não podia acreditar que fôsse êle Deus, seria antes um impostor. Fêz então o sinal-da-cruz e o Diabo desapareceu imediatamente.

Pouco depois voltou entretanto, sob a aparência de outro indivíduo, e trazia na mão certas drogas à guisa de remédios, e disse-lhe que vinha curá-lo. Mas respondeu-lhe o índio que os *Paí* cuidavam dêle e de

tudo o que lhe era necessário, e que não tinha por hábito tomar nenhum remédio que não fôsse dado por êles ou por êles ordenado.

Desapareceu o espectro imediatamente, mas voltou logo, pela terceira vez, entrando no quarto com grande fúria, muito semelhante a um centauro, pois tinha forma humana até a cintura e da cintura para baixo era como um cão. Trazia uma espada desembainhada na mão e disse-lhe que vinha curá-lo para que voltasse logo à sua terra. Não foi sem terror que Luís Maria reconheceu então o Diabo. Mas a graça de Deus recebida na confirmação o fortalecia, porisso retrucou-lhe o índio que era temerário para o Diabo entrar na casa dos *Paí,* e que se retirasse.

Fêz menção então o Diabo de agarrá-lo e feri-lo com a espada, pelo que Luís Maria pôs-se a gritar; mas, inspirado por Deus, fêz o sinal-da-cruz e o Diabo retirou-se com tanto ruído, como se fôsse uma carroça rodando pelo quarto. Ouvindo-o seu companheiro Luís Henrique, tanto os discursos quanto o barulho, correu a ver de que se tratava e veio chamar-nos às pressas. Para lá nos dirigimos e Luís Maria contou-nos o que se diz acima e nos disse do consôlo que tivera vendo-se auxiliado por Deus nessa tentação.

CAPÍTULO LXII

De outro índio chamado Piravavá (1), batizado na nossa Igreja com o nome de Luís Francisco.

RENASCIMENTO da Igreja é bem diverso do nascimento do mundo. Os que nascem no mundo são diferentes uns dos outros, quer em sexo, quer em paternidade. Os que renascem na Igreja *quos aut sexus in corpore, aut aetas discernit in tempore, omnes in unam parit gratia mater infantiam* — "homem ou mulher, pobre ou rico, livre ou escravo (salvo embaraço de sua parte), são todos salvos pela graça e feitos da mesma maneira filhos de Deus."

Restava outro índio por batizar. Chamava-se *Piravavá* e era da nação dos tapuias. Tinha mais ou menos doze anos e fôra escravo na Ilha do Maranhão, razão pela qual não viera na mesma qualidade dos outros. Entretanto a devoção de Suas Majestades era tal que tomaram particular cuidado do rapaz mandando-o diàriamente para que se instruísse e recebesse as mesmas graças e fôsse feito filho de Deus pelo batismo.

Disso incumbiram a Senhora de Souvré, na certeza de que se haveria com honra. Com efeito, essa nobre e virtuosa dama, desejando corresponder aos piedosos desígnios de Suas Majestades, convidou o sr. Marquês de Courtenault para padrinho, ficando ela própria madrinha do pequeno índio a quem batizei pùblicamente no domingo 15 de setembro com solenidade idêntica à precedente. Recebeu o nome de Luís. E todos admiraram a devoção que enchia sua alma. Não cessou jamais, durante a cerimônia, de contemplar o santo sacramento, principalmente ao dizer em sua língua o Padre-Nosso, a Ave-Maria e o Credo. Quando, ao terminar a cerimônia, se cantou o *Te Deum laudamus,* tinha êle os olhos tão presos ao céu que muito se admiraram os nossos padres.

Oito dias depois de seu batismo, o sr. Bispo de Rennes deu-lhe a confirmação na nossa Igreja, onde se dignou comparecer a senhora de

---

(1) PYRAUAUA nom d'un Indien. — *Pirababá,* que seria a restauração gráfica do vocábulo, é difícil de explicar; quiçá *Pirabebé* peixe volante ou voador.

Souvré para dar-lhe o nome de Francisco. Com a graça que obteve de ser filho de Deus, ainda adquiriu a de ficar desde então empregado no serviço do Rei.

Eis teus frutos, ó Igreja de Deus, admiràvelmente fecunda! És a única verdadeira mãe e a única mãe fecunda capaz de engendrar os filhos espirituais de Deus, favor êsse universalmente negado a tôdas as madrastas e a tôdas as hereges, através das quais não quis Deus tampouco ser pregado entre os infiéis, como não o quis entre os judeus junto dos quais o Diabo procurou apregoar em alta voz sua qualidade de filho de Deus sem que êle jamais o consentisse.

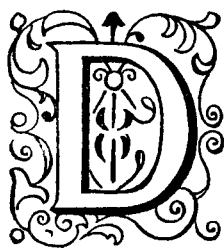
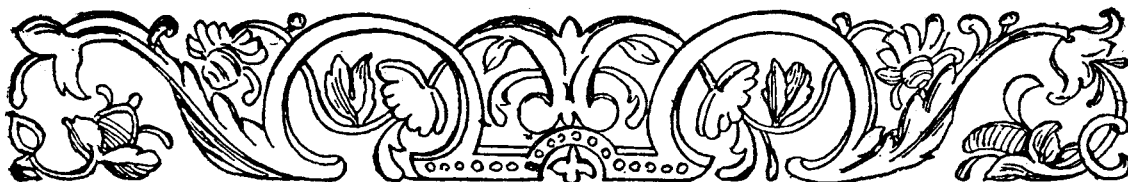
Se pudesses entristecer-te com a perda de alguns de teus filhos dessa velha França, levados pela heresia, que consolação não sentirás agora com a feliz nova da conversão dêsses novos filhos nascidos na Nova França Equinocial? *Exurge Hierulasem, et sta in excelso: et circumspice ad orientem, et vide collectos filios tuos ab oriente sole usque ad occidentem, in verbo sancti gaudentes Dei memoria.* "Ergue-te Jerusalém, e de cima olha em tôrno de ti para o Oriente. Contempla teus filhos reünidos desde o Oriente até o Ocidente, chama-os e sujeita-os às tuas leis, como filhos obedientíssimos. Tu os verás alegres e satisfeitos por se terem, através das palavras dos Evangelhos, que lhes anunciaste, lembrado de Deus, seu Criador há tão longo tempo esquecido pelos seus predecessores". Outrora três fiéis mensageiros do céu predisseram e prometeram a Abraão e a Sara sua fecundidade futura e a multiplicação de sua semente na colheita de um povo grande e numeroso. Eis, ó cara Espôsa de Jesus Cristo, e vós, o Soberano Pastor da Igreja, que ocupais o lugar de São Pedro, e tendes o nome de São Paulo, eis o que a nossa religião vos oferece e o que eu vos ofereço com a nossa religião: três filhos da nação dos canibais e antropófagos, já agora três filhos do Céu, três mensageiros, ou antes três arras e penhores da inumerável multiplicação de fiéis nessas regiões ferozes e bárbaras.

Regozija-te pois, ó cara Espôsa de Jesus Cristo, e vós também Soberano Pontífice da Igreja, e vós, nobre França que fôstes o instrumento de Deus. Regozijai-vos com os méritos eternos, as honras perpétuas e os proveitos que vos advirão. Tudo se se deve, depois de Deus, a Suas Majestades Cristianíssimas. E vós espíritos celestes que viveis triunfantes com o Rei dos Reis, que fazeis tão grande festa e tanto vos alegrais com a conversão de um só pecador, não vos regozijais especialmente com a conversão de tantas almas? Tão alegres estáveis e tão ansiosos que logo chamastes a vós as três belas almas que depois de lavadas com o sangue do cordeiro imaculado, no sacramento do batismo, partiram felizes dêste mundo a fim de vos levar a certeza de que as promessas do Profeta estavam cumpridas. *Adduxit illos Dominus ad me portatos in honorem sicut filios regni,* Deus mos trouxe honrosa e triunfantemente como filhos de seu Reino. Ó triunfante Jerusalém! Creio no que dizeis e creio verdadeiramente que *Duxit eos Deus Israel in jucunditate, in lumine majestatis suas cum misericordia et justicia quae est ex ipso.* O Deus de Israel os trouxe com alegria e satisfação na luz gloriosa de Sua Majestade, à misericordia e à justiça, por graça e singular favor de Sua Divina Bondade.

LOVIS D.^E S.^T IEHAN

Que coração gelado não se aqueceria de santa e maravilhosa emulação, de pungente e salutar temor, ao ver essas pedras, êsses corações bárbaros e cruéis, e duros como rochedos, essas almas rebeldes, pecadoras, cheias de tôda a sorte de maldades, convertidas em filhos de Abraão, precedendo-nos na fé, na piedade e na obediência à Santa Igreja para preceder-nos nos Céus? Não parece que Deus nos tenha deixado três na terra, vivendo na fé e na inteira submissão à Santa Igreja, e levado outros três para o Céu, para que a antiga piedade da França tendo gerado a piedade dessa Nova França, por tão santa Antipelargia, venha assim a ser renovada?

Haveremos de julgar-nos felizes e teremos por bem empregadas as nossas fadigas se essas concepções de nosso entendimento, que tão ardentemente abrasam e iluminam as nossas almas, forem um dia bem sucedidas numa e noutra França.

LAUS DEO, VIRGINIQUE MATRI ET SERAPHICO PATRI
NOSTRO FRANCISCO

EPOIS do nosso regresso da ilha do Maranhão, o Reverendo Padre Honorato, de Paris, Provincial da nossa Ordem nessa Província, e Comissário Geral da nossa Missão nas Índias Ocidentais, recebeu algumas cartas e notícias de nossos Padres, que lá tinham ficado, e achou bom que delas se fizesse um extrato, relativamente àquilo que se não soubesse.

Como elas são dignas de ser lidas, aqui junto, como remate desta obra, e por sua ordem, o dito extrato com as cópias de outras cartas, para satisfação e edificação do Leitor.

Extrato das cartas do Reverendo Padre Ivo, dirigidas ao Reverendo Padre Provincial da Província de Paris

Reverendo Padre em Nosso Senhor, Paz e salvação. — Aproveitando a ocasião, que me oferecem dois navios de Diepe, que desta Ilha do Maranhão regressam à França, julguei de meu dever, para animar os Franceses, e especialmente a Rainha pelo lado temporal, e os nossos Padres pelo espiritual, dizer-vos o que se passa por aqui, como já fiz na carta que escrevi à Sua Majestade, porém com brevidade para não vos causar tédio, deixando o resto para esta que vos escrevo. Depois da partida do Padre Cláudio as coisas vão indo sempre melhor, como já vos informei. Quanto ao temporal, todos os dias descobrem-se novas riquezas e mercadorias, que serão descritas por quem tiver essa incumbência. O Forte de São Luís presentemente está inconquistável e não temeria uma armada real, se pudesse surgir.

Os selvagens cada vez têm mais afeição aos Franceses, e êstes os fazem mais valentes do que nunca.

Quanto aos vizinhos, que por aqui se podiam temer, isto é, os Portuguêses, os Espanhóis, e Inglêses, êles os aborrecem de tal forma, que antes quereriam ir de cabeça baixa para o inferno do que receber o Cristianismo das mãos dêles, embora o desejassem muito, como depois direi.

Êste procedimento obriga muito Sua Majestade e tôda a França a socorrê-los, visto que depois de Deus depende delas a salvação.

Deixando as coisas temporais e os seus progressos, vamos tratar das espirituais. Vão muito bem, e se pudéssemos batizar todos os que nos pedem com instância o batismo, já teríamos batizado mais de trinta, e talvez cem mil pessoas, e custa-nos muito fazer-lhes perceber a causa de nossa recusa.

Desculpo-me com o pequeno número de Padres, que somos, e dou-lhes esperanças para a chegada dos nossos Padres, e entrementes procuro catequizá-los, e fazê-los perceber e admirar os mistérios do Cristianismo.

Batizamos, porém, os que estão em perigo de vida, e que pedem êsse Sacramento, e os pequenos, que nos são apresentados por seus pais. E são padrinhos os Franceses. O mesmo fizemos com algumas pessoas de particular vocação, como seja, um dos Principais de *Tapuitapera,* que, achando-se num domingo na missa dos Catecúmenos (a êles permitida) ao deitarem água benta caiu-lhe uma gota em cima e penetrou-lhe de tal maneira a alma que percebeu claramente ser necessário o Cristianismo para salvar-se. E desejando ardentemente ser Cristão desde essa hora, de dia e de noite não pensou noutra coisa, como depois nos contou.

Sem dizer palavra, regressou da Ilha para a terra firme, adoeceu com grande diarréia, e por muitas noites pareceu-lhe ver o Céu aberto, e os Caraíbas, Padres ou Profetas (assim chamam êles os Religiosos) lá entrando, e uma voz dizer-lhe: — "Se queres salvar-te, é necessário que te laves com a água com que fôste aspergido na missa."

Mandou um homem à Ilha para trazer essa água, e trouxe êle um pouco de algodão para tapar a vasilha a fim de não perder-se pelo caminho. Atravessou o portador duas ou três léguas de mar, e nos contou o que deixamos dito.

Mandei visitá-lo por um de nossos Padres, que levou ordem de batizá-lo se o achasse em perigo de vida, e no caso contrário prometer-lhe que em breve lá iria eu batizá-lo

Ficou tão contente, que nessa mesma hora embarcou numa canoa, atravessou o mar, e veio pedir-me o batismo para me poupar o trabalho de ir lá. Expus-lhe as crenças cristãs, e êle com facilidade as entendeu. Disse-lhe ser necessário, quando ficasse bom, abandonar as mulheres que tinha, no que concordou escolhendo uma, e despedindo as outras.

No dia da Santíssima Trindade batizei-o com o nome de Martinho Francisco.

Acha-se atualmente curado, e presta serviços de Evangelista; e catequizou sua mulher e filhos para batizá-los.

Um criminoso, condenado pelos índios a ser amarrado na bôca de uma peça de artilharia, pediu com muita instância o batismo. Foi batizado e com alegria caminhou para o suplício, como se fôsse para o Paraíso, dizendo em altas vozes, que ia para onde estavam os Filhos de Deus.

Achando-se presente o Principal de Juniparã, antes de deitarem fogo à peça, fêz uma bonita fala relativamente à felicidade dêsse desgraçado, e da infelicidade dos que não eram batizados ficando por isso filho do diabo.

O que mais nos anima na conquista destas almas é que seus feiticeiros, entre êles tão grandes como os santos entre nós, e tão merecedores de fé, pois quando adoecem os procuram para curá-los com seu sôpro, pedem fervorosamente o batismo. Assim ocorreu com dois dos mais notáveis, um em Tapuitapera e outro em Cumá, os quais me vieram procurar para tal fim.

Procuro catequizá-los esperando pelas ordens de França, porque se Sua Majestade não quer continuar esta Colônia pelo lado do temporal, não poderá a Missão, pelo espiritual progredir por muitos motivos que vos dirá o Padre Cláudio: batizá-los sem assegurar-lhes exercícios cristãos, é pô-los em perigo de se tornarem apóstatas muito breve.

Na semana passada aconteceu outro fato maravilhoso.

A nação dos Tabajaras, muito inimiga dos índios do Maranhão, e da qual aí havia alguns escravos, foi chamada pelo Sr. comandante la Ravardière para fazer pazes. E para melhor conseguir êste fim mandou êste alguns tabajaras aqui escravos, com Franceses, para informá-la da brandura do govêrno francês, e dar-lhes notícia da vinda dos Profetas para fazê-los filhos de Deus, caso renunciassem ao Diabo. Enviaram então, os tabajaras embaixadores para verificar bem a verdade, os quais, vendo o que se passava entre nós, no seu regresso tais coisas contaram, que se pacificou a nação; uniram-se os tabajaras aos índios do Maranhão e abandonaram suas habitações, distantes daqui bem cento e cinqüenta léguas, só para virem morar com os Franceses e serem cristãos. Isso apesar da beleza de sua terra, uma das mais bonitas do Mundo. E, no

momento de a deixarem, ordenaram que não os seguissem os que não desejavam obedecer aos Profetas.

Antes de partir, plantaram a Cruz defronte de suas cabanas, como testemunho dos seus desejos de serem filhos de Deus. Deram também notícia de outra grande Nação na ribeira do rio Pinaré, não longe daqui, e por isso há esperança de se ir em procura dela.

O Sr. de la Ravardière foi, com alguns Franceses e Índios, ver os Amazonas, longe daqui oitenta léguas, para convidá-los a prestar homenagem a Suas Majestades.

Não vejo dificuldade alguma na conquista espiritual e temporal desta grande terra, que tem bem mil e duzentas léguas, poucas ocupadas por Portuguêses e Espanhóis, e sem a menor comparação com as que habitam os Franceses, únicos que têm meios de chamá-los ao conhecimento de Deus.

A vós compete, Reverendo Padre, empenhar-vos com Sua Majestade e com tôdas as pessoas em posição de ajudar tão bela emprêsa, para que envidem esforços nesse sentido, lembrando-lhes tão grande número de almas, semelhantes a criminosos condenados à morte eterna, se não forem salvas por suas intervenções.

Esperamos com ardente anelo a vinda dos que nos prometestes para ajudar-nos.

Recomendo-me às vossas santas orações, de que muito precisamos todos nesta terra.

Ainda que não sejam necessários mártires de sangue para aqui plantar-se a fé, são precisos mártires de paciência.

Rogai a Deus para encher-vos de suas graças, para bem desempenhardes êsse e outros deveres inerentes a vosso cargo.

Sou, Reverendo Padre,

Vosso humilíssimo e obedientíssimo servo
em Nosso Senhor,
Frei *Ivo d'Évreux*, Capuchinho.

Ilha do Maranhão, 15 de julho de 1613.
Recebida em Paris a 17 de outubro de 1613.

Cópia da Carta do Reverendo Padre Arsênio, escrita ao Reverendo Padre Arcângelo de Pembroc, prègador da Ordem dos Padres Capuchinhos da Província de Paris

In vulneribus Christi salus humilis

Meu Reverendo e caríssimo Padre. — Julgar-me-ia sempre criminoso, se perdesse qualquer oportunidade de dar notícias desta terra a vós, tão empenhado no bom êxito desta santa missão.

Já que esboçastes a obra, continuai a trabalhar na sua perfeição.

Graças a Deus, a Colônia vai se fundando muito bem.

Nestes últimos dias uma grande nação de Tabajaras, sempre em guerra com outras tribos, e até mesmo com as da Ilha do Maranhão, se pacificou e abandonou suas tabas, daqui distantes cento e vinte a cento e quarenta léguas, e veio residir parte nesta ilha, com os Franceses, e parte noutra ilha bem perto (pois lá se pode ir em duas horas) chamada *Tabucuru.*

Deseja muito receber instrução, e diz já de há muito tempo, que as almas dos seus antepassados vão para onde estão os Diabos, e que já é tempo de irem para o Paraíso.

Continua êste povo firme na idéia de se fazer cristão, e só faltam obreiros para tanto.

Preparou-se muito bom tabaco nesta ilha, mas em pequena quantidade, porque houve pouca chuva no tempo do inverno, do que até os próprios selvagens se espantaram. Espera-se, porém, grande colheita dêste gênero no ano vindouro, e se nesta ilha é tão bom — melhor será na terra firme, pois é muito boa e própria para tabaco, cana de açúcar e tudo o mais que se queira cultivar.

Os que têm ido visitar os Tabajaras ficam admirados das boas terras por êles ocupadas, e elogiam-nas o mais que podem.

Temos esperança de que, no regresso do Sr. de Rasilly, poderemos dispensar, exceto o vinho, todos os víveres vindos de França por serem melhores os daqui.

Quanto ao vinho, espero que não nos faltará se permitirem a continuação do comércio do tabaco. Pois agora que os Espanhóis abandonaram êsse comércio na Trindade, todos os navios que para lá levaram vinhos das Canárias, farinha de trigo e outros gêneros para cá virão no mesmo intuito, pois o tabaco daqui é tão bom quanto o de lá.

Temos, entre outras muitas cousas, grande abundância de peixes-bois neste país. cuja carne muito se assemelha à do veado, pois um dia nos enganaram e nós pensávamos comer desta quando na realidade comíamos daquela.

Temos também excelentes melões por todo o ano e em qualquer estação — pepinos, nabos da grossura de um braço, beldroegas, e ainda podemos ter tôda a qualidade de ervas e de legumes em qualquer época, contanto que de França nos mandem boas sementes, bem guardadas em garrafas bem tapadas. E' isso, meu estimadíssimo Padre, o que vos posso mandar dizer nesta ocasião.

Peço-vos com instância a remessa de novos Padres, e recomendo-me mil vêzes a vossas santas orações, e às de todos os Frades da Província.

Serei sempre de

Vossa Reverendíssima
humilíssimo filho e dedicadíssimo discípulo,
Frei *Arsênio de Paris,* Capuchinho.

Da Nova França Equinocial em Maranhão 15 de junho de 1613.

Cópia da carta do Sr. de Pézieux, dirigida ao Reverendo Padre Arcângelo, da Ordem dos Padres Capuchinhos da Província de Paris

Reverendo Padre. — Se, pelo cuidado, perseverança e solicitude na vossa Ordem, dirigistes com santo zêlo a fundação desta Colônia, mais do que nunca tendes agora o dever de fortalecer os seus alicerces, tanto pelo crédito, de que gozais na província, como pela facilidade que tendes de ser ouvido pelas principais pessoas de França, mormente tratando-se de uma causa justa, que por si mesma se recomenda, e anima não só os servos de Deus a abraçá-la com ardor, mais ainda tôdas as pessoas do Estado e do Mundo, que desejam ver aumentadas a grandeza do Rei, o nome de sua pátria, o bem e a honra particular.

Podeis informar-vos, dos Padres que daqui foram, se não são bem fundadas as esperanças, que se nutrem a respeito do seu futuro estado temporal e espiritual. Seria injustiça minha se eu dissesse alguma cousa em continuação ao que já muito bem se disse sôbre as necessidades da terra.

Contento-me apenas em afirmar que não perdem tempo nem ocasião os que trabalham para ter tudo pronto quando chegarem os padres.

Não pôde o Padre Ivo deixar o Forte, já para não interromper as contínuas exortações, que nos faz, já para satisfazer os selvagens da Ilha e da terra firme, que aí vão levados pela curiosidade de ouvi-lo falar de Deus e da nossa Religião, e para pedir-lhe o batismo. Êle não pode cuidar noutra coisa.

O Padre Arsênio está vivendo em companhia de todos, trabalha quanto pode e com proveito. Louvam muito o procedimento do Sr. de la Ravardière, quer em relação às nossas crenças, quer no que diz respeito a êle em particular.

Sou disto fiel testemunha e receio que um dia se não queixem de mim por não ter cuidado de suas pequenas necessidades durante sua ausência com a mesma solicitude. Se isto acontecer, tenho certeza de que o atribuïrão antes à minha pobreza, do que à minha má vontade, e nos ajudaremos recìprocamente, procurando, quanto possível, melhorar êsse estado a fim de serem mais bem recebidos os que vierem na segunda viagem.

Esperamos que os auxílios que aí prestareis ao Sr. de Rasilly virão acompanhados de todos os meios próprios a aperfeiçoar tão generosa emprêsa, o que sem dúvida será aprovado pela autoridade e liberalidade de Suas Majestades, e a isto os obriga a escolha dos Tupinambás, isto é, de não receberem senão o domínio da nação Francesa, preferindo antes morrer na sua primitiva brutalidade.

Quando outra coisa não fizéssemos senão tirar-lhes o costume de se comerem uns aos outros, não seria pouco.

Praza a Deus dar-me a graça de conservar tudo em bom estado até chegarem as providências dos ditos Senhores, e permitir-me poder mostrar a todos os nossos Reverendos Padres o quanto de coração desejo ver florescente a nossa Ordem, para o que estou resolvido a não poupar nem a minha vida. Dai-me a honra de dizer-lho.

Confesso-me ser

Reverendo Padre
o mais humilde de vossos servos
Luís de Pézieux.

Maranhão, no Forte de São Luís, 2 de julho de 1613.

Cópia da carta do Sr. de Pézieux dirigida ao Reverendo Padre Cláudio de Abbeville, da Ordem dos Padres Capuchinhos da Província de Paris.

Meu Padre. — Eu vos desejo tanta satisfação na obra que aí realizais quanto tereis, estou certo, com as informações de nossos Padres, sôbre o que aqui ocorreu desde que partistes, sôbre o nosso estado atual e as esperanças no futuro. Em tudo observareis o cuidado que tem o Senhor tanto do nosso pequeno rebanho, bom, pacífico, e inteligente, quanto de inspirar êstes povos tão bárbaros a instruirem-se quando voltardes com grande número de Padres. Essa é também a particular vontade dos principais Pajés de Cumá e Tapuitapera.

O que atualmente podem fazer os Padres é nutri-los na esperança, e fazê-los conhecer a grandeza e a bondade de Deus, o benefício de serem cristãos, a necessidade da instrução para serem batizados, a utilidade de darem êste sacramento a seus filhos, e aos que, homens e mulheres, pedem-no em artigo de morte, e aos moribundos ardendo em tais desejos.

São poucos Padres para tanto trabalho.

O padre Ivo não pode abandonar o Forte, hoje mais do que nunca, pois aí se recolheram todos os Franceses depois da partida do Sr. de la Revardière.

Prêga nos domingos e dias de festas, depois que recobrou sua saúde, com grande satisfação nossa.

O padre Arsênio trabalha quanto pode em Juniparã e suas vizinhanças; já aprendeu a língua indígena, e para satisfazer pedidos vai a Tapuitapera contentar aquelas gentes, e animar os novos cristãos. São os nossos melhores amigos, e que mais nos têm ajudado com farinhas e bons discursos entre os seus para nos dar mais fôrça; porisso bem merecem tal gratificação.

Só por isso avaliareis a ocupação dos ditos Padres. Êles vos informarão do desejo dos Tabajaras de se fazerem Cristãos, e de uma grande nação moradora no Pinaré, que tem igual vontade.

A salvação de tantas almas enriquece o nome francês com despojos mui lindos, assim não sejam êles desprezados!

Permita Deus que Suas Majestades protejam o zêlo de vossa Ordem e tão santa obra com liberalidade, pois sem ela nada se fará, como bem podeis prever sem estender-me mais.

Descansamos e esperamos muito no conhecimento que tendes do que necessita êste lugar, quer no temporal, quer no espiritual, e também na vossa dedicação a tão justa causa, que julgamos já ganha por estar em vossas mãos e nas do Sr. de Rasilly.

Muitas vêzes comparo os vossos e os nossos trabalhos, e vejo que a fadiga de edificar com madeira e barro não é tão pesada e penosa, como os cuidados de espírito, que tendes.

Temos nós a vantagem de sofrer só no corpo.

Depois de vossa partida tem havido boa união entre os Padres, o Sr. de la Ravardière e nós outros: vivemos todos tranqüilos e quase com a mesma vontade, e por isso damos louvores ao dito Sr., pois se os Padres se têm esforçado em respeitá-lo e honrá-lo, êle tem de sua parte correspondido com igual atenção. E vemos assim quanto um pequeno grupo bem dirigido pode fazer.

Todos têm se comportado dêsse modo, desde os grandes até os pequenos, não se furtando ao trabalho necessário, e nem a continuar o serviço principiado. Tão bons desejos são dignos de futuras recompensas, e eu assim o creio, e comigo muitos.

Assim passamos o tempo e tão ràpidamente, que quando chega o fim do mês julgamos ainda estar no princípio.

Os que desejam ir para o Amazonas não o julgam tão rápido pelo muito que desejam partir. Estamos em véspera de libertá-los, e eu de prender-me, e julgar-me-ei feliz de dar conta da comissão, de que me incumbiram êstes senhores. Podem pelo menos ficar certos de que empregarei para isso todos os meus cuidados, fadigas, vida, e tudo quanto puder. De Deus espero auxílio e inspiração acêrca do que devo fazer.

Crêem muitos, apesar de eu asseverar o contrário, que não voltareis mais.

Vossos Reverendos Padres têm para com Deus, nós, e as suas consciências o dever de deixar-vos regressar; e vós tendes o mesmo dever para com os pobres índios, a quem já principiastes a dar tão grande tesouro, e para com tôda a nossa gente, que muito vos estima, cumprindo assim as promessas, que me fizestes de obedecer aos vossos Superiores.

Tudo isto me faz crer que só a morte nos privará de regressardes bem disposto e preparado para destruir todo o poder de Jurupari, que por certo não terá fôrças para resistir à tão bela Hierarquia da Igreja, qual seja um bom esquadrão de nossos Padres e uma administração de belas leis.

Estimo que se realize êste meu pressentimento, pois tudo aqui está preparado para receber tais benefícios.

Disse uma palavra ao Sr. de Rasilly, relativa à precipitação do seu embarque para socorrer-nos, e disse-lhe que mais valia demorar mais alguns meses, se preciso fôsse, do que deixar de fazer o que julgasse útil em auxílio desta Colônia.

Estou certo de que o Sr. Cavaleiro vos escreverá mais longamente a êste respeito; e crede que êle tem feito tanto quanto nós outros fazemos quando e necessá-

rio trabalhar a braços; para melhor dizer, se todos tivessem como êle trabalhado, mais adiantado estaria o nosso Forte.

Tivemos e ainda temos alguns enfermos, porém de moléstias passageiras.

Se eu não soubesse que de tudo que por aqui passa vos informam, eu vos contaria o que tem ocorrido desde a vossa partida.

Desta vez sòmente escrevo ao Reverendo Padre Arcângelo, a vós, e ao Sr. de Rasilly.

Recomendo-me às vossas boas orações. Eu guardarei inviolàvelmente o nome e a honra de ser de

Meu Padre
humilíssimo servo
Luís de Pézieux.

Maranhão, no Forte de São Luís, 2 de julho de 1613.

★

Este livro foi composto e impresso
nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,
à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo,
para a
LIVRARIA MARTINS EDITORA,
em março de 1945.

★

OS CADUVEO

VIAJANTE e etnógrafo, nasceu Guido Boggiani em Omegna, no ano de 1861 e faleceu em 1902, em território sul-americano, assassinado por um índio Chamacoco. Deixou vários livros e estudos, sendo a sua obra principal *Os Caduveo*, publicada em 1895, na Itália.

Esta edição brasileira de *Os Caduveo* foi cuidadosamente traduzida por Amadeu Amaral Júnior. A revisão da tradução, dado o seu caráter científico, foi feita pelo conhecido etnógrafo dr. Herbert Baldus. Para esta edição integral, com tôdas as gravuras da edição original, Baldus escreveu um estudo sôbre os Caduveo que servirá de base para os que quiserem aprofundar seus estudos sôbre o assunto.

O explorador e viajante italiano visitou os Caduveo no seu centro principal, em Nalique, onde permaneceu por dois meses e meio com os índios, dormindo nas suas cabanas, comendo com êles, e tomando parte nos seus divertimentos, nos seus jogos e nas suas festas.

O etnógrafo narra a vida de todo dia dos índios, fazendo-nos conhecer de preferência a estrutura e a disposição interna das suas casas, as plantações, os produtos da sua indústria e a técnica de fabrico; descreve o modo de se vestir e de adornar dos indígenas, os ornatos pessoais, os desenhos com que pintavam o corpo, os jogos, as danças, etc. Não descuida porém de quanto observa: organização social, relações entre patrões e escravos, cerimonial, idéias animísticas, processos mágicos para cura das doenças, etc. Herbert Baldus frisa que a forma de diário, dada ao livro pelo autor, conserva pormenores psicológicos cuja importância é estimada, principalmente, pelos estudiosos hodiernos. Excelentes são — salienta Baldus — as descrições da tecelagem, do fabrico do urucu, dos diversos jogos e das danças. Os trechos musicais representam preciosidades, sobretudo se considerarmos a escassez do material desta espécie recolhido entre os índios do Brasil. As ilustrações magistrais — do próprio autor aliás — contribuem para tornar *Os Caduveo* um dos documentos mais grandiosos que existem sôbre a arte ornamental dos povos naturais dêste continente.

A maneira simples com que Boggiani escreve torna a sua obra de leitura agradável e instrutiva para o leigo e de interêsse documental excepcional para o sociólogo e o etnógrafo.

LIVRARIA MARTINS
EDITÔRA

SÃO PAULO

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Cr$

I — João Maurício Rugendas — VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL — Tradução de *Sérgio Milliet* — 3.ª edição ilustrada com 110 gravuras fora de texto .... esgotado

II — Auguste de Saint-Hilaire — VIAGEM À PROVÍNCIA DE SÃO PAULO e RESUMO DAS VIAGENS AO BRASIL — Tradução de *Rubens Borba de Morais* — 2.ª edição 40,00

III — Daniel P. Kidder — REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIA NO BRASIL — Tradução de *Moacir N. Vasconcelos* — Edição ilustrada esgotado

IV — Jean Baptiste Debret — VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL — Tradução de *Sérgio Milliet*, 2 tomos ilustrados com 159 gravuras fora de texto .... esgotado

V — Thomas Davatz — MEMÓRIAS DE UM COLONO NO BRASIL — Tradução e notas de *Sérgio Buarque de Holanda* — Edição ilustrada 30,00

VI — Charles Ribeyrolles — BRASIL PITORESCO — Tradução de *Gastão Penalva* — 2 volumes ilustrados com 90 gravuras em fotolito 70,00

VII — Jean de Léry — VIAGEM À TERRA DO BRASIL — Tradução de *Sérgio Milliet* — Edição ilustrada 35,00

VIII — Carl Seidler — DEZ ANOS NO BRASIL — Tradução e notas do *General Bertoldo Klinger* e *General Francisco de Paula Cidade* — Edição ilustrada .... esgotado

IX — Joan Nieuhof — MEMORÁVEL VIAGEM MARÍTIMA E TERRESTRE AO BRASIL — Tradução de *Moacir N. Vasconcelos*, introdução, notas e confronto com a edição holandesa de *José Honório Rodrigues*. — Edição ilustrada 50,00

X — John Luccock — NOTAS SÔBRE O RIO-DE-JANEIRO E PARTES MERIDIONAIS DO BRASIL — Tradução de *Milton da Silva Rodrigues* — Edição ilustrada .... esgotado

XI — Padre Antônio Sepp S. J. — VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS e TRABALHOS APOSTÓLICOS — Introdução e notas de *Wolfang Hoffmann Harnisch*. — Edição ilustrada .... esgotado

XII — Daniel P. Kidder — REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIA NO BRASIL (Províncias do Norte) — Tradução de *Moacir N. Vasconcelos* — Edição ilustrada 35,00

XIII — Carl von Koseritz — IMAGENS DO BRASIL — Tradução e notas de *Afonso Arinos de Melo Franco* — Edição ilustrada 45,00

XIV — Guido Boggiani — OS CADUVEO — Com um estudo do *Dr. G. A. Colini* — Tradução de *Amadeu Amaral Júnior* — Revisão, introdução e notas por *Herbert Baldus* — Edição ilustrada com 111 gravuras 60,00

XV — Claude d'Abbeville — HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO — Tradução de *Sérgio Milliet* — Introdução e notas de *Rodolfo Garcia*. — Edição ilustrada 50,00

Próximos volumes:

Hermann Burmeister — VIAGEM ÀS PROVÍNCIAS DE MINAS E RIO DE JANEIRO — Tradução e notas de *Augusto Meyer*.

Príncipe Adalberto da Prússia — DIÁRIO DE MINHA VIAGEM AO BRASIL — Tradução e notas de *Sérgio Buarque de Holanda*.

Gabriel Soares de Sousa — NOTÍCIA DO BRASIL — Prefácio, comentários e notas pelo *Professor Pirajá da Silva*.

Thomas Ewbank — A VIDA NO BRASIL DO SEGUNDO IMPÉRIO.

Johan Jacob von Tschudi — VIAGENS AO BRASIL — 4 vols.

Sousa Gayoso — COMPÊNDIO HISTÓRICO-POLÍTICO DOS PRINCÍPIOS DA LAVOURA NO MARANHÃO — Prefácio e notas de *Sérgio Buarque de Holanda*.

Wilhelm Ludwig von Eschwege — PLUTO BRASILIENSIS — Tradução de *L. Waagen* e *Arduíno Bolívar*.

S. A. Sisson — GALERIA DOS BRASILEIROS ILUSTRES (Os Contemporâneos).

LIVRARIA MARTINS EDITÔRA
RUA 15 DE NOVEMBRO 135 — SÃO PAULO